José Amadeu Coelho Dias



HEBREUS E FILISTEUS NA TERRA DE CANAÃ

-Nos pródromos da questão palestiniana-

VOLUME I

PORTO/ FLUP, 1993.

JOSÉ AMADEU COELHO DIAS

A

HEBREUS E FILISTEUS NA TERRA DE CANAÃ

- Nos pródromos da questão palestiniana -

VOLUME I

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Letras
BIBLIOTECA
N.º 44608 (I)
Data 23 / 02 / 19 96

Dissertação de Doutoramento em -
HISTÓRIA DA ANTIGUIDADE ORIENTAL -
apresentada à Faculdade de Letras da
Universidade do Porto.

PORTO
1993

FUNDO GERAL
FLUP - BIBLIOTECA
916835

043D
D 532h
v. 1

A gravura da capa reproduz a pintura "Carry on" do artista palestiniano de Jerusalém, SLIMAN MANSUR, divulgada pela Salah Eddin Office.

TEXTO DE MOTIVAÇÃO

Quando procedíamos à realização deste trabalho, chegou-nos ao conhecimento o pequeno poema de Goette - WANDRER - em que o extraordinário poeta tenta desvendar o mistério do passado através dos fustres restos materiais que a memória arqueológica conserva. Porque isso, afinal, foi o que tentamos fazer em relação á cultura dos Filisteus, aqui fica, como consolação, um extracto do dito poema (GOETHE, Johan Wolfgang - *Werke in zwei Baenden, II: Gedichte* , Guetersloh, Bertelmann Club, 1982, 19-24.

Wandrer

Spuren ordnender Menschenhand
Zwischen dem Gestraeuch!
Diese Steine hast du nicht gefuegt,
Reichhinstreuende Natur!

Frau

Weiter hinauf!

Wandrer

Von dem Moos gedeckt ein Architrav!
Ich erkenne dich, bildender Geist!
Hast dein Siegel in den Stein gepraegt.

Frau

Weiter, Fremdling!

Wandrer

Eine Inschrift, ueber die ich trete!
Nicht zu lesen!
Weggewandelt seid ihr,
Tiefgegrabene Worte,
Die ihr eures Meisters Andacht
Tausend Enkeln zeigen solltet.

SUMÁRIO

Apresentação....2
Abreviaturas e Siglas....7
Lista dos Livros Bíblicos....11
Transcrição do alfabeto hebraico....14
Bibliografia....15

TESE

I - Da terra de Canaã à Palestina....43
II - Geografia da Terra de Canaã/Palestina....74
III - Problemática bíblica da instalação dos Hebreus em Canaã....95
IV - Os Hebreus em Canaã à luz da Arqueologia....128
V - A nova cultura material do F I em Canaã....152
VI - Etnogénese de Israel e seus problemas....174
VII - As invasões dos "Povos do Mar" no Egipto....212
VIII - Os Filisteus nos textos literários....257
IX - Haverá uma "cultura material dos Filisteus" em Canaã?....303
X - Teriam os Filisteus introduzido em Canaã novas tecnologias do ferro e da construção nâutica?....345
XI - Será possível falar de Religião e de Cultura dos Filisteus?....368
Conclusões....409
Índice de Mapas e Gravuras....429
Índice Geral....433

APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi realizado com o objectivo de ser apresentado como tese de doutoramento para a Faculdade de Letras da Universidade do Porto no âmbito da Secção de História (HISTÓRIA DA ANTIGUIDADE ORIENTAL e, concretamente, das Civilizações Preclássicas). Como tal, não pretendeu ser um estudo de arqueologia mas antes uma dissertação de história cultural, onde a interdisciplinaridade foi regra e esteve a todo o momento presente, compulsando, no mínimo, dados de história, de arqueologia, de geografia, de religião e da Bíblia.

Geograficamente, abrange o Médio Oriente Próximo, com particular incidência na Terra de Canaã, a que, de modo geral, se chama Palestina, mas que, de facto, engloba os antigos reinos de Israel e Judá. Nesse quadrante geográfico, procura-se estudar o afrontamento de Hebreus e Filisteus, dois povos de etnias e origens diferentes que, por volta do começo do século XII AC, ali se vieram instalar e combater, sendo, por isso, em certo modo, uns intrusos com culturas diferenciadas. As suas lutas, de alguma maneira, pelo menos ao nível da nomenclatura, estão nos pródromos da "questão palestiniana" que, sobretudo ainda hoje, dolorosamente perpassa por aquela terra.

Do ponto de vista cronológico, a atenção foi dirigida para o arco diacrónico, que vai do séc. XII ao X AC, isto é, o período de entrada e instalação definitiva desses povos. Pela sua situação geográfica, a terra de Canaã formava, então, uma espécie de corredor de povos entre a Mesopotâmia Superior e o Egipto, - o corredor cananeu ou corredor siro-palestinense - sofrendo, necessariamente, as consequências de tal situação, exposta às infiltrações de nómadas que vinham do deserto

arábico, aos ataques marítimos de povos mais ou menos "piratas" e às campanhas dos grandes exércitos dos impérios dominantes. De facto, na ânsia de dilatarem as suas fronteiras, esses impérios ou se dirigiam para norte, como faziam os egípcios, ou desciam para sul, como tentaram os hititas e outros reinos da Mesopotâmia, tal como sucedeu com os assírios, babilonenses e persas. No meio dessas convulsas paragens, sempre a Terra de Canaã ou Palestina oscilou, ora para um ora para outro lado, sofrendo invasões e procurando subsistir. Foi, portanto, lugar de grandes afrontamentos civilizacionais, um verdadeiro cadinho de culturas. Daí derivará a civilização hebraica ou judaica, de raça semita, que tem, na BÍBLIA, o seu monumento maior, a qual se há-de tornar código normativo de religiões como o Judaismo e o Cristianismo, história sagrada dos judeus e força espiritual da civilização ocidental de matriz cristã. Isso coloca-nos, de imediato, o problema candente na cultura israelítica moderna, principalmente entre biblistas e arqueólogos, e a que não podemos esquivar-nos: Qual a origem ou etnogénese dos hebreus e, portanto, do povo antigo de Israel? Mas daí nos vem, por acréscimo, a memória dum povo de raça indo-europeia, de cultura até agora acusada quase de "bárbara" em relação ao judaismo, para o qual constituiu um autêntico sindroma de ódio e lutas. Este trabalho visa, precisamente, o estudo desse período crucial que, no Mediterrâneo oriental, ficou marcado pelas invasões dos "Povos do Mar", acusados de terem provocado o colapso da civilização do Bronze Tardio (Recente ou Final), destruindo Micenas e suas áreas de influência, o Império Hitita, zonas e cidades marítimas de Canaã, como Ugarit, e tentando ocupar o Egipto no tempo de Ramses III.

Como é que as fontes escritas da época vêm os acontecimentos, que relato disso nos deixou a Bíblia, o que é que isso implicou, que é que a arqueologia nos mostra, eis a meada de problemas, que

procurámos enfrentar e nos coloca nos primórdios da célebre "questão palestiniana", dando a este trabalho uma nota de acrescida e palpitante actualidade.

O problema não é novo nem somos o primeiro a abordá-lo. Para o fazer, e por interesse da nossa Faculdade manifestado por alguns dos Professores mais antigos da Secção de História, tivemos de abandonar um projecto inicial, mais próximo no tempo e mais dentro dos nossos interesses imediatos. Decidímo-nos, porém, com o desejo de servir os interesses da Faculdade, que acreditou na valia da nossa relativa preparação anterior, conscientes das limitações que o tempo físico e fisiológico nos impunha. Ainda assim, depois dos estudos, que tínhamos feito em Jerusalém no longínquo ano escolar de 1960/61, lá nos dispusemos, por leituras e viagens de estudo, a lançarmo-nos à tarefa, que iniciámos em 1988.

Fizemos várias digressões de estudo, sobretudo a Israel, onde nos deslocámos tres vezes e onde tivemos de nos sujeitar às precárias condições, que a situação política do país nos permitia, para visitar e analisar "in loco" as diversas estações arqueológicas, que interessavam ao nosso assunto. Ainda chegámos a ter entre mãos a caixinha da máscara de gaz naquele temeroso mês de Novembro de 1990, quando, a todo o momento, se receava a "guerra do Golfo". Depois, foi o Egipto que visitámos na sua longa extensão, desde Abu Simbel, a Assuão, a Karnak-Luxor e Vale dos Reis, onde está o Templo funerário de Ramses III, Medinet-Habu, tão relevante para as questões dos "Povos do Mar", e ao Cairo.

Desde então, gastámos também semanas nas biblioteca da École Biblique et Archéologique Française de Jerusalém, aproveitando o contacto sempre útil e necessário de vários mestres, do Instituto Bíblico Franciscano, onde, quando jóvem estudante de arqueologia bíblica, nos

alojáramos, em 1960, da Universidade Hebraica de Jerusalém, do Pontifício Instituto Biblico, Roma, onde iniciáramos os nossos estudos de orientalística, da Universidade La Sapienza de Roma, Pontifício Ateneu de Santo Anselmo, Roma, do Instituto Católico de Paris, da Universidade Católica de Lisboa, da Biblioteca do Seminário Maior do Porto e da Biblioteca do Mosteiro de Singeverga. De igual modo, fomos também pesquisar em vários museus de Israel, no museu do Cairo, no Egipto, no museu do Louvre, em Paris, e no British Museum de Londres.

Percorrendo a bibliografia deste trabalho, facilmente se constatará a dificuldade que tivemos para a encontrar e como nos foi custoso e moroso comprar alguns instrumentos de trabalho mais prementes e necessários, vindos todos eles do estrangeiro. Nas Universidades Portuguesas, os estudos das Civilizações Preclássicas (Orientalística) estão ainda a ganhar corpo, com particular realce para a Universidade Nova de Lisboa e para a Universidade Clássica de Lisboa, onde, agora, ensinam bons mestres, que temos a honra de contar como amigos e antigos companheiros de estudo em Roma e Jerusalém.

Infelizmente, não pudemos contar com mecenas económicos a quem tenhamos de agradecer ajudas de custo. Tudo fizemos com o salário do nosso "pondus diei et aestus" e dentro das obrigações da Ordem Beneditina a que temos a honra de pertencer. Mas, nem por isso, deixaremos de manifestar a nossa sincera gratidão à Faculdade de Letras da Universidade do Porto que, através dos seus orgãos directivos, quis apostar na pobreza da nossa pessoa, nos concdeu tempos de "licença" e, por meio de alguns Professores, nos estimulou e acarinhou nesta empresa árdua e, por vezes, desalentadora. Agradecemos, sobretudo, ao Professor Doutor Cândido Dias dos Santos, o qual, no meio dos trabalhos da Reitoria, encontrou tempo para nos

atender com desvelo e nos dirigir nesta tarefa algo afastada do seu directo horizonte científico.

Sabíamos, à partida, que o trabalho era difícil, vasto e discutível, mas, no campo do estudo, assumímos, com todas as veras da nossa alma sempre ávida de saber, quer o lema corajoso do rei Macbeth do drama Shakspeareano "Morramos de arnês vestidos !", quer a advertência do sábio bíblico: כִּי-אַתָּה הַדַּעַת מָאַסְתָּ וְאֶמְאָסְךָ מִכַּהֵן לִי , que S. Jerónimo traduz: *Quia tu scientiam repulisti, repellam te ne sacerdotio fungaris mihi* " e nós vertemos: "Porque tu rejeitaste a ciência, também eu te rejeitarei do meu sacerdócio! (Os.4,6). Foi, na verdade, como um segundo e verdadeiro sacerdócio, que nós assumimos o honor-onus desta tarefa intelectual pela qual, superiormente, se atesta o "valor divino do humano", a mais valia da cultura, procurando, deste modo, dar um pequeno contributo para o arranque do estudo das Civilizações Preclássicas na nossa Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

PORTO, Faculdade de Letras - Dezembro de 1993.

José Amadeu Coelho Dias

ABREVIATURAS e SIGLAS

AASOR= "The Annual of the American School of Oriental Research", New Haven.

AC= Antes de Cristo.

AEHL= NEGEV, Avraham- *The Archaeological Encyclopedia of the Holy Land* , 3ª ed., Nova Iorque, Prentice Hall Press, 1990.

AJ= JOSEFO, Flávio - *Antiquitates Judaicae.*

AnBib= "Analecta Biblica", Roma.

ANEP= PRITCHARD, James B.- The *Ancient Near in Pictures relating to the Old Testament* , Princeton, Princeton University Press, 1954.

ANET= PRITCHARD, James B. - *Ancient Near Eastern Texts relatigng to the Old Testament,* 3ª ed., Princeton,1969.

AOAT= "Alter Orient und Altes Testament", Kevelaer.

AT= Antigo Testamento.

ATIQOT= "Atiqot. Journal of the Israel Department of Antiquities", Jerusalém.

B A= "The Biblical Archaeologist", Cambridge, Mass.

BAR="Biblical Archaeology Review", Washington.

BASOR= "Bulletin of the American Schools of Oriental Research", New Haven.

BCE= Before Christ Era= Antes de Cristo.

Bib= "Biblica", Revista do Pontifício Instituto Bíblico, Roma.

BeO= "Bibbia e Oriente", Génova/Milão.

BJ= JOSEFO, Flávio - *De Bello Judaico* .

BM= Bronze Médio.

BT= Bronze Tardio

BTS= "Bible et Terre Sainte", Paris.

BZAW= "Beihefte zur Zeitschrift fuer die Alttestamentliche Wissenschaft", Berlim.

CAH= "Cambridge Ancient History", Cambridge.

Cap= Capítulos

Cfr= Conferir.

Col= Colecção.

DB= "Dictionnaire de la Bible", Paris.

DBS= "Dictionnaire de la Bible. Supplément", Paris.

DEB= "Dictionnaire Encyclopédique de la Bible", Turnhout.

Dtr= Deuteronomista.

E= Elohista.

EA= El Amarna, Cartas de. Ed. William L.Moran, Paris.

EAEHL= "Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land", Ed. AVI-YONAH, M.; STERN, Ephraim, 4 vols., Jerusalém, Massada Press,1976-1978.

EB= Elenchus Bibliographicus Biblicus , Roma- Pontifício Instituto Bíblico.

Ed= Edição, Editor(es).

ETR= Études Théologiques et Religieuses,

F. I= Ferro I.

F. II= Ferro II.

FRLANT= Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und neuen Testament.

H= Hebreu (Texto).

HD= História Deuteronomística.

H A I= DE VAUX, Roland - Histoire Ancienne d´Israel , 2 vols., Paris.

HUCA= Hebrew Union College Annual , Jerusalém.

ID= Idem.

IEJ="Israel Exploration Journal", Jerusalém.

IJ= VÁRIOS - *Israel e Judá. Textos do*

JAOS= "Journal of the American Oriental Society", New Haven.

JANES= "Journal of the Ancient Near Eastern Society", Nova Iorque.

JCS= "Journal of Cuneiform Studies", New Haven.

JEA= "Journal of Egyptian Archaeology", Londres

JNES= "Journal of Near Eastern Studies", Chicago.

KAI= DONNER, H.; ROELLIG, W. - *Kanaaneische und Aramaeische Inschriften* , Wiesbaden, 1962

KBo= "Keilschrifttexte aus Boghazkoi", Leipzig.

KUB= "Keilschrifturkunden aus Boghazkoi", Berlim.

KTU= DIETRICH, M.; LORETZ,O.; Sanmartin, J. -*Die Keilschriftischen Texte aus Ugarit* , Neukirchen,1970.

LA= "Liber Annuus", Institutum Biblicum Franciscanum, Jerusalém.

LXX = Setenta. Tradução grega da Bíblia.

MB= "Le Monde de la Bible", Paris.

NT= Novo Testamento.

OA= "Oriens Antiquus", Roma.

P= Priesterkodex , isto é, Fonte Sacerdotal da Bíblia.

PEQ= "Palestine Exploration Quartely", Londres.

PG= MIGNE, J. - *Patrologia Greca* .

PL= MIGNE, J. - *Patrologia Latina* .

PRU= *Le Palais royal d´Ugarit, 2-6* , Mission de Ras Shamra VI, VII, IX, XI, Paris, 1957-1970.

QEDEM= "Qedem. Monographs of the Institute of Archaeology". The Hebrew University of Jerusalem.

RB= "Revue Biblique", École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem.

RiBi= "Rivista Biblica Italiana", Brescia.

RS= Ras Schamra/ Ugarit.

SE= Sagrada Escritura (Bíblia).

TH= Texto Hebraico.

TM= Texto Massorético.

Trad= Tradução.

Ug= "Ugaritica", 7 vols., Paris.

Ver= Versículo

VT= "Vetus Testamentum", Leiden.

Vol= Volume.

Vulg= Vulgata (Tradução latina da).

ZAW= "Zeitschrift fuer die Alttestamentliche Wissenschaft", Berlim.

ZDPV= "Zeitschrift des deutschen Palaestina-Verein", Estugarda.

LISTA DOS LIVROS BÍBLICOS

Abd= Profeta ABDIAS.

Act. Ap= Actos dos Apóstolos.

Ag= Profeta AGEU.

Am= Profeta AMÓS.

Apoc= APOCALIPSE deS.João.

Bar= Profeta BARUC.

Cant= Cântico dos Cânticos.

Col= Epístola de S.Paulo aos COLOSSENSES.

I Cor= Primeira Epístola de S.Paulo aos CORÍNTIOS,

II Cor= Segunda Epístola de S.Paulo aos CORÍNTIOS.

I Crón= Primeiro livro das CRÓNICAS.

Dan= Profeta DANIEL.

Dt= Livro do DEUTERONÓMIO

Ecl = ECLESIASTES (Qohelet).

Eclo= ECLESIÁSTICO (Ben Sirah)

Ef= Epístola de S.Paulo aos EFÉSIOS.

Esd= Livro de ESDRAS.

Est= Livro de ESTER.

Êx= Livro do ÊXODO.

Ez= Profeta EZEQUIEL.

Fil= Epístola de S.Paulo a FILÉMON.

Filip= Epístola de S.Paulo aos FILIPENSES.

Gal= Epístola de S.Paulo aos GÁLATAS.

Gén= Livro do GÉNESE,

Hab= Profeta HABACUC.

Heb= Epístola aos HEBREUS.

Is= Profeta ISAIAS.

Jdt= Livro de JUDITE.

Jer= Profeta JEREMIAS.

Jl= Profeta JOEL.

Jo= Evangelho de S.JOÃO.

I Jo= Primeira Epístola de S.JOÃO.

II Jo= Segunda Epístola de S.JOÃO.

III Jo= Terceira Epístola de S.JOÃO.

Job= Livro de JOB.

Jon= Livro de Jonas.

Jud= Epístola de S.JUDAS.

Jz= Livro dos JUIZES.

Lam= LAMENTAÇÕES do profeta Jeremias.

Lc= Evangelho de S.LUCAS.

Lev= Livro do LEVÍTICO.

I Mac= Primeiro livro dos MACABEUS.

II Mac= Segundo Livrio dos MACABEUS.

Mal= Profeta MALAQUIAS.

Mc= Evangelho de S.MARCOS.

Miq= Profeta MIQUEIAS.

Mt= Evangelho de S.MATEUS.

Na= Profeta NAÚM.

Ne= Livro de NEEMIAS,

Núm= Livro dos NÚMEROS.

Os= Profeta OSEIAS.

I Ped= Primeira Epístola de S.PEDRO.

II Ped= Segunda Epístola de S.PEDRO.

Prov= Livro dos PROVÉRBIOS.

Rom= Epístola de S.Paulo aos ROMANOS.

I Re= Primeiro livro dos REIS.

II Re= Segundo livro dos REIS.

Rut= Livro de RUTE.

Sab= Livro da SABEDORIA.

I Sam= Primeiro livro de SAMUEL.

II Sam= Segundo livro de SAMUEL.

Sl= Livro dos SALMOS.

Sof= Profeta SOFONIAS.

I Tes= Primeira Epístola de S.Paulo aos TESSALONICENSES.

II Tes= Segunda Epístola de S.Paulo aos TESSALONICENSES.

Tgo= Epístola de São Tiago.

I Tim= Primeira Epístoçla de S.Paulo a TIMÓTEO.

II Tim= Segunda Epístola de S.Paulo a TIMÓTEO.

Tit= Epístola de S.Paulo a TITO.

Tob= Livro de TOBIAS.

Zac= Profeta ZACARIAS.

TRANSCRIÇÃO DO ALFABETO HEBRAICO

Consoantes

א			=	'
ב	בּ		=	B / V
ג	גּ		=	G
ד	דּ		=	D
ה			=	H
ו			=	W
ז			=	Z
ח			=	H / Kh
ט			=	T
י			=	Y
כ	כּ	ך	=	K
ל			=	L
מ	ם		=	M
נ	ן		=	N
ס			=	S
ע			=	`
פ	פּ	ף	=	F / P / F
		ץ	=	S / Ts
ק			=	Q
ר			=	R
שׁ			=	Sh
שׂ			=	S
ת	תּ		=	Th / T

Vogais

◌ַ	ă	◌ֹ	ō
◌ַ	a	◌ֹ	o
◌ֵ	ê	◌ֻ	û
◌ֵ	ē	◌ֻ	u
◌ֶ	e		
◌ִ	î	◌ֵ	e
◌ִ	i	◌ֲ	ă
◌ִֹ	ô	◌ֱ	ĕ
		◌ֳ	ŏ

N. B. - Na tradução e transcrição dos nomes próprios hebraicos preferimos ater-nos à sua literalidade, dada a ausência de critérios comumente aceites para a versão em português. Todavia, procurámos assegurar a correcta pronúncia e, por isso, sobretudo quanto á letra G, introduzimos um U intermédio, como em Meguido.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIA HEBRAICA (Ed. KITTEL, Rudolf; KAHLE, Paul) , 3ª Ed., corrigida por A. Alt, e O. Eissfeldt, Estugarda, Privilegierte Wuerttembergische Bibelanstalt,1951.

BIBLIA SACRA iuxta Vulgatam Clementinam , Roma/Tounai/Paris, Desclée,1956.

BIBLIA SAGRADA. Versão dos textos originais , 7ª Edição, Lisboa, Difusora Bíblica , 1976.

SEPTUAGINTA , id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes , (Ed. Rahlfs, Alfred), 9ª Ed., 2 Vols., Estugarda, Wuerttembergische Bibelanstalt, 1935.

Archaeology, "Encyclopeadia Judaica", Jerusalém, Israel Pocket Library, 1974 (artigos sobre vários lugares arqueológicos de Israel).

"Bible et Terre Sainte" , Paris, N°s: 63; 71, 79; 123; 124;132; 167; 175.

Biblical Archaeology Today , International Congress on Biblical Archaeology (Jerusalém, 1984), Jerusalém, Israel Exploration Society, 1985.

Dictionnaire Encyclopédique de la Bible , Brepols, Brepols/Abbaye de Maredsous, 1987.

Dossier BETH-SHAN , "Le Monde de la Bible", 66, 1990.

El Mundo Micénico. Cinco siglos de la Primera Civilización Europea 1600-1100AC . Catálogo da Exposição, Museo Arqueológico Nacional, Madrid, 1992.

La Toponymie Antique. Actes du Colloque de Strasbourg, 12-14 Juin 1975 , Estrasburgo, Université des Sciences humaines de Srasbourg, s/d.

L´Archéologie et la Bible , "Le Monde de la Bible", N° 75, 1992.

"Le Monde de la Bible" , Paris, N° 41, 1985.

MEDINET-HABU , 8 Vols., Chicago, The Oriental Institute/ University of Chicago, 1930-1970.

Os Fenícios no território português , "Estudos Orientais", Vol. IV, Lisboa, Universidade Nova/ Instituto Oriental, 1993.

The Archaeological Encyclopedia of the Holy Land , (Ed. AVI-YONAH, M.; NEGEV, Avrham), 3ª Ed., Nova Iorque, Jerusalém, Prentice Hall Press, 1990.

The interpreter´s Dictionary of the Bible , Nova Iorque, 1962.

ABEL, F.- M. - *Géographie de la Palestine: T.I - Géographie physique et historique* , Paris, Gabalda, 1933; *T. II- Géographie politique . Les villas* , "Ibidem", 1938.

AHARONI, Yohanan. - *The Land of the Bible. A historical Geography* , Revised an enlarged Edition, Philadelphia, The Westminster Press,1979.

AHARONI, Y. - *The Archaeology of the Land of Israel,* Philadelphia, TheWestminster Press,1982.

AHARONI, Y. ; AVI-Yohnah, Michael - *The Mcmillan Bible Atlas* , Nova Iorque, Mcmillan Publishing House, 1977.

AHARONY, Y. - *Nothing Early and Nothing Late-Re-Writing Israel´s Conquest of Canaan. Some Methodological Observation* , "PEQ", 109, 1977, 87-93.

AHITUV, Shmuel - *Canaanite Toponyms in Ancient Egyptian Documents* , Jerusalém, The Magnes Press, 1984.

AHLSTROEM, Goesta W. - *Who were the Israelites?* , Winona Lake, Eisenbraus, 1986.

AKURGAJ, Ehren - *Das Dunkle Zeitalter Kleinasiens* , "Grichenland...", 67-78.

ALBRIGHT, W.F. - *Yaweh and the Gods of Canaan* , Nova Iorque, Doubleday, 1969.

ALBRIGHT, W.F. - *Archaeology and the Religion of Israel* , 2ª Ed., Baltimore, John Hopkins Press, 1946.

ALBRIGHT, W.F. - *Syria, The Philistines and Phoenicia* , "CAH", II, 2, 1975, 507-536.

ALBRIGHT , W. F - *L´Archéologie de la Palestine* , Paris, Cerf,1955 (Trad. da edição inglesa, Nova Iorque, 1932; Ed. Penguins Books, Londres,1960.

ALBRIGHT, W, F. - *De la Edad de piedra al Cristianismo . El marco histórico y cultural de la Biblia* , Santander, 1959 (Trad. do inglês).

ALSINA, José - *Los grandes períodos de la cultura griega,* Madrid, Espasa Calpe,1988.

ALT, Albrecht - *Die Landnahme der Israeliten in Palaestina,* "Kleine Schriften, I, Munique, Beck, 1953, 89-125.. e trad. inglesa: *The Settlement of the Israelites in Palestine* , ALT, A. - *Essays on Old Testament History and Religion* , Nova Iorque, 1968, 173-221.

ALVAR, Jaime - *Los Pueblos del Mar y otros movimientos de pueblos a fines del II Milénio* , "Historia del Mundo Antiguo. Oriente, 7", Madrid, Ediciones Akal,1989.

ANATI, Emmanuel - *Palestine before the Hebrews. A history from*

the Earliest Arrival of man to the Conquest of Canaan , Londres, Jonathan Cape, 1963.

ANDERSON, G.W. (Ed.) -*Tradition & Interpretation* , Oxford Clarendon Press, 1979.

ARAÚJO, Luís Manuel de - *De Charuhen a Kadech : relações entre o Egipto do Império Novo e a Ásia* , "Cadmo", 1, Lisboa,1992, 119-143.

ARAÚJO , Luís Manuel de - *Egipto. As Pirâmides do Império Antigo* , Lisboa, Edições Colibri, 1992.

ARNAUD, Daniel - *Le Proche-Orient Ancient de l´invention de l´écriture à l´hellenisation* , Paris, Bordas, 1970.

ARTZY, Michal -*On Boats and Sea Peoples* , "BASOR", 266, 1987, 75-84.

ASIMOV, Isaac - *La tierra de Canaán* , 5° ed. , Madrid, Alianza Editorial,1988.

ASSAM, Maria Helena - *Arte egípcia* , Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian,1991.

AURENCHE, Olivier - *Dictionnaire illustré multilingue de l´Architecture du Proche Orient Ancien* , Leão, Maison de l´ Orient, 1977, (Institut Français d´ Archéologie, du Proche Orient Ancient).

AUZOU, Georges - *La force de l`Esprit. Étude du livre des Juges* , Paris, Ed. de l´Orante, 1966.

AVDIEV , V.I. - *História Económica e Social del Antiguo Oriente. II Vol. Reinos y Estados del II y I milénios* , Madrid, Akal,1986.

AVDIEV, V.I. - *História económica y social del antiguo Oriente. I El Egipto faraónico* , Madrid, AKAL-Universitária,1986.

BAINES, John; MÁLEK, Jaromír - *Egipto. Deuses , Templos e Faraós* , Lisboa, Círculo dos Leitores, 1991.

BARNETT, R.D. - *The Sea Peoples* , "The Cambridge Ancient History" (CAH), 3ª ed., Vol.II, 2, Cambridge, The University Cambridge Press, 1975, 359 s.

BARTHÉLEMY, D.; GOODING, D.W.; LUST, J.; TOV, E. - *The Story of David and Goliath. Textual and Literary Criticism. Papers of a Joint Research Venture* , Friburgo/Goettingen, Ed. Universitaires/Vandenhoeck & Ruprecht,1986 (OrbisCatholicus et Orientalis, 73).

BARTON, John - *Reading the Old Testament. Method in Biblical Study* , Londres, Darton Longman & Todd, 1984.

BAURAIN, Claude - *Métier d`Historien, 2 : Passé légendaire. Archéologie et Réalité historique* , "Annales ESC", 44, 2, 1989, 463-477.

BECK, Bruce -*The role of the Philistines during the Biblical Period,* Southern Theological Seminary, 1980, (Dissertação referenciada por

outrem mas não lida).

BECKERAT, J. von - *Handbuch der aegyptischen Koenigsnamen* , Munique, Deutscher Kunstverlag, 1984.

BEN-TOR, Amnon - *Tel Hatsor: El gran monticulo magico de la Alta Galilea* ,"Revista de Arqueologia", Madrid, XIV,148, 1993, 22-33.

BEN-TOR, Amvon (Ed.) - *The Archaeology of Ancient Israel* , Yale University Press, New Haven / Londres, 1992 (Trd. do Hebraico). (O cap. sobre a "Idade do Ferro" é de Amihai Mazar), New Haven/ Londres, Yale University Press,1992.

BIERLING, Neal -*Giving Goliath his due: New archaeological Light on the Philistines* , Grand Rapids, Baker Book House,1992.

BITTEL, Kurt - *Die Archaeologische Situation in Kleinasien um 1200 V. C. und waehrend der nachfolgenden vier Jahrhunderte*, "Grichenland...", 25-65.

BOGAERT, P.- M. - *Relecture et déplacement de l´oracle contre les Philistins. Pour une datation de la rédaction longue (T.M.) du livre de Jérémie* , "Lavie de la Parole", Paris, Desclée, 1987.

BOLING, Robert G. - *Joshua* , Nova Iorque, Doubleday & Company, 1982 (The Anchor Bible).

BONFANTE, G. -*Who were the Philistines?* , "American Journal of Archaeology", 50,1946, 251-262.

BONNARD, P.E. - *Poterie palestinienne* , "DBS", VIII, 1967, 136-240.

BORBONE, Pier Giorgio - *Davide e Golia e la critica letteraria*, "RiBi", XXXVIII, 2, 1990, 235-240 (Crítica a Barthélemy...).

BORK, F. - *Philistaeische Namen und Vokabeln* , "Archiv fuer Orientforschungen", 13, 1940, 226-230.

BOSCHI, Bernardo Gianluigi- *Le origini d´Israele nella Bibbia fra Storia e Teologia. La questione del metodo e la sfida storiografica* , Bolonha, Ed. Dehoniane,1988.

BOTTÉRO, Jean - *Naissance de Dieu. La Bible et l´ historien* , Paris, Gallimard, 1986.

BOTTERWECK, Johannes; RINGGREN, Henri - *Diccionario Teologico del Antiguo Testamento* , T.I, Madrid, Ed. Cristiandad, 1973.

BRAUDEL, Fernand - *O Mediterrâneo* , Lisboa, Teorema, 1985.

BREASTED, James Henry - *Ancient Records of Egypt* , 5 Vols., 3ª ed., Chicago, The University of Chicago Press, 1927.

BROSHI, Magen; GOPHNA, Ram - *Middle Bronze Age II Palestine: Its Settlement and Population* , "BASOR", 261, 1986, 73-90.

BROWNLEE, W.H.; MENDENHALL, G.E.; OWEIS; Y. - *Philistine*

Manuscripts from Palestine , "Kadmos", 10, 1971, 102-104.

BRUCE, F.F. - *The Hittites and the Old Testament* , Londres, The Tyndale Press, 1947.

BRUEGGEMANN, Walter - *A Terra na Bíblia, dom, promessa e desafio* , São Paulo, Edições Paulinas,1986.

BRUG, John F. - *A Literary and Archaeological Study of the Philistines* , Oxford, BAR International Series 265,1985.

BUNIMOVITZ, Shlomo - *Problems in the "Ethnic" Identification of the Philistine Material Culture* , "Tel Aviv", 17, 1990, 210-222.

BUNNENS, G. - *I Filistei e le invasioni dei Popoli del Mare* , MUSTI D. (Ed.) - "Le origini dei greci", Bari, 1985, 227-256.

BURDAJEWICZ, Mariusz - *The Aegaean Sea Peoples and Religious Architecture in the Eastern Mediterranean at the Close of the Late Bronze Age* , Oxford, BAR, InternationalSeries, 558, 1990.

BURN, A.R. - *Minoans , Philistines and Greeks B.C. 1400 - 900* , Londres, Dawsons of Paul Mall, 1968.

CAMPBELL, E. - *In Search of the Philistines* , "BA", 26, 1963, 30-32.

CANG, J.-M. van - *Les origines d´Israel et de la foi monothéiste. Apports de l´archéologie et de la critique littéraire* , "Revue Théologique de Louvain", 22, 3, 1991, 305-326.

CARPICECI, Alberto Carlo - *Merveilleuse Égypte des Pharaons* , Florença, Casa Editrice Bonechi, 1990.

CARREIRA, José Nunes - *Estudos de cultura pré-clássica,* Lisboa, Editorial Presença1985.

CARREIRA, José Nunes - *Introdução à História e Cultura Pré-Clássica. Guia de Estudo* , Mem Martins, Publicações Europa-América, s/d (1992).

CARREIRA, José Nunes - *História antes de Heródoto* , Lisboa, Edições Cosmos, 1993.

CASKEY, J. L. - *Did Early Bronze Age End?* , CADGAN, G. (Ed.) - *The End of the Early Bronze Age in the Aegean* , Leiden, Cincinnati, Classical Studies, 1986, 9-30, (Nova Série III).

CASSON, Lionel - *Ships and Seamanship in the Ancient World* , Princeton, Princeton Yniversity Press, 1971.

CASSON, L. - *Travel in the Ancient World* , 2ª Ed. Londres, Georges Allen & Unurin, 1979.

CAZELLES, Henri - *Historiographies bibliques et prébiblique,* "RB", 98, 4, 1991, 481-512.

CAZELLES, Henri (Dir.) - *Introduction à la Bible. T.2 : Introduction critique à l´Ancien Testament* , Paris, Desclée, 1973.

CAZELLES, Henri - *Historia politica de Israel desde los origenes a Alejandro Magno* , Madrid, Ediciones Cristiandad, 1984 (Trad. do francês).

CERBELAUD SALAGNAC, Georges - *Les origines ethniques des européens* . Paris, Perin, 1992.

CHANEY, Marvin L. -*Ancient Palestinean Peasant Movements and the Formation of Premonarchic Israel* , FREEDMAN, D.. N. ; GRAF, D.E. - (Eds.) - *Palestine in transitions: The Emergence of Ancient Israel* , Sheffield, 1983, 72-83.

CHOURAQUI, André - *A vida quotidiana no tempo da Bíblia (Reis e Profetas)* , Lisboa, Edições " Livros do Brasil", s/d.

CIFOLA, Barbara - *Ramses III and the Sea Peoples : A Structural Analysis of the Medinet Habu Inscriptions* , "Orientalia" 57, Roma,1988, 257-306.

CIFOLA, B. - *The Terminology of Ramses III´s Historical Records with a Formal Analysis of the War Scenes* , "Orientalia", 60, 1, 1991, 9-57.

CIMMINO, Franco - *Vida Cotidiana de los Egipcios* , Madrid, EDAF, 1991 (Trad. do italiano).

CLEMENTS, R. E. (Ed) - *The World of Ancient Israel. Sociological, Anthropological and Political Perspectives* , 2ª Ed. Cambridge, Cambridge University Press,1991.

COOTE, Robert B.; WHITELAM, Keith W. - *The Emergence of Early Israel in Historical Perspective* , Sheffield, The Admond Press, 1985 (The Social World of Biblical Antiquity Series ,5).

CORTESE, Enzo - *La terra di Canaan nella storia sacerdotale del Pentateuco* , Brescia, Paideia Editrice, 1972.

CORTESE, Enzo - *Da Mosè a Esdra. I libri storici dell´Antico Israele* , Bolonha, EDB, 1985.

COTTEREL, Arthur (Ed.) - *História de las Civilizaciones Antiguas , I: Egipto Oriente Próximo* , 2ª Ed., Barcelona, Editorial Critica, 1987.

COUROYER, L.B. , OP - *L´Exode et la Bataille de Qadesh* ,"RB", 97, 3, 1990,321.358.

COUTO, António José da Rocha - *A Aliança do Sinai como núcleo lógico-teológico central do Antigo Testamento* , Valadares, Editorial Missões, 1990.

CROATTO, J. Severino - *Isaías. Vol.I: 1-39 . O profeta da justiça e da fidelidade* , São Paulo, Editora Vozes/ Imprensa Metodista,1989.

CRUZ FERNÁNDEZ - *La Edad de los Metales,* "Historia del Arte", 4, Madrid, Historia 16,1989.

CULICAN, William - *O comércio marítimo nas primeiras comunidades*

do Levante , Lisboa, Editorial Verbo, 1970 (Trad. do inglês).

CURTIS, Adrian - *UGARIT. Ras Shamra . Cities of the Biblical World* , Cambridge, Lutterworth Press, 1985.

CURTIS, John (Ed.) - *Bronze-Working Centres of Western Asia c. 1000-539 B.C.*, Londres / Nova Iorque, Regan Paul International, 1988.

DE FRAINE, J. - *Nouvel Atlas Historique et Culturel de la Bible* , Bruxelas/Paris, Elsevier, 1961.

DE LANGHE, R. - *Les textes de Ras Shamra-Ugarit et leurs rapports avec le milieu Biblique de l´Ancien Testament* , Paris, 1945,

DE RASCHEWILTZ, Boris - *Los antiguos egípcios* , Barcelona, Plaza&Janes,1991.

DE VAUX, Roland, OP. - *Les Institutions de l´ Ancien Testament* , 2 vols., Paris, Cerf, 1958, 1960.

DE VAUX, R. -*Histoire ancienne de l´Ancien Testament* , 2 vols., Paris, Librairie Lecoffre/J.Gabalda et Cie. Éditeurs, 1971, 1973.

DELCOR, M. - *Philistins* , "S.D.B.", T.VII, Paris, 1966, 1233-1287.

DELCOR, M. - *Yahweh et Dagon, ou le Yahwisme face à la religion des Philistins d´après I Samuel, V,* "Vetus Testamentum", 14, 1964, 136-154.

DESBOROUGH, V. R. d´A. - *The Last Mycenianens and their Successors. An Archaeological Survey c. 1200- 1000 BC* , Oxford, Clarendon Press, 1964.

DESHAYES, J. - *Les civilisations de l´Orient ancien* , Paris, Arthaud, 1969, 105-110.

DEVER, W.G. - *Asherah, Consort of Yahweh: New Evidence from Kuntillet ´Ajrud* , "BASOR", 255, 1984, 21-37.

DEVER, William G. - *How to tell a Canaanite from an Israelite* , SHANKS, Hershell - *The Rise of Ancient Israel* , Washington, Biblical Archaeology Society, 1992, 27-56.

DIAS, Geraldo Coelho - *Os "Povos do Mar" e a "Idade Obscura" no Médio Oriente Antigo* , "Cadmo" ,1, Lisboa, 1992, 145-153.

DIAS, Geraldo J.A.Coelho - *Filisteus em Canaã, uma cultura desaparecida?* , III Simposio Bíblico Español (I Luso-Espanhol), Valência-Lisboa, Fundación Bíblica Espanõla, 1991, 105-116.

DIETRICH, M.; LORETZ, O. - *Die Shardana in den Texten von Ugarit* , "Antike und Universalgeschichte. Festschrift Hans Erich Stier", Muenster, 1972, 39-42.

DIETRICH, M. LORETZ, O. - *Das Seefahrende Volk von Sikilia, RS,34.129* , "Ugarit-Forschung", 10 , Kevelaer, 19978, 53s.

DONADONI, Sergio, e outros -*El hombre egipcio* , Madrid, Alianza

Editorial, 1991, (Trad, do italiano).

DONCELL-VOÛTE, Pauline - *La carte de Madaba : Cosmographie, anachronisme et propaganda* , "RB", 95, N°4, 1988, 519-542

DONNER, Herbert; ROELLIG. W. - Dirs.) - *Kananaeische und Aramaeische Inschriften* , 3 Vols., Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1968 (KAI).

DOTHAN, Moshe - *Archaeological Evidence for Movements of the Early "Sea Peoples" in Canaan* , "AASOR", 49, 1989, 59-70.

DOTHAN, Moshe - *Ashdod II-III: The Second and the Third Seasons of Excavations, 1962,1965, Soundings in 1967* , "Atiqot", Jerusalém, 10, 1971.

DOTHAN, Moshe - *Ashdod: A City of the Philistine Pentapolis, "Archaeological Discoveries in the Holy Land* ", Nova Iorque, Thomas Y.Company, 1987, 129-137 (The Archaeological Institut of America).

DOTHAN, Moshe; FREEDMANN, D.N. - *Ashdod I: The First Season of Excavations,1962* , "Atiqot", Jerusalém, 7,1967.

DOTHAN, Trude - *A civilização filisteia* (Hebraico), "Eretz Israel", 5, 1958,55-66.

DOTHAN, T. - *Some Aspects of the appearance of the See Peoples and Philistinesin Canaan* , "Griechenland...", 1980, 99-120.

DOTHAN,T.- *The Philistines and their Material Culture* , Jerusalém, I.E.S, 1982.

DOTHAN, T. - *"In the Days when the Judges tuled". Research on the Period of the Settlement and the Judges* , SHANKS, Hershel; MAZAR, Benjamin (Eds.) - *Recent Archaeology in the Land of Israel* , 1984, 35-41.

DOTHAN, T. - *The Arrival of the Sea People: Cultural Diversity in Early Iron Age Canaan* , "AASOR", 49, 1989, 1-22.

DOTHAN, T.; DOTHAN, M. - *People of the Sea: The Search for the Philistins* , Nova Iorque, Maxwell Macmillan,1992

DOTHAN, T.; GITIN, Seymour - *Ekron of the Philistines. How they lived, worked and worshiped for five hundred years . Part I: Where they came from, How they settled down and the place they worshiped* ;"BAR", XVI, 1, 1990, 20-36.

DRIOTON, Étienne; VANDIER, Jacques - *L´Égypte. Des origines à la Conquête d´Alexandre* , 6ª ed., Paris, PUF, 1984.

DROWER, M.S. - *Ugarit* , "CAH", 3ª Ed. II/2, Cambridge, 1975,130-148.

DU BUIT, M., OP - *Géographie de la Terre Sainte*, 2 Vols., Paris, Cerf, 1959.

DU RY, Carel J. - *Voelker des Alten Orient , Kunst im Bild,* Munique,

Naturalis Verlag, s/d.

EDGERTON, William F.; WILSON, J. A. - *Historical Records of Ramses III . The Texts in Medinet-Habu* , Chicago, 1936.

EFFENTERRE, Henri van - *Les Egéens aux origines de la Grèce, Chypre, Cyclades, Crete et Mycenes* , Paris, Armand Colin, 1987.

EISSFELT, Otto -*Philister und Phoenizier*, Leipzig, 1936.

EMERTON, J.A. - *New Light on Israelite Religion: The Implications of the Inscriptions from Kuntillet ´Ajrud*, "ZAW", 94, 1982, 1-20.

ENGEL, E. - *Die Siegestele des Merenptah* , "Bi", 1979, 373-399.

ERLENMEYER, M. L. - *Ueber Philistern und Kreter* , "Orientalia", XXIX, 1960, 121-150.

ERLENMEYER, M.-L & H.; DELCOR, M. - *Philistins* , "D.B.S", T.VII, 1966, 1233-1288.

ERMAN, Adolf; RANKE, Hermann - *La civilisation égyptienne* , Paris, Payot, 1990, (Ed. anastática da de 1952).

EYLON, Lili - *Une métropole des Philistins (Tel Mikne//Ekron)* , "Archaeology, Features from Israel", Jerusalém 1990.

FECHT, Gerhard - *Die Israelstele, Gestalt und ausagen* , "GOERG, Manfred (Ed.) . *Fontes atque Pontes. Eine Festgabe fuer Hellmut Brunner* , Wiesbaden, Otto Harrossowitz, 1983, 106-138 (Alte Aegyptische Text, 5).

FÈVRE, F. - *Le dernier Pharaon. Ramsès III ou le crépuscule d´une civilisation* , Paris, Presses de la Renaissance, 1992.

FITZGERALD, G.M. - *The four Canaanite Temples of Beth-Shan*, Part 2: *The Pottery*, 1930.

FREEDMAN, David Noel - *Yahweh of Samaria ans His Asherah* , "The Biblical Archaeologist", 50, 4, 1987, 241-249.

FREEDMAN, David Noel; GRAF, David Frank - *Palestine in Transition. The Emergence of Ancient Israel* , Sheffield, The Admond Press, 1983 (The Social World of Biblical Antiquity Series, 2).

FRITZ , Volkmar -*Where is David´s Ziklag* , "BAR", XIX, 2, 1993, 58-61.76.

FRITZ, Volkmar - *Einfuehrung in die biblische Archaeologie*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1985.

FRITZ, V. - *The Conquest in the Light of Archaeology* , "Procedings of the 8th. World Congress of Jehwish Studies, Jerusalém,1981, Jerusalém,1982,15-21.

GABBA, Emilio - *La Palestina e gli ebrei negli storici classici fra il V e il III sec. AC* , "RiBi", 34, 1986, 127-141.

GARBINI, G. - *Dati epigrafici e linguistici sul territorio palestinese*

fino al VI secolo AC , "RiBI", 32, 1984, 78-80.

GARBINI, G. - *Esploratori e mercanti non greci nel Mediterraneo occidentale* , PULIESE CARRATELLI, G. (Ed.)- *Magna Grecia* , Milão, 1985, 245-264.

GARBINI, G. - *Storia e ideologia nell´ Israele antico* , Brescia, Paideia Editrice,1986.

GARBINI, G. - *Philistine Seals* , GERATY, Lawrence T. ; HERR, Larry G. (Eds.) - *The Archaeology of Jordan and others Studies presented to Siegfried H. Horn* , Berrien Springs, Andrews University Press, 1986, 443-448.

GARBINI, Giovanni - *"Popoli del Mare", Tarsis e Filistei* , "Momenti precoloniali nel Mediterraneo Antico" (Atti del Convegno Internazzionale, Roma, 1985), Roma, Consiglio Naz. delle Ricerche, 1988, 235 s.

GARDINER, A. - *Ancient Egyptian Onomastica* , I, Oxford, 1947.

GARELLI. Paul - *El Próximo Oriente asiático desde los origenes hasta las invasiones de los pueblos del mar* , Barcelona, Editorial Labor, 1981 ("Col. Clio, 2; Trad. do francês).

GARELLI, Paul; Nikiprowetzky, V. - *El Próximo POriente asiático. Los impérios mesopotámicos. Israel* , Barcelona, Ed. Labor, 1981 (Col."Clio", 2 bis, Trad. do francês).

GIARDINA, Andrea; LIVERANI, Mario; SCARCIA, Biancamaria - *La Palestina* , Roma, Editori Riuniti, 1987.

GITTIN, Seymour - *Tel Miqne-Ekron: A Type-Site for the Inner Costal Plain in the Iron Age II Period* , "AASOR, 49, 1989, 23-58.

GITTIN, Seymour; DOTHAN, Trude - *The Rise and Fall of Ekron of Philistines. Recent Excavations at an Urban Border Site* , "The Biblical Archaeologist", 50, 4, 1987, 197-222.

GOERG, Manfred - *Beitraege zur Zeitgeschichte der Anfaenge Israels* , Wiesbaden, Otto Harrassowitz,1989.

GOETTLICHER, Arvid - *Die Schiffe der Antike* , Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1985.

GONÇALVES, Francolino - *História antes de Heródoto: o caso de Israel* , "Cadmo", 1, Lisboa, 1992, 65-98.

GONEN, R. - *Urban Canaan in the Late Bronze Period* , "BASOR", 253, 1984, 61-73.

GONZALEZ ECHEGARAY, A. e outros - *Introducción al Estudio de la Biblia, I: La Biblia en su entorno* , Estella, Verbo Divino / Institución S. Jerónimo, 1990.

GONZALEZ ECHEGARAY, Joaquin - *El Creciente Fertil y la Biblia,*

Estella, Editorial Verbo Divino, 1992.

GONZÁLEZ LAMADRID, A. - *La fuerza de la Tierra (Geografia, História y Teologia de Palestina)* , Salamanca, Sigueme, 1981.

GORDON, C.H. - *The role of the Philistines* , "Antiquity", 30, 1956, 22-26.

GORDON , C.H. - *Homer and Bible. The origin and character of East Mediterranean Literature* , Ventnor, N.J,1955.

GOTTWALD, Norman K. - *As tribos de Israel. Uma sociologia da Religião de Israel liberto, 1250-1050 A.C.*, São Paulo, Edições Paulinas,1986, (Trad. do inglês).

GOTTWALD, Norman K. - *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica* , São Paulo, Edições Paulinas,1988.

GRAY, John - *The Canaanites* , 2ª Ed. , Londres, Thames and Hudson, 1965 (Ancient Peoples and Places, 38).

GRAY, John - *The Legacy of Canaan. The Ras Shamra Texts and their Relevance to the Old Testament* , 2ª Ed., Leiden, E.J. Brill, 1965.

GREEN HILL, Basil - *Archaeology of the Boat* , Middletown, Wesleyan University Pressn 1976.

GRIECHENLAND, DIE AEGAEIS UND DIE LEVANTE WAEREND DER DARK AGES . Symposion ZWETTL, 1980, Viena, Verlag der Oesterreichischen Akademie der Wissenschaften, 1983.

GROLLENBERG, Luc H., OP - *Atlas de la Bible* , 3ª Ed., Bruxelas, Elsevier, 1954.

GRUPPE, O. - *Griechische Mythologie und Religiongeschichte*, Munique,1906.

HAAG, H. ; BORN, A. van den; AUSEJO, Serafin de - *Diccionario de la Biblia* , Barcelona, Editorial Herder, 1963.

HALPERN, Baruch -*The Emergence of Israel in Canaan* , Chico, Scholars Press,1983.

HAUSEN, Juergen - *Schiffbau in der Antike* , Herford, Koehlers Verlagsgesellschaft, 1979.

HAYES, John H.; MAXWELL MILLER, J. -(Eds) - *Israelite and Judaean History* . Third impression, Londres, SCM Press, 1990.

HEINTZ, J. G. - *Idéologie et Instructions de la "guerre sainte" chez les Hébreux et dans le monde sémitique ambiant* , "ETR", 56, 1981,39-45.

HELCK, Wolfgang - *Die Beziehungen Aegyptens zu Vorderasien im 3. und 2. Jahrtausend vor Christ* , Wiesbaden, Otto Harrassowitz,1962.

HELTZER, Michael - *Some Questions concerning the Shardana in Ugarit* , Tel Aviv, Tel Aviv University, 1979, 9-16 (Israel Oriental

Studies,9).

HELTZER, M.; SEGAL, A, ; KAUFMAN (Eds,) - *Studies in the Archaeology and History of Ancient Israel in honour of Moshe Dothan* , Haifa, Haifa University Press,1993.

HERRERA, Mª Dolores - *El território de Aser en los inicios del I Milénio A.C.a la luz de la Arqueologia :fenícios e israelitas*, Actas do III Simposio Bíblico-Español (I Luso-Espanhol), Valencia-Lisboa,

Fundación Bíblica Espanõla, 1991, 33-51.

HERZBERG, W. - *Die Buecher Josua, Richter, Ruth* , 5ª Ed., Goettingen, 1973 (ATDK,9).

HERZBERG, W. - *Die Samuelbuecher* , Goettingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1960

HEURTLEY, W.A. - *Philistinean mycen pottery* , "Quartely of the departement of antiquities in Palestine", V, 1936, 90-110.

HINDSON, Edward E. - *The Philistines and the Old Testament* , 3ª Ed., Grand Rapids, Baker House, 1977.

HOECKMANN, Olaf - *La navigazione nel mondo antico* , Milão, Garzanti, 19888 (Trad. do alemão).

HOELBL, Guenther - *Die historischen Aussagen der aegyptischen Seelvoelker-Inschriften* ,"Griechenland..."121-143.

HOELSCHER , U. - *The excavation of Medinet Habu* , 4 vols., Londres,1933-1958.

HOOD, S. - *Evidence for Invasions in the Aegean Area at the End of the Early Bronze Age* , CADGAN, G. (Ed.) - *The End of the Early Bronze Age* , Cincinnati, Classical Studies, Leiden, 1986, 31-68, (Nova Série III).

HOPKINS, David C. - *The Highlands of Canaan. Agriculteral Life in the Early Iron Age* , Sheffield, The Admond Press, 1988 (The Social World of Biblical Antiquity Series,3).

HORNUNG, Erik - *Die Israelstele des Merenptah* , GOERG, Manfred, Ed.) - *Fontes aque Pontes. Eine Festgabe fuer Hellmut Brunner*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1983, 224-233 (Alte Aegyptische Text, 5).

HROUDA, Barthel - *Die Einwanderung der Philister in Palaestina. Eine Studie zur Seevoelkerbewegung des 12. Jahrhunders.* "Vorderasiatische Archaeologie. Studien und Aufsaetze", Berlim, Anton Moortgat, Verlag Gebr. Mann, 1964, 126-135.

HUMBERT , Jean-Baptiste - *Les Royaumes de l´Age du Fer*, "Dossiers Histoire et Archéologie", Nº 118, 1987, 30 - 35.

HUMBERT, Jean-Baptiste - *Tell Keisan entre Mer et Montagne. L´Archéologie entre Texte et Contexte* , "Archéologie, Art et Histoire de la

Palestine" (Colloque du Centenaire de la Section des sciences Religieuses, EPHE, Set. 1986), Paris, Ed. du Cerf,1988, 65-83 (Col. Études Annexes de la Bible de Jerusalem,15).

HUNT, Ignatius - *Josué y Jueces* , "Conoce la Bíblia: AT, 5, Santander, Ediciones "Sal Terrae",1969.

HUOT, Jean Louis; VALBELLE, Dominique - *Naissance des Cités* , Paris, Éditions Nathan, 1990.

JAMES, Peter - *Siglos de Oscuridad. Desafío a la cronologia tradicional del mundo antiguo* , Barcelona, Crítica, 1993 (Trad.do inglês).

IBAÑEZ-ARNA, Andres- *El pacto con los gabaonitas (Jos.9) como redacción etiológica* , "Estudios Biblicos", 30, 1971, 161-175.

IBAÑEZ-ARANA, Andres - *Los marcos redaccionales de Jos. 13-19* , Salamancas, Universidad-Pontificia/Escritos de la Biblia e Oriente, 1981 (Bibliotheca Salmanticensis,38).

ISIDRO, João - *A Palestina na História* , Lisboa, 1987.

JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus - *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento* , 2 Vols., Madrid, Ed. Cristiandda, 1978-1985 (Trad. do alemão).

JOURET, Rose-Marie (Dir.) -*TEBAS, 1250 AC. Ramsés II y el sueño del poder absoluto* , Madrid, Alianza Editorial, 1992.

KALLAI, Zecharia - *Historical Geography of the Bible. The Tribal Territories of Israel* , Jerusalém/Leiden, The Magnes Press/E.J.Brill, 1986.

KARAGEORGHIS, Vassos - *Exploring Philistine Origins on the Island of Cyprus* , "BAR", 3.1984.

KARAGEORGHIS, Vassos - *Les anciens chypriotes. Entre Orient et Occident* , Paris, Editions Errance, 1990.

KARGE, Paul - *Rephaim. Die Vorgeschichtliche Kultur Palaestinas und Phoniziens. Archaeologische und religiongeschichtliche Studien* , Paderbona, F.Schoeningh, 1917.

KASSIS, H. - *Gath and the Structure of Philistine Society* , "Journal of Biblical Literature", 84,1985, 259 - 271.

KASWALDER, Pietro Alberto - *La disputa diplomatica di Iefte (Gdc 11,12-28).La ricercha archeologica in Giordania e il problema della conquista* , Jerusalém, Franciscan Printing Press, 1990.

KEIL, C.; DELITZCH, F. - *Biblical Commentary on the Books of Samuel* , 2ª Ed., Grand Rapids, Eerdmans, 1957.

KELBER, W. - *Tradition orale et Écriture* , Col."Lectio Divina", 145, Paris Cerf,1991.

KELLERMANN, Mechtild; MEDALA, Stanislaw; PICIRILLO, Michele;

SITARZ, Eugen -*Welt aus der die Bibel kommt. Biblische Hilfswissenschaften* , Estugarda, Verlag Butzon & Bercher, 1982.

KELM, Geije; MAZAR, Amihai - *Tel Batash (Timna) Excavations. Third Preliminary Report 1984-1988* , "BASOR Supplement, 27".

KELM, Geije L.; MAZAR, Amihai - *Excavating in Samson Country - Philistines & Israelites at Tel Batash* , "BAR", XV, 1, 1989, 36-49.

KEMPINSKI , Aharon - *Megiddo. A City-State and Royal Centre in North Israel* , KAVA des Deutschen Archaeologiscen Institutes Bonn, Bona/Munique, C.H.Beck, 1989, (AVA Materialen Band, 40).

KEMPINSKI, A. - *Some Philistine Names from the Kingdom of Gaza* , "IEJ", 37, 1987, 19-24.

KEMPINSKI, E. - *The Land of Israel; Cross-Roads of Civilizations* , Lovaina, Orientalia Lovaniensia Analecta, 19, 1985.

KENYON, Kathleen M. - *Archaeology in the Holy Land* , Londres, Ernest Benn Ltd.,1960.

KENYON, K. M. - *The Bible and the recent Archaeology* (Rev. P.R.S.Moorey), Atlanta, John Knox Press, 1987.

KITCHEN, K.A. -*The Philistines* , WISEMANN, D.J. (Ed.) - *Peoples from the Old Testament Times* , Oxford, 1973, 53 s.

KITCHEN, K.A. - *RAMSÈS II: Le pharaon triomphant. Sa vie et son époque* , Monaco, Champollion/Ed.du Rocher,1985.

KITCHEN, K, A. - *Ramesside Inscriptions. Historical and Biographical* . I-VI Vols., Oxford, B.H. Blackwell, 1969-1983.

KLENGEL, Horst - *Geschichte und Kultur Altsyriens* , Viena, Anton Schroll, 1980.

KNAPP, B. - *Alashya, Caphtot-Keftiu and Eastern Mediterranean trade-recent studies* , "Journal of Field Archaeology", 12, 1985, 231-250.

KNIGHT, Douglas A.; TUCKER, Gene M. (Eds.) - *The Hebrew Bible and its Modern Interpreter* , Philadelphia, Fortress Press, 1985.

KOCHAVI, Moshe - *"At that Time the Canaanites, were in the Land..."* SHANKS, Hershel; MAZAR, Benjamin (Eds.) - *Recent Archaeology in the Land of Israel* , Washington, Biblical Archaeological Society, 1984, 25-34.

KONZELMANN, Gerhard - *Aufbruch der Hebraer* , Francforte, Ullstein Sachbuch,1986.

KYLE McCARTNER Jr., P. - *The Origins of Israelite Religion* , SHANKS, Hershel - *The Rise of Ancient Israel* , Washington, Biblical Archaeology Society, 1992, 119-136.

LALOUETTE, Claire - *Thèbes, ou la Naissance d´un Empire* , Paris, Fayard,1986.

LALOUETTE, Claire - *L´Art et la Vie dans l´Égypte pharaonique* , Paris, Fayard,1992.

LANGE, K.; HIRMER, M. - *Egypt . Architecture, Sculpture, Painting in three Thousand Years* , Londres, Phaidon Press, 1956.

LANGLAMET, François - *Affinités sacerdotales, deuteronomiques, élohistes dans l´histoire de la Succession (" Sam. 9-20; I R.1-2)* , "Mélanges Bibliques et Orientaux... à H.Cazelles", Neukirchen, 1981, 233-246.

LAPERROUSAZ, E.-M. (Dir.) - *La Protohistoire d´ Israel* , Paris, Cerf, 1990.

LEHMANN, Gustav Adolph - *Die "Seevoelker" - Herrschaften an der Levantekueste* , "Jahresbericht des Institutt fuer Vorgeschichte der Universitaet Frankfurt A.M., Munique,1977, 78-111.

LEHMAN, Gustav Adolf - *Zum Auftreten von "Seevoelker"-Gruppen im Oestlichen Mittelmeerraum - EineZwiscenbilanz*,"Griechenland..."79-97.

LEMAIRE, Pe.Paulin; BALDI, Pe.Donato - *Atlas Biblique* , Lovaina/Paris, Ed. du Mont César/SDEC, 1960.

LEMAIRE. André - *Inscriptions Hébraiques. Tome I: Les Ostraca* , Paris, Cerf, 1977 (Littératures Anciennes du Proche Orient, 9).

LEMAIRE, A. - *Les Benê Jacob, Éssai d´interprétation historique d´une tradition patriarcale* , "RB", 85, 1978, 321-337.

LEMCHE, Niels Peter - *Early Israel. Anthropological and Historical Studies on the Israelite Society Before the Monarchy* , Leiden, E. J. Brill, 1985 (Vetus Testamentum, Supplements, XXXVII).

LEMCHE, N.P. - *Ancient Israel. A New History of Israelite Society*, Sheffield, JSOT Press, 1988, (The Biblical Seminar,5)

LEONARD, Albert - *Considerations of morphological variation in the Mycenaean Pottery from the Southeastern Meditarranean* , "BASOR", 241, 1981, 87 s.

LEVÊQUE, Pierre - *As Primeiras Civilizações: Vol. I: Os impérios do Bronze* , Lisboa, Edições 70, 1990; *Vol. III: Os Indo-Europeus e os Semitas* , Ibidem, 1990.

LIND, Millard C. - *Yahweh is a Warrior. The Theology of warfare in Ancient Israel* , Scottdade, Herald Press, 1980.

LINGEN, Anton van der - *Les guerres d Yhawé* , Paris, Cerf, 1990, ("Lectio divina", 139).

LIVERANI, Mario - *Le origini d´Israele. Progetto irrealizabile di ricerca etnogenetica* , "RiBi", 28, 1980, 9-31.

LIVERANI. Mario - *Antico Oriente. Storia, Società, Economia*, Roma/Bari, Laterza, 1988.

LOERSCH, Sigrid - *Il Deuteronomio e le sue interpretazioni* , Brescia, Paideia Editrice, 1973.

LOHFINK, Norbert - *La promessa della terra come giuramento. Studio su Gen.15* , Brescia, Paideia Editrice, 1975.

LOHFINK, Norbert - *Studien zum Deuteronomium und zur deuteronomischen Literatur , I* , Estugarda, Verlag Katholisches Bibelwerk, 1990, (Stuttgarter Biblischen Aufsaetzbaende, 8).

LORETZ, Oswald - *Habiru-Hebraeer. Eine sozio-linguistische Studie ueber die Herkunft des Gentiliziums `ibru vom Appellativum habiru* , Berlim, Walter de Gruyter, 1984 (BZAW,160).

LORETZ, O. - *Ugarit und die Bibel. Kanaanaeische Goetter und Religion im Alten Testament* , Darmstadt, 1990.

LUCIANI, F. - *La reazione degli israeliti alla sfida di Golia in ! Sam. 17* ,"RiBi", 37, 1989, 447-460.

MACALISTER, R.A.S. - *The Philistines. Their History and Civilisation* ,1919, Reimpressão Chicago, Argonaut, 1965.

MACQUEEN, J. G. - *The Hittites and their Contemporaries in "Asia Minor"* , Londres, Thames & Hudson, 1975.

MAGALL, Miriam - *Archaeologie und Bibel. Wissenschaftliche Wege zur Welt des Alten Testaments* , Colónia, DuMont Bucherverlag,1986.

MAGNUSSON, Magnus - *The Archaeology of the Bible Lands*, Londres, The Bodley Head, 1977.

MAISLER (Mazar) B. - *Lebo Hamath and the Northern Boundary of Canaan* , "Bulletin of the Jewish Palestine Exploration Society", 12, 1945-46, 91-102 (hebreu com resumo em inglês).

MALAMAT, Abraham - *The Struggle against the Philistines*, "BEN-SASSON, H.H. (Ed.) - *The History of the Jewish People* , Cambridge, Mass., 1976, 80-87.

MALAMAT, Abraham - *How Ingferior Forces Conquered Foritified Canaanite Cities* , "BAR", VIII, 2, 1982, 24-35.

MALAMAT, Abraham - *Mari and the Early Israelite Experience* , Nova Iorque, Oxford University Press, 1992.

MANTOVANI, Piera Arata - *La "Conquista" di Israele* , "RiBi", XXXVI, 1, 1980, 47-60.

MARGALITH, Othniel - *The Legends of Samson/Heracles* , "Vetus Testamentum", Leiden, XXXVII, 1987, 63-70.

MARGALITH, Othniel - *The Sea Peoples in the Bibie* , Tel Aviv, Dvir, 1988 (Hebreu).

MASSON, Emilia - *La découverte des Hittites* , "L´Histoire", Paris, 136,

1990, 18-24.

MATTINGLY, Gerald L. - *Philistines* , ACHTEMEIER, Paul J, (Ed.) - *Harper´s Bible Dictionnary* , San Francisco, Harper & Row Publishers,1985, 787-791.

MAZAR, Amihai -*Excavations at Tell Qasile. Part one: The Philistine Sanctuary : Architecture and Cult Objects* , "Qedem", Jerusalém, 12,1980.

MAZAR, Amihai-*Excavations at Tell Qasile. Part two:The Philistine Sanctuary: Various Finds, The Pottery, Conclusions, Apendix,* "Qedem", Jerusalém, 20, 1985.

MAZAR, A. - *The Emergence of the Philistine Material Culture* , "IEJ", 35, 1985, 95-107.

MAZAR, A. - *Archaeology of the Land of the Bible 10.000 - 586 B.C.E.*, Nova Iorque, Doubleday, 1990.

MAZAR, A. ; KELM, G.L. - *Canaanites , Philistines and Israelites at Timnah//Tel Batash* , "Qadmoniot", 13, 1980, 89-97.

MAZAR, Benjamin - *The Early Israelite Settlement in the Hill Country* , "BASOR", 241, 1981, 75-85.

MAZAR, Benjamin -*The Early Biblical Period* , AHITUB, S.; LEVINE, B.- *Historical Studies,* Jerusalém, IES, 1986.

MAZAR, M. - *The Philistines and the Rise of Israel and Tyr* , Jerusalém, Jerusalém Central Press,1964.

MAZZONI, Stefania - *Gli stati siro-ittiti e l´ età "oscura": fattori geo-economici di uno svilluppo culturale* , "Egitto e Vicino Oriente", Pisa, 4, 1981, 311-341.

McKENZIE, J.L. - *Il mondo dei Giudici* , Turim, Elle Di Ci, 1971 , Col "Il mondo dlla Bibbia), (Trad. do inglês).

MELLA, Frederico A. Arborio - *O Egito dos Faraós. História , civilização, cultura* , São Paulo, Hemus Editora, 1981 (Trad. do italiano).

MÉLÈZE-MODRZEJEWSKI, J. - *Les Juifs d´Égypte, de Ramsès II à Hadrien* , Paris, Èditions Errance,1991.

MENDENHALL, George E. - *The Philistine´s Documents from the Hebron Area* , "Annual of Department of Antiquities of Jordan" , 16, 1971, 102s.

MENDENHALL, George E. - *The Tenth Generation. The Origins of the Biblical Tradition* , Baltimore, The John University Press, 1973.

MERRILLEES, R.S. - *Alashia revisited* , Paris, Gabalda, 1987, (Cahiers de la Revue Biblique, 22).

MICHAUD, Robert - *De l´entrée à Canaan* , Paris, Cerf, 1982.

MILLARD, A.R. - *The Canaanites* , WISEMAN, J, (Ed.) - *Peoples of Old Testament Times* , Oxford, Clarendon Press, 1978, 29-52.

MITCHELL, T.C. - *The Bible in the British Museum. Interpreting the Evidence* , 2ª ed., Londres, British Museum Publications,1990.

MONTET, Pierre - *L´Égypte et la Bible* , Genebra, Delachaux & Niestlé, 1959.

MORAN, William L. - *Les Lettres d´ EL Amarna* , Paris, Cerf, 1987, ("Littératures anciennes du Proche-Orient").

MOSCATI, Sabatino - *Israele nell´Antico Testamento. Studio esegetico-filologico* , "Bi", 1949, 314-338.

MOSCATI, Sabatino - *Histoire et Civilisation des peuples sémitiques* . Édition française revue et mise à jour par l´auteur, Paris, Payot, 1955.

MOSCATI, Sabatino - *I predecessori d`Israele* , Roma, Bari/ Università di Roma, 1956.

MOSCATI, S. - *Chi furono i Semiti?* , Atti della Accademia Nazionale dei Lincei, VIII,1, Roma, Accademia dei Lincei,1957.

MOSCATI, S. - *Antichi Imperi d´Oriente* , Milão, "Il Saggiatore",1963,199-230, (Cananeus e arameus).

MOSCATI, S. - *L´Archeologia comincia a parlare dei Filistei* , "Il Messaggero di Roma", 12/II/1965.

MOSCATI, S. - *L´ Orient avant les Grecs* , Paris, PUF, 1963.

MOSCATI, S. - *I Fenici* , (Catálogo da Exposição do Palácio Grassi, Veneza, 1988), Milão, Bompianti, 1988.

MOSCATI, S. - *Il volto del potere. Arte imperialistica nell´Antichità* , 2ª Ed., Roma, Newton Compton Editori, 1978 , (Paperbacks Civiltà scomparse, 5).

MUHLY, James D. - *How Iron Technology changed the Ancient World and gave the Philistines a Military Edge* , "BAR", VIII, 6, 1982, 40-54.

MUHLY, James D. - *The Role of the Sea Peoples in Cyprus during the LC III period* , KARAGEORGHIS, V.; MUHLY, J.D. (Eds.) - *Cyprus at the close of the Late Bronze Age* , Nicosia, 1984, 39-55.

MURNAME , William J. - *United with Eternity. A concise guide to the Monument of Medinet Habu* , Chicago, The Oriental Institute, Univ. of Chicago, 1980.

MURPHY O´CONNOR, Jerome - *The Holy Land . An archaeological guide from earliest times to 1700* , 3ª ed., Oxford/ Londres, Oxford University Press,1992.

NEGEV, Avraham (ed.) - *The Archaeological Encyclopedia of the*

Holy Land , 3ª ed., Nova Iorque, Prentice Hall Press, 1986.

NELSON, Harold H. - *The Naval Battle Pictured at Medinet Habu* , "JNES", II,1943, 40-56.

NIBBI, Alessandra - *The Sea Peoples: A Re-examination of the Egyptian Sources*, Oxford, s/ed., 1972.

NIBBI, A. - *Canaan and the Canaanite in ancient Egypt*, Oxford, s/ed.,1989.

NICACCI, Alviero - *Sullo sfondo egiziano di Esodo, 1-15* , "Liber Annuus", Jerusalém, Studium Biblicum Franciscanum, XXXVI, 1986, 7-43.

NORTH, Robert - *Archaeology and Geography* , 3ª ed., Roma, P.I.Biblico,1970

NOTH, Martin - *El mundo del Antiguo Testamento* , Madrid, Ediciones Cristiandad,1976.

NOTH, Martin - *Zur Geschichte des namens Palaestina* , "ZDPV", 1939, 125 - 144.

NOTH, Martin - *Ueberlieferungsgeschichte des Pentateuch* , Estugarda, 1948, 172-191.

NOTH, Martin - *Das Buch Josua* , 2ª Ed., Tuebingen, 1953 (1ª, 1938 (Handbuch zum Alten Testament, Erste Reihe,7).

NOTH, Martin - *Zur Geschichte des Namens Palaestina,* "Aufsaetze zur biblischen Landes- und Altertumskunde", Band 1, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 1971, 294-308.

NOTH, Martin - *Histoire d´Israel* , Paris, Payot, 1983 (trad. do alemão; Trad. italiana, Brescia, Paideia Editrice, 1975).

NOTH, Martin - *Estudios sobre el Antiguo Testamento* , Salamanca, Ed. Sigueme, 1985.

OECKMANN, Olaf - *Antike Seefahrt* , Munique, Verlag C. H. Beck, 1985.

OLMO LETE Gregorio del; AUBET, Maria Eugénia - *Los Fenícios en la Peninsula Iberica. Vol. I: Arqueologia; Vol.II: Lingua, Epigrafia* , Barcelona, Editorial Ausa, 1986.

OREN, E.D. - *Ziklag. A Biblical City on the Edge of the Negev*, "BA", 45, 1982,155-156.

PETTINATO, G. - *Ebla, un impero inciso nell´argila* , Milão,1979.

PINTORE, Franco - *Osservazioni sulle vie e l´orientamento dei commerci nella Siria-Palestina meridionale dall´inizio del I Millenio all´anno 841 AC* , CARRUBA, O.; LIVERANI, M.; ZACCAGNI, C. (Eds.) - *Studi orientalistici in ricordo di Franco Pintore* , Pavia, 1985, 257-283.

PIRENNE , Jacques - *Histoire de la Civilisation de l´Égypte Ancienne.*

II Vol.: De la fin de l´Ancien Empire à la fin du Nouvel Empire (2200-1085 Av.JC) , Neuchâtel, Édition de la Baconnière, 1960, 471-509.

POSENER, Georges - *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne* , 2ª ed., Paris, Fernand Hazan Éditeur,1970.

POSENER, Georges - *Les Asiatiques et L´Égypte sous les XII et XIII Dynasties* , "SYRIA", XXXIV, 1957, 145-163.

POULIN, Jean - *Eqron , une grande cité des Philistins* , "Le Monde de la Bible", 59,1989, 51-53.

POYATO HOLGADO, Carmen; VÁZQUEZ HOYS, Ana Mª - *Intoducción a la Arqueologia. II Milénio en el Proximo Oriente* , Madrid, Ed, Centro de Estudios "Ramón Areces",1989.

PRITCHARD, James B. (Ed.) - *Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament*, 3ª Ed., Princeton, Princeton University Press, 1969.

PRITCHARD, James B. (Ed.) - *The Ancient Near East in Pictures relating to the Old Testament* , Princeton, Princeton University Press, 1969.

PRITCHARD, James B. - *New Evidence on the Role of the Sea Peoples in Canaan at the Beginning of the Iron Age* , WARD, William A. - *The Role of the Phoenicians in the Interaction of Mediterranean Civilizations* , Beirute, American University, 1968, 99-112.

PURY, Albert de - *La guerre sainte israelite, réalité historique ou fiction littéraire? État des recherches sur un thème de l´Ancien Testament* , "ETR", 56, 1981, 5-38.

PURY, Albert de (Ed.) - *Le Pentateuque en question* , Genebra, Labor et Fides, 1989.

QUIRCHE, Stephan; SPENCER, Jeffrey - *The British Museum Book of Ancient Egypt* , Londres, British Museum Press, 1992.

RABAN, Avner - *The Harbour of the Sea Peoples at Dor* , "The Biblical Archaeologist", 50, 2,1987,118-126.

RABAN, Avner; STIEGLITZ, Robert R. - *The Sea Peoples and their contributions to civilisation* , "BAR", XVII, 6, 1991, 32-42.93-94.

RACHET, Guy - *Dictionnaire de l`Archéologie* , Paris, Robert Laffont, 1983.

RACHET, Guy; RACHET, M.F. - *Dictionnaire de la civilisation égyptienne* , Paris, Librairie Larousse,1968.

RAD, Gerhard von - *Das Reich Israel und die Philister*, "Palaestina Jahrbuch", 29, 1936, 30-42.

RAD, Gerhard von - *Der heilige Krieg im alten Israel*, Zurique, 1951 (Abhandlungen zur Theologie des Alten und Neuen Testament, 20).

RAD, Gerhard von - *Théologie de l`Ancien Testament* , 2 Vols., Genebra, Labor et Fides, 1963,1967.

RAD, Gerhard von - *La Genèse* , Genebra, Ed."Labor et Fides", 1968.

RAD, Gerhard von - *La teologia deuteronomistica de la historia en los libros de los reyes* , "Estudos sobre el Antiguo Testamento", Salamanca, Ed. Sigueme, 1982, 179 s.

RAINEY, Anson F. - *The identification of philistine Gat. Probleme in Source Analysis for Historical Geography* , "Eretz Israel", XII,1975, 63-76.

RAINEY, A.F. (Ed.) - *Egypt, Israel, Sinai . Archaeological and Historical Relationships in the Biblical Period* , Tel Aviv, Tel Aviv University, 1987.

RAMOS, José Augusto -*Ugarit, Fenícia e Canaã: questões de metodologia e delimitação historiográfica* , "Cadmo"1, Lisboa, 1992, 45-63.

RAMOS, José Augusto Martins - *O sufixo verbal não-acusativo em hebraico antigo no contexto semítico do noroeste* , Lisboa, Ed. do Autor, 1988, (Tese de Doutoramento, FLUC).

RAMSEY, George W. - *The Quest for the Historical Israel. Reconstructing Israel´s Early History* , Londres, SCM Press, 1982.

RAPPOPORT, Angelo S. - *Histoire de la Palestine. Des origines jusqu´à nos jours* , Paris, Payot, 1932.

RATHJEN, B. - *Philistine and Hebrew Amphictionies* , JNES", XXIV, 1965, 100-104.

RAYNEY, Anson F. - *Can you Name the Panel with the Israelites?* , "BAR", XVII, 6, 1991, 54-61.

REDFORD, Donald B. - *The Ashkelon Relief at Karnak and the Israel Stele* , "IEJ", 36, 1986,199-200.

REDFORD, Donald B. - *Egypt, Canaan and Ancient Times* , Princeton, Princeton University Press,1992

RIES, Julien - *Les chemins du sacré dans l´histoire* , Paris, Ed. Aubier, 1985

RINALDI, G. - *Quelques remarques sur la politique d´Azarias (Ozias) de Juda en Philistie (II Chron. 26,6)* , "VT", IX, 1963, 225-235.

RIPOLL PERELLO, Eduardo - *Prehistória y História del Próximo Oriente* , Barcelona, Editorial Labor, s/d.

ROCCATI, Alessandro - *La Littérature Historique sous l`Ancien Empire* , Paris, Cerf, 1982, (Littératures Anciennes du Proche Orient).

ROFÉ, Alexander - *The Battle of David and Goliath: Folklore, Theology, Eschatology* , NEUSNER, J.; LEVINE, B.A.; FRERICHS; E.S. - *Judaic Perspective on Ancient Israel* , Philadelphia, 1987.

ROLLA, Armando - *La conquista di Canaan e l´archeologia palestinese* , "RiBi", 28, 1980, 89-96.

ROLLA, Armando - *Il passagio fdal Tardo Bronzo al Ferro I in Palestina: dati archeologici e loro interpretazione* , "RiBi", 30,1980,89-96; 32,1984, 29-46.

ROSSANO, P. ; RAVASI, G.; GIRLANDA, A, (Eds.) - *Nuevo Diccionario de Teologia Biblica* , Madrid, Ediciones Paulinas, 1990 (Trad. e adaptação do italiano).

ROWE, A. - *The four Canaanite Temples of Beth-Shan. Part 1: Temples and Cult Objects* , 1940.

ROWLEY, H.H. - *The Old Testament and Modern Study* , "Oxford Paperbacks", 4ª, Oxford, Oxford University Press, 1961.

SAADE, Gabriel - *Ougarit, métropole cananéenne* , Beirute, Imprimerie catholique, 1979.

SACCHI, P. - *Israele e le culture circonvicine* , "Rivista di Storia e Letteratura Religiosa", 19, 1983, 216-228.

SANDARS, Nancy K. - *The Sea Peoples. Warriors of the ancient Mediterranean1250-1150BC* , Revised Edition, Londres, Thames and Hudson,1985.

SCHADEN, Otto J. - *Some Observations on the Sea Peoples* , "Studies in Honor of Tom B.Jones" , Kevelaer, Butzon & Bercher Verlag, 1979, 143-155, (Alter Orient und Altes Testament, 203).

SCHAEFFER, Claude F.A. - *Commentaire sur les lettres et documents trouvés dans les Bibliothèques privés d´Ugarit* , "UGARITICA", V, Paris, 1968, 606-768,

SCHEDL, Claus - *Storia del Vecchio Testamento, I: Dalle origini all´epoca dei Giudici* , Roma, Edizioni Paoline, 1959.

SCHMIDT, Wernwer H. - *Introducción al Antiguo Testamento* , Salamanca, Ed. Sigueme, 1983.

SHANKS, H.; DEVER, W.G.; HALPERN, B.; MCCARTER, P.K. -*The rise of ancient Israel* , Washington, Biblical Archaeology Society, 1992.

SICRE, José Luis - *Los origenes de Israel. Cinco respuestas a un enigma histórico* , "Estudios Bíblicos", 46, 1988, 421-456.

SIMIAN-YOFRE, Horacio - *El desierto de los dioses. Teologia e Historia en el libro de Oseas* , Córdova, Ediciones El Almendro, 1993.

SINGER, Itamar - *The Begining of Philistine Settlement in Canaan and in the Northern Boundary of Philistia* , "Tel Aviv", 12. 1985, 109-122.

SINGER, Itamar - *Merneptah´s Campaign to Canaan and the Egyptian Occupation of the Southern Coastal Plain of Palestine in the Ramesside*

Period , "BASOR", 269, 1988, 1-10.

SINGER, I. - *The Origin of the Sea Peoples and their Settlement on the coast of Canaan* , HELTSER, M.; LEOINSKI, E. - *Society and Economy in the Eastern Mediterranean ca. 1500-1000 BC* , Lovaina, 1988, 239-250.

SINGER , Itamar - *How did the Philistines enter Canaan? A Rejoinder*, "BAR", XVII, 6, 1992, 44-46.

SMOLENSKI, T. - *Les peuples septentrionaux de la mer sous Ramses II et Minéptah*, , "Annales du Service des Antiquités de l´Égypte", XV, 1916, 49-93.

SOGGIN, J. Albert - *Le Livre de Josué* , Neuchatel, Labor et Fides, 1970 (CAT, V a).

SOGGIN, J. Alberto - *Storia d`Israele* , Brescia, Paideia Editrice, 1984.

SOGGIN, J. Alberto - *I testi vetero-testamentari sulla conquista della Palestina* , "RiBi". 28, 1980, 45-57.

SOGGIN, J. Alberto - *Storia d´Israele* , Brescia, Paideia Editrice, 1984.

SPANUTH, Jürgen - *Die Philister, das unbekannte Volk. Lehrmeister und Widersacher der Israeliten* , Osnabrück, Otto Zeller Verlag, 1980.

STAGER, Lawrence E. - *Merenptah, Israel and Sea Peoples. New Light on an old Relief*, "Eretz Israel", 18, 1985, 56-64.

STAGER, Lawrence E. - *When Canaanites ans Philistines ruled Ashkelon* , "BAR", XVII, 2, 1991, 24-43.

STELLA, L.A. - *Chi furono i Popoli del Mare?* , "Rivista di Antropologia", 39, 1951-52, 3-17.

STELLA , L.A. - *Il poema di Ulisse* , Florença,1955.

STERN, Ephraim - *DOR. Les maitres de la mer* , "Le Monde de la Bible", 79, 1992 , 33-40.

STERN , Ephraim - *The Many Masters of Dor . Part I - When Canaanites became Phoenician Sailors* , "BAR", XIX, 1, 1993, 23-31, 76-78.

STERN , Ephraim -*The many masters of Dor - Part II: How bad was Ahab?* , "BAR", XIX, N°2, 1993,18-29.

STERN, Ephraim - *The many masters of Dor - Part III: The persistence of phoenician culture* , "BAR", XIX, 3, 1993, 38-49.

STERN, Menahem - *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism* , 3 Vols., Jerusalém, The Israel Academy of Sciences and Humanities, 1974, 1980, 1984.

STEWART , Andrew - *A death at Dor* , "BAR", XIX, 2, 1993, 30-36.84.

STIEGLITZ, Robert - *Inscribed Seals from Tel Ashdod: The Philistine Script?*, "Kadmos", 16, 1977, 97s.

STROBEL, August - *Der Spaetbronzezeitliche Seevoelkersturm zu*

Forschungsueberblick mit Folgerungen zur biblischen Exodusthematik , Berlim, Walter de Gruyter, 1976, (BZAW,145).

TADMOR, Hayim - *Philistia under Assyria Rule* , (Inscrições de Adad-Nirari, Tiglatpileser, II, Sargon, Senaquerib), "Biblical Archaeologist", XXIX, 1966, 80 - 102.

TAVARES, A. Augusto - *As civilizações pré-clássicas. Guia de estudo* , Lisboa, Editorial Estampa,1981.

TAVARES, António A. - *Os hebreus perante a ofensiva assíria desde 746 a 722 AC (Queda da Samaria)* , "Didaskalia", 12, 1982, 85-107

TAVARES, Aantónio Augusto - *Instituições democráticas nas cidades cananeias da Idade do Bronze (à luz da arqueologia e da escrita)* , "Revista de História Económica e Social", Nº 20, 1987, 65-76.

TAVARES, A. Augusto - *Economia e História Antiga* , Lisboa, Editorial Presença,1987.

TAVARES, A. Augusto - *Impérios e Propaganda na Antiguidade* , Lisboa, Ed. Presença, 1988.

TAVARES, A. Augusto - *Fenícios e Massienos (Mesek) no sul da Península Ibérica*, "Estudos Orientais", IV, Lisboa, UN/ Instituto Oriental, 1993,13-22.

TAYLOUR, Lord William - *The Mycenaeans* , Revised and enlarged edition, Londres, Thames & Hudson, 1991.

TESTA, Pe. Emanuele - *Genesi* , 2 Vols, "La Sacra Bibbia", Turim/Roma, Marietti, 1969-1974.

TESTA, Emanuele - *Dal Egitto a Canaan . Le chiamate di Dio alla libertà* , Assis, Studo Teologico "Porziuncola",1975.

TAYLOUR, Lord William - *The Mycenaeans* , Revised and enlarged Edition, Londres, Thames and Hudson,1990

TOVAR, António - *História del Antiguo Oriente* , Barcelona, Montaner y Simon,1970

TRAUNECKER , Claude - *Les Dieux de l´Égypte* , Paris, PUF , 1992, ("Que sais-je?,1194").

TREBOLLE BARRERA, Julio - *La liberación de Egipto y la liberación de Canaan. Sociologia biblica y teologia biblica* , "Palabra Y Vida", Homenaje a José Alonso Diaz en su 70 cumpleaños , Madrid, Publicaciones de la Universidad Pontificia Comillas, 1984, 259-268.

TREUIL, René, e outros - *Les Civilisations Égéennes du Néolithique et de l`Age du Bronze* , Paris, PUF, 1989, ("Nouvelle Clio, 1 ter").

TUBB, Jonathan N. - *The role of the Sea Peoples in the Bronze Industry of Palestine/ Transjordan in the Late Bronze.Early Iron Age*

Ttransition , CURTIS, John, Ed.) - *Bronze-Working Centres of Western Asia, 1000-539B.C* , Londres/ N.Iorque, Regan Paul International,1988, 251-270.

TUBB, Jonathan N.; CHAPMAN, Rupert L. - *Archaeology and the Bible* , 2ª Ed., Londres, British Museum Press,1991.

USSISHKIN, David - *Lachish - Key to the Israelite Conquest of Canaan*, "BAR", XIII,1,1987,18-39.

VALBELLE, Dominique - *Les Neuf Arcs. L´ Égyptien et les étrangers de la Préhistoire à la conquête d´Alexandre* , Paris, Armand Colin, 1990.

VANDERSLEYEN, Claude - *Le Dossier égyptien des Philistins,* LEPINSKI, E. Ed) - *"The Land of Israel: Cross-Roads of Civilizations,* Lovaina, 1985, 39-54 (Orientalia Lovaniensia Analecta,19).

VÁRIOS - *Von Ugarit nach Qumran. Beitraege zur alttestamentlichen und altorientalischen Forschung* , "Otto Eissfeldt zum 1. September 1957 dargebracht" , Berlim, 1961 (BZATW, 77). VÁRIOS - *Estado y clases en las sociedades antiguas* , Madrid, Akal Editor, 1982.

VÁRIOS - *The Cambridge Ancient History , II, Part 2: The Middle East ans the Aegean Region c.1380 - 1000 B.C.* , 3ª Ed., Cambridge, Cambridge University Press,1990.

VÁRIOS - *Tartessos* , Madrid, "Revista de Arqueologia", Extra Nº 1,1986.

VATIONI, F. - *I Sigilli ebraici* , "Bi", 50, 1969, 357-388.

VERCOUTIER , Jean - *L´Égypte ancienne* , 13ª Ed., Paris, PUF, 1990, "Que sais-je?", 247,

VICENTELLI, I. - *Appunti sulle nuove proposte di localizzione di Caphtor/Keftiu* , "Studi micenei ed egeno anatolici", 24, 1984, 263-269.

VICH, Sergi - *Los pueblos del Mar* , "Historia y Vida", XXIII, 1990, 70-76.

VOGEL, E. K. - *Bibliographia of the Holy Land Sites* , I, Jerusalém, HUCA, 42, 1971, 1-96; II, 52, 1982, 1-92.

VUILLEUMIER, René; KELLER, Carl-A. - *Michée, Nahoum, Habacuc, Sophonie* , 2ª Ed., Genebra, Labor et Fides, 1990 (Commentaire de l´ Ancien Testament, XIb).

WAINRIGHT, G.A. - *Some Early Philistine History* ,"Vetus Testamentum", IX,1959, 73.84.

WAINRIGHT, G. A. - *Some Sea-Peoples* , "JEA", 47, 1961, 71-90.

WALDBAUM, J. - *Philistine Tombs at Tell Fara and Their Aegean Prototypes* , "American Journal of Archaeology", 70, 1966, 331-340.

WALLE, Van de - *Inscriptions égyptiennes* , "DBS", XIX, 448-449.

WARD, William; SHARP JOUKOWSKY, Martha (Eds.) - *The Crisis Years:*

The 12 th. Century B.C., Dubuque, Kendall/ Hunt Publishing, 1992.

WEIMAR, P. - *Die Jawehkriegserzaehlungen in Exodus 14, Josua 10, Richter 4, und 1 Samuel 7* ,"Bi", 57, 1975, 38-73.

WEINFELD, M. - *Deuteronomy and the Deuteronomic School,* 2ª Ed.. Oxford, Clarendon Press, 1982.

WEIPPERT, M. - *Die Landnahme der israelitischen Staemme in der neueren wissenschaftlichen Diskussion. Ein kritischer Bericht* , Goettingen,1967, (FRLANT, 92).

WEIPPPERT , M. - *Semitischen Nomaden des zweiten Jahrtausendes. Ueber die Shassu der aegyptischen Quellen* , "Biblica", 55, 1974, 265-280.

WIDMER, W. - *Zur Darstellung der Seevoelker am grossen Tempel von Medinet Habu* , "Zeitschrift fuer Aegyptische Sprache und Altertumskunde", Berlim, 102, 1975, 67-77.

WILSON, John A. - *La cultura egipcia* , 11ª, Madrid, Fondo de Cultura Económica,1988 (Trad. do inglês).

WISEMAN, Donald J. (Ed.) - *Peoples of Old Testament Times,* Londres,1973.

WISEMAN, J. (Ed.) - *Peoples of Old Testament Times* , Oxford, Clarendon Press, 1973.

WOLFF, Hans Walter - *Antropologia del Antiguo Testamento,* Salamanca, Ed. Sigueme, 1975.

WOOD, Bryant G. - *Did the Israelites Conquer Jericho?*, "BAR", XVI, 2, 1990, 44-56.

WOOD, Bryant G. - *The Philistines enter Canaan* , "BAR", XVII, 6, 19991, 44-58.89-92.

WOUDSTRA, Marten H. - *The book of Joshua* , Michigan, William B. Eerdmans Publishing Company, 1981 (The International Commentary on the Old Testament).

WRIGHT, G.Ernest - *Arqueologia Biblica* , Madrid, Ediciones Cristiandad,1975 (Trad. do inglês).

WRIGHT, G.E. - *Fresh Evidence for the Philistine Story*, "BA", XXIX, 1966, 110-134.

YADIN, Ygael - *Hazor:"The head of all those kingdoms": Joshua 11,10 with a chapter on Israelite Meggido* , Londres, O.U.P., 1972.

YADIN, Yigael - *Is the Biblical Account of the Israelite Conquest of Canaan Historically Reliable ?* , "BAR", VIII, 2, 1982, 16-23.

YEIVIN, Shmuel - *The Israelite Conquest of Canaan* , Istambul, Nederlands historisch-archaeologisch Institut , 1971.

YON, Marguérite - *Dictionnaire illustré multilingue de la céramique*

du Proche Orient Ancien , Leão, Maison de l´Orient, 1981, (Institut Français d´Archéologie du Proche Orient).

YURCO, Frank J. - *3,200 Year-old Picture of Israelites Found in Egypt* , "BAR", XVI, 5, 1990, 20-38.

ZERTAL, Adam - *Israel enters Canaan. Following the pottery trail . Manassah Survey* , "BAR", 17, 5, 1991, 28-49, 75.

ZORELL, Franciscus - *Lexicon Hebraicum et Aramaicum Veteris Testamenti* , Roma, Pontificium Institutum Biblicum, 1963.

HEBREUS E FILISTEUS NA TERRA DE CANAÃ

- Nos pródromos da questão hebraica -

I

DA TERRA DE CANAÃ À PALESTINA

Em estudo recente, perspicaz e bem documentado, talvez algo convencido, Alessandra Nibbi [1] chamava a atenção dos estudiosos para os equívocos que a aceitação e o uso, frequentemente generalizados, de nomes como Canaã e Cananeu acarretam. De facto, nomes como estes não se podem usar como se indicassem um país, um povo, uma língua, uma cultura, segundo os nossos conceitos modernos. Todavia, era, realmente, assim que pensavam muitos arqueólogos e historiadores de tempos bastante próximos de nós. Para eles, Canaã indicava, pura e simplesmente, a Palestina, a Terra Prometida aos judeus, o Israel unificado do tempo da monarquia davídico-salomónica. É neste sentido que Aharoni [2] e muitos estudiosos israelitas tendem, ainda hoje, a designar por Canaã e Cananeu toda a terra da "Palestina" e sua cultura desde 3200 AC até à conquista dos hebreus sob a chefia de Josué, cerca de 1200 AC. É a isto, exactamente, que ele chama, do ponto de vista arqueológico, "The Canaanite Period".

Para se determinar o significado e alcance do conceito Canaã e Cananeu não basta ater-se às informações da Bíblia hebraica; e, mesmo que se recorra a fontes extra-bíblicas, necessário é, sempre, procurar a verdadeira dimensão dos nomes que essas fontes citam, tendo em conta a indeterminação dos seus conhecimentos. Parece, pois, que se deva alargar, como quer A.Nibbi, o nosso horizonte geográfico-cultural sobre

---

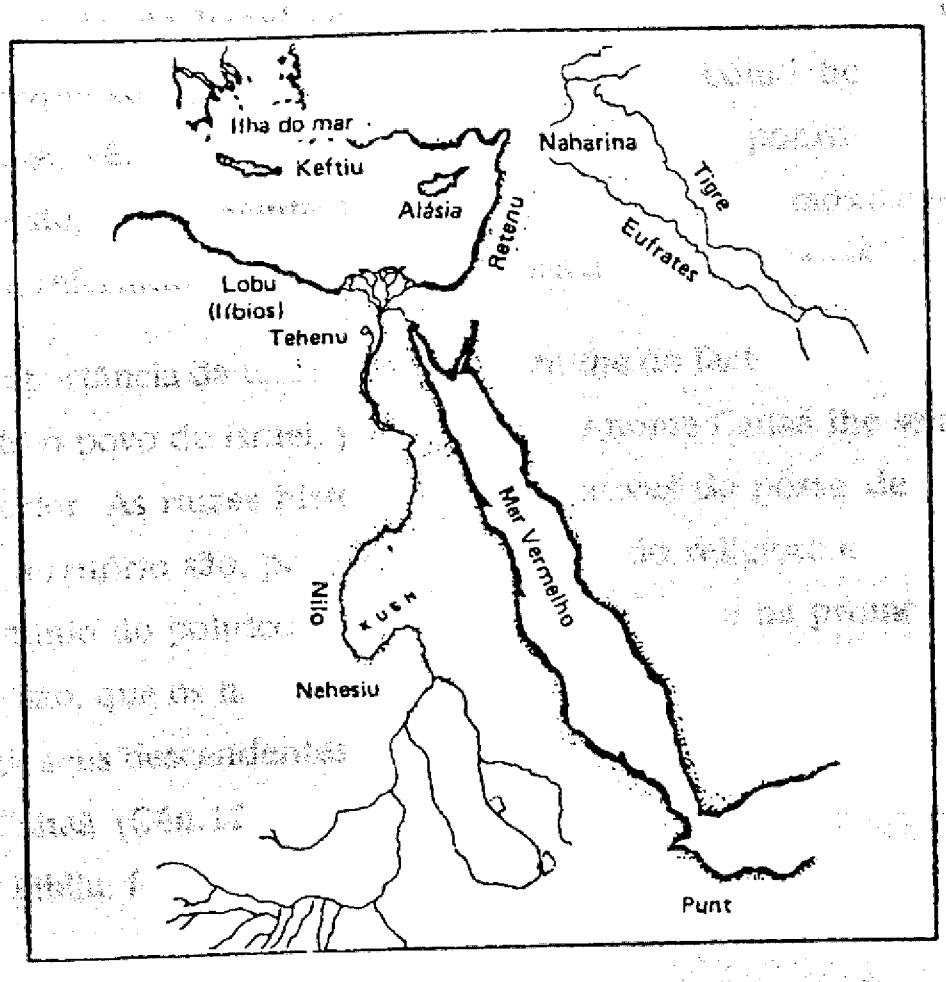
1 NIBBI,Alessandra - *Canaan and the Canaanites in Ancient Egypt*, Oxford, Discussions in Egyptology & D.E.Publications,1989.

2 AHARONI,Yohanan - *The Archaeology of the Land of Israel*, Philadelphia, The Westminster Press,1982.

Canaã, uma vez que já o livro bíblico de Josué (Jos.13,3) deixa entender que Canaã começava na área do delta do Nilo, no Egipto, em Shihor (Jos.13,3; I Cron.13,5; Is.23,3; Jer.2,18). Tal dedução poderia, mesmo, confirmar-se com Isaías (19,18) ao falar das cinco cidades filisteias em Canaã. E a dita autora justifica-se dizendo que Shihor também se chamava "Águas de Horus". De facto, Shihor (Jos.13,3; I Crón.13,5; Is.23,3; Jer.2,18) corresponde ao egípcio Sh-Hr (Lago/Água de Hórus) e este anda associado a W3t-Hr (Caminho de Hórus). Designava os pântanos lacustres, a norte da moderna Qantara, na distância de cerca 25 Km., isto é, águas do Nilo, as quais nunca chegaram a El Arish, considerada, geralmente, como fronteira ou limite do Egipto em relação a Canaã. Shihor deveria, portanto, situar-se num espaço ou lugar até onde cheguem as águas pantanosas do rio Nilo. Para A.Nibbi, esse lugar quadraria bem com o actual El Gena´an, no meio dos canais do Delta, nome que, efectivamente, poderia ser uma corruptela do nome Canaã, P´KN`N, segundo o hieroglifo egípcio.

Pretende também a sobredita autora que os sucessivos mapas do Egipto registam e assinalam nomes aproximados, que derivam de Canaã, supondo, dessa forma, que Canaã começava logo junto à faixa costeira do delta do Nilo e que, dali, é que teriam partido os cananeus para norte, para a região que, depois, se havia de chamar "Palestina". Recorre, para isso, a textos bíblicos, que, segundo ela, identificam Canaã com uma região costeira (Núm.13,29; Dt.1,7; Jos.5,1; Sof.2,5-7). Contudo, a nosso ver, talvez esteja aqui o primeiro equívoco duma tese, que, aparentemente, se julgaria muito bem alicerçada em fontes egípcias mas esquecendo que os cananeus bem poderiam, antes, ter descido do norte para o Egipto, e que a "Palestina" (Filisteia) dos textos bíblicos, que não Canaã, é apenas a região sudoeste de Canaã.

EGIPTO // CANAÃ= RETENU



Diga-se, desde já, que a tese de A.Nibbi é bastante bizarra mas suficientemente arguta para nos fazer compreender e aceitar que a terra de Canaã constitui um problema complexo e real. Julgamos, pois, que tal deve ser realçado, logo à partida, para não se cair em simplificações geográficas, históricas, culturais e étnicas. Afinal, que era Canaã? Quem eram os cananeus?

1º Onomástica da terra de Canaã

Generalizou-se o costume de chamar Palestina à terra de Canaã. Mas, a terra, que, habitualmente, chamamos Palestina e que agora engloba o estado de Israel com os territórios ocupados, tem uma história complicada do ponto de vista político, como hoje ainda claramente se vê, e uma tradição emaranhada do ponto de vista cultural. É este, precisamente, o ponto formal que queremos salientar nesta alínea, referindo-nos aos antigos nomes da terra de Canaã.

A importância da terra de Canaã vem-lhe do facto de nela se ter estabelecido o povo de Israel, por mais que o nome Canaã lhe seja, de longe, anterior. As raizes históricas, justificativas da posse de Israel sobre este território são, porém, mais do foro do religioso e teológico que do domínio do político e militar. Elas baseiam-se na promessa de Deus a Abraão, que os hebreus consideram seu Patriarca na raça e Pai na fé. Como seus descendentes, é que eles se arrogam o direito sobre a terra de Canaã (Gén.12,1-4). A promessa inicial de Deus a Abraão, segundo a Bíblia, foi depois renovada a Moisés e, através dele, ao povo hebraico que libertara da escravidão do Egipto: "Deus disse a Moisés: Eu sou o Senhor. Apareci a Abraão, a Isaac e a Jacob, como o Deus todo poderoso, mas não lhes dei a conhecer o meu nome de Javé. Firmei também a minha aliança com eles, a fim de lhes dar a terra de Canaã, a terra das suas peregrinações, onde residiram como estrangeiros. Ouvi os gritos dos filhos de Israel, que os egípcios mantêm na escravidão, e recordei-me da minha aliança" (Ex.6,2-5). É precisamente este o texto básico da missão de Moisés, como caudilho do povo hebreu a caminho da Terra Prometida, outrora, por Deus aos Patriarcas de Israel, terra essa que, neste texto, se chama apenas "terra de Canaã". Todavia, já antes, aquando da promessa originante de Deus a Abraão, se dizia,

expressamente, que "os cananeus viviam, então, naquela terra" (Gén.12,6). A tradição hebraica antiga conservava, sem dúvida, a ideia e a memória de que a Terra Prometida era, de facto, a terra de Canaã.

É evidente que os textos bíblicos nos colocam na perspectiva e no contexto da história religiosa do povo de Israel, como Povo Eleito de Deus. É este, em verdade, o sentido veiculado pela Bíblia e sempre recordado e celebrado na liturgia judaica. Por ele se faz a História da Salvação e, consequentemente, a teologia da Terra Prometida, que não a história política de Israel, como exigem os critérios científicos da moderna historiografia. Mas, aquilo que, de início, poderia pôr em causa o facto histórico da posse de Canaã por Israel, na realidade, não lhe tira valor, embora levante problemas. Como quer que seja, sempre, na Bíblia hebraica, a terra, para onde Moisés devia levar do Egipto o seu povo, é chamada "terra de Canaã" e, como tal, aparece dezenas de vezes na Bíblia. Qual seria, porém, o seu verdadeiro nome no século XVIII AC quando, conforme se calcula, teria vivido Abraão, e no séc.XIII AC, quando ali se instalaram os hebreus depois das conquistas de Josué ?

1.1.- Grafia do nome "Canaã"

Nas suas referências à "terra de Canaã" a Bíblia não está só; há outras fontes, extra bíblicas, dos povos e impérios das vizinhanças, mais antigas, talvez mais históricas porque menos marcadas pela visão religiosa e, por isso mesmo, sem denotação de carga sobrenaturalizante ou, pelo menos, sem essa suspeita.

1º Fontes de Mari [3] - Mari era uma antiga cidade da zona babilonense, junto ao curso médio do rio Eufrates. Identificada com Tell

---

[3] *Mari* ,"Dictionnaire Encyclopédique de la Bible", Turnhout, Brepols/ Ab. de Maredsous, 1987, 790; MALAMAT, Abraham - *Mari and the Early Israelite Experience* , Nova Iorque, Oxford University Press, 1992.

Hariri, no actual Iraque, ali se fizeram, desde 1934, grandes escavações arqueológicas. Descobriu-se, assim, um autêntico arquivo real com muitas tabuinhas em escrita cuneiforme, semítica, de carácter jurídico, administrativo, comercial e, até, a correspondência diplomática. Todo esse material é da máxima importância não só para o estudo da sociedade local (cfr. Código de Hammurabi), mas também para as relações entre Mari e outras regiões, com particular interesse para o confronto com certos dados bíblicos da era patriarcal.

Ali, o nome de Canaã surge pela vez primeira, em forma adjectival, numa carta datada do séc.XVIII AC, como bem demonstrou Dossin[4]. Nessa carta, o termo *cananeus* indica uma categoria de pessoas, "comerciantes, ladrões, mercenários". Refira-se, entretanto, que também um texto do faraó egípcio Amenófis II (1450-1425 AC), falando de cananeus, alude a uma categoria de pessoas, possivelmente mercadores, e não a um grupo étnico, como se dirá mais abaixo.

Eis o texto da carta de Mari, linhas 9-13, dirigida por um oficial militar a Iamash-Addu, vice-rei de Mari:

"Salteadores e Cananeus (Kinahnu) estão instalados em Rahisum; nós e eles nos observamos. Os soldados vão bem; que o coração do meu senhor não se inquiete por causa dos soldados"[5].

2º Fontes Acádicas [6] - Modernamente, nos meios científicos do Médio Oriente, chamam-se "fontes acádicas" os documentos que provêm do antigo reino de Akkad, fundado por Sargão I (2235 -2180 AC) a

---

4 DOSSIN,Georges - *La civilisation de Mari*, Paris, XV° Rencontre Assyriologique Internationale, Liège, 1967; LIVERANI,M. - *Antico Oriente. Storia, Società, Economia*, Bari, Ed. Laterza, 1988, 372-402.

5 *Israel e Judá. Textos do Antigo Médio Oriente*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1985,17.

6 *Akkad*, "DEB", 29; LIVERANI,M. - *O.c.* 232-264.



LONDRES, Museu Britânico : Estátua do rei IDRIMI de Alalah, com cerca de 1 metro de altura e inscrição de 101 linhas, datada do séc. XV AC.

norte de Babilónia e que, depois, se estendeu até ao sul da mesma. Estão esses documentos escritos em caracteres cuneiformes e, agora, o designativo "acádico" superou o de "assírio-babilonense" para

FACULDADE DE LETRAS
BIBLIOTECA
PORTO

indicar o conjunto dos dialectos semíticos, assírios e babilonenses, que serviram, durante muito tempo, de língua diplomática internacional.

O primeiro documento acádico em que aparece a palavra Canaã, aliás "país de Kinani" é a célebre inscrição da estátua de Idrimi [7], rei de Alalah (Alalakh), cerca de 1470/1460 AC, do qual se diz que teria fugido para o "país de Kinani", isto é, Canaã. Teríamos, pois, aqui, a primeira referência explícita, de carácter topográfico, indicando um nome de terra.

Ainda em documentos acádicos, a expressão "país de Kinani" aparece em três tabuinhas cuneiformes de Alalah, o actual Tell Asana, na clássica região de Antioquia da Síria, junto à curva do rio Orontes, a qual teria sido destruida pelos chamados "Povos do Mar" em finais do séc.XII AC [8]. Dessas tabuinhas [9] convém salientar os números 48,5; 154,26; 181,9.

3º Cartas de Tell El Amarna [10] - Tell El Amarna é um sítio arqueológico do antigo Egipto, situado na margem direita do Nilo, cerca de 300 Km. a sul do Cairo. Corresponde à antiga cidade de Akhetaton, a capital de Akhenaton ou Amenófis IV (1379-1362 AC), o rei herético do culto solar do deus Aton. Contam-se, para já, 379 tabuinhas de barro,

---

7 PRITCHARD,James B. - *Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament*, 3ª ed., Princeton, Princeton University Press, 1969, 557-558; IDEM - *The Ancient Near Easter. An Anthology of Texts and Pictures*, II Vol., Princeton, Princeton University Press, 1973, 96-99; KEMPINSKI,A.; NE`EMAN,N.- *The Idrimi Inscription reconsered*, Tel Aviv, Publication of the Institute of Archaeology, Tel Aviv University/History and Historical Geography, 1973, 2, 211-220 (hebraico); SMITH,Sidney - *The Statue of Idrimi*, Londres, British Institute of Archaeology in Ankara, 1949.

8 *Alalah*, "Enciclopédia de la Bíblia", I Vol., Barcelona, Ed. Garriga, 1963, cols. 293-295.

9 LOEWENSTAMM, S.E. - *Notes on the Alalah Tablets*, "Israel Exploration Journal", 6, 1956, 217-225; WISEMAN, D.J. - *The Alalah Tablets*, Londres, British Institute of Archaeology in Ankara,1953.

10 *El Amarna*,"DEB",394-395.

escritas em acádico cuneiforme de extraordinária importância para o conhecimento do Médio Oriente no séc.XIV AC. Nesses documentos, várias vezes se refere o país de Kinahni, Kinahhi, Kinahi[11]. Certamente que o gentilício Kinahhi ou Kinahi se deve traduzir por Cananeus. Mais tarde, o faraó Ramses II (1304-1237 AC), em carta escrita em acádico ao rei Hatusil III (1279-1212 AC) do império hitita, usava a forma Kinahhi[12].

4º Textos de Ugarit [13] - Ugarit, identificada com Ras Schamra na costa síria, a 12 km. de Latáquia, é um notável sítio arqueológico. Foi sede dum progressivo reino cananeu, embora se discuta se deva ou não considerar-se dentro do espaço geográfico de Canaã, e teve grande importância no Médio Oriente como centro comercial, mesmo com as regiões marítimas, sobretudo Chipre. Durante tempo, portou-se como vassalo do império hitita, e sossobrou, certamente, com as invasões dos "Povos do Mar" (séc. XII AC). Os documentos abundantes aí descobertos são, sobretudo, de carácter administrativo e mitológico, escritos em língua ugarítica, que, nos meios científicos, é tida como aparentada com o semítico do noroeste, e, por isso mesmo, bastante próxima da língua

---

11 KNUDTZON, J.A. - *Die El Amarna Tafeln*, Leipzig, Vorderasiatische Bibliothek, 1915; IDEM - *Die El-Amarna-Tafeln mit Einleitung und Erlaeuterungen*, Aalen, Otto Zeller Verlagsbuchandlung, 1964; MORAN, William L.(Trad.) - *Les Lettres d`El Amarna*, Paris, Cerf,1987, "Littératures Anciennes du Proche Orient", 13; RAINEY, A.F. - *El Amarna Tablets 359-379: Supplement to J.A.Knudtzon - Die El-Amarna-Tafeln*, Alter Orient und Altes Testament, Nº 8; Cfr. "EA": 8,15.17.25; 14,11.26; 30,1; 109,46; 110, 49; 131.61; 137,76; 148,46; 151,50; 162,41; 367,8.

12 EDEL, Elmar - *KBo I 15+19, ein Brief Ramses II mit einer Schilderung der Kadesshlacht,"* Zeitschrift fuer Assyriologie", Berlim, 49, 1950,195-292.

13 *Ugarit*, "DEB", 1287-1290; CAUBET,Annie - *Claude Schaeffer,inventeur d`Ougarit*, BAUD, Michel (Dir.) - *Cités disparues*, Paris, Autrement, 1991,65-73; CUNCHILLOS-HARRI, Jesús Luís - *Estudios de Epistolografia Ugarítica*, Valencia, Institución San Jerónimo, 1989; LORETZ, Oswald - *Ugarit und die Bibel,Kananaeische Goetter und Religion im Alten Testament*, Darmstadt, 1990; RAMOS, José Augusto Martins - *Ugarit, Fenícia e Canaã: questões de metodologia e delimitação historiográfica*, "Cadmo", 1, 1992, 45-63; SAADÉ, Gabriel - *Ougarit, métropole cananéene*, Beirute, Imprimerie Catholique, 1979.

hebraica [14]. Uma carta, porém, escrita em acádico, publicada por J. Nougayrol, fala do país de Kinahi, o que nos aproxima dos textos de El Amarna (séc. XIV AC) [15].

5º Textos egípcios - Os textos egípcios do Império Novo (1567 - 1085 AC), sempre que se referem a Canaã, põem o artigo a anteceder o nome, escrevendo *P´ KN`N=O Canaã*, e designam o povo que aí habita por *KN`NW = Cananeus*. Ao todo, temos seis textos que vão do reinado de Amenófis II até ao fim da XXII dinastia (1450 - 730 AC).

6º Bíblia Hebraica - O texto hebraico da Bíblia, chamado "Texto Massorético", usa a palavra כנען //*KN`N=Kena`an*, quer para indicar o nome do hipotético epónimo (Gén.10,15;11,31), quer para designar o nome do país dos seus descendentes (Ex.15,15), chamando-lhe também "Terra dos Cananeus" (Ex.13,11) ou "Terra de Canaã"(Sl.104/105,11).

1.2 Significado do nome "Canaã".

Pressupondo que estamos diante dum nome semítico, legítimo seria perguntarmos qual a sua etimologia e qual o seu significado. Note-se que o grande especialista em assiriologia, B. Landsberger, por causa da relação do nome de Canaã com a cor da púrpura, em sumero e acádico, tenta provar que o nome Canaã vem do sumero. Estabelece, então, uma sequência semântica mostrando como se teria processado a evolução da palavra Canaã: em sumero *Gin.* em acádico *Ugni*, em

---

14 RAMOS,José Augusto Martins - *O sufixo verbal não-acusativo em hebraico antigo no contexto semítico do noroeste*, Lisboa, Dissertação de Doutoramento na FLUL, 1988 (policopiada); "Le Monde de la Bible", nº 20, 1981; nº 48,1987.

15 *Ugaritica*, V: "Nouveaux Textes",T.XVI, Paris,Imprimerie Nationale, 1968, 11-113. Cfr.nº 36 (Texto fragmentário duma carta do rei de Ugarit ao faraó).

ugarítico *`ignu*, em siríaco *Gena´an*, *Guna´an*, em grego *Kúanos* , pelo que se deveria escrever com *G* e não com *K* [16].

Apesar da diversidade gráfica do nome, o sábio e grande mestre, Pe.Roland de Vaux, O.P., opinava que a palavra Canaã é de origem semítica (semítico ocidental) e que deveria escrever-se com *ain* (KN`N), como se escreve em hebraico e ugarítico, e tal como os egípcios a transcreveram ou transliteraram[17]. Se o acádico e as cartas de El Amarna a transcrevem com *het* (KNHN), isso deve-se ao facto de essas línguas terem perdido o *ain* e, em seu lugar, usarem o *het* . Outras formas gráficas, tais como *Kna`*, *Kinah* , *Kinahi* , *Kinahhi* , *Kinahu* , *Kinani* devem considerar-se derivações do nome e gentilício. Por conseguinte, a forma correcta e autêntica do nome deve ser *KN`N* que a Bíblia, e bem , transcreve e vocaliza *KeNa`aN* (כנען), sem qualquer interferência da língua hurrita, ao contrário do que pensava Maisler [18].

1. 3 - Hipóteses do significado de "Canaã"

Para os filólogos, parece que se deve admitir a hipótese de que se trata dum nome semítico. Nesse caso, qual o seu significado? É que diversas propostas têm sido feitas, qual delas a mais imaginativa ou a mais válida.

1º *TERRA BAIXA?* O gramático Gesenius [19], certamente partindo da constatação de que, como diz a Bíblia, "o amorita habita a montanha,

---

16 MILLARD, A.R. - *The Canaanites*, WISSEMAN,D.J. (Ed.) - *Peoples of Old Testament Times*, Oxford, Clarendon Press, 1973, 74.

17 DE VAUX,R. - *Le pays de Canaan*, "Journal of the American Oriental Society", 88, 1968, 23-30; IDEM - *Histoire Ancienne d´Israel*, I Vol., Paris, J.Gabalda et Cie. Éditeurs, 1971, 123.

18 MAISLER, B. - *Canaan and the Canaanites*, "Bulletin of American School of Oriental Research", 102, 1946, 7-12.

19 GESENIUS, W. - *Thesaurus Linguae Hebraicae et Chaldeae*, T.I, Leipzig, 1835, 696.

o cananeu habita a borda do mar e o vale do Jordão" (Núm.13,29), deu-lhe a tradução de "terra baixa" que, apesar de contestada, teve bastante aceitação. Fá-la derivar da raiz *KN`* com *nun* epentético. *KeNa`aN* seria, assim, "regio depressa et humilis", isto é, terra baixa, por oposição a *´aRaM* , "terra elata et montana", isto é, terra alta e montanhosa. É óbvio que tais denominativos derivavam da própria natureza da região e não do nome dos povos que aí habitavam. De resto, quanto a esta explicação etimológica, poderia objectar-se dizendo que a raiz hebraica KN` é no *nifal* que significa "ser baixo, humilde". O *hifil* causativo significa "humilhar", ao passo que o aramaico usa a forma *qal* para significar também "humilhar".

2º *PAÍS DA PÚRPURA ?* Foi Speiser [20] quem deu esta tradução tão difundida, ao verificar que, em textos da antiga cidade de Nuzi [21], aparecia a palavra *Kinahhu* com o significado de tinta de púrpura. Speiser e, depois, Albright[22] concluiram que, em Nuzi, se indicava a púrpura com o nome de Kena`an por ela ser importada da terra de Canaã. De facto, já nos sécs. XV-XIV AC se fabricava púrpura em Ugarit, considerada terra de Canaã, e isso prova-se com um texto ugarítico e outro acádico [23]. É por isso que Speiser afirma que o nome da Fenícia,

---

20 SPEISER, E.A. - *The name Phoinikes*, "Language", XII, 1936, 121-136; IDEM - *The Hundred New Selected Nuzi Texts*, "Annual of American School of Oriental Research", XVI, 1936, 121-122.

21 *NUZI* , "DEB", 914-915. Esta antiga cidade de Nuzi foi descoberta e arqueologicamente explorada desde 1925 em Yorgan Tepe, 35 km, ao sul de Kirkuk, junto ao rio Tigre, no actual Iraque. Foi sede da cultura hurrita, séc.XV AC, tendo-se ali descoberto muitos documentos de carácter jurídico e administrativo,que poderão fornecer interessantes paralelos para o estudo da época dos Patriarcas bíblicos. Cfr. RACHET, Guy - *Dictionnaire de l´Archéologie*, Paris, Ed.Robert Laffont, 1983, 680-681.

22 ALBRIGHT, William Foxwell - *The role of the Canaanites in the History of Civilization*, LELAND,W.H. (Ed.) - *Studies in the History of Culture*, Menasha, 1942, 25 s.

23 MAISLER,B. - *Canaan and Canaanites*, "BASOR", 102, 1946, 7-12; Cfr. LANDSBERGER, B. - *Ueber Farben im Sumerischen und Akkadischen, "Journal of Cuneiform Studies"* , 21,1967,139-173.

que mais tarde emblematizará a terra de Canaã, vem do grego φοινιξ que quer dizer "púrpura" [24]. Aliás, também Homero na Ilíade e na Odisseia emprega o termo φοινικεσ como sinónimo de sidónios, os mais célebres habitantes da Fenícia. Curiosamente, porém, esta possível relação do nome de Canaã com a púrpura só se verifica nos textos de Nuzi, acima indicados, enquanto as línguas hebraica, ugarítica e acádica usarão o vocábulo *´argaman* para designar a púrpura. Por isso, embora a identificação púrpura = Canaã seja curiosa e bem achada, não se encontra fundamento linguístico para tal aproximação vocabular, por mais que conheçamos nomes de mercadorias orientais com nomes da terra da sua proveniência (cfr. os panos "damascos" de Damasco e as "musselinas" de Mussul).

3º *COMERCIANTE ?* Em alguns textos da Bíblia Hebraica (Prov.31,24; Jb.40,30; Ez.17,4; Zac.14,21), o adjectivo *cananeu* indica, às vezes, o comerciante da Fenícia ou, simplesmente, o comerciante; todavia, estes textos são de época tardia, quando os fenícios-cananeus dominavam o comércio da costa mediterrânica. Não se pode, porém, deixar de referir, por paralelismo, a estela do faraó Amenófis II (1450-1425 AC), encontrada em duplicados de Karnak e Mênfis [25], a qual cita uma lista de prisioneiros estabelecendo entre eles uma escala de graduação social. Aponta, de facto, os *mariannu*, espécie de aristocracia militar, e, depois, refere os *cananeus* e seus familiares. Pelo contexto, parece que não se trata de grupos étnicos mas de categorias sociais. Mas, talvez aqui, ainda possamos dizer que estes prisioneiros são chamados cananeus por virem de Canaã, até porque a raiz *KN* não tem qualquer conotação comercial.

---

24 Cfr. nota 20.

25 EDEL, Elmar - *Die Stelen Amenophis II aus Karnak und Menphis*, "Zeitschrift des Deutschen Palaestina-Vereins", LXIX, 1953, 98-176.

Advirta-se, por último, que o uso hebraico da palavra *cananeu*, como sinónimo de *comerciante*, documentalmente, deve ser resultante da expansão comercial desenvolvida pelos fenícios a partir da antiga terra de Canaã. Ela encontra-se na Bíblia, pela primeira vez, no profeta Isaías, séc.VIII AC, precisamente no oráculo contra Sídon, cidade importante dos fenícios: "Quem tomou esta decisão contra Sídon, cidade coroada, cujos comerciantes eram príncipes, cujos traficantes eram nobres da terra?"= מִי יָעַץ זֹאת עַל-צֹר הַמַּעֲנִירָה אֲשֶׁר סֹחֲרֶיהָ שָׂרִים כְּנַעֲנֶיהָ נִכְבְּדֵי-אָרֶץ, Is.23,8). E como não aproximar deste o texto de Ezequiel: "Multiplicaste as tuas prostitutas no país dos comerciantes, a Caldeia" = וַתַּרְבִּי אֶת-תַּזְנוּתַיִךְ אֶל-אֶרֶץ כְּנַעַן בַּשְׂדִּימָה, Ez.16,29) e ainda o de Sofonias: "Ai dos habitantes da costa marítima" (הוֹי יוֹשְׁבֵי חֶבֶל הַיָּם, Sof.2, 5), onde se faz a identificação entre "país dos comerciantes" e "costa marítima"?

Refira-se mais um texto do profeta Zacarias, segundo a versão grega dos LXX, onde se fala da "terra de Canaã" (Εισ την Χαναανιτιν, Zc.11,7.11), quando o texto hebraico fala apenas de "negociantes de ovelhas" (עֲנִיֵּי הַצֹּאן, Zac.11,11). Mas, para que se veja a diferença dos textos, eis as duas versões em português, numa tradução literal:

TM: Zac.11,7: וָאֶרְעֶה אֶת-צֹאן הַהֲרֵגָה לָכֵן עֲנִיֵּי הַצֹּאן "Pus-me a apascentar as ovelhas para o matadouro da parte dos negociantes de ovelhas"

LXX: Zac.11,7:και ποιμανω τα προβατα τησ σφαγησ εισ την χαναανιτην "Pus-me a apascentar as ovelhas de imolação para a terra de Canaã".

TM: Zac.11,11: וַיֵּדְעוּ כֵן עֲנִיֵּי הַצֹּאן הַשֹּׁמְרִים אֹתִי כִּי דְבַר-יהוה הוּא "e os negociantes de ovelhas, que me observavam, compreenderam que era Palavra do Senhor".

LXX: Zac.11,11: και γνωσονται οι χαναναιοι τα προβατα τα φυλασσομενα διοτι λογος κυριου εστιν = "e os cananeus conhecerão as ovelhas que devem ser guardadas, porque é Palavra do Senhor".

Aqui temos, portanto, um texto onde se faz a correlação entre cananeus=comerciantes, sem que possamos, criticamente, dirimir qual seja o mais primitivo.

De igual modo, um texto do profeta Jeremias usa a palavra *Kina`ah* com o significado de "fardo, peso": "Apanha da terra o teu fardo" ( אִסְפִּי מֵאֶרֶץ כִּנְעָתֵךְ , Jer.10,17). Com o significado de "fardo" , o sema *Kine`ah* é, sem dúvida, derivado de Canaã, terra que, nos tempos do profeta Jeremias, era, indiscutivelmente, por antonomásia, a terra dos comerciantes, mas com especial referência aos que nós chamamos fenícios.

Concluindo, podemos afirmar que Canaã, de per si, etimologicamente, nada tem a ver com comércio, e que a sinonímia de *cananeu=comerciante* é uma aproximação posterior, derivada da grande actividade comercial dos fenícios que, do ponto de vista geografico, ocupavam a parte norte da antiga terra de Canaã.

4º PAÍS DO OCIDENTE? Tal significado resultaria da aproximação *Canaã // Amurru,* que é a tradução acádica do designativo *Kamar-tu* com que os sumeros classificavam a terra de Canaã, já que era habitada pelos amorreus, que eles chamavam *MAR.TU,* isto é, "gente do ocidente". Contudo, não se pode dizer que Canaã seja uma simples tradução do acádico Amurru, que, este sim, à letra significa "país do ocidente", do oeste. Deste modo, tão pouco se pode dizer que

Canaã seja um nome dado por estranhos, situados a oriente, para indicar um "país do ocidente", onde o sol se põe [26].

5º PAÍS DE ANU? Foi G. Dossin [27] quem apresentou esta engenhosa explicação etimológica. *Kena´an* seria, então, um composto linguístico de origem sumera formado por *Kan+Anu* = "país de Anu".

Kan representaria uma forma apocopada da palavra paleo-babilonense *Kengen* (país), que estaria em vez de MAR.TU, e *Anu* seria o nome do deus do céu e da terra, o deus principal do panteão sumero. De facto, a palavra sumera *Kengen* reveste formas como *Kiengien, Kanaqqa, Ken, Kan, Kanam.* Para a formação de *Kana´an* ter-se-ia conservado o elemento Kan a que se juntou o elemento teofórico *`An* do nome do deus *`Anu* . Desse modo, surgiu o nome *Kena`an* (Canaã) a significar "país de Anu" que, depois, em Canaã=Israel, teria o seu correspondente em *Beth-El* (Casa de Deus), já que *El* era o nome do deus supremo do panteão cananeu.

Como dissemos, toda esta engenhosa explicação precisa de ser demonstrada, sob pena de não passar duma miragem etimológica criada pela homonímia de *Kengen = Kena`an* . De resto, porque é que `Anu havia de ser também deus e senhor da terra que se chamou Canaã, se ali não aparece nenhum santuário nem estatueta com o nome desse deus?

CONCLUSÃO: Depois de tudo o que foi dito e da resenha onomástica que acabámos de efectuar, podemos aceitar que CANAÃ seja um nome semítico, talvez autóctone, mas cujo significado continua, por

---

26 DE VAUX,R. - *HAI* , I, 124.

27 DOSSIN,Georges - *A propos de quelques toponymes égeens* ,"La toponymie antique", Estrasburgo, Université des Sciences Humaines de Strasbourg, 1977, 185-203.

enquanto, a escapar-nos. Todos os significados propostos não passam de hipóteses sugestivas sem real valor etimológico.

1.4. - Caleidoscópio onomástico posterior de Canaã.

A história posterior de Canaã, sobretudo depois da ocupação por Israel, apresenta uma teoria de nomes diferenciados, bíblicos e extrabíblicos [28].

1.4.1: Nomes bíblicos:

1º TERRA (Ha´ares = הָאָרֶץ*)* . É este o designativo por antonomásia, sem ajuda de qualquer determinativo, com que a Bíblia gosta de indicar a terra prometida por Javé ao seu Povo Eleito, aos Patriarcas e sua descendência para sempre (Gén.12,1.6.7). A certeza de que a posse da Terra é uma dádiva divina (*Mathan=* מָתַן) está expressa no solene juramento de Deus a Abraão: "À tua descendência darei esta terra" (Gén.12,7).

A palavra TERRA, assim estereotipada, aparece com frequência no livro dos Números (Núm.13,16.21.25.32; 14,6.7.30.31.34.36.37; 20,12; 26,53.55; 27,12; 33,52.53.54.55; 34,2; 35,10.14). Curiosamente, mas com foros de raridade, também se encontra em textos legislativos de influência sacerdotal (Ex.12,19.25.48; Lev.14,34; 18,25.27; 19, 9. 23.29, etc.).

Todo o Pentateuco abunda na ideia de que a Terra foi dada por Deus ao seu povo. Daí o uso frequentíssimo do verbo "dar" (נתן) , de que é emblemático o texto da promessa a Abraão, acima citado (לְזַרְעֲךָ אֶתֵּן-אֶת הָאָרֶץ). Por isso, será também Deus que *conduzirá* , isto é, fará

---

28 MOSCATI,Sabatino - *Sulla storia del nome Canaan* , Studia Biblica et Orientalia", III, 1959, 266-269 (Col."Analecta Biblica",12); DE VAUX, R. - *Le pays de Canaan,* "JAOS", 88, 1968, 23-30; IDEM - *HAI* , I, 123 s.

subir o povo para esta terra óptima = וְאֵרֵד לְהַצִּילוֹ ... וּלְהַעֲלֹתוֹ מִן-הָאָרֶץ הַהִיא-אֶל-אֶרֶץ טוֹבָה, Ex.3,8) ou o *introduzirá,* isto é, o fará vir para esta terra (וְהֵבֵאתִי אֶתְכֶם אֶל-הָאָרֶץ, Ex.6,8; 23,20; Núm.14,31).

Dar, conduzir, fazer entrar, introduzir são conceitos teológicos que os hagiógrafos bíblicos utilizam para explicar o facto histórico da ocupação hebraica da terra de Canaã como acção divina [29]. Não é, por isso, de admirar que fórmulas deste tipo sejam frequentes ainda nos profetas posteriores para indicar o regresso dos exilados em Babilónia à terra de Israel: Is. 14,2; 43,5; 56,7; 60,9; Jer. 23,8; Ez. 20,42; 36,24; 37,12.21; Sof.3,20; Zac. 8.8; 10,10). Factos semelhantes exprimem-se, deste modo, com linguagem e fórmulas semelhantes.

2º TERRA DE CANA`AN (ארץ כנען). Aqui, trata-se duma expressão composta, frequente na Sagrada Escritura, que alguns especialistas dizem ser própria da fonte Sacerdotal (P) do Pentateuco (Gén.11,31; 12,5; 13,2; 16,3; 17,8; 23,2.19;31,18; 33,18; 35,6, 37,1; 46,6; 48,3.7; 49,30; 50,5.13; Ex.6,4; Núm.13,2.17; 26,19; 33,51; 34,2; 35,10.14). Na realidade, porém, a expressão não é exclusiva da fonte P e, sem margens para dúvidas, encontra-se igualmente em outros textos de fonte discutível. Mas, fora do Pentateuco, a expressão é rara e só se encontra no Salmo 104,11 e no I Livro das Crónicas (16,8); em ambos os casos, porém, fazendo de caixa de ressonância ao texto do Génese (17,8) sobre a aliança de Deus com Abraão.

Poderíamos questionar-nos sobre o significado do determinativo "de Canaã". Neste caso, quererá ele significar que o texto do Pentateuco,

---

29 CORTESE, Enzo - *La terra di Canaan nella storia sacerdotale del Pentateuco* , Brescia, Paideia Editrice, 1972; LOHFINK,N.- *La promessa della terra come giuramento. Studio su Gen.15,* Brescia, Paideia Editrice,1975; VON RAD, G. - *Tierra Prometida y tierra de Yahvé en el Hexateuco,* "Estudios sobre el Antiguo Testamento", 2ª ed., Salamanca, Sigueme, 1982, 84-86.

onde aparece pela primeira vez, foi escrito fora da terra de Canaã, no Exílio de Babilónia? Ou que o redactor final se coloca nessa perspectiva para indicar o direito do povo hebreu à terra de Canaã, enquanto terra prometida por Deus aos Patriarcas? Será o determinativo "de Canaã" apenas um aposto de precisão geográfica, sem mais? A forma simplificada "Canaã" só aparece em Ex.15,15; é um "hapax"! Não poderíamos deixar de referir que a expressão "terra de Canaã" ainda aparece na história de José (Gén.42,5.7.13.29.32; 45,17.25; 46,6.31; 47,1.4), mas, nestes passos, talvez a forma composta seja intencional, porque toda a história de José se desenrola no Egipto, onde o sema "terra", sem mais, indica o próprio Egipto (Gén.42,30.34; 45,7), a terra do Egipto (Gén.41,19; 45,26; 47,6), de tão má recordação para os hebreus. Note-se, contudo, que o texto, por vezes, distingue claramente terra do Egipto e terra de Canaã (Gén.47,13.15).

3º TERRA DE PEREGRINAÇÃO ? (אֶרֶץ מְגוּרִים). Tal denominativo está relacionado com a ideia de *Ger* (=peregrino), que havia de criar um estatuto especial para os estrangeiros que habitassem na Terra Prometida aos hebreus[30]. *Ger* diz-se do estrangeiro que vive no país e não pertence à comunidade, a קְהַל יהוה (Dt,1,16; 24,17; 27,19).

A expressão "terra de peregrinação" é característica da fonte sacerdotal e, de per si, indica uma habitação precária, pouco duradoira, reportando-se à vida nomádica dos Patriarcas hebreus que se deslocavam ao sabor da transumância dos rebanhos, vivendo em Canaã como estrangeiros. *Ger* foram, por isso, Abraão (Gén.12,10; 17,8; 20,1; 21,23.24; 23,4), Isaac (Gén.26,3; 35,17; 37,1), Jacob (Gén.28,4; 32,5).

---

30 *Ger-Gur* , "Theologisches Woerterbuch zum Alten Testament " (Botterweck, G.Johannes; RINGGREN,Helmer.Eds.), Estugarda, Verlag W. Kohlhammer, 1973, cols.979-991; COHEN, Matty - *Le "Ger" biblique et son statut socio-religieux*, "Revue de l´Histoire des Religions", T. CCVII, 2, 1990, 131-158.

Esta mesma ideia de provisoriedade é confirmada pelo texto do profeta Ezequiel ao referir-se à residência precária e transitória dos hebreus no Exílio de Babilónia, feitos peregrinos como os Patriarcas: "Segregarei do vosso meio os rebeldes e aqueles que contra mim se revoltaram e os tirarei do país onde se estabeleceram (מגוריהם מארץ), e eles não entrarão na terra de Israel" (Ez.20,38). Todavia, a expressão aparece noutros passos, por associação de ideias, a indicar a estadia dos hebreus no Egipto até ao Êxodo (Ex.22,20; 23,9; Lev. 19,34; Dt. 10, 19. 23) . Do mesmo modo, e por extensão como que por sinédoque, indica a precaridade da vida do homem mesmo na Terra Prometida. É que a terra, qualquer que ela seja, não é pertença absoluta do ser humano mas de Deus (Lev.25,23; Sl.38/39,13) e, como diz a teologia cristã, o homem vive neste mundo como *viator* , autêntico peregrino.

4º TERRA DE HERANÇA // POSSE (אֶרֶץ נַחֲלָה // אֲחֻזָּה). Tal designativo traduz a ideia, sem dúvida de fonte sacerdotal, sugerindo que a atribuição da terra de Canaã aos hebreus é obra e graça de Deus. A fonte P é a única a ligar a ideia de posse da terra às promessas feitas aos Patriarcas (Gé.18,6), enquanto no Deuteronómio, através do termo *Naḥalah* (Dt.4,21.38; 12,9; 15,4; 19,10.14; 20,16; 21,23; 24,4; 25,19; 26,1; 29,7), a ideia de posse da terra e promessas aos Patriarcas nunca se interligam [31].

Relacionado com o tema de herança e posse, surge ainda o emprego de palavras de raiz ירש (Gén.28,4; Núm. 33,5) e o substantivo מוֹרָשָׁה (Ex. 6,8), quase equivalente a *ʾAhuzzah,* indicando, todavia, posse hereditária e perene. A avaliar pelo uso desta raiz no profeta Ezequiel (Ez.11,15; 33,24; 36,2.3.5), quer-nos parecer que ela mantem com esta fonte certa aproximação.

---

31 CORTESE,E.- *O.c.*, 79.

Digamos, pois, que o designativo "terra de herança // posse" implica, também ele, uma concepção teológica.

5º TERRA DOS HEBREUS (Gén.40,15). Certamente que este designativo deriva do facto consumado da ocupação de Canaã pelos hebreus.

O gentilício *hebreu* está ligado ao epónimo HEBER (Gén.10, 21. 24-25; 11,14-17; I Cron.1118-19.25), qualquer que seja a sua relação com os *Habiru // Hapiru* , como se verá. O que é certo é que, com o designativo de *hebreus* , distinguiam os israelitas "os seus irmãos" (Ex. 2,7.11.13; 21,2; Dt.15,12; Jer.34,9) dos outros povos.

Em Gén. 14,13 fala-se de "Abraão, o hebreu" (אַבְרָם הָעִבְרִי), que os LXX traduzem por "το περατη ", com certeza por julgarem que veio de "além do rio Eufrates" (נְהַר-פְּרָת Gén.15,18) ou de "Além do Rio" (עֵבֶר הַנָּהָר, Jos.24,2.14; cfr. Núm.24,24; II Sam.10,16; I Re.14,15; Is.7,20), sempre na perspectiva de quem está em Canaã e, portanto, a oeste do rio Eufrates. É que a expressão "além do Rio", durante o período persa, tornou-se o título oficial da 5ª satrapia que englobava a Síria, a Fenícia, a Palestina e Judá, isto, evidentemente, para quem estava do lado de lá do Rio, na Pérsia (I Re.4,24; Esd.4,10; 5,3).

6º TERRA DE ISRAEL (I Sam.13,19; Ez.7,2). Este denominativo é bastante raro mas, em compensação, é sobrevalorizado pela abreviação de ISRAEL. Este nome, de facto, tornou-se como que o nome por antonomásia da terra de Canaã quando habitada pelos hebreus. É ele que, modernamente, o estado de Israel reivindica como sua nomenclatura oficial no seio das nações independentes e soberanas. Israel teria sido um epónimo patriarcal hebraico, que acabou identificado com o patriarca Jacob: "Teu nome não será mais Jacob, mas

Israel, porque lutaste com Deus e com os homens, e venceste" (Gén.32,29). Tal é a etiologia onomástica da Bíblia, pelo que o prof. Garbini chega mesmo a afirmar que não se consegue explicar a falta da figura de Israel como patriarca, já que a identificação com Jacob é tardia e secundária [32].

É em I Samuel 13,9 que aparece pela primeira vez a designação Israel abrangendo o território das doze tribos hebraicas por oposição ao território dos cananeus e filisteus, os quais habitam em zona contígua. Mas há que distinguir o nome ISRAEL como nome de nação, o Reino do Norte ou de Israel com a capital na Samaria, e o nome ISRAEL como termo ideológico, quando, depois do Exílio de Babilónia passou a indicar o Israel qualitativo, a QAHAL do culto de Javé. Reservou-se, então, tal nome para o culto de Javé indicando o conjunto das leis e costumes que o Judaismo regressado de Babilónia erigia em padrão de "constituição" religiosa do povo, apresentando-se como verdadeiro detentor das promessas feitas a Jacob, o Israel Eleito de Javé. Sobretudo desde Esdras, este nome ganhou uma dimensão ideológica denotando a Gwlah (גאלה= Redenção) que observava íntegra e fielmente a Lei de Moisés proclamada por Esdras e, portanto, o "verdadeiro Israel". É nessa qualidade que a Comunidade essénica de Qumram se auto-denominará "Verdadeiro Israel" (I Qumran Seder,122; VIII,9).

Também se encontra a expressão "terra dos filhos de Israel" (Jos.11,22; I Crón.22,2; II Crón.2,17) como designativo de totalidade, abarcando os reinos de Israel e de Judá (I Re.2,20). Por sua vez, I Re.4,7 emprega a fórmula "todo o Israel" (כָּל-יִשְׂרָאֵל) para indicar a entidade geo-política, herdeira do reino unificado de David-Salomão. De facto, o

---

32 GARBINI,Giovanni - *I miti delle origini nell´ideologia ebraica* . " Le origini d´Israele". Congresso di Roma (10-11 Febbraio 1986), Roma , Academia Nazionale dei Lincei, 1987, 29-38.

dualismo divisionista verificou-se mais tarde, cerca de 930 AC, quando se operou a divisão efectiva de "todo o Israel" em *Reino de Israel ou do Norte*, com capital definitiva na Samaria, e *Reino de Judá ou do Sul*, com capital em Jerusalém (II Re.5,2; 6,23; II Crón.30,25-26; Ez.27,17), ou simplesmente ISRAEL e JUDÁ.

"Todo o Israel" (כָּל-יִשְׂרָאֵל), no sentido apontado, é uma designação tardia que reflecte a consciência da divisão dos reinos e todo o drama subsequente. Como tal, parece derivar das redacções deuteronomísticas ligadas a narrativas de guerra [33], aparecendo 16 vezes no livro de Josué e 7 vezes só no capítulo 10º do mesmo livro (Jos.3,7; 4,14; 7,24.25; 8,15.21.24.33; 10,15.29.31.34.36.38.43; 23,2). Para Martinho Noth [34], a história contínua de Deuteronómio-Reis teria sido escrita à luz da Lei de Dt. 4, 4 - 30, 20, em meados do séc.VI AC, cerca de 615 AC. Julgamos, pois, que a expressão "todo o Israel" é de marca deuteronomística e se reporta à visão grandiosa do Israel unificado dos tempos heróicos e "míticos" dos reis David-Salomão..

7º TERRA DE JUDÁ (JUDÁ/ JUDEIA). O designativo "terra de Judá" (I Mac.9,1; Mt.2,6; Cfr. Miq.5,1) a princípio, indicava o território da tribo de Judá (Jos.15,1-12; Jz.1,1-18), entre Jerusalém e Hebron, cujas cidades são nomeadas em Jos.15,20-63. Esse território, devido à sua configuração geográfica, chegaria mesmo a receber o nome de "montanhas de Judá" (Lc.1,65).

---

33 DANELL,G.A. - *Studies in the name Israel in the Old Testament*, Uppsala, Apelberg, 1946, 66-67; SCHONFIELD, John Noel - *"All Israel" in the deuteronomic Writters*, "Essays and Studies presented to S.A.Cook", Londres, Taylor´s Foreign Press, 1950, 25-34; Cfr. BRIEND,Jacques - *Israel and the Gabaonites*, "La Protohistoire de Israel", Paris, Cerf,1990,169; LANGLAMET, F. - *Gilgal et les récits de la traversée du Jourdain (Jos.III-IV)*, Paris, Gabalda, 1969, 68.

34 NOTH,Martin - *Ueberlieferungsgeschichtliche Studien.Die sammelnden und bearbeitenden Geschichtswerke in Alten Testament*, 3ª ed., Halle, Niemeyer, 1967; IDEM - *Storia d´Israele*, Brescia, Paideia Editrice, 1975.

É possível que Judá tenha sido a menos israelítica das tribos, inicialmente com pouca importância; acabou, porém, por impôr-se a todas as outras com David (Gén.49,8-12), que dela era oriundo. A partir de então, afirma-se a "casa de Judá" (בית יהודה II Sam.2,4.7.10.11) e é David quem a faz entrar na história do povo hebraico [35].

Com a divisão dos reinos, Judá passou a identificar o Reino do Sul, tendo a capital em Jerusalém (I Re.12; 14,21). Após a destruição de Jerusalém e o Cativeiro de Babilónia, Judá *(Yehud)* tornou-se o nome da província persa da 5ª satrapia (Esd.4,10; 5,3).

Constituido o Reino dos Hasmoneus[36], Judá atingiu a dimensão que antes se atribuia a "todo o Israel". Mas, quando os romanos conquistaram a região deram-lhe o nome de *Provincia Judaeae*, que já vinha da tradição helenística [37].

8º JUDEIA é uma forma adjectival substantivada, como já aparece no grego dos LXX (I Mac.9,50). Quando o senado romano dignificou Herodes com o poder real, a província foi dividida em tres partes (Judeia, Samaria, Galileia), como bem se sabe da geografia política do Novo Testamento. A partir daí, o termo Judeia *(Judaea)* passou a ter uma dimensão mais restricta, voltando, praticamente, a indicar as fronteiras da antiga tribo de Judá [38].

---

35 LEMAIRE,André - *La montagne de Juda (XIII-XI° siècle avant J.C.*, "La Protohistoire d´Israel", 293; LIPINSKI,E. - *Judah et "tout Israel":analogies et contrastes*, "The land of Israel: Cross-Roads of Civilisations", Lovaina, Peeters, 1985, 92-112. Cfr. ABEL,F.M.- *Géographie de la Palestine*, II, Paris, 1938, 46, 50, 88-93.

36 *Hasmoneus* ("DEB", 563-564) é o nome genérico com que ficaram conhecidos na história os reis da dinastia judaica oriunda de Simão Macabeu, desde João Hircano a Hircano II, (143-43 AC). Cfr.JOSEFO,Flávio - *Antiquitates Judaicae*, 11, 111; 12, 265

37 JOSEFO,Flávio - *Contra Appionem*, I, 22; IDEM - *A.J.*, passim.

38 ABEL,F.M. - *Géographie de la Palestine*, II, 135-137.

1.4. 2: Nomes extra-bíblicos:

Além do nome CANAÃ, e antes dele, já os egípcios empregaram o nome de *RETENU* e o de *HARU (HORU) HURU)*.

RETENU - é o designativo que nos referem vários documentos, bastante antigos, como o célebre texto da viagem-fuga de Sinuhé[39], datado do séc.XIX AC, os textos egípcios de execração [40], sécs.XIX-XVIII AC, e a estela de Ka-Mose [41] na guerra contra os Hicsos, séc.XVI AC.

O termo *RETENU* é geograficamente indeterminado, abrangendo a terra de Canaã na sua mais vasta extensão, isto é, aquilo que, hoje, de maneira genérica, se chamaria Síria e Palestina. Segundo Gardiner, RETENU é o país superior ("Highland country") de Canaan, incluindo o norte do que até agora se chamava Palestina, isto é a região da costa mediterrânica da Síria.

HARU (HORU // HURU) é outro nome antigo entre os egípcios, o qual deve relacionar-se com os Hurritas, povo que se sedentarizou a sul de Canaã, na zona de Edom, quase na fronteira do Egipto [42]. Talvez por isso, os egípcios terão sido levados a estender aquele nome aplicando-o a toda a região, desde o norte do Egipto até ao reino dos hititas, isto é, fazendo a cobertura do que antes se chamava RETENU. Provavelmente oriundos dos montes Zagros, na Arménia, os hurritas já aparecem

---

39 Sinuhé era um funcionário egípcio ao tempo do Império Médio que, voluntariamente, talvez com medo das perturbações políticas,se exilou para a Ásia,deixando a descrição da sua viagem por Retenu (Canaã) em forma autobiográfica. A história de Sinuhé constitui um dos pontos altos da literatura egípcia antiga. Cfr. texto : *ANET*, 18-22; *IJ*, 10-13.

40 Chamam-se assim certos textos de carácter mágico escritos em placas de barro e estatuetas, datados do Império Médio. Cfr. texto: *ANET*, 328-329.

41 Ka-Mose, rei de Tebas, foi o que pretendeu organizar a política de reconquista e expulsão dos Hicsos. A estela foi descoberta em Karnak, em 1954. Cfr.:*ANET*, 554-555; *IJ*, 18-20.

42 DE VAUX,R. - *Les Hurrites de l´histoire et les horites de la Bible*, "Revue Biblique", 74, 1967, 481-503.

referenciados num documento de Acad, ao tempo de Sargon I, cerca de 2400 AC, e, pela onomástica, vê-se que não eram semitas. É possível que se tenham espalhado para sul, até ao Egipto, com a invasão dos Hicsos. Nos sécs. XIV-XIII AC, constituem um elemento étnico importante entre os habitantes de Canaã, como se sabe pelas cartas de El Amarna e tabuinhas de Taanak, escritas em acádico. Devem ter pertencido ao grupo de povos com os quais os hebreus se tiveram de confrontar quando chegaram a Canaã. A Bíblia apresenta os hurritas como filhos ou descendentes de Esaú, chamando-os edomitas (Gén.14,6; 36,20; Dt.2,12-22). É provável que os Jebusitas e Hivitas, de que várias vezes se fala no texto sagrado, fizessem parte do grupo étnico dos hurritas. Assim sendo, os hurritas constituiriam, na verdade, o grande raio vector da vasta rede das populações de Canaã, a quando da entrada dos hebreus naquela terra (Cfr. Jos.3,10).

Lembremos, por fim, o principal nome extra-bíblico de Canaã:

PALESTINA [43]. Após o desmoronamento do império otomano, com o mandato britânico (1922-1948) impôs-se o nome de PALESTINA ao antigo território bíblico da Cisjordânia, que abarcava a velha terra de Canaã. Retomava-se, desse modo, a tradição romana que, depois da revolta de Bar Kokeba, conhecida como 2ª guerra judaica, dominada em 135 da Era Cristã pelas tropas do imperador Adriano, deu ao país o nome de *Syria Palaestina*. Substituia-se, assim, o designativo de Judeia, que já vinha do reinado de Herodes, o Grande, e do qual, após a 1ª revolta ou guerra judaica do ano 70, os romanos cunharam, como troféu, as belas moedas JUDAEA CAPTA [44]. É claro que a denominação

---

[43] ABEL,F.M.- *Ibidem*, I, 312-314; NOTH,M. - *Zur Geschichte des Namens Palaestina*, "ZDPV", 62, 1939, 125-144; IDEM - *El mundo del Antiguo Testamento*, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1976, 29-31.

[44] REIFENBERG,A. - *Ancient Jewish Coins*, 3ª ed., Jerusalém, R.Mass, 1973.

Syria Palaestina revelava, por parte de Adriano e dos romanos, uma vincada determinação anti-judaica no sentido de acabar de vez com esse povo rebelde e insubmisso, eliminando-lhe o próprio nome. E tudo isto ficou bem patente na atitude despótica e desumana de destruir e rasar ao solo a cidade de Jerusalém, centro religioso do povo judaico. Reconstruiu-a, depois, com o seu nome pessoal de AELIA CAPITOLINA, segundo o modelo e a estrutura duma típica cidade romana, como bem o demonstra a carta-mosaico de Madaba [45], e já Flávio Josefo o relata [46].

PALESTINA, do latim *Palaestina*, do grego Παλαιστινη (γη), é uma forma de adjectivização substantivada do hebraico *Pelesheth* (אֶרֶץ פְּלֶשֶׁת= *Terra dos Filisteus)* . Como tal, encontra-se em Heródoto [47] para indicar a zona costeira do sul de Canaã, onde estava a Pentápole dos filisteus, que Heródoto liga a objectivos comerciais e militares. De igual modo, Ptolomeu antecipou este nome, que usam Políbio, Agatárquides, Plínio o Jóvem e Flávio Josefo. A título de curiosidade, diga-se que os LXX traduzem o designativo hebraico com o grego Αλλοφυλοι o qual, por sua vez, a *Vulgata* verte por *alienigenae (estrangeiros).* Contudo, os gregos, na 5° satrapia persa, distinguiam ora a *Síria* (terra dos fenícios) [48] ora a *Síria Palestina* [49] ou simplesmente *Palestina* (terra dos palestinos)[50], isto é, dos filisteus.

---

45 Na antiga cidade de Madaba,Transjordânia,foi descoberto em 1896, ao pé duma igreja bizantina do séc.VI, um mosaico de motivo geográfico, que é um verdadeiro mapa da Palestina. Cfr. AVI-YONAH,M. - *The Madaba Mosaic Map*, Jerusalém,1954; *DBS,* V, 627-704.

46 JOSEFO, Flávio - *De Bello Judaico* , passim.

47 HERÓDOTO - *Histórias,* III,15;VIII,89. Cfr.*Los Nueve Libros de la História*,2 vols.,Barcelona,Editorial Ibéria,1976.

48 HERÓDOTO - *O.c.*, III,91

49 *Ibidem* , I, 105; III, 91.

50 *Ibidem*, VII, 89.

Na realidade, com a destruição do reino de Israel por Senaquerib, em 721 AC [51], e de Judá por Nabucodonosor em 587/586 AC, os seus territórios foram, sucessivamente, integrados no império assírio, o primeiro, e no império neo-babilonense os dois. Começou, então, uma complicada história de geografia política, a qual se prolongou com as satrapias persas e com as províncias do período helenístico e selêucida. De facto, os escritores gregos calam o nome da Judeia, que fora encorporada na província helenística da *Coele-Syria* (I Mac.10,69; II Mac.3,5; 4,4;8,8; 10,11), fazendo prevalecer o de PALESTINA.

Quando, no ano 63 AC, as tropas romanas de Pompeu destronaram os hasmoneus, o reino destes foi integrado na província romana da *Syria* até que, com os romanos, se formou o reino de Herodes o Grande, em que a Judeia aparece como região central. Depois da deposição de Arquelau, filho de Herodes, desde o ano 6 a 135 da Era Cristã, a Judeia, no sentido limitado de subdivisão de província, passou a ser governada por um procurador romano. Mas, naquele ano de135, o Imperador Adriano, em gesto de anátema e como *deletio memoriae* em relação à Judeia, criava a nova província da Sírio-Palestina.

Feita a reorganização administrativa do Império em 359, por ordem de Constâncio, surgem as duas províncias da Palestina: *Palaestina* e *Palaestina Salutaris*. É esta última que passa a englobar a antiga Judeia, e desta divisão nos dá testemunho, em 390, o grande conhecedor da Palestina que foi São Jerónimo [52].

---

51 GONÇALVES, Francolino J. - *L´Expédition de Sennachérib en Palestine dans la littérature hébraique ancienne*, Paris, Gabalda, 1986.

52 S.Jerónimo tinha a convicção de que a Palestina do seu tempo era o sucedâneo e correlativo da antiga Judeia, em sentido amplo, como expressamente o declara no seu comentário ao profeta Ezequiel 27,17:"Judaea quae nunc appelatur Palaestina", *P.L* ,XXV, 256.

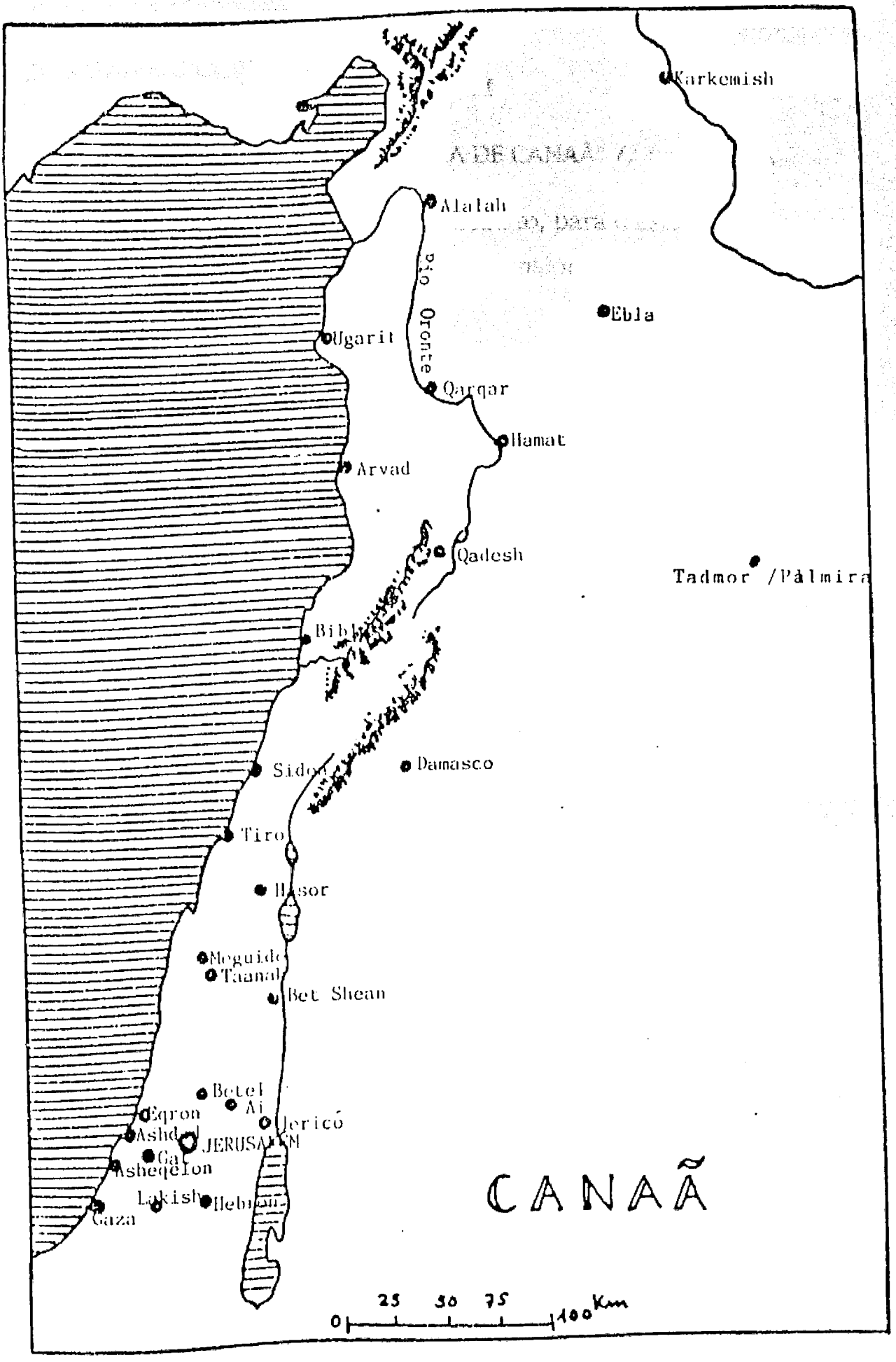
Por sua vez, em 409, o imperador Teodósio distinguiu tres Palestinas: *Palaestina Prima* (Idumeia, Judeia, Samaria e parte da Pereia), *Palaestina Secunda* (Planície de Esdrelão, Galileia, Galaunítida e parte da Decápole) e *Palaestina Tertia* (Negev, Sinai, Arabah e parte da Arábia). É, portanto, sob o nome oficial de PALESTINA, que os Padres da Igreja se vão referir à terra de Jesus e dos judeus, a antiga terra de Canaã.

Os árabes, após a conquista muçulmana do séc.VII, ainda lhe chamarão *URDUN* (distrito do Jordão), mas o nome Palestina tinha ganhado raizes e sobrepôs-se a todos os outros, passando a designar a região da qual, os filisteus, que lhe dão o nome, apenas possuiram, por breve tempo, uma pequena parte. Os outros nomes, de matriz hebraica, como Israel, Judá (Judeia), sofreram uma autêntica prática de anátema e *deletio memoriae,* que anticipou, em séculos, o moderno anti-semitismo cultural. E foi assim que, hoje, os árabes denominados "Palestinianos" se viram herdeiros dum nome anacrónico, mas premonitoriamente hostil em relação aos judeus (hebreus), eles que, étnica e religiosamente, são árabes e muçulmanos, nada tendo a ver com os primitivos filisteus dos quais, por via indirecta, receberam o nome e, pelo qual, reivindicam a "Pátria Palestinense".

PALESTINA, ISRAEL, CANAÃ, eis a tríade onomástica histórica duma terra, que a Bíblia consagrou como "Terra Prometida" aos filhos de Abraão e o destino parece ter amaldiçoado.



Carta de Madaba : Mosaico do séc. VI DC, com o perímetro da AELIA CAPITOLINA de Adriano e respectivo "cardo maximus".


Karkemish
Alalah
Río Orontes
Ebla
Ugarit
Qarqar
Hamat
Arvad
Qadesh
Tadmor /Palmira
Biblos
Damasco
Sidon
Tiro
Hasor
Meguido
Taanak
Bet Shean
Betel
Ai
Eqron
Jericó
Ashdod
JERUSALEM
Gat
Asheqelon
Lakish
Hebron
Gaza
CANAÃ
0 25 50 75 100 Km

II

GEOGRAFIA DA "TERRA DE CANAÃ" // PALESTINA

Dois problemas se põem, de imediato, para o estudo do tema em epígrafe: um de caráter territorial, dimensional; outro de verdadeira geografia física, descritiva.

1º O território da "terra de Canaã

Se, à base de documentos acádicos e egípcios, conhecemos, desde o séc. XVI AC, a "terra de Canaã", nem por isso resulta fácil determinar, geograficamente, as suas fronteiras ou limites.

Para o fugitivo rei Idrimi, de Alalah [1], o primeiro lugar de refúgio foi a cidade cananeia de Amnia, conhecida pelas cartas de El Amarna. Ficava situada perto da costa marítima, alguns quilómetros a norte de Biblos, sendo identificada, hoje, com Ambia, localizada em Enfé, a sul de Trípoli, no Libano.

Os cananeus, que Amenófis II (1450-1425 AC) fez prisioneiros, eram gente de Canaã, certamente, mas não é possível pormenorizar mais, já que, na sua campanha militar, Amenófis II chegou até Qadesh, junto ao rio Orontes [2].

As cartas de El Amarna [3] falam de cidades de Canaã, as quais nos levam para norte, para bem perto da costa fenícia. Tais são *Aksapa* (Aksaf na Bíblia, Jos.19,25), situada na Galileia, na planície de Acre, e *Hinnatuna* (Hannaton na Bíblia, Jos.19,14).

---

1 Cfr. Cap.I, pg.5 , nota 1.
2 EDEL,Elmar - *KBo I 5 +19, ein Brief Ramses II...*,"ZA", 49, 1950, 195-292.
3 KNUDTZON,J.A. - *Die El Amarna Tafeln*, Leipzig, 1915.

Uma carta de El Amarna [4] refere que um rei dos Mitanni deu ao mensageiro, por si enviado ao Egipto, carta de recomendação para os "reis de Canaã", servos do faraó. Ora, pelos documentos egípcios, podemos verificar que Canaã, do ponto de vista geográfico, era uma realidade vaga e muito extensa, indo da fronteira norte do Egipto ou Rio do Egipto até ao rio Orontes, abarcando a vastidão das terras asiáticas, que o Egipto dominava, como se deduz dalgumas cartas de El Amarna[5]. Com efeito, sob o faraó Tutmósis III (1504-1450 AC), na XVIII dinastia, o império do Egipto dilatou-se para a Ásia, sobretudo em Canaã, depois da batalha de Meguido, e foi dividido em tres províncias: *Amurru* a norte; *Upé* (Damasco) a oriente; *Canaã* a sul com capital em Gaza, cada uma com seu comandante local, comissário do faraó. Daqui podemos deduzir que a terra de Canaã abrangia a extensão de terras entre o Egipto e a fronteira de Amurru, englobando tudo e mais ainda do que aquilo que se convencionou chamar PALESTINA. Curiosamente, a última referência egípcia a Canaã encontra-se numa estatueta da XXII dinastia (935-874 AC), inscrita em nome do "mensageiro real em Canaã e na Filisteia" [6], e não cita Israel ou Judá que, sem dúvida, há muito estavam instalados em Canaã.

Os textos bíblicos, que nos falam da instalação dos hebreus em Canaã, são bastante tardios em relação aos textos extra-bíblicos. Para a Bíblia, o rio Jordão marcava a fronteira leste da entrada em Canaã (Núm.33,51; Dt.32,49; Jos.3,12). O texto de Gén.50,10-11 ("Chegando à eira de Atad, situada na margem do Jordão, celebraram ali grandes e solenes funerais, e José ordenou um luto de sete dias em honra de seu pai. Os habitantes do país, os cananeus, presenciaram o luto da eira de

---

4 *EA*,30,1.

5 *EA* , 151, 49-53; 162, 39-41. LOPES, Maria Helena Trindade -

6 STEINDORF,Georg - *The Statuette of an Egyptian Commissioner in Syria*, "The Journal of Egypt Archaeology", XV, 1939, 30-37.

Atad e disseram: - Eis um grande luto para o Egipto! Por isso chamaram Abel-Misraim ao lugar situado no outro lado do Jordão") contem uma tradição errada acerca do túmulo de Jacob, colocando-o em Abel-Misraim, que a nota do redactor diz ser na Transjordânia.

Em Núm.34,2-12 e Ez.47,15-20; 48,1 descrevem-se as fronteiras da terra de Canaã, a qual será a herança do povo de Israel. A fronteira sul era a Torrente ou Rio do Egipto; o Mar Mediterrâneo constituia a fronteira ocidental; o rio Jordão demarcava a fronteira oriental; só a fronteira norte causava problemas; talvez estivesse nas nascentes do Jordão, junto ao monte Hermon, ou até mais acima, pois, segundo Ezequiel, o limite setentrional passava entre o território de Damasco e o de Hamat (Ez.47,17; 48,10).

Sendo assim, a terra de Canaã, que os hebreus encontraram ao tempo da sua entrada ali, equivaleria mais ou menos ao Canaã dos egípcios após a fusão das províncias de Upé e Canaã e corresponderia ao quadro geográfico do programa da conquista da Terra Prometida, segundo Josué, 13, 2-5: "Vê o que resta: Todas as províncias dos filisteus e todo o território de Geshur [7], desde Shihor que corre a oriente do Egipto, até aos limites de Eqron, ao norte, região considerada dos cananeus; os cinco príncipes dos filisteus: o de Gaza, o de Ashdod, o de Ashqelon, o de Gat e o de Eqron; os heveus (hivitas) ao meio dia; toda a terra dos cananeus, e desde Ara dos Sidónios até Afeq e a fronteira dos Amorreus; a terra dos Gebalitas, e todo o Líbano, ao oriente, desde Baal Gad junto ao monte Hermon até à entrada de Hamat; todos os habitantes da montanha, desde o Líbano até às águas de Misrefot, todos os Sidónios. Eu os expulsarei diante dos filhos de Israel".

---

7 KOCHAVI, Moshe; TIMOTHY, Renner; SPAR, Ira; YADIN, Esther - *Rediscovered! The Land of Geshur*, "BAR", 18, 4, 1992, 30-44.84-85.

É claro que, tal como está, este programa corresponde a uma visão geográfico-política bastante posterior, embora sem deixar de reflectir uma tradição antiga [8].

"Desde a Entrada de Hamat (לְבוֹא חֲמָת) à Torrente do Egipto" (נַחַל מִצְרַיִם), tais serão os limites das fronteiras norte e sul de Canaã nos reinados de Salomão, c. de 965-928 AC (I Re.8,65) e de Jeroboão II, c. de 784-748 AC (II Re.14,25).

Deste modo, a terra de Canaã era muito mais extensa do que a simples região fenícia de Tiro e Sidónia e, por conseguinte, mal andaram os LXX quando traduziram para grego Canaã por Fenícia. FENÍCIA (Φοινιξ) foi o nome que os gregos deram à região de Tiro e Sidónia, talvez por influência do comércio dos fenícios, enquanto a identificavam com o país produtor da púrpura; porém, já antes, os micénios usavam o nome de PO-NI-KI-IA para indicar a púrpura ou aigo pintado com ela. É certo que Tiro e Sidónia são chamadas por Isaías "fortalezas de Canaã que o Senhor destruirá" (יְהוָה צִוָּה אֶל-כְּנַעַן לְשַׁמֵּד מָעֻזֶּיהָ Is.23,11) e tambem é sabido que o reino de David ultrapassará estes limites, quer a norte, chegando ao rio Eufrates, quer a oriente, atingindo a Transjordânia (Jos.1,4).

Concluindo, pois, diremos que a antiga terra de Canaã, mesmo ao tempo da ocupação dos hebreus, ultrapassava os estreitos limites daquilo que, em geral, se costuma chamar PALESTINA. As fronteiras normais de Israel, na monarquia unificada de David-Salomão, teriam sido aquelas que, na visão do redactor final do livro de Josué, Deus

---

8 AHARONI,Yohanan - *The Land of the Bible. A Historical Geography*, Philadelphia, The Westminster Press, 1979, 67-77; BALDI, Donato - *La Terra Promisa nel programma di Giosué*, "Liber Annuus Studii Biblici Franciscani", I, Jerusalém,1950/51, 87-106; MAZAR,B. - *Views of the Biblical Wordl*, I, Jerusalém/Chicago, International Publishing Company, 1959,238-239.

revelou a Moisés como sendo as da Terra Prometida: "O Senhor mostrou-lhe toda a terra desde Galaad até Dan, todo o Neftali, o território de Efraim e Manassés, todo o território de Judá até ao mar ocidental, o Negev, o Quicar, o vale de Jericó, cidade das Palmeiras até Soar" (Dt.34,1-3). Em relação ao comprimento, um estribilho posterior fixará a sua dimensão, dizendo simplesmente "De Dan a Bersabea" (Jz.20,1; I Sam.3,20; II Sam.24,5-7).

Por tudo isto, não pode identificar-se pura e simplesmente Canaã com o moderno estado de Israel, mesmo contando com os "territórios ocupados" ou "sob administração". O Canaã antigo era uma realidade geográfica mais vasta e de fronteiras indefinidas, cujos limites maiores, no sentido do comprimento, seriam, a sul, a bem demarcada Torrente do Egipto e, a norte, o reino dos hititas, ultrapassando para oriente o próprio rio Jordão. Trata-se, contudo, duma realidade variável em consequência das situações de maior ou menor poder do Egipto na Ásia. E, para além do problema geográfico-político, haveria tmbém que contar com os dados linguístico-culturais [9].

2º A realidade física da "Terra de Canaã" // Palestina.

Vista pelo óculo da fé hebraica, a terra de Canaã, prometida aos Patriarcas hebreus e sua descendência, é, bastantes vezes, sobretudo no contexto do Êxodo, qualificada como "terra onde corre leite e mel" (Ex.3.8.17; 13,5; 33,3; Lev.20,24; Dt.8,7; Jer 11,5; 32,22). Na realidade, porém, já ao tempo da Conquista hebraica, em pleno séc.XIII AC, devia ser uma terra empobrecida e de fortes contrastes geomórficos. Se, à beira-mar e nas planícies, havia água relativamente abundante para pastos (leite) e agricultura, não faltavam, principalmente a norte,

---

9 RAMOS,José Augusto - *Ugarit,Fenícia e Canaã: Questões de metodologia e delimitação historiográfica,* "Cadmo", 1, 1992, 45-63.

montanhas arborizadas (mel), como também, de modo particular a sul, terras areentas e calcinadas. De qualquer modo, porém, a terra de Canaã não era, positivamente, uma terra de extraordinária fertilidade, conforme poderia sugerir o repetido estribilho épico-religioso ou a utópica descrição do livro dos Números14,7-9 e Dt.8,7-10: "Porque o Senhor, teu Deus, vai conduzir-te a uma terra excelente, cheia de torrentes, de fontes e de águas profundas que brotam nos vales e nos montes; uma terra de trigo e de cevada, de vinhas, de figueiras, de romãzeiras, uma terra de azeite de oliveiras e de mel, uma terra onde não será racionado o pão que comeres, e onde nada faltará; terra cujas pedras são de ferro e de cujas montanhas extrairás o bronze. Comerás à saciedade e bendirás o Senhor, teu Deus, pela boa terra que te deu".

Na terra de Canaã, enquanto realidade física, distinguiam-se zonas bem demarcadas, como consta dos tratados de geografia bíblica[10]. Tal como hoje, já então se distinguia em Canaã a zona costeira, baixa e fértil, a zona montanhosa do norte, arborizada e com águas suficientes derivadas da liquefação das neves, a espinha dorsal de colinas de altitude média que se estende até ao deserto de Judá, a "fossa" jordânica, irrigada e fértil, os desertos cascalhudos ou areentos do sul e o planalto transjordânico que, ao tempo, ao menos na região de Galaad, devia ser arborizado e menos agreste que agora. Como quer que seja, a terra de Canaã/Palestina não apresenta rios nem montanhas dignas de especial menção. E o decantado rio Jordão, comparativamente a

---

10 ABEL,F.M. - *La Géographie de Palestine*, 2 vols., Paris, Gabalda, 1933/38; AHARONI,Y. - *O. c.*; BALY,D. - *The Geography of the Bible*, Londres, 1959; DU BUIT,M. - *Géographie de la Terre Sainte: I Géographie physique; II Géographie historique*, Paris, Cerf, 1958; KALLAI,Zecharia - *Historical Geography of the Bible.The Tribal Territories of Israel*, Jerusalém/Leiden, The Magnes Press/E.J.Brill, 1986; SMITH,G.A. - *The Historical Geography of the Holy Land*, 30ª ed., Jerusalém, Ariel Publishing House, 1974 (1ª ed. Londres, 1894).

qualquer rio da Europa, não passa dum banal ribeiro de poucas e fracas águas.

O subsolo, bastante pobre no seu todo, carece de recursos minerais. O único fenómeno geológico digno de nota é o Mar Morto (יָם הַמֶּלַח) com as montanhas de sal gema nas lendárias cidades de Sodoma e Gomorra.

O clima é sub-tropical, na prática, reduzido a duas estações; a da seca e a das chuvas, mas, com fortes contrastes, segundo as zonas. Em correspondência com as nossas estações da Primavera e do Outono, sopra um vento forte de leste e sudeste, o *Hamsin* , a que a Bíblia chama רוּחַ קָדִים (Ex.10,13; 14,21; Os.13,15). Trata-se dum vento quente e seco, vindo do deserto arábico, carregado de areia fina, que torna a atmosfera sufocante e obscurece o céu. Há, todavia, que salientar, no Verão, a diferença de temperaturas entre o dia e a noite.

Foi, assim, nesta terra de Canaã que os hebreus se estabeleceram, terra indiscutivelmente melhor que o "deserto imenso e temível, terra estéril e sem água" (Dt.8,15), que tiveram de atravessar do Egipto até ali.

3º A complexidade sócio-cultural de Canaã.

Na história dos povos do Médio Oriente Próximo, a designação de "Civilização de Canaã" é chapa de marca para caracterizar a cultura do Bronze na chamada terra de Canaã. Mas, tal como é quase impossível de determinar, geograficamente, a realidade territorial de Canaã, assim a mesma impossibilidade experimentamos quando confrontados com o problema da sua entidade sócio-cultural.

Quanto à etnicidade do povo de Canaã, ao tempo da Conquista hebraica, a Bíblia, por várias vezes, apresenta um complexo mosaico de etnias, cujos nomes nem sempre nem da mesma maneira se repetem (Gén.15,20; Ex.3.8.17; 23,23; 33,2; 34,11; Dt.7,1; 20,17; Jos,3,10;9,1; 11,3; 12,8; 24,11; Jz.3,5; cfr.I Re.9,20; Ne.9,8; Esd.9,1). Aí temos, pois:"a terra dos cineus, dos ceneseus, dos cadmoneus, dos heteus, dos fereseus, dos amorreus, dos cananeus, dos gergeseus e dos gebuseus" (Gén.15,20). Certamente que toda esta heterogeneidade étnica não é senão uma retroprojecção dos tempos mais recentes para os tempos mais recuados; todavia, ela não é uma invenção, mas um reflexo da tradição sobre a variedade dos povos, que Israel constatava no meio de si, e que só se explica como sobrevivência de algo muito antigo e arreigado.

Os cananeus constituiam, no entanto, desde longa data, uma amálgama de povos, tribos ou clãs. O problema da sua etnicidade, da sua etnogénese, está intimamente ligado às migrações dos povos semitas para as margens do Mediterrâneo. Ultrapassando o pan-babilonismo de Frederico Delitzch, baseado no preconceituoso truismo de BABEL-BIBEL[11], Alberto Clay [12] fez do país de Amurru o berço da civilização semita, independente da Babilónia e do Egipto. Por sua vez, Dhorme [13] rebateu o pan-amurruismo de Clay e manteve a afirmação de que a origem meridional dos semitas (Mesopotâmia) conservava todo o seu valor, quer filológico quer geográfico.

---

11 DELITZCH,Frederic - *Neuer Kommentar ueber die Genesis*, Leipzig, Doerpfling & Frank, 1887.

12 CLAY,Albert Tobias - *A hebrew deluge story in cuneiform and others epic fragments in the Pierpont Library*, New Haven, Yale University Press, 1922; IDEM - *The origin of the biblical traditions.Hebrew legends in Babilonia and Israel Lectures on biblical archaeology*, New Haven, Yale Univ.Press, 1923; ID. - *The Empire of the Amorites*, New Haven, Yale Univ. Press, 1919.

13 DHORME, Edouard - *La religion assyro-babylonienne*. Conférences données à l´Institut Catholique de Paris, 1909/1910, Paris, Gabalda, 1910, 17; IDEM -."RB", 1925, 287; Cfr. *Recueil Edouard Dhorme.Études bibliques et orientales*, Paris, Imprimerie Nationale, 1951.

É sabido que a migração dos amorreus, semitas do oeste, no III Milénio AC, fez com que se espalhassem de norte para sul, chegando à terra que, depois, se chamou terra de CANAÃ, nome que, todavia, nada diz acerca da sua origem. Das populações autóctones, anteriores, nada se sabe, a não ser que as queiramos identificar com os míticos *Refaim, Susim e Emim* vencidos pelo não menos lendário Kedor-lahomer (Gén.14,5), ou os *Anakim* , que tanto fascinaram o imaginário popular hebraico (Dt.2,10-11.20-21; Jos.11,21-22). Parece, pois, que a respeito da etnicidade dos habitantes de Canaã [14] , desde o III Milénio AC até à Conquista dos Hebreus no séc.XIII AC, não podemos ignorar a chamada "hipótese amorrita" (Albright, De Vaux, K. Kenyon), segundo a qual, a migração dos amorreus é que foi responsável pelas mudanças no Médio Oriente Próximo entre 2500-1500 AC. Esta teoria foi discutida por Dever [15] mas, na realidade, os documentos, que a arqueologia tem posto ao nosso alcance, permitem dizer que já existem alusões aos amorreus na terra de Canaã desde o III milénio AC, mesmo antes de aparecer qualquer referência a Canaã e aos cananeus. Como já se sabe, amorreu já se amorreu vem de AMURRU, nome acádico que significa "terra do ocidente", sem dúvida que em relação à Mesopotâmia, incluindo, por isso, toda a região ocidental e não propriamente um país determinado. É, desse modo, que Astour [16] sugere a sinonímia de *Amurru=Canaã* nos textos de El Amarna e da Bíblia, embora esta

---

14 KAMP, Kathrin A.; YOFFEE, A. - *Ethnicity in Ancient Western Asia during the Early Second Millenium BC.; Archaeological Asseassment and Ethnological Prospectives*, "BASOR", 237, 1980, 85-104.

15 DEVER, William - *Palestine in the Second Millenium BC: The Archaeological Picture*, HAYES,J.M.; MILLER, J.M. (Ed.) - *Israelite and Judaean History*, Londres, S.C.M.Press, 1977,70-120; IDEM - *News Vistas on the E.B. IV (M.B.I) Horizon in Syria-Palestine*, "BASOR", 237, 1980, 35-64.

16 ASTOUR, M. - *The origin of the terms "Canaan","Phoenician" and "Purple"*, "JNES", 24, 1956, 346-350. Um estudo recentíssimo pretende provar que Amurru também era uma cidade e que se identifica com Al-Mina, junto a Tripoli, no Líbano. Cfr. STIEGLITZ, Robert R. - *The City of Amurru*, "JNES", 50, 1, 1991, 45-48.

induza uma pequena diferença geográfica ao dizer que os cananeus viviam nas planícies enquanto os amorreus habitavam nas montanhas (Núm.13,29; 14,25). Já vimos, porém, que, do ponto de vista linguístico, o nome Canaã não é simples tradução de Amurru. Segundo Gén.9,8 e ainda na "Tábua dos Povos" (Gén.10,6.15-19), os cananeus são apontados como descendentes de Cam, como, aliás, os egípcios, e, por conseguinte, não seriam semitas. Note-se, todavia, que, em Gén.10,15, os amorreus são filhos de Canaã e, portanto, também de Cam. Mas, esta visão genealógica da Bíblia nada tem de científico, quer na perspectiva linguística, quer na perspectiva arqueológico-cultural; ela baseia-se na tradição local e tem presente um quadro etnográfico já tardio. Contudo, é o facto de, na Bíblia, os cananeus serem tidos como filhos de Cam e parentes do Egipto que serve de argumento supletório a A.Nibbi para provar que eles partiram do delta do Nilo para Canaã. Ali se falava o camítico, que assumiria, depois, características semíticas [17] . Para nós, porém, é evidente que as genealogias e os dados étnicos da "Tábua dos Povos" [18] não têm qualquer significado real; derivam, como se disse, duma certa visão étnico-geográfica com os limites próprios da concepção religiosa que lhe está ligada. Outro grupo étnico, que não podemos ignorar, é o dos hurritas (horritas), os quais aparecem no sul de Canaã, em Edom (Gén. 14,6; Dt. 2,12), e que, presumivelmente, derivamde Huru (Haru/Horu). Aparecem em textos hititas do séc. XV AC e de Nuzi [19], formando parte do império dos *Mitanni* , de origem indoeuropeia. Com toda a probabilidade, devemos identificá-los com os *Huru* dos textos egípcios, sobretudo naquele texto que descreve a

17 NIBBI, A. - *O.c.*, 19.

18 Sobre o problema exegético-histórico da "Tábua dos Povos" (Gén.10) cfr. TESTA, Pe. Emanuele - *Genesi* , Turim, 1960, 186-197 ("La Sacra Bibbia"); REDFORD, Donald B. - *Egypt, Canaan and Israel in Ancient Times* , Princeton, Princeton University Press, 1992, 400-408.

19 *NUZI* , "DEB", 914-915; LIVERANI, Mario - *Antico Oriente* , 488-495; Cfr. o nosso Capítulo I , nota 21,

campanha de Amenófis II (1450-1425 AC) e ao qual já nos referimos [20]. Os hurritas, citados na Bíblia, seriam, pois, uma colónia de emigrados do norte [21]. Por último, quanto à etnicidade de Canaã, refiram-se os hititas que são, com certeza, emigrados do "país de Het" (Gén.10,15; 23,3 s; Ex.23,38; Jos.1,4), também a norte, com a capital em Hattusha, a actual Bogazkoi, no centro da Turquia, junto à curva do rio Halis [22]. Durante muito tempo, rivalizaram com os egípcios, com os quais travaram a célebre batalha de Qadesh (1285 AC), junto ao rio Orontes, e com os quais fizeram, depois, um tratado de paz em 1275 AC, talvez o primeiro tratado internacional conhecido. Diga-se, enfim, que perante a insuficiência de dados com credibilidade bastante, temos apenas de registar a heterogeneidade e amálgama das populações de Canaã, tal como sugerem as cartas de El Amarna, as quais, genericamente, indicam dois grandes grupos: *amorreus* a norte e *cananeus* a sul. O esfrangalhamento ou atomização destes grupos em pequenos clãs teria facilitado a ocupação e conquista de Canaã pelos hebreus no séc.XIII AC. Talvez seja por isso que a Bíblia conserva a memória de vários grupos populacionais, como apontámos acima. Não pode, portanto, afirmar-se uma unidade étnico-política de Canaã antes da chegada dos hebreus, nem a haverá depois. Como quer que seja, por volta do I Milénio AC, verificou-se, a norte do que poderíamos chamar Canaã, na zona costeira do Líbano actual, um grande desenvolvimento económico que deu origem ao chamado e conhecido "estado fenício".

---

20 EDEL, Elmar - *Die Stellen Amenophis II*, Cfr. Cap. I, nota 25.

21 DE VAUX,R, - *Les Hurrites de l´Histoire et les Horites de la Bible*, "RB", 74, 1967,481-503.

22 AKURGAL,Ekrem - *Die Kunst der Hethiter*, Munique, Himer Verlag, 1961; ASTOUR, Michael C. - *Hittite History and Absolute Chronology of the Bronze Age* , Partille, Paul Astroem, 1989; BRUCE,F.F, - *The Hittites and the Old Testament*, Londres, The Tyndale Press, 1947; COTTEREL, Arthur (Ed.) - *Ancient Civilizations*, Londres, Penguin Books, 1980; DU RY, Carel J. - *Voelker des Alten Orient*, Munique, Naturalis Verlag, s/d, 166-187; LIVERANI, Mario - *Antico Oriente*, 504-540; MASSON, Emilia - *La découverte des Hittites*, "L´Histoire", 136, 1990, 18-24.

Isso fez com que Canaã se tornasse sinónimo de Fenícia e cananeu sinónimo de sidónio (Dt.3,9; Jz.18,7; I Re.11,5.33; II Re,23,11), o povo da cidade de Sidon, a mais importante dos fenícios. Desse modo, os fenícios [23], devido às navegações e actividades comerciais, que os tornaram famosos em todo o Mediterrâneo, passaram a ser os cananeus por antonomásia (Ez.16,29; 17,4; Zac.14,21; Prov. 31,24; Job 20,30). De resto, o nome Fenícia (Φοινικια), já usado pelos gregos (micénios) para indicar o vermelho da púrpura e testemunhado por Homero [24], é, como se vê, um nome de origem estrangeira e posterior ao de Canaã. Foram, de facto, os povos do Mediterrâneo, os gregos, que atribuiram esse nome aos cananeus da zona costeira do Líbano, os fenícios, por negociarem a púrpura que fabricavam do *murex* [25]. Diga-se, entretanto, que este é mais um dos argumentos de A.Nibbi para colocar os cananeus no Egipto, no delta do Nilo, uma vez que em Minhat Abu Omar apareceram testemunhos arqueológicos do *murex* e, portanto, provas do cultivo e uso desse marisco ao longo da costa do Delta. E a dita autora procura confirmar a importância da cor vermelha nas pinturas rituais do antigo Egipto onde a deusa Sekhmet, a deusa leão do Delta, recebia o título de "Senhora do vestido vermelho" [26]. Sabe-se, porém, que já desde o séc.XIV AC textos pré-gregos, descobertos em Creta, usam o sema Φοινικη para designar a púrpura, sem que qualquer indicação

---

23 CHIERA, Giovanna - *I Fenici, mercanti e avventurieri dell´antichità*, 2ª ed., Roma, Newton Compton editori, 1988; GARBINI, Giovanni - *I Fenici. Storia e religione*, Nápoles, Istituto Universitario Orientale, 1980; MOSCATI, Sabatino - *Il mondo dei Fenici*, Milão, Casa Editrice "Saggiatore", 1966; IDEM- *Tra Tiro e Cadice. Temi e problemi degli studi fenici*, Roma, Università degli studi di Roma, Dipartimento di Storia, 1988; OLMO LETE, Gregório del; AUBET, Maria Eugénia - *Los Fenícios en la Peninsula Ibérica*. Vol.I (Arqueologia), Vol.II (Língua, Epigrafia), Barcelona, Editorial Ausa, 1986; VÁRIOS - *I Fenici* , Milão, Bompianti, 1988.

24 OHNE FALSCH-RICHTER, Max - *Kypros. Die Bibel und Homer*, 2 vols., Berlim, Asper, 1893.

25 DEDKIND, Alexander - *Ein Beitrag zur Purpurkunde*, Berlim, Mayer & Mueller, 1898.

26 NIBBI,A. - *O.c.*, 23-27.

geográfica se possa tirar daí [27]. A versão bíblica dos LXX, com frequência, traduz Canaã do hebraico para grego por Fenícia, e o Novo Testamento (grego) ainda conserva vestígios, que manifestam a permanência desta identificação. Com efeito, a mulher pagã curada por Jesus ora é chamada *siro-fenícia* (Mc.7,26) ora *cananeia* (Mt.15,22). Não é, pois, de admirar que Santo Agostinho, em pleno século V cristão, pudesse ainda constatar como, nas antigas colónias fenícias do Norte de África, os púnicos a si mesmos se chamassem *cananeus* : *Unde interrogati rustici nostri quid sint, punice respondentes Chanani, corrupta scilicet, sicut in talibus solet, una littera, quid aliud respondent quam chananaei?* [28]. Do ponto de vista cultural, os chamados cananeus produziram o que se convencionou apelidar de "Cultura do Bronze". Esta cultura cananeia estende-se, cronologicamente, de cerca de 3000 a 1200 AC e, por ela, se desenvolveu a agricultura e a sedentarização das populações, criando-se o sistema político das "cidades-estado" [29]. A Arqueologia [30], de alguns anos a esta parte, tem

---

27 TEIXIDOR, Javier - *Le miracle phénicien*," L´Histoire", 157, 1992, 18-22.

28 *Epistolae ad Romanos inchoata expositio*, " P.L."XXXV, 2096, Nº 13.

29 CHARNEY, Marvin L. - *Ancient Palestinian Peasant Movements and the Formation of Premonarchic Israel*, "Palestine in transition.The Emergence of Ancient Israel", Sheffield, The Admond Press, 1983, 39-90; GOPHNA, Ram; PORTUGALI, Juval - *Settlement and Demographic Processes in Israel´s Coastal Plain from the Chalcolithic to te Middle Bronze Age*, "BASOR", 269, 1988, 11-28; HOPKINS, David C. - *The Highlands of Canaan. Agricultural Life in the Early Iron Age*, Sheffield, The Admond Press, 1985; TAVARES, A.Augusto - *Instituições democráticas nas cidades Cananeias da Idade do Bronze (à luz da arqueologia e da escrita)*, "Revista de História Económica e Social", 1987, 65-76.

30 AHARONI,Yohanan - *The Archaeology of the Land of Israel*, Philadelphia,The Westminster Press,1982; ALBRIGHT, William Foxwel - *The Archaeology of Palestine*, 5ª ed., Londres,Penguin Books, 1960; ANATI, Emmanuel - *Palestine before the Hebrews.A History from the Earliest Arrival of Man to the Conquest of Canaan*, Londres, Jonathan Cape, 1963; KENYON, Kathleen M. - *Archaeology in the Holy Land*, Londres, Ernest Benn Ltd,1960; IDEM - *The Bible and the Recent Archaeology* (Revised Edition by P.R.S. Moorey), Atlanta, John Knox Press, 1987; MAGALL, Miriam - *Archaeologie und die Bibel*, Colónia, Du Mont Buecherverlag, 1986; MAZAR, Amihai - *Archaeology of the Land of the Bible, 10.000-586 B.C.E.*, Nova Iorque, Doubleday/The Anchor Bible Reference Library, 1990.

feito descobertas notáveis e bastante esclarecedoras no campo da cultura material . Em Israel, sobretudo, procura-se passar ao pente fino e metódico da arqueologia todo o território nacional na afanosa busca das riquezas do passado histórico. Assim, lentamente, vai aparecendo à luz do dia a vasta rede dos centros habitacionais de Canaã: Gaza, Ashdod, Guezer, Arad, Yarmut, Jerusalém, Gabaon, Tell el Far`ah, Siquém, Beth-Shean, Megido, Hazor e muitos outros *tell (tullul)*, sucessivamente escavados. Como Canaã era uma espécie de ponte de passagem entre o império egípcio, a sul, e a Alta Mesopotâmia, a norte, não se pode ignorar que, desde época remota, os egípcios foram um povo que deixou profundamente marcada a sua passagem por Canaã, criando até "os caminhos de Hórus", verdadeiros precursores da "estrada dos filisteus" 31, como lhe chamaram os hebreus, finalmente conhecida por "Via Maris", segundo a designação dos romanos. Quanto ao problema da língua de Canaã, todos os especialistas estão de acordo em reconhece que o hebreu descende da antiga língua de Canaã, falada ou escrita. O estudo dos nomes cananeus presentes nas fontes egípcias 32, principalmente nos textos de execração dos sécs. XIX-XVIII AC, veio

---

31 Is. 9,1; Ez,.13,17. Cfr. GARDINER, A.M. - *The Ancient Military Road between Egypt and Palestine*, "JEA", 6, 1920, 99-116; GIVEON, Raphael - *The Impact of Egypt on Canaan. Iconographical and related studies*, Goettingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1978; HELCK, W. - *Die Beziehungen Aegypten zu Vorderasien*, Wiesbaden, Harrassowitz, 1962; OREN, Edel - *The Overland Route between Egypt and Canaan in the Early Bronze Age*, "Israel Exploration Journal", 23, 1973, 198-205; IDEM - *Ancient Militar Roads between Egypt and Canaan*, "Bulletin of the Anglo-Israel Archaeology Society", 1982/83, 20-24; RAINEY, Anson (Ed.) - *Egypt, Israel, Sinai . Archaeological and Historical Relationships in Biblical Period*, Tel Aviv, Tel Aviv University, 1987; WEINSTEIN, J . M. - *The Egyptian Empire in Palestine: A Reassessment* , "BASOR", 241, 1981, 1-28; YEIVIN, S. - *Early Contact between Canaan and Egypt*, "IEJ", 10, 1960, 163-204.

32 AHITUV, Shmuel - *Canaanite Toponyms in ancient egyptians Documents*, Jerusalém, The Magnes Press, 1984; BURCHARDT, Max - *Die altkanaanaeischen Fremdworte und Eigennamen in Aegyptischen*, Part II, 1909/1910, 51, 988; GARDINER, Alan H. - *Ancient Egyptian Onomastica* , 2 vols., Londres, Oxford University Press, 1947; GRONDAHL, F. - *Die Personennamen der Texte aus Ugarit* , Roma, Pontificio Instituto Biblico, 1967,

mostrar à evidência que existe um grande uso de nomes de tipo semítico do noroeste semelhantes a nomes amorreus de Mari e outros sítios da Síria 33. Daqui se infere que a língua amorrita devia cobrir toda a área naquele tempo. Mais tarde, no séc.XIV AC, pelas cartas de El Amarna, verifica-se a introdução do hurrita (indo-europeu), o que faz aparecer diferenças fonéticas, particularmente em nomes terminados em *an* (zona de Canaan) e em *ôn* (cartas de El Amarna):*Siyan, Labnan /Ashqalôn, Sidôn.* Isto leva, por conseguinte, a que se estabeleça alguma distinção entre o norte hurrita e o sul cananeu 34 . As fontes escritas egípcias, por não usarem o sistema vocálico, não nos podem servir de guia neste ponto. Por sua vez, os textos de Mari fornecem indícios tão leves que não permitem a asserção de que Canaã, na perspectiva linguística, fosse, de facto e desde cedo, uma realidade distinta e separada 35. Os textos ugaríticos, aparecidos entretanto e decifrados desde 1930, foram classificados como "cananeus", melhor dizendo, como semítico do noroeste, o qual, justamente, apresenta notáveis semelhanças com o hebreu 36. Como tal, o ugarítico, no estado actual dos estudos linguísticos, é a língua que melhor permite remontar ao que seria o "cananeu antigo" ou "proto-cananeu". A ele não podemos

---

33 DHORME, E. - *La langue de Canaan* , "RB", 22, 1913, 369-393 (Cfr.Recueil); MILLARD, A.R. - *The Canaanites*, WISEMAN, D.J. (Ed.) - *Peoples of Old Testament Times*, Oxford, Clarendon Press, 1973, 29-52, MOSCATI, S. - *The Semites . A linguistic,ethnic and racial problem* , "The Catholic Bible Quartly", 1957, 421-434; IDEM - *An Introduction to the Comparative Grammar of the Semitic Languages*, Wiesbaden, Harrassowitz, 1964; RAMOS, José Augusto Martins - *O sufixo verbal não-acusativo em hebraico antigo no contexto semítico do Noroeste*, Lisboa, Dissertação de Doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, 1988 (policopiado).

34 BARR, James - *Comparative Philology and the Text of the Old Testament* , Oxford, Clarendon Press, 1968; HARRIS,Z.S. - *The Development of the Canaanite Dialects* , New Haven, American Oriental Society, 1939, 29-30.

35 MILLARD, A.R. - *O.c.*, 35.

36 AISTLEITNER, Joseph - *Woerterbuch der Ugaritischen Sprache*, 4ª Ed., Berlim, Akademie-Verlag, 1974; CONCILLOS-HARRI, Jesús Luis - *Estúdios de Epistolografia Ugarítica*, Valência, Institución San Jerónimo, 1989.

deixar de associar a língua de El Amarna e, possivelmente, o recem-descoberto dialecto de Ebla [37]. Temos, por consequência, de convencer-nos que, quanto ao aspecto linguístico, Canaã é também e ainda uma realidade complexa e nebulosa que, à partida, inviabiliza senão mesmo invalida qualquer generalização ou estandardização. Sob o aspecto cultural, Canaã recebeu durante a Idade do Bronze ou "Período Cananeu" uma variada influência de povos, a cuja amálgama os arqueólogos gostam, por isso, de dar o nome de "Cultura Cananeia". Analisando os restos materiais encontrados, podem distinguir-se em Canaã períodos diferenciados dentro da Idade do Bronze. Variam entre si os arqueólogos quanto à terminologia classificativa e quanto à datação (Cfr.Albright, Wright, Kenyon, Lap, Anati, Aharoni). Da nossa parte, uma vez que essa longínqua idade cultural só nos interessa como introdução à Idade do Ferro, adoptamos a classificação e cronologia dos arqueólogos israelitas, tal como se indica no quadro sinóptico feito a partir da "The Archaeological Encyclopedia of the Holy Land" [38].

Com o Bronze Antigo (BA I, cerca de 3150 AC) começou a intensificação da agricultura e a urbanização.

No BA II (2850 AC) e BA III (2600 AC), as cidades, de pequena superfície, geralmente situadas em colinas, foram rodeadas de fortificações que desapareceram nos finais do BA III e BA IV, como se vê em Tell el Far`ah e Arad .

---

37 MATTHIAE, Paolo - *Ebla. Un impero ritrovato* , 2ª Ed., Turim, G. Einaudi, 1989.

38 NEGEV, Avraham (Ed.) - *The Archaeological Encyclopedia of the Holy Land*, 3ª Ed., Nova Iorque, Prentice Hall Press, 1990. Cfr. AVI-Yonah; STERN, Ephraim (Eds.) - *Encyclopedia of Archaeological Escavations in the Holy Land* , 4 vols., Jerusalém, Massada Press, 1976/78.

No Bronze Médio (BM I, 2200 AC) deu-se como que um regresso ao semi-nomadismo e, pelas escavações, constatou-se uma instabilidade habitacional provocada, certamente, pela invasão dos amorreus. Mas, com o BM II (2000 AC), surgiu uma revitalização: as cidades do BA foram reocupadas e outras apareceram de novo detectando-se uma cerâmica de boa qualidade e registando-se um evidente avanço no trabalho de objectos de bronze. É então que as cidades são protegidas com muros de pedra ou tejolo nos quais se abrem grandes portas fortificadas. Começa também a ganhar dimensão uma economia à distância e de escala internacional, estabelecendo-se trocas comerciais com o Egipto, Babilónia, Chipre e terras do mar Egeu. De Canaã, como típicas amostras de permuta e transação comercial, ficaram as pequenas jarras de perfume com linhas incisas ou ponteados de pasta branca.

No Bronze Tardio ou Recente (BT I, 1550 AC), com a expulsão dos Hicsos do Egipto, verifica-se a destruição ou abandono de muitas cidades e a afirmação da presença e poder do Egipto em Canaã, como, aliás, se sabe pelos testemunhos das campanhas militares de Tutmósis III (1504- 1450 AC) e de Amenófis II (1450-1425 AC). Aparecem, depois, pequenas cidades-estado bastante isoladas entre si, mas vassalas do Egipto (Cartas de El Amarna), e só Hazor [39] parece ter exercido alguma hegemonia sobre as outras cidades. Na verdade, talvez tenha sido a memória dessa situação a justificar a afirmação bíblica de que Hazor se tornara "cabeça de todos aqueles reinos" (Jos,11,10). Como quer que seja, as descobertas arqueológicas vieram comprovar a influência da arte egípcia e a presença de importações de Chipre e Micenas em Canaã. Afinal, o Mar Mediterrâneo, espaço que separava as terras, nem por isso deixava de cerzir a história que uniu os povos do

39 YADIN,Y. - *Hazor, "The Head of all those Kingdoms,"*, Londres, Scheichh Lectures, 1972, 147-164.

Médio Oriente [40] . Entre os sécs.XIII-XII AC deu-se a passagem do BT II para a Idade do Ferro. Foi uma época de grande agitação em todo o Mediterrâneo oriental: Micenas e sua cultura entraram em crise; acastelaram-se no horizonte as núvens negras da desgraça trazida pelos "Povos do Mar" , que assolaram as regiões marítimas desde a Grécia à Ásia Menor e ao Egipto, passando pelas ilhas. A razão do movimento desses povos, mal conhecidos e não convenientemente localizados, é complexa e não perfeitamente detectável nos documentos que nos chegaram . A explicação dada aponta para crise económica causada pela fome [41] ou para cataclismo natural (erupção do vulcão Thera). Estas desgraças teriam destroçado os micénios e provocado o deslocamento dos povos do sul da Ásia Menor [42]. Foi neste contexto que se verificou a instalação dos hebreus em Canaã e a chegada dos filisteus [43].

---

40 BRAUDEL, Fernand - *O Mediterrâneo, - O Espaço e a História* , Lisboa, Editorial Teorema, 1987; IDEM - *OMediterâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II,* 2 vols., Lisboa, Ed., Dom Quixote, 1983; Cfr. "L´Histoire", 157, 1992 , número dedicado ao Mediterrâneo.

41 HÉRODOTO- *Los Nueve Libros de la História, I, 94,* Barcelona, Editorial, Ibéria, 1976, 44. Cfr. DIODORO SÍCULO - *Biblioteca Histórica,* 5, 53.

42 REDFORD, Donald B. - *Egypt, Canaan , and Israel in Ancient Times,* Princeton, Princeton University Press, 1992, 241-244; SANDARS, Nancy K. - *The Sea Peoples,* Revised Edition, Londres, Thames and Hudson, 1985, 55-79.

43 ANATI, E. - *O.c.*; FONTAN, Elisabeth - *La Palestine, pays de la Bible,* "Le Monde de la Bible", 67, 1990, 38-39; FRITZ, Volkmar - *Einfuehrung in die biblische Archaeologie,* Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1985; GRAY, J. - *The Legacy of Canaan,* 2ª Ed., Leiden, E.J.Brill, 1965; IDEM - *Recent Archaeological Discoveries and their bearing on the Old Testament,* ANDERSON, G.W. (Ed.) - *Tradition and Interpretation,* Oxford, Clarendon Press, 1979, 65-95; KENYON, Kathleen M. - *The Bible and the Recent Archaeology,* 27-84; KOCHAVI, Moshe - *"At that time the Canaanites were in the Land ..."*, SHANKS, Herschel; MAZAR, Benjamin (Eds.) - *Recent Archaeology in the Land of Israel,* Washington/Jerusalém, Biblical Archaeology Society/Israel Exploration Society, 1984, 25-41; MAZZONI, Stefania - *Gli Stati Siro-Ittiti e l´età oscura: Fattori geo-economici di uno svilluppo culturale,* "Egitto e Vicino Oriente", IV, 1981, 311-341; ROLLA, Armando - *Il passaggio dal Tardo Bronze al Ferro I in Palestina: dati archeologici e loro interpretazione,* "Rivista Biblica", 32, 984, 29-46; YON, Marguérite - *Dictionnaire illustré multilingue de la céramique du Proche Orient,* Leão, Maison de l´Orient /Institut Français d´Archéologie du Proche Orient, 1981.

Quanto à religião, os elementos arqueológicos descobertos e os poucos documentos escritos, ainda assim, ajudam a reconstituir o panteão cananeu com toda a teoria dos seus deuses (El, Baal, Dagan, Hadad) e deusas (Ashtart/Asherah, Anat) e permitem claramente afirmar que a religião de Canaã era de cunho naturalista, uma religião de fertilidade e fecundidade 44. A expressão maior da religião encontra-se nos "lugares altos", os *Bamoth* que a Bíblia tanto combaterá; era aí que se construiam os templos e altares. Geralmente, esses santuários eram ao ar livre, com estelas *(Masseboth)* e altares de sacrifício, que, nas cidades, estavam situados na parte alta (Hazor, Meguido, Nahariah, Tell Qasile, Beth-Shean, Tell Far`ah, Siquém, Lakish, Arad, Aman). O esquematismo desses templos, também encontrados em Ugarit e Alalah, terá fornecido o modelo primitivo dos templos hebraicos 45. Entre os apetrechos característicos desses templos, são de salientar os achados de incensórios de terra-cota e as figurinhas de bronze e, sobretudo, de barro, femininas na maior parte, evidentes amuletos de fecundidade.

CONCLUSÃO - Canaã e cananeu são conceitos geograficamente imprecisos e etnicamente vagos; não há, portanto, que pensar em

---

44 ALBRIGHT,W.F. - *Archaeology and the Religion of Israel*, Baltimore, John Hopkins Press, 1953; IDEM - *De la Edad de la Piedra al Cristianismo. El marco histórico y cultural de la Biblia*, Santander, Editorial "Sal Terrae", 1959;ID. - *Yahweh and the Gods of Canaan*, Nova Iorque, Doubleday, 1969; CROSS, F.M. - *Canaanites Mith and Hebrew Epic: Essays in the History of the Religion of Israel*, Cambridge, Mass.,Harvard University Press, 1973; DE VAUX, R. - *HAI* , I, 140-148; DRIVER, Godfreu R. - *Canaanite Myths and Legends*, Edimburgo, T. & T.Clark, 1956; GRAY, John - *Social Aspects of Canaanite Religion* , Leiden, E.J.Brill, 1966; JACOB, Edmond - *Ras Schamra et l´Ancien Testament* , Neuchatel, Delachaux et Niestlé, 1960; OLMO LETE, Gregorio - *Mitos e Leyendas de Canaan según la tradición de Ugarit*, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1981; SIMIAN-Yofre, Horacio - *El deserto de los dioses. Teologia e Hiatoria en el libro de Oseas* , Córdova, Ediciones El Almendro, 1993, 205-215.

45 FITZGERALD, G.M. - *The Four Canaanite Temples of Beth-Shan. Part II: The Pottery*, Philadelphia, 1930; ROWE, Alan - *The Four Canaanite Temples of Beth-Shan.Part I :The Temples and the Cult objects*, Philadelphia, 1940. Cfr. CARREIRA, José Nunes - *O plano e a arquitectura do Templo de Salomão à luz dos paralelos orientais*, Porto, 1969; DE VAUX, R. - *Les Institutions de l´Ancien Testament, II*, Paris, Cerf, 1960, 89-145.

unidade teritorial, rácica ou política. Naquela apertada área geográfica entre o Egipto e a Mesopotâmia, no período do Bronze, nunca houve um poder centralizado que se afirmasse a partir duma cidade preponderante, verdadeira metrópole ou capital em relação a outras. Todavia, nessa região, durante as várias fases da cultura do Bronze, foi-se afirmando uma cultura local, que se impôs pela língua e pela própria religião e que viria a influenciar a língua e a ameaçar contaminar a religião dos hebreus. É essa cultura que os arqueólogos chamam, na pre-história de Israel, o "período cananeu". Isso explica, sem dúvida, a registada e constante luta dos profetas bíblicos contra o sincretismo cultural e religioso em Israel, tantas vezes traduzido no culto de Baal e de Astarte. Daí a ordem expressa e repetida de destruir os objectos de culto cananeu (Ex.23,24; 34,13; Dt.7) [46].

Tudo isto, que, breve e resumidamente, apontámos, constitui a envoltura do mundo cananeu, afinal, o âmbito cultural semítico norte-ocidental da chamada Síria-Palestina no II Milénio AC. Dele faziam parte os povos Eblaita, Ugarítico, Hebreu, Fenício e os pequenos clãs que os livros da Bíblia referem, todos situados na zona asiática do Médio Oriente adjacente ao Mar Mediterrâneo, isto é, em Canaã. Canaã era, pois, o nome genérico da terra onde se estabeleceram os hebreus, dos quais derivaram os reinos de Israel e de Judá. Dominados os judeus, os romanos consagraram para toda essa terra o nome de Palestina. Foi ele que, depois, atravessou os tempos, e, hoje, sobrevive nas populações árabes dos territórios ocupados ou "sob administração" do moderno estado de Israel. Por aqui, facilmente, se pode ver como aquela faixa de terra constitui, desde longa data, porventura desde que recebeu o nome

46 Desde a instalação de Israel em Canaã, o culto de Baal foi uma tentação sedutora e constante para os hebreus, como o demonstram o anátema *(herem)* de Ai e o castigo de Acã e sua família (Jos.7), bem como as lutas anti-idolátricas posteriores de Elias, Oseias, Jeremias e Ezequiel.

de Canaã, um longo sindroma de afrontamento bélico sem tréguas. O nome de Canaã caiu no esquecimento e o nome Palestina, seu sucedâneo, aí está, marcando com o ferrete da aversão mútua judeus e árabes dos territórios ocupados do Israel moderno. É sabido que, segundo a Declaração Balfour, em 2 de Novembro de 1917, a Inglaterra se mostrou "favorável à criação dum lar nacional judaico na Palestina". Entretanto, o Sionismo movimentou levas de emigrantes judeus para a Palestina, até que a ONU, em 29 de Novembro de 1947, determinou a partilha da Palestina num estado judaico e noutro árabe. Depois, foi a guerra de 1947/8, até que David Ben Gurion proclamou a independência e criação do Estado de Israel (14 de Maio de 1948). Os árabes da zona, consideram-se os legítimos herdeiros da terra e, por isso, se chamam "palestinianos" com direito a um estado palestiniano independente [47]. Como Canaã, ao tempo da instalação hebraica e da ocupação filisteia nos sécs.XIII-XII AC, também a velha Palestina de tradição romano-muçulmana sofre, agora, um drama, que radica, por um lado, na vontade autonomista dos judeus e, por outro, na determinação nacionalista dos árabes palestinianos de lutar contra a intrusão desse quisto étnico no coração da "Nação Árabe". Ambos os campos têm fundadas razões históricas, cronológicamente maiores ou menores, para reivindicar direitos. É isso que o historiador desapaixonado deve reconhecer, à luz da história multisecular de CANAÃ/PALESTINA. Os políticos do nosso tempo, esses é que terão, com certeza, maiores dificuldades em reconciliar, a contento, esses dois nacionalismos que, há cerca dum século, se combatem em doloroso afrontamento, que faz lembrar o dos hebreus e filisteus (palestinianos) do começo dos tempos bíblicos. .

---

47 MARTINEZ CARRERAS, José U. - *El Mundo Árabe e Israel*, Madrid, Ediciones Istmo, 1991; SALEM, Helena - *Palestinianos, os novos judeus*, Lisboa, Livros Horizonte, 1978.

III

PROBLEMÁTICA BÍBLICA DA INSTALAÇÃO DOS HEBREUS EM CANAÃ

A Bíblia, porque história religiosa do povo hebraico, é, para judeus e cristãos, um livro sagrado, teândrico mesmo, obra de Deus e do homem, com todas as garantias e qualidades da revelação e inspiração. Como tal, não pode ser encarada pelos cientistas com repulsa mas com aquela "simpatia" que, como exigia Emílio Durkheim [1], deve acompanhar todos aqueles que, à luz da razão e da ciência, procuram compreender textos dum livro ou duma obra do foro da religião. Dado que, na perspectiva judeo-cristã, a Bíblia no seu conjunto, como livro plural e pluralista, é a História da Salvação, uma *Heilsgeschichte* [2], temos de ter sempre presente a sua intenção e preocupação religiosas, pois ela foi escrita por homens de fé para homens de fé. Esta dimensão histórico-teológica faz parte da ideologia do livro do Deuteronómio, particularmente em 32,7, e está bem expressa naquele passo do salmo anamnésico que canta a Providência de Deus em relação à história do Seu povo de Israel:

"Louvai o Senhor, aclamai o Seu Nome! Divulgai as Suas festas entre as nações! Cantai-lhe hinos, cantai-lhe salmos, anunciai as Suas maravilhas! Orgulhai-vos do Seu Nome santo! Alegre-se o coração dos que procuram o Senhor! Considerai o Senhor e o Seu poder, buscai sempre a Sua face. Lembrai-vos das maravilhas que fez, dos Seus prodígios e sentenças da Sua boca. Descendência de Abraão, Seu servo, filhos de Jacob, Seu eleito. Ele, o Senhor, é o nosso Deus; sobre toda a terra os Seus juizos. Tem

---

1 DURKHEIM, Émile - *A ciência social e a acção,* Lisboa, Livraria Bertrand, 1975,284-285.

2 Sobre a terminologia bíblica, cfr. FLOR SERRANO,G ; ALONSO SCHOEKEL, L. - *Diccionário terminológico de la Ciencia Bíblica* , Madrid, Ediciones Cristiandad/ Institución San Jerónimo, 1978

sempre presente a Sua Aliança, o mandamento que deu por mil gerações, que pactuou com Abraão, que jurou a Isaac, que estabeleceu como lei para Jacob, para Israel como Aliança eterna, dizendo: - Dar-te-ei a terra de Canaã, como porção da vossa herança " (Sl.104/105,1-11; Cfr.Sl.41; 77/78). Este trecho, apesar da sua forte carga poética, é bem paradigmático da concepção bíblica de História e prova à saciedade como, para os hebreus, história e religião andavam de mãos dadas e se implicavam mutuamente [3] . O Israel bíblico é incompreensível e inseparável do seu Deus. E se o texto salmódico, que acabámos de citar, é eminentemente litúrgico, porque de uso cultual, nem por isso podemos deixar de reconhecer que ele, afinal, compendia ideias e coordenadas dos próprios livros históricos. Na realidade, a Bíblia, enquanto obra literária, é subsidiária do trabalho humano dos seus redactores ou hagiógrafos. Incarna, por isso, a idiossincrasia dos respectivos autores, a sua cultura e o contexto vital, o *Sitz im Leben* , em que viveram e escreveram. Ela está, portanto, como que atravessada por correntes de pensamento, quando não de ideologias, que reflectem e supõem determinados conceitos de história, mesmo dentro da sua história religiosa. Foi a descoberta dos "géneros literários" por Júlio Welhausen e Hermano Gunkel [4] , no fim do

---

[3] Na concepção bíblica da História, o passado é aquilo que está em frente *(Ahariyt)* . Fica-se, pois, *(Qedem)* , ao passo que o futuro é o que está atrás com a ideia de que, na óptica hebraica, se caminha de costas para o futuro, mas iluminados e guiados pelo passado. Não é o passadismo das ideias mas a certeza da fé. De facto, para os hebreus, o passado tem uma função iluminadora, esclarecedora, como holofote de luz na caminhada escura para o futuro. À luz da fé, devem-se colher todas as lições do passado em que Deus, na Sua Bondade e Fidelidade (*Hesed we ´Emet*), agiu em favor do seu povo. E isto, não por saudosismo do passado mas por uma questão de fé. Este é o princípio da verdadeira segurança para a qual o passado não é um pretérito fictício, mítico, um *alibi* , mas o passado original, longínquo certamente mas continuamente esclarecido pelo diafragma da fé. Cfr, COUTO, António José da Rocha - *A Aliança do Sinai*, Valadares, Editorial Cucujães, 1990, 82; WOLF, H.W. - *Antropologia del Antiguo Testamento*, Salamanca, Ediciones Sigueme, 1975, 123-124.

[4] WELHAUSEN, Julius - *Prolegomena zur Geschichte Israels*, 1882 (Edição anastática, 1981) ; IDEM - *Die Composition des Hexateuchs und der historischen Buecher des Alten Testamentes*, Berlim, Verlag Georg Reimer,

século passado, que veio ajudar a fazer a destrinça do que seria mais histórico ou mais teológico, mais narrativo ou mais poético, mais real ou mais lendário.

1° Perspectiva teológica da História Deuteronomística

Na história das origens de Israel, compendiada nos cinco primeiros livros da Bíblia, que na tradição hebraica se chamam TORÁ (=Lei) e na tradição greco-latina PENTATEUCO, costumam os exegetas modernos distinguir quatro grandes tradições ou fontes literárias. São elas : Fonte *Javeísta* (J), Fonte *Elohista* (E), Fonte *Deuteronomística* (D) , e Fonte *Sacerdotal* (P), designada por esta sigla devido ao facto de, em alemão, se chamar *PriesterKodex* . Hoje [5], não falta quem ponha em causa o absolutismo desta teoria literária, inventando novas fontes: *Fundamentais* (G), do nome alemão "Grund", *Laicas* (L), *Suplementares* (S), *Nomádicas* (N), desdobrando as já apontadas ou pura e simplesmente negando-as. Como quer que seja, a intuição de Welhausen representa um verdadeiro achado científico e funciona como autêntica chave no campo da exegese bíblica.

1889 (3ª ed. 1963); GUNKEL, Herman - *Genesis uebersetzt und erklaert* , 4ª ed. Goettingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 1917 ; Cfr. a tradução francesa das pp.VII-LXXX GIBERT, P. - *Une théorie de la légende: Hermann Gunkel (1862-1932) et les légendes de la Bible, suivi de H. Gunkel . Les légendes de la Genèse (1910)* , Paris, Flamarion, 1979. Apesar desta descoberta ser de origem protestante, o Papa Pio XII consagrou-a na encíclica *Divino afflante Spiritu* , de 1943. Cfr. HAAG, H.; VAN DER BORN, A.; AUSEJO, Serafín de - *Diccionario de la Bíblia* , Barcelona, Editorial Herder, 1963, 746 com muitos dados bibliográficos; *DEB*, 526.

5 BALLARINI, Pe. Teodorico - *Introdução à Bíblia , II/1 : Pentateuco,* Petrópolis , Ed.Vozes, 1975; CAZELLES, Henri (Dir.) - *Introduction à la Blible, T.II: Introduction critique à l´Ancien Testament* , Paris, Desclée et Cie, 1973; CLEMENTS, R.E. - *Pentateuchal Problems* , ANDERSON, G.W. (Ed..) - *Tradition and Interpretation.* Essay by Members of the Society for Old Testament Study, Oxford, Clarendon Press, 1979, 96-123; PURY, Albert de (Ed.) - *Le Pentateuque en question,* Genebra, Labor et Fides, 1989; SELLIN.E.; FOHRER , G. - *Introdução ao Antigo Testamento, Vol.I:Livros Históricos e Códigos Legais,* São Paulo, Ed. Paulinas, 1978.

Deste modo, para os iniciados na problemática histórico-crítica da Bíblia, ultrapassando o fundamentalismo ingénuo, torna-se claro que, segundo a quase unanimidade dos exegetas, o livro do Deuteronómio inaugura um novo modo de escrever a história hebraica; é o que se chama a HISTÓRIA DEUTERONOMÍSTICA. Do ponto de vista da análise literária, foi Martin Noth [6] quem criou tal expressão e determinou o seu conteúdo. Trata-se, com efeito, duma autêntica escola literária, representada pelo redactor final deste corpo narrativo que, por essa razão, se chama *O Deuteronomista* (Dtr.).

A História Deuteronomística abrange os livros bíblicos do Deuteronómio, Josué, Juizes, I- II de Samuel, I - II dos Reis. Esta História Deuteronomística (HD) não é fruto espontâneo da cabeça iluminada dum só homem, na curta duração, mas antes o produto de toda uma escola que, em tom religioso, parenético e moralizante, à maneira dos pregadores nos sermões, tenta provar que Deus é o motor e agente principal da história do povo hebreu, o qual, por isso mesmo, deve viver e cumprir a Lei do seu Deus e Senhor.

Martinho Noth é, pois, o pai da teoria da História Deuteronomística que, depois, aplicou, praticamente, no seu comentário ao livro de Josué. Com os apoios e críticas que tal teoria tem suscitado [7], certamente que o próprio Noth teria corrigido ou, pelo menos, flexibilizado a sua tese e respectiva explanação.

---

6 NOTH, Martin - *Ueberlieferungsgeschichtliche Studien , I : Die sammelden und bearbeitenden Geschichtewerke im Alten Testament* , 3ª ed., Halle, Niemeyer, 1967; IDEM - *Storia d´Israele* , Brescia, Paideia Editrice, 1975.

7 GONÇALVES , Francolino - *História antes de Heródoto. O caso de Israel* , "Cadmo", 1, 1991, 65-98: VON RAD, G.- *Die deuteronomische Theologie in den* *Koenigsbuecher*, "Deuteronomium-Studium", Goettingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 1947, 52-64; IDEM - *La teologia deuteronomistica de la história en los libros de los reyes* , "Estudios sobre el Antiguo Testamento ", Salamanca, Sigueme, 1976, 177-189.

Por exemplo: não insistiria tão taxativamente sobre a ideia de que a HD é obra dum só autor judeu, o qual escreve na Judeia depois de 561 AC ; também não urgiria o pessimismo do autor, como se ele pretendesse, de modo exclusivo, interpretar as catástrofes de 721 AC (queda da Samaria e destruição do Reino do Norte ou de Israel) e 587 AC (queda de Jerusalém) em consequência das infidelidades do Povo Eleito e apostasia do culto de Javé com a consequente conversão aos cultos de Canaã, a chamada "baalização" do culto hebraico [8] . O aparecimento de palavras da raiz hebraica שוּב em "lugares estratégicos" (Dt. 4,29-30; 30,1-10; I Sam.7,3; I Re.8,46-53; II Re.17, 13; 23,25) sugere-nos que a HD pode ser vista, positivamente, como um apelo à conversão.

No seu estudo sobre a " História antes de Heródoto, já citado, F.Gonçalves adentra-se no intricado problema da redacção da HD. Enquanto a Escola Alemã (Goettingen) defende tres autores ou redacções sucessivas, outra parte da crítica, sobretudo F. M. Cross [9] , propõe duas edições: uma pre-exílica e outra durante o Exílio, realçando a impiedade do rei Manassés (698-642 AC). Por sua vez, F. Gonçalves , tendo em conta o "statu quo" da questão [10], com W. B. Barrick e Helga Weippert, aceita a seguinte proposta de tres edições : a 1ª durante a reforma de Ezequias (727 - 698 AC) ; a 2ª na reforma do rei Josias

---

8 Não nos parece que se possa ,simplesmente,dizer que a HD seja uma "confissão da culpabilidade de Israel". Von Rad,alertado pela frequência do uso da raiz hebraica שוּב (= voltar,converter-se) na HD ,pensa que a escola deuteronomística tentava uma resposta à catástrofe da destruição de Jerusalém no ano 587 AC. Possibilitar-se-ia,assim, desse modo, um regresso ao culto de Javé e a restauração da vida nacional segundo a expectativa messiânica,como se lê em II Re.25,27-30 e Jer.52,31-34.

9 CROSS ,F.M. - *Canaanite Myth and Hebrew Epic : Essays in the History of the Religion of Israel* , Cambridge,Ma,Harvard University Press,1973,274-289.

10 CORTESE,Enzo - *Problemi attuali circa l´opera deuteronomistica* ,"Rivista Biblica", 26, 1978, 341-352; WEIPPERT ,Helga - *Das deuteronomistiche Geschichtswerk. Sein Ziel und Ende in der neueren Forschung* , "Theologische Rundschau", 50.1985, 213-249.

(640-609 AC) promovida pelo profeta Jeremias; a 3ª depois do Exílio, quando uma "nova leitura da história hebraica deve ter levado a uma ou mais reedições, revistas e aumentadas, da História Deuteronomista" [11].

Embora achemos a hipótese das reedições muito decalcada sobre a visão moderna da imprensa, dentro da galáxia de Gutenberg, não se pode negar que a HD tenha pretendido recolher e preservar tradições antigas e outro material preexistente, oral ou escrito; mesmo assim, talvez, se possa dispensar a hipótese "laboratorial" das redacções pre-exílicas do Deuteronómio. Da nossa parte, somos de parecer que a redacção da HD, apesar das diferenças visíveis nos livros que a integram, se deve a um redactor final pertencente a um alargado círculo de activos escritores. Desde a reforma religiosa do rei Josias , de Judá, (640- 609 AC) fazia-se a recolha e ordenação de tradições e acontecimentos sobre a história do povo hebreu. Esse círculo ou grupo de "historiadores" poderia, teoricamente, provir de ambientes levítico-sacerdotais, de descendentes das "escolas de profetas" , ou, com mais verossimilhança, de "sábios" e escribas da corte e serviços públicos de Jerusalém. Pela sua função e posição, toda esta gente teria mais fácil acesso aos arquivos e reservatórios de documentação que parece estar por detrás da HD , além de terem mais contacto com as culturas contemporâneas e circunvizinhas do Médio Oriente [12].

A Escola Deuteronomística, cujo estilo ecoa em muitas páginas da obra literária do profeta Jeremias (Jer.24;29), abrange um arco diacrónico cujo "terminus a quo" ou ponto de partida se deve contar desde a reforma do rei Josias, cerca de 622 AC (II Re.22,1 - 23.,28; II

---

11 GONÇALVES, F. - *O. c.*, 90,

12 PORTER, J. R. - *Old Testament Historiography* , ANDERSON, G. W. - *Tradition and Interpretation* , Oxford, Clarendon Press, 1979, 125-162.

Cron. 34; Jer.36) ou até mesmo do rei Ezequias (727 - 698 AC). O seu "terminus ad quem" ou ponto de chegada pode situar-se pouco depois de 561 AC, conforme II Re.25,27; Jer. 52,31) , quando o rei Joakin de Judá (598 AC) foi libertado no 37° ano do cativeiro em Babilónia por Amel-Marduk, sucessor de Nabucodonosor, que o prendera (II Re. 24, 8-17: II Crón. 36, 9-10). Diremos, portanto, que a HD conheceu duas etapas dinâmicas e decisivas : a reforma de Josias (622 AC) e o regresso do Cativeiro de Babilónia (538 AC).

O tema da instalação de Israel em Canaã, segundo a promessa feita por Deus aos Patriarcas (Gén.15,18; 17,8) e prosseguida depois [13], já aparece no livro do Deuteronómio (Dt. 26,5-9), mas ocupa, praticamente, todo o livro de Josué com a descrição da sua real efectivação.

2° Instalação dos hebreus em Canaã : Livro de Josué

Ao considerar, do ponto de vista crítico-literário, um livro histórico como o de Josué, é preciso ter presente, à partida, que ele constitui um amálgama, um complexo de releituras sucessivas com aditamentos da tradição oral ou escrita. Com efeito, quando o redactor final dum livro histórico, bíblico, escreve, esse livro já está, no seu conteúdo originante, ou seja, a tradição, moldado por múltiplas tradições locais e reactualizações feitas em função da história global do povo hebraico. É que este povo, norteado pelo sentido teleológico da sua fé e animado pela esperança messiânica, sempre olhava para o passado num constante e persistente "flasch back" à procura de modelos em que, continuada e paradigmaticamente, se revia [14] . Ora, tudo isto é verdade a respeito do livro de Josué que, com o passado distante, procura manter o

---

13 ACKROYD, P. R. - *The History of Israel in the Exilic and Post-Exilic Periods*, ANDERSON, G. W. - *O.c.*, 320-350.
14 KELBER , W. - *Tradition orale et Écriture* , Paris, Cerf, 1991 (Col. "Lectio Divina, 145).

cordão umbilical, histórico. E isso faz através do recurso a etiologias [15], lendas e a antigas listas de tribos e cidades. Por conseguinte, neste ponto, temos de reconhecer que toda a moderna ciência bíblica é devedora aos estudos de Júlio Welhausen, Hermano Gunkel, Albrecht Alt, Martinho Noth e Gerahrd Von Rad, às suas análises crítico-literárias e reconstruções histórico-teológicas, a reboque das quais seguem quase todos os exegetas modernos.

Josué ficou na história como o Conquistador de Canaã para os hebreus. Isso aparece claramente na tradição bíblica e, antes de mais, no livro que traz o seu nome, não como autor mas como herói.

O Livro de Josué tem sido, porém, um pomo de discórdia em relação à inserção ou não no conjunto do Pentateuco. Eissfeldt [16] defende que sim, que deve ser integrado para termos uma visão global da história de Israel desde as origens até à sua instalação em Canaã, e fala, por isso, dum HEXATEUCO (Gén., Ex., Lev., Núm., Dt., Jos.) , como, aliás, Von RAD [17]. Pelo contrário, e por razões literárias, M. Noth integra-o, como vimos, na sequência histórico-literária da HD, reduzindo o Pentateuco a um TETRATEUCO (Gén., Ex., Lev., Núm.), como faz também Alt [18].

---

15 A etiologia é uma narrativa que, partindo duma situação presente ("até ao dia de hoje") , procura explicá-la encontrando a "causa " no passado distante. Na Bíblia, registam-se etiologias de tipo mítico, teológico, histórico, etimológico. Cfr. *DEB* , 444-445; GOLKA , F.W. - *The Aetiologies in the Old Testament*, "VT",26,1976,410-428; RAHNER,Karl - *Aetiologie* , "Lexikon fuer Theologie und Kirche", I, 1957, 1011-1012; SABOURIN , Leopold - *L´Étiologie biblique* , "Bulletin de Théologie Biblique", II, Nº 2, 1972,201-206.

16 EISSFELDT , Otto - *Hexateuch-Synopse. Die Erzaelung der fuenf Buecher Mose und des Buches Josua mit dem Anfange des Richterbuches in vier Quellen zerlegt* , Leipzig, 1922.

17 VON RAD, G. - *Das Formgeschichtliche Problem des Hexateuch*, Estugarda, Verlag W. Kohlhammer, 1938 ; IDEM -*Théologie de l´Ancien Testament* , 2 vols., Genebra, Labor et Fides, 1963/65.

18 ALT, Albrecht - *Kleine Schriften zur Geschichte des Volkes Israel* , I, Munique, C.H. Beekische Verlagsbuchhandlung, 1953, 1-177.

Apesar de alguns exegetas continuarem a tentar descobrir no livro de Josué as fontes tradicionais do Pentateuco [19], parece-nos que se deva manter a teoria da HD reconhecendo, contudo, o uso de fontes antigas, sem precisarmos de entrar na polifacetada, labiríntica e sempre "laboratorial" hipótese de diferentes estratos de redacção, pre-deuteronomísticos, pre-exílicos ou pos-exílicos.

De igual modo, também não pretendemos pôr em causa a importância decisiva de Josué como paladino e herói da ocupação hebraica de Canaã. Todavia, é óbvio que as circunstâncias preparatórias da sua acção militar relevam mais do religioso que do bélico e põem em evidência a perspectiva cultual em que a mesma está concebida e descrita: renovação da Aliança do Sinai, purificação do povo e circuncisão dos homens. Tudo isso são elementos que a reforma deuteronomística exigia e supunha.

Não é, portanto de estranhar que um salmo anamnésico como o Sl.43 (44) ao recordar a acção salvífica de Javé, Deus de Israel, Lhe atribuisse todo o êxito da Conquista de Canaã:

" Ó Deus, ouvimos dizer, nossos pais nos contaram
as obras que fizestes em seus dias, nos tempos passados.
Para os implantar, com vossa mão desalojastes povos,
para os fazer crescer, abalastes nações.

---

19 DELORME, J.; BRIEND, J. - *Le Livre de Josué* , CAZELLES , H. (Dir.) - *O.c.*, 251-264; LANGLAMET, F. - *Gilgal et les recits de la traverssée du Jourdain*, Paris, Gabalda, 1969; IDEM - *Josué II et les traditions de l`Hexateuque* , "RB", 78, 1971, 5-17; 161-183; 321-344; ID. - *La traverssée du Jourdain et les documents de l`Hexateuque* , "RB", 79, 1972, 7-38; MOWINCKEL, S. - *Tetrateuch-Pentateuch-Hexateuch. Die Berichte ueber die Landsnahme in der drei altisraelitischen Geschichtswerken* , Berlim, 1964; SMEND , R. - *Das Gesetz und die Voelker . Ein Beitrag zur deuteronomischen Redaktionsgeschichte* , "Festschrift G.Von Rad" , Munique, 1971, 494-509; SOGGIN,J.A. - *Le Livre de Josué* , Neuchâtel, Labor et Fides, 1970.

Não foi a espada que lhes conquistou a terra,
nem o seu braço lhes alcançou a vitória.
Mas sim a vossa direita e o vosso braço
e a luz da vossa face, porque os amastes.
Vós sois o meu Rei e o meu Deus,
Vós que destes a vitória a Jacob.
Convosco acometemos os nossos inimigos,
em vosso nome esmagámos os nossos agressores" (Sl.43/44,1-6).

Quanto à sua estrutura literária, este salmo pode classificar-se como uma lamentação colectiva, nacional, e insere-se naquele leque de salmos historicizantes onde o passado glorioso se contrapõe às humilhações do presente (Sl.74 (73); 79 (78); 80 (79). Por isso mesmo, o seu contexto histórico só pode situar-se depois da queda de Jerusalém (586 AC), mas é bem possível que, dadas as referências dos versículos 18-23 , se deva explicar no rescaldo das perseguições em tempo dos Macabeus (I Mac. 2,29-40; 9,27 s), adentrado o séc.II AC. Parece-nos, pois, que o texto citado é um exemplo ilustrativo e elucidativo da maneira hebraica de ver a história de Israel. Repare-se, antes de mais, no "ouvimos dizer", clara referência à tradição, à *parádose* oral, secular. Depois, sublinhe-se o "nossos pais nos contaram" a indicar a acção testemunhal dum passado sempre presente. Aliás, o emprego da forma *piel* (סִפְּרוּ) dá ao verbo um valor intensivo que reforça a ideia de repetição transmitida através "de geração em geração". Um livro tardio, como o de Ester, sublinha intencionalmente este "cordão umbilical" da tradição:" Ouvi desde criança, no seio da família, que Vós, Senhor, escolhestes Israel entre todas as nações, e os nossos pais entre todos os seus antepassados para fazer deles vossa herança perpétua e que cumpristes todas as vossas promessas" (Est.14,5).

Por outro lado, o texto acima citado do Salmo 43//44 está cheio de referências à acção de Deus como agente principal e motor da história. O ponto de partida dessa acção é a própria Conquista de Canaã onde Deus "implanta" o Seu povo de Israel. E, aqui, mais uma vez, é bom reparar no verbo hebraico (וַתִּטָּעֵם) . Esta forma do imperfeito nifal inverso do verbo נטע leva-nos ao facto da instalação dos hebreus em Canaã por obra e graça de Javé, feito que é descrito em termos de "plantação" duradoira duma árvore ou de fixação firme duma tenda de habitação.

Ao longo da descrição da empresa militar contra Canaã, toda a campanha aparece inserida e envolvida no religioso, a que não faltam teofanias, milagre da pretensa paragem do sol e outras acções taumatúrgicas, sobretudo a quando das batalhas (Jos.1,2 s; 3,7 s; 4,2s: passagem do rio Jordão; 6,2: tomada da cidade de Jericó; 7,10: anátema ou *herem* de Acã e sua família; 8,1 s: conquista de Ai; 10,8 s: batalha de Gabaon e paragem do sol;13,1 s: partilha de Canaã). Josué é apresentado a agir e a mover-se sempre de acordo com a vontade de Deus porque, quando age em nome próprio ou por iniciativa pessoal, como no caso dos exploradores enviados à cidade de Ai (Jos.7,2) , erra e falha. Que diferença de perspectiva, apesar de tudo, com a história militar do belicoso David (I Sam.16 - II Sam.24)!

Esta espécie de providencialismo sobre Josué transparece no próprio nome que o assinala e que é verdadeiramente premonitório e cheio de significado. Em hebraico, Josué (יהושוע) quer dizer *Javé salva*. Ora este alcance semiótico está bem patente na mudança de nome que Moisés operou quando o fez passar de simples *Hoshea* (הושע = salvação) para *Yehoshua* (יהושוע), indicando, assim, a acção salvífica de Deus sobre ele ou dele para o povo e, portanto, a missão de salvador que ele assumiria junto do povo de Javé. Estamos no domínio do religioso, já que,

em hebraico, existe uma verdadeira teologia do nome [20], como ficou bem patente, para afirmar a garantia da salvação, quando Moisés fez uma pequena mas significativa mudança no nome de Josué: "Moisés deu a Hoseias, filho de Nun, o nome de Josué" (Núm.13,16). Mas, talvez que o desaparecido *Livro do Justo* explicitasse melhor esta ideia (Jos.10,12-14).

De tudo o que acabámos de dizer se conclui que a figura de Josué, tal qual o texto canónico do *Livro de Josué* a retrata e emoldura, se insere numa obra de cariz teológico, literariamente tardia, pos-exílica, apesar de relatar factos históricos antigos e até pre-monárquicos.

O Josué bíblico é, por conseguinte, um intermediário de Javé para o Seu povo, um Seu agente, carismático sem dúvida mas subordinado, como alguém que deve executar, religiosa e fielmente, a Lei dada por Deus a Moisés, do qual, aliás, Josué era apenas um auxiliar, um ministrante (מְשָׁרֵת , Jos.1,7-8). A sua força provinha da adesão firme e fiel à vontade de Javé: "Estarei contigo como estive com Moisés; não te deixarei nem te abandonarei. Sê firme e corajoso, porque tu hás-de introduzir este povo na posse da terra que jurei a seus pais dar-lhes" (Jos.1,5-6). De facto, em todo o agir de Josué há uma contínua referência também às ordens recebidas de Moisés, e essa nota atravessa o livro inteiro como um refrão ou estribilho nomotético: "A Lei que Moisés Meu servo te prescreveu" (Jos.1,7; 4,10; 8,31; 11,12; 20,2; 21,2; 22,2).

Esta relação subordinante de Josué a Moisés merece que reflictamos um pouco. Tirando o capítulo primeiro do *Livro de Josué* , onde a citação do nome de Moisés é explicita e lógica na sequência da sucessão que o mesmo Josué lhe assegura (Jos.1,7 - 8,13), vê-se que ,

---

20 ODELAIN, O.; SEGUINEAU, P. - *Dictionnaire des noms propres de la Bible* , Paris, Cerf/Desclée de Brower, 1978, 214.

depois, o "Livro da Lei de Moisés" (Jos.24,5) funciona como um *leit-motiv*, um ponto de referência e um argumento de autoridade, sobretudo nos discursos parenéticos (Jos.4,10.12; 8,31; 11,12;.15.20.23; 20,2; 23,6) . Tal insistência no nome de Moisés, com certeza que nos leva para um período em que era preciso restaurar entre o povo hebraico a autoridade da Lei de Moisés. E essa foi, indiscutivelmente, a tarefa dos escribas após o regresso do Cativeiro de Babilónia em 538 AC, e sobretudo de Esdras-Neemias. Veja-se ainda como o redactor gosta de comparar Josué a um escriba que, dia e noite, medita na Lei do Senhor (Jos.1,8; cfr.Sl.1,2) e, mais, como ele repete a expressão "como está escrito na Lei de Moisés" (Jos.8,31.32.34) ou simplesmente "Lei de Moisés". Estes elementos parecem acentuar a preponderância do poder religioso, a afirmação do legalismo da Torá moisaica como a concebeu o judaismo pos-exílico, bem transmitido no espírito farisaico a que deu origem [21].

Para além disto, toda a investidura de Josué, como sucessor de Moisés, logo no capítulo primeiro, assume um carácter de rito litúrgico, sagrado, e inscreve-se nos parâmetros dos rituais de investidura sacerdotal [22] . O Josué conquistador é uma espécie de sacerdote e, por isso mesmo, como qualquer sacerdote do Templo de Jerusalém, deve obedecer, isto é, observar, meditar a Lei dada por Deus e fazer que o povo lhe obedeça também.

Que admira, portanto, que no começo da sua missão de chefe, Josué apareça submisso e fiel, paradigma moralizante e normativo para todos o bom israelita do futuro?! Era esta, de certeza, a imagem exemplar que o

---

21 GARBINI, Giovanni - *Storia e ideologia nell´Israele antico* , Brescia, Paideia Editrice, 1986, 160; cfr. AULD, A. G. -*Joshua, Moses and the Law* , Edimburgo, 1980, 83-85.

22 DE VAUX, R. - *Les institutions de l´Ancien Testament*, , II, Paris, Cerf, 1960,195-277.

redactor final pretendia apresentar e transmitir. Deste modo, diante de nós, se antolha a tese de que, em Israel, o poder político-militar deve estar sujeito ao poder religioso-sacerdotal. Sob este aspecto, o livro de Josué, como, aliás, o dos Juizes, ambos parecem estar muito próximos do espírito do Cronista , isto é, do redactor final do Livro das Crónicas, talvez até mais tardio. A mesma coisa verificámos quando, ao proceder à partilha da terra conquistada, se estabelece logo uma espécie de jerarquia religiosa, que se ordena de forma piramidal: o sacerdote Eleázaro, o chefe militar Josué, os chefes de família ou príncipes ou notáveis (Jos.14,1; 17,4; 21,1; 27,21; cfr.Núm. 27,21). Todavia, o próprio Josué, de alguma maneira, também exerce funções sacerdotais ao circuncidar os homens e ao celebrar a Páscoa (Jos.5) , ao fazer a leitura da Lei (Jos.8) , ao renovar a Aliança (Jos. 24), já que todas estas acções se desenvolvem em termos litúrgico-cultuais. Estabelecendo um paralelo e vendo a narrativa à luz da HD, tudo isto faz surgir em nós a imagem duma figura idealizada e decalcada sobre a figura do rei Josias, tal como este é apresentado no Livro das Crónicas (Crón.34 - 35) e não no Livro dos Reis (II Re.22,1 - 23,30).

É possível que esta constatação, como tenta provar o prof. Garbini, nos leve ao judaismo rabínico dos sécs.IV-III AC, verdadeiro período da hierocracia da Jerusalém pos-exílica. Como quer que seja, toda a história da acção de Josué deve ser considerada em retroprojecção, à maneira dum *flash back* na moderna linguagem cinematográfica e televisiva.

Outro tema, que aparece igualmente no Livro de Josué mas de modo anacrónico, é o do Templo, melhor dito, do serviço do Templo. Trata-se de Jos. 9,23-27, a propósito dos Neteneus, isto é, dos homens dados ou postos por Josué para os serviços auxiliares do culto. Na visão do redactor e sua tradição, eles seriam descendentes dos gabaonitas,

poupados à morte através dum estratagema armado a Josué. Em paga disso, ficaram escravos do Templo de Jerusalém, e deles voltaremos a encontrar referências no livro pos-exílico de Esdras (Esdr. 2,43; 7,7; 8,17-20). Embora na tradução grega dos LXX falte a referência ao Templo, ela parece irrefragável no TM (בית אל׳הי Jos.9,23). Na verdade, talvez os LXX se tenham dado conta do anacronismo, evidente no facto de apontar a existência do Templo já em tempos de Josué, e tenham, por isso, eliminado a dita referência. Em realidade, do ponto de vista da crítica textual, tanto pode ser o TM a ajuntar como os LXX a suprimir. Num caso e noutro, sempre teria havido intencionalidade ou para justificar uma prática ainda existente mas antiga (e, neste caso, o TM colocar-nos-ia perante uma etiologia histórica) ou para eliminar um anacronismo (caso da elisão por parte dos LXX).

A referência ao Templo é explícita no TM e subsiste sob a designação de "Casa do meu Deus"(בית אל׳הי , Jos.9, 23) e, portanto, é bem possível que a narrativa dos gabaonitas, dados como "servos da Casa de Deus", seja uma etiologia retroprojectada desde os tempos pos-exílicos afim de explicar a prática "ainda hoje" (Jos. 9,27) do emprego de estrangeiros na reconstrução e no serviço do Templo de Jerusalém a quando da obra restauradora de Esdras [23]. Este será mais um argumento de Garbini sobre a datação tardia do Livro de Josué [24].

A ocupação de Canaã pelos hebreus, segundo a visão da HD , é toda animada e veiculada pela ideia de posse da Terra, como dádiva de Deus e realização das promessas aos Patriarcas. Ora, o Livro de Josué, bem como

---

23 BRIEND, Jacques - *Israel et les Gabaonites* , LAPERROUSAZ, E.-M (Ed.) - *La Protohistoire d´Israel* , Paris, Cerf, 1990 , 122-182; IBAÑEZ-ARANA , Andres - *El pacto con los gabaonitas (Jos.9) como redacción etiológica*, "Estudios Bíblicos", 30, 1971, 161-175.

24 GARBINI, G. - *O. c.*, 175-182; SOGGIN, J. - *Le Livre de Josué*. Neuchâtel, Labor et Fides, 1970; IDEM - *Storia d´Israele* , Brescia, Paideia Editrice, 1984, 214-268.

o dos Juizes, mostram que Israel nutria pretensões sobre certos territórios de Canaã refractários ao seu domínio (Jos. 9 -17; Jz.1, 27 s.) e que essa pretensão radicava na vontade de Deus, uma vez que Canaã era a terra que Javé prometera aos hebreus em herança (נַחֲלַת יהוה Ex.15,17; Jos.22,19; I Sam.26,19; II Sam.14,16; Jer.2,7; 16,18; 50,11; Sl.67/68,10; 78/79,1). Esta ideia envolvia uma tal qual nota de sacralidade cultual, de tal modo que pertencer a Javé era "ter parte na terra de Javé" (Jos.22,25. Cfr. Lev. 25,23). Javé era o verdadeiro proprietário da terra em que Israel habitaria, pelo que a terra de Canaã pertenceria a Israel por direito sagrado [25] . Não deixa, contudo, de ser curioso observar que, nas narrativas da ocupação ou conquista de Canaã, exceptuando Jos.22,19, nada mais se diga sobre o direito de Javé à posse da terra, aparecendo, antes, evidenciada a ideia de promessa (Jos.1.2.11.15; 9,24; 10,42; 14,9; 21,43; 23,5.15; 24,13).

Considerando o Livro de Josué do ponto de vista literário, temos a distinguir uma oferta narrativa, que segue critérios geográfico-cronológicos e reparte a conquista em duas etapas [26] .

A primeira etapa foi conduzida por Moisés e realizou-se na Transjordânia, antes que o povo de Israel passasse o rio Jordão. É a conclusão da viagem que trouxe os hebreus do Egipto, isto é, do Mar Vermelho até ao rio Jordão. Pode considerar-se, porém, como um pródromo necessário que, de per si, nada tem a ver com a conquista, propriamente dita, da Terra Prometida de Canaã; o próprio Moisés morreria à vista dela (Dt.24), portanto, sem lá entrar. Essa etapa constitui, por isso, para o nosso estudo, algo de preliminar, abrangendo

---

25 VON RAD, G. - *O.c.*, 259.

26 SANMARTIN ASCASO, Joaquin - *Las Guerras de Josué. Estudio de Semiótica narrativa* , Valência, Institución San Jerónimo , 1982,

um período antecedente que encerra um ciclo históricamente quase inacessível (Dt.2,2 -3,17).

A segunda etapa é chefiada por Josué, sucessor de Moisés na condução do povo (Dt.31; Jos.1,1s). Começa ainda na Transjordânia e consiste, essencialmente, na ocupação militar de Canaã, tal como se estendia à vista de todo o povo de Israel (Dt.3,27). Reconhece-se, entretanto, que a narrativa de Josué ganha foros de irrealismo ao falar de "todo o povo" (Jos.1,2) , "todo o Israel" (Jos.3,17;10,42) , formas estereotipadas que não passam de expressões de exagero, próprias do domínio da fé e do entusiasmo histórico.

Esta etapa, sim, constitui o "ciclo cisjordânico" (Núm.33,50-56) e engloba a ocupação da verdadeira Terra Prometida que, dentro da visão pan-israelítica, na sequência das fronteiras do império de David-Salomão, abarcaria a Terra de Canaã e vai desde o deserto de Sin, no sul, até Hamat e ao rio Eufrates, no norte (Núm.34,3-13; Dt.11,24; Jos.1,2-4). Englobando a conquista propriamente dita, esta etapa começou, de forma efectiva, com a passagem do rio Jordão (Jos.3 - 4). Na realidade, atravessar o rio era dar um primeiro passo e decisivo para a tomada de posse definitiva da terra de Canaã. E isso, precisamente, é que justificava aquelas fórmulas estereotipadas da Promessa , tantas vezes repetidas: (Dt.6,1 אֶרֶץ אֲשֶׁר אַתֶּם עֹבְרִים שָׁמָּה לְרִשְׁתָּהּ "a terra aonde vós entrareis para a possuir"), ou ainda: (Dt.9,1:אַתָּה עֹבֵר הַיּוֹם אֶת-הַיַּרְדֵּן לָבֹא לְרֶשֶׁת "tu passarás o Jordão para a possuir").

O coração da narrativa da ocupação ou conquista de Canaã está todo no Livro de Josué que, graças aos estudos de Welhausen e sobretudo de Noth [27] , como vimos, já foi suficientemente analisado do

---

27 ROWLEY, H.H. (Ed.) - *The Old Testament and modern study* , Oxford, Oxford University Press, 1961, 84-90.

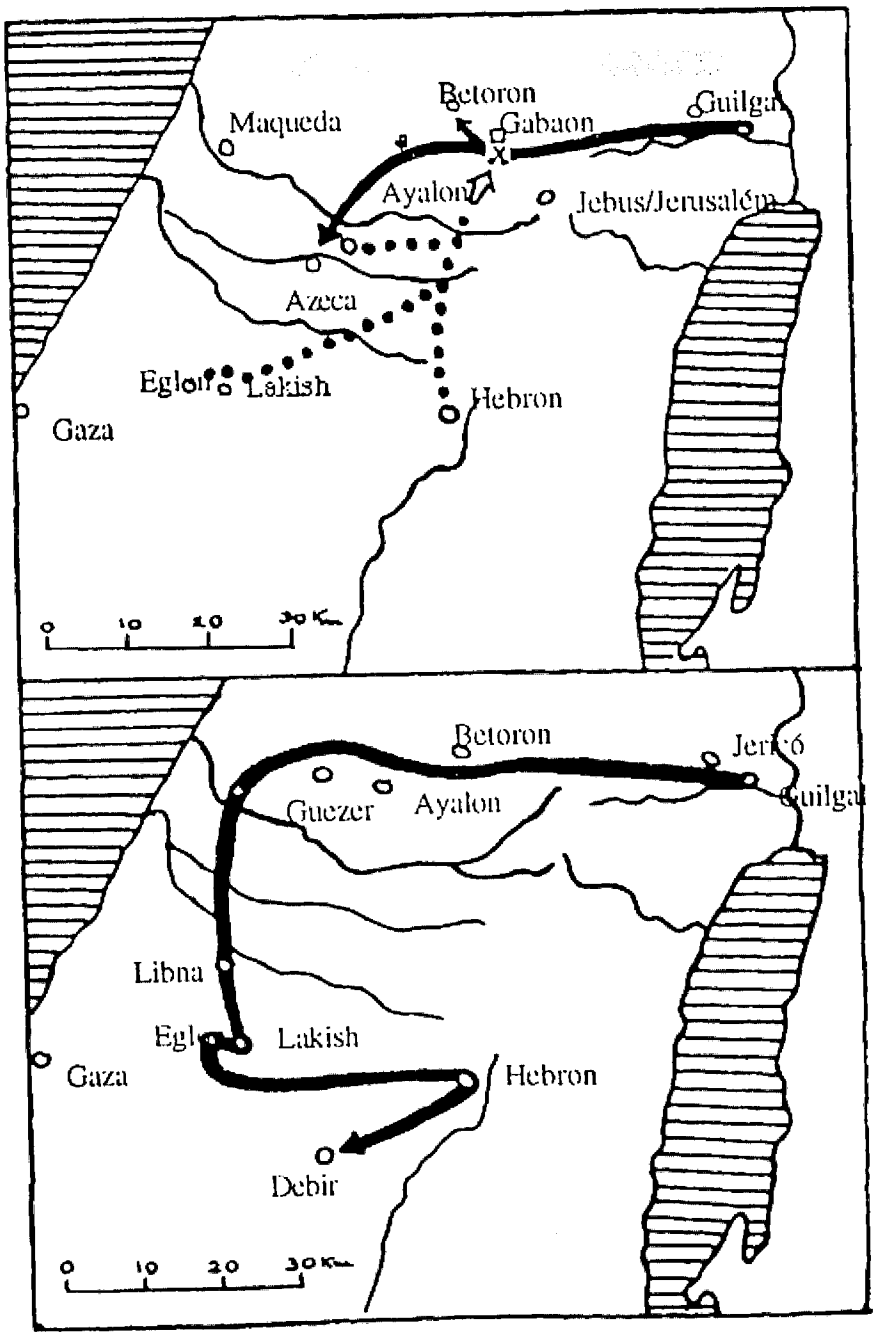
ponto de vista das fontes ou tradições. Não é, agora, ocasião nem nos parece necessário fazer aqui trabalho de bisturi crítico-literário, por mais que , muitas vezes, tenhamos as nossas reservas quanto às conclusões daqueles mestres da exegese bíblica e de outros comentadores do Livro de Josué.

Admitamos que, em termos narrativos, o bloco literário de Jos. 2,1 -11,20 é pre-deuteronomístico (Welhausen, Noth) e a sequência de Jos.13 - 21,42 bem como os trechos 14,1;19,51;20 - 21; 22,8-34; 24,33 são pos-deuteronomísticos, de características P . Deste modo, o núcleo da verdadeira HD de Josué circunscreve-se a Jos.1; 8,30-35 (Cfr.Dt.27,1-13; 12,23; 23 - 24), o que tudo mostra como o redactor final não teve problemas de consciência em fazer obra de síntese com "pre-textos" e em novas perspectivas, sem que admitamos a unidade de composição e concepção, como quer Houdstra seguindo Hertzberg [28].

O grande bloco narrativo de Jos.2 -11, obedecendo a critérios geográficos, enquadra a conquista da Terra num tríptico que, sucessivamente, vai apresentando os hebreus em conquistas no centro, sul e norte de Canaã. Se atendermos bem ao processo narrativo, veremos que ele tem o seu clímax ou ponto nevrálgico em Jos.9,3s: "Os habitantes de Gabaon, sabendo o que Josué tinha feito a Jericó e Ai, foram astuciosos e puseram-se a caminho... foram ter com Josué ao acampamento de Guilgal e disseram-lhe bem como a todos os filhos de Israel: - Viemos de terras longínquas para fazer aliança convosco". Desde logo, este passo nos leva a atentar no modo como se desenrola a campanha.

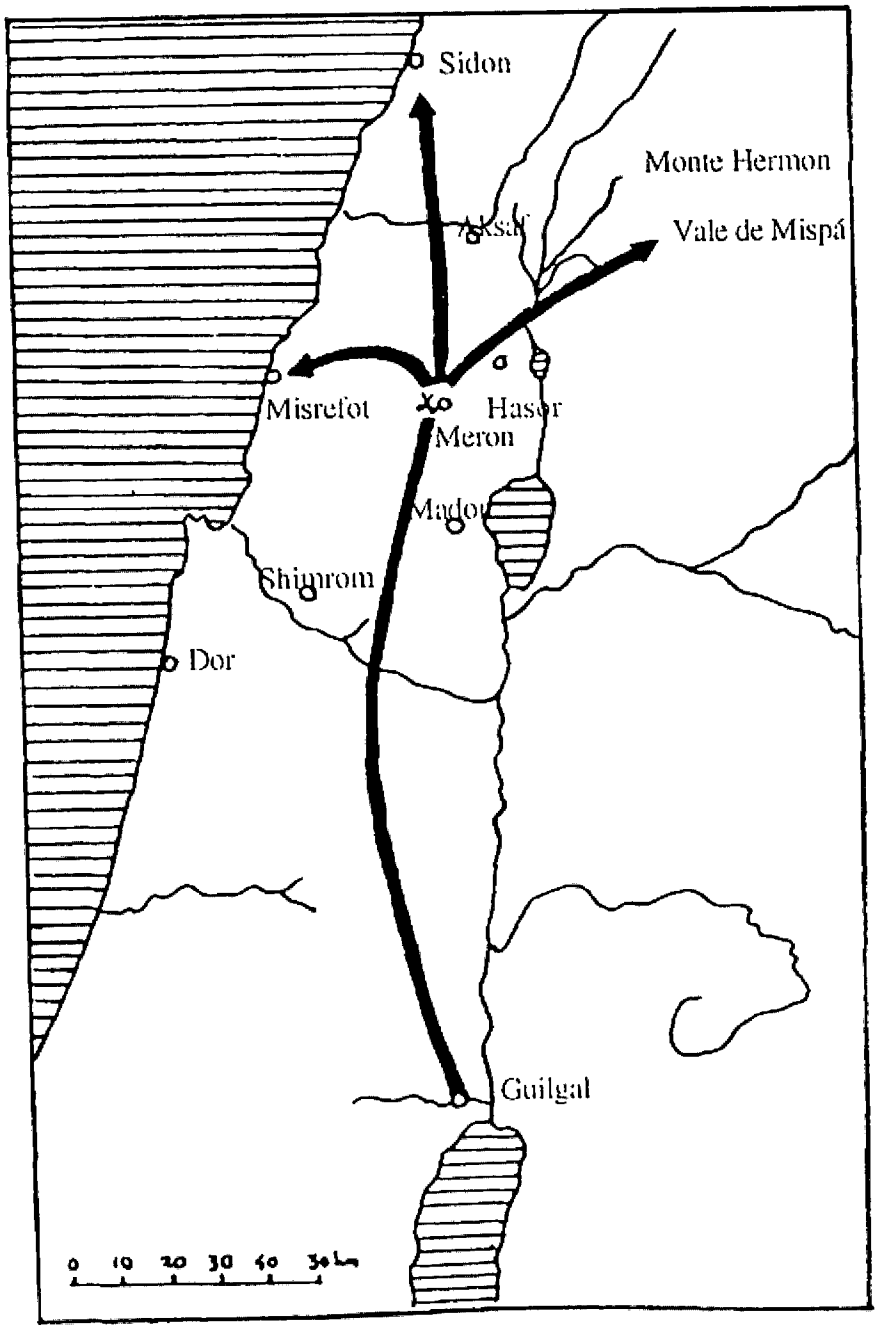
---

28 HOUDSTRA, Marten H. - *The book of Josua* , Michigan, William B.Erdmans Publishing Company , 1981 ("The International Commentary on the Old Testament"). Cfr. HERTZBERG , H.W. - *Die Buecher Josua, Richter, Ruth* , 5ª Ed., Goettingen, 1974, ("ATDK").



I: Lutas de Josué no Centro de Canaã (Jos. 6,1- 10,27)

II: Lutas de Josué no Sul de Canaã (Jos. 10,25-42).



Campanha de Josué no Sul de Canaã (Jos.11,1-15)

De facto, no Centro (Jos.2 -8) , trata-se duma campanha bélica, com Josué e os hebreus a lançarem-se na conquista de Canaã.

No Sul (Jos.10) , porém, são os amorreus e cananeus que se unem e vão atacar os hebreus.

No Norte (Jos.11) , é Yabin, rei de Hasor, quem se atira aos hebreus numa campanha militar, aliás, bastante simétrica à do capítulo décimo. Vê-se, assim, que, no Sul e no Norte, a luta é provocada por uma estratégia ou tática defensiva por parte dos habitantes de Canaã face à terrível fama guerreira de Josué e dos hebreus, a qual, entretanto, tinha chegado aos ouvidos dos habitantes do país. Com efeito, a palavra chave da narrativa é o verbo שמע (*Ouvir*, Jos.10,1; 11,1), o qual provoca e desencadeia, só por si, toda a série de acções militares, na sequência daquelas que os hebreus vinham desenvolvendo desde o capítulo segundo. O tema da "fama" de Josué é, agora, o motor da narrativa [29].

O conjunto literário de Jos.13 - 19, cheio de dados e informações geográficas, na análise de Ibañez-Arana, daria razão aos elementos P detectados por Von Rad [30].

Os capítulos 23 - 24 são muito semelhantes entre si. Através dos dois discursos de Josué (*Testamento e Despedida*) parece inculcar-se que Israel vive em estado de perfeita e utópica tranquilidade, liberto dos inimigos vizinhos (Jos.10,23). Todavia, por meio desses discursos, é o redactor final a querer exigir do Povo Eleito a observância fiel da Lei em correspondência à fidelidade de Deus, que acabara de cumprir as Suas promessas (Jos.1,6-9; 8,32-35; 11,15; 22,5).

---

29 SANMARTIN ASCASO, J. - *O. c.*, 142.

30 Cfr. nota 23.

O capítulo 23, que Noth atribuira ao Dtr., deve pertencer, segundo Smend [31], a um redactor pos-deuteronomístico de tendência nomistica (Dtr. N). Porém, Sanmartin [32], atendendo a razões de semiótica, diz que não se pode negar que tal capítulo contenha elementos derivados da HD. E cá estamos nós nas infindáveis e bastante subjectivas análises "laboratoriais" da crítica das fontes.

Quanto ao capítulo 24, esse terminaria bem dentro da teologia da HD com o característico verbo ético-litúrgico עבד (*servir*), 15 vezes repetido no texto, em solene voto de fidelidade proclamado a uma só voz por todo o povo: אֶת-יהוה אלהינו נַעֲבֹד וּבקולו נִשְׁמַע = "O Senhor nosso Deus serviremos e ouviremos a Sua voz", Jos. 24,24).

Não será, por certo, descabido aproximar esta renovação da Aliança por Josué, após a Conquista da Terra Prometida, daquela outra feita por Esdras, mais tarde, a quando do regresso do Cativeiro de Babilónia (538 AC) e reinstalação dos judeus na Terra Santa dos seus maiores, repetindo o litúrgico "Amen! Amen!" (Neh.8,6). Se o estilo, naturalmente, não é bem o mesmo, pelo menos estamos no mesmo comprimento de onda espiritual. Tanto no Livro de Josué como no de Nehemias (Jos.23,12; Neh.10,31; 13,23) aparece a recusa e a reprovação dos casamentos mistos. O discurso de Josué no capítulo 24, de tom marcadamente deuteronomístico, poderia bem enquadrar-se como um eco do esforço de revitalização religiosa após 561 AC, segundo o que já dissemos, ou até como uma ressonância da reforma de Esdras-Nehemias.

---

31 SMEND, R. - *Das Gesetz und die Voelker*, WOLF, F.W. (Ed.) - *Probleme biblischer Theologie*, "Festschrift, G. Von Rad zum 70. Geburtstag, Munique, 1971, 494-509.

32 SANMARTIN ASCASO, J. - *O.c.*, 41.

Talvez seja isto mesmo que pretenderia afirmar Akroyd [33] e com quem nós, em princípio, concordamos.

Para a HD, é indiscutível que a época de Josué, isto é, a época da Conquista de Canaã pelos hebreus, segundo as promessas de Javé aos Patriarcas, foi, por isso mesmo, uma época exemplar de pureza histórica, de rectidão moral e fidelidade à Lei de Moisés, mesmo tendo em conta o pecado de Acã, na sequência da tomada de Ai, de resto, prontamente erradicado. De facto, logo que descoberto, foi confessado e castigado (Jos.7,5-26). Aliás, este episódio parece até ser de fundo etiológico, externo e supérfluo à narrativa da tomada de Ai; configura-se como um bloco errático, facilmente amovível, que poderia mesmo ter sido introduzido pelo redactor deuteronomístico, a modo de "conto exemplar" para os vindouros. Compreender-se-ia bem dentro do seu esquema moralizante de pecado// derrota, tal como se observará também em Juizes 2,6-12.15 quando verificaram que "a mão do Senhor estava contra eles" [34]. De resto, à luz da teologia ou ideologia da HD, cremos poder concluir que há uma diferença moral entre a época de Josué e a dos Juizes.

A época dos Juizes, em que se começa a dar o afrontamento de hebreus e filisteus, tema axial deste trabalho, é uma época de infidelidades à Lei, de pecados em série e de anarquia político-religiosa, que só a instituição da Monarquia conseguirá superar, e como o próprio

---

33 "The appearance of the strongly homilietic tone in so much of the material of the seventh to sixth centuries BC and its continuance and developement in the more formal style of the post-exilic period, with the use particulary in prophecy of the rhetorical question and the disputation, suggest circles in wich older material was expounded, assemblies in wich the words of older narrative or prophecy or psalm were given immediate application to the contemporary scene", ACKROYD, P. R. -*The History of Israel in the Exilic and Post-Exilic Period* , ANDERSON, G.W. (Ed.) - *O. c.*, 327.

34 SANMARTIN ASCASO, J. - *O. c.*, 130-144.

Livro dos Juizes tenta sugerir (Jz.17,6; 18,1; 19,1; 21,25). A monarquia hebraica surgirá, de facto, como tentativa de resposta eficaz aos ataques e destruições que os inimigos de Israel provocavam no Povo Eleito (I Sam.8) sem que este, por falta de coordenação duma autoridade centralizada, pudesse resistir. Deve, portanto, concluir-se que a HD pretende fazer, pelo menos com referência aos tempos paradigmáticos e protéticos de David, a "justificação apologética da monarquia" [35].

A Conquista da Terra de Canaã, eis, pois, o tema fulcral do Livro de Josué e, segundo Noth, da HD. Curiosamente, o nosso antigo colega no "Studium Biblicum Franciscanum" de Jerusalém, Enzo Cortese, defendeu uma tese no Pontifício Instituto Bíblico de Roma [36] sobre a Terra de Canaã na História Sacerdotal. Nela critica Noth quanto ao tema da Terra na HD, dizendo que "é un fatto che nel Deuteronomio si parla continuamente della terra" e que é no Código Deuteronomista (Dt.5,28) que se encontram mais expressões sobre ela, tais como *dar*, *possuir* [37]. Mas, para Cortese, se o Dtr. dá importância ao tema da "Terra", fá-lo com elementos tirados do dito Código Deuteronomista, de Josué e dos Juizes, encorporando-os na sua obra global que, como dissemos, vai do Dt. ao II Reis,25,50. Torna-se, por isso, evidente que faz isso com o objectivo especial de interpretar o fracasso da história do Povo Eleito. A chave teológica específica que, para ele, explica esse fracasso é a falta de fidelidade de Israel à Lei de Javé, seu Deus. O tema da "Terra" não tem, por isso, na HD uma importância relevante, de per si; é apenas o ponto de partida da história negativa de Israel. Esta a razão por que não há qualquer referência ao dom da "Terra" na HD, como se pode ver das

---

35 IDEM - *Ibidem*, 16.

36 CORTESE, Enzo - *La terra di Canaan nella storia sacerdotale del Pentateuco* , Brescia, Paideia Editrice, 1972.

37 IDEM - *Ibidem*, 168.

reflexões de Jos.11,16s; 21,43s e, sobretudo, Jos.23, que Noth classificava como "Merkmale der planvollen Geschlossenheit" [38].

Na HD, o único passo a respeito da Monarquia e que se refere ao dom da "Terra" encontra-se na oração do rei Salomão (I Re.8,34.40.48); mas a referência, nesse passo literário, não é categórica, apenas alusiva. Desse modo, a ideia central da HD continuaria a ser a da ameaça do castigo por causa das infidelidades à Lei de Javé.

Ainda para Cortese, a teologia do dom da Terra é, principalmente, obra da História Sacerdotal (P) que, todavia, não descreve a conquista de Canaã. Certamente que em Dt.1 - 3 e 4 existem verdadeiros pontos de contacto com P, mas, mesmo aí, o tema da "Terra" tem a função de introduzir o Código Deuteronomista (Dt.5 - 28) e servir de colchete à história posterior, usando palavras e expressões estereotipadas. Sempre segundo Cortese, as afirmações de Noth sobre o pouco interesse de P pelo tema da "Terra" são mal fundadas. E nós não podemos deixar de concordar que a expressão "Terra de Canaã" seja tida , por unanimidade dos exegetas, como típica da fonte P desde Gén.11,31, *passim*, embora não exclusiva [39], pois aparece em passos de J e E (Gén.42,5s; 45,17s; 46,31s; 47,1s; 48,7; 50,5).

Certos dados de Cortese são, em verdade, irrefragáveis; contudo, a insistência na ideia de que a HD pretendia explicar o fracasso da história de Israel já foi ultrapassada. E, se a importância do tema da "Terra" na fonte P é indesmentível, não há dúvida de que a HD, através de Josué, o que pretendia era narrar a ocupação ou conquista da mesma.

---

38 NOTH, M. - *O. c.*, 5.
39 CORTESE,E. - *O. c.*, 69.

Por conseguinte, no meio de todo este emaranhado de análises literárias e de hipóteses reconstitutivas, o que se conclui é que não podemos arrumar as fontes ou tradições bíblicas, de forma estática, em compartimentos estanques, sem comunicação entre si. Temos, pelo contrário, de as encarar como correntes de pensamento em contínua permeabilidade ou perene osmose, num aberto sistema de vasos comunicantes. Dentro desta visão dinámica e evolutiva, é possível que uma tradição, como a da HD, na sua redacção final e canónica, englobe elementos mais antigos, pre-existentes, e também dados posteriores, sacerdotais ou nomísticos sem que, para isso, tenhamos de recorrer, imediatamente, à hipótese de várias redacções// edições, como se faz com as obras impressas, positivamente controláveis. Estas, sim, em edições sucessivas podem ser revistas, corrigidas e aumentadas, conservando as marcas mais ou menos distinguíveis das sobreposições. O processo genético das fontes ou tradições bíblicas até à sua redacção final tem sido muito visto pelo prisma da literatura impressa. Deveria antes situar-se no plano da tradição oral e ser comparado ao movimento duma fonte rumorejante que, brotando duma fraga no alto dum monte, vai deslizando e sendo engrossada, na sua marcha, com o contributo de arroios e ribeiros, isto é, de variadas correntes de pensamento fornecidas pelos ambientes de profetas, sacerdotes e escribas, os quais, de forma anónima, no circunstancialismo diacrónico da vida do Povo Eleito, vão interferindo e deixando a marca da sua intervenção.

A redacção final dum livro bíblico dá-se sempre juntando dados de tradições paralelas que, sobre os mesmos factos, quiçá em lugares e tempos diferentes, se foram criando e transmitindo. É, assim, que, na HD e em particular no Livro de Josué, se explica a aceitação duma redacção

final tardia, onde já se notam elementos sacerdotais e nomísticos, ou seja, preocupações legalísticas do judaismo pos-exílico.

É neste sentido que vemos e entendemos a crise ou desconfiança actual em relação às fontes "clássicas" do Pentateuco, segundo a teoria de Graff-Welhausen.

3º A estratégia da instalação dos hebreus em Canaã.

Não se pode negar a importância do tema da "Terra" - Terra de Canaã - prometida aos Patriarcas e onde os hebreus entraram sob a chefia de Josué, cerca de 1200 AC. Todavia, já vimos que o Livro de Josué deixa entrever diversos modos de ocupação da Terra de Canaã, conforme Josué ataca o Centro ou se dirige para o Sul ou para o Norte. A breve análise histórico-literária do Livro de Josué permitiu-nos concluir que, sobre a instalação dos hebreus em Canaã, são detectáveis duas ofertas narrativas. Elas consubstanciam duas concepções diferentes da tradição bíblica a respeito do modo como Josué e os hebreus ocuparam a dita terra de Canaã:

3.1- A ocupação foi uma campanha militar (Conquista). É esta imagem ou ideia que ressalta, de imediato, da leitura de Jos.2 - 11; 14-19 quando Josué, com seus homens de armas, cai de chofre sobre os cananeus e amorreus que habitam o país. Domina-os em batalhas-relâmpago, vitoriosas e aniquiladoras, pese embora o salutar e premonitório revés do primeiro assalto à cidade de Ai (Jos.7,1 -8,24). Nesse caso, e semelhantes, porém, trata-se duma oferta narrativa, eminentemente religiosa e até miraculosa, a sublinhar que a conquista da Terra Prometida é mais um dom de Deus que uma obra de militares, uma acção mais divina que humana. Nesta perspectiva, a narrativa é mais teologia que história, tem mais a ver com a fé do que com a

realidade factual. E lá estamos nós, mais uma vez, a constatar que a Bíblia foi escrita por homens de fé para homens de fé. Se Deus é o grande motor da história hebraica, a acção dos hebreus tem de ser fulminante e vitoriosa, porque eles são instrumentos do próprio agir de Deus. As guerras de Israel são guerras de Javé, o qual, em virtude da Aliança com os Patriarcas, não pode deixar de se comprometer e lutar pelo Seu povo. Daí a teofania do Anjo de Javé que se depara a Josué com a espada desembainhada, como "chefe do exército de Javé"(Jos.5,14: -שַׂר צְבָא-יהוה) antes da tomada de Jericó, a qual assinalava o início da Conquista de Canaã.

Certamente, por idealização, remontando a uma era antiga, quando Israel ainda não tinha a sua "Terra", a guerra revestia para os hebreus um carácter sagrado, razão pela qual já o livro do Deutreronómio (Dt.20) apresenta as regras da "guerra santa" [40]. Aliás, também aqui e a propósito da "guerra santa" ou "guerras de Javé", não se pode deixar de salientar o estudo recentíssimo de Van der Lingen [41], que veio pôr em causa a tese de Von Rad e Weimar segundo a qual as "guerras de Javé" "obedeceriam a um esquema antigo".

Para Van der Lingen, que reexaminou os textos considerados arcaicos, a terminologia dessas guerras não remonta ao tempo de Josué e à Conquista mas nasceu durante e depois do Exílio, quando o povo hebraico estava sujeito aos pagãos. Exilado e subjugado, o povo de Israel

---

40 HEINTZ, J.G. - *Idéologie et instructions de la "guerre sainte" chez les Hébreux et dans le monde sémitique ambiant* ,"Études Théologiques et Religieuses", 56, 1981, 3-45; LIND, M.C. - *Yahweh is a Warrior.The Theology of warfare in Ancient Israel* , Scottlade, Herald Press, 1980; PURY, A. de - *La guerre sainte israelite: réalité historique ou fiction littéraire? État des recherches sur un thème de l´Ancien Testament* , "Ibidem", 51-53; VAN DER LINGEN, Anton - *Les Guerres de Yahvé* , Paris, Cerf, 1990 (Col."Lectio divina", 139); VON RAD, G. - *Der Heilige Krieg in Alten Israel* , Zurique, 1951 (ATANT, 20); WEIMAR , P. - *Die Jawekriegserzaehlung in Exodus 10, Josua 10, Richter 4 und I Samuel 7* , "Biblica", 57, 1976, 38-73.

41 Cfr. obra citada na nota 40.

não podia fazer a guerra mas, à luz da fé, imaginava-a e reconstituia-a com confiança na protecção do Deus das suas origens. Dava-se, então, o que chamamos um"flash back" histórico-teológico, ideológico. Portanto, as razões de Van der Lingen surgem-nos como mais um trunfo em favor da redacção tardia do Livro de Josué. Para ele, esta conclusão deveria mesmo deduzir-se da análise do capítulo décimo, onde Josué aparece no papel dum dirigente nacionalista, religioso e não, propriamente, como um comandante militar. Por esta razão é que ele, Josué, é posto a pronunciar fórmulas de encorajamento (Jos.19,5) na construção do futuro, sempre contando com o auxílio de Javé (Jos,10,40) para vencer o derrotismo do seu povo.

Poderíamos concluir, assim, que, no Livro de Josué, a terminologia da guerra faz parte da ideologia da libertação do Cativeiro de Babilónia e não da ideologia da "guerra santa" derivada da Conquista de Canaã [42]. A ocupação de Canaã tinha mesmo de ser vista como uma campanha militar sob o alto patrocínio de Javé, "Senhor da Guerra".

2º A ocupação de Canaã foi uma operação lenta (Infiltração pacífica). É a outra imagem que surge no nosso visor geográfico ao observarmos, de perto, a narrativa. Mesmo com a ajuda de Deus (Jos.1,19 s), os hebreus não conseguiram ocupar as zonas costeiras do Mediterrâneo nem as grandes cidades cananeias das planícies. Vê-se ainda que os hebreus recorreram, com frequência, à tática dos ataques-surpresa, em forma de guerrilha episódica e repentina (Jos.15,13-19), enfrentando temores e sofrendo reveses (Jos.1,19.34), numa luta que é evidente em Jos.1,21-36; 17,14-18; 19,47s). Deste modo, pouco a pouco, foram-se assenhoreando das zonas montanhosas sem referência aos vales nem às partes baixas (*Shefelah*) nem às zonas costeiras. A

42 VAN DER LINGEN, A, - *O. c.*, 107-127, 237-247.

ocupação de Canaã pelos hebreus foi-se fazendo aos poucos, em sistema de infiltração progressiva e lenta.

Esta segunda oferta narrativa, talvez complementar da primeira, é mais realista e dramática; por isso, depara-se ao historiador como mais objectiva e plausível, apesar de evidenciar, como sempre na Bíblia, também e ainda, o elemento teológico e engrandecedor da religião.

Em conclusão desta visão panorâmica dos problemas bíblicos da ocupação hebraica de Canaã, à luz da HD, deduzimos que o leitor crente e desprevenido, numa leitura de superfície do Livro de Josué, dificilmente conseguiria dar-se conta do emaranhado das questões subjacentes ao texto canónico e da ilusão de óptica histórica em que está metido. Ao fim e ao cabo, porém, ficaria com a impressão de que a ocupação da Terra de Canaã por Josué obedeceu a uma determinação divina, executada através duma campanha militar fulminante que teria produzido uma conquista rápida e total.

Esta foi, de resto, a visão generalizada, que, para os judeus, constitui uma espécie de "verdade histórica" e, entre os cristãos, foi difundida pela "Bíblia das Escolas", e ainda hoje encontra defensores mesmo no plano universitário, como fez Kaufmann [43] com a sua tese ortodoxa e fundamentalista. O Livro de Josué, todavia, não é história pura; é, sim, um livro de fé judaica, uma epopeia religiosa onde não faltam expressões de optimismo religioso e até hipérboles, como se verifica pelo resumo das terras conquistadas, onde a palavra "todo" (כל) aparece nada menos que sete vezes num curto espaço descritivo (Jos.11,16-20).

---

43 KAUFMANN, Y. - *The Biblical Account of the Conquest of Palestine*, Jerusalém, 1953; IDEM - *Traditions concerning Israelite History in Canaan* , "Sc. H.", 8, 1961, 303-334.

Dada a importância que o santuário de Guilgal [44] desempenha no Livro de Josué, julga-se que este reuna tradições da tribo de Benjamim, em cujo território aquele santuário se situava, tradições essas conservadas e veiculadas durante muito tempo pelos respectivos sacerdotes, passando, depois, para o património popular de Israel unificado (I Sam.10,8; 11,14s; 13,47; 15,12-21.23; Am.4,5; 5,5). O Livro de Josué não pode, portanto, tomar-se como um relato "cronístico" completo da Conquista hebraica de Canaã; e, se fora preciso prová-lo, bastaria fazer a cartografia dos dados geográficos fornecidos pelo texto e confrontá-lo com um mapa de Canaã, tal como é reconstituível pelas informações das Cartas de El Amarna (séc.XIV AC), atrás referidas.

Do ponto de vista histórico, a Conquista ou ocupação de Canaã deverá ser datada dos finais do Bronze Tardio ou Recente e dos começos do Ferro I, cerca de 1200 AC. No Livro de Josué, uma única vez se faz referência aos filisteus (Jos.13,2-3), os quais estão situados onde, antes, se falava de Enaquitas, gigantes algo misteriosos (Dt.2,10). Diga-se, entretanto, que o Livro de Josué, falando dos filisteus e seus cinco distritos, a célebre Pentápole do tempo de David//Salomão, nunca alude a qualquer batalha entre hebreus e filisteus; isso irá acontecer no I Livro de Samuel. Ora, por um lado, isso prova que, com certeza, os filisteus ainda não estavam em Canaã e, por outro lado, o próprio Livro de Josué afirma expressamente que, sendo Josué já muito velho, "a terra por conquistar era muita" (Jos.13,1: וְהָאָרֶץ נִשְׁאֲרָה הַרְבֵּה-מְאֹד לְרִשְׁתָּהּ). E, depois, o texto, apontando o que faltava conquistar, enumera, em primeiro lugar, as províncias ou distritos dos fariseus (Jos.13,2-3). Tudo isto, porém, deriva, indubitavelmente, duma visão posterior sem a noção exacta da cronologia. .

---

44 LANGLAMET, François - *Gilgal et les récits de la traverssée du Jordain*, Paris, Gabalda, 1969.

Resulta, por conseguinte, claro e provado que, numa discussão específica sobre a historicidade do relato do Livro de Josué, coisa que aqui pressupomos por ultrapassar os limites deste trabalho e seu tema nuclear, haveria que ter em conta o problema geral da História Bíblica e seu género literário, enquanto história religiosa, teocrática, com a consequente relação História // Lenda ou Mito [45]. É que, nas narrativas bíblicas, os dois géneros literários têm, frequentemente, a mesma função "evocadora" do passado, como sublinhava Roland Barthes [46]. Ora, o tema da " Terra Prometida" (Promessa a Abraão, Gén,12,4; David, II Sam.7.14) é um tema-chave da historiografia bíblica em geral e da HD em particular; atravessa todo o Antigo Testamento como uma ideia-força, de tal modo que, ainda hoje, cria e justifica a *´ERES ISRAEL*, ou seja, o moderno Estado de Israel. Com razão, à boa maneira hebraica, dizia Ben Gurion, o fundador do novo Israel: "Em Israel, quem não acredita no milagre não é realista!" Crente ou não crente, ortodoxo ou laico, todo o judeu continua a pensar, como os hebreus de antanho, que Israel é uma criação de Javé, uma obra, isto é, uma dádiva do Deus bíblico. Na verdade, era isto, precisamente, que procurava provar a história religiosa do Livro de Josué e, por isso, é que os historiadores modernos, seguidores da história científica, racional e critíca, experimentam tantas dificuldades ao debater-se com a historicidade das narrativas..

Concluindo todo o capítulo, podemos afirmar que o Livro de Josué, historico-criticamente considerado, não serve de guia para o

---

45 CARREIRA, José Nunes - *História e Historiografia na antiguidade Oriental*, "Estudos de cultura pre-clássica", Lisboa, Editorial Presença, 1985, 142-167; IDEM - *História antes de Heródoto* , Lisboa Ed. Cosmos, 1993, 211-219; GIBERT, Pierre - *La Bible à la naissance de l´Histoire* , Paris, Fayard, 1979; GONÇALVES, Francolino - *História antes de Heródoto: o caso de Israel* , "Cadmo", 1, 1991, 65-98; VÁRIOS - *La storiografia nelle Bibbia* (Atti delle XXVIII Settimana Biblica), Bolonha, Edizioni Dehoniane, 1986.

46 BARTHES, Roland - *Le degré zéro de l´écriture*, Paris, 1953, 45.

levantamento e estabelecimento científico das origens de Israel. O que ele nos dá é uma visão religiosa dum facto histórico real, perspectivado pelo holofote da fé judaica, que queria levar os israelitas a acreditar em Javé e a tomar como modelo "histórico" de vivência religiosa a figura de Josué. Por consequência, seria um erro fundamentalista e uma inconguência científica pretender equacionar e sujeitar os dados da arqueologia às informações das narrativas historicizantes do Livro de Josué. O Livro histórico de Josué, afinal, é a confirmação do apotegma que várias vezes repetimos ao longo deste trabalho: - A Bíblia é um livro de fé, escrito por homens de fé para homens de fé!

IV

OS HEBREUS EM CANAÃ Á LUZ DA ARQUEOLOGIA

A Arqueologia é uma ciência importantíssima para a descoberta e reconhecimento do passado mas, ao mesmo tempo, é uma "ciência muda", como dizia o experiente Pe. De Vaux, OP; precisa de ser enquadrada com outras fontes do conhecimento, mormente literárias. Ora, para Israel, o documento escrito mais antigo é a célebre Estela do 5° ano de Merenptah, faraó da XX dinastia egípcia, cerca do ano 1231 ou 1207 AC, conforme se adopte o sistema da cronologia alta ou baixa. Houve quem quisesse ver nessa estela a confirmação da narrativa do Êxodo dos hebreus do Egipto, como se Merenptah fosse o faraó anónimo de que parece falar Ex.4.19, o qual teria sucedido a seu pai Ramses II (1304-1237 AC), o faraó de longo reinado [1], ao qual a Bíblia faria alusão (Ex.2,23).

Por agora, abstemo-nos de fazer qualquer juizo de valor sobre novos dados heurísticos, sejam de que espécie forem, a respeito da origem de Israel; todavia, do ponto de vista histórico, até podemos aceitar como base da nossa pesquisa que a instalação dos hebreus e, portanto, de Israel em Canaã se deu nos começos do séc. XIII AC. Pelo menos para os exegetas bíblicos, este é um dado cronológico significativo, que resulta do paralelismo da história bíblica com as civilizações do Médio Oriente Próximo.

Neste capítulo, admitindo, sem rebuço, que a Arqueologia é, de per si, uma ciência autónoma, não podemos deixar de reconhecer que ela

---

1 MONTET, Pierre - *L´Égypte et la Bible* , Neuchatel, Delachaux et Niestlé, 1959, 29 ("Cahiers d´Archéologie Biblique", N° 11).

é, de facto, um auxiliar precioso e complementar da exegese e da história bíblicas. Sem estar, directamente, ao serviço da Bíblia, como algum tempo se pretendeu, ela ajuda, com certeza, a reconstituir e compreender determinados acontecimentos do "mundo da Bíblia". Por isso, vamos fazer o rastreio e levantamento dos dados que, nos últimos tempos, tem proporcionado a arqueologia da velha Terra de Canaã e, a partir daí, tentar o estabelecimento duma cronologia minimamente aceitável.

1º A Arqueologia em Canaã: quadro diacrónico

Canaã, pela sua situação geográfica, como lugar quase obrigatório de passagem entre o alto Eufrates (Síria), a Norte, e o delta do Nilo (Egipto), a Sul, foi sempre uma terra onde se acumularam sobreposições culturais que, como por sedimentação, foram criando a rica e complicada história da região. Israel, tal como vimos, situa-se na grande área de Canaã, embora dela seja apenas uma parte. É lícito, por conseguinte, à luz da Arqueologia, não só fazer o inventário das diferentes épocas arqueológicas, como também, à luz da história, elencar a longa teoria de períodos culturais, que ali se sucederam.

1.1 - Quadro diacrónico-cultural.

Embora, nestes assuntos, a unanimidade seja tão somente um *desideratum* , mesmo com algumas diferenças de terminologia e oscilações de cronologia, é possível apresentar um quadro sinóptico das escavações arqueológicas. Vamos respigá-lo nos estudos de síntese fornecidos pelos estudiosos que, nos tempos recentes, têm escrito sobre a arqueologia de Canaã // Israel ou da Terra Santa da Bíblia. Na realidade, é longa a série de arqueólogos ilustres e de países diversos que têm empregado todo o seu esforço em descobrir os misteriosos lugares

bíblicos, desde o pioneiro Albright, passando por Bright, Wright, De Vaux, Kenyon, Aharoni, Mazar e tantos outros ainda vivos e activos nas diversas expedições arqueológicas de Israel, sem esquecer os precursores de antes da guerra árabo-judaica. A título de informação e comparação, vejam-se os quadros cronológicos apresentados nas obras de Aharoni [2], Mazar [3] e na "Enciclopédia Arqueológica da Terra Santa" (AEHL) [4]

	AHARONI	MAZAR	AEHL
NEOLÍTICO	8300-4000 AC	8500-4300	8300-4500
CALCOLÍTICO	4000-3150	4300-3300	4500-3150
BRONZE	3150-1200	3300-1200	3150-1200
B.Antigo	3150-2200	3300-2300	3150-2200
BA I	3150-2850	3300-3050	3150-2850
BA II	2850-2650	3050-2300	2850-2650
BA III	2650-2350		2650-2350
BA IV	2350-2200		2350-2200
B.Médio	2200-1550	2300-1550	2200-1550
B.M.	2200-2000	2300-2000	2200-2000
BM II		2000-1800	2000-1750

---

2 AHARONI, Yohanan - *The Archaeology of the Land of Israel* , Philadelphia, The Westminster Press, 1982

3 MAZAR, Amihai - *Archaeology of the Land of the Bible. 10.000-586 BCE* , Doubleday, The Anchor Bible Reference Library, 1990

4 *The Archaeological Encyclopedia of the Holy Land* , (NEGEV, Avraham, ed.), 3ª Ed., Nova Iorque, Prentice Hall Press, 1990.

BM II B	1800-1550	1750-1550	
BM III			1750-1550
B.Tardio	1550-1200	1550-1200	1550-1200
BT I	1550-1400		1550-1400
BT II	1400-1200		1400-1300
BT III			1300-1200
FERRO	1200-586	1200-586	1200-586
F I		1200-1000	
F I A	1200-1150		1200-1150
F I B	1150-1000		1150-1000
F II A	1000-925	1000-925	1000-900
F II B	925-721	925-586	900-800
F II C	721-586		800-586

OUTROS PERÍODOS CULTURAIS

Período Babilónico-Persa	586 - 332
Período Helenístico	332 - 37
Período Romano	37 AC - 324 DC
Período Bizantino	324 - 640

Período Árabe	640 - 1099
Período Cruzado	1099 - 1291
Período Turco-Otomano	1291 - 1918
Mandato Britânico	1922 - 1847
Estado de Israel	1948 -

2° Campanhas arqueológicas em Canaã // Israel .

Canaã, na sua dimensão de velha terra da Bíblia, ligada ao Israel de David e ao moderno Estado de Israel, constituiu bem cedo, na época moderna, um campo privilegiado de pesquisas arqueológicas. Com a Bíblia na mão, queria-se encontrar aquele "mundo sepultado", que tinha sido o palco de muitos acontecimentos históricos a garantir a fé de milhões de crentes judeus e cristãos, ao longo de gerações.

Inicialmente, e durante muito tempo, as escavações seriam, por isso mesmo, autênticas empresas de carácter historicista, sempre norteadas pela ideia de encontrar os restos ou indícios arqueológicos de cidades e lugares emocionantes para a fé daqueles que têm na Bíblia do Antigo ou Novo Testamento o seu código religioso e moral. Não havia uma sistemática investigação científica nem sequer planos de pesquisa organizada; tudo se fazia de maneira selectiva e desarticulada, sempre à espera da descoberta sensacional e emotiva: os muros da cidade de Jericó destruida por Josué, o túmulo do rei David, o templo de Herodes, o Grande, a gruta do nascimento de Jesus, o Santo Sepulcro de Cristo.

Essa fase da "Arqueologia Bíblica" está, definitivamente, ultrapassada. Não interessa, para o nosso estudo, fazer, aqui e agora, a

revisão histórica do que tem sido a exploração arqueológica em Canaã// Israel, o país da Bíblia, a Terra Santa. Bastará realçar que, segundo Finkelstein [5], na década de 1920 a 1930, se começou uma busca mais sistemática e científica relacionada com a instalação de Israel em Canaã, busca essa que, desde 1970, se tem centrado numa pesquisa, metodicamente organizada por zonas ou regiões, de modo a possibilitar uma visão abrangente, global mesmo, de todo o terreno das tribos de Manassés e Efraim. Desta maneira, será possível estabelecer, com um mínimo de aproximação, as estruturas materiais do viver das populações de Canaã na viragem dos sécs.XIII-XII AC, isto é, na passagem do Bronze Tardio ou Recente para o Ferro I. É essa época que os historiadores apontam como data hipotética da instalação dos hebreus em Canaã.

Entre 1935-39, depois de sondagens e explorações arqueológicas em sítios bíblicos, considerados de real importância (Ai, Betel, Guibea = Tell el Ful, Hazor, Jericó, Lakish, Meguido, Silo) , o sábio William Foxwell Albright concluia que a instalação dos hebreus (Israel) em Canaã fora a consequência lógica duma conquista militar, tal como o demonstrava o cenário arqueológico dos lugares apontados e a Bíblia (livro de Josué) o relatava [6] . Será esta tese que correrá mundo vinculada à "Escola de Albright", a qual defende uma total correlação entre a Bíblia e a Arqueologia. Não se pode ignorar que a crença "reformada" de Albright, baseada no primado da Bíblia, condicionou, em muito, do ponto de vista mental, a visão científica deste notável arqueólogo, verdadeiramente apaixonado pela Bíblia e toda a sua envolvência.

---

5 FINKELSTEIN, Israel - *The Archaeology of the Israelite Settlement*, Jerusalém, Israel Exploration Society, 1988, 15 s.

6 ALBRIGHT, William Foxwell - *The Israelite Conquest of Canaan in the light of Archaeology*, "BASOR", 74, 1939, 11-23; IDEM - *The Archaeology of Palestine* , Edição revista, Londres, Penguin Books, 1960.

Pouco depois, o aprofundamento crítico-literário dos textos bíblicos levou o "evangélico" alemão, Albrecht Alt, a afirmar e defender que a instalação de Israel em Canaã foi o resultado duma lenta e pacífica infiltração-ocupação de povos nómadas, os quais, vindos do deserto, se foram sedentarizando em zonas pouco habitadas de Canaã [7]. Para ele, se as narrativas bíblicas ajudam à compreensão dos achados arqueológicos, estes, por sua vez, explicam aquelas. Como se vê, por caminhos diferentes, Albright e Alt chegam a conclusões diferentes, mesmo partindo dos mesmos dados: o primado normativo da Bíblia e o valor da Arqueologia.

Ainda em 1971, o douto M. Weippert, ligado às teses da escola alemã de Alt, mas já conhecedor da nova evidência arqueológica surgida nas regiões montanhosas da Efraim e da Judeia, continuava a defender a preponderância das tradições literárias sobre as razões arqueológicas [8].

Em 1957, Yohanan Aharoni dava a conhecer os resultados dum projecto pioneiro pelo qual pretendera abranger, em pesquisa global, a região da Galileia superior, fazendo uma sondagem arqueológica nos diversos sítios da região. A sua conclusão arqueológica aproximou-o muito das teses de Alt, porquanto a arqueologia provou que se tratava duma região bastante despovoada no Bronze Tardio e onde, depois, no Ferro I, se estabeleceram alguns povoados, pequenos e não amuralhados, isto é, sem muros de defesa [9]. Era a aplicação duma nova metodologia de trabalho arqueológico orientado no sentido da análise regional

---

7 ALT, Albrecht - *Erwaegungen ueber die Landnahme der Israeliten in Palaestina* , reimpresso em "Kleine Schriften zur Geschichte des Volkes Israel", I , Munique, Beck, 1953, 126-175.

8 WEIPPERT, M. - *The Settlement of the Israelite Tribes in Palestine*, Londres, 1971, 135 s.

9 AHARONI, Yohanan - *The Settlement of Israelite Tribes in Upper Galilee*, Jerusalém, 1957 (texto hebraico); VÁRIOS - *The Rise of Ancient Israel* , Washington, Biblical Archaeology Society, 1992.

globalizante que, a breve trecho, se iria dirigir para a zona montanhosa central, aquela que, segundo a Bíblia, fora o coração da ocupação hebraica de Canaã.

Uma tarefa desta natureza só foi possível depois de 1960, na sequência da "Guerra dos Seis Dias", quando os arqueólogos israelitas tiveram acesso à dita região, verdadeira "espinal medula" da Terra Santa, que se estende desde a planície de Jezrael ou Esdrelon a Bersheba, abrangendo a zona ocupada das montanhas da Samaria e Judeia.

Em 1968, já estavam feitas sondagens arqueológicas em mais de 100 lugares habitados a partir do Ferro I e, em 1971, Aharoni, Fritz e Kempinski tendo concentrado a sua pesquisa no vale de Bersheba, em Tell Masos, concluiam pela larga influência ali dum povo que se estabelecera durante o Ferro I. Eles identificaram esse povo com os hebreus e mantiveram essa identificação apesar das críticas de Kochavi.

Entretanto, as sondagens arqueológicas realizadas na zona montanhosa do centro (Manassés e Efraim) aceleraram-se por obra de Kochavi, A.Mazar e Zertal, procurando explorar, agora, a dimensão ecológica e económica, o que permitiu compreender o desenvolvimento histórico da ocupação da zona em questão. De facto, como diz Israel Finkelstein, é impossível tratar o problema da instalação dos hebreus em Canaã sem ter em conta, pelo menos, um completo levantamento da região montanhosa central.

A tese de Finkelstein sobre a instalação de Israel em Canaã [10] constitui o estudo mais conseguido do ponto de vista arqueológico. Desde 1980, o autor pôs a sua particular atenção na zona de Efraim, onde se situava o santuário de Silo que, no tempo dos Juizes, desempenhou um

---

10 Cfr. nota 5, e ver a apreciação crítica de F. Langlamet em "RB", 1989.

papel centralizante e aglutinador para a "anfictionia" ou união das tribos hebraicas. Finkelstein partiu do estudo comparativo de `Izbet-Sartah, aldeia situada em frente de Afek e precisamente em confronto com a cultura de Afek, de nítida tradição cananeia; além disso, o lugar abria passagem para a planície costeira da Filisteia 11.

Depois de 1980, enquanto Zertal se dedicava às sondagens no território da antiga tribo de Manassés, Finkelstein virou-se com afinco para a exploração sistemática da zona de Efraim. Foi a acumulação dos dados descobertos que lhe permitiu defender a sua tese, há pouco publicada. Por um lado, rebatia as sedutoras hipóteses da escola sociológica de Mendenhall e Gottwald, por outro, avançava, de forma positiva, uma explicação arqueológica, que se aproxima das posições de Alt e suas análises literárias; só que, desta feita, a palavra é toda da arqueologia para a qual vai procurar paralelos na área da etnografia, através do estudo das instalações dos beduinos contemporâneos em vias de sedentarização.

Para Finkelstein, a zona central das montanhas e colinas de Canaã//Israel formava uma espécie de fronteira, cuja oscilação pendular se pode seguir desde o MB II até ao Ferro I. Constata-se, com efeito, uma multiplicação de *habitats* , ou sítios habitados (Zertal identificou 116 para Manassés e Finkelstein 66 para Efraim), mas as sondagens continuam.

Para o que Finkelstein chama o "survey" do território de Efraim 12, cobrindo uma área de 1.050 Km.2, e que constitui o coração do seu trabalho, apresenta ele, desde a pesquisa começada em1980, o resultado

---

11 Infelizmente não nos foi possível o acesso ao trabalho de FINKELSTEIN , I. - *`Izbet Sartah. An Early Iron Age Site near Rosh Ha`ayin*, Londres, BAR, 299,1986.

12 FINKELSTEIN, I. - *O. c.*, 121-204.

de escavações em 513 lugares arqueológicos. Depois, dá a conhecer o cabedal de informações obtidas na reescavação de Silo, o primeiro centro de culto dos habitantes ali estabelecidos durante o Ferro I, e que a Bíblia atribui aos hebreus.

Não se pode ignorar que, no território de Efraim, se situam cinco dos mais importantes sítios do Ferro I (Ai, Betel, `Izbet Sartah, Hirbet Raddana, Silo) e que a Bíblia, explicitamente, fala da Ai, Betel, Silo. Finkelstein dá-se ao minucioso trabalho de fazer análises topográficas, ecológicas e recolha de restos de cerâmica do Ferro I. Trata-se dum território montanhoso ou cheio de colinas com altitude média de 600 m., pedregoso, quase nas bordas do deserto, clima árido, onde se cultiva a oliveira e algum cereal de pequeno porte, avaro para a horticultura e com pastos rafados para rebanhos. Todo o trabalho de Finkelstein é fruto de seis anos de pesquisas e ao qual há pouco a acrescentar, a não ser o que se pode recolher dos relatórios das escavações arqueológicas em fim de estação de trabalhos. A ideia geral que nos fica, depois desta laboriosa pesquisa arqueológica, é a de que o território da tribo de Efraim só no Ferro I conheceu uma real ocupação por parte de gente dada à pastorícia e em começos de sedentarização.

Foi na base destes dados que André Lemaire se lançou a escrever o seu trabalho de síntese, dando a visão da origem de Israel nos territórios de Efraim e Manassés [12]. As suas conclusões estão em concordância com os resultados de Finkelstein e seguem, de perto, as informações dos mais recentes arqueólogos israelitas.

---

12 LEMAIRE, André - *Aux origines d´Israel: La montagne d´Ephraim et le territoire de Manassé (XIII-XI siècle av. J C.)* , LAPERROUSAZ, E.M. (Dir.) - *La Protohistoire d´Israel* , Paris, Cerf, 1990, 183-292. O mesmo autor, já antes, havia publicado: *Recherches actuelles sur les origines d´Israel* ,"Journal Asiatique", 270, 1/2, 1982, 5-24.

Adam Zertal é outro arqueólogo israelita que acaba de publicar um primeiro relatório e a visão-síntese de todo o seu trabalho de doze anos no território de Manassés [13]. De resto, também ele apresentou uma tese, de carácter arqueológico, na Universidade de Haifa [14] e as suas conclusões são idênticas às de Finkelstein, tendo em conta, evidentemente, as características da região.

Como resultado da sua pesquisa, Zertal apresenta os seguintes dados:

BM (1750-1550 AC) ..... 116 sítios

BT (1550-1200 AC).....39 "

FI (1200-1000 AC).....136....."

Note-se que, na tese de 1988, Zertal apresentava apenas 96 sítios arqueológicos do Ferro I; os outros foram descobertos depois dessa data. Esta análise estatística permitiu concluir que os sítios do Ferro I se encontravam em terreno diferente dos do BM e do BT. Enquanto estes se situavam em vales num solo aluvial e fértil, os do F I estavam na zona das colinas com a característica terra avermelhada das montanhas. As estatísticas falam por si:

BM + BT.....43% nos vales. 13% nas colinas

FI.....19%....."....."38%....."

---

13 ZERTAL, Adam - *Has Josua´s Altar been found on Mt.Ebal* ,"BAR", XI, 1, 1985, 26-43; IDEM - *Israel enters Canaan. Following the pottery trail* , "BAR", XVII, 5, 1991, 28-49.

14 ZERTAL ,Adam - *The Israelite Settlement in the Hill Country of Manasseh*, Haifa 1988. Infelizmente não nos foi possível consultar este trabalho. Cfr. FINKELSTEIN, I. - *O. c.*, 80 - 91; LEMAIRE, A.- *Aux origines d´Israel: La montagne d´Éphraim et le territoire de Manassé,* " La Protohistoire d´Israel" , Paris, Cerf, 1990, 198-206.

Isto mostra que, no F I, houve uma nova população, que se veio instalar nas colinas e só, a espaços, pôde ocupar a terra fértil dos vales, onde se distinguem como lugares mais importantes: Bet-Shean, Dhaharat-Tawilah, Dotan, Genin, Monte Ebal (=*El Murnat*), Siquém (=*Tell Balata*), Taanak, Tell el-Far`ah (=*Tirsa*), Tirat Zvi .

O dito Zertal chama também a nossa atenção para a diferença de vegetação, pois nos vales predominava o carvalho da região (*Quercus ithaburensis)* , à volta do qual crescia boa erva de pasto, e nas colinas adensavam-se os arbustos rasteiros de floresta em forma de *maquis,* o que não favorecia o pasto dos rebanhos. Talvez por isso, esta nova população tivesse de conviver pacificamente com os habitantes dos vales, enquanto ela própria vivia na zona de colinas e montanhas, em pequenas aldeias abertas, sem fortificações, dada, sobretudo, à pastorícia. Este novo grupo humano, que, à luz da História e da Bíblia, se deve identificar com os hebreus, distinguia-se, portanto, dos habitantes dos vales, os cananeus, que viviam em cidades fortificadas e praticavam a agricultura.

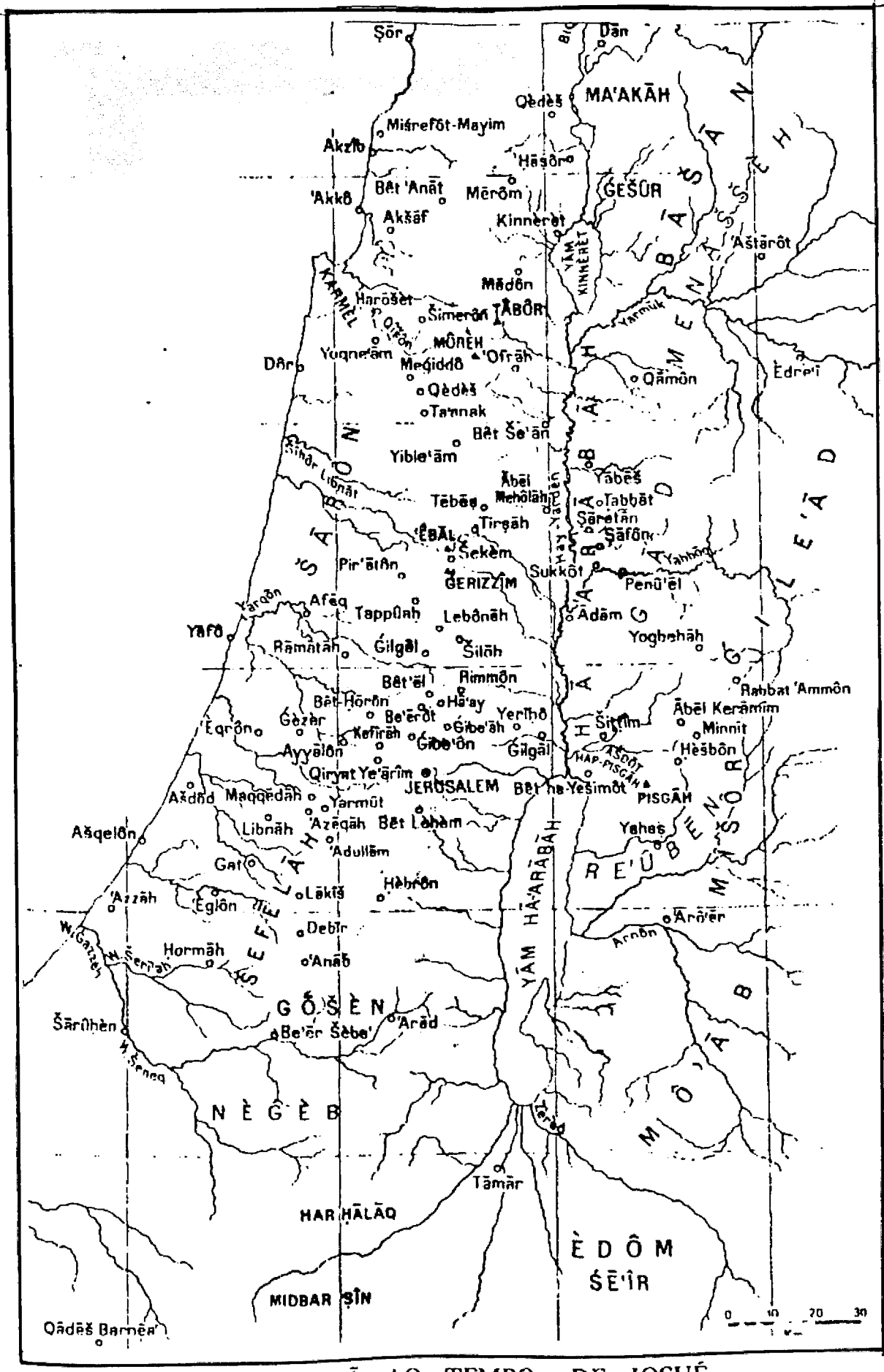
Um outro elemento, que deve ter marcado a diferença destas populações, foi o uso da água. E, neste ponto, as recentes descobertas arqueológicas vieram desfazer a opinião irrealista de W. F. Albright. Segundo ele, os hebreus, vivendo nas colinas, souberam tirar partido do uso de instrumentos de ferro para cortar a pedra e cavar cisternas na rocha, onde recolhiam a água das chuvas. Só que, quando Zertal se lançou pelas colinas à procura dessas cisternas nos sítios arqueológicos do F.I, praticamente nunca as encontrou. As poucas cisternas existentes tinham sido cavadas no grés mole e impermeável do Sennoniano, como aconteceu em Hirbet Raddanah. Na verdade, cerca de 90% dos sítios do F.I estavam assentes sobre a dura pedra calcária (*limestone) do*

Cenomene-Turoniano. Aí, teria sido preciso betumar ou calefatar para evitar a perda da água; por esta simples razão, a hipótese de Albright, à luz da nova pesquisa ecológica, deve ser abandonada como inverossímil 15. Mas a cerâmica descoberta em abundância ajuda a explicar como é que as populações das colinas do F.I se abasteciam de água e a conservavam.

Na realidade, um pouco por toda a parte, nas instalações do F.I abundam as célebres "jarras de colarinho" (*collared-rim jar*) que os arqueólogos ceramistas chamam *pithos.* São jarras bojudas, de cerca 170 centímetros de altura e capacidade de 40 a 60 litros, próprias para arrecadação ou armazenamento, cuja característica mais saliente é o rebordo (colarinho). Estas jarras e seus restos constituem cerca de 30% da cerâmica recolhida nos sítios arqueológicos do F I. Elas terão servido, num primeiro tempo, até cerca do ano 1000 AC, de cisternas de armazenamento de água. Desaparecem depois, quando os israelitas, criando a sua monarquia, se tornaram senhores de Canaã, tendo acesso livre às águas dos rios e das fontes naturais dos vales. A própria Bíblia salienta, desde os primórdios da ocupação de Canaã, a estreita ligação do homem às fontes da água. Moisés, por exemplo, ao pretender atravessar a região de Edom, comprometeu-se garantindo: "não beberemos a água dos poços", caso contrário, "se bebermos da tua água, nós e os nossos rebanhos, pagar-te-emos o que for justo" (Núm.20,14-19). Talvez que, por este passo, possamos compreender porque é que, inicialmente, os hebreus terão preferido viver em paz com os cananeus, apascentando os seus rebanhos e indo buscar àgua às fontes deles 16.

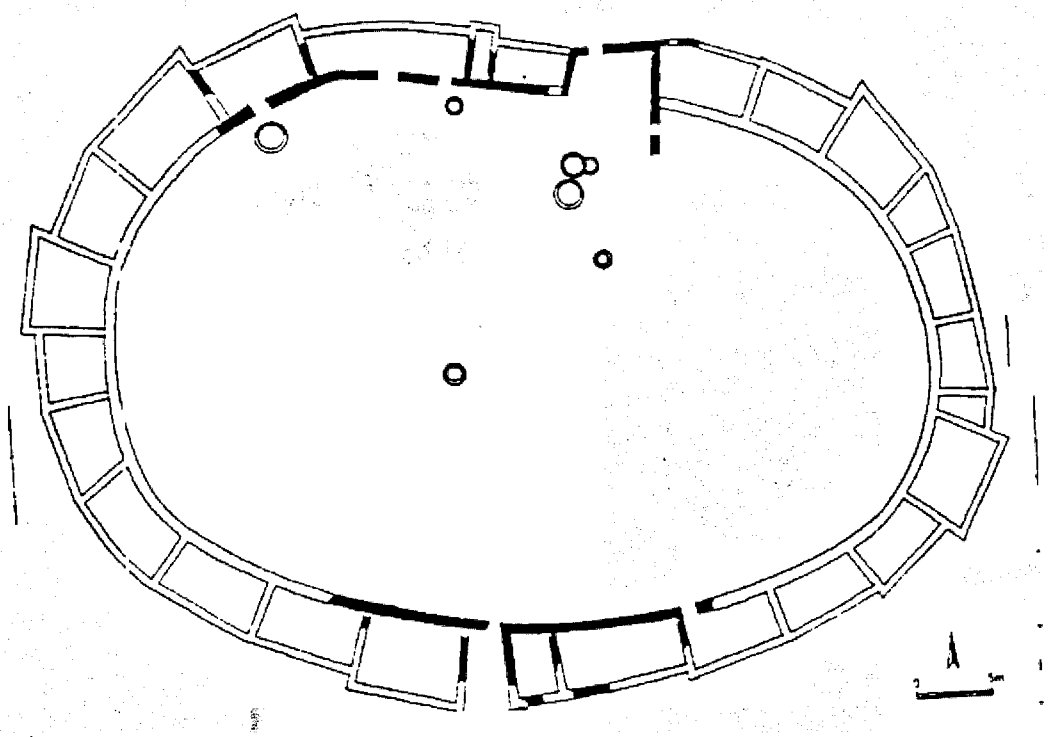
---

15 ZERTAL, Adam - *Israel enters Canaan. Following the pottery trail* , "BAR", XVII, 5, 1991, 32.
16 ZERTAL, A. - *O. c.*, 33.



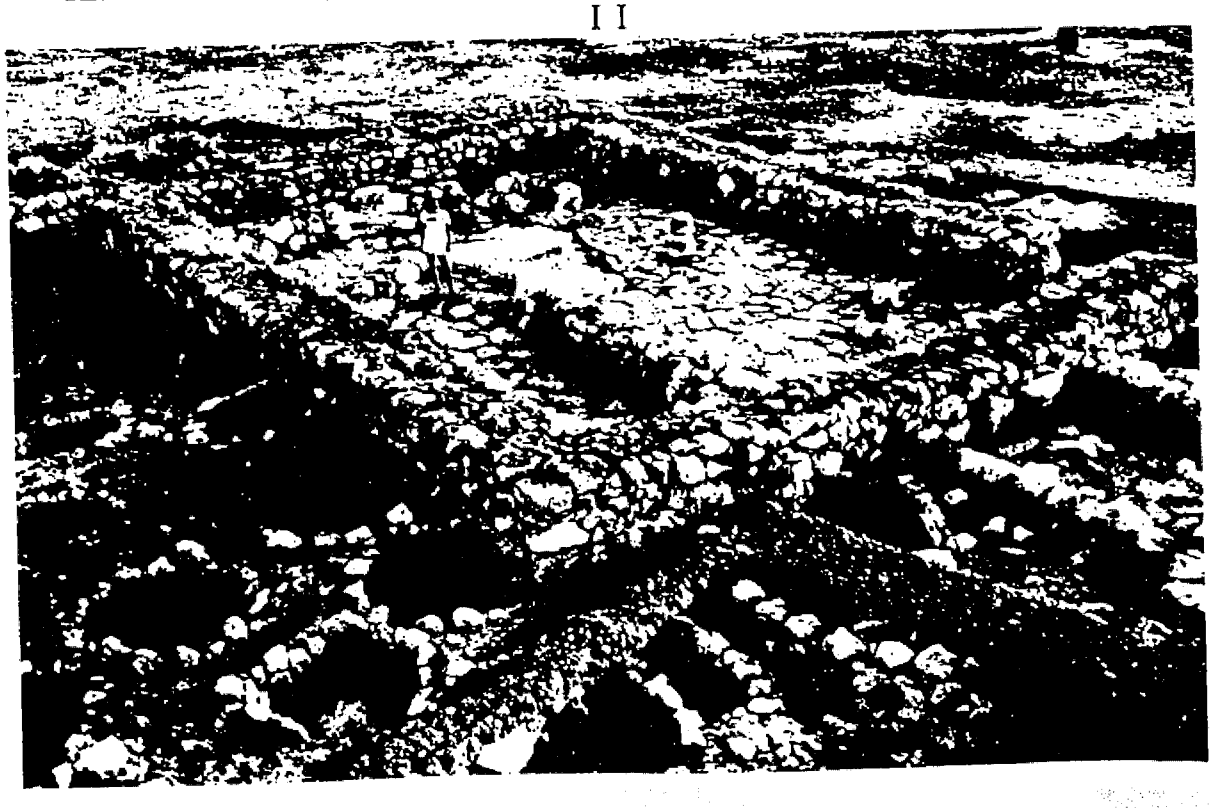
CANAÃ AO TEMPO DE JOSUÉ

I



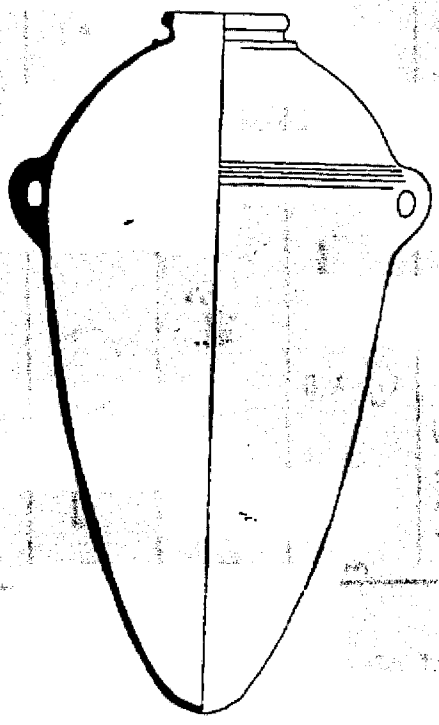
IZBETSARTAH, Estrato III: Reconstituição esquemática

I I



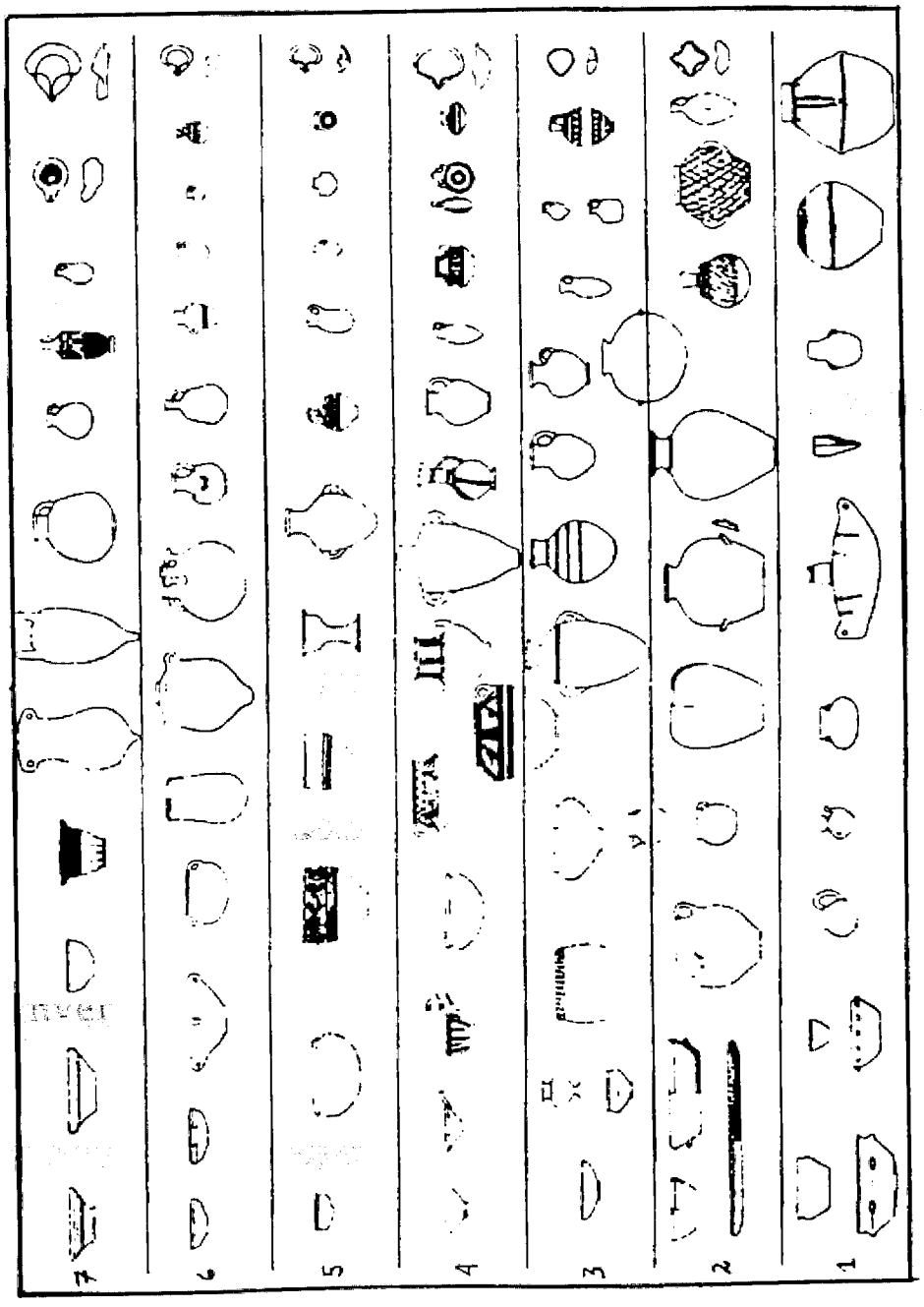
IZBET SARTAH: Casa de pilastras (*Four-room house*) e silos de armazenamento no Estrato II.



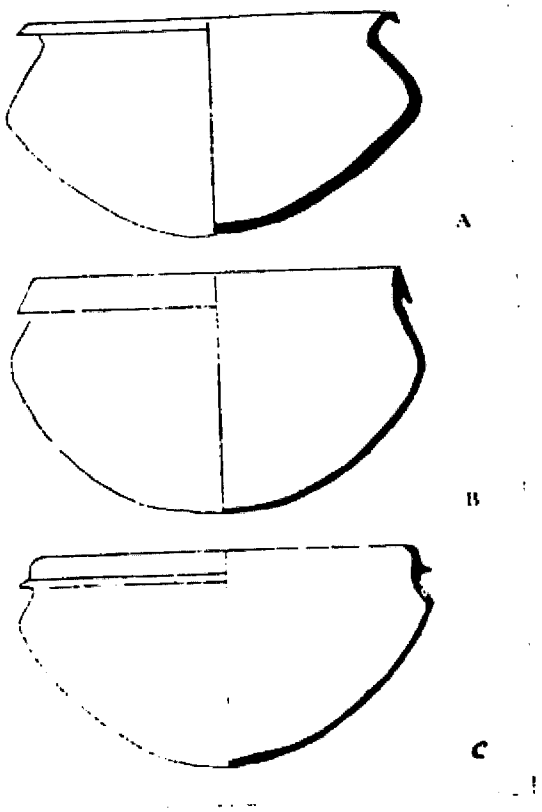


Jarra de colarinho para armazenamento = "Collared Rim Jar"

TIPOS DE CERÂMICA SEGUNDO OS PERÍODOS ARQUEOLÓGICOS



1- Período Calcolítico
2- P. do Bronze Antigo
3-Período do Bronze Médio
4-P. do Bronze Tardio
5- P.do Ferro I
6- P. do Ferro II.



Tres exemplares de panelas em cerâmica, que talvez, possam servir de critério para aferimento de evolução cultural.

A: Panela do séc. XIII-XII AC. de colarinho triangular invertido.
B: Panela do meado do séc. XII AC., de colarinho menos pontiagudo.
C: Panela do séc.XI AC. com língua no colarinho.

Na antiguidade, outro elemento indicativo da mudança de populações e culturas é o uso da cerâmica que, como é sabido, muda lentamente. Ora, durante o B.T (1500-1200), uma única forma de "panela de cozer" nos é conhecida em Canaã e aparece por toda a parte em qualquer nível do B.T. Trata-se dum recipiente com colarinho triangular invertido, classificado de Tipo A. É ele que aparece a Zertal, de maneira preponderante, nas escavações do Monte Ebal, estrato II, com data de cerca de 1300 AC. Desaparece, entretanto, durante o séc.XII AC, sendo substituido pela "panela de cozer" Tipo B, cujo uso se prolonga até meados do séc. XI AC. Os arqueólogos identificam-na como típica dos hebreus, caracterizando-a pelo colarinho em forma de língua, erecto ou inclinado, e que dura até ao séc. X AC, quando se inicia a monarquia israelita [17] . Eis, pois, outro critério para fazer notar o aparecimento de algo diferente em Canaã, ao nível da população e seus usos.

Descendo para sul, sempre na crista da zona das montanhas e nas franjas do deserto, a pesquisa arqueológica torna-se mais difícil, e os territórios das antigas tribos de Benjamim e de Judá têm sido pouco estudados. Isto deve-se principalmente à presença dos "palestinianos" aí estabelecidos (zonas ocupadas) e aos condicionalismos e inconvenientes da "Intifada". Como quer que seja, uma coisa, desde já, parece certa: a extensão habitacional para sul no período do ferro foi mais tardia.

O território de Benjamim, cerca de 10 km. entre Betel e Jerusalém, apresenta como lugares mais explorados: Gabaon (*El Gib*), Guibea (*Tell el Ful*), Masfa ou Mizpah (*Tell en-Nasbeh*) e Hibert Dawara [18]. Os dados arqueológicos parecem indicar que foi na parte oriental, do lado do deserto, que se concentrou a actividade do povo chegado no

---

17 IDEM - *Ibidem.*
18 FINKELSTEIN, I. - *O.c.*, 56 - 65; LEMAIRE, André - *O.c.*, 188-190.

período do F.I, até porque, segundo a Bíblia, ali perto, mais a ocidente, estavam as cidades dos gabaonitas. Muitos acontecimentos dos primórdios da Monarquia, em tempos de Samuel e Saúl, passam-se, precisamente, neste território; são relatados pela Bíblia em pormenor e estão, geograficamente, bem localizados e foram identificados com segurança (I Samuel).

Quanto ao território de Judá (*Montanha de Judá*), mesmo para a Bíblia, a história hebraica de Judá é tardia, só começa com David. Ele foi o fundador da "Casa de Judá" (בית יהודה , II Sam. 2,4-11) . No período do F.I, registam-se 10 a 12 sítios, segundo Finkelstein 19, sendo os mais significativos Jerusalém, Bet-Zur, Guiloh, Hebron e Hirbet Rabud (*Rebir*). A "survey" de Kochavi, em 1967-68, já havia demonstrado que a zona era pouco povoada no F.I.

Finalmente, resta-nos sondar a parte sul, desértica, no vale de Bersheba. Também aqui há poucos lugares do F.I: Arad, Tell Bersheba, Tell Esdar e Tell Masos 20 . A ocupação foi lenta e pacífica, não unificada, pelo que não resulta fácil desenhar a imagem dos ocupantes: se hebreus, se amalecitas, se semi-nómadas (os*Shasu* das fontes egípcias). A verdadeira ocupação hebraica ter-se-á dado nos finais do séc. XI e princípios do séc. X AC, quando se fizeram as fortificações de Arad, Tell Bersheba e Tell Masos.

Agora, se regressarmos aos montes de Manassés e caminharmos para norte, veremos como a inflitração da população característica do F.I se rarefaz.

---

19 FINKELSTEIN, I. - *O. c.*, 47 - 53; LEMAIRE, André - *La montagne de Juda (XIII-XI ° siècle av. J.C.)* , "La protohistoire d´Israel, Paris, Cerf, 1990, 293 - 298.

20 FNKELSTEIN, I. - *O. c.* , 34-37; KEMPINSKI, Aharon - *L´installation des clans et des tribus dans le bassin de Beersheba* , "La protohistoire...", 298 - 337.

Na planície de Jezreel ou de Esdrelon até Beth-Shean conhecem-se dezenas de sítios do F.I com tres centros principais: Beth-Shean, Meguido, Taanak. Todavia, os hebreus não terão ali chegado antes do séc.X, quando David conquistou Meguido, o que corresponderia à "Meguido VI A" (Jos.17,11-13; Jz.1,27; I Re,9,15.19) 21. A própria Bíblia diz expressamente que, aquando das campanhas de Josué, os hebreus não tomaram as cidades dos cananeus situadas nesta zona.

No sector oriental da Baixa Galileia, o influxo dos hebreus não se teria feito sentir antes do séc. X pois, nesses sítios, constata-se a ausência de jarras de colarinho 22. A planície costeira da Galileia ocidental já está fora dos limites da instalação dos hebreus, e isso resulta claro tanto das escavações arqueológicas, de que Tell Keisan é uma boa amostra, como dos relatos bíblicos.

A Alta Galileia e o vale do extinto lago Huleh, segundo as sondagens de superfície efectuadas desde 1950 por Aharoni, colocam problemas cuja interpretação choca com as vagas informações bíblicas acerca da campanha de Josué contra os reis do norte (Jos.11). É evidente que a lista das cidades e povoações apresentada no livro de Josué é posterior e tardia. As escavações, sobretudo em Hasor, Dan, Har Adir, Sasa, Tell Harashin e os *surveys* de Aharoni fornecem elementos de cultura material que, de modo genérico, se assemelham aos da zona montanhosa do centro, mas com denotada marca regional. Em alguns sítios, aparecem jarras de colarinho, que os arqueólogos preferem chamar *pithoi* da Galileia, marcando, assim, a semelhança e a diferença. Entretanto, grande polémica estalou: enquanto Aharoni, adepto da teoria da infiltração pacífica de Alt, defendia a diferença e colocava as lutas

21 FINKELSTEIN, I.- *O. c.*, 92 - 93.
22 IDEM - *Ibidem* , 94 - 97.

entre hebreus e cananeus no séc.XI (Jos.11), quando a tribo de Neftali já se sentia bastante forte, Yadin, sequaz da opinião de Albright sobre a conquista militar, afirmava a identidade da cerâmica das panelas de Hasor XII (que é o primeiro estrato do F.I) às da Alta Galileia. Note-se, contudo, que a característica cerâmica do começo do F.I, com realce para as panelas de cozer, falta em Hasor e na Alta Galileia e os *pithoi* do norte bem como as panelas de cozer com colarinhos alongados triangulares são mais próximas das do séc. X (F.II) que das do séc. XIII (B.T). Do ponto de vista da cerâmica, quer com os *pithoi* da Galileia (desenvolvimento do B.T) , quer com os de Tiro (provavelmente vindos de fora), nãoparece haver real dificuldade em atribuir os sítios do F.I a grupos hebreus (tribo de Neftali?) até porque, antes, a região era pouco habitada [23].

Resta lançar um olhar sobre o vale do Jordão, a célebre "fossa jordânica" que, apesar do caudal do rio, constituia uma fácil ponte de passagem entre o planalto da Transjordânia e zona montanhosa central da Cisjordânia. É que, na verdade, o vale do Jordão poderia fornecer-nos a pista de penetração do povo que, no F.I, se veio estabelecer nas montanhas de Manassés e Efraím. Todavia, hoje, o vale do Jordão reparte-se por dois países: Israel e Jordânia.

Do lado de Israel, na margem direita, ocidental, trata-se duma proibida e bem guardada zona militar onde, por isso mesmo, não se têm feito as necessárias escavações arqueológicas. As poucas sondagens de superfície permitiram encontrar cerca de 20 sítios do F.I, a norte da cidade de Jericó, mas a cerâmica é pouca e não leva a conclusões plausíveis [24].

---

23 IDEM - *Ibidem* , 97 - 110.
24 IDEM - *Ibidem* , 112.

Do lado da Jordânia, na margem esquerda, oriental, escavaram-se dois lugares importantes: Tell Deir `Allah e Tell es-Sa`idiyeh.

Tell Deir `Allah, junto ao wadi Zerqa, é a bíblica Sukot, perto da qual, no vau do Jaboq, Jacob teria lutado com o Anjo de Javé (Gén.32,23-33; 33,17). Ali, do F.I, quase nada se encontra, tirando algumas covas e fornos de fundição, o que leva a aventar a hipótese da presença de seminómadas. O período anterior parece ter sido destruido por um tremor de terra, tendo-se encontrado uma peça de cerâmica com o cartucho egípcio da rainha Tewosret, esposa de Seti II (1216-1210 AC).

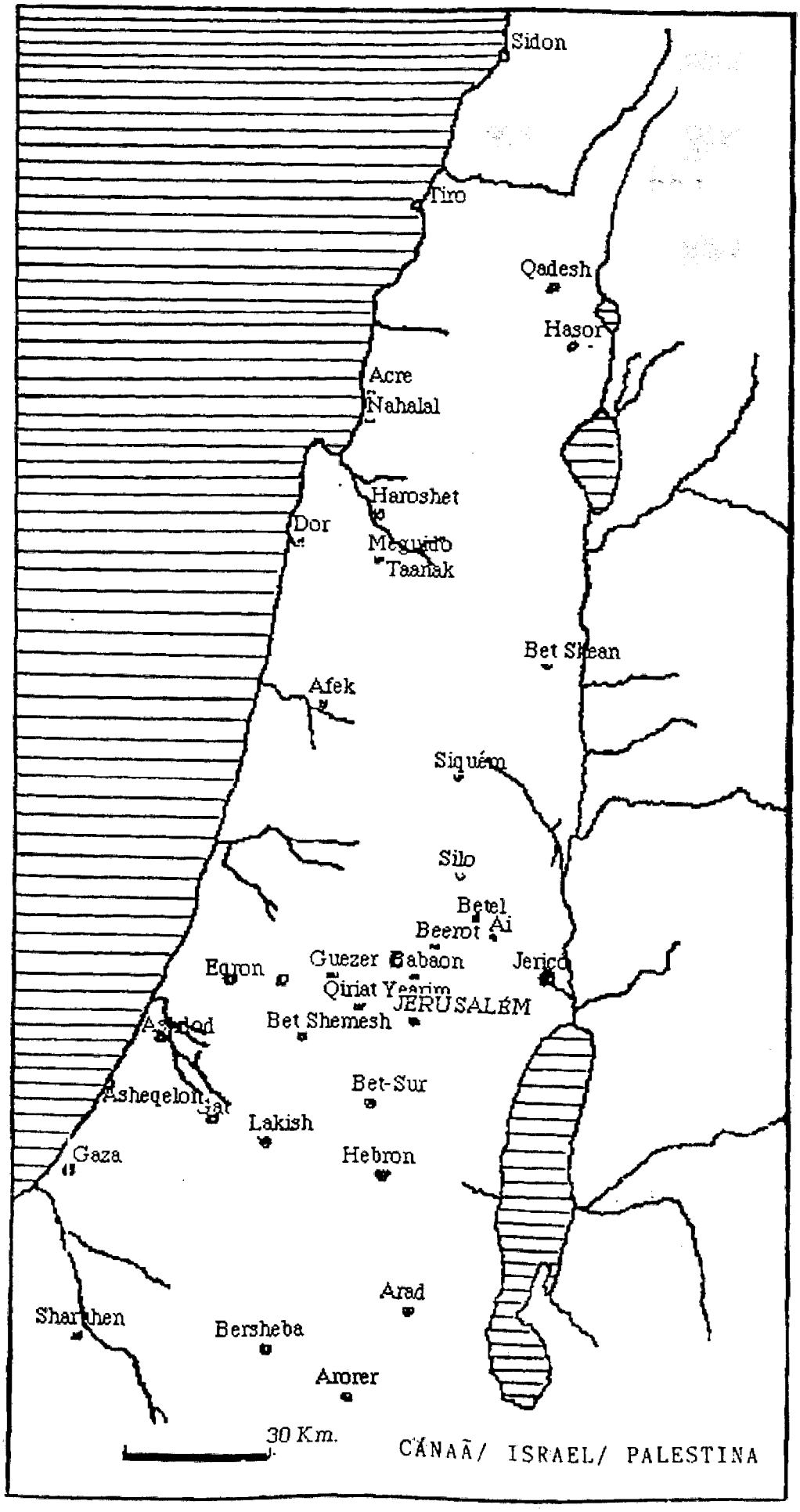
Tell es-Sa`idiyeh, mais a norte, talvez a bíblica Zaretan, forneceu um cemitério dos finais do B.T e príncipios do F.I, mas sem significativos restos cerâmicos.

Quanto às sondagens de superfície, mesmo as de Nelson Glueck (1951), foram muito preliminares e, do ponto de vista da cerâmica, não levam a resultados aceitáveis e de alcance geral [25].

Em conclusão, com Zertal, Finkelstein e muitos arqueólogos Israelitas contemporâneos, somos levados a concluir que uma nova população, vinda, talvez, através do planalto desértico da Transjordânia e atravessando o vale do Jordão, se instalou no planalto central de Canaã, no fim do B.T, ali iniciando o seu processo de sedentarização. É esta população que vai dar origem à cultura material típica do F.I em Canaã, a qual leva os historiadores, tendo em conta os dados da Bíblia, a identificá-la com os Hebreus.

---

25 IDEM - *Ibidem* , 110-111. Entretanto, um livro recente, fornece-nos um apanhado geral da arqueologia na Jordânia em relação com o problema da conquista de Canaã pelos hebreus, cfr. KASWALDER, Pietro Alberto , OFM - *La disputa diplomatica di IEFTE (Gdc.11,12-28). La ricerca archeologica in Giordania e il problema della conquista* , Jerusalém, Franciscan Printing Press, 1990, 227-279.


Sidon
Tiro
Qadesh
Hasor
Acre
Nahalal
Haroshet
Dor
Meguido
Taanak
Bet Shean
Afek
Siquém
Silo
Betel
Ai
Beerot
Guezer
Gabaon
Jerico
Eqron
Qiriat Yearim
JERUSALÉM
Bet Shemesh
Bet-Sur
Asheqelon
Lakish
Gaza
Hebron
Arad
Bersheba
Arorer
30 Km.
CANAÃ/ ISRAEL/ PALESTINA

V

A NOVA CULTURA MATERIAL DO FERRO I (Sécs.XII-XI AC) EM CANAÃ

Perfeitamente conscientes do relativismo dos dados arqueológicos, quando não consolidados pela documentação literária, não podemos, contudo, deixar de reconhecer a sua insubstituível importância para o estudo das civilizações e dos povos antigos.

I - Tipificação e caracterização da cultura material.

"Cultura material" tornou-se expressão querida dos arqueólogos [1] para definir e apurar um povo sobre o qual só temos informações histórico-literárias posteriores ao circunstancialismo do seu enquadramento real. Dele, porém, no seu ser e no seu viver, apenas subsistem e chegaram até nós alguns restos, que a arqueologia desenterrou e descobriu. Por isso mesmo, trata-se sempre de elementos concretos, materiais, fragmentários e incompletos, quer ao nível das construções (casas, palácios, fortalezas, templos, sepulturas) , quer ao nível da cerâmica (canecas, *crateras* , jarras, malgas, panelas, porrões, *pithoi*) , quer ao nível dos instrumentos utilitário-bélicos (facas, enxadas, pás, espadas, lanças, arcos, setas), quer ao nível de objectos artísticos e religiosos (altares, estelas, colunas, estatuetas e imagens de culto). "Cultura material", enfim, é tudo aquilo que a arte, o engenho e a necessidade fez o homem produzir, o *opus facticium* do espírito prático-artístico com que vai enriquecendo a cultura e fazendo avançar a

---

[1] DOTHAN, Trude - *The Philistines and their material culture* , Jerusalém, Israel Exploration Society, 1982.

civilização. Das pedras mortas e dos restos das coisas materiais é que se pode chegar ao espírito que animava os povos, criadores das civilizações pre-clássicas.

Vamos, pois, tentar o levantamento dos dados materiais da nova civilização do Ferro I, que se introduziu em Canaã, sobretudo na zona montanhosa central, entre os sécs. XII-XI AC., com incidência na construção e na cerâmica.

1º - A construção e a arquitectura.

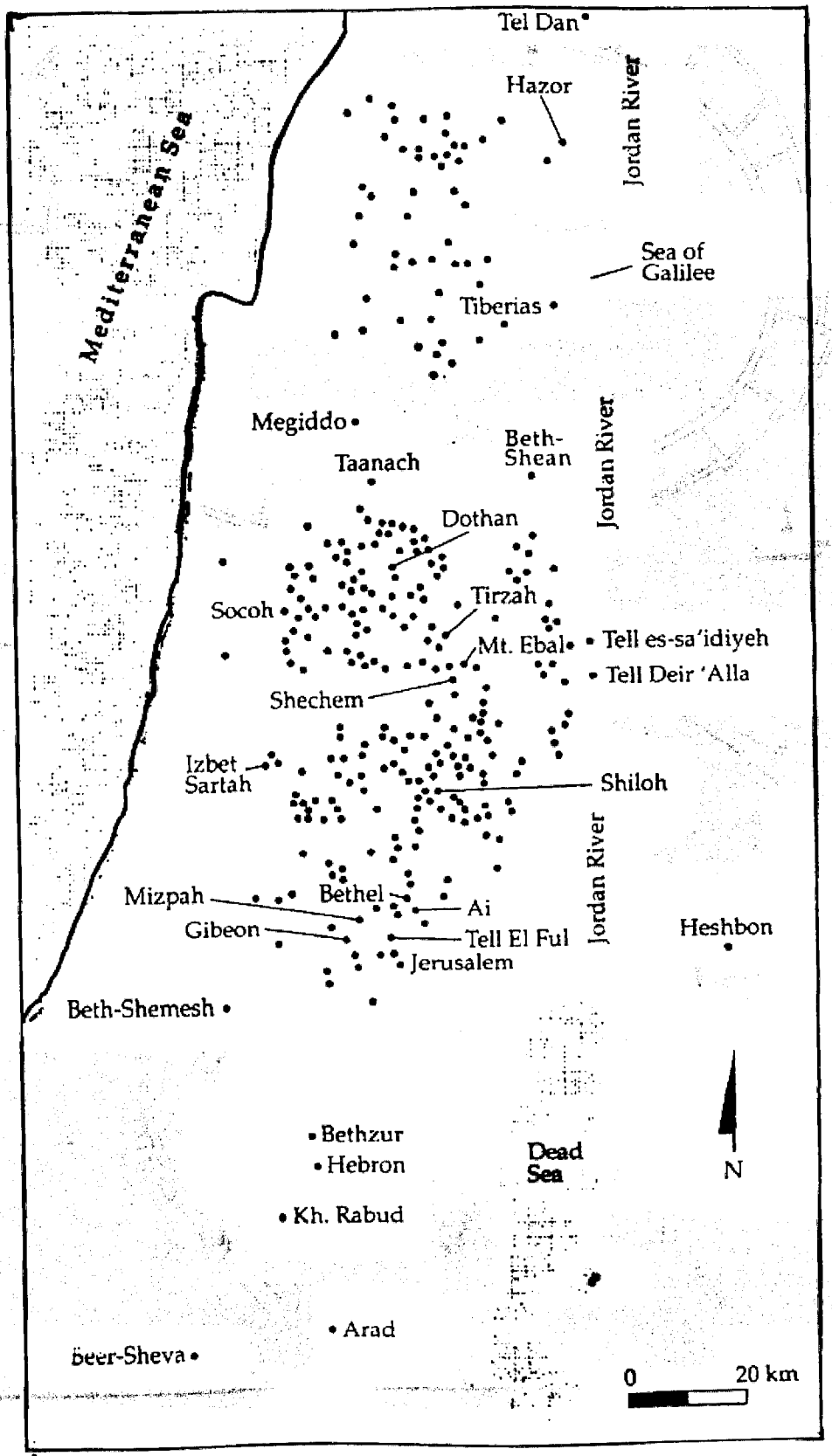
Em termos de construção, os recém-chegados ocupantes da zona montanhosa central de Canaã durante o F.I não introduziram novos modelos nem trouxeram novas técnicas. As suas construções emparceiram com as de grupos de condição sócio-económica semelhante e diferem das de grupos vizinhos mas de ambiente vital diferente. Para ilustrar esta constatação, Finkelstein [2] apresenta como casos exemplares e demonstrativos os de Guiloh, por um lado, e os de Ai e Hirbet Raddana por outro. Sendo geografimente bastante próximos, estes sítios têm diferenças substanciais relativamente à construção (plano e técnica), que derivam de situações sócio-económicas díspares.

A sedentarização dos recém-chegados fez-se, quase de modo instintivo, por adaptação aos ambientes vitais encontrados e não segundo um esquema ou modelo preconcebido e inadequado. Deste modo, surgiram dois tipos de aglomerado populacional: o elíptico e o periférico sobre pilastras.

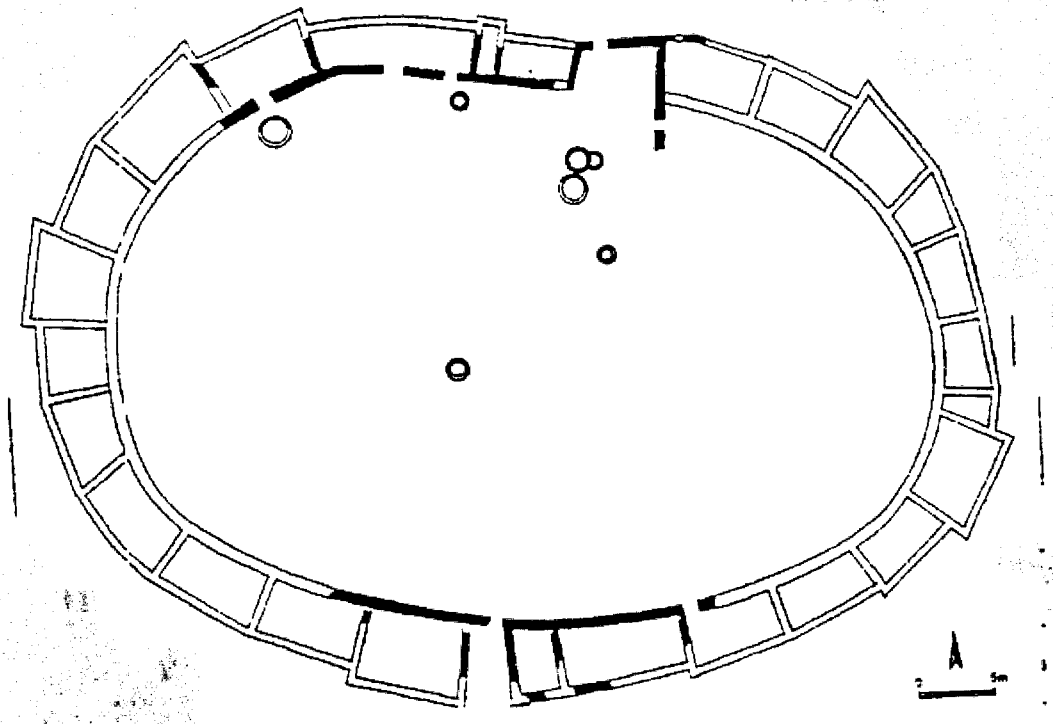
Vamos, por conseguinte, fazer uma pequena resenha destes casos, guiando-nos, em grande parte, pelos estudos de Finkelstein.

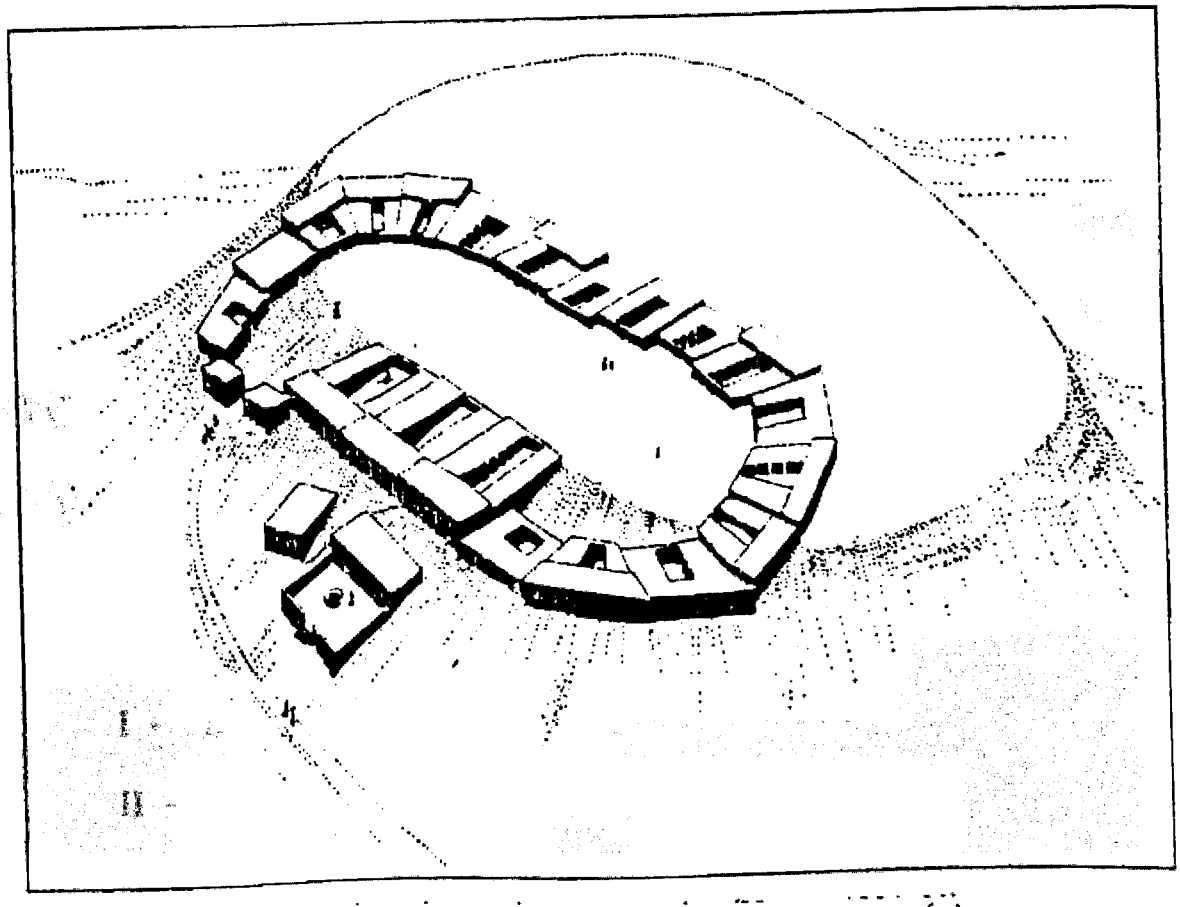
---

2 FINKELSTEIN , Israel - *The Archaeology of the Israelite Settlement*, Jerusalém, Israel Exploration Society, 1988, 238.

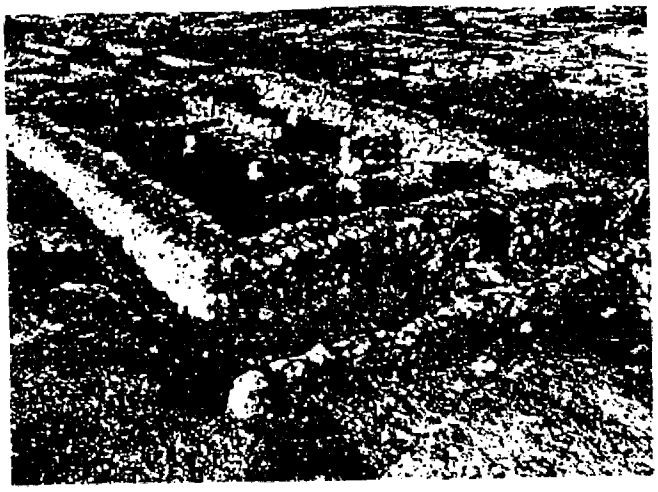


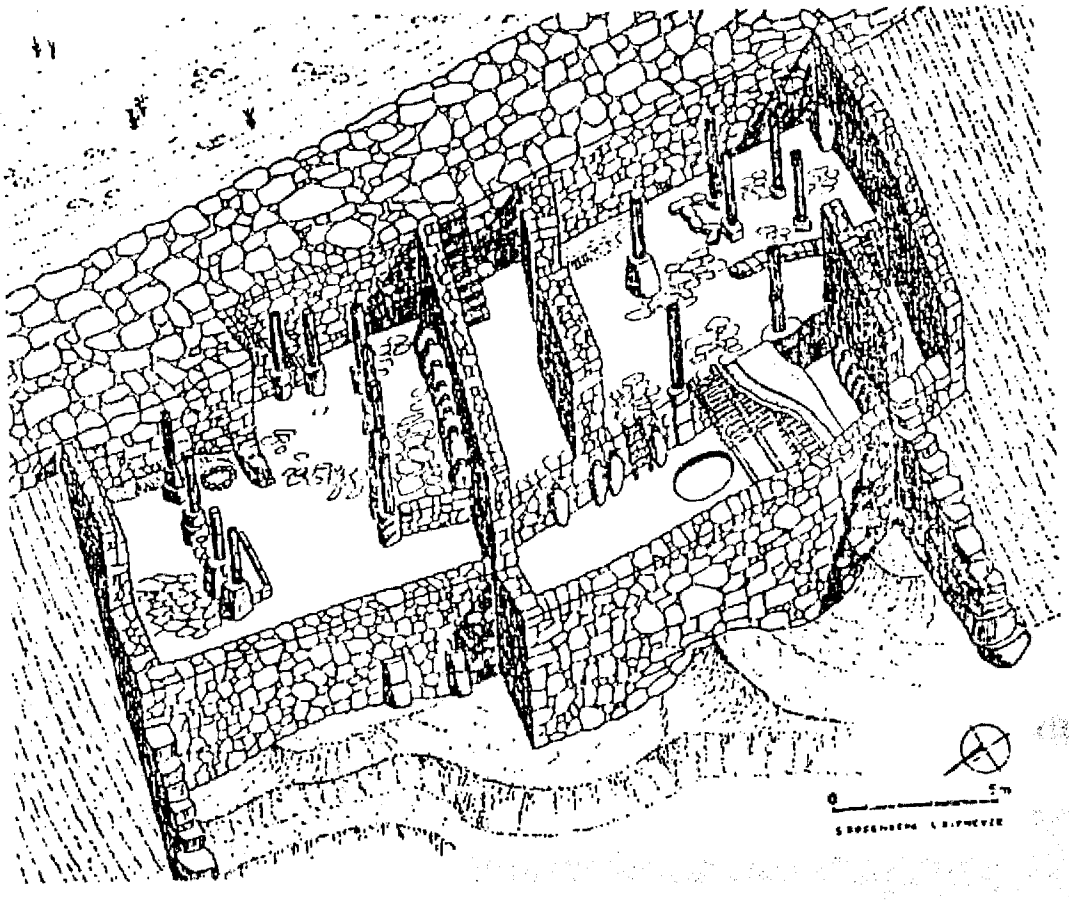
CANAÃ: Sítios arqueológicos do FERRO I
(SHANKS, H. - *The Rise of Ancient Israel*, p.11)





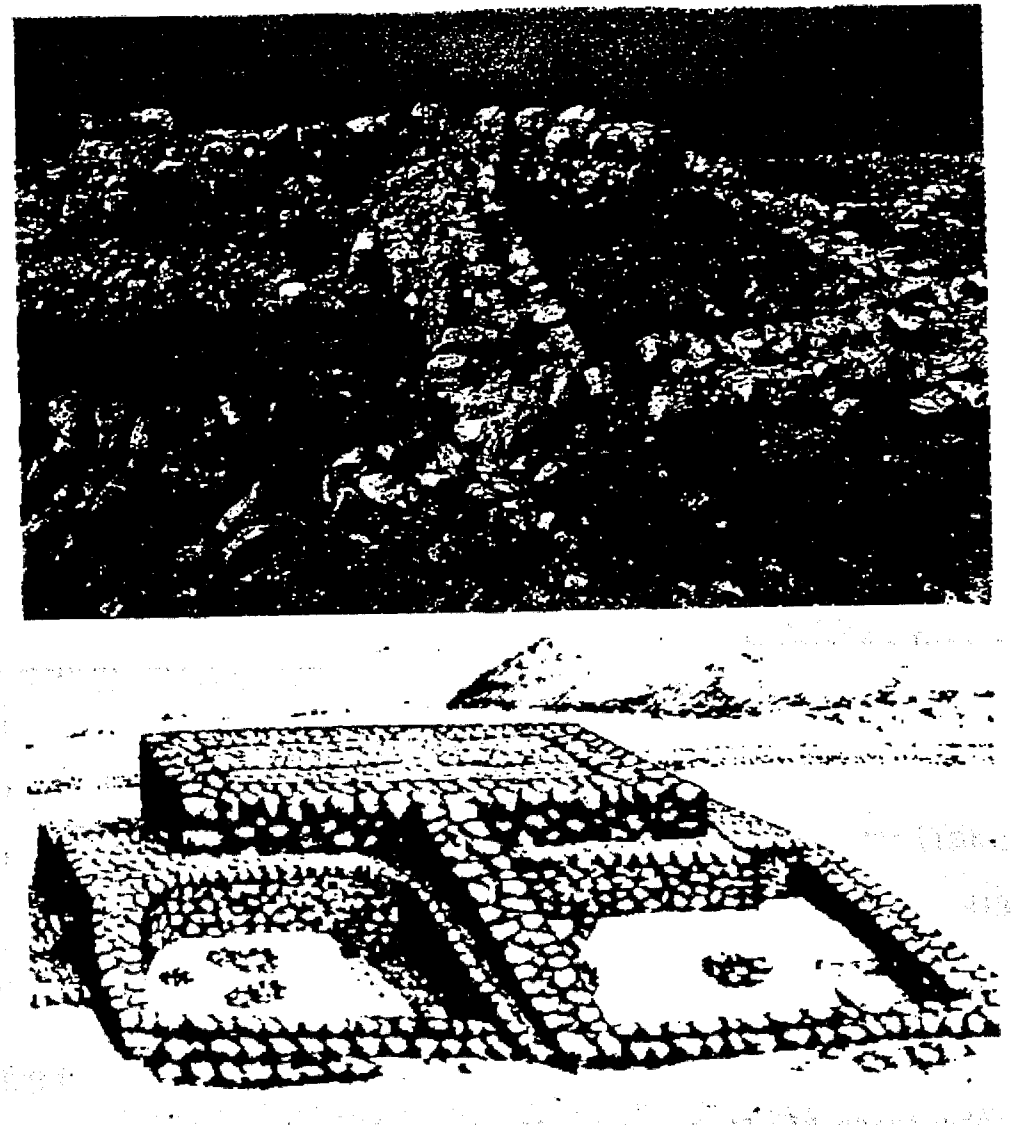
I - İZHET SARTAH, III: Reconstituição esquemática.
II - BER SHEVA, VII - Reconstituição isométrica de Herzog (FINKELSTEIN, I. - *The Archaeology of theIsraelite Settlement*, 243).





I - `IZBET SARTAH : Casa "Four-Room".

II - SHILOH, Área C : Casa "Pillared".



Monte EBAL: Ruinas que Adam Zertal identifica com o altar de Josué (Jos.8, 30-35) mas cuja hermenêutica deixa cépticos os arqueólogos, desconfiados da preocupação concordista.

1.1 - Povoados construidos em forma elíptica.

A construção de tipo elíptico reveste, praticamente, o aspecto de lugar de defesa ou, antes, de acampamento, e radica, com toda a probabilidade, numa mentalidade seminomádica em que o clã partilhava a comunhão de vida com os homens e os animais ou rebanhos. Neste sentido e para ilustrar esta perspectiva, é bem ilucidativo o caso de `Izbet Sartah (Estrato III).

`Izbet Sartah é considerada um dos mais antigos sítios ocupados pelos recem-chegados no F.I, em finais do séc. XIII ou princípios do séc. XII AC. Na realidade, `Izbet Sartah deve ser a bíblica Eben-Ezer (Jos.12,18), situada em frente de Afek, a 3 Km. de distância, junto à fonte do rio Yarqon, nas encostas da Samaria, onde os hebreus, na luta contra os filisteus, perderam a Arca da Aliança (I Sam. 4,1-11; 5,1 s). Por estas razões, esta localidade constitui um ponto chave para a hermenêutica do problema da instalação dos hebreus em Canaã. Por isso é que Finkelstein afirma: "Its early date and special layout make it a key site for studying the developement of Israel architecture" [3].

De facto, o Estrato III de `Izbet Sartah apresenta a configuração duma elipse com cerca de 140 m. de diâmetro e 21/24 casas adossadas ao muro, em volta dum grande terreiro ou pátio central, com silos de pedra. Do lado de fora, um muro desigual rodeia todo o conjunto. As casas têm a forma de sala larga (6 x 6 m.) e estão pegadas umas às outras, à maneira de casamatas, mas sem comunicação entre si, abrindo só para o terreiro. Fica-se com a impressão de que o terreiro era o logradoiro da vida comunitária. No seu todo, o Estrato III de `Izbet Sartah mede 60 x 47 m com uma área de 2.000 m2.

---

[3] IDEM - *Ibibem* , 238.

Lugares semelhantes, de estrutura habitacional elíptica, são apontados em Hurvat `Avot, na Galileia Superior, e Hirbet et-Tina, na Galileia Ocidental.

Referem-se ainda alguns sítios do F.I nas colinas do Negev e, sobretudo, o Estrato VII de Bersheva [4] e o Estrato III de Tell Esdar [5] em pleno Negev. Ambos os casos são perfeitamente idênticos a `Izbet Sartah quanto ao plano habitacional e terreiro central. O Livro de Josué parece reflectir o eco da ocupação hebraica do Negev, mas o texto também pode reproduzir apenas o caminho seguido e consolidado mais tarde na passagem do sul de Judá para o Egipto através do deserto: "A parte que tocou em sorte à tribo dos filhos de Judá, segundo as suas famílias, estendia-se até à fronteira de Edom no deserto de Sin, na extremidade meridional do país. A sua fronteira, ao sul, partia da extremidade do Mar Salgado, da parte que deste mar se estende para o meio-dia, e prolongava-se para o sul da subida de Aqrabim, passava em Sin e subia para o sul de Cades-Barnea, passava em Hesron, subindo para Adar e dando volta a Carcaa, e passando por Asmon, continuava até à torrente do Egipto, para morrer no mar. Esta será, para vós, a fronteira do sul" (Jos.15,1-4).

Servindo-nos do comparativismo etnológico, diríamos que a estrutura elíptica dos povoados do F I decalca a estrutura ou esquema dos acampamentos de beduinos actuais nos desertos de Judá, Negev e Transjordânia. E talvez seja esta a chave hermenêutica, que faz surgir

---

4 A Bersheba antiga e bíblica está identificada com Tell es-Seba, quase 5 Km. a oriente da Bersheba actual. Foi Y. Aharoni quem realizou uma série de campanhas arqueológicas (1969-1975), sob o patrocínio da Universidade de Tel Aviv, e estabeleceu os níveis de ocupação. Cfr.*AEHL* , 53-54; HERZOG, Z. - *Beer-Sheba II . The Early Iron Age Settlement* , Tel Aviv , 1984, 78 - 82.

5 Foi Kochavi quem dirigiu as escavações de Tel Esdar e publicou o respectivo relatório: KOCHAVI,M. - *Excavations at Tel Esdar* , "Atiqot", 5, 1969, 14 - 48 (Hebreu).

diante de nós o ambiente sócio-económico dos ditos povoados elípticos do F I. Trata-se, com efeito, de povoados habitados por povos seminómadas em vias de sedentarização, os quais, no terreiro do povoado, guardavam os seus gados e rebanhos. Quer-nos, pois, parecer que o acampamento de tendas, ao tempo do nomadismo, forneceu aos novos habitantes da zona montanhosa central de Canaã o modelo arquétipo da construção para os povoados do F I, colocados em áreas de pastoreio. Foram, portanto, razões sócio-económicas, que determinaram a localização dos povoados e práticas de organização comunitarista, que ditaram a estrutura formal dos "habitat", como afirma Finkelstein [6]. Neste sentido, se devem interpretar como povoados nomádicos e não como estruturas de defesa, mais ou menos fortificada, os resíduos de construções encontradas em pleno deserto, e onde o terreiro (*courtyard*) constituia o denominador comum de abrigo para os rebanhos (*as a shelter for their flocks*).

1.2 - Povoados periféricos de casas sobre pilastras.

É outro tipo de povoado do F I na zona montanhosa central de Canaã e, por isso mesmo, considerado como característico dos habitantes recém-chegados (Pillared House).

Os povoados deste tipo têm uma cintura de casas encostadas ao muro de delimitação do povoado, de modo que as traseiras formam uma espécie de casamatas. As casas, de pedra, comportam vários espaços, tres ou quatro, (*four-room house*), que abrem sobre uma sala e o interior da casa repousa sobre pilastras ou colunas, algumas das quais até integradas no muro interior. É o que se pode ver em Raddana, Ai e Bersheba VII. Esta disposição, aparentemente, decalca o modelo elíptico,

---

6 FINKELSTEIN, I. - *O. c.*, 244 - 250.

mas o esquema talvez encontre o seu arquétipo nas tendas dos pastores nómadas (beduinos), que seguram as suas tendas com um ou vários paus cravados no chão [7] . É evidente que as pilastras, quando integradas nos muros, serviam para os reforçar.

Na zona montanhosa central, por razões topográficas, como observa Finkelstein, as casas tomam uma direcção perpendicular ao muro periférico, assentando em dois terraços, com entrada pela parte superior, como se vê em Silo, Área C. Mas outras exemplos se podem encontrar em Hirbet ed-Dawara e Tel en-Nasbeh no planalto de Benjamim, junto ao deserto. Estas casas no F I são tão frequentes, que se lhes chamou "casas israelitas" como se isso fosse "*an ethnic marker* ", nomenclatura, aliás, discutível. Com efeito, casas *Four Room* e *Pillared* , atribuidas aos novos habitantes do F I (hebreus), encontram-se fora das áreas da montanha central, entre os cananeus, na margem oriental do Jordão e at´é, recentemente, foi descoberta uma *Four Room* no Egipto.

Em conclusão, parece que dois factores estiveram na base de construção das casas dos recém-chegados a Canaã nos começos do F I: a origem nomádico-pastoril duma sociedade em vias de sedentarização e os condicionamentos topográficos do terreno onde se instalavam: Ai, Guiloh, `Izbet Sartah, Hirbet ed-Dawara, Tell Masos, Tell en-Nasbeh (Tebas, no Egipto) [8] . Parece, contudo, que foi a partir da zona montanhosa central que este tipo de construções se difundiu para sul nas colinas do Negev até ao vale de Bersheba, para o norte e mesmo,

---

7 FINKELSTEIN , I. - *O.c.*, 254 - 257.

8 STAGER, L. E. - *The Archaeology of the Family in Ancient Israel* , "BASOR", 260, 1985, 1-35. Manfred Bietak deu, há pouco, conhecimento duma casa deste tipo "Pillared House" em Tebas, no Egipto, acentuando a diferença em relação às casas adjacentes e a semelhança com as "israelitas" de Canaã, mas esta de madeira e não de pedra: BIETAK, Manfred - *An Iron Age Four-Room House in Ramesside Egypt* , "Eretz-Israel", 23, 1992, 10-12 . Cfr. SHNKS, H. - *An Ancient Israelite House in Egypt* , "BAR", XIX, N°4, 1993, 44-45.

depois, para a região da Shefelah. Finalmente, este tipo de construção exerceu grande influência no F II, durante o período que, culturalmente, se prolonga pela monarquia israelita, o qual, cronologicamente, já ultrapassa as balizas deste trabalho.

1.3 - Silos de armazenamento.

Os silos para armazenamento de cereais têm sido apontados como um dos elementos mais característicos da ocupação israelita de Canaã [9]. Têm sido descobertos um pouco por toda a parte na zona montanhosa central, de sólito cavados na terra e forrados de pedra, mas também talhados no leito da rocha. Alguns sítios fornecem quantitativos numerosos que até se prestam para fazer cálculos acerca do número dos seus habitantes. Exemplos importantes são os de Silo com cerca de 14 silos forrados de pedra; Tell Beit Misrim com dezenas, que vão do séc. XII ao séc. X; Tell en-Nasbeh com 50 silos localizados entre o muro antigo e a fortificação do F II. Contudo, o exemplo mais impressionante é o de `Izbet Sartah (Estrato II) , que, só para o séc. XI, fornece 43 silos. O estudo, que Finkelstein publicou sobre aquele lugar [10] , dá-nos disso pormenorizada descrição. Ali, os silos detectam-se desde o séc. XII AC ; estão escavados no solo tendo por fundo a própria terra ou leito da rocha; são forrados de pequenas pedras, têm forma elíptica e medem de diâmetro entre 1 e 2 metros. A capacidade média é de 1,28 m cúbicos.

Nota-se, ainda, que, em relação ao B T, há uma verdadeira explosão de silos. Isto parece ser próprio de grupos humanos em vias de sedentarização e, por conseguinte, indício da situação sócio-económica

---

9 Infelizmente não pudemos consultar CURRID, J. D. - *Archaeological Investigations into the Grain and Storage Practices of Iron Age,Palestine* , Chicago, Tese de Doutoramento na Universidade de Chicago, 1986. Cfr. FINKELSTEIN, *O.c.*, 264 - 269.

10 FINKELSTEIN , I. - *`Izbet Sartah an Early Iron Age Site near Rosh Ha `ayin, Israel,* Londres, B.A.R., 299, 1986.

dos recém-chegados àqueles lugares da zona montanhosa central de Canaã. A localização dos silos é variável, conforme os lugares. Parece que o critério normativo se guiava por razões práticas, colocando-os a nascente e a sul, procurando os lados mais quentes e menos húmidos para a melhor conservação dos géneros armazenados. Também é variável, de lugar para lugar, a sua capacidade de armazenagem. Todavia, não cremos ser convincente nem muito correcto inferir do quantitativo de silos e sua capacidade os índices populacionais desses povoados, onde os silos se descobriram. É que se trata, quase sempre, de escavações parciais, circunscritas a determinadas zonas dum *tell* . Assim, a `Izbet Sartah (Estrato II) do séc. XI AC teria uma população de 100 habitantes e gozaria dum excedente de cereal. Mas tal conclusão é apenas uma das hipópteses científicas, que os arqueólogos gostam de avançar. Veja-se que, para calcular a população a partir dos silos, até já propuseram diversos métodos [11] : ou atendendo ao quantitativo de cereal de que uma pessoa precisa para comer, ou olhando ao espaço habitacional para viver, ou à possibilidade da área do povoado para habitações.

2º - Fortalezas e fortificações do F I.

Discutem os arqueólogos israelitas sobre a existência ou não de lugares fortificados entre as populações F I na zona montanhosa central de Canaã. O equívoco ou confusão resulta, o mais das vezes, do facto de essas populações irem ocupar lugares abandonados pelo recuo da população cananeia no B T. Desse modo, pode dizer-se, fazendo o rastreio dos lugares mais em evidência, que, praticamente, os recém-chegados não tinham povoados fortificados. Em casos de dúvida, há sempre que ter em conta as fortificações do B M ou do B T. Tal é o caso

11 Cfr. o trabalho de ROSEN na obra citada de FINKELSTEIN, pp.156 - 185.

de Ai, Betel, Beth-Zur, Guibeon, `Izbet Sartah, Silo, Tell el-Ful. Interrogação suscita o caso de Guiloh e, a ser fundamentada a hipótese de fortificação, seria uma excepção. Hirbet ed-Dawara apresenta uma possibilidade de muro defensivo do F I, com muro de 2 a 3 m de largo, mas da segunda metade do séc. XI AC; talvez isso se deva às lutas contra os filisteus, a darmos crédito às narrativas bélicas do I Samuel 13. O próprio Albright reconhece que a fortaleza de Tell el-Ful (*Guibeat Saul*), 6 Km. a norte de Jerusalém, com muro de casamatas, data do tempo de Saul, primeiro rei da monarquia israelita [12].

Sem sermos minimalista na apreciação dos dados recolhidos e expostos pelos arqueólogos, quer-nos parecer que os recém chegados à zona montanhosa central de Canaã não se preocuparam, de imediato, com o problema defensivo, exactamente porque ele não se lhes punha, dado o recuo da população cananeia. E isto talvez até ajude a reforçar o argumento em prol duma ocupação pacífica e lenta de Canaã pelos novos ocupantes em vias de sedentarização, como iremos ver.

3º - A cerâmica.

Canaã é uma região suficientemente diferenciada para nos fazer compreender a existência de variantes, que o ambiente vital e o sistema ecológico de cada área postulam e justificam. Assim, é preciso ter em conta a planície marítima da "Filisteia", a zona baixa da "Shefelah" bem como os vales do norte, as regiões montanhosas do interior e as estepes desérticas do sul.

Durante o F I podem distinguir-se vários tipos de cerâmica. Todavia, as regiões do interior montanhoso - a zona das colinas de Manassés e Efraim - registam um tipo de cerâmica profundamente

---

12 ALBRIGHT, W.F. - *L´Archéologie de la Palestine*, Paris, Cerf, 1955, 132.

diferente das regiões baixas, em geral ditas cananeias; isso deve-se, sem dúvida, a factores ecológicos, económicos, sociais e culturais. Um dos principais, se não mesmo o principal elemento de diferenciação, é a chamada jarra de rebordo em colarinho para armazenamento (*collared-rim store jar*), a qual constitui "the prime criterion of an Israelite Settlement site" [13] e foi posta em evidência por Albright, entre 1922/23, a quando da escavação de Tell el-Ful, a antiga Guibea de Benjamim ou de Saúl (*Guibeath Saul* , Jz.19,11-14; I Sam.10,5.26; 11,4), cerca de 6 Km. a norte de Jerusalém na estrada para Siquém e a Samaria.

Para se fazer uma apreciação global deste tipo de cerâmica, há que ter em conta factores múltiplos, tais como: condições ambientais do terreno, estado sócio-económico da população, relações com regiões da vizinhança e influências do período cultural precedente. Além disso, seria preciso avaliar quantitativa e proporcionalmente esse tipo de cerâmica, dado este que só começou a ser tido em conta nas escavações recentes de A. Mazar, I. Finkelstein e A. Zertal em Guiloh, Hirbet ed-Dawara, `Izbet Sartah, Monte Ebal. As antigas e conhecidas escavações de Ai, Betel, Beth-Zur, Silo e Tell-el Ful não registam os quantitativos e, portanto, não permitem conclusões apodíticas. De resto, não é uniforme a distribuição da cerâmica do F I, antes, pelo contrário, é marcada por forte regionalismo com características, que se reflectem quer nas formas dos recipientes quer na variedade dos repertórios. Finkelstein aponta as diferenças dos *pithoi* da Galileia Superior ou Alta Galileia [14] . Os *pithoi* são jarras de rebordo, de que se conhecem dois subtipos: o *pithos tiriano* (proveniência de Tiro ou sul do Líbano) e *pithos galileu* (aparentado aos de Hasor no B T) . Lembra ainda o que se passa com as panelas de cozer

13 FINKELSTEIN, I. - *The Archaeology of the Israelite Settlementt*, p. 270.
14 IDEM - *Ibidem* , 271-274.

e seus rebordos, malgas, jarras de colarinho, jarros, crateras e outros recipientes que, por mais semelhantes que sejam, apresentam sempre diferenças. A uniformização fez-se lentamente, à medida em que a instalação dos hebreus avançava e eles próprios foram ganhando "consciência nacional"; de facto, a instituição da monarquia, fazendo a união das tribos, também contribuiu para a sua aproximação cultural das populações operando uma certa estandardização dos elementos materiais em vista das trocas comerciais de região para região.

Na região montanhosa do centro de Canaã, nos sítios de instalação da recém-chegada população (hebraica), por vezes, verifica-se um certo grau de continuidade mas, no seu todo, a cerâmica contrasta com o repertório que se conhece nos centros cananeus. Aí, se a "jarra de rebordo em colarinho para armazenamento" decalca os *pithoi* locais do B M, nem por isso se pode deduzir que ela derivasse directamente dos centros cananeus, como pretende a "teoria sociológica" da etnogénese de Israel defendida por Mendenhall e Gottwald. A sobreposição de culturas leva as mais tardias e inferiores a imitar e utilizar modelos e formas anteriores.

3.1 - A especificidade da "jarra de rebordo em colarinho para armazenamento".

Foi Albright [15] quem, durante as escavações de Tell el-Ful, em 1922/23, chamou a atenção para a singularidade e especificidade daquela que ele baptizou como "jarra de rebordo em colarinho para armazenamento" *(Collared rim-store jar)*. Trata-se duma jarra de aprovisionamento, cerca de 1,20 m de altura, forma ovóide, típica da

---

15 ALBRIGHT , W.F. - *Excavations and Results at Tell el-Ful (Gibeath Saul)*, "AASOR", IV, 1924; IDEM - *The Archaeology of Palestine*, 5ª ed., Londres, Penguin Books, 1960, 118 (Cfr. Trad. francesa: *L´Archéologie de la Palestine*, Paris, Cerf, 1955, 129-130.

zona montanhosa, de que se conhecem diversas variações ou subtipos em Ai, Betel, Beth-Zur, Siquém, Tell-el-Ful, Tel en-Nasbeh. Noutros sítios, como Guiloh, ´Izbet Sartah, Monte Ebal, Silo, não se pode fazer tão facilmente a distinção dos subtipos e, às vezes, encontram-se mesmo juntos. Também se encontra a dita jarra, mas não de maneira corrente, em Beth-Shemesh e Tell Beit Misrim, na zona baixa da Shefelah, como ainda na planície de Jezreel em Meguido VII, tornando-se comum na Meguido VI, e desaparecendo por completo na Meguido V [16]. A área de distribuição chega dos limites de deserto transjordano à orla mediterrânica, da Galileia às colinas de Hebron; mas, quantitativamente e, logo, de maneira significativa, o uso da dita jarra é predominante na região montanhosa central de Canaã.

A cronologia da sua confecção estende-se do fim do B T até ao séc. X AC, atingindo o zénite entre os sécs. XII-XI AC [17]. É, portanto, um produto artesanal dos fins do B T e princípios do F I, quando Canaã conheceu uma quebra ou recuo de população. E, se alguns povoados cananeus não foram grandemente afectados, outros, sobretudo a região montanhosa do centro, despovoaram-se por completo, abrindo-se a infiltrações de grupos seminómadas [18].

Do ponto de vista do ornato, estas jarras apresentam-se bastante despidas. Os poucos motivos decorativos ou se encontram nas asas (pegas) ou no rebordo. No rebordo, de que ainda não apareceu um exemplar intacto, acha-se uma espécie de marcas, rosetas ou estrelas,

16 KEMPINSKI, Aharon - *Megiddo. A City-State and Royal Centre in North Israel* , Bona/Munique, C.H. Beck, 1989, 17-107.
17 FINKELSTEIN, I. - *O.c.*, 280-281.
18 MAZAR, Amihai - *Archaeology of the Land of the Bible ,10.000 - 586 BCE*, Nova Iorque, Doubleday / The Anchor Bible Reference Library, 1990, 289-290.

espaçadas (Silo) e, em Sabah, (Transjordânia), selos impressos com esboços de animal e figura humana [19].

Nas asas (pegas), como elemento decorativo, aparecem séries de furos ou orifícios em duas filas paralelas, sendo de salientar uma asa com esboço esquemático de face humana em Silo [20]. Cerâmica pintada é que não aparece.

Em conclusão, relativamente à "jarra de rebordo em colarinho para armazenamento", que abrange cerca de 40% da cerâmica na região montanhosa central de Canaã durante o período do F I, uma questão essencial se põe: qual a sua função? para que é que servia? Talvez que da resposta a esta problemática surja uma cabal explicação da sua origem e natureza.

As jarras que, em Silo, foram encontradas "*in situ*" , não continham restos de grão nem resíduos de cereal carbonizado e está provado que os cereais ali se guardavam em silos. Não serviam, pois, para guardar e armazenar cereais. A hipótese de serem essencialmente reservatórios de água, como alertava Zertal, é possível mas não parece exclusiva, até porque, em vários sítios, as jarras encontram-se próximas de fontes de água corrente e permanente. Parece, pois, que, com Finkelstein, se deve admitir que servissem para armazenamento de líquidos como azeite e vinho e não exclusivamente de água. Ora isto explica-se pelo facto de a dita jarra estar associada à região das colinas onde a agricultura era rara e predominava o cultivo hortícula. Nessa zona montanhosa, de pequenos socalcos e campitos pedregosos, ainda hoje, o que ali predomina é o cultivo de oliveiras anãs e vinhedos

19 FINKELSTEIN, I. - *O.c.*, 278-28.
20 IDEM - *Ibidem*, 286.

raquíticos, a par de figueiras, amendoeiras e tamareiras de pequeno porte.

Deste modo, com Albright e muitos arqueólogos até Finkelstein, cremos poder aceitar a ideia de que a dita jarra é típica da região montanhcsa do centro de Canaã e ficou a dever-se à nova população seminómada do F I, e que esta população, pelo que sabemos da Bíblia e da história posterior, foi o povo hebreu. A "jarra de rebordo em colarinho para armazenamento" durou do séc. XII ao XI AC, sendo substituida nos começos da monarquia, quando se deu uma maior aproximação das tribos e quando as exigência da mobilidade comercial postularam jarras mais pequenas porque mais fáceis de transportar. Isso, todavia, não significa que as ditas jarras sejam uma marca de etnicidade embora, de per si, traduzam uma necessidade de natureza funcional.

4º - Lugares e Objectos de Culto.

A Arqueologia já nos deu a conhecer vários santuários cananeus e objectos de culto, que perduraram durante a Idade do Ferro, tais como os incensórios e as figurinhas de deusas de fecundidade e fertilidade. É possível que continuassem como culto popular durante a ocupação israelita. Mas a arqueologia tem sido avara no que se refere às práticas do culto hebraico propriamente dito. Aliás, nem sabemos como é que o culto dos hebreus se impôs até atingir o rigor do monoteismo ético-cultual.

Silo, no período dos Juizes, acabou por se impôr como o primeiro e principal lugar de culto (I Sam.1 - 3). Mas, já antes da Idade do Ferro, ali havia um santuário.

No Monte Ebal, junto a Siquém, diz a Bíblia que Josué construiu um altar a Javé: "Então Josué erigiu um altar ao Senhor, Deus de Israel, no monte Ebal, segundo a ordem, que Moisés, servo do Senhor, tinha dado aos filhos de Israel, conforme está escrito no livro da lei de Moisés. Construiu-o de pedras brutas ainda não tocadas pelo ferro" (Jos.8,30-31). O sitio foi escavado há pouco por A. Zertal e o material encontrado não difere do outro que já tinha sido descoberto na zona montnhosa central. Para além da estrutura arquitectural, foram descobertos alguns ossos de de animal (touro) possívelmente aí sacrificado, a estatueta dum touro em bronze com 18 x 12 cm. de comprido e dois escaravelhos da época de Ramses II. Pretende Zertal [21] que este fosse o antigo santuário israelita do Monte Ebal. Tal interpretação causou vivo mal-estar entre os especialistas, porquanto traduz uma visão fundamentalista da correlação entre Bíblia e Arqueologia. Kempinski [22] argumentou contra ele, afirmando que poderia tratar-se apenas duma torre de vigia, à maneira da "Torre de Siquém" (Jz. 9,46-49), que teria a sua contrapartida na "Torre de Guiloh" há pouco descoberta.

Dado que os elementos arqueológicos são insuficientes para se datar com justeza a estrutura material do Monte Ebal, da nossa parte lembramos que a a informação do Livro de Josué é tardia e reflecte tão somente uma tradição religioso-literária deuteronomística: "Depois de passares o Jordão, levantarás essas pedras, como hoje vos ordeno, no monte Ebal e revesti-las-ás de cal. Construirás no mesmo local um altar destinado ao Senhor, teu Deus, feito de pedras que o ferro não tenha tocado. Construirás o altar do Senhor, teu Deus, com pedras inteiras e ali

---

21 ZERTAL, Adam - *Has Josua´s Altar been found on Mt, Ebal?* "BAR", XI, 1, 1985, 26-43; IDEM - *How can Kempinski be so wrong?* "BAR", XII, 1, 1986, 43, 49-53.

22 KEMPINSKI, A - *Joshua´s Altar - An Iron Age Watchtower*, "BAR" XII, Nº1, 1986, 42.44-49.

oferecerás holocaustos em Sua honra" (Dt.27,4-8; cfr. Dt.11,29; Jos.8,30-31). Não deixa, contudo, de ser possível que a tradição deuteronomística veicule uma antiga informação relacionada com os tempos da instalação dos hebreus em Canaã ou até com o cisma político-religioso de Roboão / Jeroboão (931 AC), filhos de Salomão, quando de Judá se separou o reino do Norte ou de Israel e se construiram lugares de culto independentes de Jerusalém (I Re. 12,25-32; cfr.14,22-23) [23].

Quanto à estatueta do touro ali descoberta, tanto pode ser cananeia como hebraica. É sabido como o culto do touro, símbolo da força e da fecundidade, exercia uma grande influência religiosa nas civilizações do Egipto e Médio Oriente. Como não lembrar o caso da adoração do "Bezerro de ouro" por parte dos hebreus a quando da trasvessia do deserto do Sinai (Ex.32), e os cultos do bezerro instituidos em Betel e Dan pelo rei Jeroboão (I Re.11,29.32) e aos quais o rei Jehu prestou culto (I Re.10,29) ? De resto, as descobertas arqueológicas recentes em Ashqelon, cidade dos filisteus, trouxeram a público o achado duma estatueta de touro encontrada no próprio santuário [24], muito semelhante à do monte Ebal; estatuetas do género, aliás, já tinham sido descobertas em Tell Djemmeh, a sul de Gaza (cerca de 75), em Hasor e Ugarit. O culto do touro era, portanto, comum aos povos de Canaã, em toda a sua extensão mais larga. Um óstracon da Samaria dirá mesmo: "Javé é um touro" [25].

23 MAZAR, Amihai - *O. c.*,, 348 - 351.

24 STAGER, Lawrence E. - *When Canaanites and Philistines ruled Ashkelon* , "BAR", Vol. XVII, 2, 1991, 24-31.

25 LEMAIRE, A. - *Inscriptions hébraiques. T.I: Les ostraca* , Paris, Cerf, 1977, Nº 53, (Col,"Littératures anciennes du Proche-Orient", Nº 9). Cfr. KUNTZMANN, R. - *Les veaux d´or des rois d´ Israel* , "Le Monde de la Bible", Nº 80, 1993, 24.

II - CONCLUSÃO.

As sínteses mais modernas da arqueologia do "País da Bíblia" [26] reconhecem que, mesmo sem uma profunda linha divisória cultural, algo mudou em Canaã no período do F I (1200 - 1150 AC). As cidades cananeias do B T, tirando o caso excepcional de Hasor, manifestam uma total ausência de muros de defesa, quando no B M tinham grandes fortificações. Vê-se que o comércio internacional sofreu uma quebra. O Egipto ainda se manteve em Canaã durante a 20ª Dinastia (1200 - 1085 AC) e alguns lugares bem manifestam essa presença e influência, tais como: Beth-Shean, Lakish, Meguido, Tell Mor, Tell el-Ful (sul) e minas de Timna`. Aguns centros cananeus conservaram-se florescentes; todavia, detecta-se também um recuo da população e ele foi quase total na zona montanhosa central (Manassés e Efraim). Esta constatação, com muita probabilidade, é que explica o aproveitamento da zona por uma população seminómada, de cariz pastoril, que terá chegado e preenchido o vazio, instalando-se ali.

No cômputo geral da cultura material dos novos habitantes não há singularidades gritantes nem características verdadeiramente notórias, que, de per si, os individualizem e identifiquem. Eles não deixaram construções monumentais, edíficios públicos, fortalezas, santuários, inscrições. Os seus povoados e casas (*four-room house*) traduzem um arquétipo arquitectónico, que, etnograficamente, nos aproxima da tenda dos "beduinos", mas que, contudo, do ponto de vista do esquema e do material, não representa uma singularidade especificante.

---

[26] Cfr. os manuais de Arqueologia de AHARONI e MAZAR. Não queria deixar de apresentar, para uma visão panorâmica de toda a questão, o livro acabado de sair: *The Rise of Ancient Israel* , Washington, B.A.R, 1993.

É no campo da cerâmica que se pode apontar o exemplo significativo das jarras de rebordo em colarinho para armazenamento (*collared-rim store jar*); de facto, porém, elas parecem decalcar modelos locais do B T. Outros utensílios cerâmicos menores, como panelas de cozer e malgas, não têm qualquer interesse arqueológico.

Também os silos de armazenamento parecem apresentar alguma singularidade, que, todavia, só por si, não leva a grandes conclusões sobre a distinção e caracterização dos novos habitantes, até porque as cisternas já eram conhecidas.

Instrumentos e utensílios de ferro não são ainda frequentes, uma vez que, durante o F I, em Canaã, o bronze continuou a ser dominante [27].

Os elementos de culto são absolutamente incaracterísticos perante aquilo que já se conhecia do B T.

Como se vê, pois, a cultura material do F I na zona montanhosa central de Canaã não é desprezível, mas também não é tão eloquente para, desde logo, nos fazer distinguir e caracterizar os novos habitantes. Será no F II que eles começarão a deixar sinais mais característicos e, inclusivé, nos proporcionarão as inscrições que definirão a cultura singular dos hebreus, tal como a história posterior a confirmará.

---

27 MAZAR, A. - *O. c.*, 359-361.

VI

ETNOGÉNESE DE ISRAEL E SEUS PROBLEMAS

Segundo a narrativa bíblica do Pentateuco, Israel, isto é, o povo hebraico, é descendente de Abraão, um emigrante caldeu. Ter-se-ia instalado em Canaã depois de longa estadia de 480 anos (I Re.6,1) [1] no Egipto, onde viveu em explorada escravidão. Entretanto, conseguira escapar do Egipto num êxodo doloroso e prolongado de 40 anos através do deserto sob a chefia de Moisés. Morto este, ocupou, finalmente, Canaã, após uma fulgurante conquista sob o comando de Josué, o qual distribuiu o país pelas 12 tribos de Israel.

A Bíblia não fornece dados cronológicos, minimamente aceitáveis, mas qualquer moderno manual de História de Israel situa Abraão no séc. XVIII AC, Moisés e Josué no séc. XIII-XII AC. A partir daqui, num estudo comparativo com a história do Egipto e do Médio Oriente, pode-se, com relativa facilidade, estabelecer a cronologia histórica dos acontecimentos bíblicos, agora comumente aceite.

Porém, a visão unitária e simplificada, que a Bíblia nos apresenta sobre as origens de Israel, está, hoje, totalmente posta em causa, quer quanto à história dos Patriarcas hebreus quer quanto ao Êxodo dos israelitas do Egipto. Em termos de crítica histórico-arqueológica, pensamos que os dados bíblicos já não são aceitáveis e que a relação de evolução monofilética de Israel relativamente aos Patriarcas, através da linha de Abraão, Isaac, Jacob e seus filhos, não passa duma reconstrução

---

[1] É evidente o carácter simbólico deste número, tomado, segundo as leis da guematria ou matemática sagrada hebraica, da multiplicação de 12 (as tribos de Israel) e de 40 (número da perfeição e totalidade): 12 x 40 = 480. Talvez por isso, é que Gén.15,13 fala de 400 anos e Ex. 12,13 fala de 430 anos.

simplista posterior, segundo o modelo da família natural, numa linguagem mitopoiética com recurso às velhas lendas ou sagas das tribos e clãs hebreus [2].

A Bíblia dá-nos a ideia duma origem israelita exterior a Canaã, através da emigração dos Patriarcas hebreus (Gén.12,1-3; Dt.26,5 -10; Ez.16,3; Am.9,7) e não favorece a hipótese do aparecimento de Israel como fenómeno interno de Canaã, segundo a moderna teoria sociológica de Mendenhall e Gottwald, como veremos.

A análise literária dos tempos modernos tem mostrado o artificialismo da construção histórica da Bíblia. Que diremos, então? Teremos de renunciar a uma explicação plausível das origens de Israel e ficar-nos apenas numa posição negativista [3] ? Talvez que os dados literários extra-bíblicos e os elementos arqueológicos possam vir em socorro da crítica histórica à tradição bíblica e levar-nos, pelo menos, a hipóteses com algum grau de probabilidade científica.

1 - Hermenêutica da tradição bíblica sobre as origens de Israel.

---

2 DEVER, W.G.; CLARK, W.M. - *The Patriarcal Traditions* , HAYES, J. H.; MILLER, J. M. (Ed) - *Israelite and Judaean History* , Londres, 1977, 70 - 148; DIAS, Geraldo J. A. Coelho - *Os Patriarcas. As origens de um povo* , "Génesis. Do sonho à esperança da Terra Prometida". Actas da IX Semana Bíblica Nacional, Lisboa, Difusora Bíblica, 1987, 131-152; McCARTER, P.K. - *The Patriarchal Age* , SHANKS , H. (Ed.) - *Ancient Israel. A short History from Abraham to the Roman Destruction of the Temple* , Washington, 1988, 1-23; MICHAUD, Robert - *Les Patriarches. Histoire et Théologie* , Paris, Cerf, 1975; THOMPSON, Thomas L. - *The Historicity of Patriarcal Narratives. The Quest for the Historical Abraham* , Berlim, Walter de Gruyter, 1974, (BZAW,13); VAN SETTERS, John - *Abraham in the History and Traditions* , New Haven, Yale University Press, 1975.

3 GARBINI, Giovanni - *I miti delle origini nell´ideologia ebraica* , "Le origini d´Israele", Roma, Academia Nazionale dei Lincei, 1987, 29-38; LIVERANI, Mario - *Le "origini" d´Israele progetto irrealizzabile di ricerca etnogenetica* , "RBI", 28, 1980, 9-31.

1. 1 - O período patriarcal. É por muitos combatida a historicidade das narrativas bíblicas a respeito dos Patriarcas [4], ainda que se aceite o seu contexto de base histórica [5] . De facto, a visão aparentemente uniforme do livro do Génese complica-se muito quando analisada à luz dos métodos crítico-científicos modernos. Por essa razão, já deixámos claro que é preciso ver as narrativas bíblicas com um duplo olhar: o *olhar científico* e o *olhar religioso* . Pelo *olhar científico,* que não pode deixar de ser crítico, dámo-nos conta de que estamos perante uma acumulação ou sedimentação de vários estratos literários de épocas e estilos diferentes com objectivos próprios, que o *olhar religioso* , sempre teológico, bem realça. Assim se conclui que a história dos Patriarcas hebreus, na intenção dos seus redactores, pretende descrever, à luz da fé, a etnogénese de Israel, isto é, a formação do povo de Israel como Povo de Deus. Trata-se, porém, dum longo processo genético, escrito depois do Exílio de Babilónia, entre os sécs. V-IV AC, na linha da visão providencialista da religião judaica e com recurso a muitos dados literários de natureza lendária com etiologias e sagas.

A árvore genealógica dos Patriarcas, conforme a apresentação bíblica, é complexa e artificial; repousa sobre a visão sintética do famoso capítulo da "Tábua dos Povos" (Gén.10) , em que se faz uma espécie de corporização concentrada num indivíduo, que, em geral, traz o nome

---

[4] Desde Welhausen se tem afirmado que as narrativas patriarcais são mitos ou simples folclore etnográfico. Contudo, a *Formgeschichtliche Schule* , com Gunkel, Gressmann, Alt, Noth, Von Rad, através do estudo das fontes, pretendeu, com bastante probabilidade, estabelecer as etapas de formação dessas narrativas. Outros estudiosos, tais como Albright, Bright, Wright , Speiser, Gordon, Dhorme, Parrot, De Vaux, por meio da arqueologia, tentaram situar as narrativas patriarcais no contexto cultural e restabelecer, desse modo, a historicidade substancial das narrativas. Cfr. WEIDMANN, H. - *Die Patriarchen und ihre Religion im Licht der Forschung seit Julius Wellhausen* , Goettingen, 1968 (FRLANT, 94); Ver também a recensão das obras de Thompson e Van Setters por A.de Pury, "RB", 1987, 589-618.

[5] DE VAUX, R. - *Histoire ancienne d´Israel,* I, 1971; SOGGIN, J. Alberto - *Storia d´Israele* , Brescia, Paideia Editrice, 1984.

duma terra ou dum país. Deste modo, logo se vê que a árvore genealógica dos Patriarcas, mais que uma sucessão de pessoas fisiológicas, representa um mostruário etnológico de países, tribos, clãs. pequenas famílias, tudo corporizado num epónimo ou antepassado originante. Cada epónimo concretiza uma pessoa fictícia ou real, que servia para explicar e justificar a união e solidariedade dum grupo étnico. Por isso, à volta dum epónimo, gira, quase sempre, um ciclo patriarcal, que, do ponto de vista geográfico, aparece mais ou menos localizado. Desse modo se explica a origem dum povo e sua terra.

No livro do Génese distinguem-se vários ciclos patriarcais, que a tradição foi cerzindo de modo a construir a unidade étnica e religiosa do povo hebreu: ciclo de Abraão (Gén.12 - 25); ciclo de Isaac (Gén. 25,5 - 28,9); ciclo de Jacob (Gén. 25,10 - 35,29), o qual integra o ciclo de Israel (Gén. 32,39 - 35,10), e ciclo de José (Gén. 37 - 49). Neste emaranhado processo de unificação etnológica, conviria chamar a atenção para dois pontos:

A/ Antes de mais, atender à origem mesopotâmica dos ciclos de Abraão e de Jacob. De Abraão diz-se que emigrou de Ur, na Caldeia (Gén.11,28.31), o que nos coloca perante um anacronismo, na medida em que os caldeus só aparecem no séc. XII AC. Isto mostra que nem o redactor se deu conta de tal erro histórico. Logo depois (Gén.11,31), afirma-se que ele partiu para Haran, a norte do rio Eufrates, donde, em seguida, desceu para Canaã. Será ainda a Haran que Jacob irá escolher as suas esposas (Gén.24; 29 - 31). Estes dados conservam, portanto, a reminiscência , uma espécie de consciência tradicional sobre as origens exógenas de Israel em relação a Canaã e afirmam o parentesco dos hebreus com arameus, embora, no decurso das narrativas, cada ciclo tenha a sua localização geográfica em Canaã. Na verdade, o ciclo de

Abraão está ligado aos lugares de Hebron-Mambre (Gén.18; 19; 23; 25), a sul do território que viria a ser da tribo de Judá. O ciclo de Isaac situa-se na região de Bersheba, no deserto do Negev (Gén.26). O ciclo de Jacob/Israel desenrola-se desde o vale do rio Yaboq, na Transjordânia, e na região de Siquém/Betel, a zona montanhosa central de Canaã (Gén.31; 33; 35). O ciclo de José, esse, de marcado tom sapiencial, sobrepõe-se ao de Israel em Siquém (Gén.37). Esaú não forma um ciclo à parte mas, integrado no de Jacob, compendia a rivalidade dos nómadas-caçadores contra os agricultores sedentarizados. Por isso, a luta de Esaú // Jacob (Gén.27; 32 - 33) pode classificar-se como uma saga a explicar divergências étnico-sociológicas no contexto cultural e no quadro real duma família mais ou menos fictícia. Tudo isto parece tanto mais verdadeiro quanto sintomático é o facto de os Patriarcas hebreus serem pouco citados na literatura profética pre-exílica [6] . Abraão é citado em Is.29,22; Ez.33,24; Miq.7,20. Isaac só aparece em Am.7,9.16. Jacob, esse é o mais citado: Is.2,3.5.6; Am.3,13; 6,8; 7,2.5; 8,7; 9,8; Os.10,11; 12,3; Miq.1,5; 2,7.12; 3,1.9).

Note-se também o uso de expressões como "Casa de Jacob" ou "Casa de Israel"; mas elas, de per si, apenas servem para indicar o Israel unificado do tempo de David/Salomão por oposição à "Casa de José", a qual, por si só, unicamente se refere ao reino separado do Norte ou da Samaria.

A associação triádica dos nomes de Abraão, Isaac, Jacob, sendo frequente, deve ter sido criada pela escola deuteronomística (I Re.18,36; II Re.13,23; Jer.33,26) e ressoou, depois, como um estribilho a incrementar a fé nas promessas.

---

6 LEMAIRE, André - *Aux origines d´Israel: La montagne d´Ephraim et le territoire de Manassé (XIII-XI siècle avant J.C.)* , LAPERROUSAZ, E.-M (Dir.) - *La Protohistoire d´Israel*, Paris, Cerf, 1990, 234.

B / Em segundo lugar, há que realçar o desdobramento do ciclo de Jacob/Israel. O nome ISRAEL, que o redactor tenta, premonitoriamente, atribuir a Jacob por meio da cena dramática da luta de Jacob com o Anjo de Javé (Gén.32,25 - 33), constitui uma etiologia a evidenciar o nome de Israel, que, no futuro, iria prevalecer e qualificar todo o Povo Eleito de Javé. Israel seria, assim, o ubi de fusão de todos os outros ciclos patriarcais e das tradições, que lhes estão subjacentes no tabuleiro sociológico de Canaã [7].

O esquemático capítulo do Génese sobre a descendência de Jacob (Gén.35,23-26) apresenta-nos quatro grupos de famílias com seus derivados de modo a justificar as 12 tribos de Israel, herdeiras de Jacob/Israel (Gén.49,):

Jacob + Lia : Rúben, Simeão, Levi, Judá.

Jacob + Bilha: Dan, Neftali.

Jacob + Zilpa: Gad, Aser.

Jacob + Raquel: José (Efraim e Manassés), Benjamim.

Na realidade, porém, o que temos ali é a história de dois ciclos: o de Jacob e o de José, cujo nome acabou por se impor e dar cobertura à unidade do povo que resultou da fusão dos "filhos de Jacob" e dos "filhos de Israel". É que Israel, feito pai da "Casa de José", engloba as duas tribos mais fortes do centro de Canaã (Efraim e Manassés) com os seus santuários de Siquém e Betel, os quais tanta importância tiveram na história do povo bíblico.

---

7 MICHAUD , R. - *O. c.*, 53-57.

Assim, se quiséssemos, de alguma maneira, elaborar a etnogénese próxima do povo hebreu, como unidade político-religiosa que se consubstanciou em Israel, poderíamos adoptar a explicação de Lemaire [8] sintetisando as tradições bíblicas nos grupos familiares de Jacob e de Israel.

1.1.2 - O grupo dos "Filhos de Jacob (*Beney Yakov*) reune a tradição de que os hebreus são descendentes de emigrantes. Teriam vindo para Canaã de junto do rio Eufrates, de Haran Naharaim = Nahor (Gén.24,10), na Mesopotâmia superior, certamente arrastados por um daqueles deslocamentos de povos que o Médio Oriente tão bem e longamente conheceu. A sua emigração estaria, talvez, ligada à queda do reino dos Mitanni, séc. XIII AC, e às invasões assírias, quando o rei Adad-Nirari I (1307-12075 AC) se opôs aos Ahlamu e conquistou a "fortaleza de Harran". Estes Ahlamu poderiam ser os antepassados dos arameus [9].

O grupo dos "Filhos de Jacob", dedicado à pastorícia, teria entrado em Canaã pelo vale do Yaboq, na região de Galaad, e, atravessando o Jordão, ter-se-ia fixado no fértil vale de Siquém. A sua emigração poderia, portanto, datar-se de cerca de 1274 AC, na sequência da conquista assíria da Mesopotâmia Superior.

1.1.3 - O grupo dos "Filhos de Israel" (*Beney Israel*) é, com certeza, o raio vector da tradição bíblica da estadia no Egipto e da gloriosa epopeia do Êxodo. O Egipto, na antiguidade, exerceu uma espécie de atracção sobre os povos nómadas do norte asiático, entre os quais se

---

8 LEMAIRE, A. - *O.c.*, 263-281; IDEM - *Les Benê Jacob. Éssai d´interpretation historique d´une tradition patriarchale*, "RB", 85, 1978, 321-337.

9 LIVERANI, Mario - *Antico Oriente* , 577-601 ; MALAMAT, A. - *The Aramaeans* , WISEMANN, D.J. (Dir.) - *Peoples of Old Testament Times* , Oxford, 1973, 134-155.

contam muitos semitas, a ponto de ter sofrido o domínio dos Hicsos. Por outro lado, as campanhas militares do Egipto em Canaã, até às margens do Eufrates, arrastaram dali, como escravos, muitos autóctones e nómadas. Talvez por isso, a tradição bíblica conserva a lembrança da escravidão dos "Filhos de Israel" no Egipto, no"país do Goshen", em pleno delta do Nilo (Gén.37,27; Ex.1,13 s). A libertação subsequente dos "Filhos de Israel" dessa "casa de escravidão" do Egipto constituiria a tal epopeia do Êxodo e explicaria a referência da estela de Merenptah (1236-1223 AC) a Israel, que, ali, é referido apenas como povo, sem terra nem cidades fortificadas, conforme se dirá abaixo.

Actualmente, no mundo da história crítica, cada vez mais se chega à conclusão de que as narrativas patriarcais não remontam a verdadeiras tradições históricas e que o livro do Génese pouco ou nada diz de sólido sobre a prehistória de Israel e a formação do povo hebreu. O estudioso Garbini reduz mesmo a mitos tudo o que se refere a Abraão, Jacob e Moisés [10]. Isso faz com que, agora, também se pretenda estudar a protohistória de Israel a partir do Êxodo, mesmo que se discuta ainda sobre o Moisés da história e o Moisés da fé [11].

2 º - Israel ao tempo do Êxodo.

Este período bíblico anda, também ele, muito envolto num manto de profunda visão religiosa e, por consequência, aparece, ao historiador moderno, densamente nebuloso. Na realidade, a narrativa bíblica não fornece qualquer amarra concreta e directa com a história do Egipto, tal como nos é documentalmente conhecida, nem em datas nem em nomes de faraós. Informa-nos apenas que os "Filhos de Israel" viviam no meio dos egípcios na região do Delta, como escravos adstrictos a obras de

---

10 Cfr. Nota 2.
11 LAPERROUSAZ , E.-M (Dir.) - *O. c.*

construção. A análise literária permite-nos explicar o seu "êxodo" ou como uma *expulsão* , que teve saida pelo caminho mais directo para Canaã (Ex.6,2; 10,11;11,1 = Fonte J), ou como uma *fuga* precipitada pelas sendas áridas e sinuosas do deserto do Sinai (Ex.14,5 = Fonte E). Exegetas e historiadores procuram relacionar o *Êxodo-expulsão* com a saida dos Hicsos, séc.XVI AC) e o *Êxodo-fuga* com as perseguições de Ramses II (1304-1237 AC), o megalómano construtor das cidades de Pitom e Ramses no Delta do Nilo.

Com efeito, a narrativa bíblica do Êxodo recolhe tradições históricas e geográficas divergentes (J+E+P) , que o redactor final não conseguiu completamente harmonizar. Nomes como *Baal-Safon* e *Goshen* (Ex.8,18; 9,26) fazem dificuldade, pois não aparecem nos textos egípcios. Estes nem sequer se referem aos hebreus nem ao nome de Moisés [12] . Na realidade, a figura de Moisés só nos é conhecida pela Bíblia, onde adquire dimensões lendárias e arquetípicas [13]. O que sabemos do Moisés histórico chegou-nos através do Moisés da fé hebraica.

É muito provável que não se possa negar, à volta do Moisés bíblico, a existência dum núcleo histórico [14], pois, de contrário,

---

12 CAZELLES , Henri - *Peut-on circonscrire un évenement Exode ?* , LAPERROUSAZ, E.-M (Dir.) - *O. c.*, 29-65; DE VAUX, R. - *HAI* , I, 349-352.

13 Moisés é a transcrição do hebraico משה , particípio hifil do verbo ישע (=salvar, retirar), o qual, na etimologia popular hebraica, derivaria do facto do seu salvamento das águas do Nilo (Ex.2,10). Só que, em tal caso, deveria usar-se o particípio passivo e não a forma activa,causativa,que significa "salvador". Na realidade, o nome Moisés é reminiscência dum nome egípcio (*Moses,Mss*), um sufixo nominal de composição frequente em nomes próprios para indicar filiação: Tutmoses (=filho de Tut), Ramses (=filho de Ra). Embora em Moisés falte o elemento determinante, talvez ele estivesse ligado ao Nilo (=filho do Nilo), se levarmos em conta que se trata duma etiologia etimológica (Ex.2,10). Para os hebreus, o nome de Moisés é um nome cheio de significado, verdadeiramente avassalador na Bíblia, onde, desde o Êxodo até ao fim do II livro dos Reis, aparece 722 vezes. Cfr. *DBS* , V, 1308-1337; *DEB* , 851-852; ODELAIN, D.; SEGUINEAU, R. - *Dictionnaire des noms propres de la Bible,* Paris , Cerf/Desclée de Brower, 1978, 261.

14 GARCIA LOPEZ, Félix - *El Moisés histórico y el Moisés de la fé,* "Salmanticenses", XXXVI, 1989, 5 - 21.

dificilmente se poderia explicar a religião hebraica e o seu corpo legislativo (Os.12,10.14) [15]

Moisés e Josué terão sido os condutores do grupo dos "Filhos de Israel" para a terra de Canaã. Estes teriam atravessado o rio Jordão perto de Jericó subindo, depois, para a zona central de Canaã, para Ai e Betel, até chegarem a Siquém. Aí terá sido o lugar do encontro com os "Filhos de Jacob", com os quais acabariam por fazer o célebre pacto de Siquém (Gén.34; cfr.Núm.36; Jos.24), integrando-se todos num único bloco contra os cananeus, que habitavam o país (Gén.49,2). Deste modo, se teria originado a confederação das tribos de Israel, que alguns pretendem classificar de "anfictionia" de Israel, à maneira e segundo o modelo dos gregos. Josué tornar-se-ia, em seguida, no chefe e comandante desta confederação para a conquista inicial da terra de Canaã.

Esta parece ser, em traços rápidos, a mais conseguida tentativa moderna de encontrar, no emaranhado das narrativas bíblicas, uma explicação etnológica plausível para o aparecimento de Israel em Canaã. Vejamos, de seguida, como e quando as fontes egípcias nos falam de Israel e de suas hipotéticas raizes.

3º - Poder egípcio em Canaã e Israel nas fontes egípcias.

A terra de Canaã, onde os hebreus se foram estabelecer, constituiu para o Egipto um íman de atracção geo-política constante [16] . Com efeito,

---

15 CAZELLES,H. (Ed.) - *Moise,l´homme de l´Alliance*, Paris, 1955; COATS, G.W. - *Moses. Heroic man,Man of God* , Sheffielf, 1988; DE VAUX, R. - *HAI* , I, 305-440; MARTIN-ACHARD, R. (Ed.) - *La figure de Moise , écriture et relectures* , Genebra, 1978; OLMO LETTE, G. - *La vocación del lider en el Antiguo Israel . Morfologia de los relatos bíblicos de vocación* , Valência, Universidad Pontificia/ Institución San Jerónimo, 1973, 64-100.

16 DE VAUX,R. *O.c.* , 61-121; POSENER, Georges - *Les asiatiques en Égypte sous les XII° et XIII° Dynasties* , "Siria", Paris, XXXIV, 1957, 145-163.

o papiro de Brooklyn, datado das XII - XIII Dinastias, pois faz alusão ao reinado de Ammenemes III (11842-1797 AC) e ao de Sebekhotep I (1750-1742 AC), traz a lista de 48 asiáticos no Egipto na função de mão de obra mesmo em casas de particulares. Os seus nomes até denotam uma etimologia semítica, que pode, com segurança, ser atribuida ao grupo semítico do noroeste, segundo Albright. Seria, porém, na XVIII Dinastia do Império Novo, após a expulsão dos Hicsos, que o faraó Tutmoses I (1525-1512 AC) alargaria o expansionismo asiático do Egipto, chegando a Naharina, a região dos rios, na Alta Mesopotâmia, designada numa inscrição do tempo por "um país chamado Mitanni" [17]. Contudo, o verdadeiro conquistador de Canaã, por parte dos egípcios, foi Tutmoses III (1504/1482-1450 AC), alargando as fronteiras do Egipto, em dezassete campanhas militares durante os vinte anos do seu reinado, desde o actual Sudão até ao Eufrates [18]. Em Karnak, nos pilões do monumental templo de Amon, Tutmoses III mandou gravar os nomes dos 119 lugares de Canaã onde a sua autoridade foi reconhecida [19], bem como de 270 povoações da Síria que ele dominou [20]. O sucessor de Tutmoses III, o faraó Amenófis II (1450 - 1425 AC), teve de se desdobrar em expedições militares para subjugar rebeliões activadas pelos Mitanni. Ficou célebre a sua intervenção em Meguido, praça forte de Canaã e centro estratégico na planície de Esdrelon ou Jezreel, próxima do lago Genesaret/Tiberíades. Mas todo o séc. XIV AC foi um período de

---

17 BRUNNER , H. - *Mitanni in einem aegyptischen Text vor oder um 1500* , "MIO", 4 , 1966, 323 -327.

18 NOTH, Martin - *Die Annalen Tuthmoses III als Geschichtsquelle* , "ZDPV", 66, 1943, 156-174; *ANET* , 234 - 241; LOPES, Maria Helena Trindade; REGO, Cristina - *As operações militares de Tutmósis III: espressão de uma época* , "Hathor", 3, 1991, 71-92.

19 NOTH, Martin - *Der Aufbau der Palaestinaliste Tuthmoses III,* , "ZDPV", 61, 1938, 26-65.

20 ASTOUR, M. - *Place-Names from the Kingdom of Alalah in the North-Syrian List of Tuthmoses III,* "JNES", 22, 1963, 220-241. Cfr. LOPES, Maria Helena Trindade; REGO, Cristina - *O. c.* ; "ANET", 234-238 (Anais de Tutmoses III)

perturbações em Canaã, as quais nos são conhecidas pelas Cartas de El Amarna, no Egipto, quando as cidades de Canaã se assumiam como cidades-estado ou principados rivais, sem coesão política. Entre elas, avantaja-se, então, a cidade de Hasor, que parece ter sido a cidade-estado mais importante e, assim, havia de permanecer até à chegada das tropas dos hebreus (Jos.11,1-2; Jz.4,2.23-24. Juntamente com outras cidades, Hasor recusou-se a pagar imposto de submissão ao Egipto e, unidas, essas cidades lutaram contra os representantes do faraó, os *sokinu* , espécie de governadores das tres províncias asiáticas em que os egípcios tinham dividido Canaã: Amurru , com o centro político em Sumur, o actual Tell Kazel, junto ao rio Eleutério, na costa libanesa; Upé , cobrindo a região de Damasco, com a capital em Kumidi, a norte do monte Hermon, e Canaã, com a capital em Gaza. Nesta província, que, a sul, abarcava o território actual de Israel, os documentos citam nomes como Gaza, Guezer, Jafa, Jerusalém, Meguido, Yanuammu, etc., para além de se referirem aos templos de Meguido e Beth-Shean.

Não se pode deixar de salientar a rivalidade entre egípcios e hititas desde 1370 AC, quando o rei hitita Suppiluliuma tentou distender os tentáculos do seu império sobre a província egípcia de Amurru e sujeitou Qadesh e Ugarit. Numa carta, que então dirigiu a Amenófis IV (1379 - 1362 AC), o célebre Akhenaton - o faraó "herético - queixava-se Suppiluliuma da insegurança dos seus comerciantes em Canaã [21]. Isto mesmo é confirmado por duas cartas de Burnbariash, rei de Babilónia, ao mesmo faraó, exigindo medidas porque "Canaã é teu país e seus reis teus servos" [22].

---

21 *EA* , 41.

22 *EA* , 7; 8. Sobre esta problemática, cfr. REDFORD, D.B . *Egypt, Canan and Israel in Ancient Times* , Princeton, 1992, *passim*

De facto, parece ter-se verificado, então, uma quebra do poder egípcio em Canaã, apesar das expedições militares determinadas pelo faraó Tutankhamon (1361-1352 AC) e realizadas sob a chefia do general Horembeb, que veio a ser faraó (1348-1320 AC).

Já na XIX Dinastia, com Seti I (1318-1304 AC), o Egipto voltou a afirmar o seu poder na Síria e fez um acordo com Mwatalli, rei dos hititas, pondo o rei de Amurru a dançar na corda bamba entre as duas grandes potências do Médio Oriente Próximo.

Seria, contudo, o grande faraó Ramses II (1304-1237 AC) a travar a celebérrima batalha de Qadesh, no 5º ano do seu reinado (1299 AC, para alguns 1286 AC), contra os hititas [23]. Grandioso relato e vários relevos sobre essa batalha chegaram até nós; basta contemplar os grandiosos templos de Abu Simbel, Ramesseum, no Vale dos Reis, e o majestoso templo de Luksor. Todavia, dados os termos intencionalmente empolgantes e laudatórios da narrativa, fica-se na dúvida sobre a decantada vitória de Ramses II. Mais que uma vitória, talvez que a repetida narrativa da façanha se deva ao facto de Ramses II ter conseguido escapar com vida, evitando uma derrota aniquiladora, que já parecia eminente. Depois disso, houve certamente um recuo da hegemonia egípcia na zona norte de Canaã, pois no 21º ano do seu reinado, cerca de 1283 ou 1269 AC, o faraó Ramses II assinava um tratado de paz com Hattusil III, rei dos hititas [24]. As províncias de Upe e Canaã ficaram ainda sob controle do Egipto mas Ramses II teve de sufocar várias rebeliões em Canaã. A agitação parece ter-se instalado na zona e, ao findar o séc. XIII AC, deu-se a invasão dos "Povos do Mar". Na

---

23 FALKNER, R.O. - *The Battle of Kadesh* , "MDAI", 16, 1958, 93-111; COUROYER, L.B., OP - *L´Exode et la bataille de Qadesh* ,"RB", 97, 1990, Nº3, 321-358.

24 *ANET*, 199-201. Esta é a tradução do texto egípcio, porque a tradução do texto hitita encontra-se nas pp. 201-203.Cfr. nossa "Antologia Documental".

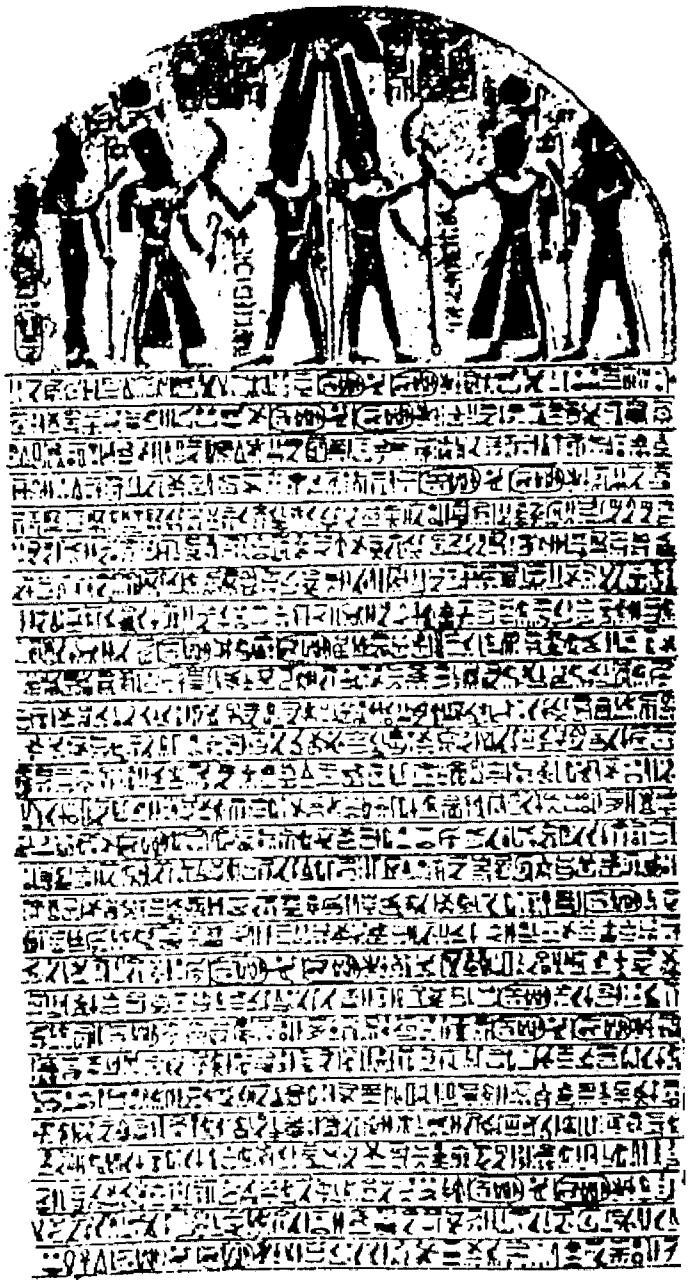
sequência disso, o poderio egípcio ficou decididamente abalado e o império hitita ruiu por completo. É neste contexto que vai surgir, pela primeira vez em Canaã, o nome de Israel.

4º - A estela de Merenptah e o nome de ISRAEL [25]

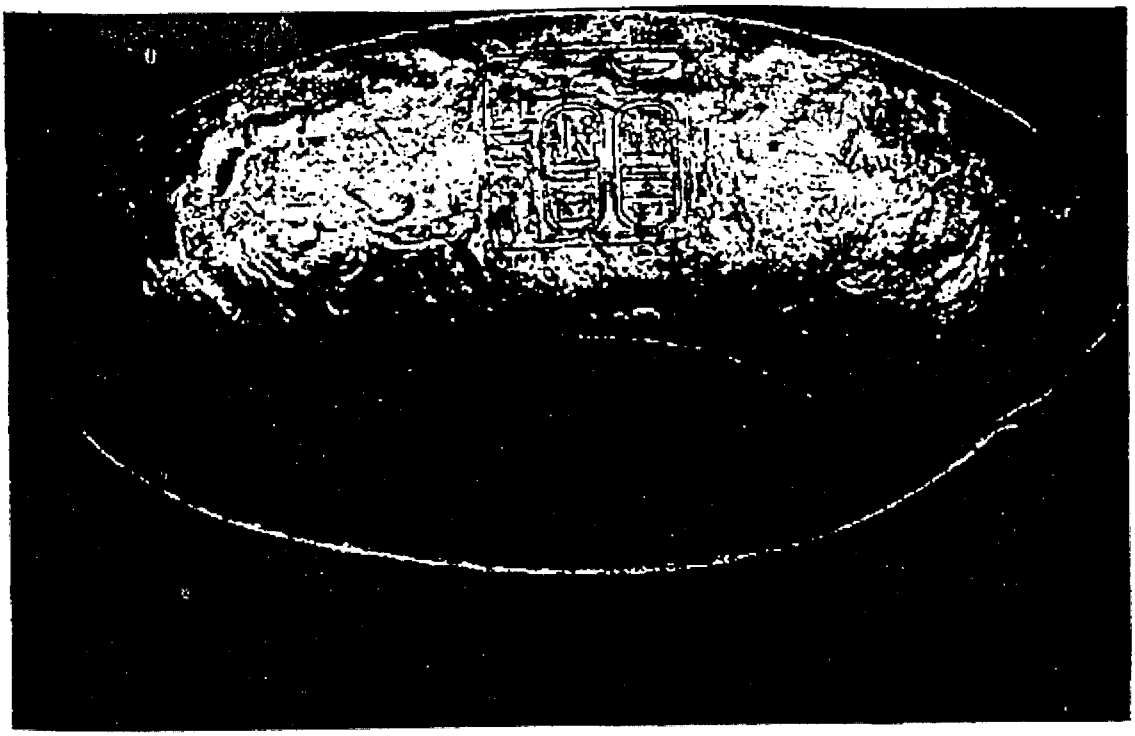
.O Médio Oriente Próximo, no séc. XIII AC, foi palco de confluência de vários acontecimentos marcantes no espaço compreendido entre os rios Nilo e Eufrates: queda do império hitita, surgimento da Assíria, retirada egípcia da Síria e invasão dos "Povos do Mar" no Egipto. Na sequência, e talvez por consequência, aparecem os estados arameus na Síria, reinos neo-hititas, poder marítimo dos cananeus/fenícios e instalação dos hebreus e filisteus em Canaã. Ao findar o longuíssimo reinado de 66 anos de Ramses II, o Egipto quedava-se numa expectante atitude de defesa face aos acontecimentos. O novo faraó, Merenptah (1236-1223 AC) , logo no 5º ano do seu reinado (1231 ou 1207 AC), teve de enfrentar um ataque dos líbios coligados com outros povos, talvez a primeira onda dos chamados "Povos do Mar". A vitória, então conseguida, foi celebrada em vários textos e aparece realçada na Estela do 5º Ano de Merenptah ou de "Israel".

---

25 *ANET*, 376-378; *ANEP* , 342-343. No Grande Templo de Karnak, na "Cour de la Cachette", foi descoberta uma réplica desta estela, o que garante a sua forma literária. Sobre a "Estela de Israel", cfr. ENGEL, H. - *Die Siegesstelle von Merneptah. Kritischer Ueberblick neber die verschiedenen Versuche historischer Auswertung des Schlussabschnittes* , "Biblica", 60, 1979, 373-399; FECHT, G. - *Die Israelstelle. Gestalt und Aussagen*, "Fontes atque Pontes". Festschrift H. Brunner, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1983, 106-138 (AAT,5); GOERG, M. - *Beitraege zur Zeitgeschichte der Anfaenge Israels* , Wiesbaden, 1989; HORNUNG, E.- *Die Israelstelle des Merenptah*, "Fontes atque Pontes", 224-233; SINGER, Itamar - *Merneptah´s Campaign to Canaan and the Egyptian occupation of the Southern Coastal Plain of Palestine in the Ramesside Period* , "BASOR", 269, 1988, 1-10; STAGER , Lawrence E. - *Merenptah. Israel and the Sea Peoples. New Light on an Old Relief*, "Eretz Israel", 18, 1985, 56-64; YOYOTTE , Jean - *La campagne palestinienne du pharaon Merneptah. Données anciennes et récentes* , LAPERROUSATZ , E. (Dir.) - *La protohistoire d´Israel* , 109-111; YURCO , Frank J. - *Merenptah´s Canaanite Campaign*, "Journal of the American Research Center in Egypt", 23, 1986, 189-215; IDEM - *3,200-Year-Old Picture of Israelites Found in Egypt*, "BAR", XVI, 5, 1990, 20-38.



Museu do Cairo: ESTELA DE MERENPTAH ou "ISRAEL".



BERLIM: Museu Egípcio - MALGA DE MERENPTAH. Peça de prata batida, com 38 cm. de diâmetro, datada de 1200 AC.

Na parede interior da malga está gravado o protocolo real em dois cartuchos, pelo qual se vê tratar-se duma oferta de Merenptah ao deus Osíris no templo de Abydos.

Protocolo de Merenptah (1236-1223 AC):



Nisut bati// Ba-en-Ra-meri-Amon// Sa Ra // Ptah-meri-en-hotep-her-Maat = (Rei do Alto e Baixo Egipto // Alma-de-Ra-amado de-Amon// Filho do Sol // Amado de-Ptah-paz-sob-Justiça)

Descrição da Estela do 5º ano de Merenptah: Trata-se dum monólito de granito preto, medindo cerca de 2,285 x 1,650 m., com um relevo gravado na lúnula superior e 28 linhas de texto escrito em caracteres hieroglíficos, exposta no Museu do Cairo sob o Nº 34025 do Catálogo Geral, mas marcada na base com o número 31408.

A estela foi descoberta em 1896 por Flinders Petrie nas ruinas do templo funerário do faraó Merenptah (1236-1223 AC), na parte ocidental de Tebas, no Vale dos Reis. A leitura das 28 linhas de texto foi feita por William Spiegelberg na "Zeitschrift fuer Aegyptische Sprache", XXXIV, 1896, enquanto que a publicação de Petrie só apareceu em 1897 no "Six Temples at Thebes".

Como se deduz do texto, cuja tradução integral damos na antologia documental, o faraó Merenptah, no 5º ano do seu governo (1231 ou 1207 AC), alcançou sobre os líbios e a coligação dos agora chamados "Povos do Mar" uma memorável vitória, que libertou o Egipto dos contínuos e incomodatícios ataques desses povos. A autenticidade do facto, por vezes posta em dúvida por causa do tom laulatório da estela, já que os faraós gostavam de comprazer-se em auto-elogios, parece garantida pelo duplicado da mesma estela encontrado na "Cour de la Cachette" do Grande Templo de Karnak, próximo dos relevos, que Frank Yurco atribui às batalhas de Canaã, referidas na dita estela. A razão de, muitas vezes, ser chamada "ESTELA DE ISRAEL" deve-se ao facto de, pela primeira vez, ali aparecer, na 27ª linha, o nome de ISRAEL.

Não deixa de ser curioso observar que o anverso desta estela contem uma inscrição do faraó Amenófis (Amenhotep) III (1417-1379 AC), descrevendo as ofertas, que tal faró consagrou ao templo de Amon,

destruido por Merenptah para fazer o seu próprio templo, aproveitando dele elementos, como esta estela.

A estela do 5° ano de Merenptah tem duas partes bem distintas: a parte superior, ilustrada com um relevo, e a parte inferior com o texto escrito em hieroglifos.

A/ Parte superior da Estela - A parte superior é arredondada à maneira de lúnula e contem uma gravura em relevo. Trata-se dum motivo, quase em duplicado para a direita e para a esquerda, que apresenta uma cena religiosa. No lado direito da estela, Merneptah recebe a espada curva (*Hepesh*) da vitória das mãos do deus AMON, tendo a deusa MUT atrás de si, como que apadrinhando-o. Virando para a esquerda, a cena repete-se, mas, agora, é o deus HONSU (Khonsu) a apadrinhá-lo.

AMON era o deus principal do Egipto durante o tempo do Império Novo, XVIII-XX Dinastias (1567-1085 AC). A deusa MUT, esposa de Amon, era a rainha espiritual de todo o Egipto, razão pela qual trazia a coroa dupla do Alto e Baixo Egipto. O deus HONSU, filho de Amon, era considerado o deus lunar, destruidor do mal. Os tres deuses, Amon, Mut, Honsu, constituiam, portanto, a tríade divina e protectora de Tebas no Império Novo. Não podiam, por isso, deixar de estar presentes como garantes da protecção concedida ao faraó vencedor e, através dele, a toda a terra do Egipto.

B/ Parte inferior da Estela - A parte inferior ou corpo da estela estende-se por 28 linhas que compõem uma inscrição em caracteres hiroglíficos. Como se pode verificar pelo texto apresentado na antologia, trata-se dum poema em honra do faraó Merenptah, composto duma sequência de quatro hinos triunfais, cujo núcleo inspirador foi a vitória

sobre os líbios no 5° ano do reinado de Merenptah (1231 ou 1207 AC). É uma verdadeira estela de vitória, a vitória do 5° ano de Merenptah sobre os líbios e seus aliados. Todavia, aquilo que mais tem cativado a curiosidade dos especialistas e prendido a sua atenção é a referência, na linha 27, a ISRAEL, nome que, ali, aparece pela primeira vez na história. E, havemos de concordar que isso é extremamente significativo, tanto mais que se trata dum documento extra-bíblico, muito anterior a qualquer texto hebraico. Dada a importância da parte final para o nosso estudo, reproduzimos, já aqui, o texto das linhas 26-28, dando a transliteraçção dos topónimos egípcios e a sua identificação entre parênteses:

" Os príncipes estão prostrados dizendo: Paz!

Entre os Nove Arcos, nenhum levanta a cabeça:

Tehenu (Líbia) está desolado; Hatti (Hititas) está em paz;

P´K´N`N (Canaã) está saqueado com todas as desgraças;

Ysqrn (Ashqelon) está exilado; Gdr (Guezer) está prisioneira;

Ynwm (Yanoam) está no estado daquilo que não existe;

Ysr´r (Ysrael) está devastado, sem semente;

Hrw (Huru= Palestina) tornou-se uma viuva para o Egipto;

Todas as terras em conjunto estão em paz.

Toda aquela que estava irrequieta foi dominada

pelo rei do Alto e Baixo Egipto...."

O poema, no seu todo, é, sem dúvida, uma hipérbole poética assente na pretensa vitória sobre os líbios e seus aliados e na consequente paz universal estabelecida por Merenptah. Daí a inclusão, por associação, do triunfo sobre os povos asiáticos de Canaã na moldura grandiosa da retumbante vitória sobre os líbios. É evidente, pois, o tom laudatório e panegirista do poema, o carácter magnificente e arrogante com que se refere aos povos e cidades da zona asiática. Por esta razão, a interpretação global da inscrição não é de todo clara nem pacificamente aceite, o que leva a diminuir o seu valor histórico face a outros textos conhecidos de Merneptah [26].

Há quem ponha em causa o comprometimento de Merenptah numa qualquer campanha asiática; mas ela parece confirmada pelo título de "dominador de Guezer", que lhe atribui a inscrição de Amadah [27]. E pode aduzir-se ainda, a título de confirmação, o registo do chefe da fronteira oriental do Egipto, no 3º ano de Merenptah, referindo a correspondência diplomática do Egipto para Tiro através de Canaã [28] assim como outros achados arqueológicos, que testemunham o nome de Merenptah em Canaã [29]. A combinação destes dados suplementares constitui argumento para provar a intervenção de Merenptah na zona asiática do Egipto, justificando, por consequência, a probabilidade senão memo a certeza duma acção militar deste faraó em Canaã, como supõe a nossa estela.

---

26 KITCHEN , A. - *Ramesside Inscription*, IV, Oxford, 1981, 33, 5-34,3.

27 BREASTED, J.H. - *Ancient Records of Egypt* , 5 vols,. Chicago, 1906; IDEM - "ARCE", 58, 1964, 273.

28 *ANET* , 258-259.

29 DE VAUX, R. - *HAI* , I, 548; GARCIA CORDERO , Maximiliano - *La Biblia y el legado del Antiguo Oriente* , Madrid, La Editora Católica, 1977, 251-260 (BAC, 390) .

Outra questão é a da ligação dos povos do oriente asiático à vitória sobre os líbios. E será mesmo apodítica a identificação dos nomes das terras asiáticas proposta nas linhas 26-28 ? P`K3N`N`, referido com o determinativo de país (), será mesmo Canaã? E Ysqrn será Asheqelon? E Gdr será Guezer? E Hrw será Huru, a Palestina? Onde situar Ynwm ?

Até agora não se tem contestado a leitura e identificação dos topónimos tal como foram propostas por Spiegelberg logo em 1896 e aceite na versão de Pritchard no *ANET* . Apenas A. Nibbi levanta a questão, dado que, para ela, Canaã deveria situar-se no delta do Nilo onde aparecem nomes com essa raiz 30.

A referência a Israel, por sua vez, também pode causar estranheza e levantar problemas. A leitura dos caracteres hieroglíficos pode não ser assim tão segura e a consequente transliteração não ser tão certa. De facto, aceitando a leitura tradicional, temos ´YSR´R . Como na escrita hieroglífica antiga não há vogais e o R equivale a L, podemos aceitar como legítima e não arbitrária a transcrição YSRA´EL. A.Nibbi prefere ler ´YSRY´R(W) e estranha que, se fosse Israel, esse nome não aparecesse na literatura egípcia posterior.



Sendo correctas a transliteração YSYRI3R e a leitura YSRA´EL, é preciso notar que, se o nome de Israel não aparece depois de Merenptah, também não aparece antes, nem sequer nas cartas de El Amarna, onde tantos povos de Canaã são citados. Por consequência, somos levados a

30 NIBBI, Alessandra - *Canaan and the Canaanite in the Ancient Egyptt* , Oxford, 1988.

admitir que o nome de Israel surge, de facto, pela primeira vez, num texto egípcio de 1231 ou 1207 AC, ou seja, na célebre Estela do ano 5° de Merenptah .

A propósito do nome de ISRAEL, algumas questões se põem ainda. Curiosamente, na escrita hieroglífica da estela, este nome não é acompanhado pelo sinal determinativo de cidade ou país () mas sim pelo determinativo plural de povo ( ), isto é, pelas figuras do homem e da mulher, e com o sufixo prenominal (F) da terceira pessoa do singular feminino, quando esperaríamos o do plural. Este dado sugere, talvez intencionalmente, que Israel não habitava ainda um território estável ou fixo, formando antes uma colectividade ou grupo étnico, algo nomádico, conhecido pelo nome do seu epónimo 31.

E, agora, outra interrogação se nos antolha: Onde situar então, segundo a Estela de Merenptah, o grupo de Israel? Hatti, para as fontes egípcias, designa a zona asiática do Egipto mais afastada, possívelmente o que hoje chamamos noroeste da Síria (Hititas), enquanto Haru, praticamente tomado como sinónimo da Palestina dos nossos dias, indica a região mais próxima do Egipto. Entre estes dois extremos geográficos, ficam os cinco topónimos cananeus referidos na estela. Ora, se Ashqelon, Guezer e Yanoam são localidades determinadas pelo cajado () e pela tripla montanha (), onde situar Israel, determinado apenas como povo pelas figuras do homem e da mulher? Israel constituiria, de certeza, para os egípcios, um grupo agressivo que, na lógica da sequência geográfica, vem a seguir a Yanoam. E como esta localidade de Yanoam é identificada com Tell es-Shihab ou El `Aberdiweh, na Galileia, próxima do

31 Devemos a elucidação destes pormenores ao sábio e venerando egiptólogo da "École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem", o Pe. L. B. Couroyer, OP., a quem agradecemos.

lago Genesaret [32], poderíamos concluir que o afrontamento com Israel se deu nessa região, onde Israel tinha chegado há pouco.

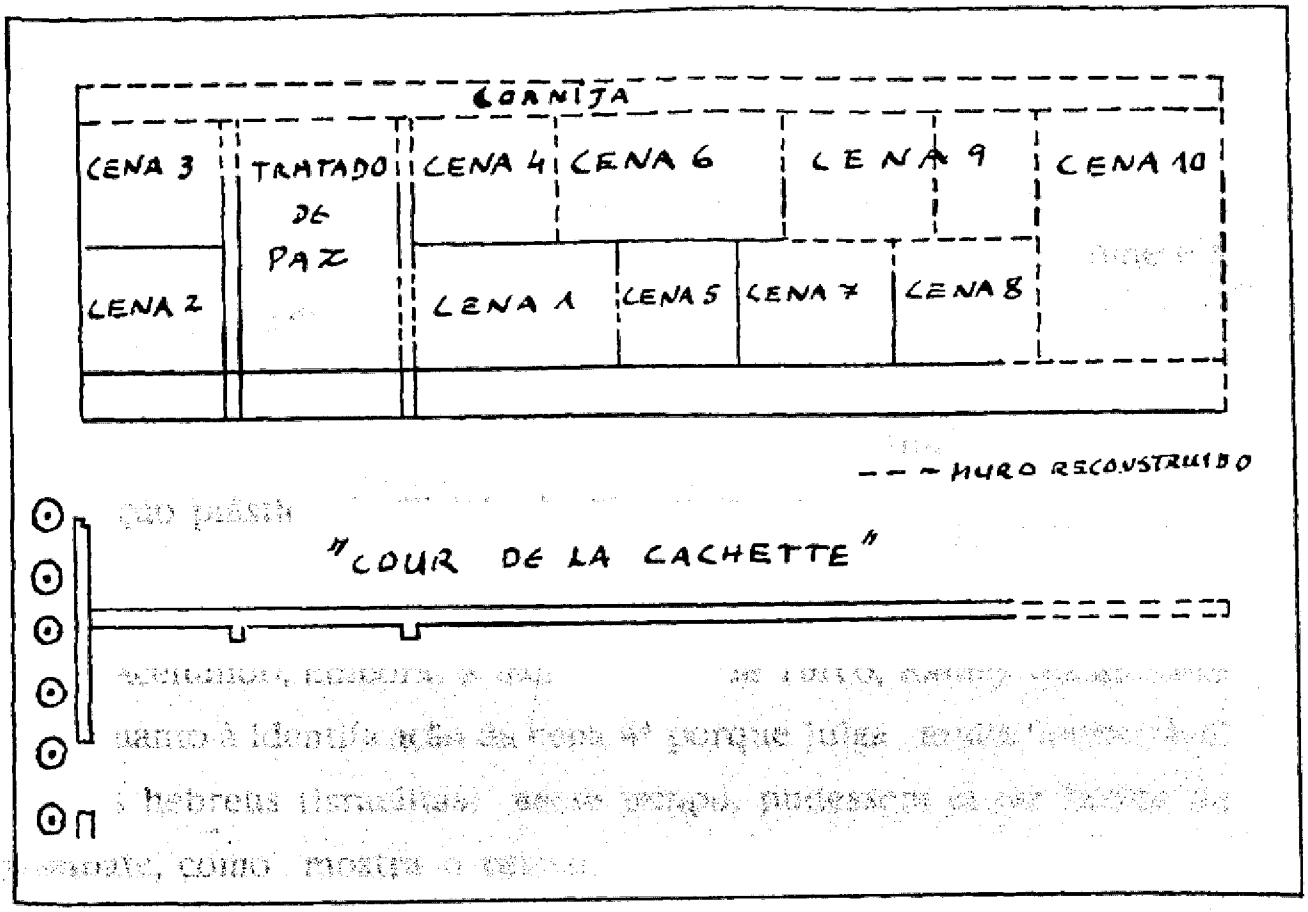
Em 1986, Frank Yurco [33] fez uma revelação sensacional a propósito de Merenptah, o faraó cujo nome se deve ler assim em vez do usual Merneptah, o qual significa "O que ama Ptah". Ptah era o deus sol do Egipto, representado sob a forma duma espécie de múmia com a cabeça rapada, segurando um grande ceptro, símbolo da duração e da vida, venerado em Mênfis como criador do mundo e patrono dos artesãos [34].

Em Karnak, no famoso templo de Amon, existe um notável paramento do muro exterior oeste na chamada "Cour de la Cachette" medindo aproximadamente 30,480 m. com cenas de batalhas sobrepostas. Até agora, eram atribuidas a Ramses II e ao rei hitita Hattusilis III a quando da batalha de Qadesh (1275 AC), junto do rio Orontes. O arqueólogo Yurco, porém, pretende provar que, de direito, são de Merenptah, e tudo isso porque os cartuchos originais de Merenptah tinham sido cobertos e reusados para os nomes dos faraós Ammenemes, forma grega de Amenemat (1223/1213-1202/1199 AC) e Seti II (1216/1210- 1199/1193 AC). No muro podem descortinar-se várias cenas:

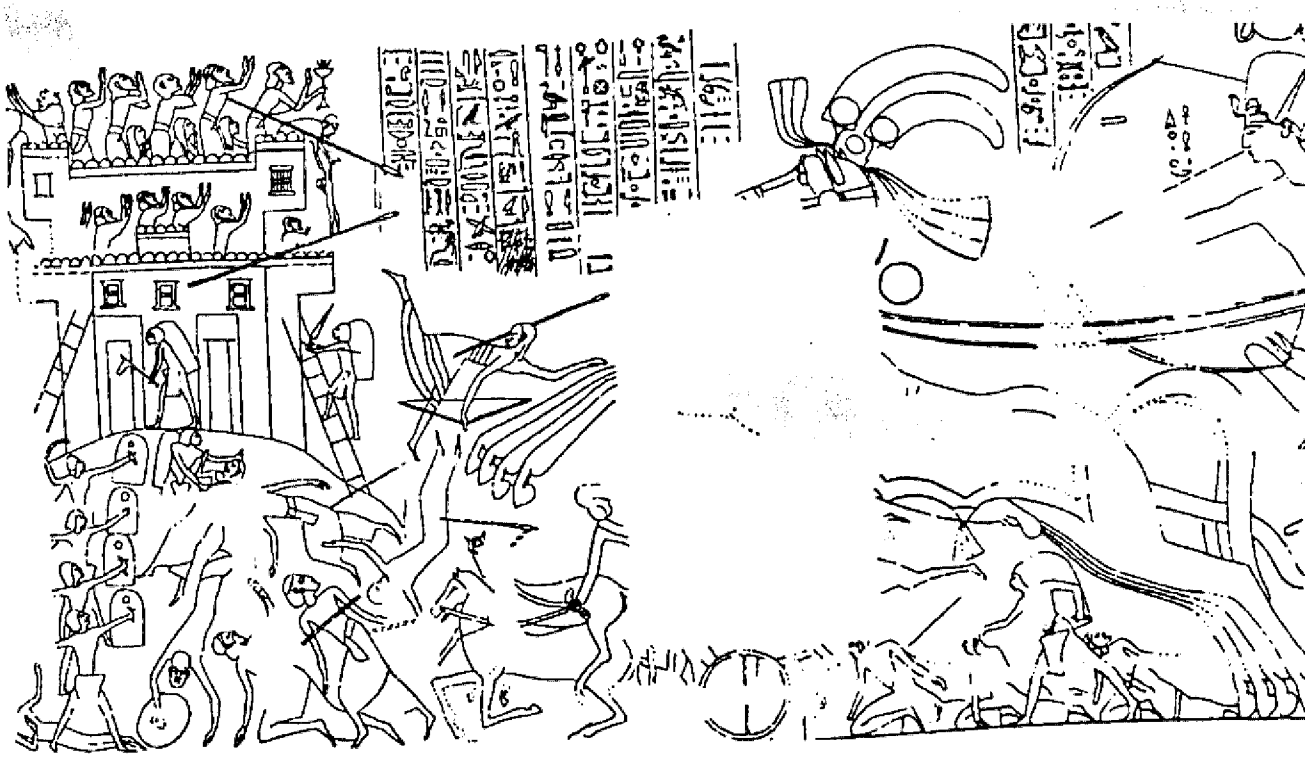
A cena 1ª, em baixo, à direita da inscrição do tratado de paz, representa a tomada da cidade de Ashqelon, cujo nome, de resto, é bem visível e legível.

---

32 AHARONI , Yohanan - *The Land of the Bible* , Philadelphia, 1979, 33.177.
33 Cfr. Nota 24.
34 PACHET, Guy et M.F. - *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Librairie Larousse, 1968.



RECONSTITUIÇÃO ESQUEMÁTICA DE KURCO - KARNAK



KARNAK: "Cour de la Cachette": Tomada de Ashqelon , Cena 1.

As cenas 2ª e 3ª, à esquerda do tratado, estão sem nome porque faltam pedras; todavia, o desenho mostra claramente que também elas representam o assalto a cidades fortificadas.

A cena 4ª, por cima da cena 1ª, é diferente; está sem nome e a batalha trava-se em pleno descampado, com o carro do faraó a investir sobre os inimigos fugindo em tumultuosa debandada. Partindo da identificação de Ashqelon, Yurco concluia que as quatro cenas são a ilustração plástica da "Estela do 5º ano de Merenptah" ou "estela de Israel" no que se refere à campanha asiática do sobredito faraó.

Aceitando, embora, a metodologia de Yurco, Rainey distancia-se dele quanto à identificação da cena 4ª porque julga muito improvável que os hebreus (israelitas), nesse tempo, pudessem já ter carros de combate, como mostra o relevo. Por isso, a identificação, segundo Rainey, quadraria melhor com Canaaã, também citado expressamente na lista dos vencidos. Por sua vez, Israel estaria melhor entre as cenas dos *Shasu*, a que Yurco atribui as cenas 5 a 8, e que aparecem nos textos egípcios ao longo do Império Novo, na XVIII dinastia, aproximadamente desde 1570 a 1185 AC. Aliás, os combatentes fugitivos da cena 4ª vestem de maneira diferente das cenas dos *Shasu*. e, como se sabe, até a Bíblia tem uma clara consciência da condição nomádica dos hebreus, aos quais deveríamos associar povos de Canaã, tais como Amalecitas, Amonitas, Edomitas, Ismaelitas, Madianitas e Moabitas, de que falam os livros da Bíblia; todos estes poderiam integrar-se entre os grupos de Shasu que aparecem nos textos egípcios. De resto, às perturbações causadas pelos Shasu ao Egipto se refere o faraó do Papiro Harris: "Eu acabei a destruição dos Seiritas dos clãs dos Shasu. Eu destrui os seus acampamentos de tendas, os seus bens e os seus rebanhos. Eles eram inumeráveis; foram aprisionados e trazidos cativos como tributo do

Egipto" (*Papiro Harris* , I, 76, linhas 9-11). Deste modo, segundo Rainey, haveria relação entre o grupo Israel da estela de Merenptah e os nómadas dos relevos ou cenas do muro norte da "Cour de la Cachette" do templo de Karnak.

A estas objecções, Yurco responde reafirmando o valor da sua identificação de Israel com o relevo da cena 4ª, porque diz aplicar um critério geográfico, partindo da identificação clara de Ashqelon e seguindo da direita para a esquerda e de sul para norte. Além disso, não abdica da lógica da narrativa e da sua simetria poética; ali, Canaã está emparelhado com Huru (a Síria). Por outro lado, retoma um argumento sociológico de L.Stager, segundo o qual, se Israel é um grupo étnico sem terra definida, isso não quer dizer que não habite já em aldeias sem defesas (torres e muralhas).

A nosso ver, contudo, dados certos nesta interpretação são apenas o reuso do cartucho de Merenptah e a identificação do nome de Ashqelon. O resto, sobretudo a identificação com a descrição da campanha asiática de Merenptah, não ultrapassa, criticamente, para já, as raias do possível. Mas, a ser legítima e válida a extensão aproximativa à "Estela de Israel", estaríamos perante um documento deveras curioso e importante para a caracterização dos "israelitas", sobretudo se tivermos em conta a maneira como o artista escultor representou os "israelitas". Eles estão vestidos de roupas longas, à semelhança dos habitantes das cidades cananeias, e não como os nómadas capturados, que as cenas 5ª , 7ª, 8ª nos mostram. Todavia, esses nómadas, que já os documentos de Seti I (1318-1304 AC) chamavam Shasu, não se vê bem porque aparecem aqui. Será que estariam relacionados com os "israelitas", uma vez que também eles não estavam sedentarizados? E, mais ainda, será que o artista escultor fez mesmo uma representação realista pela qual

possamos, de facto, reconstituir o passado e identificar os grupos humanos? A arte egípcia não era, propriamente, uma arte realista, retratista.

Ainda quanto a Merenptah, Yurco julga poder descobrir o nome deste faraó em dois textos do livro bíblico de Josué (Jos.15,9; 18,15). Em ambos se fala dos "poços das águas de Neftoah". Ora, atendendo ao texto hebraico, Yurco pretende que se leia "águas de Merenptah". Assim, em Jos.18,15, em vez de ler com o actual texto massorético מַעְיַן מֵי נֶפְתּוֹחַ deveria corrigir-se o texto e ler מַעְיַן מֶרְנֶפְתּוֹחַ. A ser assim, a correção do texto de Josué levar-nos-ia ao encontro do papiro Anastasi II,V,VI, 4-5 que diz :" No 3° ano do faraó, os chefes dos archeiros das águas de Merenptah que estão nas colinas...". Na realidade, as águas de Neftoah estão localizadas em Liftah, na fronteira das colinas entre Benjamim e Judá. Teríamos, deste modo, na própria toponímia, um resíduo memorial da passagem militar de Merenptah por Canaã. Apesar de tudo, a crítica textual do livro de Josué, pois de crítica textual se trata, não parece autorizar tal leitura, que o entusiasmo de Yurco forçou, aceita e justifica. Aliás, é muito difícil explicar como é que se fez a passagem de Merenptah para Neftoah. Não deixa, contudo de ser curioso constatar que o Papiro Anastasi se refere às "águas de Merenptah que estão nas colinas" [35], enquanto que a Bíblia não faz qualquer alusão a Merenptah.

Como se acaba de ver, a tese de Yurco [36] é curiosíssima, provoca um grande interesse nas pessoas, que lidam com o tema mas revela-se

---

35 *ANET* , 258.. O papiro Anastasi.

36 YURCO , Frank J. - *3,200 -Year-Old Picture of Israelites Found in Egypt.* "BAR", XVI, 5, 1990, 20-38. Este artigo provocou uma disputa de que, abaixo, damos nota: *Scholars disagree: Can you name the panel with the israelites?* - RAINEY, Anson F. - *Rainey ´s Challenge* , "BAR", XVII, N° 6, 1991, 56-60.93.; YURCO , Frank J. - *Yurco ´s Response* , "Ibidem", 61. Cfr. STAGER, Lawrence - *The Archaeology of the family in Ancient Israel* , "BASOR", 260,1985,1-35.

algo imaginativa e fantasiosa. O historiador, mesmo entusiasmado, não pode perder o realismo crítico. Seria preciso reconstituir o pano do muro, onde as cenas estão parcialmente representadas, completando-as com as pedras dispersas pelo chão, se é que ainda é possível recuperá-las para se ficar, criticamente, a saber qual o verdadeiro conteúdo dos relevos murais e, em seguida, julgar da legitimidade de aproximação corrigida do texto do livro de Josué ao texto do papiro Anastasi.

5° - Os hebreus e os SHASU [37] (Sh3SW):



Não tem faltado quem, a propósito da etnogénese de Israel, aproxime os hebreus seminómadas do tempo de Abraão, que se deslocavam com suas caravanas pelas terras de Canaã (Gén.12,14 s), aos SHASU, de que tantas vezes falam os textos egípcios. SHASU é o nome que os egípcios davam aos nómadas (beduinos, diríamos hoje) que vagabundeavam pela terra de Canaã, na orla do deserto, importunando as populações sedentarizadas. Não faltam, por isso, estudiosos (Raphael Giveon, Manfred Weippert, Oswald Redford, Israel Finkelstein, para só falar de alguns) que associam o povo de Israel, os hebreus antigos, a estes grupos asiáticos marginais, que aparecem na zona montanhosa central e arborizada de Canaã [38].

O termo hieroglífico, que é transliterado por SHASU, não se devia traduzir por "salteador" já que, de facto, indicava os nómadas, que os egípcios combatiam, por causa da sua mobilidade e moléstia, que

---

37 *ANET*, 227 - 228.

38 GIVEON, Raphael - *Les Bedouins Shosu des documents égyptiens* , "Documenta et Monumenta Orientis Antiqui", Vol. XVIII, Leiden, E.J.Brill, 1971,267-271.

causavam às populações sedentárias, constituindo, como tais, um perigo constante para o poder dos egípcios em Canaã. Ainda hoje, na língua copta, se usa o termo "shosu" com o significado de pastor.

À entrada das minas de cobre e turquês, na zona do Sinai, exploradas pelos primeiros faraós, lá encontramos um baixo relevo com o faraó a chicotear um "shasu" 39 . Em verdade, este nome era entre os egípcios um designativo de desprezo para o povo " que caminha sobre a areia" e prolongou-se no tempo para indicar os nómadas de Canaã, isto é, da Síria-Palestina, por causa da ameaça que representavam para a região oriental do Egipto.

O primeiro texto explícito a descrever os "shasu" e a zona montanhosa de Canaã é a inscrição mandada gravar por Uni, oficial do faraó Pepi I (2375 - 2350 AC) da VI Dinastia, no seu túmulo em Derashasha de Abydos: "Quando sua majestade atacou os asiáticos (*shasu*), que caminham sobre a areia, sua majestade formou um exército de muitas dezenas de milhares. Enviou-me à frente de tal exército... Esse exército regressou em paz depois de ter destruido a terra daqueles que caminham sobre a areia. Esse exército regressou em paz depois de ter saqueado ... destruido as suas fortificações... cortado as suas figueiras e as suas videiras, depois de ter lançado o fogo às casas de toda a sua gente" 40 .

O faraó Kheti I da XI Dinastia (2133-1991 AC), presumível autor dos "Ensinamentos para o filho de Merikare", num texto político-militar, recorda o reforço da fronteira oriental do Egipto: "Eis que foi lançada a linha de defesa, que construi a oriente, acima dos limites de Hebenu à estrada de Hórus... Eis que o desventurado asiático (*shasu*) está doente

---

39 ANET , 227 - 228.
40 *ANET*, 414 - 418.

no lugar onde habita, aflito com a água, dificultado por muitas árvores; os caminhos são penosos por causa dos montes" [41] . Como se vê, este texto é realmente importante não só pela descrição da zona montanhosa e arborizada de Canaã mas também pela referência à "estrada de Hórus" que, depois, ficará célebre como "estrada dos filisteus" e "estrada do Mar" dos romanos. Tal estrada, saindo do Egipto para Canaã, era defendida por um sistema de fortins, que os textos da época chamavam "Muros do Príncipe". Esta é, na verdade, a denominação que lhe dá a "História de Sinuhé", o funcionário egípcio que fugiu cerca de 2000 AC e nos deixou um relato muito vivo da sua viagem: "Atingi os "Muros do Príncipe", feitos para manter à distância os asiáticos (*shasu*) e expulsar os que caminham sobre a areia. (*`Aamu*)..... Então, este humilde servo caminhou para sul (no regresso) e parou na "estrada de Hórus" ... Então sua majestade disse para a rainha: " Olhai! Sinuhé voltou como Bedu, à maneira dos asiáticos"... Barbearam-me e penteram-me o cabelo. Um monte (de imundície) ficou no deserto e as minhas roupas foram deixadas aos que caminham sobre a areia... deixei a areia para os que lá vivem" [42] .

Por sua vez, o papiro Anastasi I, do tempo da IX Dinastia (2134 - 2040 AC), dá a entender que os "shasu" se encontravam na região arborizada da montanha [43].

No tempo do faraó Merenptah, um outro papiro, o Anastasi VI, fala dos "shasu" em Canaã e no Sinai e refere uma migração pacífica de pastores "shasu" para o delta do Nilo afim de dessedentarem seus

---

[41] *ANET* , 18 - 22.
[42] ANET , 254 - 255; 475 - 479.
[43] *ANET* , 259; cfr, 243, 247, 254. Ver ainda ROCCATI , A. - *La Ittérature historique sous l´Ancien Empire Egyptien* , Paris, 1982, 194.

rebanhos [44]. É possível, todavia, que alguns se tenham envolvido em discórdias com o exército, e isso explicaria que figurassem como vencidos nas cenas 5ª, 7ª, 8ª do muro de Karnak, ao lado das quatro cenas, que reproduzem as batalhas contra os povos de Canaã e aos quais se referiria a "Estela de Israel".

Nas ditas cenas 5ª, 7ª, 8ª os "shasu", feitos prisioneiros, estão vestidos de saiotes curtos, com toucados à maneira de turbantes, isto é, com vestes diferenciadas dos cananeus e dos pretensos "israelitas". Talvez por serem uma população nómada é que não são explicitamente citados na "Estela de Israel". Como quer que seja, se tomarmos à letra a reprodução plástica dos relevos do templo de Karnak, parece lógico não devermos identificar os "shasu" com os "israelitas" [45], até porque, além disso, já aparecem referenciados em Canaã desde longa data, muito antes e sempre vistos como desprezíveis e salteadores. A aproximação aos hebreus, contemplados à luz da emigração de Abraão, deve-se ao paralelismo da figuração dos frescos do túmulo de Hnum-Hotep em Beni Hassan, do séc.XIX AC, na margem direita do Nilo, perto de El Amarna [46].

6º - Os hebreus e os `APIRU.

A Bíblia Hebraica, ao apresentar Abraão, classifica-o como "hebreu": אַבְרָם הָעִבְרִי (Gén.14,13). No nosso século [47], entre 1930 - 1970, levantou-se a questão étnico-política da possível relação ou identificação dos hebreus (*`ibryim* ) da Bíblia com aquele grupo que, no II milénio AC, aparece nos textos egípcios designado por `PRW (*`Apiru*). Saliente-se ainda que as cartas de El Amarna (séc. XIV AC) lhes fazem

---

44 YURCO , Frank - *O.c.*, 38, nota 14.
45 *ANEP* , Nº 3.
46 SOGGIN , J.Alberto - *Storia d´Israele* , 1984, 169 - 172.
47 DE VAUX , R. - *HAI* , I, 106-112; 202-208.

referência 48. Os acádicos chamam- lhes HAPIRU ou HABIRU; em sumero SA-GAZ, logograma mesopotâmico que corresponde ao "Habiru" acádico. Também figuram em documentos hititas alternando como testemunhas e garantes de acordos quer deuses dos SA-GAZ quer deuses dos "Habiru". Em Ugarit aparecem igualmente os `PRW.

Com todos estes dados, poderia estabelecer-se uma correlação lexical e inferir-se daí que os `IBRYIM da Bíblia são os `PRW dos textos egípcios ou os HAPIRU/HABIRU dos textos acádicos e que, portanto, estaríamos no mesmo contexto étnico-sócio-político.

Antes de mais, deve assinalar-se que, na vigência do Antigo Testamento, nunca a palavra *`ibriym* (hebreus) se encontra em textos extra-bíblicos para designar os hebreus/israelitas ou judeus. A palavra `ibryi e o seu plural `ibryim, segundo De Vaux 49, encontra-se em tres temas diferentes da Bíblia: 1°, à volta da estadia dos hebreus no Egipto com as histórias de José e Moisés (Gén.39; Ex.2); 2°, a respeito das guerras de Saul com os filisteus (I Sam.4 - 14); 3°, no Código da Aliança sobre a libertação do escravo "hebreu" (Ex.21,2-6; Dt.15,12-17; cfr. Jer. 34,9.14). Como se vê, o uso do termo é anterior à monarquia mas nunca aparece no período patriarcal, tirando Gén.14,9 que é, indiscutivelmente, tardio, e só volta a aparecer após o Exílio em Jonas1,9.

Na sua forma adjectival, `ibryi/`ibryim , pode ser um gentilício a designar os descendentes de `Eber (Gén.19,21.24-25) e ter mesmo um sentido étnico. Há, de facto, uma indicação de Gén.40,15 que diz que José veio do "país dos hebreus" (מֵאֶרֶץ הָעִבְרִים). Efectivamente, foi com esse

---

48 *EA*, Nº 67, 68, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79,81, 82, 83, 85, 87, 88, 90, 91, 104, 111, 112, 116, 117, 118, 121, 130, 132, 144, 148, 179, 185, 186, 189, 195,197,207, 215, 243, 246, 254, 271, 272, 273, 274, 286, 287, 288, 289, 290, 298, 305, 313, 318.

49 DE VAUX, R, - *O. c.*, Ibidem.

nome que o redactor pôs os egípcios a designar os hebreus/israelitas: `ibryi/`ibryim/`ibroth (Gén,39,17; 41,12; Ex.1,16; 2,6).

Em contrapartida, a Bíblia chama a língua dos hebreus/israelitas "língua de Canaã" (*Sefat Kena`an* , Is.19,18), ou "língua judaica" (*Yehudyith* II Re.18,26; II Cron.32,18; Ne.13,24; Is.36,11). Só o Eclo.1,22, já em período muito tardio, fala da língua hebraica, mas em texto escrito em grego (εβραιστι), como também o farão, no período helenístico, os livros de Judite, II Macabeus, Filão e Flávio Josefo.

Quanto aos `PRW/HAPIRU, há textos que os referem desde 2000 a 1200 AC, mesmo em regiões onde os hebreus da Bíblia nunca estiveram, com nomes algo variados, como vimos, mas todos, lexicalmente, redutíveis à mesma raíz semântica. Encontram-se em Alishar, na Ásia Menor, em Nuzi, junto ao Eufrates, Ugarit, a norte do Líbano e El Amarna, no Egipto.

Contra os `Apiru tiveram de combater Amenófis II (1450-1425 AC), que os conta no número dos seus prisioneiros [50], Tutmósis IV (1425-1417 AC), Seti I (1318-1304 AC) e Ramses II (1304-1237 AC). Por sua vez, as cartas de El Amarna, séc.XIV AC, no tempo de Amenófis IV ou Akhenaton (1379-1362 AC), falam, muitas vezes, como se viu [51], dos `apiru.

A característica, que melhor define e classifica este tipo de gente, é o de "forasteiros", "foragidos", pessoas marginais à ordem social e política estabelecida na região de Canaã ou da Síria-Palestina. Todavia,

---

50 *ANET*, 247; cfr. 22, 247, 255, 261, 329, 483, 486-490.

51 Cfr. Nota 48. Em Beth-Shean (Estrato VII), descobriu-se uma estela dos fins do reinado de Seti I (1318-1304 AC) , que descreve a eliminação dum levantamento de `Apiru no monte Yarumta. Trata-se da Remeth-Yarumth, da tribo de Issacar, cerca de 10 km. a norte de Beth-Shean (Jos.19, 21; 21, 29). ou de Ramoth (I Crón.6,58). Cfr. AHARONI, Y. - *The Archaeology of the Land of the Bible*, 124.

são, não raras vezes, aproveitados pelos poderes dominantes, que se servem deles como guerreiros-mercenários para combates organizados, como terroristas para assaltos, como salteadores e ladrões para a pilhagem. São, por isso, em geral, mal vistos mas não formam um grupo étnico; pelo menos, não são apresentados como tais. Constituiam, sim, um bando de marginais com força político-militar e, por isso, eram aproveitados e utilizados em empresas guerreiras e lucrativas e até nas lutas entre cidades-estado de Canaã. É o que bem demonstram as cartas de El Amarna nº 287, 288, 289.

Na verdade, em El Amarna, os `PRW=SA-GAZ constituem como que um sindroma sócio-político com uma gama variada e alargada de significados (= forasteiros, salteadores, inimigos, traidores, proscritos), não se impondo, no dizer de Gottwald, como "uma articulação clara de movimento social igualitário" 52. Eram, sem dúvida, uma força temível, não organizada nem unificada mas atrevida e eficiente, que afligia e desgastava os poderes instituidos de Canaã e do Egipto.

O nome `APIRU teve, portanto, uma origem exógena a Canaã e é anterior ao aparecimento dos hebreus em Canaã. Mais do que um grupo étnico, representam uma espécie de classe social, elemento de perturbação e desordem, que poderíamos classificar de marginais, "fora da lei" em relação aos habitantes de Canaã ou do Egipto. O caso de Idrimi, prófugo em Alalah, refugiado no meio dos `Apiru, tem algo de paralelo ao caso de David foragido a Saul entre os filisteus (I Sam.22,1-2) e ambos bem podem fornecer exemplo ilustrativo da acção desse grupo sócio-político, fautor de desordens militares e sociais, perturbador da ordem e da paz, a *Maet*, que os egípcios tanto prezavam.

---

52 GOTTWALD, Norman K. - *As tribos de Israel. Uma sociologia da Religião de Israel liberto, 1250 - 1050 AC.*, São Paulo, Edições Paulinas, 1986 ,414.

Observemos ainda que, em alguns passos da Bíblia, ser "hebreu" é sinónimo de "tornar-se escravo" (Ex.21,2-6; Dt.15,12-18; Jer.34,8-22) 53. Veja-se como José, preso no Egipto, é chamado *`ibryi* (= hebreu) enquanto escravo ( הָעֶבֶד הָעִבְרִי , Gén.39,17) mas, depois de solto e exaltado pelo faraó, nunca mais assim é designado. Talvez porque escravos é que os judeus do tempo de Moisés eram chamados `ibryim (= hebreus) pelos egípcios. De igual modo, também os filisteus chamavam `ibryim aos hebreus/israelitas, e quando eles lhes fugiam diziam que se foram juntar aos israelitas. Esta alternância de nomes poderia ser sintoma de que os chamavam `ibryim (=hebreus) por os terem como escravos ou mercenários ao seu serviço: "os hebreus, que tinham vivido muito tempo com os filisteus e tinham subido com eles ao acampamento, voltaram e puseram-se ao lado dos israelitas" (I Sam.14,21).

Julgamos, pois, ao arrepio do abalizado mestre, Pe. De Vaux 55, não ser preciso manter em aberto a hipótese de grupo étnico para os `apiru . Por outro lado, pensamos que os `Apiru, sub-elemento marginal da população de Canaã durante todo o II Milénio AC, não podem ser, ao contrário do que opina Gottwald, "um grupo social que constitui um antecedente de, e na minha opinião, uma linha directa de conexão com o primitivo Israel" 56. Neste ponto, sintonizamos com Soggin 57 e esperamos demonstrá-lo depois.

Constatamos, igualmente, como, no Antigo Testamento, a palavra `ibryi não indicava, necessariamente, o hebreu/israelita/judeu em

---

53 LIVERANI, Mario - *Farsi habiru* , "Vicino Oriente" , 2, 1979, 65-67. Segundo este estudioso do Médio Oriente, já em Nuzi se encontraram casos de pessoas que, para sobreviver, aceitavam voluntariamente a condição de *Hapiru* , isto é, de escravos.

55 DE VAUX, R. - *O. c.*, 1.

56 GOTTWALD, N. - *O. c.*,398.

57 SOGGIN, J. Alberto - *Storia d´Israele* , 169 - 172.

sentido étnico; só em época tardia (Gén.14,13; Jon.1,9) é que passou a ser sinónimo de israelita. Com certeza, a aplicação deste designativo dependeu de circunstâncias históricas em que Israel, à semelhança dos `Apiru , esteve subjugado por potências opressoras, tal como teria acontecido na estadia no Egipto e no Cativeiro de Babilónia. Isto mesmo já o notou O. Loretz [58] , para quem a libertação do Egipto é um relato teológico pós-exílico, estabelecido pelos teólogos judaicos afim de definir a relação de Javé com o seu povo e afirmar, desse modo, a fraternidade dos judeus do séc. VI AC com os hebreus antigos libertados do Egipto. É esta ftraternidade, que a palavra אח (=irmão) realça em Ex.21,2-6; Dt.15,12-18 e, de certeza, pretende inculcar.

Não há, por consequência, razão para se estabelecer conexão entre `ibryi e `Apiru. Embora, lexicalmente, isso seja fácil de explicar, é apenas acidental, pois pertencem a campos semânticos diferentes. Da mesma maneira, não há dependência histórica nem relação étnica entre os "hebreus" da Bíblia e os `Apiru dos textos egípcios, de El Amarna e os Hapiru/Habiru dos acádicos [59].

---

58 LORETZ , Oswald - *Habiru-Hebraer. Eine sozio-linguistiche Studie ueber die Herkunft des Gentiliziums `ibri vom Apellativum habiru* , Berlim , Walter de Gruyter, 1984, (BZAW, 160).

59 "Erst wenn wir von der Anschauung befreien, dass die biblischen Autoren aus Absicht Geschichte verzeichnet haetten oder besrebt gewesen sein, Geschichte in modernem Sinn zu schreiben, eroeffnet sich die Moeglichkeit einer differenzierten zusammenschau der biblischen Aussagen ueber die ìbryim "Hebraer" mit den aegyptischen, Keilschriftlichen und keilalphabetischen Dokumenten ueber die `Aprw=Habiru=`prm.

Wen der vorgelegte Beitrag ueber die habiru-ìbryim zum Problem der "Landnahme" Israels enttaeuschend wenig, nichts beitraegt,dann sollte hierbei nicht uebersehen werden, dass auf diese Weise wenigstens falsche Erwartungen als solche herausgestellt werden und der Problemkreis "Landsnahme-Entstehung Israels" deutlicher abgegrenzt hervortritt. Der Nullertrag fuer die Aufhellung der Fruehgeschichte Israels wird reichlich durch die Erkenntnis aufgewogen, die wir von habiru-`ibri her ueber die Entstehung und Entfaltung des juedischen Bewussteins und Selbstaennisses gewinnen", LORETZ , O. - *O.c.*, 275.

Cremos, finalmente, que não se devem identificar nem confundir os `apiru com os Shasu , mesmo que se tenha proposto para `apiru a etimologia acádica `eperu (=pó, poeira; cfr. o hebraico עפר), como se indicasse os que caminham sobre o pó, isto é, sobre a areia, à maneira dos shasu dos textos egípcios citados. Na verdade, a lista dos prisioneiros do faraó Amenófis II, juntamente com os `prw (*`apiru*) enumera os shasu , o que, desde logo, exclui a identificação dos dois grupos abominados pelos egípcios.

7º - Conclusão -

A etnogénese de Israel não é, com certeza, aquela que a história bíblica apresenta; os hebreus continuam a ser um enigma na "tábua genealógica dos povos". Os textos analisados, por parte das fontes egípcias e do Médio Oriente, poderiam levar-nos, à primeira vista, a querer identificá-los com os shasu ou os `apiru , dado o seu carácter nomádico, a sua deslocação ao longo da fronteira de Canaã e a pressão sobre o Egipto [60] . É certo que se poderia invocar a semelhança etimológica dos nomes no que toca aos `apiru , contudo, essa razão não colhe, tanto mais que durante séculos se pode acompanhar o seu deslocamento na região. De resto, a ser aceitável a tese de Yurco sobre os relevos da "Cour de la Cachette", estes povos eram contemporâneos e diferentes. Por outro lado, não se pode afirmar, apoditicamente, que se trata de grupos étnicos e não apenas de bandos marginais.

A arqueologia do F I em Israel parece provar que, por volta do séc.XII Ac, vindos das orlas do deserto transjordano, se instalaram, na zona montanhosa central de Canaã, novos habitantes, que a História, depois, identificaria como hebreus/israelitas. A ser assim, a etnogénese

---

60 VALBELLE, Dominique - *Les Neuf Arcs. L´Égyptien et les étrangers de la Préhistoire à la conquête d´Alexandrie* , Paris, Armand Colin, 1990, 43 -

dos hebreus é exterior a Canaã, faz-se de fora para dentro e, como se verá, eles não provêm de grupos revoltados no interior de Canaã mas sim de tribos seminómadas que, lentamente, se infiltraram na região e foram ganhando a posse da terra, ao mesmo tempo que criavam vínculos de solidariedade e coesão sócio-política.



SHASU aprisionados pelo faraó Sethi I (1318-1304 AC) : KARNAK, Muro exterior Norte de Grande Átrio ("ANEP",Nº 326). Texto da Campanha militar em Canaã , cfr. "ANET",254-255 e nossa "Antologia Documental", pp. 33.

VII

AS INVASÕES DOS "POVOS DO MAR" NO EGIPTO

"Povos do Mar" é uma designação criada e difundida no século passado por Gaston Maspero 1, ou talvez antes por Emmanuel Rougé 2, para indicar os povos referenciados nos registos dos faraós Merenptah (1236-1223 AC) e Ramses III (1198-1166 AC), enquanto causadores dos ataques que o Egipto sofreu nos sécs.XIII-XII AC. Esses povos seriam, segundo os historiadores modernos, os agentes das perturbações associadas ao fim da Idade do Bronze (B T) e começo da Idade do Ferro (F) no Médio Oriente. Antes de mais, seria oportuno investigar quem eram esses povos e que ataques levaram a cabo.

1° O designativo "Povos do Mar".

Este designativo tem tido tal sucesso que, ainda hoje, continua linearmente usado, apesar de não se encontrar em nenhum texto antigo, mesmo egípcio. Tal designativo envolve, no entanto, uma grande complexidade e esconde, até, uma certa confusão. A confusão começa na medida em que o designativo "Povos do Mar" abarca todos os povos, que atacaram o Egipto dentro do quadro cronológico apontado, isto é, os povos que, duma maneira ou doutra, são responsáveis pelas

---

1 MASPERO , Gaston - *Histoire ancienne des peuples de l´Orient classique* , II, Paris, 1897. Cfr. um artigo publicado anos antes na "Zeitschrift fuer aegyptische Sprache",1891,118s.

2 ROUGÉ , Emmanuel - *Oeuvres diverses* , IV, Paris, 1911, 417-458 (Col. "Bibliothèque égyptienne",24) em que se reproduz um artigo já antes publicado: *Mémoire sur les attaques dirigées contre l´Égypte par les peuples de la Mediterranée vers le quatorzième siècle avant notre ère,* ""Révue archéologique", 1867, 38-81. Cfr. VENDERSLEYEN , Claude - *Le dossier égyptien des philistins* , LIPINSKI ,E. (Ed.) - *The Land of Israel: Cross-Roads of Civilizations,* "Orientalia Lovaniensia Analecta", 19, 1985, 41.

modificações culturais no Mediterrâneo Oriental, a quando da passagem do Bronze Tardio para o Ferro I.

De facto, a expressão "Povos do Mar" teve origem no texto de Ramses III a descrever a batalha com os povos procedentes das ilhas "no meio do Grande Verde" 3, frase que, em caracteres hieroglíficos, se escreve (`iww hryw-`ib w3d-wr (=iuu heryu-ib uad-ur) .

O "Grande Verde" ( = w3d-wr) tem sido, quase institivamente, identificado pelos egiptólogos com o mar Mediterrâneo, o Yamhag (= Grande Mar) dos hebreus (Núm.34,6). Em egípcio hieroglífico, "Verde" é representado pelo papiro com a serpente (). Ora, existe neste hieróglifo uma indesmentível referência a água, mas água com vegetação (papiro) e não com sal. Por isso, a palavra deveria traduzir-se por "rio" ou "lago" de água doce que não por "mar". Assim sendo, aqui o "Grande Verde" deveria referir-se ao rio Nilo e não, propriamente, ao mar Mediterrâneo. Por sua vez, a expressão "Ilhas no meio do Grande Verde" não indicaria as ilhas distantes do Mediterrâneo mas antes as ilhotas ou bancos de terra, à entrada do Delta, donde os egípcios viram aparecer os ditos povos, qualquer que fosse a sua origem. Com efeito, julga-se que os egípcios só para o fim da XVIII Dinastia

---

3 KITCHEN , K. - *Ramesside Inscriptions* , V, Oxford, 1972 (KRI,V,33,4-6); EDGERTON , W.F.;WILSON ,J.A.- *Historical Records of Ramsses* , III, Chicago, 1936 (Gravura 42,linha 3). Frases de natureza semelhante encontram-se noutros documentos egípcios,tais como : *Instruções de Merikare* , "ANET", 416; *Viagem de Sinuhé* ,"ANET" , 18-22; *Papiro Harris*, XLVIII,6 "ANET",260 e na "Patera" inscrita do tempo de Tutmósis III (1504-1450 AC), guardada no museu do Louvre,"ANET", 22, Nota 1. Por sua vez, VALBELLE, Dominique - *Les Neuf Arcs* , Paris, A.Colin, 1990, 162 aduz um texto do ano 12 de Amenófis IV (Akhenaton):"As ilhas do meio do Grande Verde trazem presentes ao rei que está sobre o grande trono de Akhenaton" e afirma explicitamente sem questionar a expressão: "Les iles qui sont au milieu de la mer", les Cycladiques au sens large, incluent non seulement les Sporades du Nord et les grandes iles du Nord-Est, mais aussi les littoraux mycenien et anatolien où vivent les mêmes populations". Deste modo, a autora engloba todas as ilhas do Mediterrâneo Oriental.

(1567-1320 AC) é que teriam começado a empregar a palavra semítica ים = Mar [4]. O Grande papiro Harris [5] informa que os povos Sherden e os Weshesh são do Yam=Mar, palavra que também emprega com o significado geral de água, transliterada por Mw = águas [6].

A narrativa da "Viagem de Wen-Amon", de cerca de 1100 AC, já não oferece dúvidas. "O grande Mar de Haru" é o mar Mediterrâneo na zona costeira da Síria [7].

Outro problema, que brota da análise dos hieroglifos, diz respeito aos "países estrangeiros" ou "países da montanha". O egípcio hieroglífico usa os mesmos sinais, a tríplice montanha, transliterada h´s, porque esses países eram acidentados e altos, por oposição ao Egipto, tido como país baixo e plano [8]. Às vezes, sobretudo nos documentos de Ramses III, além do determinativo de país montanhoso, acrescenta-se um *stick*, signo de arma, que Gardiner [9] afirma ter passado, com o tempo, a simples determinativo de povo estrangeiro, hostil ao Egipto. Aliás, é frequente encontrar-se a expressão "países estrangeiros" nos textos egípcios, com particular referência aos "asiáticos" (`3mw) já na " Viagem de Sinuhé" [10], e, então, também esses países são classificados de "países do norte", como sucede em textos do tempo de Ramses III. Ora, isso leva-nos para além da zona asiática do Egipto, até Retenu, que, hoje, geralmente, se traduz por Síria-Palestina.

---

[4] NIBBI ,A. - *The Sea peoples: A Re-examination of the Egyptian Sources*, Oxford,1972, 25; VANDERSLEYEN , C. - *O.c.*,41-46.
[5] "ANET", 262.
[6] NIBBI , A. - *O.c.*,26
[7] "ANET", 25-29.
[8] NIBBI, A. - *O.c.*, 35.
[9] GARDINER , A.H. - *Egyptian Grammar : Being an Introduction to the Study of Hieroglyphs*, 3ª ed., Londres , 1957.
[10] "ANET", 230, 240, 375.

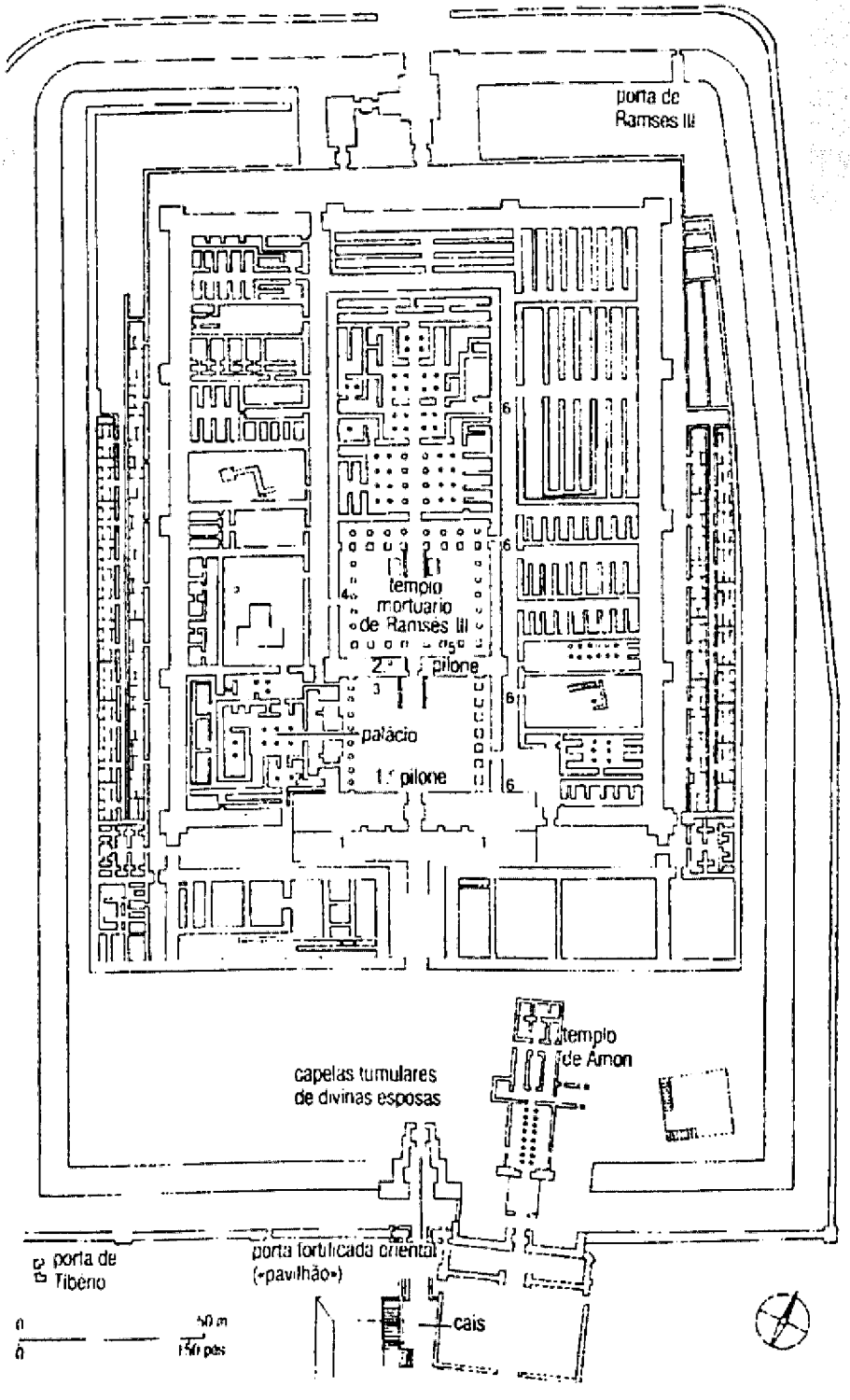
Seja como for, o designativo "Povos do Mar" é uma fórmula esteriotipada, moderna, que engloba os vários povos estrangeiros, inimigos do Egipto, nomeados nos documentos egípcios desde o séc. XIII AC, e cujos nomes são um quebra-cabeças para a identificação. Talvez, por isso, fosse melhor falar de várias ondas de "Povos do Mar", o que, desde logo, na sua complexidade, realçaria a agitação e a inquietação que, naqueles tempos, se verificavam no espaço geográfico do Mediterrâneo Oriental.

A importância dos "Povos do Mar" não lhes advem de qualquer empresa marítima, como se poderia supor, nem de acção militar ou obra civilizacional, mas sim do choque traumático, que provocaram nas estruturas estatais do Médio Oriente. Fazendo ruir impérios como o dos hititas (há quem atribua essa empresa aos povos indoeuropeus) ou debilitando-os como o dos egípcios, estes invasores causaram a destruição da cultura do Bronze Tardio naquelas paragens, paralisaram o expansionismo do seu comércio internacional e fizeram aparecer a fruste cultura do Ferro I.

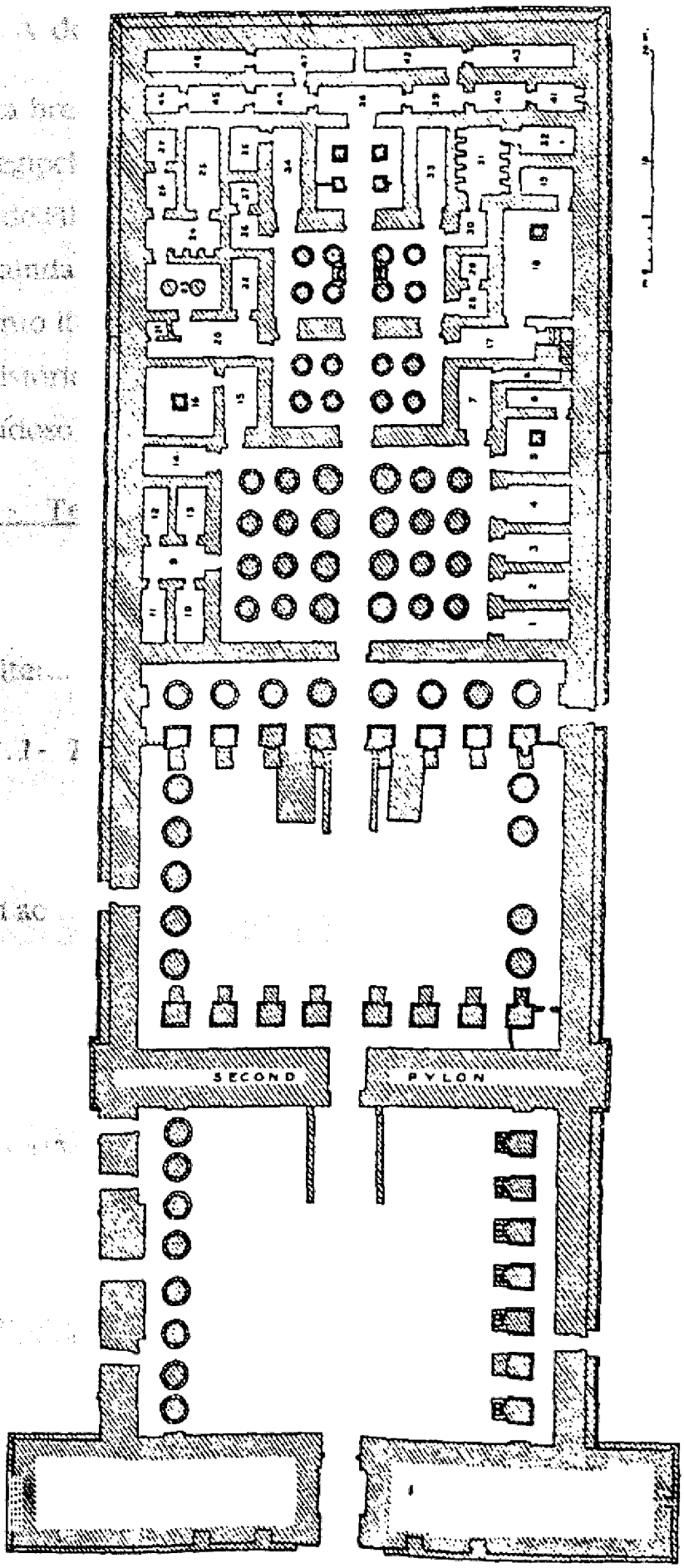
A passagem dos sécs. XIII-XII AC acarretou, desse modo, um sindroma de catástrofe e de prolongada crise generalisada em todo o Médio Oriente e no perímetro do mar Egeu. O ano de 1200 AC pode-se tomar como acme e gonzo de placa giratória dessa viragem civilizacional, marco cronológico emblemático daquela que os historiadores do nosso tempo gostam de qualificar como "Idade Obscura" (Dark Age) [11].

---

11 DIAS, Geraldo J.A.Coelho - *Os "Povos do Mar" e a "Idade Obscura" no Médio Oriente Antigo* , "Cadmo", Lisboa, 1,1992, 145 -154.



MEDINET-HABU: Planta do Templo Funerário de Ramses III
(BAINES,J.;MÁLEK,Jaromir - *Egipto,Deuses,Templos e Faraós* ,98)



MEDINET-HABU: CORTE LONGITUDINAL DO TEMPLO

2º - A documentação sobre os "Povos do Mar".

Nesta breve resenha literária, teremos de ter em conta os registos e papiros egípcios antigos, os documentos hititas, os textos de Ugarit, as tabuinhas de Pilos, a inscrição de Nora, os passos da Bíblia referentes aos filisteus e ainda escritos de Heródoto relacionados com o assunto. É todo este conjunto literário, que permite abordar o tema com um mínimo de garantia histórica, já que a arqueologia é uma ciência muda, como dizia o sábio e saudoso Pe. De Vaux.

2.1- Textos egípcios. Contamos entre eles as estelas comemorativas das batalhas dos faraós, os registos dos relevos gravados nos grandes templos de Merenptah e de Ramses III e os papiros histórico-literários.

2.1.1- Textos do tempo de Merenptah (1236-1223 AC). Várias fontes literárias nos informam dos ataques de povos estrangeiros contra o Egipto durante o reinado de Merenptah; provavelmente, todas se referem ao mesmo facto e à mesma data [12].

1º Inscrição do templo de Karnak. É uma longa inscrição publicada por Kitchen [13] e traduzida por Breasted [14], que Pritchard não reproduz no *ANET* . A inscrição fala de anteriores invasões de povos do norte: "invasão dos povos das montanhas enquanto os Nove Arcos saqueiam as suas fronteiras e rebeldes o invadem todos os dias... Eles penetraram, repetidamente, nos campos do Egipto, no grande rio... gastaram dias e meses combatendo... Eles alcançaram as colinas do oásis. (Assim) tem sido desde os reis do Alto Egipto, nos registos de outros

---

12 NIBBI ,A. - *O.c.*, 60-64.
13 *KRI* , IV, 2,2.
14 BREASTED , J.R. - *Ancient Records of Egypt* , III, 572s.

tempos" (linha 18). Depois, o texto pormenoriza a data da batalha dos egípcios contra os líbios e seus aliados, dizendo que as forças estavam preparadas em seu campo na "noite do segundo dia do terceiro mês da terceira estação, apenas esperando o raiar do dia" (linha 31). Enumera, em seguida,*Sherden*, *Shekelesh*, *Ekwesh*, *Luka*, *Turush*, como povos coligados com os líbios e chama-os "povos do norte" (linha 48). Deve, por isso, tratar-se da batalha do 5º ano de Merenptah, cerca de 1231 AC.

2º - Estela de Athribis [15]. Athribis era uma antiga cidade comercial, junto ao Cairo moderno. A estela ali encontrada fornece a data da batalha já conhecida pela estela do 5º ano de Merenptah e aponta a mesma série de povos da inscrição de Karnak.

3º - Coluna do Cairo [16]. Embora fragmentada, contem uma lista alusiva à dita batalha e faz referência metafórica ao sol, que "remove as montanhas de metal do pescoço do povo". Na expressão "montanhas de metal" somos levados a ver uma alusão à força dos povos asiáticos, na medida em que seriam hábeis na extracção de metal e fabrico de armas de ferro [17].

4º - Estela do 5º ano de Merenptah, ou "Estela de Israel" [18]. Já a estudámos no capítulo VI deste trabalho e damos o texto completo na "antologia documental". Esta estela recorda, sem dúvida, os mesmos factos dos documentos anteriores, mas a série dos povos coligados com os líbios é diferente (*Ekwesh*, *Shekelesh*, *Luka*, *Turush*, *Sherden*), embora o número seja o mesmo. Trata-se dum ataque contra o Egipto, chefiado pelos líbios, a oriente do Delta, com a colaboração dos "povos do norte",

---

15 IDEM - *O.c.*, II, 596; *KRI*, IV, 19.
16 IDEM - *O.c.*, III, 593; *KRI*, IV, 5,23.
17 NIBBI, A. - *O.c.*, 60.
18 BREASTED,J.H. - *O.c.*, III.602; *KRI*, IV, 3,12; *ANET*, 376-378. Cfr. o nosso Cap.VI, Nota 25,pag.131.

no 5º ano do reinado do faraó Merenptah, cerca de 1231 ou 1207 AC, segundo as cronologias. O faraó terá repelido o ataque, e disso se gloria, mas não terá conseguido, definitivamente, desenvencilhar-se dos atacantes. As informações finais, onde aparece o nome de Israel, poderiam relacionar-se com o ambiente de paz, que Merenptah pretende ter estabelecido nos seus domínios. Quer-nos parecer, porém, que essas informações são, tão somente, um sumário das agitações passadas e que o Egipto teve de afrontar, como o fez a inscrição de Karnak (linha 18). De resto, este final da estela manifesta um claro fundo semítico que as palavras "príncipes" e "paz", tomadas do semítico, bem evidenciam. Aliás, a linha 11 contem mais um indício de fundo semítico ao dizer: "Seth [19] virou costas ao seu chefe", isto é, ao comandante dos líbios e seus coligados. Outro indício a confirmar que esses povos poderiam ser vistos como semitas está no facto de, na inscrição de Karnak, os cativos líbios serem apresentados incircuncisos, cortando-se-lhes, por isso, o prepúcio, enquanto aos outros cativos da coligação, circuncisos, lhes eram cortadas as mãos [20].

2.1.2 - Textos de faraó Ramses III (1198-1166 AC). São os que, directamente, mais têm a ver com o nosso tema; salientam-se, entre todos, os registos dos relevos do templo mortuário de Medinet-Habu.

Medinet-Habu é o nome árabe, moderno, duma aldeia copta cristã entre o Vale dos Reis e o Vale das Rainhas, bem próximo da margem esquerda do Nilo, frente a Tebas = Luxor-Karnak. Aí, onde já existia o templo de Tutmósis I, o faraó Ramses III, com a arrogância tradicional dos faraós e, sem dúvida, acicatado por um frémito de rivalidade em

---

19 Sob os traços de Seth, os egípcios veneravam Baal, deus semítico/ cananeu, como deus dos povos estrangeiros e indicavam-no sob o mesmo determinativo de Seth.

20 NIBBI , A. - *O. c.*, 62-63. A estela de Athribis confirma esse pormenor.

relação ao seu homónimo e antecessor, o grande Ramses II (1304-1237), cujo templo (Ramesseum) estava bem perto e lhe serviu de arquétipo, mandou construir um templo monumental e gravar os registos das suas gloriosas campanhas militares. Estes cobrem as paredes interiores e exteriores desse templo, ainda hoje bastante bem conservado. Ele é verdadeiramente grandioso, expoente máximo da megalomania com que Ramses III perseguia a memória de Ramses II. Basta dizer que só o primeiro pilão constitui um maciço imenso medindo 63 m. de frente, e onde Ramses III aparece, em vigorosa atitude de guerreiro, a imolar os cativos ao deus Amon, o qual lhe entrega o *hepesh* , espécie de cimitarra curta, a espada da vitória. Logo por trás, está gravada uma animada cena de caça ao leão, que, segundo um processo já antigo, valoriza as qualidades físicas e agónicas do faraó Ramses III [21].

De facto, nas cenas dos registos de Medinet-Habu, a acção militar do monarca é pormenorizada e dramaticamente representada. Ele passa em revista as suas tropas e respectivo equipamento. Em seguida, vai com os soldados e mercenários ao país de Djahi (Síria) travar uma batalha terrestre contra os seus adversários. Segue-se, depois, a apresentação viva e espectacular da célebre batalha naval na qual quatro navios egípcios desbaratam e vencem cinco navios inimigos. Outras cenas se sucedem com a enumeração das campanhas militares do faraó, sempre vitorioso e glorificado.

1 - Inscrição do 5º Ano . É uma inscrição do templo de Medinet-Habu, com 75 linhas, que se deve datar de cerca 1195 AC e que

---

21 VALBELLE , Dominique - *O.c.*, 147. Sobre o complexo arquitectónico-monumental de Medinet-Habu, cfr.BAINES, John; MALEK, Jaromir - *EGIPTO. Deuses,Templos e Faraós* , Lisboa, Círculo dos Leitores, 1991; CARPICECI, Alberto Carlo - *Merveilleuse Égypte des Pharaons* , Florença, Casa Editrice Bonechi, s/d; MURNAME ,William J. - *United with Eternity. A concise guide to the Monuments of Medinet Habu* , Chicago/Cairo, The Oriental Institute, University of Chicago/The American University in Cairo Press, 1980

traduzimos na antologia documental [22]. Refere-se, principalmente, às movimentações dos sírios, razão pela qual alguns egiptólogos chegam mesmo a pensar que a inscrição do 8º Ano não é senão um acréscimo desta. Mas, as circunstâncias são, visivelmente, diferentes. Aqui, o faraó combate os tehenu e os líbios, inimigos ocidentais do Egipto, embora seja certo que nas linhas 51 e 54 se citam "os países do norte".

2 - Inscrição do 8º Ano . Esta inscrição do 8º ano do reinado de Ramses III, cerca de 1190 AC, relata a campanha militar e cita os nomes dos povos invasores, que teriam provocado o colapso cultural do Médio Oriente neste período. Na parede exterior nordeste do templo, existe um grande relevo com a ilustração da célebre batalha naval contra os chamados "Povos do Mar". É um arrojado painel gravado na pedra do muro, com cerca de 12 x 6 m., que não fica a dever nada aos grandiosos registos de Ramses II sobre a batalha de Qadesh. O texto, que damos na "antologia documental", revela um estilo bombástico, a que o dinamismo e o vigor do registo gravado da batalha dão uma dimensão empolgante. Na introdução, diz-se expressamente que os inimigos são asiáticos, dos países do norte, e, na realidade, os vencidos manifestam, depois, a sua proveniência ao declararem que o faraó é "como Baal", nome da divindade mais significativa dos povos semitas e cananeus. Eis os nomes dos povos coligados: *Peleshet, Thjeker, Denye(n), Weshesh* . O lugar da sua proveniência, as suas ilhas não são <u>ỉw</u>, como no texto de Merenptah, mas <u>rww</u>, isto é, terras banhadas pelo Nilo. A versão de Edgerton-Wilson prefere ver no hieroglifo uma cópia errada a significar "no meio de" e, portanto, algo que flutua, não necessariamente no meio do mar. Por outro lado, o relevo da batalha mostra que os atacantes traziam pesados carros de bóis e vinham com mulheres e crianças. Isso leva-nos a crer

---

22 *Medinet-Habu* , I, Chicago, Oriental Institute/University of Chicago, 1930; EDGERTON,W.F.; WILSON , A. - *O. c.*, 23 s; NIBBI , A. - *O. c.*, 45-48.

que se apresentavam mais como emigrantes invasores que como soldados atacantes. A identificação destes invasores, tirando talvez os Peleshet (=Filisteus) , constitui um quebra-cabeças hermenêutico.

O texto cita também países que não puderam resistir à invasão e aponta lugares por onde passaram os invasores: *Hatti, Kodi, Karkemish, Yeseth, Yeres.* Diz mesmo que um campo foi levantado em Amor (Amurru), ou seja, no norte da Síria. Põe ainda o faraó a dizer que organizou o afrontamento "na minha fronteira de Djahi" (=Síria).

Com estes dados, fica-se com a convicção de que os "Povos do Mar" eram asiáticos, gente dos "países da montanha" e não nómadas do deserto, que conseguiram por, terra e por mar, atingir o delta do Nilo. O faraó batera-os antes nos seus próprios territórios e até lhes queimara as árvores. Ora, tudo isto, por conseguinte, parece levar-nos para a região arborizada do Líbano, cuja madeira de cedro os egípcios apreciavam e compravam [23] . Todavia, não podemos tirar conclusões apodíticas, porque também isto pode ser consequência dum esteriótipo literário usado pelo escriba, já que, de igual modo, se diz que Ramses II queimara as árvores após a batalha de Qadesh. De resto, no texto ainda se podem anotar algumas hipérboles ("nenhum país pôde resistir-lhes", "circúito da terra") que denotam o carácter encomiasta e artificial da narrativa. No fim, porém, o faraó declara-se apenas "senhor dos Nove Arcos", isto é, dominador dos territórios dos inimigos tradicionais do Egipto [24].

Uma questão hermenêutica grave se põe após a leitura destas duas inscrições: terá, efectivamente, havido duas batalhas? Embora as circunstâncias descritas nas duas inscrições sejam algo diferentes, como

---

23 "ANET", 262-263.
24 NIBBI, A. - *O.c.*, 40-45.

já se disse, não se terá dado o caso de o escriba-escultor haver aqui juntado e fundido dois acontecimentos, o da batalha com os líbios no 5º ano e o da batalha com os "Povos do Mar" no 8º ano? É que não se compreende bem a parte final da inscrição do 5º ano, a qual denota falta de realismo e de perspectiva ao narrar a movimentação dos "povos do norte". Julgamos que, de facto, os acontecimentos foram distintos, mas o escriba-escultor terá complicado as coisas acrescentando e associando sumariamente à batalha contra os líbios a lembrança da batalha contra os "Povos do Mar".

3- Inscrição do muro nordeste de Medinet-Habu . No paramento do muro exterior nordeste encontra-se outro texto em que os líbios são associados aos Peleshet e aos asiáticos, mas onde os Sherden e os núbios combatem ao lado do faraó [25]. Aí, os Peleshet são descritos como que escondidos nas suas cidades para que os egípcios os não descubram, quando lá chegarem os exércitos do faraó, e não se fala de barcos nem de mar [26] .

4 - Registo do 11º ano . É de cerca do ano 1185 AC e, por ele, se conclui que os povos asiáticos continuam a ser um perigo e uma ameaça permanente para o Egipto [27] .

5 - Estela do 12º ano . O faraó gaba-se de ter feito bater em retirada os asiáticos e de ter subjugado os *Tjeker, Peleshet, Denyen, Weshesh* e *Shekelesh* [28] .

6 - Grande Papiro Harris I . Estamos perante um enorme documento, bem conservado, e guardado no "Museu Britânico" de

---

25 EDGERTON,W.F.; WILSON , A. - *O. c.*, 35-37.
26 NIBBI ,A. - *O.c.*, 50.
27 EDGERTON-WILSON - *O. c.*, 71; NIBBI, A. - *O. c.*,55-56.
28 EDGERTON-WILSON - *O. c.*, 76; NIBBI ,A. - *O. c.*, 54.

Londres. Foi mandado, certamente, elaborar por Ramses IV, cerca de 1166 AC, após a morte de seu pai Ramses III, em estilo sóbrio, quase lacónico. Apresenta um sumário dos acontecimentos do reinado de Ramses III e, no final, confirma que a paz do Egipto resultou da derrota dos asiáticos e não fala de qualquer expedição marítima para o "Grande Verde" 29.

Como conclusão de todos estes documentos, julgamos poder deduzir que os adversários do Egipto, no tempo de Ramses III, para além dos líbios, eram povos da área asiática, a norte, que é, praticamente, impossível demarcar dos tradicionais inimigos do Egipto.

2. 2 - Documentos hititas . Apresentaremos agora alguns pequenos escritos encontrados em Bogazkoy, a antiga Hattusha, capital do império hitita, na curva do rio Halis, em pleno centro da Ásia Menor. Para o nosso caso, interessa considerar documentos que, ao que se crê, estão relacionados com os acontecimentos do fim do império hitita, antes dos "povos do Mar" chegarem ao Egipto.

1 - Carta de Tawagalawa 30 . Esta carta, escrita pelo irmão do rei de Akhiyawa, possivelmente a Acaia na Grécia, testemunha a instabilidade na Anatólia Ocidental 31 . Primeiro foram os Luka que pediram auxílio ao rei de Akhiyawa contra os assaltos dum tal Piyamaradu, dirigindo-se, em seguida, ao rei dos hititas. Este era, com toda a probabilidade, Hattusil III (1282-1275 AC), o rei que firmou o tratado de paz com o faraó Ramses II do Egipto em 1278 AC.

---

29 "ANET", 260-263.

30 SINGER ,I. - *Western Anatolia in the Thirteenth Century B.C. According to the Hittite Sources*, "An. St.", 33, 1983, 205-217.

31 ALVAR , Jaime - *Los pueblos del Mar y otros movimientos de pueblos a fines del segundo milénio* ,"História del Mundo Antigo". Oriente, nº 7, Madrid, Ediciones Akal, 1989, 33-34.

2- Carta de Milawata [32] . É uma mensagem do rei hitita a um vassalo ocidental deixando perceber que Wilusha (Tróade?) estava periclitante. O rei hitita, quiçá fosse Tudhaliya IV (1250-1220 AC), refere-se aos Luka como inimigos, uma espécie de piratas [33] .

A este propósito, não podemos ignorar a actividade de piratas do sul da Anatólia, quem sabe se relacionados com os "Povos do Mar", sobretudo os Luka, o que preocupava grandemente os hititas obrigando-os a uma arriscada acção militar naval [34]

2.3 - Documentos de Ugarit . Vários textos descobertos em Ras Shamra, a antiga capital cananeia de Ugarit, podem projectar luz sobre os últimos tempos da vida desta cidade, destruida, possivelmente, pelos "Povos do Mar" [35] . Deles, interessam-nos, sobretudo, duas cartas provenientes do arquivo de Rap´anu, escriba real, e duas outras encontradas num forno dos arquivos, a sudoeste do palácio de Ugarit, as quais, por isso, devem ser os documentos mais recentes.

1- RS,L.1. Trata-se duma carta do rei de Alashyia (Chipre) a Ammurapi (Hammurabi), último rei de Ugarit, informando do perigo no mar: "Isto diz o rei a Hammurapi, rei de Ugarit: Saúde! Que os deuses te conservem são. O que tu me escreveste "virão-se barcos do inimigo no mar, navegando ", se agora, pois, é certo que se viram barcos inimigos, mantem-te firme. Aproxima já as tuas tropas, os teus carros. Onde estão

---

[32] HOFFNER, H. A. - *The Milawata Letter Augmented and Reinterpreted* , 28° Rencontre Assyriologique Internationale, Viena, 1982.

[33] Sobre a documentação hitita,há duas colecções de fontes informativas: *Keilschrifturkunden aus Boghazkoi* (KUB),Berlim, Statliche Museen zu Berlin, Vorderasiatische Abteilung, e *Keilschrifttexte aus Boghazkoi* (KBo), Leipzig. Para o caso da carta de Milawata, cfr. *KUB*, XXVI, 1°,2,II,15.

[34] *KBo* , XII, 38, 1II, 1, 15.

[35] A documentação de Ugarit (Ras Shamra) foi publicada,como já referimos, em 17 volumes sob a direcção de SHAEFER , C.F.A.- *UGARITICA* , Paris, 1939-1969. Citamos os textos sob as siglas RS.

colocados? Estão colocados à mão ou não? Quem te pressiona atrás do inimigo? Fortifica as tuas cidades, estabelece nelas as tuas tropas e os teus carros e espera o inimigo a pé firme" 36.

2- RS, 20, 238 . Nesta carta, o rei de Ugarit, não citado pelo seu nome, dirige-se ao rei de Alashyia (Chipre), tratando-o carinhosamente por "meu pai" (relação de parentesco? afirmação de vassalagem?). Poderia tratar-se duma resposta do rei Hammurapi à carta anterior sobre as depredações causadas em Ugarit pelos inimigos vindos do mar:

"Ao rei de Alashyia, meu pai, isto diz o rei de Ugarit, teu filho: Prostro-me aos pés de meu pai. Saúde a meu pai, à tua casa, às tuas esposas, às tuas tropas, a tudo o que pertence ao rei de Alashyia; muita, muita saúde! Meu pai, eis que barcos do inimigo chegaram. Minhas cidades ele queimou pelo fogo, e coisas muito desagradáveis no país eles fizeram. Meu pai, não sabias que todas as minhas tropas estavam colocadas no país de Lukka e ainda não regressaram? Deste modo, o país está abandonado à sua sorte... Que meu pai saiba isto. É que sete barcos do inimigo chegaram e ele nos fez muitos males. Se, daqui em diante, houver mais barcos, comunica-mo para que possa dizer que fazer" 37 .

Por esta carta se vê como Ugarit estava desprevenida face ao perigo que, a breve trecho, a ia destruir para sempre. A referência a Luka, no sul da Anatólia, indica, com certeza a pátria dos Luka que aparecem nos textos egípcios de Ramses III.

3- RS ,18,147 . É a carta de Pgn ao rei de Ugarit pedindo auxílio de barcos e víveres; todavia, tem a parte final truncada:

---

36 *UGARITICA* , V, 85-86.
37 *UGARITICA* , V , 87-89; Alvar , J. - *O. c.*, 28-30.

"Carta de Pgn ao rei de Ugarit. Que os deuses te guardem e te mantenham salvo! Aqui, junto a mim, vai bem. Aí, junto a meu filho, pelo que toca à paz, responde-me... Como meu filho me enviou um *lht* de víveres, eu estou no alto mar e... Agora, que meu filho, do mesmo modo, prepare um barco de mar... e os víveres".

Não se indica quem seja este Pgn mas, pelo tratamento carinhoso para com o rei de Ugarit, deve ser um rei de Alashyia, na medida em que responde no mesmo tom carinhoso da carta anterior com que o rei de Ugarit se dirigia ao rei de Alashyia. Entretanto, observa-se claramente o ambiente de ameaça que pairava sobre a região marítima entre Alashyia (Chipre) e a costa cananeia, onde Ugarit se situava.

4 - RS , 18,148 . Mais uma carta, desta feita, dum tal Ydn que, já a salvo, noutro país, com bens do seu rei, aconselha o rei de Ugarit a mobilizar uma esquadra de 150 barcos contra o inimigo [38].

Estes dois últimos documentos parecem revelar uma certa contradição no que respeita à situação em Ugarit, que foi destruida, como prova a arqueologia, na passagem do séc. XIII para o XII AC. De qualquer maneira, pode ser que, em Chipre, estivessem mal informados acerca da situação que se vivia em terra. De facto, em Chipre, apenas se podia saber das ocorrências no mar, ignorando-se toda a movimentação dos inimigos na terra de Canaã.

5- RS , 34,129 . Trata-se de mais um documento, descoberto em 1973 no meio de outras tabuinhas de barro, dos finais do séc. XIII AC, e, há pouco, publicado e traduzido em alemão [39] . As actividades inimigas,

---

38 ALVAR, J. - *O.c.*, 30; BAURAIN, Cl. - *Chypre et la Mediterranée Orientale au Bronze Récent. Synthèse historique* , "Études Chypriotes", VI, Paris, 1984,318

39 DIETRICH, M.; LORETZ, Oswald - *Das "Seefahrende Volk" von Shikila (RS, 34.129)* , "Ugarit-Forschungen", X, Kevelaer, Verlag Butzon & Bercher,

que gentes da cidade de Shikila desenvolviam nas proximidades de Ugarit, tinham chamado a atenção dos hititas. A carta, escrita em ugarítico pelo rei dos hititas, "Sol", ao prefeito (*Sakinnu*) de Ugarit, é de real interesse para o estudo do avanço do perigo dos "Povos do Mar" na costa sul da Anatólia e de Canaã. Outras cartas há do rei hitita para Ugarit; desta, apresentamos aqui a nossa tradução, embora a integremos na "antologia documental":

"Assim fala o "sol", grande rei, ao prefeito da cidade: Agora, junto de ti, o rei é (ainda) pequeno; ele não sabe nada. Eu, o "Sol", tinha-lhe dado uma ordem a respeito de Lunadushu, que os Shikalaiuu tinham aprisionado, eles que vivem em barcos. Comigo tenho eu agora Nisahili, - junto de mim ele é um "guia de cavalos" - que para ti envio com uma missão. Tu, pois, envia-me Lunadushu, que os Shikalaiuu tinham aprisionado. Eu o interrogarei acerca dos assuntos de Shikila. E, depois, ele poderá de novo partir para Ugarit... " (linhas 31-34 rasuradas).

Como se vê, existe entre os hititas uma grande preocupação pelos perigos que espreitam Ugarit e que poderiam precipitar-se sobre o Império hitita. Não deixa de ser sintomática a explícita refrência às preocupações causadas pelos Shikala, possivelmente os Shekelesh, um dos "Povos do Mar" de que falam os textos egípcios de Ramses III. E isto, tanto mais de assinalar quanto se faz clara alusão à sua condição de povo marítimo, isto é, de gentes que "vivem em barcos".

2.4 - Tabuinhas de Pylos . Pylos era uma antiga cidade de cultura micénica, no Peloponeso, Grécia, pátria de Nestor , herói de Homero no cerco de Tróia (Ilíade). Lá se descobriu, a partir de 1939, o

---

1978, 53-56. Outras cartas dos reis hititas para Ugarit são: *RS,34.136;Rs , 34.143; Rs ,34.144; Rs , 34.137.* Cfr. SCHAEFER , C.F.A. - *UGARITICA* , VII, Paris, 1978, 399-402.

palácio no lugar que, modernamente, se chama Ano Englianos, e que é um dos mais bem conservados monumentos micénicos. Nele se desenterrou um valioso conjunto de tabuinhas de barro com escrita. Algumas aludem ao movimento de tropas e concentração de material bélico. As tabuinhas classificadas como An.1 e 610 referem-se aos remadores de barcos de vigia e defesa, e outras tabuinhas do grupo o-ka, que fazem o catálogo dos militares mobilizados, reflectem preocupações defensivas. Como todas elas são consideradas do período da destruição de Pylos, em finais do séc. XIII AC, somos levados a supor que havia agitação no golfo de Corinto e seus arredores, o que acarretava preocupações defensivas perante situação de possível emergência. No contexto geral do Mediterrâneo Oriental é legítimo e óbvio pensar que isso tenha a ver com as invasões dos "Povos do Mar" 40.

2.5 - Inscrição de Nora . Desta vez, estamos no sul da ilha da Sardenha onde se descobriu uma inscrição fenícia, talvez do séc. IX AC, ainda deficientemente lida e interpretada 41. Para vários estudiosos, a ilha estaria ali designada pela palavra Be-Shardana, e isso levaria a identificá-la como pátria dos *Sherden* , que aparecem nos registos egípcios de Ramses III. Mas, a estela de Nora é tardia relativamente ao tempo de Ramses III (1198-1166 AC), embora seja considerada um dos textos mais antigos dos fenícios no Mediterrâneo Central, sécs. IX-VIII

40 Os textos de Pylos foram publicados por BENNET , E.; OLIVIER, J.-P. - *The Pylos Tablets transcrebed , I : Texts and Notes; II : Hands , Concordances , Indices* , Roma , 1973/76; DARCQUE , Pascal ; POURSAT , J.C.Claude ; TOUCHAIS ,Gilles; TREUIL ,René - *Les Civilisations egéennes du Néolitique et de l´Age du Bronze*, Paris, PUF, 1989 (Col."Nouvelle Clio", 1 *ter*), *passim* . Cfr. RACHET, Guy - *Dictionnaire d´Archéologie* , Paris, Ed.Robert Lafont, 1983,782-783.

41 A pedra inscrita está conservada e exposta no museu arqueológico de Cagliari, Sardenha, e o texto foi publicado no CIS ,144. Cfr. GUZZO AMADASI ,M.G. - *Le iscrizioni fenicie e puniche delle colonie in Occidente (Sardegna, 1)* , Roma,1967; GARBINI , Giovanni - *Esploratori e mercanti non greci nel Mediterraneo Occidentale* , PUGLIESE CARRATELLI, G. (Ed.) - *Magna Grecia* , Milão, 1985, 245-264.

AC), e a sua interpretação continua muito problemática. A última tentativa de leitura é de Joan Scheuer, que anuiu à tentativa de Frank Cross, de Harvard, em datar o fragmento de Nora do séc. XI AC. A ilha da Sardenha, essa, mais que pátria original dos Sherden, poderia bem ser, quando muito, um dos lugares onde, depois, um grupo deles se instalou [42].

2. 6 - Os textos da Bíblia. De per si, directamente, a Bíblia não cita os "Povos do Mar" e desconhece o seu movimento. Muitas vezes, porém, relata afrontamentos e guerras dos hebreus com os *filisteus* (Livros de Josué, Juizes, Samuel, Reis, para além de referências ocasionais dos Profetas). Ora, com toda a probabilidade se podem identificar os *filisteus* da Bíblia com os *Peleshet* dos relevos egípcios de Ramses III. Estes se teriam instalado na zona costeira sul de Canaã, a qual, por causa deles, mais tarde, haveria de ser chamada Palestina. O problema dos *filisteus=Peleshet* ocupar-nos-á, pormenorizadamente, mais adiante.

2. 7 - Textos de autores clássicos gregos. É claro que se trata de textos bastante posteriores, mas que, todavia, terão interesse na medida em que poderão remeter para tradições mais antigas.

1º Homero. Os poemas homéricos suscitam muitos problemas de crítica histórica, para além de colocar questões fundamentais, que não é possível dissecar neste trabalho [43], como, por exemplo: corresponderá,

---

42 DAYLON, J.E.- *Sardinia, the Sherden and Bronze Age Routes* ,"Annali dell´Istituto Universitario Orientale di Napoli, 44, 1984, 245-264.; SCHEUER , Joan - *Searching for the Phoenicians in Sardinia* , "BAR", XVI, 1, 1990, 52-60; LIPINSKI, Edward - *Epigraphy in Crisis. Dating Ancient Semitic Inscriptions* , "BAR", XVI, 1990, 4, 42-43.49.57.

43 ALBRIGHT, W.F. - *Some Oriental Glosses on the Homeric Problem* , "American Journal of Archaeology", 54, 1950, 162-170; GORDON, C.H. - *Homer and Bible. The Origin and Character of East Mediterranean Literature*, Ventnor, N.J., 1955; JUCE , J.V. - *Homer and the Heroic Age*, Londres/Nova Iorque, 1975; STELLA , L.A. - *Il poema di Ulisse* , Florença,

arqueologicamente, a Tróia de Homero ao estrato ou nível VII a das escavações de Schliemann ? Terá havido, de verdade, uma "guerra de Tróia" na qual os *Acaios* (Aqueus) tivessem destruido a cidade pelo fogo, como a descreve Homero na Ilíada? E daqui, outra questão brotaria: Seriam os *Acaios* identificáveis com os *Ekwesh*, um dos "Povos do Mar" nas fontes egípcias de Ramses III ?

Neste sentido, seria legítimo perguntar se Homero, acaso, não se fez eco de tradições antigas relacionadas com as invasões dos "Povos do Mar".

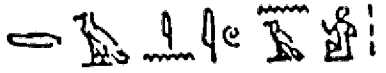
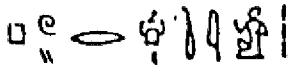
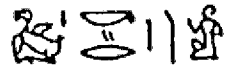
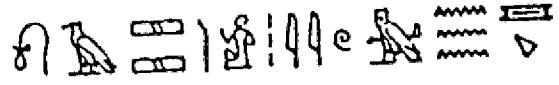
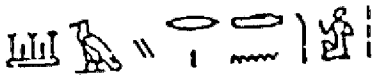
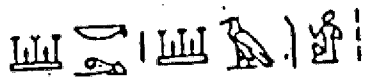
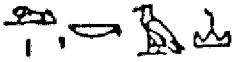
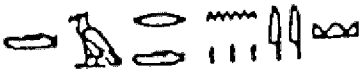
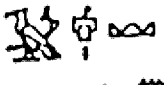
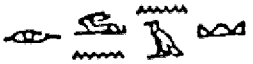
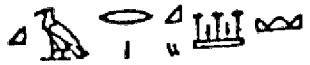
2º - *Heródoto* . Este notável escritor da antiguidade, considerado "Pai da História", ao falar da origem dos Tirrenos, emigrados da Lídia, Ásia Menor, por causa da fome, permite-nos relacionar o nome *Tyrsenoi* com o dos *Teresh* , também eles, um dos "Povos do Mar" dos mesmos textos egípcios 44. Na realidade, já os textos hititas de Boghazkoi, acima citados, aludiam à carência de víveres e alimentos no período final do império hitita. Mais uma vez surge a questão de se saber se sim ou não isto se relaciona com tradições que remontem às invasões dos "Povos do Mar". Mas nem Heródoto nem Homero podem, do ponto de vista da critica histórica, ser citados como fontes de informação fidedigna para os problemas do séc. XII AC.

3 - Hipotética identificação dos "Povos do Mar".

1955. Alguns autores (WEBSTER- *From Mycenae to Homer* , Londres, 1958; GERMAIN - *Génèse de l'Odyssée* , Paris, 1958), cujas obras não pudemos obter, chegam a defender que Homero teria querido decalcar a figura de Aquiles sobre a de Gilgamesh, o herói mesopotâmico do dilúvio, e que isso se deve a contactos e influências literárias vindas do Oriente (Cfr. ALSINA, José - *Los grandes periodos de la cultura griega* , Madrid , Espasa-Escalpe, 1988, 32-33).

44 HERÓDOTO - *Los Nueve Libros de la História* , Barcelona, Editorial Ibéria, I, 1976, 44 (Cfr. CLIO, XCIV). De resto, para ver como esta abordagem permanece e se repete, cfr. CERBELAUD SALAGNAC, Georges - *Les origines ethniques des européens* , Paris, Perrin, 1992.

"Povos do Mar" no Egipto

Hieróglifos	Transliteração	Leitura
INIMIGOS DE RAMSES III (1198-1166 AC)		
	Sh3D3N3	Shardana
	D3YNYWN3	Daynyuna
	PWYRSh3Ti	Peleshet
	T3KYR	Tjeker
	W3ShSh	Uashesh
ADVERSÁRIOS DE MERENPTAH (1236-1223 AC)		
	3KW3Sh3	Ekuesh
	TWRYSh3	Teresh
	RWKW	Luka
	Sh3YRDN	Shardana
	ShKRWSh3	Shekelesh
ALIADOS DE RAMSES II (11304-1237 AC)		
	Sh3RDD3N3	Sherden
ADVERSÁRIOS DE RAMSES II EM QADESH		
	RWKW	Luka
	D3RD3NY	Dardana
	M3S3	
	´IRWNN3	
	PYD3S3	
	K3RKYSh	

I

QUADRO SINÓPTICO DAS ONDAS DE "POVOS DO MAR"

1ª onda: Reinado de Merenptah (1231 AC)

TEXTO	INSCRIÇÃO	ESTELA	COLUNA
	Karnak	Athribis	Cairo
	1 Ekwesh	1 Ekuesh	
	2. Terseh	3 Teresh	
POVOS	3 Lukka	.....	
	4. Sherden	4 Sherden	
	5. Shekelesh	5 Shekelesh	Shekelesh,etc.
BATALHA		Periri (5° 5no)	5° ano
	Teresh -742	Ekwesh- 1213	
CAIDOS	Shekelesh-222	Teresh - 722	
		Shekelesh- 200	

II

2ª. onda: Reinado de Ramses III (1198 - 1166 AC)

TEXTO	INSCRIÇÃO	OUTRA	OUTRA	PAPIRO
	Ano 5º	Ano 8º	Ano 8º	Harris
	Peleshet	Peleshet	Peleshet	Peleshet
	Tjeker	Tjeker	Tjeker	Tjeker
	.....	3 Sherden	3 Shekelesh	.....
	.....	4 Denyen	Denyen	3 Denyen
	.....	5 Weshesh	.....	4 Weshesh
	.....	.....	5 Sherden	5 Sherden
ORIGEM	Norte	Ilhas	Países do Norte e Ilhas do "Grande Verde"	Ilhas: Denyen Mar: Sherden* Weshesh*
PERCURSO		Hatti Qode Karkemish Arzawa Alashyia Amurru Djahi	Marcha para DJAHI	
BATALHA		Terra Naval	Terra Migdol de Ramses	Derrota dos inimigos

NB - Os nomes com * têm nas fontes egípcias a indicação da sua proveniência.

III

QUADRO SINÓPTICO DAS ONDAS DE "POVOS DO MAR"

Outras Fontes do tempo de Ramses III

1 FONTES	Kitchen, V ,73	Kitchen, V, 91
TEXTO	Inscrição	Estela de
	Ano 12°	Deir El-Medina
	1 - Tjeker	1 - Peleshet
	2 - Peleshet	2 - Teresh *
POVOS	3 - Denyen	
	4- Weshesh	
	5 - Shekelesh	

NB. - Os nomes com * têm nas fontes egípcias a indicação da sua proveniência.

Estes quadros sinópticos, que acabámos de delinear, permitem-nos elaborar a lista dos chamados "Povos do Mar" e fazem-nos ver que apenas de tres deles (*Sherden* , *Teresh* , *Weshesh*) se diz, explicitamente, que provêm do mar.

* * * *

A pitoresca designação de "Povos do Mar", que se criou nos fins do século passado, é vaga e englobante. Para os egípcios, tratava-se de "estrangeiros que vêm das ilhas que estão no meio do *Grande Verde* ". frase que, como vimos, é, de per si, algo ambígua. Era, certamente, gente asiática, vinda de norte por terra e por mar. Espalhava medo e destruição, segundo a desclaração de Ramses III: "as chamas anunciam o seu aproximar-se e o coração rebenta-lhes de fé na realização dos seus planos".

O movimento destes povos parece ter seguido a direcção de oeste para este na costa sul da Anatólia, inflectindo, depois, de norte para sul. Os textos egípcios enumeram, com certa lógica geográfica, as terras que esses povos vão devastando à sua passagem: *Hatti* , o país dos hititas; *Qode*, isto é, Kizzuwatana no sul da Anatólia; *Karkemish* , cidade-estado na margem esquerda do curso superior do Eufrates; *Arzawa* , com certeza a actual Cilícia; *Alashyia* , isto é, Chipre; *Amurru* , país dos amorreus, a costa mediterrânica da Síria, onde se devem ter demorado, seguindo, depois, por terra e mar, para sul, passando por *Djahi* , zona siro-fenícia e Canaã, até chegar ao delta do Nilo.

Nesta avançada, é possível que tenha havido paragens e retrocessos, fluxos e refluxos e que, ao Egipto, tenham chegado mesmo uns antes de outros. Alguns terão colaborado com os líbios, a ocidente do Delta, num ataque contra os egípcios, já no ano 5° do faraó Merenptah. Ao lado dos líbios contavam-se, de facto, nessa altura, *Ekwesh, Teresh, Lukka, Sherden, Denyen, Shekelesh* . Pelos vistos, também agiam como mercenários de guerra e, como tais, os encontrámos antes nos exércitos dos hititas e dos egípcios ao tempo de Ramses II na célebre batalha de Qadesh.

Por sua vez, o faraó Ramses III diz que derrotou os *Denyen* nas ilhas mas só dos *Weshesh* diz serem do mar: "os Weshesh do mar".

Os historiadores têm procurado identificar os nomes destes povos transcritos nos hieroglifos com nomes de povos conhecidos na tradição clássica. Contudo, a partir daqueles nomes, e só com eles, não se pode chegar a conclusões seguras e a uma situação histórica concreta e definida. Apenas, de forma hipotética, se traça o seu deslocamento que, nas fontes egípcias, favorece a tese duma "emigração anfíbia" 45.

É de estranhar que os micenos, a cuja cultura tanto se diz ligarem-se os restos materiais atribuidos aos filisteus de Canaã, nunca sejam citados nos textos egípcios anteriores a Ramses III, quando eles, a ser assim, melhor que ninguém, estariam em condições de fornecer transporte marítimo para tão numerosa gente 46; a não ser que, depois da destruição de Micenas, eles próprios tivessem emparceirado com estes povos emigrantes e invasores. Mas, então, porque é que só aparecem citados nos textos de Ramses III e não nos de Merenptah? Na realidade, os "Povos do Mar" ainda continuam um enigma, mesmo depois de tantos estudos lhes terem sido dedicados, como se depreende da bibliografia apresentada por nós; talvez até seja de pôr de lado, pela crítica histórica mais exigente, a designação de "Povos do Mar". Parece, entretanto claro, para já, que se deveria falar de duas ondas de "Povos do Mar":

1ª onda : É detectada na estela do ano 5º de Merenptah, cerca de 1231 AC, quando se diz que os povos estrangeiros, juntamente com líbios, tentaram invadir o Egipto.

---

45 EFENTERRE, Henri van - *Mycenes. Vie et Mort d´une Civilization* , Paris, Éditions Errance, 1985, 176.

46 DONADONI , G. - *Egei ed Egiziani* , MUSTI, D. - *Le Origini dei Greci , Dori* , e *mondo egeo* , Bari, 1985 , 207-211.

2ª onda : É referida nos registos dos relevos do Templo de Medinet-Habu e outros documentos que narram acontecimentos do tempo de Ramses III (1198 - 1166 AC). Esta, sim, é a terrível avalanche de "estrangeiros", que vinham da sua terra e das ilhas no meio do "Grande Verde". O faraó teve de os enfrentar no ano 5º do seu reinado (1193 AC) coligados com os líbios e, mais tarde, em terra asiática e no ano 8º (1190 AC) na decisiva e dramática batalha naval [47]

Ao todo, contam-se 9 "Povos do Mar": 5 no tempo de Merenptah (*Ekwesh* , *Lukka* , *Shekelesh* , *Sherden* , *Teresh*), e 6 no tempo de Ramses III (*Denyen* , *Peleshet* , *Shekelesh* , *Sherden* , *Tjeker* , *Weshseh*). Mas destes 11, ficam apenas 9 (*Denyen* , *Ekwesh* , *Lukka*, *Peleshet*, *Shekelesh* , *Sherden*, *Teresh* ,*Tjeker* , *Weshesh* , porquanto os *Ekwesh* e os *Lukka* do tempo de Merenptah não aparecem no tempo de Ramses III, e os *Denyen* e *Peleshet* dos registos de Ramses III não são citados nas inscrições do tempo de Merenptah.

A identificação destes povos é muito problemática e seria cientificamente errado avançar com identificações, que não podem ser resolvidas pela arqueologia nem mesmo com a colaboração da linguística. Iremos, no entanto, ensaiar uma incursão, necessariamente rápida, nos domínios da etimologia e da toponímia, seguindo a ordem alfabética dos nomes. Certamente, eles não constituem a totalidade dos povos que, ao findar do séc.XIII AC, espalharam pânico e destruiram a cultura do Bronze Tardio. Então, os povos agrupavam-se em clãs ou tribos, quando muito poderiam formar coligações , constituir anfictionias, pois não possuiam ainda o sentido ou noção de Πολισ (Pólis) nem de

---

47 NELSON, Harold H. - *The Naval Battle pictured at Medinet-Habu* , "JNES", II, 1943, 40-55. A reprodução cénica da batalha pode ver-se em MEDINET-HABU , VIII, I: *Earlier Historical Records of Ramses III* , Gravuras 29-43; "ANEP". Para o texto, cfr, ANET, 262-263 e a nossa tradução da "antologia documental".

pátria; os laços de parentesco e associação eram sobretudo do domínio do sangue. Por isso, nos textos egípcios temos tão somente a lista daqueles 9 povos associados na invasão do Egipto e que os estudiosos têm tentado identificar, a nosso ver segundo critério errado, com povos posteriores, conhecidos da tradição clássica grega 48.

---

48 ALVAR, Jaime - *O. c.*, 38-52; BARNETT, R.D. - *The Sea Peoples* , "Cambridge Ancient History", 3ª ed., II/2, Cambridge, Ed. I.E.S Edwards and Others, 1975, cap. 28; DOTHAN, Trude - *The Philistines and their Material Culture* , Jerusalém , Israel Exploration Society, 1982; GRANDET, Pierre - *La migration des Peuples de la Mer* , "L´Histoire", Paris, 131, 1990, 16-24; HOEBL, Guenther - *Die historischen Aussagen der aegyptischen Seevolkerinschriften* , "Griechenland, die Aegaeis und die Levante waehrend der dark Ages". Symposion Zwettl , 1980, Viena , Verlag der oesterreichischen Akademie der Wissenschaften, 1983, 121-143; LEHMAN , Gustav Adolph - *Die "Seevoelker"-Herrschaften an der Levantekueste* , "Jahrsbericht des Institut fuer Vorgeschichte der Universitaet Frankfurt A.M., Munique, 1976, 78-111; MARGALITH, Othniel - *The Sea Peoples in the Bible*, Tel-Aviv, Dvir, 1988 (Hebreu); MULY , James D. - *The Role of the Sea Peoples in Cyprus during the LC III period* , KARAGEORGHIS, Vassos ; MULY, J.D.(Eds.) - *Cyprus at the close Late Bronze Age* , Nicosia, 19 ; NIBBI, Alessandra - *The Sea Peoples and Egypt* , Park Ridges, 1975; IDEM - *The Sea Peoples : A Re-Examination of the Egypt Sources* , Oxford, Discussions in Egyptology & D.E.Publications, 1972; PRITCHARD, James B. - *New Evidence on the Role of the Sea Peoples in Canaan at the Beginning of the Iron Age*, WARD, William A. (Ed.) - *The Role of the Phoenicians in the Interaction of Mediterranean Civilization* , Beirute, American University, 1968, 99-112; RABAN, Avner; STIEGLITZ, Robert R. - *The Sea Peoples and their contributions to Civilization* , "BAR", XVII, 6, 1991, 34-42.93-94; SANDARS , Nancy K. - *The Sea Peoples. Warriors of the Ancient Mediterranean* , Revised Edition, Londres, Thames and Hudson, 1987 (Trad, francesa: Paris, France-Empire, 1981); SCHADEN , Otto J. - *Some Observations on the Sea Peoples* , "Studies in honor of Tom B. Jones" , Kevelaer, Verlag Butzon & Bercher, 1975, 143-155 (Alter Orient und Altes Testament, 203) ; SINGER, I. - *The Origin of the Sea Peoples and their Settlement on the Coast of Canaan* , "BASOR", 269, 1988 ; IDEM _ *The Origin of the Sea-Peoples and their Settlement on the Coast of Canaan*, in HELTZER, M.; LIPINSKI, E. - *Society and Economy*, 239-239-250; STAGER, Lawrence E. - *Merenptah, Israel and Sea Peoples* , "Eretz Israel", Jerusalém, 18, 1985, 56-64; STELLA, L.A. - *Chi furono i Popoli del Mare?*, "Rivista di Antropologia", 39, 1951/52, 3-17; STROEBEL, August - *Der Spaet-bronzezeittliche Seevoelkersturm. Eine Forschungsueberblick mit Folgerungen zur biblischen Exodusthematik* , Berlim, Walter de Gruyter, 1976 (BZAW,145); TUBB , Jonathan - *The Role of the Sea Peoples in the Bronze Industry of Palestine/Transjordan in the Late Bronze-Early Age Transitions* , CURTIS, John (Ed.) - *Bronze-Working centres of Western Asia c. 1100-509 B.C.*, Londres, Kegan Paul Internationale, 1988, 251-270; VICH , Sergi - *Los Pueblos del Mar* , "História y Vida", Barcelona, 262, 1990, 70-76; WAINRIGHT, G.A. - - *Some Sea-Peoples,* " JEA", 47, 1961, 71-90; WIDMER, W. - *Zur See-Voelker am grossen Tempel von Medinet-Habu* , "ZAS", 102, 1975, 67-77..

1º DENYEN - Há quem queira relacionar e identificar os Denyen dos registos de Ramses III com os Danuna das cartas de El Amarna. A ser assim, o que em termos linguísticos é perfeitamente possível, deveríamos situá-los, como faz Sandars [49], já no séc. XIV AC, a sudoeste da Anatólia e a norte do rio Orontes.

Por semelhança etimológica, também se encontra quem os associe aos Danoi, denominação grega dos micenos. Ainda no campo da semelhança etimológica, a aproximação *Denyen = Danaoi = Dan* levou o professor israelita Yadin a formular a curiosa e imaginativa hipótese de eles serem os precursores da tribo israelita, que teve começo atribulado. Instalados em Canaã, tal como os filisteus e os tjeker, os danitas ter-se-iam assimilado aos hebreus e convertido ao culto de Javé, deslocando-se, então, para o norte. Na realidade, qualquer que seja a sua origem (Gén. 30,4-6; 49,16-18; Dt. 32,22; Jz. 5,17), a tribo de Dan era pequena no contexto das doze tribos de Israel. O seu território inicial ficava entre Sorá e Eshtaol, a norte da planície costeira da Shefelah (Jos. 19,40-48; Jz. 1,34). Por ali, entre os montes de Judá e a planície ocupada pelos filisteus, região com vários indícios de culto ao sol (Cfr. *Bet Shemesh*) e palco das investidas de Sansão (Jz.13 - 16), a reduzida tribo de Dan não topava espaço tranquilo e, por isso, deslocou-se para norte (Jz. 18; 19,47-49), fixando-se junto às nascentes do rio Jordão [50].

---

[49] SANDARS, N. K. - *North and South at the End of the Mycenaean Age : Aspects of an old Problem* ,"Journal of Archaeology" , Oxford,2, 1983, 43s.

[50] *DEB* , 325-326; DE VAUX, R. - *HAI* , II, 1973, 87-94; FERNANDEZ , *El santuário de Dan : Estúdio crítico-esxegético sobre Jud. 17 - 18* , "Biblica", 15, 1934, 237-264; YADIN , Y. - *"And Dan, why did he remain in ships? "* , in "The Australian Journal of Biblical Archaeology", 11, 1968, 9-23; MALAMAT, A. - *The Danite Migration and the Pan-Israelite Exodus-Conquest: A Biblical Narrative Pattern* , "Biblica", 51, 1970, 1-16; NIEMANN , H.M. -*Die Daniten. Studien zur Geschichte eines altisraelitischen Stammes* , Goettingen, 1985; SHANKS, Hershel - *Danaans and Danites - Were the Hebrew Greek?*, "BAR", 3, 1976.

Refere Sandars que no séc. VIII AC existia o "país de Danuna" (*Dnnym*), com capital em Adana, no sul da Anatólia, e que chegou a dominar Karatepe, aliado aos povos da Cilícia, sobretudo à família dos lúvios. Ora, Asitawandas, senhor de Karatepe, dizia-se da "casa de Mpsh", certamente Mopsus, o herói da lenda grega, o qual teria sido senhor de Colophon, junto a Micenas. Retornado da guerra de Tróia, teria levado o seu povo através da Cilícia, fundando cidades e chegando a Ashqelon, em Canaã, onde morreu 51. Estamos, induvitavelmente, perante uma lenda, mas também aqui, haveria que perguntar se não existirá qualquer fundo de tradição histórica, que os textos luvianos de Karatepe pudessem garantir.

Entretanto, não há dúvida que, do ponto de vista linguístico, é possível fazer a aproximação Denyen = Danuna= Danaoi = Dan , mas não ficaram traços arqueológicos, cultura material, enfim, que nos permitam seguir os seus vestígios e reconstituir com segurança a sua história.

Por consequência, não nos parece exequível a afirmação de que os Danuna de El Amarna ou os Denyen dos textos egípcios sejam os Danaoi (micenos//aqueus). Tão pouco parece aceitável a sugestão de Yadin, por mais imaginativa e curiosa que nos pareça.

2° EKWESH - Quer vocalizemos Ekwesh quer Akawasha, é possível, também aqui, linguisticamente, aproximar este nome do de Akhshiyawa, nome dum povo que aparece nos textos ugaríticos e hititas; o seu território estaria situado a oeste do império hitita, na Ásia Menor.

Não falta, porém, quem prefira relacionar os Ekwesh com os Acaios ou Aqueus, designação clássica do povo de Micenas, que exerceu

---

51 SANDARS, N. K.-*The Sea Peoples* ,162; HOMERO - *Odisseia* , Livro IV, 128-1; SCHMIDT, Joel - *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, Paris, Larousse, 1965, 208.

grande influência cultural e comercial, como se prova pela arqueologia, na Anatólia e em todo o Médio Oriente. Só que os registos de Merenptah apresentam-nos como circuncidados, o que parece contradizer o carácter indoeuropeu dos acaios [52]

No campo das hipóteses, podemos admitir que tivessem vindo do mar Egeu, de Rodes, por exemplo, ou do oeste da Anatólia, onde se exercia fortemente a influência micénica. Já é mais difícil compreender , como quer Baurain, que Tróia fosse a capital de Akhsiyawa, cujo nome os hititas ignorariam [53] .

É conhecida entre os hititas a terminação nominal *sha* , que servia para formar nomes de lugares e seus habitantes [54] . Assim, Akhshiyawasha seria o equivalente hitita do egípcio Ekwesh. De facto, Akhshiyawa, nos documentos hititas, aparece como um estado cuja localização exacta se discute mas que se crê estar a sudoeste do império hitita. Daí surgir, para alguns, a ideia de que os Ekwesh seriam os Acaios (Αχαιοι, de Homero) , isto é, os aqueus e Tróia a sua capital, que os hititas nunca nomeiam. Ora isto é, no mínimo, muito estranho e singular [55] , tanto mais que Tróia estava ali mesmo às portas do império hitita.

3º LUKKA - Pela semelhança material do nome, este povo tem sido identificado com os *Lícios* (Λυκκοι), a sudoeste da Ásia Menor, mesmo contra o que diz Heródoto (I,173), que os faz oriundos de Creta. Com efeito, a aproximação LUKKA=LYKIA (Lícia) não apresenta quaisquer problemas linguísticos [56]. Deste modo, os Lukka seriam provenientes da Lícia. Note-se que, já no tempo de Amenófis IV (1379-

---

52 ALVAR ,J. - *O.c.*, 40.
53 IDEM - *Ibidem* - 40.
54 GRANDET, P. - *O.c.*, 18.
55 SANDARS , N.K. - *O.c.*, 07-111.
56 *EA* ,38,10. Cfr. ALVAR,J. - *Ibidem.*

1362 AC), o rei de Alashyia (Chipre) se queixava da invasão dos "homens de Lukki": "De facto, todos os anos, homens de Lukki se apoderam das aldeias no meu próprio país" 57. Como se vê, parece tratar-se dum povo de piratas ou salteadores, vindos das vizinhanças, no sul da Anatólia. Talvez por isso, aparecem ao lado dos hititas, a combater contra os egípcios de Ramses II na batalha de Qadesh (1291 AC). Depois disso, os Lukka só aparecem na inscrição de Karnak, ao tempo de Merenptah. Faltam-nos, porém, outros dados, sobretudo arqueológicos e epigráficos, que permitam acompanhar a trajectória histórica deste povo, uma vez que, linguisticamente, não levanta problemas a sua identificação e até se afigura verossímil.

4º PELESHET - Este grupo étnico constitui aquele que, mais positiva e solidamente, tem sido identificado. A semelhança do egípcio PRSHT= (*Purasht* = *Peleshet*) com o hebraico-bíblico פְּלִשְׁתִּי=*Pelishtiyi* fez com que, desde logo, se identificassem com os *filisteus* , instalados na zona costeira a sul de Canaã, que tantos combates e afrontamentos travaram com os hebreus no tempo dos Juizes e, sobretudo, nos reinados de Saúl e David. Os *Peleshet* não aparecem nos textos hititas. A sua origém é igualmente desconhecida e, portanto, documentalmente incerta; contudo, dada a sua importância neste trabalho, deles falaremos em capítulo à parte.

5º SHEKELESH - Muito se tem feito a aproximação nominal dos *Shekelesh* aos *Sículos* , população autóctone, que os gregos teriam encontrado na ilha da Sicília, quando ali chegaram. Dada a proximidade onomástica, nada impede que pensemos terem os Shekelesh ido parar à Sicilia na sua errância marítima, mas nada prova que daí tivessem

57 LEBRUN , R. - *Considérations sur l´expansion occidentale de la civilisation hittite*, "Orientalia Lovaniensia Periodica", 11, 1980, 69-78.

partido. Carecemos dum mínimo de documentação arqueológica para estabelecermos a sua terra de origem; aliás, nem sequer temos elementos de cultura material a fim de possibilitar a comparação. Uma recém-descoberta carta do rei hitita ao prefeito da cidade de Ugarit fala dos habitantes de Sikila, que "vivem sobre barcos" e que, por causa das suas actividades hostis, atrairam a atenção dos hititas. Moviam-se, portanto, na zona sul da Anatólia, entre Chipre e a costa. Dado o interesse desta carta, reproduzimo-la e traduzimo-la na "antologia documental" 58. Deste modo, pouco antes da queda de Ugarit, já os *Shikalayu* ou *Shekelesh* rondavam e assaltavam a costa do norte de Canaã, como se lamenta o rei de Ugarit (RS 20.238).

6º SHERDEN - Também este nome apresenta semelhanças com o dos *sardos* , habitantes da Sardenha, ilha mediterrânica a oeste da Itália Por isso, se tem suspeitado que os *Sherden* tivessem a sua origem na Sardenha, onde teriam sido os criadores da célebre cultura nurágica, muito antes do séc. XII AC. Dali ter-se-iam deslocado para o Mediterrâneo oriental e é assim que aparecem combatendo ao lado de Ramses II na batalha de Qadesh, junto ao rio Orontes, cerca de 1291 AC.

Iconograficamente, os registos de Merenptah e Ramses III, sobretudo o relevo da "batalha naval", fornecem-nos como caracteres distintivos deste povo o capacete de cornos. Este elemento gráfico tem funcionado como raio vector para determinar as origens e proveniência dos Sherden .

58 DIETRICH, M.; LORETZ ,O. - *Das "Seefahrendende Volk" von Sikila (RS 34,129)*, "Ugarit-Forschungen" , X, Kevelaer, Verlag Butzon & Becher, 1978, 53-56. Cfr. "Antologia Documental" , Nº 12; LEHMANN,G.A. - *Die Sikalayu - ein neues Zeugnis zu den "Seevoelker" - Heerfahrten im spaeten 13 Jh. V.Ch.(RS 34.129)*, "Ugarit Forschung", 11, 1979, 481-494.

Contudo, este tipo de argumentação, de base cultural difusionista, parece-nos irrealista. E porquê? Antes de mais, porque o capacete de cornos já se encontra em Ur, no III milénio Ac, na estela de Naram-Sin (cerca de 2260-2223 AC) após a vitória sobre os *Gutu* ; depois, porque nas cartas de El Amarna (*EA* , 122 e 123) também se fala dos *Sherden* , os quais serviam na guarda do príncipe da cidade de Ugarit. Aliás, pela carta *EA* , 38 ficamos a saber que, por volta de 1350 AC, eles prestavam serviços aos governantes de Amurru.

Por sua vez, a carta EA, 38, como vimos, informa que, sob o faraó Amenófis IV (1379-1362 AC), Alashyia (Chipre) sofria ataques dos "homens de Lukki", o que poderia estar relacionado com um movimento de povos em que os Sherden estivessem integrados 59. Será que, de facto, os *Shirdanu* de Ugarit têm a ver com os *Sherden* dos "Povos do Mar", mais tarde encontrados no Egipto? 60.

Por tudo isto, somos levados a concluir que os Sherden se movimentam no Mediterrâneo oriental e que, por conseguinte, devem ter o seu berço de origem na zona compreendida entre o sul da Anatólia e a Síria. Se aparecem na Sardenha, "quod est probandum" porque a semelhança do nome não basta, então é porque, mais tarde, quiçá após a

---

59 DIETRICH, M.; LORETZ, O. - *Die Shardana in den Texten von Ugarit* , "Antike und Universalgeschichte", Festschrift Hans Erich Stier, Muenster, 1972,39-42; GUIDO, Margaret - *Sardinia* , Londres, Thames & Hudson, 1963; HELTZER, Michael - *Some Questions concerning the Shardana in Ugarit* , "Tel-Aviv", Tel-Aviv University, 1979 (Israel Oriental Studies,9); LIVERANI ,Mario - *Il corpo di guardia del palazzo di Ugarit* ,"Rivista di Scienze Orientali", 44, 1969, 194-195; IDEM - *Le Chêne de Sherdanu* , "VT", 27, 1977,. Tanto Liverani como Heltzer identificam os *Sherden* do Egipto com os *Trtnm* de Ugarit. Cfr. LEHMAN , Gustav Adolph - *Zum Auftreten von "Seevoelker" - Gruppen im oestlichen Mittelraum - Eine Zwischenbilanz* , "Griechenland, die Aegaeis und die Levante waehrend der dark Ages" , Symposion Zwettl, 1980, Viena,Verlag der oesterreichischen Akademie der Wissenschaften , 1983, 79-97.

60 Cfr, nota 39.

luta com Ramses III, lá foram parar. Mas tal afirmação necessitaria que, pela arqueologia, pudessemos seguir o rasto da sua deslocação.

7º TERESH- Mais outro problema de identificação. É certo que um texto hitita do tempo do rei Tudhaliya VI menciona os habitantes de Taruisha . Será este nome uma versão hitita do egípcio *Teresh* ? E onde ficava Taruisha?

Alguns autores fazem a aproximação filológica de *Teresh* a *Tirsenos* , estabelecendo uma relação entre *Teresh* , *Taruisha* e *Tirsenos* (Tirrenos), concluindo tratar-se da mesma realidade. Estaríamos, assim, na Etrúria com os etruscos, os quais, apesar de tudo, só são conhecidos na Itália, zona da Toscana, no séc. VIII AC. Para os que assim pensam, serve-lhes de ponto de partida o texto de Heródoto sobre a expansão ou dispersão dos Lídios: "Os Lídios governam-se por leis muito parecidas com as dos gregos... No reinado de Atis, filho de Manes, experimentou-se em toda a Lídia uma grande carestia de víveres, que eles toleraram algum tempo com muito trabalho: porém, depois, vendo que não cessava a calamidade, buscaram remédio contra ela... Não cessando, contudo, o mal, antes se agravando cada dia mais, determinou o rei dividir em partes a nação e lançar sortes para saber qual delas se quedaria no país e qual partiria para fora. Ele se pôs à frente daqueles a quem a sorte determinasse ficar na sua pátria, e nomeou por chefe dos que deviam emigrar ao seu próprio filho, que tinha o nome de Tirseno. Estes últimos desceram a Esmirna, construiram ali seus barcos e fazendo embarcar nelas seus haveres e móveis transportáveis navegaram em busca de sustento e morada, até que, passando por vários povos, chegaram aos Umbros, onde fundaram suas cidades, em que habitaram depois. Ali, os lídios abandonaram seu nome antigo e tomaram outro derivado do que

tinha o filho do rei que os conduziu, chamando-se, por isso, tirsenos" 61. Nesta versão de Heródoto, a tradição apresenta-se já como uma etiologia etimológica, sem que possamos, criticamente, garantir a sua autenticidade. Analisemos mais um pouco esta questão.

De facto, a palavra Tarsis é quase só de uso bíblico e aparece ligada a naus ou navios, formando o conjunto "naus de Tarsis": (Gén. 10,4; I Re. 9,26-28; 10,22; 22,48-50; Is. 2,16; 23,1-14; 69,9; Ez. 27,12-25; Sl. 48,8; 72,10, Jon.1,3; 4,2). Note-se, porém, que a palavra Tarsis aparece uma vez num texto de Asarhaddon, rei da Assíria. De forma genérica, a expressão "naus de Tarsis" indica navios de comércio, no mar alto. É mais uma designação de qualidade que de origem ou proveniência. Em Gén. 10,4 Tarsis é apresentado na "Tábua dos Povos" como filho de Javan, descendente de Jafet. Dadas as características deste texto, e como o nome de Tarsis está associado a Kittim (Chipre), tudo nos leva a crer que, para a tradição bíblica, Tarsis ficaria no Mediterrâneo oriental.

É com o rei Salomão que as "naus de Tarsis" vão ganhar fama, pois ele construiu uma frota em Asion-Gaber, perto de Eilat, no Mar Vermelho (I Re. 9,27-28) contando com a colaboração e experiência dos marinheiros do seu amigo Hiram, rei de Tiro na Fenícia. Sendo certo que o texto hebraico põe aqui a palavra Ofir em vez de Tarsis, isso nos leva para um lugar distante entre a África e a Ásia (cfr.I Re. 10,11). Daí talvez a confusão entre Tarsis e Ofir, que, de resto, pode resultar da aproximação destes textos ao do I Re. 10,22, que nos situa em pleno Mediterrâneo. O facto de aqui se dizer que "as naus de Tarsis", pertencentes ao rei Salomão, "acompanhavam a frota de Hiram", rei de Tiro na costa do Líbano, isso coloca-nos, sem margem para dúvidas, no Mediterrâneo oriental, que é o contexto geográfico natural de Gén. 10,4.

---

61 HERÓDOTO - *Histórias*, I, 94.

Em I Re. 22,48-50, a propósito de Josafat (867-846 AC), rei de Judá, ainda se vê melhor a origem da confusão entre Tarsis e Ofir, pois, aí, a expressão "naus de Tarsis" parece uma ajunta posterior (cfr. na versão dos LXX: I Re. 16,28 e note-se como a tradução correspondente da Vulgata põe Ofir em vez de Tarsis), a qual é usada no significado genérico, à maneira de tópico, e como que por antonomásia, para indicar navios de comércio ao largo no mar alto.

Por sua vez, o passo de Is. 23,1-14, integrado nos "oráculos contra as nações" (Is. 13-23), constitui, historicamente, uma informação correcta. Perante uma das invasões assírias, o profeta faz uma elegia convidando, de forma irónica, os ricos e orgulhosos habitantes de Tiro, habituados aos bons e lucrativos negócios do comércio marítimo com as naus vindas de Chipre carregadas, a fazer-se lavradores. Tanto pode referir-se à invasão de Assurbanípal (668-631 AC), como à de Asharaddon (680-669 AC), que, na sua passagem para a campanha do Egipto (671 AC), subjugou as cidades fenícias e deixou registado, depois, numa estela junto do Nahar al-Kalb, a norte de Beirute, o imenso espólio recolhido. É curioso verificar a associação do poder político, militar e comercial. Nesta composição elegíaca, como se vê pela inclusão semítica dos vv. 1 e 14 ("ululai, naus de Tarsis, porque o vosso porto foi destruido") e pela referência central do v. 6 ("regressai a Tarsis, habitantes da costa, e ululai"), a expressão "naus de Tarsis" repete-se duas vezes e o nome de Tarsis aparece sozinho (23,6) ou associado a "filha de Tarsis" (23,10). Diz-se mesmo que o porto de Tarsis "foi destruido" (23,1). Embora o texto, na sua redacção final, seja posterior a Isaías, como se vê dos acréscimos pós-exílicos dos vv. 15-18, todo o contexto deve ser visto no enquadramento das invasões assírias, que destruiram o comércio, que os fenícios desenvolviam a partir das suas

cidades com Chipre e o Egipto. No texto não se fala de fenícios mas das cidades de Tiro e de Sidon no território de Canaã: "O Senhor ordenou a destruição das fortalezas de Canaã" (Is.23,11). Neste passo, nada nos leva para longe do Mediterrâneo oriental e é neste quadrante geográfico que se deve procurar a misteriosa localização de Tarsis.

O passo de Ezequiel (27,12-15), misto de poesia e de prosa, é também de carácter lamentativo, situando-se num idêntico contexto de "oráculos contra as nações". É, de facto, uma lamentação sobre a queda de Tiro, cidade marítima e comercial por excelência, que agora se vê arrasada ou "descida ao Sheol", como pitorescamente se dizia no capítulo anterior (Ez. 26,20). Lembre-se apenas que, na prespectiva bíblica, o Sheol é o lugar subterrâneo da escuridão, isto é, dos mortos. Mais abaixo, surge uma explícita referência à escuridão da cidade de Tiro "navio duma beleza perfeita", (Ez. 27,3): "O vento do oriente" não é senão o exército babilonense do rei Nabucodonosor que, de 585 a 572 AC, cercou e destruiu a cidade (Ez. 26,7 s). O quadro político-geográfico esboçado por Ezequiel é mais largo que o do profeta Isaías e, por isso mesmo, fornece melhor moldura para o encaixilhamento topográfico de Tarsis. Na realidade, ao apontar Tarsis como "cliente" de Tiro, o profeta informa que Tarsis pagava as mercadorias de Tiro com tornas de "prata, ferro, estanho e chumbo"(Ez.27,12). Ora este comércio não pode deixar de nos pôr em contacto com um porto da Anatólia, região rica em minérios e, donde, ao tempo, se exportavam aqueles minerais 62.

62 GARBIN, G. - *I Fenici. Storia e Religione* , Nápoles, 1980, 65-69. IDEM - *"Popoli del Mare", Tarsis e Filistei* , "Momenti precoloniali nel Mediterraneo Antico" (Atti del Convegno Internazionale, Roma, 14-16 Marzo 1985), Roma. Consiglio Nazionale delle Ricerche, 1988, 235-242.

Os outros passos bíblicos, quer dos Salmos (Sl. 72//71,10) quer do livro de Jonas (1,3;4,2), não fornecem melhores dados para a localização geográfica de Tarsis. Onde ficaria então essa misteriosa e famosa Tarsis?

Há quem pretenda estabelecer relação de semelhança entre *Teresh - Tarsis - Tartessos* , a colónia fenícia na costa sueste da Península Ibérica, a que os gregos chamaram Tartessos (Schulten; Montenegro, Solà Solè, Taeckholm 63). Tal hipótese, porém, não ultrapassa a verossimilhança, que a homofonia onomástica permite, sem qualquer ressaibo de probabililidade real no contexto das movimentações dos "Povos do Mar".

Na realidade, do ponto de vista linguístico, a aproximação *Tarsis = Tartessos* apresenta uma dificuldade digna de nota , qual é a do aparecimento do T intermédio, para além das visíveis razões fonéticas. Foi Garbini quem, pela primeira vez, sublinhou a fragilidade da hipótese *Tarsis=Tartessos* 64. Dado que temos também uma referência hitita a Taruisha e uma referência assíria a Tarsis, talvez tenhamos de nos ficar no Mediterrâneo oriental. E, então, porque não aproximar Tarsis de Tarso, cidade da Cilícia, na Anatólia, como faz Garbini? Assim, quase se poderia fazer a grande equação de *Teresh, Tarsis, Taruisha, Tarso* (Ταρσος, em grego). O problema da segunda sibilante de Tarsis poderia explicar-se como sendo uma forma plural típica de diversas línguas anatólicas antigas. A ser assim, compreende-se que Tarsis (Tarso) fosse

---

63 Não há muito tempo , um arqueólogo alemão da secção madrilena do Instituto Arqueológico Germánico publicou uma tese onde, à base de textos bíblicos e extra-bíblicos, procura confirmar a identidade de Tarsis=Tartessos: KOCH, M. - *Tarschish und Hispanien*, Berlim, 1984 ("Madrider Forschungen, 14). Sobre o assunto, ver o que escreveu em tempos, AUSEJO, S. de - *El problema de Tartessos* , "Sefarad", 2, 1942, 171-192.

64 GARBINI, G. - *I Fenici, Storia e Religione* , Nápoles, 1980, 96-97. IDEM - *"Popoli del mare", Tarsis e Filistei* , 239-241. Cfr. FOIX, S. - *La Hélade y sus atletas en San Pablo : Tarso, metrópoli del comércio y dela ilustración helénica* , "Helmántica", 4, 1953, 443-454.

com toda a verossimilhança o porto da Anatólia donde embarcavam para Tiro e cidades fenícias as mercadorias de prata, ferro, estanho e chumbo (Ez. 27,12). A cidade de Tarso, na Cilícia , nas margens do rio Cidno, quase à beira mar, esteve, sem dúvida, muito ligada, desde cedo, ao comércio dos fenícios e foi destruida por Senaquerib (686 AC). Daí a razão porque, na perspectiva dos profetas Isaias e Ezequiel, durante as campanhas dos assírios e babilonenses, a cidade de Tiro aparece ligada à sorte da de Tiro. No II livro dos Macabeus há referência a Apolónio de Társis, governador da Celesíria e da Fenícia; contudo a leitura Társis pode ser conjectural, pois o texto grego dos LXX oscila entre Θαρσεου // Θρασαιου (II Mac.3, 5). Társo ganhou, depois, importância no período helenístico com os Selêucidas, tornando-se metrópole de comércio e ciência; foi a pátria de São Paulo.

É evidente que as razões filológicas para a recusa da identificação de Tarsis = Tartessos não invalidam as razões histórico-arqueológicas, que provam que Tartessos entrou no horizonte da influência orientalizante dos fenícios. Uma coisa é Tarsis e sua localização, outra coisa é as "naus de Tarsis", como designação genérica de navios de comércio marítimo de longo curso e alto mar que teriamm chegado à Espanha, a Tartessos, e mesmo para além dela, à costa atlântica de Portugal.

8º TJEKER. Mais uma vez, a semelhança dos nomes vai ser a pista que guiará os estudiosos para equacionar o nome dos *Tjeker* com *Teucro*. Este foi o herói epónimo dos teucros, povo que habitava Tróia, o lendário fundador de Salamina na ilha de Chipre. A ser verdade tal aproximação, os *tjeker* ou teucros seriam oriundos da parte ocidental da Ásia Menor. Note-se que, nas fontes hititas de Bogazkoi, este povo também é nomeado. Por sua vez, Wen-Amon, o viajante egípcio do séc. XI AC,

informa ter encontrado os *tjeker* em Dor, cidade-porto de mar na costa de Canaã, a sul de Haifa 65. Um autor como Anson Rainey tenta provar que Tjeker e *Shikalayu* são a mesma palavra, uma em egípcio, outra em forma semítica onde o *Ti* dá *Shi* e o *R* dá *L* . Todavia, de concreto, não é possível avançar qualquer outra hipótese sobre a origem deste povo apresentado como marinheiro e dado à pirataria. Dele, explicitamente se diz que provém do mar 66.

9º WESHESH. Também este nome representa um povo enigmático sobre o qual ainda não temos informações complementares. Sem que se saiba bem porquê, há quem o relacione com os *Wilusha* , citados em textos hititas e, por isso, os situe a sudoeste da Ásia Menor, na região de Ilion-Tróia. Mas tal tentativa de ubiquação é apenas aproximativa e artificial.

CONCLUSÃO - Todas as tentativas de identificação dos "Povos do Mar" assentam em razões de aproximação e semelhanças onomásticas dos designativos egípcios com nomes de povos de épocas posteriores.

Mas, de facto, por trás da história dos "Povos do Mar", referidos nos textos egípcios, não há quaisquer dados que, de modo positivo, nos levem à sua identificação e posterior acompanhamento cultural dos mesmos, ainda que fosse através de simples restos de "cultura material".

Dizer que vieram da Etrúria ou da Sardenha, para já não falar de Tartessos, significa aceitar a fantástica hipótese de "migrações

---

65 Cfr. o texto de Wen-Amon no (*ANET* , 25-29) "Antologia Documental", Nº 17. Com efeito, tal é a proposta de Anson RAINEY - *Toponimic Problems* , "Tel Aviv", 9, 1982, 134, e a que aderem Gregory Mobley e L.E STAGER ("BAR", XVII, 3, 1991, 43, nota 22, Da nossa parte, não encontrámos razões que justifiquem a recente afirmação de que tal se pode demonstrar "avec certitude" , a saber, que os *Tjeker* ou *Shikala* são idênticos aos *Shikalaw* dos textos de Ugarit e, como tais, antepassados dos *Sikeloi / Sicouli* da Sicília (GRANDET, P. - *O. c.*, 24, nota 4).

66 KITCHEN, V, 91 (Estela de Deir El-Medina).

arqueologicamente invisíveis", no sugestivo dizer de Trigger 67. Mas, se a arqueologia tem sido muda e continua reticente acerca da origem dos "Povos do Mar", também, como vimos, a onomástica não nos fornece fios de acompanhamento para a sua penetração no labirinto do mundo hitita ou micénico. Isso não quer dizer que não seja possível que alguns destes povos (Denyen, Ekwesh, Tjeker, Weshesh, e porque não os Peleshet?) tenham tido relações com os micenos.

Duma maneira geral, o lugar de origem ou proveniência destes povos deverá procurar-se no arco do Mar Egeu, no espaço geográfico, que vai do sudoeste da Ásia Menor ao norte da Síria, seguindo os estudos de Sandars e Strobel 68 . A hipótese duma emigração de povos do norte da Europa, conforme a tese de Spanuth 69, e apesar de todos os seus esforços comparativistas, não merece atendibilidade.

As causas da emigração dos "Povos do Mar" são complexas e prendem-se à situação geral do Mediterrâneo oriental na passagem do séc. XIII/XII AC, quando se verificou o colapso do império hitita. Sem dúvida que se podem conjugar cataclismos naturais, (Erupção do vulcão de Thera=Santorini, certamente anterior), razões climáticas com todo o cortejo de fomes, motivos étnicos (pressão migratória de povos indoeuropeus), talvez a consequente diminuição do comércio e motivos políticos ligados ao expansionismo assírio, o que, tudo junto, terá mesmo bloqueado os acordos de paz entre os hititas e os amurru 70.

67 TRIGGER, B.C. - *Beyond History* , Nova Iorque, 1968, in ALVAR, J. - O. c.
68 Cfr., nota 50
69 SPANUTH, Juergen - *Die Philister, das unbekannte Volk, Lehmeister und Wiedersacher der Israeliten*, Osnabrueck, Otto Zeller Verlag, 1980.
70 ALVAR, J. - O. c., 47.

A razão fundamental, segundo Baurain [71], teria sido, contudo, a destruição de Tróia VII, cerca de 1240/1230 AC, pelos micenos [72] . Estes teriam sido as primeiras vítimas da sua própria vitória pois, provocando a deslocação dos povos das vizinhanças, os chamados "Povos do Mar", tê-los-iam levado ao desespero de emigrações-invasões e destruições sucessivas no Mediterrâneo oriental e zonas periféricas, onde, aliás, já anteriormente se moviam. Só o Egipto de Ramses III, conforme ele mesmo relata nos relevos auto-elogiosos do seu templo mortuário de Medinet-Habu, a custo os conseguiu suster e repelir.

Quanto ao destino posterior destes povos, o lugar aonde alguns deles chegaram e se fixaram, apenas se pode especular ou fazer deduções em razão da semelhança dos nomes, como vimos. Para os Peleshet e Tjeker existem alguns dados de carácter literário, sobretudo da Bíblia e da narrativa da viagem de Wen-Amon, que nos permitem afirmar que eles se estabeleceram em Canaã e que, portanto, ali teriam deixado algumas marcas da sua cultura material.

Finalmente, seja-nos lícito dizer que não parece cientificamente curial tirar ilações arqueológicas ou mesmo avaliar os contributos tecnológicos dos "Povos do Mar" para o avanço civilizacional, como tentam fazer Raban e Robert R. Stieglitz [73], partindo exclusivamente dos desenhos dos relevos do templo de Medinet-Habu, como se eles fossem a representação real e "fotográfica" dos factos. Deste aspecto, porém,

---

71 BAURAIN, Cl. - O. c.

72 *MICENOS* é uma designação usada pelos historiadores contemporâneos mas ela não se encontra nos autores clássicos. Homero refere-se aos gregos dos tempos antigos empregando vários nomes, como Aqueus ou Acaios, Daneus e Argivos. Segundo a lenda, a cidade de Micenas era a capital da Grécia nos tempos épicos em que a "Ilíada" coloca a guerra de Tróia, Cfr.TAYLOR, Lord William - *The Mycenaeans*, Revised and enlarged edition, Londres, Thames and Hudson, 1991, 9.

73 RABAN, Avner; STIEGLITZ, Robert - *O. c.*

trataremos no capítulo seguinte ao falar dos Filisteus (*Peleshet*) e sua cultura material.

VIII

OS FILISTEUS NOS TEXTOS LITERÁRIOS

Os Filisteus (פְּלִשְׁתִּים), que já vimos ser uns dos grupos dos "Povos do Mar", têm merecido, nos ultimos tempos, particular atenção e interesse. Isso advem da tentativa de interligar as informações dos textos dos relevos de Ramses III no Egipto com as referências da Bíblia aos mesmos e ainda do desejo de comprovar todos estes dados literários com o resultado das escavações arqueológicas. Ora, é precisamente à luz desses vectores que, agora, queremos passar a estudar os Filisteus.

1° Os textos dos relevos egípcios.

Já apontámos os textos egípcios que, na sua origem e generalidade, falavam dos povos que, no reinado do faraó Ramses III (1186-1166 AC), atacaram o Egipto por terra e por mar e, hoje, são, impropriamente, chamados "Povos do Mar" (Cfr. capítulo VII). Os Peleshet (Filisteus) só nos aparecem no tempo de Ramses III: Inscrição do Ano 5°, duas inscrições do Ano 8°, Grande Papiro Harris, Inscrição do Ano 12°, Estela de Deir El-Medina. Na nossa "Antologia Documental" poderão ler-se esses textos. Como já também se disse, os Peleshet não são citados nas fontes hititas até hoje conhecidas, enquanto os textos assírios, mais tardios, falam dos Palastu.

2° A terminologia bíblica.

Comecemos por inventariar os passos da Bíblia onde os filisteus recebem denominações algo diferenciadas.

1 - פְּלִשְׁתִּים (PELISHTIYM = Filisteus [1]) tal é o nome corrente com que a Bíblia designa os filisteus. Ele translitera, logicamente, para hebraico o nome do povo, que o texto hieroglífico de Ramses III apelida de PWYRSh3TI (=Pelesht), e os textos assírios denominam PALASTU.

A tradução grega da Bíblia dos LXX verte esse nome por *ΦΥΛΙΣΤΙΙΜ*, mas desde o Livro dos Juizes (10,7.11) passa a traduzi-lo por *ΑΛΛΟΦΥΛΟΙ (Estrangeiros)*, como também faz o judeu helenizado Flávio Josefo. Em Isaías (9,12) encontramos a tradução *Ελλενεσ (gregos)*, o que parece demonstrar uma certa preocupação de actualizar a onomástica. A tradução latina da Bíblia (VULGATA) translitera o original hebraico por *Philisthiim* (Cfr. Gén. 10,14; 26,15; Jos.13,2,3; Jz. 3,3; 13-16 *passim*; I Sam. *passim*; Is. 9,11; 11,14; Am. 9,7; Zac. 9,6).

2 - אֶרֶץ פְּלִשְׁתִּים (´ERES PELISHTIYM = Terra dos Filisteus = *Peleshet*, Philisteia, Palestina, Gén.21,332.34;Sof.2,5; Sl.60//59, 10; 87//86,4;108//107,10), no singular, é um nome de carácter geográfico, com referência à zona costeira sul de Canaã onde este povo se instalou, vivendo paredes meias com os hebreus. Talvez por isso, o profeta Sofonias chama-lhe "terra dos filisteus" (Sof.2,5). Nesse sentido, se faz alusão ao "caminho da terra dos filisteus" (דֶּרֶךְ אֶרֶץ פְּלִשְׁתִּים, Ex. 13,17). Este caminho que, mais tarde, ficará conhecido como "Via Maris" (Is. 8,23), era a principal via militar e comercial entre o Egipto e o norte da Ásia, com passagem obrigatória por Canaã, junto à costa, por ser o caminho mais fácil de transitar e mais directo [2].

---

[1] HAAG, H.; BORN, A.van den; AUSEJO, S. - *Diccionário de la Biblia*, Barcelona, 1963, 709; DE VAUX,R. - *Les Philistins dans la Septante*, "Wort, Lied und Gottespruch. Beitraege zur Septuaginta", Festschrift fuer Joseph Ziegler herausgegeben von Joseph Schreiner, Wuerzburgo, Echter Verlag Katholisches Bibelwerk, 1972, 185-194.

[2] GARDINER, A.H. - *The Ancient Military Road between Egypt and Palestine*, "JEA", 6, 1920, 99-116.

3 - יַם פְּלִשְׁתִּים (YAM PELISHTIYM = Mar dos filisteus, Ex. 23,31) é outro designativo geográfico, indicando o mar Mediterrâneo na zona filisteia, certamente, por oposição ao designativo frequente de Yam Kinneret (Núm. 34,11; Jos.12,13; 13,27), isto é, ao lago de Genesaret ou de Tiberíades.

4 - פְּלִשְׁתִּים יַמָּה (PELISHTIYM YAMAH = Filisteus a ocidente). É mais uma indicação geográfica tirada da situação à beira mar. Com efeito, na Bíblia e entre os hebreus, a indicação do ocidente é feita por referência ao mar Mediterrâneo ou simplesmente ao Mar. *Yamah* é, portanto, um locativo direccional e implica a instalação dos filisteus junto ao mar.

5 - בִּימֵי פְּלִשְׁתִּים (BIYMEY PELISHTIYM = nos dias dos filisteus, Jz. 15,20), fornece-nos um interessante dado cronológico ao qual não se tem prestado atenção. Na realidade, ele parece-nos indicar que o livro dos Juizes e pelo menos a redacção da história de Sansão são relativamente tardios, quando já se tinha extinguido o poder dos filisteus e a sua memória restava apenas como facto histórico passado.

6 - בְּיַד פְּלִשְׁתִּים (BEYAD-PELISHTIYM = na mão dos filisteus, Jz.13,1.5) é expressão que serve para indicar poder. De facto, é muito comum o uso da palavra "mão" (יד) em hebraico para designar a força de alguém, no caso, o poder dos filisteus.

7 - סַרְנֵי פְּלִשְׁתִּים (SARNEY PELISHTIYM = Príncipes dos Filisteus, Jz. 3,3; 13; 16,5.8, *passim*) é sem dúvida, uma alusão à organização institucional administrativa dos filisteus. Há mesmo quem relacione esta palavra, de origem filisteia, usada depois na civilização púnica de Cartago, com o vocábulo grego *tyrannos* e, por ele, não só queira insinuar a origem indo-europeia dos filisteus mas até o modo de

governo da Pentápole filisteia de Canaã, evidenciado no livro de Josué, 13,2,3, quando se refere aos "distritos dos filisteus" (גְּלִילוֹת = Gueliylot) e aos "cinco príncipes dos filisteus" (חֲמֵשֶׁת סַרְנֵי פְּלִשְׁתִּים) a saber: Gaza, Ashdod, Ashqelon, Gat, `Eqron.

Toda esta terminologia, que acabámos de apontar, é, por certo, pouco significativa, na medida em que espelha estereótipos "a posteriori", isto é, que querem apenas apresentar uma situação histórica já passada, vivida na faixa costeira do sul de Canaã, onde filisteus e hebreus conviveram lado a lado num sindroma de afrontamento bélico secular. A gesta de David com Golias, apesar da sua moldura épico-lendária, traduz bem a realidade da vizinhança hostil de hebreus e filisteus. *`Eres Pelishtiym* e as demais designações apontadas situam-nos no quadro geográfico de Canaã onde, de facto, os filisteus tiveram o "Sitz im Leben" que a Bíblia e sobretudo o livro dos Juizes e o I Samuel lhes atribuem. Os filisteus da Bíblia não são uma saga ou lenda a desmitizar mas uma realidade histórica a interpretar. A Bíblia, por sua vez, mais que um livro de história, é uma obra literária escrita por homens de fé para homens de fé e onde o género literário "história" está ao serviço da religião [3].

3° - Dados bíblicos sobre os filisteus

É, agora, ocasião de percorrermos os diversos livros da Bíblia, que nos fornecem informações sobre os filisteus, e procurarmos retirar daí algumas conclusões.

---

[3] Cfr. os trabalhos apresentados no XXV Colóquio dos intelectuais judeus de língua francesa: *Mémoire et Histoire. Données et débats.* Textes présentés par Jean Halpérin et Georges Lévitte, Paris, Denoel, 1986; GARBINI, G.- *Storia e ideologia nell´Israele Antico* , Brescia, Paideia Editrice, 1986; TAVARES, A.Augusto - *História e ideologia dos hebreus* , "Impérios e propaganda na Antiguidade", Lisboa, Editorial Presença, 1988, 69-91.

2.1 - LIVRO DO GÉNESE - Aqui, dois passos prendem a nossa atenção:

1º - (Gén.10,13-14:*Tábua dos Povos.* [4]). É a celebre árvore genealógica dos 71 povos descendentes de Noé (73 nos LXX; 70 para a tradição rabínica por causa do simbolismo dos números ou *guematria* sagrada). Na realidade, trata-se duma espécie de árvore genealógica dos povos do mundo exprimindo, ao mesmo tempo, relações geográficas, étnicas, linguísticas e culturais, tudo apresentado dentro de conceitos religiosos típicos dos hebreus. De resto, o carácter religioso desta lista genealógica ressalta do confronto com outras (תּוֹלְדוֹת=*Toledot*) ao longo do Génese (5; 10; 11, 10-32), as quais, todas elas, são atribuíveis à redacção P e pretendem afirmar a unidade e continuidade (selectiva) da História da Salvação até Abraão, o Pai do Povo Eleito. Estamos, pois, metidos num dos parâmetros do exclusivismo hebraico, dentro duma perspectiva religiosa, que não oferece qualquer validade científica. É apenas um curioso olhar da fé hebraica sobre o cosmorama dos povos da Meia-Lua fértil, segundo a limitada e possível perspectiva geográfica da época. Sobrepõem-se e confundem-se dados geográficos (Egipto = país) e etnológicos (Egipto = epónimo).

Os filisteus são, desse modo, apresentados como filhos do Egipto (מִצְרַיִם הוֹלִיד = *Misraim hôliyd* = O Egipto gerou) e irmãos de Caftor (Creta); mas o hagiógrafo mais não faz do que recolher tradições, que o profeta Amós, no séc. VIII AC., já conhecia (Am, 9,7; Cfr. Jer. 47,4; Dt. 2,23). Esta tradição sobre a origem dos filisteus deve, de alguma maneira, enliar-se na história das invasões dos "Povos do Mar" e

---

[4] SIMONS, J.- *The "Table of Nations"; its general Structure and Meaning* , "OTS", 10, 1954, 155-184.

instalação dos filisteus em Canaã, o qual é tido como irmão do Egipto e ambos filhos de Cam e netos de Noé [5].

2º - (Gén. 20-21; 26: *A história de Abraão e Isaac entre os filisteus de Gerar*). Abraão teria encontrado os filisteus quando, tendo-se adentrado pelo deserto do Negev, levantou as suas tendas em Gerar, entre Cadesh e Shur (Gén. 20,1-18) e, mais tarde, em Bersheba, onde foi feito o pacto e juramento que fundamenta, etiologicamente, o nome e a origem da cidade de Bersheba (Gén. 21,20-33). É, então, que, expressamente, se fala da terra dos filisteus (`*eres Pelishtiym*, Gén. 21,32.34).

Os arqueólogos identificam Gerar com Tell Habu Hureira, escavado por Alon em 1956, e não com Tell Jemmeh, como propunha Petrie [6]. Este lugar de Gerar só torna a aparecer na Bíblia ao tempo de Asa, rei de Judá (II Crón. 14, 12-13), e o nome ainda surge assinalado na carta/mapa de Madaba, entre Gaza e Bersheba. A ser assim, Gerar ficava na zona montanhosa ao sul de Judá, tendo sido habitada ao longo do período do Bronze e apresentando, já na Idade do Ferro, bastantes provas do uso do ferro.

Gén. 21 conta como Abraão se safou da violência de Abimelek, rei de Gerar, entregando-lhe a sua mulher Sara, como se ela fosse tão somente sua irmã. A partir destes dados, e depois de Albright, tem-se defendido que Abraão esteve, de facto, em contacto comercial com os

---

5 Curiosamente, já em 1791, Frei Francisco de São Luís, OSB, futuro Cardial Saraiva, no acto de repetição da tese para doutoramento apresentada à Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra (*Dissertatio de Babelica Linguarum Confusione ad Gen.c. XI v.7 et 9.*), abundava nestas ideias críticas a propósito das narrativas do Génese. Cfr. BGUC - *Manuscritos de Teologia*.

6 AHARONY, Y. - *The Land of Gerar*, "IEJ", VI, 1956, 26-32. Em contrapartida, cfr. PETRIE, W.F. - *Gerar*, Londres, British School of Archaeology in Egypt, 1928.

"proto-filisteus", povo vindo do mar Egeu para negociar em Canaã e que teria penetrado no interior até Gerar. Baseado nestas afirmações da escola histórico-arqueológica de Albright e seus discípulos, Hindson [7] tenta provar a historicidade da contemporaneidade de Abraão com os "proto-filisteus" recorrendo ao falicioso argumento da verdade dos contactos comerciais da civilização micénica com Canaã.

Reconhece, contudo, que não há evidência da presença "filisteia" em Gerar nos tempos dos Patriarcas hebreus e admite, obviamente, que Abimelek é, na realidade, um nome retintamente semítico. O nome ABIMELEK é, de facto, um antropónimo composto de אבי+מלך, o qual significa "meu pai é rei"; aparece citado 24 vezes no Génese, 41 no livro dos Juizes e ainda uma vez no II Samuel,11,21, Salmo 34,1 e I das Crónicas,18,16, o que perfaz uma totalidade de 68 vezes, referindo-se ao menos a 4 personagens diferentes [8]. Mas este passo bíblico é, indiscutivelmente, uma nota anacronística dum autor tardio, guiado pelo mapa geográfico-etnológico posterior, e que sabe ser naquela região costeira, a Filisteia, que fica situada Gerar. Curiosamente, o mesmo Hindson nega que a história de Isaac, entregando a sua esposa Rebeca a Abimelek, rei de Gerar (Gén. 26,1-11.26-33), seja um duplicado literário da de Abraão, relatada pouco acima (Gén. 21,1-18; 21,20-33). Por tudo isto, recusa-se a aceitar a ideia dum anacronismo no Génese relativamente à presença dos filisteus. Peca, sem dúvida, por fundamentalismo historicista da narrativa e parece ignorar toda a problemática da análise literária no tratamento da Bíblia e dos textos religiosos em geral.

---

[7] HINDSON, Edward E. - *The Philistines and the Old Testament* , 3ª ed. ,Grand Rapids, Baker Book House, 1977, 93-105.

[8] ODELAIN, O.; SÉGUINEAU, R. - *Dictionnaire des noms propres de la Bible* , Paris, Cerf/Desclée de Brower, 1978, 4-5.

Segundo a crítica literária mais atilada, em relação ao problema da "esposa/irmã", temos no Génese três triplicados literários ou três tópicos decalcados "anedoticamente": Gén 12,10-18: Abraão e o faraó do Egipto (*tradição javeista*); Gén. 20,1-18: Abraão e Abimelek, rei de Gerar (*tradição Elohista*); Gén. 26,1-11: Isaac e Abimelek, rei de Gerar (*tradição javeista*). Este estratagema dos "duplicados" (Triplicados, aqui) é facilmente detectável e encontra-se de novo em Gén. 26,15-33 onde Isaac ocupa o lugar, que Abraão tivera en Gén. 21,22-32 a propósito da aliança e juramento de Bersheba .

Note-se, ainda , que o nome de Pikol (Gén. 21,22), chefe do exército de Abimelek, surge associado ao de Abimelek, embora não pareça nome semítico. Mais tarde, Isaac, filho de Abraão, também se vai encontrar com Abimelek, ainda que não possamos ajuizar se se trata da mesma pessoa. Do ponto de vista literário, porém, observe-se a semelhança de Gén. 20,1-18 a propósito do rapto de Sara, mulher de Abraão, por Abimelek, com o passo de Gén. 12,10-20; têm todas as características de ser um duplicado um do outro, e, neles, Abraão comporta-se como um nómada "Shasu". Se quiséssemos classificar estas narrativas quanto ao género literário, não hesitaríamos em chamá-las "legenda" ou lenda, o que, evidentemente, nos levaria a considerar esta história como uma retroprojecção, um "flash back".

Adiante, em Gén. 26,26-33, voltamos a encontrar outro duplicado (triplicado) de Gén. 12,10-20 e 20,1-18. Curiosamente, torna a ser Abimelek, rei de Gerar, agora acompanhado de Pikol e Ahuzzat (outro nome não semítico), quem tenta apoderar-se da mulher de Isaac e com ele faz aliança acerca dos poços. Como se vê, neste passo há também um decalque de cenas da vida de Isaac sobre cenas da vida de Abraão, o que nos mostra o uso, *a parte post*, do mesmo esteriótipo literário.

Agora, Isaac ocupa o lugar que Abraão tivera em Gén.21,22-32 a propósito do pacto e juramento de Bersheba

Já procurámos mostrar que a designação "Eres Pelisthiym" em Gén. 26,15 é de marca tardia e que a geografia do Génese é efeito duma retroprojecção histórica, um anacromismo resultante do conhecimento "a posteriori" da presença dos filisteus em Canaã. Não deixa, por isso, de ser curioso constatar que até Hindson [9], acaba por admitir que a referência ao "país dos filisteus" é uma interpolação do copista, mas sempre com a salvaguarda de que não se ponham em dúvida os contactos de Abraão com os "proto-filisteus".

A subsequente narrativa sobre a aliança de Bersheba deve ser vista como uma narrativa etiológico-etimológica, tipo "saga", sobre a origem do nome de Bersheba, "poço de sete" ou "poço do juramento" segundo a paronomásia de שִׁבְעָה (*shib`ah* =sete) e שְׁבוּע(*shabwa* (juramento), dado que, em hebraico antigo, as vogais não se escreviam e as palavras, na pronúncia, facilmente se confundiam..

A história de Isaac em Gerar (Gén. 26,26), onde também ele se encontra com Abimelek e Pikol, chefe do seu exército, dificilmente se pode tomar como histórica e não como um duplicado decalcado sobre idêntico episódio de Abraão (Gén.21-22). Trata-se, certamente, de pequenas "anedotas" sobre questiúnculas surgidas entre nómadas e pastores do deserto por causa da escassez de água, o que tem um "Sitz im Leben" perfeitamente compreensível.

Mas, o argumento mais forte para a afirmação do anacronismo relativo à presença dos filisteus em Canaã no tempo de Abraão/Isaac

---

9 HINDSON, E.E. - *O. c.*, pg. 101:" This, however, is probably a later insertion in the text by a copiest to identify the location. It does not necessarily prove that the whole story is to be doubted",

está no silêncio, que sobre eles cai na Bíblia até aos livros de Josué e Juizes. As referências ao "caminho do país dos filisteus" (*Derek Eres Pelishtiym,* Ex. 13,17) e "mar dos filisteus" (*Yam Pelishtiym,* Ex. 23,31) constituem mais uma prova desse anacronismo histórico em que cai o redactor final, induzido pelo conhecimento posterior da presença dos filisteus no sul de Canaã, junto à costa marítima, alguns séculos mais tarde.

2.2 - LIVRO DE JOSUÉ - De passagem e apenas em dois passos se faz alusão aos filisteus, elencando o que falta conquistar na terra de Canaã: Jos. 13,2: כָּל-גְּלִיּוֹת הַפְּלִשְׁתִּים ("todas as províncias dos filisteus" ; Jos. 13,3: חֲמִשֶּׁת סַרְנֵי פְלִשְׁתִּים ("os cinco prícipes dos filisteus: de Gaza, de Ashdod, de Ashqelon, de Gat e de `Eqron"). É evidente que estes textos correspondem à visão do redactor final, que, como se disse, projecta os seus conhecimentos histórico-geográficos no passado distante.

2.3 - LIVRO DOS JUIZES - Contém apenas as histórias dos juizes (chefes) Shamgar e Sansão.

1° - *Shamgar* (Jz. 3,31). É contado entre os juizes menores e apresentado de forma breve e desgarrada. Depois de enumerar as terras, que o Senhor deixara por conquistar para "provar as gerações dos filhos de Israel", o redactor cita explicitamente "os cinco príncipes filisteus" (Jz. 3,2-3) e, pouco depois, salienta as façanhas de Shamgar, filho de Anat, o qual conseguira matar 600 filisteus com a aguilhada de tocar os bois (Cfr.II Sam.23,11 s). Certamente que esta notícia coloca Shamgar na galeria das figuras heróicas da luta contra os filisteus ao tempo de David, tal como Dodo, Sibecai, El-Hanan e Jónatas (II Sam. 21,15-22). Talvez por isso mesmo, a transferência para um período

indeterminado da época dos Juizes corresponda a uma concepção épico-lendária com foros de "saga". Note-se que, liguisticamente, o nome *Shamgar* parece hitita ("Sangura") ou hurrita [10] e o do pai é cananeu; de facto, *Anat* , nome do pai de Shamgar, é também o nome duma deusa cananeia, irmã do deus Baal. Poderia, até, ter-se dado o caso de o redactor deuteronomista ter transformado um inimigo e opressor de Israel numa espécie de herói nacional, um caudilho contra os filisteus. Eis uma interpretação possível no complicado tecido literário da redacção bíblica [11], tanto mais que, em Jz.5,6, Shamgar parece revestir uma personalidade diferente.

2 - *As façanhas de Sansão* (Jz. 13-16). Do ponto de vista literário, os capítulos 13-16 do livro dos Juizes formam um bloco unitário e homógeneo quer quanto à estrutura da narrativa quer quanto ao género literário. Criticamente, nada custa aceitar que estes capítulos tenham tido vida própria e independente antes de ser integrados no conjunto narrativo a que, agora, pertencem. De facto, como história alongada, a narrativa das façanhas de Sansão não tem amarras com o que a precede nem com o que se segue. Forma um bloco literário, fechado sobre si, que podemos perfeitamente classificar como "lenda", isto é, um género literário, que realça o que tem valor paradigmático, exemplar. O centro de interesse é uma pessoa tornada religiosamente importante como imagem dum homem de Deus. A intenção das narrativas desta natureza não está em narrar o agir extraordinário do seu herói mas mostrar como, através dele, Deus manifestou a sua acção em favor do "povo eleito". Na realidade, quanto ao género literário, a pretensa história de Sansão assumiu todas as características duma

---

10 ODELAIN, O.; SÉGUINEAU, R. - *O. c.*, 343.

11 VON RAD, G. - *La Genèse* , Genebra, Ed. "Labor et Fides, 1968, 229-233, 273-277; TESTA, Emmanuele - *Genesi*, II, Turim, Marietti, 1974, 374; 429 s.

lenda, que concentra a visão épica das lutas entre hebreus e filisteus. Sansão é, sem dúvida, um homem de Deus, logo desde o nascimento, pela sua condição de "nazir", isto é, de consagrado ao Senhor. Vai, por conseguinte, ser apresentado como um super-homem com a força que lhe vem de Deus. Diríamos que antecipa, em moldura popular e heróica, o paroxismo da luta contra os filisteus, que o episódio do afrontamento entre David e Golias historicamente protagoniza, também ele, aliás, emoldurado, de maneira épica pela luta de David com o leão (I Sam. 17,34-35).

Não há que fazer aqui a exegese da história de Sansão. Sublinhe-se, apenas, como o dado sobrenatural invade a narrativa desde o seu início, pelo anúncio angélico do nascimento de Sansão e pela exigência da sua consagração enquanto "nazir" (Jz. 13,3-5). É este um estereótipo característico da Bíblia para classificar uma narrativa de vocação e missão, vincando o aspecto religioso da narrativa [12]. De resto, a consagração de Sansão como "nazir" [13], na dinâmica antitética de fidelidade// infidelidade, é o fundamento do enredo da narrativa, que apresenta, toda ela, uma focagem teológica, historicamente inverossímil, por mais que se situe em espaços de geografia bem demarcados, na zona da fronteira tradicional entre a Judeia e a Filisteia. Do ponto de vista cronológico é que a narrativa não encaixa bem, e por isso é que alguns autores, que a tomam como histórica (Lagrange, Moore), petendem que, primitivamente, ela devia vir a seguir a Jz. 16,31. Todo o agir heróico de Sansão é, sem dúvida, posto sob a acção e força de Deus, mesmo na bravata final (Jz. 16,28). O "Espírito do Senhor", *(Ruah*

---

12 HAAG, H.; AUSEJO, Serafín de - *O. c.*, 1785.

13 OLMO LETE, Gregorio del - *La vocación del líder en el Antiquo Israel, Morfologia de los relatos bíblicos de vocación*, Salamanca, Universidad Pontifícia, 1973. Assinale-se, porém, que este autor não analisa a figura de Sansão, com certeza por a não considerar histórica, ao contrário da de Gedeão.

Yahweh) que enchia e fortificava os profetas, também dinamizava Sansão (Jz. 13,25; 14,6.19; 15,14) que, por esse motivo, tinha consciência de não ser "como qualquer outro homem" (Jz. 16,17). Ora, tudo isto acontecia, segundo o reconhecimento expresso do redactor da narrativa, "por disposição do Senhor" (כִּי מֵיהוָה , Jz. 14,14). A tragicomédia acabou quando o Espírito do Senhor se retirou de Sansão (Jz.16,20: וְהוּא לֹא יָדַע כִּי יהוה סָר מֵעָלָיו) e ele ficou reduzido à banalidade da sua condição humana.

Outro indício, de que esta narrativa exorbita do mero género histórico, está no facto de ainda, à boa maneira das sagas patriarcais e dos contos de antanho, recorrer às etiologias enquanto forma explicativa de nomes de lugares algo complicados e pitorescos, como רמת-לחי (*Ramat-Lehiy* = "colina da queixada") e עין-הקורא (*Eyn-Haqqore´* = "fonte do que clama", Jz. 15,17.19). Este último poderia igualmente traduzir-se por "fonte da perdiz" já que, em hebraico, esta ave se chama *qôre* (II Sam. 26,20; Jer. 17,11), o que quadraria bem com o contexto. De facto, qual perdiz, exausta e perseguida pelos caçadores, se dessedenta e refresca nas poças e fontes da montanha, assim Sansão cansado e perseguido pelos filisteus.

Haveria ainda que ter em conta o facto de, na sua luta contra os filisteus, nunca Sansão ter organizado uma batalha em forma nem aparecer acompanhado de soldados. Ele age sempre sozinho, movido, como se disse, pelo Espírito do Senhor, usando de expedientes algo "anedóticos". À boa maneira dos heróicos lutadores hebraicos, que usam armas inocentes (Shamgar maneja o aguilhão e David vibra a funda), Sansão, contra os filisteus, sempre bem armados, aparece quase desprotegido, uma vez só com a queixada dum burro (Jz. 15,15),

sempre, porém, protegido pela força mágica dos seus cabelos, enquanto materialização ou elemento mediático do poder do Espírito do Senhor.

Também merece atenção a maneira leviana como ele quebrava o voto de nazirato contraindo casamentos mistos, de tipo "beena" [14], e rigorosamente proibidos a quaisquer israelitas (Ex. 34,16; Dt. 7,3), enveredando mesmo pela prática de prostituição com a bela Dalila.

Finalmente, observe-se como a nota cronológica de que Sansão foi juiz de Israel "durante vinte anos" (Jz. 15,20) reveste o aspecto de certo artificialismo, como se se tratasse dum apontamento historicizante introduzido pelo redactor final para colocar as histórias lendárias de Sansão no contexto da História dos Juizes; quiçá mesmo, esteja deslocada, aqui, a meio da narrativa, fazendo duplicado com a observação lógica e final de Jz. 16,31.

Por tudo isto, somos levados a concluir que Sansão é uma figura lendária, criada pelo colectivo popular para emblematizar as lutas aturadas que os israelitas tiveram de travar contra os filisteus a quando da ocupação da terra de Canaã.

Neste sentido, Sansão deve ser considerado como um herói épico, verdadeira antecipação do David histórico e, também ele, com as suas

---

14 A instituição do "nazirato" está descrita em Núm. 6. *Nazir* quer dizer "separado, consagrado" e assentava num voto, temporâneo ou perpétuo, que implicava a abstenção de bebidas alcoólicas, a proibição de cortar os cabelos e o tabú de contacto com mortos. A Bíblia refere os casos de Sansão, Samuel, talvez S. João Baptista, e até S. Paulo é citado como tendo feito um voto dessa natureza. Muitos cristãos adoptaram-no, depois, e nele se fundamenta o monaquismo cristão como forma de consagração a Deus. Cfr. DE VAUX, Roland - *Les Institutions de l`Ancien Testament* , II, Paris, Cerf, 1960 361-362. Sobre o casamento "beena", Cfr.*Ibidem* , I, 1958, 52. Esta designação *beena* é tirada dos etnógrafos, que estudaram as populações autóctones e primitivas das ilhas Ceilão, onde o marido deixa a casa de seus pais e vai habitar na casa dos pais da mulher. Todavia, esta terminologia parece inadequada pois o texto diz apenas que Sansão ia a Timna visitar sua mulher mas não diz que ele se tivesse transferido para a casa dos sogros nem muito menos se tivesse incorporado no seu clã.

fraquezas, um autêntico instrumento de Deus. Talvez por isso é que, nas catacumbas romanas da *Via Latina*, os cristãos não se coibiram de pintar, lado a lado, o herói lendário grego Hércules (cubículo N) e o herói bíblico Sansão (cubículo F), tomando-os como figuras paradigmáticas da luta contra as potências do mal [15].

Ultimamente, o estudioso hebraico, Othniel Margalith tem aprofundado o filão do comparativismo clássico entre Sansão e Hércules=Heráclio [16], cuja lenda os antigos israelitas teriam conhecido pelos contactos comerciais com os povos do mar Egeu, onde aquela teve o seu "Sitz im Leben" original.

Foi, portanto, esta lenda que o redactor final aproveitou e tratou atribuindo-lhe um ambiente vital no tempo dos Juizes, como tempo de algum modo mítico em relação aos tempos da monarquia e das lutas de David com os Filisteus. Ele situa-a no enquadramento real e geográfico da zona fronteiriça entre Judá e a Filisteia, no vale do Soreq (נַחַל שֹׂרֵק), 16 Km. a noroeste de Beth-Shemesh, e com centro em Timnah ou Timnatah, que os arqueólogos modernos identificam com Tell Batash [17].

---

15 DE VAUX, R. - O. c.

16 MANCINELLI, Fabrizio - *Catacombe e Basiliche. I primi cristiani a Roma*, Florença, Scala, 1987, 37.

17 A lenda de Hércules=Heráclio é descrita por Sófocles (*Trachiniae* , 900, 31). Cfr. MARGALITH, Othniel - *The Sea Peoples in the Bible* , Tel-Aviv, Dvir, 1968 (Hebreu); IDEM - *Samson´s Fox* ,"VT", 35, 1985, 224-229; ID. - *Samson´s riddle and Samson´s magic locks*, "VT", 36, 1985, 225-234; Neste artigo, Margalith recorda a lenda de Cila, filha de Nisos, rei de Mégara, a qual, apaixonada por Minos, atraiçoou o pai cortando-lhe o fatal caracol do cabelo, razão duma força misteriosa e garantia da salvação da cidade. Por isto se vê como, no mundo pre-grego, minóico-micénico, existiam narrativas paralelas às de Sansão. ID. - *More Samson Legends* , "VT", 36, 1986, 397-403; ID. - *The Legends of Samson/Heracles* ,"VT", 37, 1987, 63-70. Já antes, assim se pronunciara G.Von RAD e outros exegetas, que não têm escrúpulos em classificar as histórias de Sansão como género literário épico, tipo saga ou lenda. São Jerónimo classificava estes textos de "fábula" (*In Epistol. ad Philemon*, 4 s.,"PL", XXVI, 245. Também EUSÉBIO - *Chronicon*, 840,32; Cfr. "DEB", 1164-1165; SOGGIN, J. Alberto -*Judges* , 2ª ed., Londres, SCM Press, 1987, 225-257 (Col."Old Testament Library").



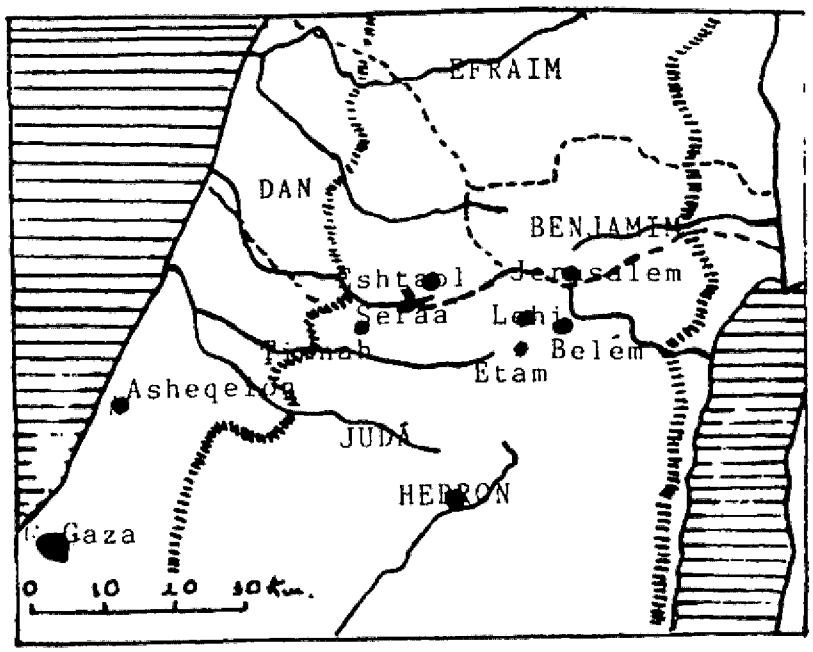
ROMA - Catacumbas de VIA LATINA , Cubículo N :

Hércules no jardim das Hespérides e a matar a hidra.



ROMA - Catacumbas de VIA LATINA, Cubículo F :

Sansão mata os filisteus com a cachada dum burro.



Delimitação geográfica das acções de Sansão

Assim se criaram as condições para a historicização da tragicomédia de Sansão, o qual, de resto, nem sequer é lembrado na galeria dos heróis antigos no livro do Eclesiástico. Este, seguindo o programa do elogio dos antepassados ("Louvemos os homens ilustres, nossos antepassados, segundo as suas obras", Eclo.44,1), apenas faz referência genérica aos Juizes.

2.4 LIVROS DE SAMUEL (I-II) - São aqueles em que a história de Israel começa a tomar uma dimensão mais histórica, apesar de se manter a visão teocrática, que, aliás, faz parte da essência da Bíblia enquanto e porque "História da Salvação" (*Heilsgeschichte*). É nestes livros também que os filisteus aparecem no papel de príncipais inimigos de Israel. Embora as narrativas obedeçam a critérios selectivos, elas permitem-nos, contudo, perceber a crise da "anfictionia" hebraica e o abatimento em que, perante os filisteus, se encontravam os israelitas, tanto mais que ainda não havia consciência nacional nem um

poder centralizado e centralizador. As narrativas conseguem mesmo convencer-nos de que o povo hebraico vivia numa situação de infidelidade ao seu Deus, que tinha a sua representação visível na Arca da Aliança, guardada no santuário de Silo, e através da qual exercia a sua presença mediática para com o seu "Povo Eleito".

1 - *Batalha de `Eben-`Ezer e captura da arca da Aliança* (I Sam. 4-6). A narrativa começa por apontar a corrupção do sacerdócio com a velhice de `Eli e o desaforo de seus filhos. Tem-se a impressão que o redactor quer salientar este "pecado" dos sacerdotes para, depois, justificar a tragédia como castigo colectivo, dado que ainda se não tinha descoberto a lei da responsabilidade pessoal. Entretanto descobre-se outra lei da economia divina em relação ao "Povo Eleito": Ele peca - Deus castiga; ele arrepende-se - Deus perdoa. É, assim, neste movimento quaternário, como já salientamos, que, desde então, se vai processar a diacronia da história de Israel num sindroma de derrotas, que só será quebrado e ultrapassado com o rei David.

Tentemos, antes demais, proceder a uma análise terminológica a respeito desta batalha que se insere, de facto, nas "Guerras de Javé", como diz Van der Lingen [18]. É que, se aqui não aparece a terminogia típica das "Guerras de Javé", como מִלְחֲמוֹת יהוה (*Milhamot Yehowah* = Guerras de Javé, I Sam. 18,17; 25,28) ou יהוה אִישׁ מִלְחָמָה (*Yehowah `ish milhamah* = Javé é um guerreiro, Ex. 15,3), possivelmente em ligação ao extraviado "Livro das Guerras de Javé" (=*Sefer milhamot Yehowah* , Num. 21,14), a ideia, essa é que não deixa de transparecer através de termos paralelos ou conotantes. Vejamos, então, alguns dados dessa terminologia afim:

---

18 KELM, George L.; MAZAR, Amihai - *Excavating in Samson Country-Philistines & Israelites at Tel Batash*, "BAR", XV, 1, 1989, 36-49.

I Sam. 4,3: לָמָּה נְגָפָנוּ יְהוָה הַיּוֹם לִפְנֵי פְלִשְׁתִּים (="porque nos derrotou, hoje, Javé diante dos filisteus?".

- אֲרוֹן בְּרִית-יְהוָה... וְיוֹשִׁעֵנוּ מִכַּף אֹיְבֵינוּ (="A Arca da Aliança nos livre da mão dos nossos inimigos").

- 4,4: יְהוָה צְבָאוֹת (= "Javé dos exércitos").

- 4,8: מִי יַצִּילֵנוּ מִיַּד הָאֱלֹהִים הָאַדִּירִים הָאֵלֶּה אֵלֶּה הֵם הָאֱלֹהִים הַמַּכִּים אֶת-מִצְרַיִם = ("Quem nos livrará da mão deste Deus glorioso ... que feriu o Egipto ?").

- 5,6: וַתִּכְבַּד יַד-יְהוָה אֶל-הָאַשְׁדּוֹדִים וַיְשֹׁמֵם וַיַּךְ אֹתָם = ("A mão de Javé pesou sobre os habitantes de Ashdod e aterrorizou-os e feriu-os").

- 5,7: קָשְׁתָה יָדוֹ עָלֵינוּ = ("Pesou a mão dele sobre nós").

- 5,9: וַיַּךְ אֶת-אַנְשֵׁי הָעִיר = ("E feriu os habitantes da cidade").

- 5,11: כָּבְדָה מְאֹד יַד הָאֱלֹהִים = ("Pesava muito a mão de Deus").

- 6,3: לָמָּה לֹא-תָסוּר יָדוֹ מִכֶּם= ("Porque não se retirou de vós a sua mão").

- 6,5: אוּלַי יָקֵל אֶת-יָדוֹ מֵעֲלֵיכֶם= ("Talvez alivie de sobre vós a sua mão").

- 6,19: וַיַּךְ בְּאַנְשֵׁי... = ("E feriu os habitantes...").

Por esta série de textos, com sua linguagem metafórica e cheia de antropomorfismos, ficamos a saber que o povo de Israel perdeu a batalha e deixou captiva a Arca da Aliança mas que, depois, a mão invisível de Deus, infundindo temor e flagelos de "tumores e ratos" aos

filisteus, a libertou e conduziu de novo à posse dos israelitas. Trata-se, portanto, duma verdadeira "guerra de Javé".

Deslindado o carácter religioso desta guerra, fica-nos o problema histórico-geográfico. Se a determinação temporal é apenas relativa e hipotética dentro da cronologia geral da história hebraica, já a situação geográfica é bastante fácil de enquadrar no terreno. Os nomes de terras antigas conservaram-se com certa fidelidade e, por isso, resulta assaz provável a reconstituição, em mapas, das deslocações dos filisteus contra Israel bem como a indicação dos campos de batalha. Por tudo isto, podemos afirmar que a ambientação geográfica das narrativas dos Livros de Samuel se apresenta digna de crédito e está exacta.

2 - *A vitória de Samuel em Mispah* (I Sam. 7). Depois do que dissemos sobre a redacção do Deuteronómio, não será preciso, aqui, embrenharmo-nos na questão redaccional. Tão pouco nos parece necessária a hipótese de Van der Lingen [19] sobre a possibilidade duma redacção anterior à actual, como se a primeira fosse de carácter militar a descrever a batalha e a segunda de carácter litúrgico com apelos à conversão. De facto, resulta claro que a terminologia da guerra transparece de novo, em formas secundárias onde a acção se atribui a Javé. Senão vejamos:

- I Sam 7,3: וְיַצֵּל אֶתְכֶם מִיַּד פְּלִשְׁתִּים = ("Ele vos livrará da mão dos filisteus").

- 7,8: וְיוֹשִׁעֵנוּ מִיַּד פְּלִשְׁתִּים = ("E Ele nos salve da mão dos filisteus").

---

19 VAN DER LINGEN, ANTON - *Les Guerres de Yahvé* , Paris, Cerf, 1990, (Col. "Lectio Divina", 139).

- 7,10: וַיַּרְעֵם יהוה בְּקוֹל־גָּדוֹל בַּיּוֹם הַהוּא עַל־פְּלִשְׁתִּים וַיְהֻמֵם וַיִּנָּגְפוּ לִפְנֵי יִשְׂרָאֵל= ("E trovejou Javé sobre os filisteus com voz grande naquele dia, e eles foram consternados e derrotados diante de Israel").

- 7,13: וַתְּהִי יַד-יהוה בַּפְּלִשְׁתִּים כֹּל יְמֵי שְׁמוּאֵל = ("E esteve a mão de Javé contra os filisteus durante todos os dias de Samuel").

A debilidade da terminologia das "Guerras de Javé" não impede que se veja claramente a construção religiosa e didática deste trecho, que, na sua estrutura, parece corresponder a uma celebração cultual do verdadeiro "judaismo" pós-exílico, à maneira de Esdras (Esd. 9-10; Ne. 9-10).

Na verdade, apenas se fala de batalha e do movimento das tropas filisteias; nada se diz do exército israelita, do qual só Samuel, teoricamente, aparece como soldado e sem armas. Ele é, sobretudo, um resistente, fortalecido pelo "armamento" moral e religioso decorrente da sua fidelidade a Javé. Daí que, antes demais, ele faça um apelo à conversão do povo para que rejeite o culto cananeo-filisteu de Baal e Astarte e se comprometa a servir somente a Javé. Repare-se como a palavra *servir* (abad) funciona como uma palavra-chave que nos traz ao espírito o discurso de Josué ao povo na célebre assembleia de Siquém com a consequente ratificação da Aliança (Jos. 24). Afinal, é o mesmo redactor Dtr. com as mesmas preocupações e com o mesmo estilo. O pecado dos sacerdotes nos caps. 4-6 é agora alargado e visto como pecado de todo o povo. De resto, observe-se ainda como em todo o capítulo se usam expressões totalizantes para indicar o povo de Israel, numa altura em que, quando muito, só deveríamos falar de "anfictionia" das tribos hebraicas. Há, portanto, uma evidente e tardia idealização expressa em frases como: כָּל-בֵּית יִשְׂרָאֵל = ("toda a casa de Israel", I

Sam. 7,2.3); כָּל-הַמְּקוֹמוֹת ="todos aqueles lugares" I Sam.7.16);יִשְׂרָאֵל = "Israel", I Sam.7,9.10.15.17). A indicação cronológica "era já o vigésimo ano" (ISam. 7,2; cfr. Jz. 15,20) parece uma interpolação posterior mas, na realidade, deve atribuir-se ao redactor final Dtr..

Em face da tomada de consciência por parte do povo, Samuel organiza em Mispah uma celebração de carácter litúrgico-penitencial cujo esquema se desdobra na oração de intercessão de Samuel, confissão colectiva de culpa, oferta do holocausto dum cordeiro (7,5-9). No decurso deste ritual, literariamente cortado pela referência à vitória de Javé e à perseguição dos israelitas sobre os filisteus, há a sublinhar um rito singular e o levantamento duma estela "memorial", narrado logo a seguir.

O rito popular de tirar água e derramá-la só aparece neste passo da Bíblia, embora depois, já no Novo Testamento, possamos encontrar algo de semelhante por ocasião da festa dos Tabernáculos (Jo. 7,23). É possível que esse gesto estivesse ligado ao rito penitencial e à confissão dos pecados, como acontecerá com o baptismo de João Baptista e de Jesus (Mt. 3,11; Mc. 1,4; Lc. 3,3). Neste sentido, poderíamos aduzir como confirmação aquele passo das Lamentações de Jeremias em que se fala de "derramar o coração como água diante do Senhor" (Lam. 2,19). Todavia, com esse singular gesto ritual de "tirar e derramar água" poderia apenas indicar-se um símbolo da fé em Javé, única fonte de vida e de fecundidade, como fez David (II Sam. 23,16), até porque, antes (I Sam. 7,3), tinha havido referência à "baalização" do culto de Javé através do sincretismo dos cultos de Baal e de Astarte, deuses cananeus de fecundidade e fertilidade. Este combate religioso anti-sincretista pode acompanhar-se desde o Dt. 12,29-31 através da campanha do profeta Elias a quando do reinado de Acab, rei de Israel,

871-852 AC, (I Re. 18-19), de Jonadab no tempo do rei Jehú, de Israel, 842-814 AC, (II Re. 10,15-27) e de Jeremias instigando a reforma religiosa do rei Josias, de Judá, 640-609 AC, (II Re. 23).

O levantamento da estela "memorial" (7,12) não passa duma etiologia sobre o nome de *`Eben-`Ezer* , lugar onde se dera a batalha narrada anteriormente (I Sam. 4). Com efeito, o levantamento da pedra ou "estela" está, geograficamente, deslocado, pois não deveria ser posta em Mispah mas junto de Afek. *`Eben-`Ezer* signifca "pedra de auxílio" e, em termos cristãos, poderíamos compará-la ao levantamento duma capela ao "Senhor do Socorro". Mas, também este gesto de Samuel se inscreve na repetição de clichés literários que se encontram no Dtr., por exemplo, quando relata a renovação da Aliança por Josué e o levantamento duma pedra "memorial", tão ao gosto da tradição religiosa de Canaã (Jos.24).

Não há, por conseguinte, a narrativa duma batalha em Mispah; há, sim, a descrição épica duma intervenção divina de Javé, segundo o tópico da do livro de Josué 10. Na realidade, o cliché é o mesmo e até as palavras são idênticas. Basta comparar I Sam 7,10-11 com Jos. 10,10 e encontraremos não só a ideia de tempestade (trovão//granizo) mas as mesmas palavras para exprimir a ideia de terror que Javé infundiu nos inimigos do seu povo:

I Sam. 7,10 -11		Jos. 10,10
...וַיהוָה *בְּקוֹל* -גָּדוֹל *וַיְהִם*	/	וַיהוָה לִפְנֵי יִשְׂרָאֵל
וַיהוָם *וַיִּנָּגְפוּ* לִפְנֵי יִשְׂרָאֵל	/	וַיְהִם *מַכָּה* -גדולה
וַיִּרְדְּפוּ ... וַיְהִם עַד-	/	וַיִּרְדְּפֵם ... וַיְהִם עַד-

TRADUÇÃO:

"E trovejou o Senhor com voz grande..."	"E consternou-os o Senhor diante
e foram consternados e derrotados	de Israel /e feriu-os com grande
diante de Israel... e perseguiram	matança e perseguiu-os....
... e mataram-nos até - "	e matou-os até - "

Como se vê da comparação dos textos da batalha, apenas três palavras (sublinhadas) de I Sam. 7, 10-11 não estão em Jos. 10,10, e só uma palavra (sublinhada) de Jos. 10,10 foi trocada para se enquadrar no contexto da trovoada. Como parece evidente, o texto de Jos. 10,10 foi o estereótipo que o redactor do I Sam.7,10-11 teve diante dos olhos como modelo.

Somos, assim, levados a concluir que a batalha de Mispah é uma narrativa teológica e não uma crónica histórica [20]. O redactor elaborou-a de forma pouco habilidosa, devido ao deslocamento que fez da etiologia de `Eben `Ezer. Removeu-a, efectivamente, de junto de Afek para Mispah, onde Samuel era juiz de Israel (I Sam. 7,6) e para onde foi convocado o povo com a subsequente celebração litúrgco-penitencial. É, portanto, neste contexto cultual, que devemos compreender o *Sitz im Leben* desta singular batalha. Afinal, Javé é um guerreiro, ele é que é o verdadeiro combatente e vencedor dos filisteus, fazendo ribombar seu

---

20 VAN DER LINGEN, A. - *O. c.*, 129-138. Cfr. DE VAUX, R. -*O. c.*, II, 73-86; LIND, MILLARD C. - *Yahweh is a Warrior. The Theology of Warfare in Ancient Israel*, Scottlade, Herald Press, 1980; PURY, A de - *La guerre sainte israelite*, "Études Théologiques et Religieuses", 56, 1981, 5-38; VON RAD, G. - *Der Heilige Krieg im alten Israel*, Zurique, 1951; WEIMAR, P. - *Die Jahwekriegserzaehlung in Exodus 14, Josua 10, Richter 4 und I Samuel 7*, "Biblica", 57, 1976, 38-73; HEINTZ, J. G. - *Idéologie et Instructions de la "Guerre sainte" chez les Hébreux et dans le monde sémitique ambiant*, "Études Théologiques et Religieuses", 56, 1981, 39-45 dá a bibliografia até 1981.

trovão (I Sam. 7,10; cfr. Ex. 14,14; Jos. 10,11), forte e estrondoso; deste modo, Ele espalha o medo e terror entre os inimigos de Israel (I Sam. 7,10; cfr. Ex. 14,24; Jos. 10,10; Jz. 4,15). Samuel é, certamente, o último dos Juizes de Israel e, como tal, um instrumento do agir de Javé, Deus de Israel. Daí o valor optimal da afirmação "a mão do Senhor fez-se sentir sobre os filisteus durante toda a vida de Samuel" (I Sam. 7,13).

A batalha de Mispah contra os filisteus não foi de natureza militar mas teológica. Enquanto vitória de Javé, tem significado religioso e não histórico. Por isso é que é recordada e descrita da maneira como no-la apresenta o readctor Dtr.. De resto, é desta maneira que os profetas escrevem a história (Cfr. Isaias, Jeremias, Oseias).

Recorde-se, por fim, que Mispah, onde Samuel "julgava" o povo (I Sam. 7,6.16), era um lugar de culto e de ajuntamento popular e será, de novo, um lugar de concentração popular importante a quando da partida do povo para o Cativeiro de Babilónia (II Re. 25,23.25; Jer.40-41). Etimologicamente, *Mispah* vem da raiz SPH (=observar) e implica a ideia de vigilância, estar de atalaia. Com efeito, *mispah* é, por natureza, um lugar em terreno elevado, um miradouro ou observatório donde se pode perscrutar o horizonte e dar sinal em caso de perigo ou ataque. *Mispah* ganhou importância, depois (Jos, 18,26; II Re. 25; Jer. 40-41; Ne. 3,7), e, hoje, é identificada com Tel en-Nasbeh, na antiga fronteira de Benjamim, 12 Km a norte de Jerusalém [21].

3 - *Guerras de Saúl contra os filisteus* (I Sam. 8-15). Instituida a monarquia, certamente para melhor se organizar a defesa contra os ataques dos filisteus (I Sam. 8,20), a tarefa e o destino do primeiro rei

---

21 HERTSBERG, Hans Wilhelm - *Die Samuelbuecher*, 2ª ed., Goettingen, Bandenhoeck & Ruprecht, 1960 (Das Alte Testament Deutsch). Diz este autor a pg. 49: "hier keine "historischen" Berichte vorliegen".

Saúl foi, de facto, uma luta contra os filisteus. A causa da sua rejeição acabará por ser não uma real vitória dos filisteus mas uma misteriosa desobediência à vontade de Deus (I Sam. 13,7-15; 15). Logo, também aqui, nos confrontamos com a história religiosa em que Samuel interferirá, de novo, para ungir o rei substituto de Saúl (I Sam. 16).

Com Saúl, a guerra contra os filisteus recomeçou e agudizou-se. Inicialmente, tudo parecia correr pelo melhor, quando Jónatas, filho de Saúl, passou ao fio da espada a guarnição dos filisteus postada em Guibeá (I Sam.13,1-18) e, depois, num acesso de temeridade, conquistou os lugares estratégicos dos filisteus, Micmas e Guibeá, em plena fronteira montanhosa de Judá/Benjamim (I Sam. 14). Como reconhece o próprio redactor, Saúl "para onde quer que levasse as suas armas voltava vencedor" (I Sam. 14,47). Contudo, a luta de Saúl contra os filisteus, por mais encarniçada que fosse, mesmo com as façanhas de seu filho Jónatas e com as arremetidas de David, acabaria por fracassar. Movido pelo ciúme em relação a David, não soube aproveitar os méritos militares deste jóvem e obrigou-o a andar foragido. Saúl morreria ingloriamente depois da derrota, que os filisteus lhe infligiram nos montes de Guilboá (I Sam.31).

A descrição das guerras em tempo de Saúl já reveste características bem reais, já pisa terreno geograficamente bem demarcado, apesar de o elemento sobrenatural ainda aparecer como fio condutor e explicativo das vitórias de Israel (I Sam. 14,6.23) e da misteriosa rejeição de Saúl (I Sam. 13,7-15; 15,10-35). Para confirmação da sua historicidade só nos falta o testemunho de documentação extra-bíblica.

David e os filisteus (I Sam. 16; II Sam.,1- I Re. 2). O rei David é, sem dúvida, o grande obreiro da monarquia unificada de Israel, o heróico dominador dos filisteus. O ciclo narrativo dos seus feitos começa, logo, em tempos de Saúl, com a unção real dada pelo profeta Samuel (I Sam. 16) e atinge o seu climax emocional com o lendário afrontamento do pequeno David e do gigante Golias (I Sam. 17). Voltaremos à analise deste duelo singular para realçar o que ele tem de emblemático e signifcativo.

Todo o ciclo de David, enquanto figura fundadora e tutelar do reino glorioso de Israel, está impregnado do sobrenatural. E se a história Dtr. ainda mostra o claro-escuro das suas virtudes e pecados, já a história do Cronista (I Cr. 11-29) esquece as suas deficiências, exalta as suas acções e faz da oração de David um autêntico hino litúrgico de acção de graças, verdadeiro *Te Deum* de louvor (I Cr. 29,10). O rei David "faleceu numa feliz velhice, cheio de dias, de riquezas e de glória" (I Cr. 29,28).

Na mentalidade hebraica antiga, assim viviam e morriam os homens de Deus, os justos; por isso não é de admirar que, na galeria dos heróis e santos de Israel, o autor do Eclesiástico "canonizasse" David como um "separado dentre os filhos de Israel" (Eclo. 47,2), isto é, um eleito de Deus, um autêntico "nazir".

Na trajectória da vida de David, relativamente aos filisteus, encontramos algo de contraditório, que só o carácter lendário e popular das narrativas permite associar. Com efeito, David aparece na liça notoriamente associado a Saúl e enfatizando a vitória contra os filisteus no célebre duelo com Golias (I Sam. 17).

Pouco depois, perante as perseguições ciumentas de Saúl, David vai procurar refúgio precisamente entre os filisteus, junto de Akish, rei de Gat (I Sam. 21,12). Do ponto de vista onomástico, este Akish poderia corresponder a Ankises, o pai do lendário Eneias [22]. De facto, há aqui algo de irreal e estranho que nem o estratagema da pretensa loucura de David perante Akish consegue explicar. E isto é tanto mais evidente quanto, a seguir, David vence os filisteus em Qe`ilah (I Sam. 23,1-13), pequena cidade da Shefelah, talvez a *Kelti* das Cartas de El-Amarna, 14 km a noroeste de Hebron, para, logo depois, se voltar a refugiar junto de Akish. Como se a luta com Golias fosse ignorada, apresenta ao rei filisteu seus préstimos militares, disposto mesmo a combater os israelitas, e dele receberá a chefia de Siqlag (I Sam. 27,5-6;30,1-14; cfr. Jos.19,5; I Crón.4,30), posto avançado dos filisteus contra as investidas dos nómadas do deserto do Negev, 15 km a nordeste de Bersheba [23], para nos atermos à toponímia ainda aceite.

Este episódio da estadia de David em Gat, entre os filisteus, revela três características com que a lenda popular soube aureolar a figura de David [24]:

1ª - a capacidade e habilidade de David em afrontar as situações difíceis;

---

22 *Mispah = Tell en-Nasbe* foi escavada arqueologicamente por um consórcio da ASOR e da Universidade de Yale. Cfr. MCCOWN, C. - *Tell en-Nasbe*, 2 vols., New Haven, ASOR, 1947.

23 WAINWRIGHT, G.A. - *Some Early Philistine History*, "VT", 9, 1959, 77. Quanto à localização e identificação de Siqlag, várias propstas têm sido avançadas: Tell Khuweilifeh (=T. Halif), Tell esh-Sheri`a, Tell Masos. Cfr. BIERLING, Neal - *Giving Goliath his due* , Grand Rapids, Baker Book House, 1992, 154-159. Por último, e com algumas razões válidas, V. Fritz propõe que Siqlag seja identificada com Tell es-Seba, que Aharoni tinha identificado com a cidade de Bersheba e que esta fosse deslocada para o lugar de Khirbet Beer-Sheba, o lugar da "cidade velha", junto ao poço de Abarão. Cfr. FRITZ , Volkmar - *Where is David´s Ziklag* , "BAR", XIX, 2, 1993, 58-61.76.

24 HAAG, H.; BORN, A. Van der; AUSEJO, S. de - *O. c.*, 1871.

2ª - a situação desesperada a que David chegou com a aparente loucura e a cena da baba a escorrer-lhe pela barba, num transe de angústia pior que o de José na cadeia (Gen. 39,20);

3ª - a protecção divina, que o sustentava e que, embora aqui não expressa, aparece a cada passo, ou na consulta do Senhor (I Sam. 22,3.10; 23,2.4; 30,8; II Sam. 2,1; 5,19.23) ou no conforto do Senhor (I Sam. 30,6).

Fortalecido, deste modo, com a ajuda divina ("O Senhor marchará diante de ti para esmagar o exército dos filisteus", II Sam.5,24), mas também armado do conhecimento experimental, que adquirira dos próprios filisteus, feito rei de Israel em Hebron, David pôde infligir-lhes derrotas decisivas no Vale dos Gigantes, Vale de Refidim, Baal Farasim, expulsando-os de Guibeá até Guezer (II Sam. 5,17-25) e noutras batalhas em que "humilhou os filisteus, tirando-lhes as rédeas do governo" (II Sam. 8,1).

Depois de David, os filisteus respeitarão o poder de Israel e só, esporadicamente, aparecerão no tablado político-militar de Canaã. Israel também nunca conseguiu, em definitivo, expulsar os filisteus do seu território, pelo que ainda os encontraremos referidos em alguns profetas e na campanha de Senaquerib até ao Egipto [25].

2.5 LIVROS DOS REIS - Praticamente, em vários passos do Livro dos Reis, as referências aos filisteus servem para afirmar que, apesar de tudo, os filisteus continuavam a viver lado a lado com Israel na terra/país dos filisteus (`*Eres Pelishtiym*, I Re. 4,21; 15,27; 16,15).

---

25 GONÇALVES, Francolino J. - *L`Expédition de Sennachérib en Palestine dans la littérature hébraique ancienne*, Paris, J. Gabalda et C.ie Éditeurs, 1986 (Col. "Études Bibliques", N.S. n° 7).

O II Livro dos Reis mantém a afirmação anterior (II Re. 8,2-3) e ainda nos informa das lutas do rei Ezequias (727-698 AC.) contra os filisteus derrotando-os até Gaza e devastando o seu território (II Re. 18,8).

2.6 LIVRO DAS CRÓNICAS - Dentro dum outro estilo e com outra teologia, retoma toda a história de Israel (História do Cronista). Refere a genealogia dos filisteus, tal como vem no Génese (I Cr. 1,12) e, depois, em passos paralelos, leva-nos às guerras de Saúl (I Cr. 10,1-14; cfr. I Sam. 31,1-13), ao reinado de David (I Cr. 11,13-47; cfr. II Sam. 23,8-39) e suas lutas (I Cr. 12,20-23; cfr. I Sam. 29). Em tudo o que se relaciona com David, o Cronista tem a preocupação de salientar a protecção divina: "o Deus dos exércitos estava com ele" (I Cr.11,9), "veio a ter um grande exército, como um exército de Deus" (12,23); "o Senhor tornou-o temível diante de todas as nações" (14,17); "o Senhor protegia David em todas as suas empresas" (18,13).

No II Livro das Crónicas há, porém, informações complementares em relação à história Dtr. do II Livro dos Reis. Continua a afirmação da existência do "país dos filisteus" (II Cr. 9,26), mas somos informados de como o rei Josafat de Judá (867-846 AC.) obrigou os filisteus a pagarem-lhe tributo (17,11) e de como Jorão, rei de Judá (846-843 AC) sofreu um assalto devastador por parte dos filisteus, que, conjugados com os árabes, pilharam o próprio palácio real (21,16). No reinado de Ozias de Judá (769-733 AC.), os Israelitas fizeram uma expedição contra os filisteus e conseguiram ocupar zonas do territóro de Ashdod (26,6); todavia os filisteus voltaram à carga no tempo do rei Acaz de Judá (733-727 AC.) e conquistaram Beth-Shemesh, Aialon e outras cidades nos arrabaldes de Timnah (28,18).

Vê-se, portanto, que a "terra/país dos filisteus" e o reino de Israel coexistiam na terra de Canaã numa situação precária, minimamente tolerada e periodicamente disputada.

2.7 LIVROS DOS PROFETAS - Sempre que os profetas se referem aos filisteus, ou recordam as lutas passadas desses inimigos de Israel ou os têm debaixo de mira no contexto dos célebres oráculos contra as nações pagãs: Is, 2,6; 9,12; 11,14; Jer. 25,20; 47,1.4; Ez. 16,27; 25,16.16; Am. 1,8; 6,2; 9,7; Os. 1,19; Sof.2,5; Zac. 9,6. Mas, dos oráculos ainda poderemos falar em parágrafo à parte se, para tanto, sobejar tempo.

2.8 LIVRO DOS SALMOS - É em contexto histórico-laudativo que os Salmos aludem aos filisteus para mostrar o que Deus fez pelo seu povo: Sl. 56 (55),1 a recordar I Sam.21,11 s; Sl. 60 (59),10; Sl. 83 (82),8; Sl.87 (86),4; Sl. 108 (107),10. Neste último salmo, de evidente cariz triunfalista, os versículos 8-14 são tirados do salmo 60 (59),7-14, o que mostra que todo este salmo é uma composição bastante tardia.

3° DUELO DE DAVID/GOLIAS: *Alcance teológico (I Sam. 17-18),5)*.

A sequência narrativa está literariamente integrada na história do reinado de Saúl.

O texto, propriamente dito, apresenta diferenças entre a redacção do TM (hebraico) e a dos LXX (grego); este contém várias omissões relativamente àquele. É isso que leva Barthélemy [26] a afirmar a

[26] BARTHÉLEMY, D.; GOODING, D.W.; LUST, J.; TOV, E. - *The Story of David and Goliath*. Textual and Literary Criticism. Papers of a Joint Research Venture, Friburgo/ Goettingen, Ed. Universitaires/ Vandenhoeck & Ruprecht, 1986 ("Orbis Biblicus et Orientalis", 73); BIERLING, Neal - *Giving Goliath his due*, Grand Rapids, Baker Book House, 1992, 147-150.

prioridade dos LXX, verdadeira "vorlage" do TM. Por sua vez, Rofé [27] procura estabelecer a secundaridade do texto dos LXX, baseando-se em razões de crítica textual e motivos literário-linguísticos, atribuindo-lhe datação e ambiente ideológico tardios.

Fixando a nossa atenção na análise da sequência narrativa, com o bisturi da crítica literária, fácil nos é distinguir anomalias, que manifestam o seu carácter composto. Os versículos 12-15 constituem uma cesura ou corte no desenrolar da narrativa, a qual suportaria facilmente a sua eliminação. Tais versículos parecem acrescentados ao texto pelo redactor Dtr. para fazer a ligação com o fio histórico de I Sam. 16. De resto, mais abaixo (I Sam. 17, 55-58), não se compreende o desejo de Saúl em querer conhecer David, como se o não conhecesse já desde I Sam. 16,18-23. Aliás, em toda a secção de I Sam. 17, 12-31 paira a ideia de que Saúl não conhece David. Ora isto permite-nos deduzir que o redactor Dtr., procurando harmonizar duas tradições diferentes, não conseguiu de todo cerzi-las e unificá-las.

Mas, há mais, se compararmos as informações deste capítulo com as do II Sam. 21, 19-21. De facto, há aqui, algo de contraditório.

No II Sam. 21, 19 é um tal `Elhanan, filho de Ya`rey `Orgiym, de Belém, quem mata Golias de Gat, o qual "tinha uma lança cujo cabo era como um cilindro de tear" (cfr. I Sam. 17,7). Em II Sam. 21,20, contudo, fala-se do gigante filisteu de Rafah, "de enorme estatura, que tinha seis dedos em cada mão e em cada pé, isto é, vinte e quatro dedos"; insultava Israel e foi morto por Jónatas, filho de Shim`iy, irmão de David (cfr. I Sam. 17,4-5). Dando-se, talvez, conta da contradição com a

---

27 ROFÉ, Alexander - *The Battle of David and Goliath: Folklore, Theology, Eschatology*, "Judaic Perspective on Ancient Israel" (cura J. Neusner - B. A. Levine - E. S. Frerichs), Philadelphia, 1987.

narrativa de I Sam. 17, o redactor Dtr. acrescenta esta conclusão harmonizante: "Estes quatro homens eram naturais de Gat, da estirpe de Rafah, e pereceram às mãos de David e de seus homens" (II Sam. 21,22).

O cenário do duelo, que substituiu a batalha, está bem enquadrado no Vale do Terebinto (עֵמֶק הָאֵלָה), o actual Wadi es-Sant, 8 Km. a sul de Beth-Shemesh e de Jerusalém, cerca de 20 km a oeste de Belém, zona mais ou menos palmilhada por Sansão.

Qual o alcance desta narrativa? Note-se, antes de mais como o duelo de David/Golias , ainda em tempo de Saúl, destoa com a síntese das proezas de David contra os filisteus, que II Sam. 21,15-22 coloca no fim da vida do mesmo David. Aqui, estes breves relatos inserem-se como apêndices, destinados a pôr em relevo a heroicidade de David e seus guerreiros, sempre patrocinados pela protecção divina, como salienta o próprio David na acção de graças de II Sam. 22, decalque do Salmo 18 (17) e no testamento espiritual (II Sam. 23) em que imita Jacob (Gén. 49) e Moisés (Dt. 33). Em David, para o Dtr., faz-se a unidade política do povo, de que Jacob/Israel é epónimo fundaddor e Moisés legislador.

Observe-se, porém, como o Cronista ignora este duelo de David/Golias, e, pelo contrário, ao descrever alguns dos valentes colaboradores de David, narra como Banaías, venceu um "egípcio de cinco côvados de altura, o qual tinha na mão uma lança semelhante a um cilindro de tear" (I Cr. 11,22-23).

Contudo, a obra tardia do Eclesiástico, ao fazer o elogio de David, refere e mostra conhecer já a história do duelo de David/Golias (Eclo. 47,4-5).

Em conclusão, julgamos que a narrativa deste duelo desigual tem um alcance histórico-teológico. Trata-se duma narrativa lendária, espécie de *saga* , elaborada pelo redactor Dtr. com o apoio de tradições diversas, como mostramos, e com a qual o Dtr. quis realçar o patrocínio divino nas lutas desiguais entre israelitas e filisteus, emblematizando-as em David e Golias. Por isso, como não podia deixar de ser na história bíblica, o maravilhoso e o sobrenatural estão omnipresentes.

Sem dúvida que o imaginário popular terá, depois, carreado os materiais, que ajudaram à hiperbólica apresentação da estatura do gigante e ao espanto das suas armas (I Sam. 17,4-7), que serão guardadas, religiosamente, como troféu sagrado (I Sam. 21,10; 22,10).

A literatura comparada do Médio Oriente conhece narrativas de heróis extraordinariamente armados, como o Sinuhé do Egipto [28] e alguns heróis homéricos [29]. Há mesmo quem identifique o armamento de Golias com aquele que aparece na arte micénica do período LH III C, [30] e Homero classifique Páris, Menelau, Aquiles, Heitor e os guerreiros aqueus como bem armados [31]. Também entre os hititas se conhecem os duelos de campiões ou valentes, à semelhança do que teria acontecido

---

28 BAUR, - "RB", 65, 1958, 125; GRESSMANN, 71.

29 WAINWRIGHT, G.A. - *Ibidem* ,"VT", 9, 1959, 79. Cfr. o duelo de Páris e Menelau, na Ilíade, onde se nos descreve o armamento de Páris: "...passou as suas belas armas em torno dos ombros:primeiro envolveu as pernas em grevas;em segundo lugar revestiu o peito com uma couraça, a couraça de seu irmão Licáon,que lhe ficava bem. Para cima dos ombros atirou a espada dos cravos de prata, feita de bronze, depois o escudo grande e robusto. Sobre a sua forte cabeça pôs um capacete bem forjado, ao qual se prendia um rabo de cavalo: terrível, o penacho sacudia-se no alto. Ele agarrou o fero pique que estava feito para a sua mão. Do mesmo modo, Menelau, caro a Ares, revestiu as suas armas" , HOMERO - *Ilíade* , 2° ed., Mem Martins, Publicações Europa-América, 1988, 53, (Cap.III).

30 HINDSON, Edward E. - *O.c.*, 154.

31 HOMERO - *Ilíade*, XXII, 273; XIII, 831; WACE, A.; STUBBINGS, F. (Eds.) - *A Companion to Homer*, Londres, Macmillan, 1962, 505-515.

Nos relevos de Medinet-Habu, nada de especial se refere quanto aos Peleshet.

O Grande Papiro Harris afirma: "Eu matei os Denyen nas suas ilhas, os Thekker e os Peleshet foram feitos em cinzas. Os Sherden e os Weshsesh do mar". Mas daqui também nada se pode deduzir quanto à proveniência dos Peleshet.

Só a estela de Deir el-Medina poderia considerar-se como fornecendo a indicação de que os Peleshet fossem do mar: "Ele (Ramses III) espezinhou os países estrangeiros, as ilhas que navegaram (contra as suas fronteiras) ... deixou estonteados os Peleshet e os Teresh do meio do mar". Mas, mesmo aqui, não se pode apoditicamente concluir que os Peleshet sejam "do meio do mar"; aparecem, sim, associados aos Teresh que são "do meio do mar".

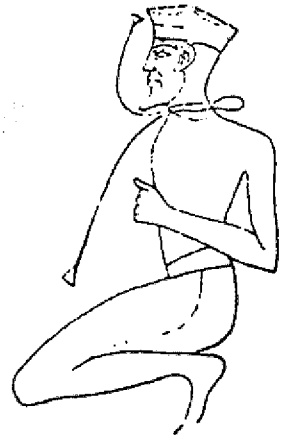
Por tudo isto, apenas podemos dizer que, na perspectiva egípcia, os Filisteus são vistos, juntamente com os outros povos seus confederados, como de origem trans-mediterrânica, isto é, de além-mar. Talvez por isso, é que o atilado e prudente mestre Pe.De Vaux declarava: "rien ne nous dit qu´ils aient eu derrière eux une tradition de gens de mer" [33].

Por conseguinte, à luz dos textos egípcios, nada de positivo e concreto se pode concluir quanto à origem e proveniência dos Peleshet. Nesta posição se colocam N.K.Sandars e outros e nós não duvidamos em secundar esses autores. Em literatura, tornou-se lugar comum, que todos repetem, caracterizar os Peleshet pelo capacete ou "coroa de penas", atendendo aos desenhos dos relevos de Medinet-Habu; todavia,

---

33 DE VAUX, R. - *HAI* , I, 468-480. Não nos foi possível consultar, do mesmo autor, *La Phenicie et les Peuples de la Mer.* Mélanges de l´Université Saint-Joseph - Beyrut , 45/29, 1969, 481-498.

como sublinha Sandars, os desenhos são mais simbólicos que realistas e "identical headgear was worn by the Tjeker and possibly the Denyen and Shekelesh as well" [34]. Não se deve insistir sobre o realismo dos relevos para detectar os elementos caracterizantes e distintivos de cada povo ali representado, o que nos parece exagerado na análise comparativa de Trude Dothan [35] . Acentuar essa nota é não compreender o carácter simbólico e esteriotipado da arte egípcia e a sua dimensão simbólico-ideológica. De resto, na colunata norte do templo de Medinet-Habu só um peleshet é declarado e identificado como tal; é ele o chefe barbado, sem "coroa de penas", feito prisioneiro de Ramses III:



MEDINET-HABU, Templo de Ramses III - Colunata norte:
Relevo do chefe filisteu prisioneiro.

4.2 - A Bíblia tem afirmações claras quanto à origem e proveniência dos *Pelishtiym* ou Filisteus, mas elas são relativamente tardias. Preferimos, agora, seguir a ordem cronológica dos escritos à chamada ordem canónica dos livros bíblicos.

---

34 SANDARS, Nancy K. - *The Sea Peoples*, 134.
35 DOTHAN, Trude - *The Philistines and Their Material Culture* , Jerusalém, Israel Exploration Society,1982.

Neste caso, a mais antiga referência à origem dos filisteus é do profeta Amós, um escritor do séc. VIII AC. Deste, modo, entre os Peleshet dos textos egípcios, no séc.XII AC, e os filisteus da Bíblia medeiam cerca de 400 anos. Diz Amós: "Porventura não sois vós para mim, ó filhos de Israel, como os filhos dos etíopes? - diz o Senhor? Acaso não fiz sair Israel da terra do Egipto, como os filisteus de Caftor, e os sírios de Quir? " (Am.9,7). Sem dúvida que o ponto formal desta interpelação retórica de Amós está em convencer o povo de Israel de que, no contexto das nações, ele é o "Povo Eleito" apenas por vontade gratúita de Deus. Não pode, por isso, fiar-se nos seus méritos para escapar à ira de Deus. O deus Javé que os libertou do Egipto foi o mesmo que fez sair os filisteus e os sírios. É neste contexto, fazendo alusão a uma tradição cujo fundamento se ignora, que o profeta aduz, como termo de comparação, o êxodo dos filisteus de Caftor, cuja localização, aliás, é pressuposta mas não determinada.

Também Jeremias, um profeta do séc. VII AC, afirma perentório acerca dos filisteus: "Neste dia, Ele vem para arruinar todos os filisteus, para arrancar a Tiro e a Sídon todos os que ainda lhe estão aliados, porque o Senhor vai arruinar os filisteus, restos da ilha de Caftor. Gaza rapou a cabeça, Asheqelon está aniquilada, Ashdod é resto dos anaquitas" (Jer,47,4-5). O contexto histórico deste passo do oráculo contra os filisteus insere-se na marcha guerreira de Nabucodonosor, rei de Babilónia, através da Fenícia, da Filisteia e de Israel contra o Egipto, que tinha à sua frente o faraó Nekao (610-595 AC). Note-se que na versão grega dos LXX , os oráculos contra as nações (Jer. 46-51) vêm a seguir ao cap.25, o que quadra melhor com a lógica interna dos acontecimentos históricos. A alusão a Caftor é tão somente um tópico vago da tradição.

O profeta Ezequiel, do séc. VII/VI AC, tem igualmente um oráculo contra os filisteus: "Eis que levanto a minha mão contra os Filisteus, vou exterminar os cretenses e destruir o que resta aos habitantes da costa" (Ez.25,16). Parece que o profeta identifica os filisteus com os cretenses, (כרתים) talvez porque, conforme a tradição, os julga oriundos de Creta (Caftor), e é a eles que se refere ao situá-los, agora, na costa do mar, ao lado de Judá.

Finalmente, o livro do Génese, ao elaborar a célebre "Tábua dos Povos", relata: "Misraim gerou os ludim, os anamim, os lehabim, os naftuhim, os pathrusim, os kalushim, dos quais provieram os filisteus e os kaftorim" (Gén.10, 13-14). Parece evidente que o Génese, obra bastante recente e pós-exílica, de tradição ou fonte sacerdotal (P), reune tradições mais antigas e, talvez por associação à ideia de que os filisteus vieram de Caftor, liga filisteus e caftoritas. Na Bíblia, às vezes Filisteus alinha com Keretitas e Pelelitas, outras vezes Filisteus identifica-se com Keretitas: "Fizemos uma incursão no Negueb dos keretitas (נגב הַכְּרֵתִי), no território de Judá, no Negueb de Caleb, e incendiámos Siqlag... encontraram a enorme presa que tinham trazido da terra dos filisteus (מֵארֶץ פְּלִשְׁתִּים) e de Judá" (I Sam. 30,14...16).

Como quer que seja, julgamos que nem Génese nem Jeremias identificam Caftor nem sabem onde fica. Por isso mesmo, a questão da origem ou proveniência dos Peleshet// Filisteus do séc.XII AC não pde decidir-se à luz destes tardios e problemáticos dados bíblicos. Entretanto, um outro problema nos surge, como veremos de seguida.

5º Creta (Caftor- Keftiu) - terra dos Filisteus ?

 = KFTIW

Creta, todos o sabemos, hoje, é uma ilha do Mediterrâneo oriental, a maior das ilhas do mar Egeu, com 8.336 km2 de superfície. Povoada desde os alvores da civilização, ficaram célebres as cidades de Cnossos e Faistos (Festo = Hagia Triada), centros e testemunhas da cultura Minóica, do nome do lendário rei de Creta e aureolada pelos nomes de Ariana, Dédalo, Icaro, e Teseu, relacionados, respectivamente, com o Labirinto e o Minotauro. É uma região onde se acumulam restos que testificam a passagem de diversos povos (aqueus, micénicos, dóricos) e, como tal, um sítio privilegiado para a arqueologia 36. De lá nos chegaram muitas tabuinhas com o alfabeto Linear A, ainda não identificado. Por tudo isto, Creta deve ter desempenhado um papel importante para os antigos navegantes e comerciantes do Mediterrâneo oriental.

Os textos egípcios falam várias vezes de Keftiu. Nos anais das suas campanhas militares, na 9ª, Tutmosis III (1504-1450 AC) associa Djahi, Keftiu, Biblos, e Sektu 37. Por sua vez, as listas do Templo de Amon em Karnak, onde se referem os nomes dos paises asiáticos sob o império do Egito, citam o nome de Keftiu sob Amenófis III e sob Ramses II 38 . O nome de Keftiu aparece ainda nas cenas do comércio asiático dos túmulos de Tebas (Nº 86) 39, como figura também no Hino da Vitória de

---

36 TREUIL, René; DARQUE, Pascal; POURSAT,Jean-Claude; TOUCHAIS, Gilles - *Les civilisations égéennes du Néolithique et de l´Age du Bronze* , Paris, PUF, 1989.

37 "Ora, cada cidade portuária de Sua majestade foi fornecida com toda a espécie de bens que Sua majestade recebia no país de Djahi, Keftiu, Biblos e barcos de cedro de Sektu, carregados com troncos e vigas, como ainda muito madeirame para as obras de Sua majestade..." , *ANET*, 241.

38 "ANET", 242. Cfr. DELCOR,M. - *Les Kerétim et les Crétois* ,"VT", 28, 1978, 409-422; GAUTHIER, H. - *Dictionnaire des noms géographiques contenus dans les textes hieroglyphiques*, Cairo, 1931; PRIGNAUD, J. - *Caftorim et Kerétim* , "RB", 71, 1964, 215-229; REDFORD, DONALD B. - *Egypt, Canaan, and Israel in Ancient Times*, Princeton, Princeton University Press, 1992, STRANGE, J. - *Caphtor/Keftiu: A new Interpretation*, Leiden, 1980, 99-101.

39 "ANET", 248.

Tutmosis III [40]. Finalmente, são os oráculos ou "Admonições de IPU-WER", que nos falam do óleo (azeite) de Keftiu com que eram embalsamados os nobres, mas que "agora já não vem" [41].

Na linguagem do Egipto Antigo, é possível que Keftiu não indicasse de modo exclusivo apenas a ilha de Creta; talvez abrangesse antes toda a região do Mar Egeu. Como quer que seja, não se podem negar relações entre o Egipto e as regiões do mar Egeu, sobretudo no período micénico, visíveis nos vasos de pórfiro, de tipo egípcio, descobertos nas ruinas do palácio de Cnossos, bem como nos vasos de argila, de proviniência egeia, encontrados em túmulos egípcios. E sabe-se que, para além de escaravelhos egípcios achados em Micenas, recentemente foram descobertos recipientes egeus até na Núbia [42]. Qualquer que seja a identificação de Keftiu, está fora de causa a interrelação Egeu-Egipto e vice-versa. Estabeleceu-se um verdadeiro comércio com troca de bens; e se o Egipto importava da zona do Egeu cobre, utensílios, cerâmica e azeite, exportava também cereais e manufacturados preciosos [43].

A documentação hitita tem várias referências à zona do mar Egeu e, concretamente, a Kaptara (=Keftiu), sempre em relação com os artigos de comércio. Também os textos cuneiformes assírios aludem a Kaptara. Em contrapartida, e ao invés do que se esperaria por causa do porto de mar, não consta que em Ugarit aparecesse qualquer referência a Kefitu

---

40 "ANET", 374.

41 "ANET", 441. Este texto constitui uma espécie de género profético, à maneira de certos oráculos da Bíblia, escrito na XX Dinastia, cerca de 1350-1100 AC, mas é provável que o original seja muito mais antigo.

42 AVDIEV, V.I. - *História económica y social del Antiguo Oriente. I: El Egipto faraónico* , Madrid, AKAL Universitária, 1986, 41, 85. Não conseguimos encontrar KNAPP.B. - *Alashyia, Caphtor/Keftiu , and Eastern Mediterranean Trade: recent studies*, "JFA", 12, 1985, 231-250.

43 REDFORD, Donald B. - *O. c.*, 242

(Kaptara, Caphtor, Creta); apenas do séc. XIII AC há uma alusão a Kabturi, que alguns identificam com Caphtor [44].

A Bíblia Hebraica, por mais duma vez, cita o nome de Caftor relacionando-o com a pátria dos Filisteus (מִכַּפְתּוֹר, Dt.2,23; Am.9,7; Jer.47,4; Ez.26,15); os autores modernos, por sua vez, tendem a identificar Caftor com Creta porque, em certos textos, se fala dos *Keretitas* (Cretenses), aos quais se associam os Peletitas, espécie de mercenários ligados a David, vindos da zona da Filisteia (I Sam.30,14; II Sam.8,18; 15,18; 20,7.23; I Re.1,38,44). Note-se que já a "Tábua dos Povos" (Gén,10,14) irmanava Filisteus e Caftoritas (*Cretenses*) como filhos do Egipto (מִצְרַיִם = Misrayim). Parece haver, de facto, qualquer tradição a ligar os Filisteus aos "Povos do Mar", que a Bíblia nunca cita, e às ilhas do Mediterrâneo, mas essa tradição deve ser tardia, aparecendo no livro de Amós, no séc.VIII AC. Quanto ao mais, a Bíblia não fornece nenhum outro argumento em favor da pátria dos Filisteus e da ubiquação de Caftor.

A tradução latina da Vulgata é um bom exemplo da incompreensão face a Caftor. Talvez por isso, preferiu traduzir Caftor por Capadócia (*Cappadocia//Cappadoces*), nome que, ao tempo da tradução, era bem conhecido e localizado e, por assonância, se lhe assemelhava bastante bem; no passo de Ezequiel 25,16, porém, traduz: "Ecce ego extendam manum meam super Palaestinos et interficiam interfectores (TM: כְּרֵתִים). Ainda não há muito, Wainwright se pronunciava pela defesa da identificação de Caftor = Capadócia [45].

---

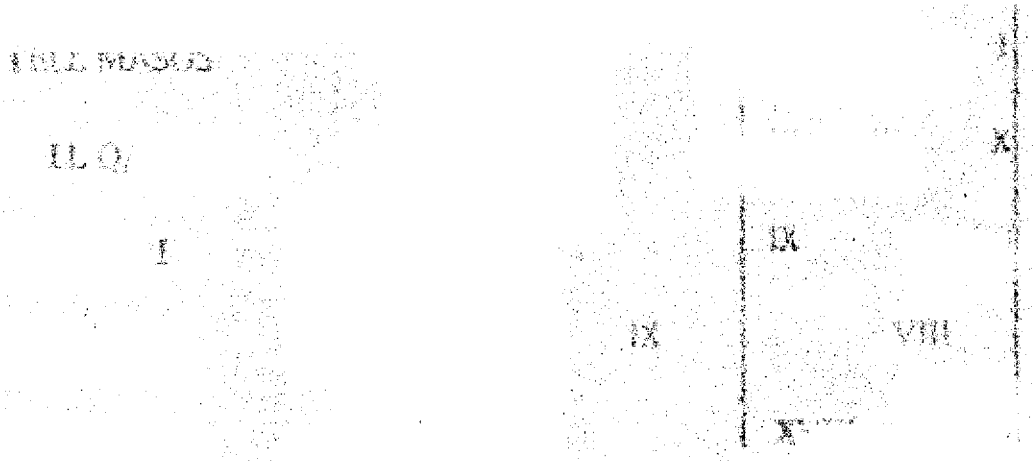
[44] SANDARS, N.K. - O.c., 39. Cfr. cap. II, nota 8, pg. 209.

[45] WAINWRIGHT,G.A. - *Caphtor-Capadocia* , "VT", 6, 1956, 199-210. Cfr. os paralelos bíblicos em "Biblia Sacra juxta Vulgatam Clementinam", Roma/ Paris, Desclée & Cie, 1956.

CONCLUSÃO - Embora os mais modernos historiadores aceitem, em definitivo, a identificação Caftor=Ketiu=Creta, nada há de positivo e determinante para afirmar que os Filisteus provêm de Caftor= Creta. Pelo contrário, do ponto de vista literário, as fontes egípcias coevas, como vimos, sendo vagas, parecem levar-nos para norte, que é como quem diz, para as regiões do sul da Ásia Menor ou Anatólia. Estamos convencidos que uma das razões mais fortes para esta idetificação se deve à cena da "Batalha Naval" do templo de Medinet-Habu. A respeito dela, sem justificação, se vai dizendo e repetindo que os estrangeiros de "capacete de penas", a lutar nos barcos, são os filisteus e os de "capacete de cornos" são os sardana. A pátria dos filisteus e o lugar da sua proveniência, enquanto invasores do Egipto, no séc. XII AC, continuam a ser um enigma que as fontes literárias não ajudam a resolver. Resta-nos ver se algo se pode deduzir sobre a pretensa estadia dos Filisteus em Canaã depois de repelidos do Egipto pelas tropas de Ramses III.



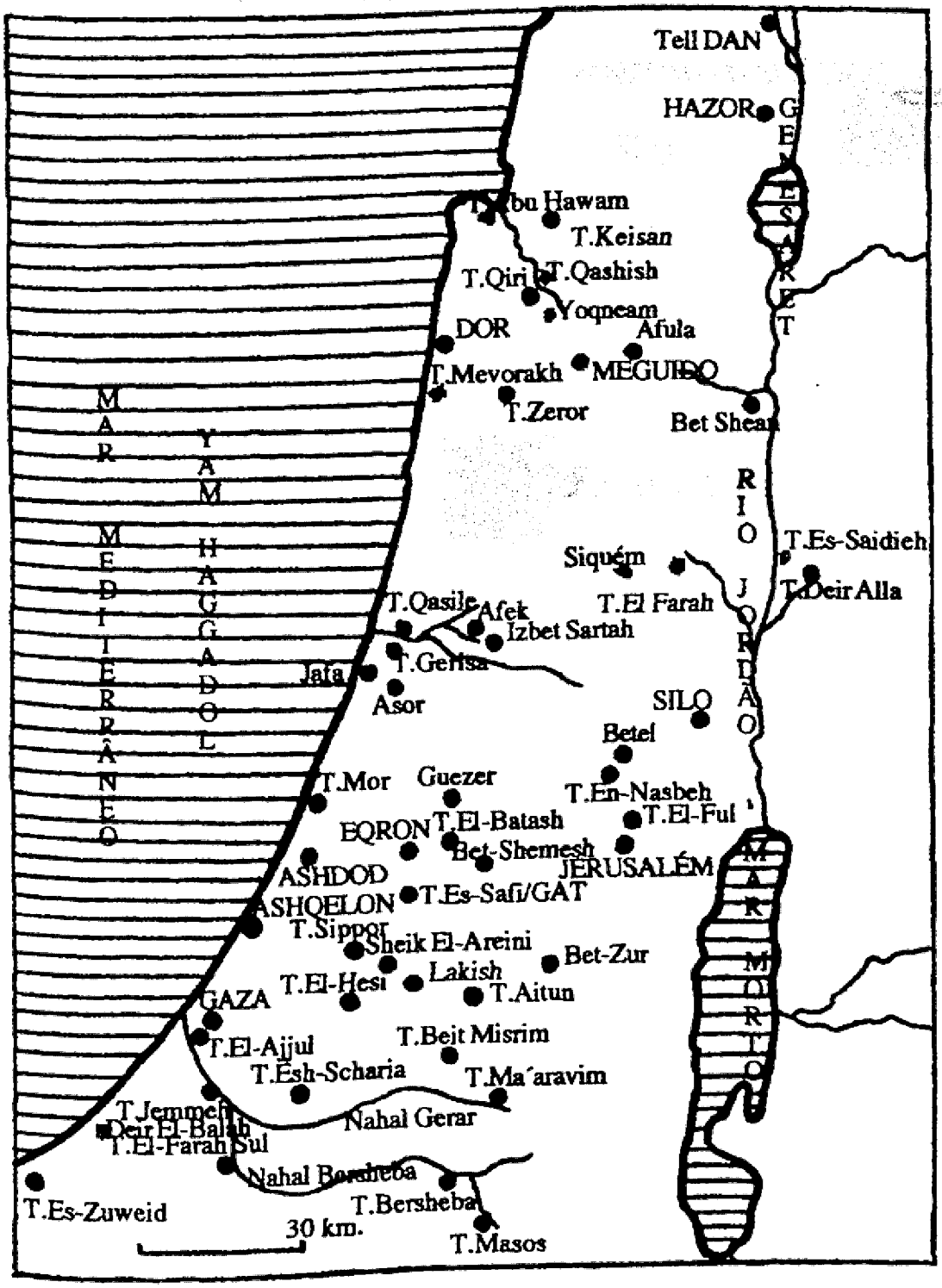
Motivos de decoração ornitológica na"cerâmica filisteia"



ESTRATIGRAFIA DE ALGUNS SÍTIOS DO FERRO I

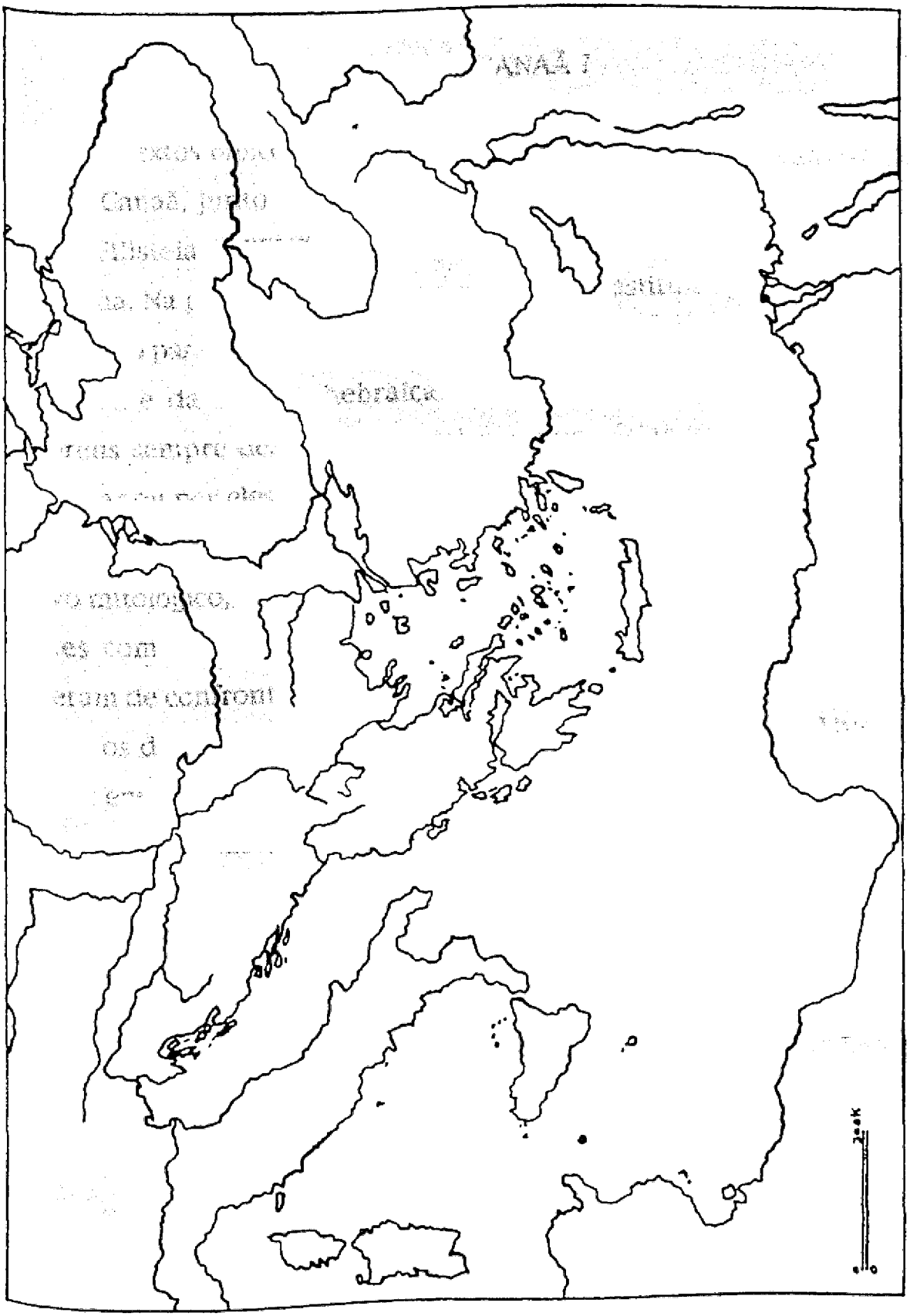
F. IA -1200	F.IB - 1150	- 1000 AC
ASHDOD	**XIII**	XII XI X
ASHQELON		
BET SHEAN	**VI**	V
BET-SHEMESH		III
DAN	VI	**V**
EQRON (T.Miqne)	VII	VI V IV
GUEZER	XIV	XIII XII XI X
HAZOR		XII XI
IZBET SARTAH	III	II **I**
MEGUIDO	VIIA	VIB VIA
T.BERSHEBA		IX VIII
TELL KEISAN	12	11 10 9c-a
TELL MASOS	III	II I
TELL QASILEH		XII XI X
TELL QIRI		IX VIII
TELL SERA`	**IX**	VIII
YOQNEAM		XVIII XVII

MAR MEDITERRÂNEO E REGIÕES PERIFÉRICAS



SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS "FILISTEUS"

IX



IX

HAVERÁ UMA "CULTURA MATERIAL" DOS FILISTEUS EM CANAÃ ?

Os textos bíbicos falam, com frequência, dos filisteus instalados no sul de Canaã, junto ao mar, numa zona costeira, que ficará conhecida como Filisteia (=*PELESHET*) e donde, por isso, deriva o nome de Palestina. Na prática, a presença deste povo constituirá para os hebreus, sobretudo para o Reino de Judá, um autêntico espinho cravado no corpo da terra e da cultura hebraica. Porque incircuncisos e inimigos, os hebreus sempre desconfiaram deles e, por várias vezes, os quiseram dominar ou por eles foram apoquentados, como se pode ver nas citações do capítulo VIII. Parece, portanto, que não os devemos tratar como um povo mitológico, caido de forma meteórica no território de Canaã mas antes como uma realidade étnico-política com que os hebreus se tiveram de confrontar. Isto, certamente, acerca dos filisteus de que nos falam os documentos egípcios e os documentos bíblicos do Livro dos Juizes em diante. É que os filisteus, de que fala sobretudo o Livro do Génese, e que são considerados por alguns autores (Edward E.Hindson) como "proto-filisteus", esses sim, no nosso entender, são um anacronismo do hagiógrafo e uma nebulosa ideia étnico-arqueológica dos ditos autores. O próprio Livro de Josué, ao apresentar o rei de Gabaon a pedir ajuda aos reis da Shefelah contra Josué, parece ignorar a existência dos fortes e bem armados filisteus, recorrendo aos reis amorreus de Lakish e Eglon (Jos.10,3-6).

Corredor de passagem para o Egipto, a terra de Canaã será invadida por muitos povos, principalmente vindos da Mesopotâmia. Os assírios ainda foram encontrar e combater os filisteus históricos nos

lugares onde a Bíblia os faz habitar [1]. Heródoto, à sua conta, não se esquece de lhes fazer referência e é o primeiro escritor extra-bíblico a usar o termo que viria a marcar, com uma espécie de ferrete ignominioso, por parte dos romanos, aquela terra, que os hebreus nunca conseguiram subjugar, nem mesmo sob David [2]. Pode, por conseguinte, concluir-se que os filisteus são um povo histórico no tablado étnico-político de Canaã//Israel. Mas, daqui, uma questão se levanta, olhando para eles, como que em espelho retrovisor: dos filisteus e pelos filisteus, que é que nós sabemos? Qué é que eles nos legaram como testemunho concreto da sua instalação e vivência em Canaã? Que língua usavam? Que escritos nos legaram? Que juizo podemos fazer da cultura dos filisteus?

I - No princípio era a "Cerâmica filisteia".

Foi Allbright [3] quem, no ano de 1922, depois de escavar Ashqelon e Tell Beit Mirsim, consagrou um novo tipo de cerâmica, mais bonita e elaborada que a cananeia tradicional. Já antes, se tinha dado à cerâmica desse tipo o nome de "cerâmica filisteia". Mas, Albright confirmou-lhe então o nome de "cerâmica filisteia" na medida em que essa cerâmica

---

1 DOTHAN, Moshe - *Archaeological Evidence for Movements of the Early "Sea Peoples" in Canaan*,"AASOR", Vol, 49: "Recent Excavations in Israel: Studies in Iron Age Archaeology", Edited by Seymour Gittin and William G.Dever, 1989, 59-69; DOTHAN, Trude - *The Arrival of the Sea Peoples: Cultural Diversity in Early Iron Age Canaan* , "AASOR", 49, 1989, 1-14; DOTHAN, Trude; DOTHAN, Moshe - *People of the Sea. The Search for the Philistines* , Nova Iorque, Macmillan Publishing Company, 1992; GONÇALVES, Francolino - *L´Expédition de Sennachérib en Palestine dans la littérature hébraique ancienne* , Paris, Gabalda et C.ie, 1986. Cfr. textos assírios de Tiglat-Pliser, Sargão II e Senaquerib em "ANET" e "Israel e Judá" com referências a reis de Ashdod, Ashqelon, Eqron e Gaza, quatro das principais cidades da Pentápole filisteia, segundo a Bíblia.

2 HERÓDOTO - *Histórias ,1, 105; 2, 104; 7, 89; Παλαιστινη; 3,5:Παλαιστινοι*

3 ALBRIGHT, W.F. - *The excavations of Ascalon* , "BASOR", 6, 1922, 11-18 e mais tarde Beit Mirsim= Debir? Eglon? Cfr. IDEM - *Archaeology of Palestine*, 5ª ed., Londres, 1960, 114-118; WRIGHT, G.Ernst - *Arqueologia Bíblica* , Madrid, Ed.Cristiandad, 1975, 130.

lhe aparecia, sobretudo na zona, segundo a Bíblia, ocupada durante muito tempo pelos filisteus. Essa nomenclatura fez história e passou não só a assinalar a dita cerâmica como também a cultura material a ela associada. Todavia, como a Bíblia diz que os filisteus vieram de Caftor (Jer.47,4; Am.9,7), que, geralmente, se identifica com a ilha de Creta, logo os arqueólogos esquadrinharam semelhanças que estabelecessem relações entre esta cerâmica e os protótipos do mar Egeu. Veio-se, assim, a descobrir uma espécie de cordão umbilical com modelos micénicos, pertencentes à cultura de longe dominante no Mediterrâneo oriental ou Mundo Egeu. Destes pressupostos e destas constatações, originam-se vários problemas, que não podem deixar de nos interpelar.

1º - Características da "cerâmica filisteia". Neste campo específico da cerâmica, em termos arqueológicos, a recolha mais completa e o estudo mais apurado ainda é a obra de Trude Dothan [4], seguida por todos os estudiosos, ainda que, apesar de tudo, alguns ponham reticências [5].

Consideremos, pois, em primeiro lugar, a definição que T.Dotan dá de "cerâmica filisteia": "a large, homogeneous group of a locally made ware painted in black and red usually on a white-slipped background", colocando o tempo da sua duração entre 1200-1000 AC.

---

[4] DOTHAN, Trude - *The Philistines and their material culture* , Jerusalém, Israel Exploration Society, 1982, 94 - 218; DOTHAN, Trude; DOTHAN, Moshe - *Peoples of the Sea: The Search for the Philistines* , Nova Iorque, Maxwell Macmillan International, 1992.

[5] BRUG, J.F. - *A Literary and Archaeological Study of the Philistines* , Oxford, BAR International Series 265, 1985 ; BIERLING, Neal - *Giving Goliath His DUE. New Archaeological Light on the Philistines* , Grand Rapids, Baker Book House.1992; BURDAJEWICZ, Mariusz - *The Aegean Sea Peoples and Religious Architecture in the Eastern Mediterranean at the Close of the Late Bronze Age* , Oxford, BAR International Series 558, 1990.

Passemos, de seguida, à destrinça dos elementos, que, do ponto de vista plástico, caracterizam esta cerâmica:

1.1 - Quanto ao material, esta cerâmica emprega um barro ou grés fino, bem cozido, que a recente análise por activação do neutrão revelou ser endógeno, isto é, próprio da região.

1.2 - Quanto à cor, a "cerâmica filisteia" usa, sobre o branco natural do grés, a cor preta e//ou vermelha; é portanto, uma cerâmica tipicamente bicromática.

1.3 - Quanto à decoração, serve-se de motivos geométricos (espirais, semi-círculos concêntricos, volutas, losangos, ziguezagues, triângulos e outros elementos geométricos compostos, separados por linhas ou barras), motivos ornitológicos, sobretudo pássaros em curiosa posição de bico revirado e de asas abertas, motivos ictiológicos, isto é, peixes mais ou menos estilizados, flores de lótus e seus derivados geométricos.

1.4 - Quanto aos instrumentos e suas formas, aparecem vasos ou recipientes como malgas, pratos, "jarras de estribo", "canecas de cerveja", *amphoriskos* , crateras e píxides, tudo de variadas formas tipológicas, estatuetas de culto, mas não falta quem ajunte a estes instrumentos utilitários outros mais monumentais e grandiosos, como os sepulcros antropóides descobertos no sul, em Deir el-Balah, Tell el-Far`ah Sul, Lakish, a norte, perto do Jordão, em Beth-Shean e até mesmo na Transjordânia: Aman, Sahab, Dibon.

A "cerâmica filisteia" forma, assim, um conjunto bastante homogéneo, que aparece em jazidas arqueológicas datadas dos finais do Bronze Tardio e durante o Ferro I, isto é, de cerca 1200 a 1000 AC,

segundo o mais apurado método estratigráfico. Se para a cronologia temos este indicador constante e assaz determinado, já para a distribuição topográfica, a variedade e distância criam-nos alguma dificuldade, uma vez que a "cerâmica filisteia" se estende da planície sul e costeira de Canaã até ao norte de Tel Aviv, mesmo Acre, chegando a Tell Dan, e se adentra até à região transjordânica, aparecendo em Tell Deir ´Alla, a Sukkot bíblica (Gén.33,17; Jos.13,27; Jz.8,5).

2º Distribuição geográfica da "cerâmica filisteia". Segundo a classificação taxinómica estabelecida por T.Dothan, a "cerâmica filisteia" consta de 5 grupos distribuidos por18 tipos, assim repartidos [6]:

1 - Protótipos micénicos: tipo 1 -8;

2 - Protótipos cipriotas: tipo 9 - 11;

3 - Modelos com afinidades egípcias: tipo 12;

4 - Formas cananeias: tipo 13 -16;

5 - Formas de "cerâmica filisteia" em fase tardia: tipo 17 -18.

Vê-se, pois, que, conforme procurou provar T. Dothan, a "cerâmica filisteia" terá nos protótipos micénicos a sua primeira e mais importante fonte de inspiração, embora ela, de per si, seja eclética. Aproximando as cronologias, a dita arqueóloga da Universidade Hebraica de Jerusalém estabeleceu uma correlação temporal entre a cerâmica filisteia e a cerâmica micénica [7], a Mic. III C:1 b encontrada na Micenas da Grécia, em Pylos e Perati de Rodes, em Enkomi, Sinda e Kition de Chipre. De resto, T. Dothan, por razões estratigráfico-

[6] DOTHAN, T. - *The Philistines and their material Culture* , Jerusalém, Israel Exploration Society, 1982, 94 - 218. BRUG, na obra citada, pp.54 -57, aceita mas levanta questões a esta taxinomia.

[7] DOTHAN, T. - *O. c.*, 94, 217-218.

tipológicas, distingue na "cerâmica filisteia" tres fases ou desenvolvimentos: *Fase 1* (clássica): está ligada ao aparecimento dos filisteus em Canaã, cerca de 1190 AC; *Fase 2* : abrange a expansão filisteia desde o final do séc. XII até meados do séc. XI AC; *Fase 3* : corresponde à supremacia hebraica sobre os filisteus durante o reinado de David e manifesta assimilação à cerâmica local em começos do séc.X AC. No espaço de dois séculos, houve como que uma degenerescência gradual até que a bela cerâmica micénica, introduzida, como se tem repetido, possivelmente pelos filisteus, se assimilou à grosseira cerâmica local.

Todas estas conclusões são tiradas tendo por base, sobretudo, as escavações de Ashdod, Ashqelon, Eqron (Tell Miqneh) e Tell Qasile nos estratos arqueológicos correspondentes. Mas, tanto T. Dothan como outros estudiosos não se cansam de fazer o inventário dos lugares onde foram achados restos de "cerâmica filisteia" , a qual, todavia, com as sucessivas campanhas arqueológicas, não cessa de aumentar. Por isso, mesmo remetendo para os pormenorizados relatórios de escavações e respectivas informações bibliográficas, não queremos deixar de aqui fornecer também uma breve mas actualizada resenha da sua distribuição geográfica. Sem dúvida que os lugares mais importantes deveriam ser os que constituem, segundo a Bíblia, a Pentápole filisteia. Contudo, as conhecidas razões políticas da tensão étnica no Médio Oriente têm impedido as escavações aturadas e mesmo as sondagens na costa sul de Israel, sobretudo na faixa de Gaza. Não há, por isso, um *dossier* completo do ponto de vista do território, mas ele é incompleto até do ponto de vista local, *tell* por *tell* , visto que, o mais das vezes, uma escavação se limita a zonas parciais do mesmo *tell* . Vamos enumerar, de seguida e por ordem alfabética, os lugares onde se tem

detectado "cerâmica filisteia", quer por escavações quer por "survey", apresentando a respectiva cartografia: Afek, ´Afula, Ashdod, Ashqelon, Azor, Betel, Beth-Shean, Beth-Shemesh, Beth-Zur, Deir Alla, Deir el Bala, Dor, Eglon (=Tell Hesi), Eqron (=Tell Miqneh), Gat (=Tell es-Safi), Gaza (=Tell Harube), Guezer, Hazor, `Izbet Sartah, Lakish, Meguido, Qubur el Walaida, Sheik Ahmed el-`Areini (=Tell Gat?), Timnah (=Tell Batash), Tiv`on, Tell Abu Hawam, Tell Aitun, Tell Ajjul, Tell Beit Mirsim, Tell Bersheba, Tell Dan, Tell Fa`rah Sul (=Sharuen), Tell Gerisa, Tell Halif, Tell Haror, Tell Harbaj, Tell Jemmeh/Yurzah, Tell Keisan, Tell Ma`aravim, Tell Masos, Tell Mor, Tell en-Nasbeh, Tell Qashish, Tell Qasile, Tell Qiri (Ha-Zore`a), Tell Shari`a (=Tell Sera), Tell Sippor, Tell Zeror, Tell Zuweyid, Tell Yoqneam. Todos estes 50 sítios foram mais ou menos apresentados por T. Dothan [8] e por Brug [9] . Nesta já longa lista, alguns sítios arqueológicos merecem uma certa pormenorização da nossa parte por causa dos relatórios entretanto publicados. A eles vamos, pois, dar a merecida saliência num parágrafo de actualização, mesmo tendo em conta os dados das enciclopédias e manuais de arqueologia [10] . Note-se, todavia, que a estratigrafia de quase todos os lugares escavados e com significativa presença de "cultura material dos filisteus" já é conhecida e está apresentada no livro de T.Dothan. Assinale-se ainda que a informação arqueológica relativa às cidades da Pentápole filisteia é

---

[8] IDEM - *Ibidem*, 25-93.

[9] BRUG, J.F. - *O. c.*, passim.

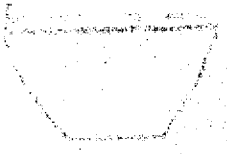
[10] AHARONI, Yohanan - *The Archaeology of the Land of Israel* , Philadelphia, The Westminster Press, 1982; ALBRIGHT, W.F. - *The Archaeology of Palestine*, 6ª ed., Londres, A Pelican Book, 1960; cfr. ed. francesa de 1955; MAZAR, Amihai - *Archaeology of the Land of the Bible*, Nova Iorque, Doubleday, 1990; *Archaeology* , Jerusalém, Israel Pocket Library, 1974 (Compilação de artigos da "Encyclopaedia Judaica"); *Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land* , 4 vols., Jerusalém, Massada Press,1976-78 (cfr. *The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land* , revisão de Ephraim Stern, Nova Iorque, Simon and Schuster, 1993, que não pudemos consultar); NEGEV, Avraham (Ed.) - *The Archaeological Encyclopedia of the Holy Land*, 3º ed. , Nova Iorque, Prentice Hall Press, 1990.

bastante limitada, apesar da importância destas cidades, segundo a narrativa bíblica, para o estabelecimento duma hipotética cultura filisteia.

Em Ashdod [11], o estrato XII é considerado o forte da "cerâmica filisteia", mas esta vem já do estrato XIII, atingindo com a cerâmica micénica monocromática a percentagem de 27,1%. Continuando-se no estrato XI, chega-se a 27,8 %.

Em Ashqelon (Tell el-Khadra), até às últimas escavações, quase só se podia afirmar a presença de material filisteu no estrato VI.

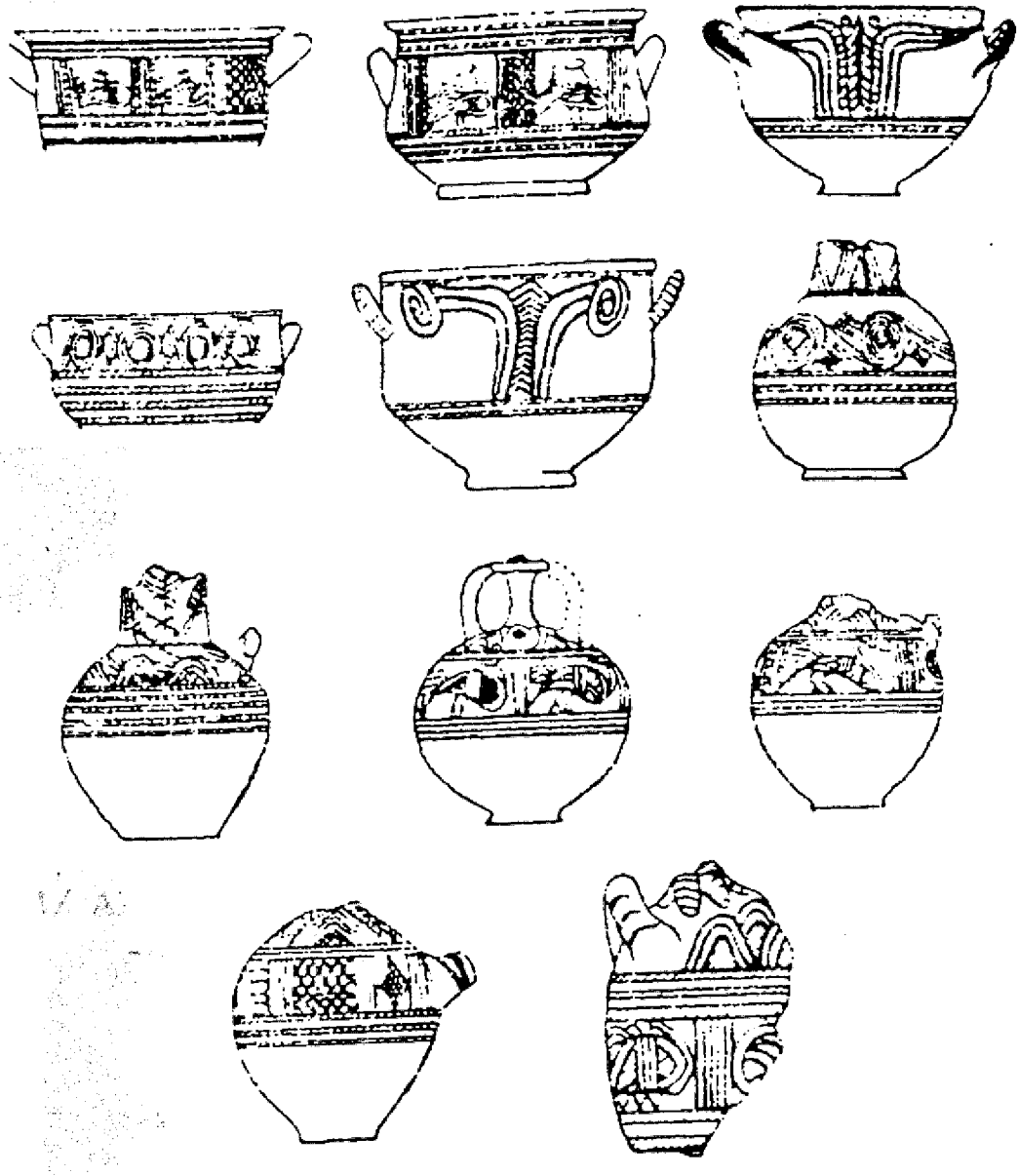
Em Gat, inicialmente identificada com Tell Sheik-Areini, não apareceu material filisteu; depois, propôs-se a a identificação com Tell es-Safi. Aqui, o material dado a conhecer por Bliss e Macalister, embora interessante, não foi adequadamente publicado [12].



11 DOTHAN, Moshe; PORATH,Y.- *Ashdod IV.Excavations of Area M: The Fortifications of the Lower City*, "Atiqot", English Series, XV, 1982, 1-175+15 estampas; DOTHAN, M. - *Ashdod II-III. The Second and the Third Seasons of Excavations,1963-1965,Sounings in 1967*, "Atiqot", English Series, Vol.IX-X, 1971, 1-219+6 estampas; FORTUNA CANIVET, Maria Teresa - *La storia di Ashdod e dei Filistei alla luce dei più recenti scavi* , "Scritti e Memorie di (...), Vicenza, Accademia Olimpica, s/d, 161-168. (artigo publicado antes em "Bibbia e Oriente", VII, 1966, 80-85); IDEM - *Ashdod II-III, Excavations 1963-1965*, "Ibidem", 101-156, (artigos publicados antes em "Atiqot", English Series, Vol. IX-X," Atiqot", Jerusalém, 1971, 136-154 (Area G) ; 186-190 (Area F); KAPLAN, J. - *Yavneh-Yam et Ashdod Yam* , "RB", 75, 1968, 402-404; IDEM - *The Stronghold of Yamam at Ashdod - Yam* , "IEJ", XIX, 1969, 136-149; Crónica arqueológica em "RB", 77, 1970, 402-405; 79, 1972, 419-421; Sobre Ashdod e os filisteus, cfr. ainda: "Bible et Terre Sainte", N° 71, 1965; BRUG, J.F. - *O. c.*, 67-68. Os dados que referimos a respeito dos outros lugares da Pentápole são tirados das páginas subsequentes da mesma obra.

12 BRUG, J.F. - *O. c.*, nota 161; GOERG, Manfred - *Zu einem weiteren Traeger des Ortnamens Gat* ,"Biblischen Notizien", Munique, 55, 1990, 7-8; RAINEY, Anson F.- *The Identification of Philistine Gath. A Problem in source analysis for historical Geography* ,"Eretz Israel",Jerusalém, XII,1975,63-76.

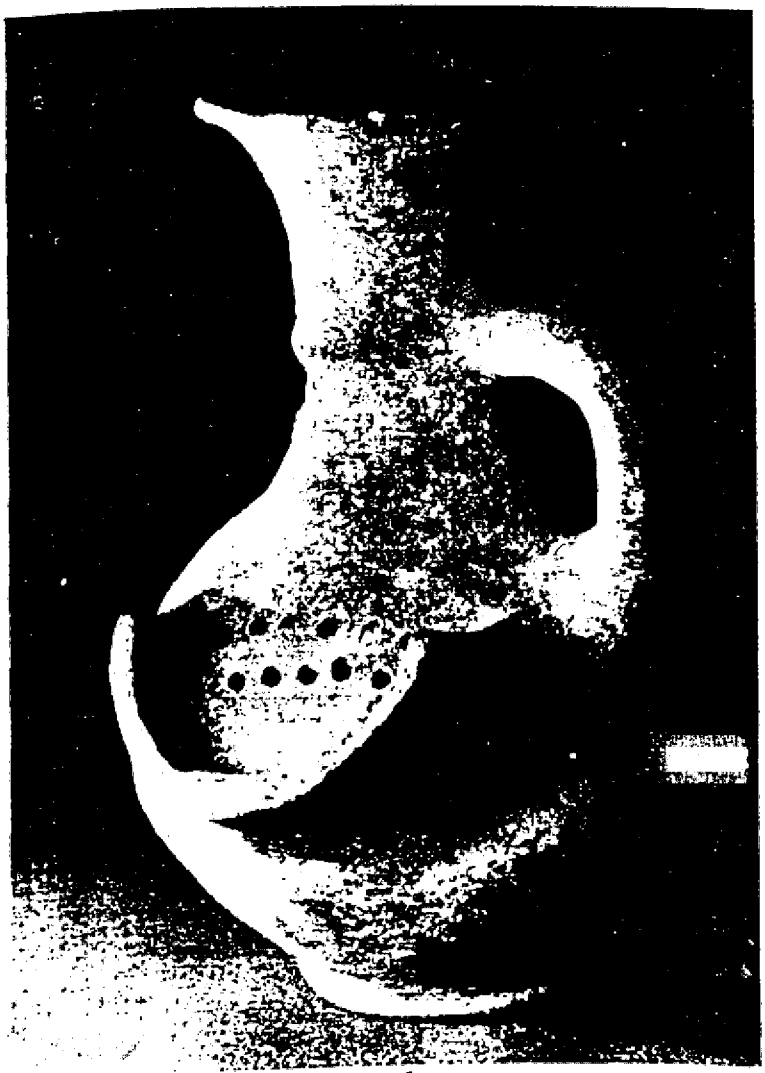
"CERÂMICA FILISTEIA"



Espécimes variados: CRATERAS e BILHAS

"CERÂMICA FILISTEIA"

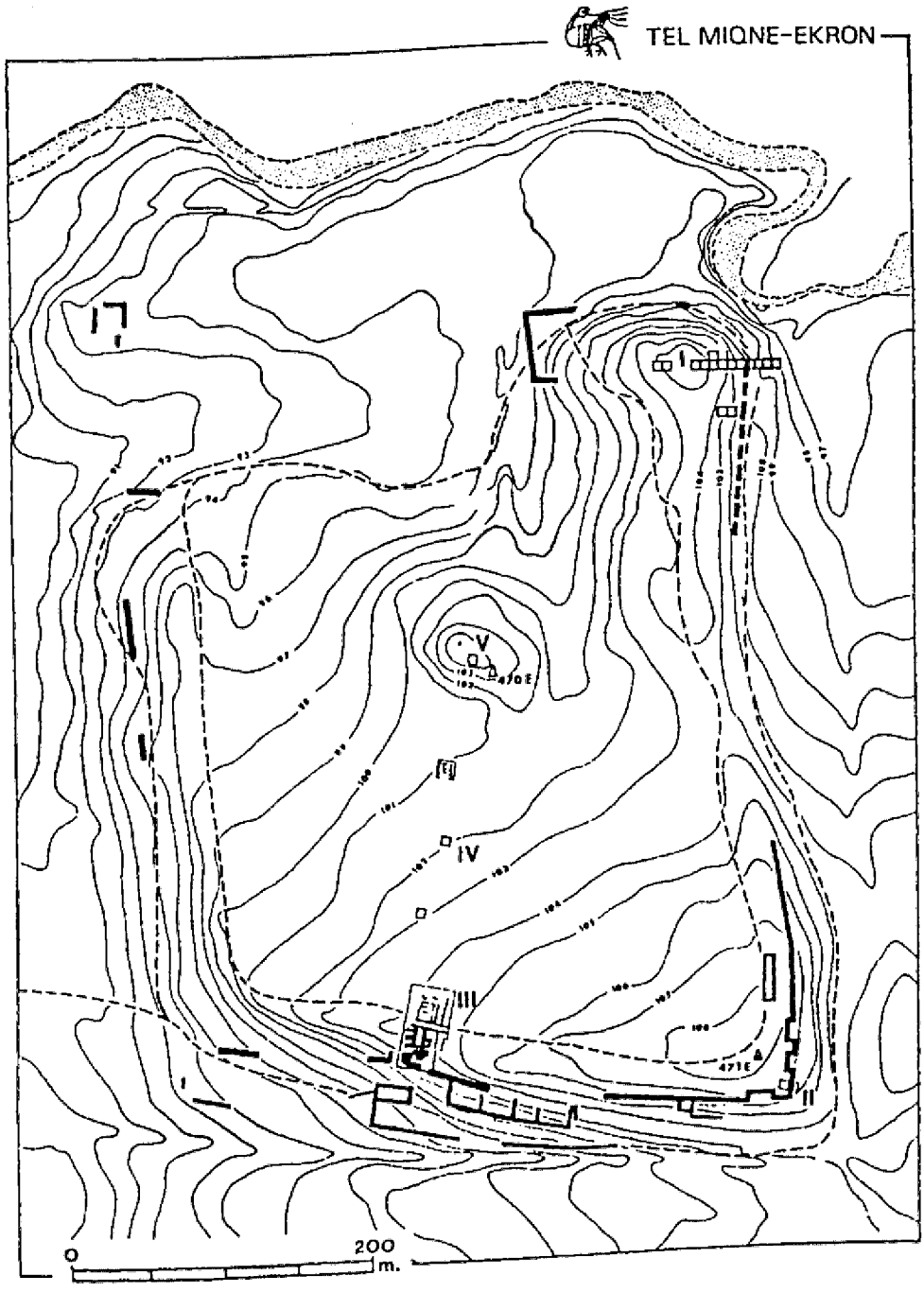




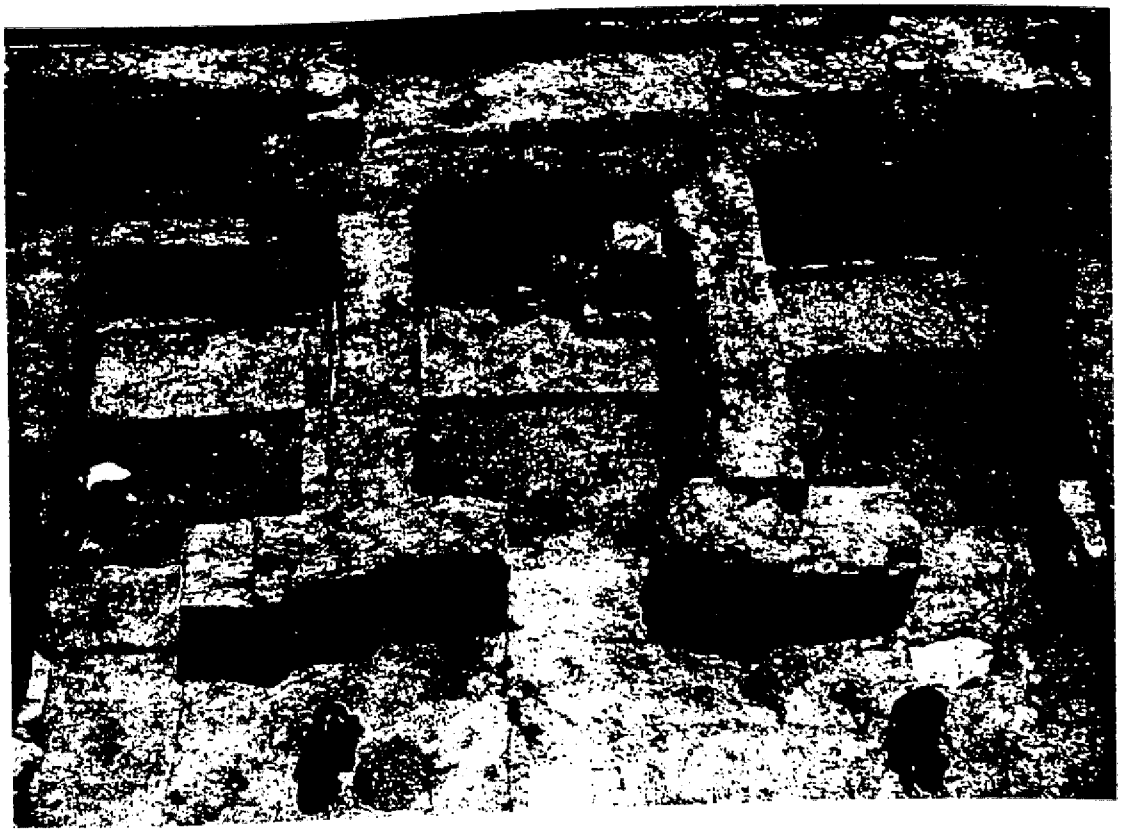
1/ AZOR, perto de Tel Aviv: Bilha de estribo
2/ ASHDOD: Jarra de cerveja.



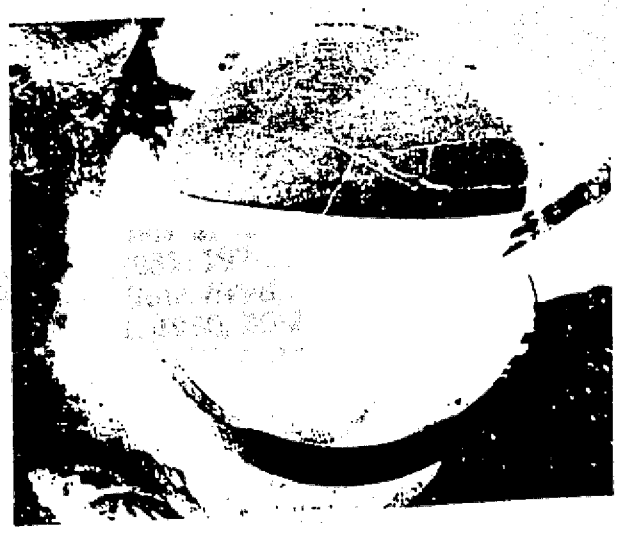
ASHDOD: Cratera com pássaro de 4 patas.


TEL MIQNE-EKRON
I
II
III
IV
V
0
200
m.

EQRON



EQRON (Campo V,séc.XI AC, Edifício nº 350): ALTAR.



EQRON (Edifício nº 350): Lâmpada dentro de duas malgas

Em Gaza, nada se pode saber porque, enquanto durar a tensão política, não se consegue fazer escavações.

Em Eqron, Tell Miqneh ou Khirbet El-Muqanna, existe uma sucessão de culturas e já as escavações anteriores apresentavam interessante material filisteu. Deste sítio arqueológico falaremos logo a seguir.

3 - Recentes escavações de "cerâmica filisteia". Seguindo as listas de escavações arqueológicas programadas para cada ano pelo "Departamento de Antiguidades" do Estado de Israel e publicadas também na revista americana "BAR", verifica-se que tem havido particular interesse pelos lugares de possível presença filisteia.

* Tell Miqneh ou Khirbet el-Muqanna, identificado com a cidade filisteia (bíblica) de Eqron, tem sido objecto de sucessivas campanhas arqueológicas, desde 1981, dirigidas por Trude Dothan e Seymour Gittin [13]. As escavações, feitas em várias zonas do tell, revelaram 13 níveis estratigráficos, interessando ao nosso caso os estratos VII-V, datados do séc. XII ao X AC.

---

[13] GITTIN, Seymour; DOTHAN, Trude - *The Rise and Fall of Ekron of the Philistines. Recent Excavations at an Urban Bonder Site* , "The Biblical Archaeologist", ASOR, 50, 4, 1987, 197-222; DOTHAN, T. ; GITTIN, Seymour - *Ekron of the Philistines. How lived, worked and worshiped for five hundred years* ,"BAR", XVI, 1, 1990, 20-25: DOTHAN, T.: Part I: *Where they came from. How they settled down and the place they worshiped in* , "Ibidem", 26-36; IDEM- *Aspects of Egyptian and Philistine Presence in Canaan during the Late Bronze -Early Iron Ages* , LEPINSKI, E.(Ed.) - *The Land of Israel: Cross-Roads of Civilizations* , Lovaina, "Orientalia Lov. Analecta", 19, 1985, 55-75; GITTLEN, Barry M. -*Tel Miqne-Ekron. Report of the 1984 Excavations Field III SE (Trude Dothan and Seymour Gittin)* , Jerusalém, 1985; KILLEBREW, Ann - *Tel Miqne-Ekron. Report of the 1984 Excavations Field I NE/SE* , Jerusalém, 1986; BITAM, D.; SHOMRONI, A. - *Research of the Oil-Industry during the Iron Age at Tel Miqneh* , HELTZER, M. ; BITAM, D (Eds.) - *Olive Oil in Antiquity. Israel and Neuburging Countries from Neolitic to Early Arab period* , Jerusalém, 1987, 37-56+11 Estampas e 1 mapa.

Trata-se dum *tell* de 202.350 m2, elevado cerca de 7 m. acima dos campos que o rodeiam, dentro do Kibbutz Revadim, correndo-lhe na parte de trás ou oriental o wadi Timnah. Nele se fizeram até agora 5 campos de excavação, podendo-se acompanhar a vida da cidade com especial interesse desde o Bronze Tardio, sécs.XV-XIII AC (estratos IX-VIII), que precedeu a instalação dos filisteus e onde aparece cerâmica micénica tipo Mic. III B e importações cipriotas. Como se vê daqui, para explicar o "cordão umbilical" da cerâmica cananeia com a cultura micénica nem sequer é preciso esperar pelo aparecimennto dos filisteus no séc.XII AC.

No *tell* , distinguem-se claramente a cidade alta e a cidade baixa onde, numa pequena elevação, se erguia a acrópole. Segundo a narrativa bíblica, quando Josué morreu, Eqron "pertencia ao país que ainda restava por conquistar" (Jos.13,2-3), mas, depois, já é apresentada a delimitar a fronteira da tribo de Judá (Jos.15,11), como pertencendo à dita tribo (Jos.15,45-46; Jz.1,18). Todavia, na versão grega dos LXX , o texto do vers. 18 é corrigido e diz-se que "Judá não se apoderou de Gaza e seu território, nem de Ashqelon, Eqron e suas terras. O Senhor estava com Judá, e ele apoderou-se da montanha, porém não pôde expulsar os habitantes da planície porque tinham carros de ferro" (Jz.1,18-19). Cá temos, pois, um claro anacronismo, que os LXX tentam corrigir. De facto, no tempo dos Juizes, com Samuel, quando a Arca da Aliança foi tomada aos hebreus, os filisteus levaram-na para Eqron (I Sam.5,10) e, depois que David venceu o Golias, os hebreus perseguiram os filisteus "até às portas de Eqron" (I Sam. 17,52). Ao longo da história da monarquia (II Re.1-2; Am.1,8; Jer.25,20; Sof.2,4; Zac.9,5-7), nunca os israelitas conseguiram apoderar-se de Eqron, que, em 712 AC, foi vencida por Sargão II e aparece desenhada num relevo mural do palácio de

Korsabad, como ainda está referenciada nos anais assírios do séc. VII AC [14]. É bem provável que fosse rei de Eqron o rei Adon, duma indeterminada cidade da filisteia, que, segundo relata o papiro aramaico Saqqarah, escreveu uma carta ao faraó do Egipto a pedir ajuda contra Babilónia. E, na verdade, uma crónica babilonense atribui ao rei Nabucodonosor, de Babilónia, a destruição de Eqron no ano de 603 AC [15]. A última menção bíblica de Eqron é a que surge no Livro dos Macabeus, quando, em 147 AC, o rei selêucida, Alexandre Balas, filho de Antíoco IV, o Epifânio, deu ao hasmoneu Jónatas, como prémio da sua lealdade, o domínio de Eqron e seu território (I Mac.10,89).

Ora bem, a parte da história de Eqron que aqui nos interessa, segundo os arqueólogos, é a que abrange os estratos VII-V, datados desde o primeiro quartel do séc. XII AC, englobando, por isso o Ferro I e a possível presença dos filisteus. No estrato VII, do F.I, séc. XII AC, aparece a característica cerâmica monocromática Mic. III C:1 b. O estrato V I, esse já apresenta a típica "cerâmica filisteia", bicromática. É, pois, nestes estratos que se julga poder determinar o aparecimento dum novo grupo étnico, derivado dos "Povos do Mar" e a que se chama *Filisteus*. De facto, a partir daí, acabam as importações de Micenas e de Chipre e, em seu lugar, surge a cerâmica de fabrico local, que é como que uma recriação da anterior mas, agora, decorada a duas cores, isto é, vermelho e//ou preto sobre o branco natural.

---

14 "ANET", 288. O rei assíro Asarhaddon ordena a Ikausu, rei de Eqron e seus vassalos que forneçam materiais para a construção do seu palácio em Nínive. Exigência de contributo militar lhe fará o rei Assurbanípal na sua campanha contra o Egipto, "ANET", 294.

15 PORTEN, Bezalel - *The identity of king Adon*, "BA", 44, 1981, 41-45; Cfr. DOTHAN,T.; GITTIN,SEYMOUR - *O.c.*, "BAR", XVI, 1, 1990, 36, nota 13.

Para além disso, conforme afirma T.Dothan, há que ter em comta outros elementos [16] . E, de facto, percorrendo os diversos campos já escavados no *tell* , encontramos elementos curiosos. Por uma questão de estratégia operacional arqueológica, o tell foi explorado em várias zonas ou campos:

Campo I: Na cidade alta, lado oriental e zona adjacente, com uma trincheira de 48 m. de comprido.

Campo I I: Na parte sudeste do tell.

Campo I I I: Na cidade baixa, ao centro, do lado sul, uma vasta faixa horizontal de 1.082 m. para examinar o sistema de fortificacões e descobrir a porta sul da cidade.

Campo I V: A pouca distância do campo III, no centro inferior do *tell* , 4 sondagens de 192 m. de comprido para prescrutar o que se supõe ser uma zona habitacional pública.

Campo V: Na zona noroeste, onde se elevaria a acrópole, sobretudo para estabelecer a sequência da ocupação no F.II.

É dentro destes "campos" que se encontram os elementos, que passamos a elencar:

Antes de mais, a existência dum muro de adobes com cerca de 3,25 m. de largo ao nível do estrato VI a defender toda a cidade do F.I, que abarcava todo o *tell* .

Na cidade alta, de maneira periférica, junto ao muro, a descoberta de vários fornos quadrados ou em forma de ferradura, com muita cerâmica tipo Mic.III C:1b de fabrico local (análise por activação do

[16] DOTHAN, T.; GITTIN, S. - *Ibidem* , 27-33.

neutrão) mas a que se associava bastante cerâmica de tradição cananeia. É possível que fosse uma zona industrial.

Na mesma zona, objectos de culto, figurinhas de animais pintados e uma pequena imagem de divindade feminina, tipo *Ashdoda* ,(deusa-mãe), com cabeça de pássaro sentada numa espécie de trono.

No estrato VI, continuando no V, uma construção de 4 câmaras, identificada como um santuário, também com material de culto e espáduas de vaca com incisões (culto?) para além de pequenos objectos de marfim e "cerâmica filisteia".

Na cidade baixa (campos III e IV) continua o muro de defesa ao qual se associa uma fortificação maciça (porta sul da cidade) do séc.XII-XI AC. Perto dela, encontra-se um cadinho de pedra com sinais de prata, o que aponta para a indústria metalúrgica.

Ao centro, no campo IV (zona administrativa ?), há a salientar os edifícios assinalados com os números 350 e 351.

O nº 351 é, de certo, o mais antigo, assente quase sobre uma linha de água, na "elite zone of the city", e, no dizer de T. Dotan, quando completamente estudado, fornecerá a chave para compreender a fase inicial da instalação dos filisteus em Canaã [17]. Parece claro tratar-se dum edifício público, no estrato VI A, sobre base de adobe, precedido, a nascente, dum largo átrio (7,90 x 10,50 m.) e pequenas câmaras. Não há sinais de pilares para cobertura mas, no chão, encontraram-se restos de carvões, cinzas e cacos de cerâmica. Ao fundo, havia um plinto sobrelevado, talvez para funções cultuais. Todavia, o conjunto encontrado numa das câmaras e composto de "cerâmica filisteia",

---

[17] IDEM - *Ibidem* , 29.

Mic.III C:1 b e jarras de aprovisionamento é que nos leva à datação do séc. XII AC.

O edifício nº 350, encostado ao anterior mas já no estrato V, datado, por isso, do séc. XI AC, apresenta também um grande átrio com marcas de pilares (Cfr. Jz.16,26 = as colunas do templo de Dagon a que Sansão se agarrou ?) e tres câmaras. Está bem alicerçado sobre seixos e construido com adobes rebocados (pintados?). Sob o alicerce foi achada uma lâmpada, fechada dentro de duas malgas (resíduo do rito de fundação do edifício?). Na parte nordeste do átrio, há tres lareiras com restos queimados de ossos de animais, inclusive de galinha. Tudo indica estarmos perante um palácio / templo, pois construções de natureza idêntica apareceram em Tell Qasileh e Tell Merovakh e, como tais. foram classificadas. A câmara do meio, no ângulo direito do fundo, fornece-nos uma plataforma de 90 cm. de alto, com supedâneo, a lembrar um pequeno lugar (altar) de culto, um *bamah* . Na verdade, textos da Bíblia falam da luta que, mais tarde, em Israel, se fazia aos *bamoth* [18] copiados dos cultos cananeus (II Re.23,8s; Jer.19,3-5; Am.7,9; Os.10,8). No estrato V da mesma câmara, foram achados mais dois *bamoth* e alguns objectos significativos: tres rodas de bronze com oito raios cada e o alfinete de prender as rodas (suporte dum objecto de culto, ou ex-voto? cfr. I Re. 7,17-30), uma faca de ferro com cabo de marfim preso por rebites, sete pingentes de marfim com cabeça de Hator, dois anéis de faiança, uma peça tipo peão de xadrês (babuino), um dente de javali, dois tapa-ouvidos - um de marfim e outro de faiança com rosa -, uma cabeça humana de marfim, e pouco usuais vasos de cerâmica: garrafas e "caneca de cerveja". Este conjunto leva a

[18] BOTTERWECK, G.Johannes ; RINGGRER, Helmer - *Diccionário Teológico del Antiguo Testamento* , T. I, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1973, Cols, 672-678; DE VAUX, R. - *Les Institutions de l´Ancien Testament* , Vol.II, Paris, Cerf, 1960, 107-113.

datar este santuário dos séc. XI- X AC, tanto mais que ele passa para o estrato IV (séc.X AC). Sublinhe-se, finalmente, a importância dos objectos de ferro datados do séc-XII-XI AC e a influência da arte egípcia sobretudo nos pingentes. Mas esta cidade de Eqron foi destruida no começo do séc. X AC, só sendo reconstruida no séc.VII AC, encontrando-se, então, muitos lagares de azeite a mostrar que Eqron se tinha tornado um centro produtor de azeite.

Quanto à hermenêutica destes achados arqueológicos, T. Dothan está sempre a apelar para os lugares paralelos da Bíblia e para os achados protótipos da zona do Mar Egeu. A mudança cultural que se verifica em Eqron VII - V demonstraria a presença dos filisteus e a sua proveniência : "These changes show a strong indication on the part of this group to recreate as much as possible its house environnement in the Aegean world" [19].

*Ashqelon (Tell Khadra). Desta feita, é o arqueólogo americano da Universidade de Harvard, EUA, Lawrwnce E. Stager [20] a dirigir, desde 1990, as escavações naquele enorme *tell* de 607.050 m2, identificado com a cidade filisteia de Ashqelon. Ao contrário do que pensava John Garstang, em 1920, o qual lhe dava apenas a dimensão de 60.705 m2, confundindo o período filisteu com o helenístico, a cidade filisteia cobria todo o *tell* englobado no "Ygael Yadin National Park", mesmo à beira mar, e tem, do ponto de vista diacrónico, (cerca de 3500 AC) uma longa história; é mencionada nas cartas de El Amarna (séc. XIV AC) e na estela do 5º ano de Merenptah (1236-1223 AC), mas não foi conquistada por Josué (Jos.13,3;) nem dominada pelos israelitas, apesar

---

19 GITTIN, Seymour; DOTHAN, Trude - *O. c.*, 201.

20 STAGER, Lawrence E. -*When Canaanites and Philistines ruled Ashkelon* , "BAR", XVII, 2, 1991, 24-43; IDEM - *Why were hundreds of dogs buried at Ashkelon?* , "BAR", XVII, 3, 1991, 27-42; IDEM - *Eroticism and Infanticide at Ashkelon* ,"BAR", XVII, 3, 991, 34-53.72.

ASHQELON



Vista geral do Tell de Ashqelon



PORTA NORTE: "Muro filisteu" de tejolo, no alto à direita, e local do "santuário do Touro, ao fundo.

ASHQELON



Estatueta de Touro num santuário de cerâmica





ASHQELON: Pesos de tear.

de muitas vezes referida na Bíblia (Jz.14,19; I Sam.6,17; II Sam.1,20; Sof.2,4). Sofreu o cerco do rei de Babilónia, Nabucodonosor, em 604 AC, e o seu rei Aga, filhos e nobres foram deportados para Babilónia, tal como muitos judeus de Jerusalém.

No *tell* de Ashqelon sobrepõem-se as culturas cananeia, filisteia, fenícia, romana, bizantina e islâmica. As campanhas de escavação arqueológica têm sido feitas em diversas zonas, sobretudo à procura da cultura do Bronze e do Ferro, por causa da presença dos filisteus.

Na parte norte, foi aberta uma profunda trincheira que revelou uma porta e fortificação cananeia do BM II B-C (1700-1550 AC). No fundo da trincheira, para o lado esquerdo, foi descoberto uma pequena e curiosa imagem de touro, feita de bronze e com sinais de banho de prata (11,50 cm. de comprido por 9,15 cm. de alto) que, possivelmente, estava dentro do santuário de cerâmica ali desfeito em cacos. Seria aqui ocasião de lembrar a história do bezerro de ouro, fundido pelos hebreus no deserto a quando do Êxodo (Ex.32), e a apóstrofe de Oseias, em pleno séc. VIII AC, contra a tentação do culto do touro tão usual no sincretismo hebraico-cananeu: "Fazem para si estátuas fundidas com a sua prata, ídolos da sua invenção, obra da mão de artistas. Chamam-lhes deuses e oferecem-lhes sacrifícios humanos e dão beijos nos bezerros" (Os.13,2).

Nessa mesma trincheira, ao alto, do lado direito, sob um muro helenístico, Stager descobriu os restos duma fortificação de adobes (10,36 m. X 7 m.) com um enorme "glacis" datável do F.I (cerca de 1150 AC) que, possivelmente, se deve atribuir aos filisteus, e paralela às de Eqron e Ashdod.

Numa outra zona, escavou-se um edifício. Stager não fala da cerâmica; apenas cita uma série de 150 pequenos cilindros, adelgaçados no meio. Podendo ser tomados como "tabuinhas" ou cilindros para escrita, na realidade, dado terem sido descobertos associados a fibras, cuja presença só foi revelada pela análise polinológica, devem ser, tão somente, pesos de tear 21. Stager pensa serem mais válidos que a "cerâmica filisteia" para indicar a origem dos filisteus; é que pesos de tear dessa natureza, sem furos, se encontram em Micenas e em Enkomi e Kition. Por causa disso, estabelece logo uma ligação literária à Ilíade e à Odisseia de Homero, fazendo a aproximação da invasão dos filisteus e "povos do mar" à guerra de Tróia, firmando-se na identificação dos *Denyen* dos relevos de Ramses III em Medinet-Habu com os *Danaoi* ou *Aqueus* da Ilíade. A seguir à guerra de Tróia (1183 AC) teria havido a "diáspora dos aqueus" e é nesse contexto que se deve situar a lenda de Mopsus, o qual, depois de ter vencido Calcas com um enigma, teria vindo parar a Ashqelon 22 . E Stager até apela para uma terracota em que vislumbra uma figura de Ulisses a combater o monstro Cila 23.

Na realidade, os artigos de Stager revelam mais uma preocupação hermenêutica que propriamente arqueológica. Nos dois artigos subsequentes, ele vai ocupar-se de achados que nos remetem para as culturas fenícia/cacaneia (cemitério de cães) e greco-romana (erotismo e infanticídio).

21/ STAGER, L..E. - *When Canaanites and Philistines ruled Ashkelon* , "Le "BAR", XVII, 2, 1991; IDEM - *Un veau d´argent decouvert à Ashqelon* , "Le Monde de la Bible", N° 70, 1991, 50-52.

22 IDEM - *Ibidem* , 40-41; ESTRABÃO - *Geografia* , XIV,1,27.

23 HOMERO - *Odisseia* , Livro XIV, 80 s.

Fora do âmbito estrictamente filisteu, existem dois sítios arqueológicos bem significativos em termos de "cultura material filisteia"; são eles Tell Qasileh e Tell Keisan.

* Tell Qasileh, logo a norte de Tel Aviv, mesmo sobranceiro à margem direita do rio Yarqon, junto à estrada para Haifa e quase nos terrenos da Universidade de Tel Aviv, é um lugar cujo nome antigo ainda não foi identificado. A exploração do *tell* , de 1948 a 1951,1971 a 1974 e 1982 a 1984, deve-se a Benjamim Mazar, o qual, para além dos relatórios preliminares, publicou um volume especial sobre o que ele identificou como "Templos Filisteus" [24]. Parece que este foi um dos sítios onde os filisteus se teriam instalado de novo, dada a situação estratégica, militar e comercial do local, quase na foz do rio, possibilitando o trabalho agrícola, a indústria e o comércio à distância. A descoberta de restos de madeira de cedros do Líbano no estrato X do Templo de Tell Qasileh leva T.Dothan a recorrer ao paralelo de II Crón.2,15 onde Hiram, rei de Tiro, manda dizer a Salomão: "Cortaremos a madeira do Líbano, tanta quanta precisares, e enviar-ta-emos por mar, em jangadas, até Jope, donde a levarás para Jerusalém". Jope ou Jafa é antiga cidade da costa, junto da moderna Tel Aviv, logo a sul de

---

[24] KAPLAN, J. - *Chronique archéologique.Tell Qasileh*, "RB", 65, 1958, 412-413; MAZAR, Amihai - *Excavations at Tell Qasile , 1971-1972. Preliminary Report* , "IEJ", 23, 1973, 65-71; IDEM- *A Philistine Temple at Tell Qasile , Preliminary Report* , "IEJ", 25, 1975, 77-88; ID.-"RB", 82, 1975, 263-266;85, 1978 , 415-416; ID. - *Excavations at Tell Qasile. Part I: The Philistine Sanctuary: Architecture and Cult Objects* , "Qedem", Jerusalém, 12, 1980; ID. - *Excavations at Tell Qasile. Part II: The Philistine Sanctuary: Various Finds, The Pottery, Conclusions, Apendices*, "Qedem", Jerusalém, 20; ID. - *The Philistine Sanctuary at Tell Qasile. Temples & High Places in Biblical Times*, Jerusalém, Hebrew Union College-Jewish Institute of Religion, Jerusalém, 1981, (Hebreu); ID. - *Excavations at Tell Qasile*, "BAR", Maio/Junho, 1984, 57-59; MAZAR, B. - *A Philistine Seal from Tell Qasile*, "Yediot" (Hebreu), 31, 1967, 64-67. Cfr. "DBS", IX, 1979, 587-597; "EAEHL", IV, 963-975; BURDAJEWICZ, M. - *A propos des temples philistins de Qasileh*, "RB", 93, 1986, 222-235; RINALDI, G.- *Nel paese dei filistei* , "Bibbia e Oriente", 23, 1981, 167-174.

Tell Qasileh. Este é um *tell* que mede 16.880 m2 de superfície, a 26 m. de altitude, levantado sobre *kurkar*, a típica terra areenta da região. Embora povoado desde o séc. XV AC, mostra claros indícios de ocupação permanente desde meados do séc. XII AC, a qual se prolonga nos estratos XII, XI, X, cobrindo um "trend" cronológico de c.1150 a 980 AC. É, portanto, provável que tenham sido os filisteus os povoadores desse período, dado que a cultura material, que aí se detecta, apresenta evidentes afinidades com a típica "cerâmica filisteia". De facto, a passagem dos estratos XII a X revela-se pacífica e mostra gradual e progressivo desenvolvimento. As construções são de adobe e, logo no estrato XII, descobrem-se duas construções marcantes: um templo e um edifício, que o arqueólogo classificou como público, vista a sua grandeza e características; na realidade, Mazar procurou, desde logo, relacionar esse edifício com outros similares do mundo Egeu. O Templo, que é a construção mais marcante, foi alargado no Estrato XI e alterado no Estrato X, dando origem aos Templos 319, 300, 200 e 131. É a área C ou sagrada, na parte norte do povoado, da qual falaremos ao tratar da religião (Cfr.I Sam.5,4-5).

Quanto à cerâmica, temos a dissertação de Mazar em hebraico, 1977, e que, depois, foi publicada na série inglesa do "Qedem". Procedendo a um estudo independente do de Mazar, Brug chega às mesmas conclusões [25]. No estrato XII, a percentagem de objectos "filisteus" atinge 24%, situando-se ao nível de Ashdod, e é mais significativa que nos outros dois estratos. Por outro lado, Tell Qasileh oferece uma maior variedade de formas de objectos "filisteus" do que qualquer outro sítio da mesma natureza, sendo as malgas o tipo mais comum (47,4%). Dos mais de 40 objectos de culto, só 3 têm distinta

---

25 BRUG, J.F. - *O.c.*, 73-76.

decoração "filisteia". Mas, o estilo clássico filisteu prolonga-se até ao fim do estrato X em quantidade considerável, o que leva Brug a pôr a questão se, de facto, ele foi produzido durante mais tempo em Tell Qasileh do que em qualquer outro sítio, ou se isso se deve às particulares condições daquele espaço sagrado.

No estrato X verifica-se uma transição significativa, pois há provas de incêndio (cinzas e detritos queimados), que deve coincidir com a conquista do povoado nas campanhas militares de David.

* Tell Keisan é outro sítio arqueológico importante para o estudo da "cultura material" dos filisteus, mas situado já fora do âmbito geográfico da Pentápole Filisteia. De facto, Tell Keisan situa-se entre Haifa e Acre, na embocadura marítima da planície de Yezreel. O *tell* foi, desde 1971 a 1980, explorado pela "École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem", que publicou os relatórios arqueológicos finais e, por meio de Jean-Baptiste Humbert, O.P., apresentou um estudo global [26]. No estrato 9 a,b,c, foram encontrados bastantes objectos de possível origem filisteia; todavia, é discutível se a estes objectos se deverá dar o nome de filisteus, pois há formas que são diferentes das do sul [27].

* DOR é um sítio arqueológico, que deve ser considerado em relação com a cultura filisteia, pois foi ocupado por um outro "povo do mar", os *Tjekker* (Tjeker). Desse povo não fala a Bíblia, mas dele temos o testemunho do egípcio Wen-Amon, cerca de 1100 AC. Na verdade, foi ele um viajante egípcio, que se dirigiu ao Líbano para

---

26 "RB", 1981, 373-399, 399-402; HUMBERT, Jean Baptiste ; BRIEND, J. - *Tell Keisan , une cité phénicienne en Galilée,* Paris, Gabalda, 1980.

27 BRUG, J.F. - *O. c.*, 100-101; Mariuz BURDAJEWICZ, em 1992, em estudo elaborado para o Prof. Humbert, da "École Biblique" de Jerusalém e de que nos deu cópia pessoal, tece considerações críticas em relação à "cerâmica filisteia".

comprar madeira de cedro e relata no memorial da sua viagem: "Cheguei a Dor, uma cidade dos Tjekker (Tjeker)..." [28]. Os *Tjekker* referidos por Wen-Amon em Dor são, com certeza, um dos "Povos do Mar" citados nos textos de Medinet-Habu, em tempos de Ramses III e no papiro Harris [29]. Não nos parece que, como pretendem alguns, se devam identificar os *Tjekker* com os *Shikala* ou *Shikalaia* dos textos ugaríticos [30], nome que, aliás, estaria etimologicamente mais próximo de *Shekelesh*, também eles um dos "povos do mar".

Dor era uma cidade portuária da costa de Canaã, cerca de 20 km. abaixo de Haifa, onde, portanto, estavam sediados os Tjeker, que possuiam uma frota importante, como se deduz do relato de Wen-Amon. Aparece citada a primeira vez numa lista de Ramses II (1304-1237 AC) e, depois, na Bíblia, onde se diz que o seu rei era aliado de Yabin, rei de Hasor, cidade contra o qual combateu Josué (Jos,11,2). Por isso, desde logo, na conquista de Josué, surge integrada na tribo de Manassés (Jos.12,23;17,11), o que parece ser rebatido pelo relato de Wen-Amon e confirmado pelo livro dos Juizes; aí se diz que as gentes de Manassés não conseguiram vencer os habitantes de Dor (Jz.1,27). É possível que a cidade de Dor com a sua região tenha sido integrada nos territórios hebreus após as conquistas de David, a ponto de se tornar um dos distritos de Salomão (I Re. 4,11).

Do ponto de vista arqueológico, as escavações em Dor (=Tantura) começaram em 1920 e 1923-24 com Garstang; depois em 1950-52,

---

28 Texto na nossa "Antologia Documental", Nº 17, pág. 87, traduzido do "ANET", 25-29.

29 *Papiro Harris I*, 76, 7; "ANET", 262;"Antologia Documental", Nº18, pg.85.

30 Sobre a actividade dos *Shikilaia* na zona de Ugarit, cfr. DIETRICH, M. - LORETZ, O. - *Das "Seefahrende Volk von Sikila (RS 34.129)*, "Ugarit Forscungen", X, Kevelaer, Verlag Butzon & Becker, 1978, 53-56. Para a aproximação *Thekker//Shikilaia = Sículos*, cfr. GRANDET, Pierre - *La migration des peuples de la Mer*, "L´Histoire", Paris, 131, 1990, 16-24. Sobre a identificação destes povos cfr. o nosso capítulo VII.

sendo retomadas, anualmente, desde 1980 pela Universidade Hebraica de Jerusalém sob a direcção de Efraim Stern, ao qual se associou Avner Raban (Haifa) [31].

Dor compõe-se de tres baias e foi na parte sul do *tell* , que se revelou uma complexa estrutura portuária: cais de embarque, canal de drenagem e poço. O cais, de cerca 35x12 m., é uma construção em silhares de pedra calcária ("ashlar"), que Raban conecta com estruturas semelhantes de Enkomi e Kition em Chipre [32] descobertos por Vassos Karageorghis. Os cacos de cerâmica encontrados na base dessa estrutura podem ser datados dos fins do séc.XIII ou começos do séc.XII AC e ainda cerâmica chipriota importada e cerâmica bicromática de tipo filisteu. Na área D está o poço rectangular (1,8 m. de boca), construido em pedras "ashlar", quase encostado a uma maciça construção (M.L) que, pelos restos de cerâmica, se poderia atribuir ao séc.X, relacionando o mesmo Raban a sua construção com a possível conquista da cidade por David [33] . É crível que a cidade tenha sofrido violenta destruição por volta de 1050 AC, como o demonstram as escavações nas zonas B, F, G. Finalmente, descobriu-se uma camada cultural com cerâmica de tipo fenício e tanques de exploração industrial de púrpura, razão pela qual os arqueólogos a chamam cidade fenícia de Dor. E mais longe poderíamos levar a nossa análise com as culturas posteriores: assiro-babilonense, helenística e romana.

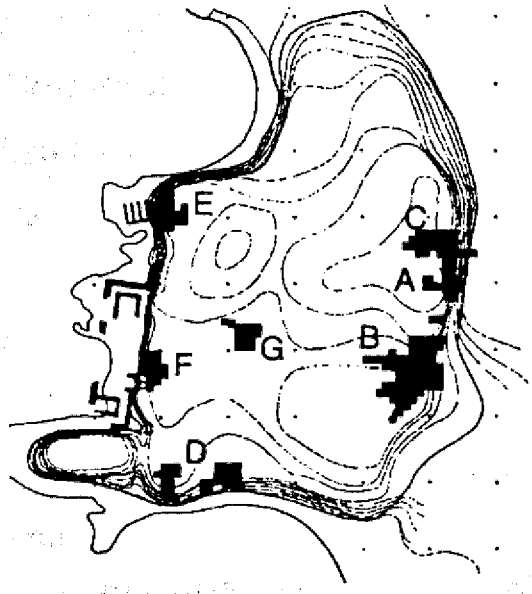
---

31 GOERG, Manfred - *DOR, die Teukrer und die Girgasites* , "Beitraege zur Zeitgeschichte der Anfaenge Israels" , Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1989, 141-148 ("Aegypten und Altes Testament", 2); RABAN, Avner - *The Harbour of the Sea Peoples at Dor* ,"BA", 50, 2, 1987, 118-126; STERN, Ephraim - *DOR. Les maitres de la Mer* , "Le Monde de la Bible", 79, 1992, 33-40; IDEM - *The many masters of Dor. Part I: When Canaanites became Phoenician Sailors* , "BAR", 19, 1, 1993, 22-31.76-78; ID.- *The many masters of Dor.Part II: How bad was Ahab?* "BAR", 19, 2, 1993, 18-29; STEWART, Andrew - *A Death at Dor*, "Ibidem", 31-36.84.

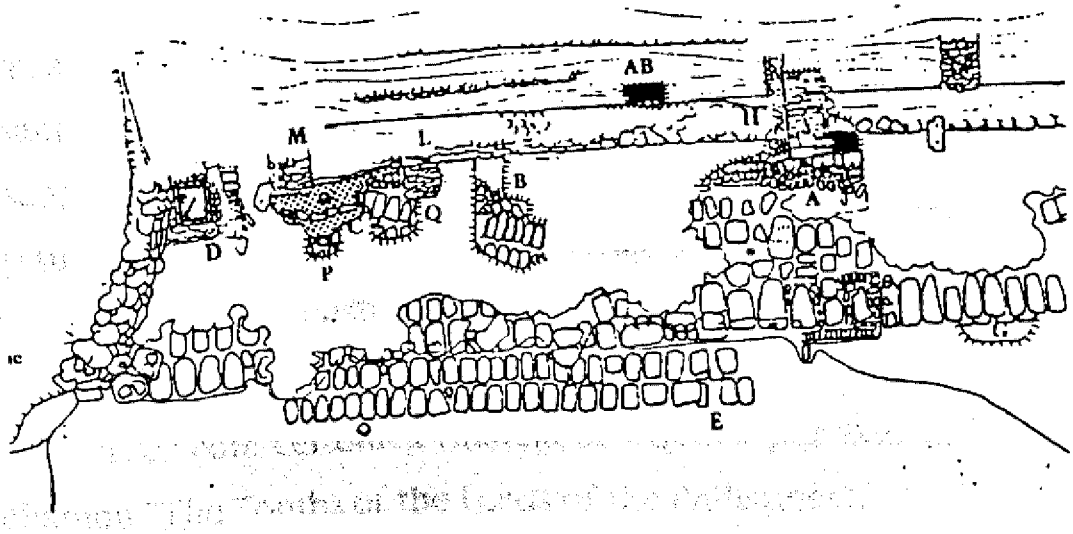
32 RABAN, A. - *O. c.*, 122-123.

33 IDEM - *Ibidem* , 124.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO De DOR



Plano das escavações em DOR: A, campo a meio do tell do lado oriental; B, mais a sul com as portas da cidade; C, zona residencial a norte; D, a sul; E. F,espaço do porto principal; G. centro da cidade helenística.



Porto sul de DOR

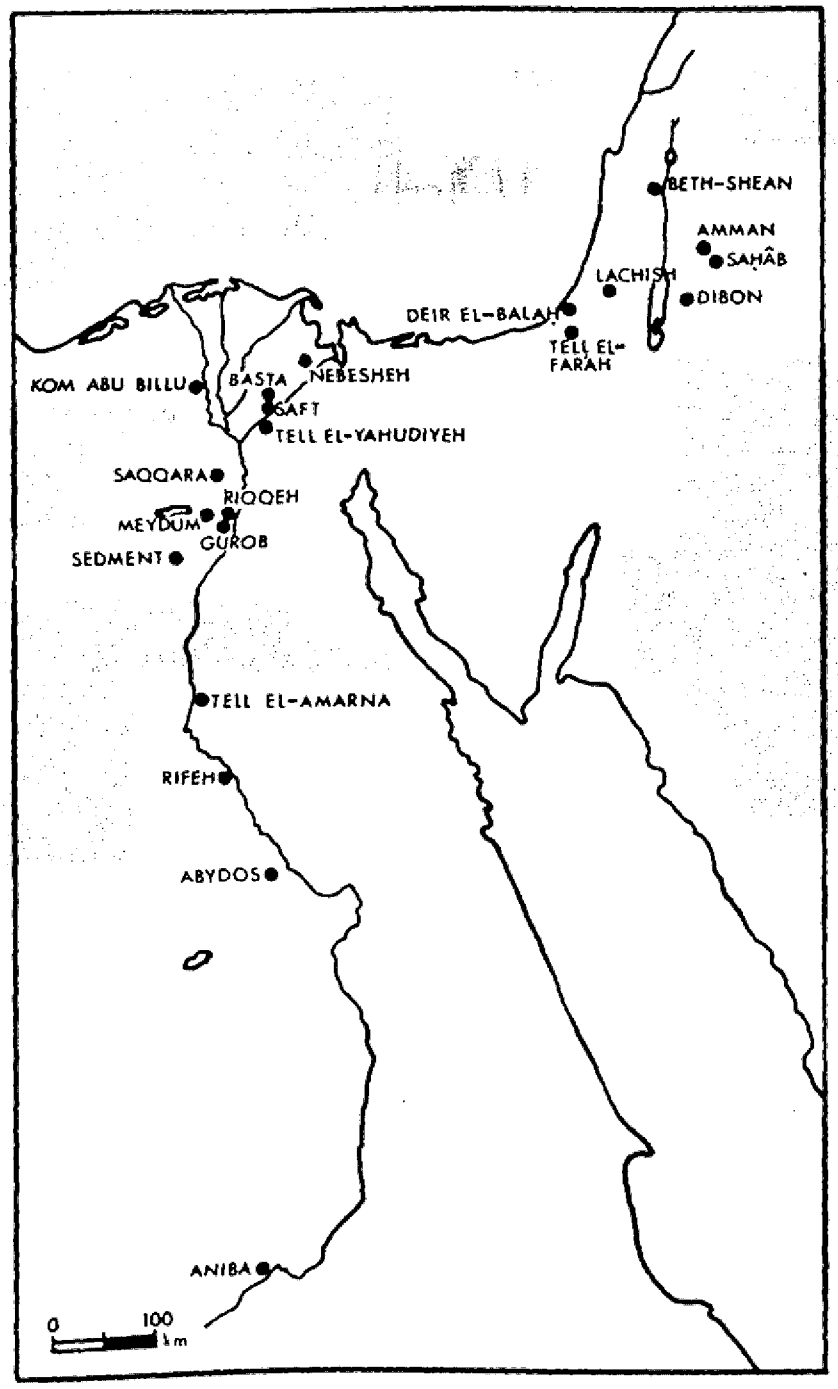
Diga-se, todavia, que entre os achados arqueológicos de Dor, particularmente no campo da cerâmica, nada apareceu que nos indicie a cultura especial dum povo singular. Não fora a indicação literária de Wen-Amon, e nós continuaríamos sem nada saber acerca dos *Tjeker* e sua presença em Dor. Nada há, pois, que permita distinguir as culturas materiais dos filisteus e dos tjeker. Não deixa, de ser intrigante a destruição violenta operada cerca de 1050 AC, uns 50 anos antes de David. É por isso que Efraim Stern lhe chama "cidade fenícia", mas os artigos deste autor, aqui citados, são um bom exemplo de como os arqueólogos israelitas tendem quase sempre a exorbitar do plano arqueológico "frio" para o campo "apaixonado", fazendo subreptícias interpretações de harmonização cultural histórico-bíblica.Em conclusão, a chamada "cerâmica filisteia", sendo um facto arqueológico digno de registo, só por si, não parece inculcar aquela singularidade tão especificante que nos obrigue a atribuí-la a elementos totalmente exógenos à cultura cananeia tradicional e relacionados com as invasões dos "Povos do Mar", concretamente com os Filisteus.

2 - Os sarcófagos antropóides de barro.

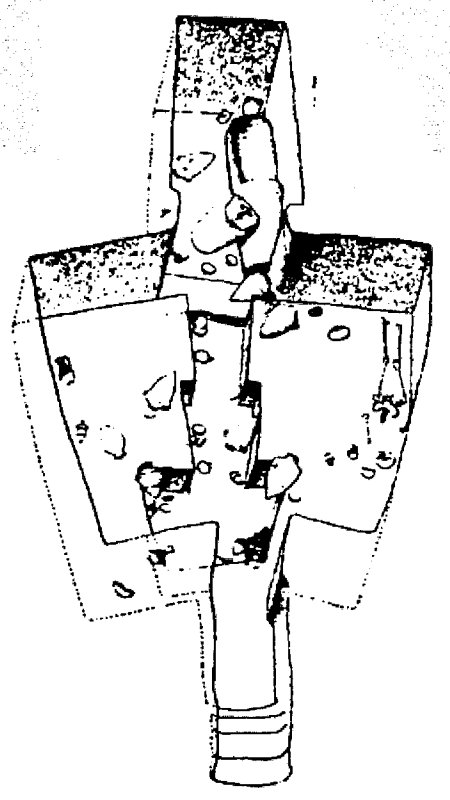
Para além da cerâmica, outro elemento, que os arqueólogos costumam apresentar como caracterizante da cultura material filisteia, são os sarcófagos antropóides de barro. Também T.Dothan lhes consagra um capítulo, a que chama "Burial Customs" [34] e, depois dela, este passou a ser um *item* do estudo sobre os filisteus. A importância deste parágrafo resulta do facto de se terem descoberto em Tell el-Farah S. alguns sepulcros com cerâmica filisteia aos quais, por isso mesmo, F. Petrie chamou "The Tombs of the Lords of the Philistines".

---

[34] DOTHAN, T. - *The Philistines and their material Culture* , (Cap.5), 252-288.



Mapa dos sítios arqueológicos com sarcófagos antropóides de barro (T.Dothan)



Tell el-Far`ah: Sepulcro 552 , Sarcófago 552 e Tampa do Sarcófago 562 (T.Dothan)





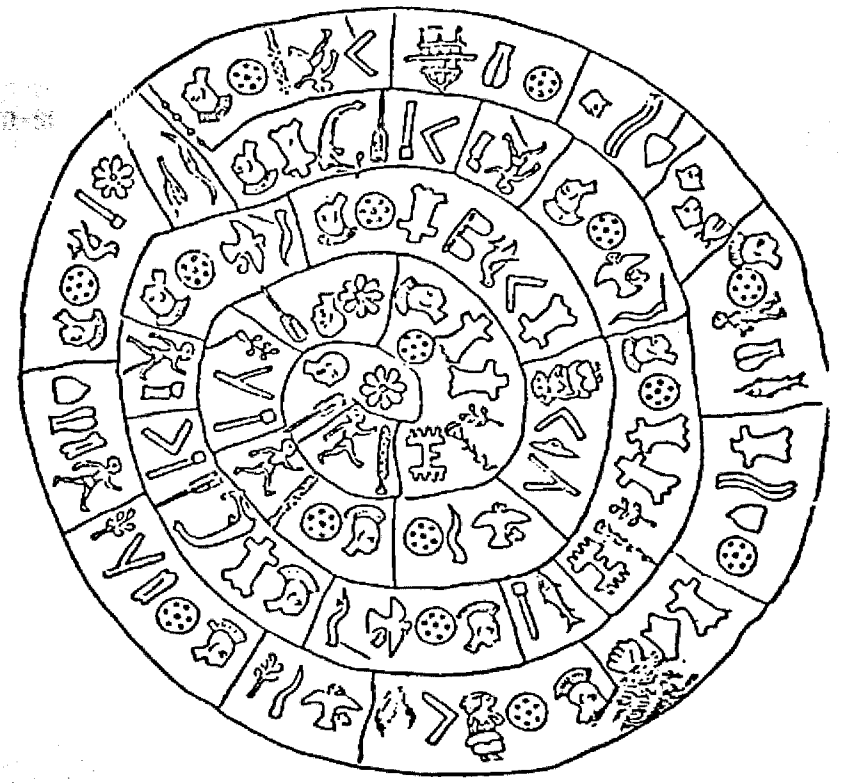


JERUSALÉM, Museu Rockfeller(:1433): Sepulcro antropóide de barro do túmulo 66 de Beth-Shean, com possível capacete de penas.



MEDINET-HABU: Relevo de Prisoneiros dos "Povos do Mar" (Filisteus?) com "capacetes de penas".

Sarcófagos da natureza dos de



CRETA, HERAKLEION - Museu Arqueológico: Disco de Phaestos (séc.XVI AC).



CHIPRE, ENKOMI: Caixa de marfim com guerreiro de "capacete de penas"

Sarcófagos da natureza dos de Tell el-Farah S. foram encontrados em vários lugares de Canaã: Tell el-Farah S., Deir el Balah, Lakish, Beth-Shean, e ainda na Transjordânia em Aman, Sahab, perto de Aman, e Dibon. Trata-se de sarcófagos tubulados em forma humana, sobretudo ao nível da cabeça. Esta era mesmo a parte, decorativamente, trabalhada, pois constituia a peça móvel e destacável por onde os cadáveres se metiam no sarcófago. Como tal, pela sua decoração, esta parte dos sarcófagos chamará, de modo especial, a atenção dos estudiosos, aos quais fornecerá elementos de análise.

2.1 - Os sarcófagos de Tell el-Farah S. Foram os primeiros a ser descobertos, com a particularidade de estarem depositados em sepulcros cavados na rocha ("rock-cut chamber tombs"). Destes, os mais problemáticos e significativos são o túmulo 935 do cemitério 900 e os 552 e 562 do cemitério 500.

Imediatamente se colocou a questão da origem ou modelo desses sepulcros e a estudiosa Jane Waldbaum [35] apontou logo para as câmaras funerárias de Micenas, através dos contactos com o mundo egeu, que os filisteus emblematizavam. Claro que T. Dothan agarrou, na generalidade, a sugestão como mais uma confirmação da sua tese da raiz micénica dos filisteus, embora pusesse reticências a alguns túmulos, em particular o 935 do cemitério 900, uma vez que isso levaria para uma presença anticipada dos filisteus em Canaã. Neste aspecto, partilhamos das observações de Brug [36], que prefere relacionar a forma dos túmulos com a maneira cananeia de fazer os sepulcros rejeitando a sua origem micénica. De facto, há diferenças assinaláveis. Se a forma rectangular ou redonda não parece muito importante, já o

[35] WALDBAUM, J.C. - *Philistines Tombs at Tell el Fara and the Aegean Prototypes* ,"American Journal of Archaeology", 70, 1966, 331-340.
[36] BRUG, J. F. - *O.c.*, 152-153.

dromos com degraus e os bancos são algo de singular em Tel el-Farah, enquanto os túmulos de Micenas e Grécia têm um *dromos* apenas alongado e raramente bancos. Por isso, Gonen e Stiebing recusam a origem micénica destes túmulos e o meu antigo companheiro do "Studium Biblicum Franciscanum" de Jerusalém, Estanislau Loffreda, prefere vê-los na evolução natural dos túmulos cananeus do BM IIC., dizendo, ainda, que paralelos semelhantes se encontram mais em Chipre que na Grécia 37.

Quanto aos sarcófagos, aquele encontrado no túmulo 935 estava fragmentado e até T.Dothan admite ser continuação dos bilobulados de Madaba no BM (séc.XIII AC) uma vez que nem sequer tinha associada cerâmica filisteia. Já nos nos túmulos 552 e 562 os sarcófagos antropóides estavam deslocados e o ambiente remexido talvez pelos ladrões da antiguidade; de resto, há que ter em conta as diversas fases do uso dos túmulos. Diga-se ainda que, para J.Waldbaum e T. Dothan, estes túmulos, quer quer no plano e medida quer na cerâmica, traduzem origem ou "estímulo" de origem egeia (micénica).

O sarcófago antropóide do 552 estava no sítio original da antecâmara embora a tampa estivesse removida. O modelado da tampa é rude, sem delineação dos ombros. Não tem sinais de cabeleira, as orelhas estão metidas no alto da cabeça e os braços quase parecem um "stick" recurvado justapondo-se debaixo duma "barba à Osiris".

O sarcófago antropóide do 562 estava totalmente deslocado e a tampa atirada para a entrada da câmara, Apresenta uma cabeleira comprida, que parece postiça, com as orelhas metidas nela. Os braços

37 STIEBING,W.H. - *Another Look at the Origins of the Philistine Tombs at Tell el-Fara`ah (S)* , "AJA", 74, 1970, 139-143; LOFFREDA, Stanislao - *Typological Sequence of Iron Age Rock-Cut Tombs in Palestine* , "Liber Annuus", 18, 1968, 282-287.

também parecem "sticks" recurvados, mas as mãos sobrepõem-se uma à outra debaixo duma "barba à Osiris".

Tanto num como noutro túmulo, o conjunto do espólio cerâmico, onde há jarras, jarros, malgas e um "*amphoriskos* ", representa tradições diversas (cananeia, egípcia, filisteia) cobrindo a diacronia do séx.XII à primeira metade do séc.XI AC. Mas, no total, a cerâmica filisteia não chegava aos 10%. Também lá havia uns poucos pequenos objectos de bronze e ferro.

Por tudo isto, com Brug, somos levados a concluir que não se trata de sarcófagos filisteus e todos os indícios nos levam para a aplicação de práticas egipcianizantes.

2.2 - Sarcófagos de Deir el-Balah. Estamos perante um grupo de sarcófagos antropóides dum lugar abaixo de Gaza, próximo da fronteira com o Egipto. Foi T.Dothan quem deu a conhecer este grupo de cerca de 60 sarcófagos de estilo "naturalista" e que ela não tem dificuldade em aceitar como egípcios, enterrados em covas abertas na terra areenta ("kurkar") com cerâmica do BT e sem qualquer elemento filisteu [38].

2.3 - Sarcófagos de Lakish. Desta feita, estamos praticamente na zona geográfica controlada peloa filisteus. Aqui, no túmulo 570, já revolvido, apareceram dois sarcófagos antropóides de estilo "naturalista" e um apresenta sinais de hieroglifos, se bem que em nenhum tenham aparecido elementos filisteus [39].

2.4 - Sarcófagos de Beth-Shean. Neste importante lugar do vale de Yezreel, próximo do rio Jordão, foi descoberto no cemitério norte um conjunto de cerca 50 sarcófagos pertencentes a 11 grupos. Para os

[38] DOTHAN,T. - *O. c.*, 252-260.
[39] IDEM - *Ibidem* , 276-279.

túmulos aproveitaram-se grutas funerárias que já vinham do BM. Ali não há elemntos filisteus, mas a cerâmica forma um espólio de formas variadas: malgas, frascos, jarras, jarras de estribo. No meio de tudo, o mais singular é um sarcófago do túmulo 66 que, na tampa, parece ter um homem com a cabeça defendida por um capacete de penas, semelhante aos que aparecem no templo de Medinet-Habu e identificados, correntemente, com os filisteus [40] .Para T. Dothan, o capacete de penas "provides decisive evidence that the bodies buried in the grotesque coffins at Beth-Shean were Sea Peoples, most Philistines" [41] , tanto mais que a Bíblia informa que os filisteus ocupavam Beth-Shean quando venceram Saúl e os israelitas na batalha dos montes de Guilboa (I Sam.31,8-13; I Crón.10,9-12). Apesar da cerâmica filisteia ser pouca, ela não hesita em datar o túmulo 66 da segunda metade do séc. XI e começos do séc. X AC. Contudo, tem consciência de que, em Beth.Shean, o costume de sepultar em sarcófagos antropóides de barro já vem do sécXIII AC, antes de os filisteus entrarem em Canaã, introduzido por egípcios estacionados ali.

Da nossa parte, podemos aceitar que, na realidade, a tampa do sarcófago antropóide do túmulo 66 apresenta um capacete de penas, mas, feita a comparação com outros grotescos de túmulos de Beth-Shean, também não nos custa nada aceitar que se trata apenas duma forma estilizada de cabeleira com a fronte adornada por tres faixas, duas das quais adornadas por botões perlados. Além disso, a singularidade (única!) do dito sarcófago, mesmo aceitando a semelhança com o estereótipo de Medinet-Habu, não permite atribuí-lo aos filisteus. Como diz o ditado, "uma andorinha não faz a primavera", e é preciso não

---

[40] Sobre os sarcófagos de Beth-Shean, além do estudo citado de T.Dothan, p. 268- 276, cfr. OREN, E. - *The Northern Cemetery of Beth-Shan* , Leiden, 1973, que não pudemos consultar.

[41] DOTHAN, T. - *O. c.*, 274.

esquecer que os relevos de Medinet-Habu, feitos por artistas egípcios, não são retratos ao natural, mas decalcam estereótipos habituais na época. O capacete de penas aparece em vários quadrantes, tempos e povos. Também aqui estamos muito mais próximos dos egípcios, que estiveram longamente aquartelados em Beth-Shean, do que dos filisteus, por mais que motivos deste tipo apareçam ainda numa caixa de marfim de Enkomi, Chipre, e no célebre e enigmático disco de Phaestos, Creta.

Os sarcófagos antropóides de barro aparecem no Egipto desde a Núbia ao Delta e, dadas as crenças egípcias no Além e as práticas para a conservação dos corpos, embora não se tivesse encontrado a múmia de nenhum, tiveram, com certeza, a sua origem ali. Os sarcófagos deste tipo encontrados em Canaã, tirando os poucos e raros da Transjordânia, encontram-se todos em zonas estratégicas de ocupação (militar) egípcia. A presença de cerâmica do mundo egeu, tão abundante em Canaã, é apenas uma prova do ambiente culturalmente aberto em que viviam.

Em alguns sítios, nos sepulcros foram encontradas peças de ouro e prata (Azor, Beth-Shean, Tell el-Far`ah S., Guezer), que são tidas como argumento para assinalar costumes micénicos. Se, de facto, em Micenas aparecem alguns casos, porque não buscar a sua origem no Egipto onde, muito antes, se encontram costumes dessa natureza e em muito maior grandeza, como prova, só por si, a descoberta intacta do túmulo de Tutankamom? Aliás, num período de agitação, como foi a passagem do BT para o F I, as influências e osmoses culturais faziam-se em todas as direcções.

Relacionada com os sarcófagos antropóides de barro, poderia alguém atribuir aos filisteus a prática da cremação em Canaã e o uso de

urnas de cremação (campos de urnas). Todavia, isso é apenas teórico porque não há razões arqueológicas para isso [42].

Em conclusão, a "cultura material dos filisteus", depois da tese de T.Dothan, tão aceite e propalada pelos arqueólogos israelitas, só por si não é suficiente para nos convencer da sua real historicidade e autenticidade. Os paralelismos micénicos, sendo legítimos e possíveis, já vinham de antes da chegada dos "Povos do Mar". De resto, a evolução natural da cerâmica do BT podia perfeitamente dar-se no sentido da cerâmica dita "filisteia". A sua difusão geográfica em Canaã talvez justifique esta conclusão. Uma questão que nos custa a compreender é como tão de pressa os filisteus se abastardaram na fabricação da dita cerâmica.

Por sua vez, os sarcófagos antropóides de barro, mesmo contendo cerâmica filisteia, devem, com certeza atribuir-se à presença de destacamentos egípcios em Canaã, e todo o seu contexto traduz um "Sitz im Leben" de matriz egípcia.

3 - Arquitectura e edifícios.

Eis um ponto em que talvez mais se esperasse da arqueologia mas ela, de facto, nada de singular forneceu. Não é fácil determinar o plano das cidades filisteias porque as escavações são sempre feitas em lugares estratégicos e parciais, sendo preciso ainda ter em conta as sucessivas camadas ou estratos. Em Tell Qasile, vê-se que, além dum bairro residencial e "industrial, havia edifícios de carácter público e, no alto, uma zona sagrada com templos. De maneira geral pode-se dizer que as cidades eram defendidas por muralhas, como se constatou em Asdod e Eqron. As casas não apresentam características que as diferenciem das

---

[42] BRUG, J.F. - *O.c.*, 153-155.

dos cananeus ou hebreus do tempo. Porque casas do tipo "four room house" ou "pillared house" nos aparecem em Tell Sharia e Tell Qasile X, alguns querem afirmar a sua prioridade face às da montanha central ocupada pelos hebreus, o que, todavia, como tivemos oportunidade de expor, não é aceitável.

O uso de casamatas ocorre em Ashdod XII, mas, de facto, já era conhecido em Canaã antes da Idade do Ferro; de resto, o termo "casamata" resulta ambíguo aplicado a instalações com casas dispostas em círculo [43]. Eis, pois, um ponto a explorar pela Arqueologia.

CONCLUSÃO . As provas arqueológicas acerca da "cultura material dos filisteus" são bastante vagas e nebulosas. Se não fossem os dados literários egípcios de Ramses III e a posterior informação biblica, ninguém, hoje, falaria dos filisteus e sua presença em Canaã. E, contudo, por isso mesmo, não deixamos de aceitar que se trata dum povo histórico. Aqui, sim, "A Bíblia tinha razão", como pretende o celebrado mas incongruente livro de Werner Keller que, para além do mais, ainda se adorna com o arrogante subtítulo - "Verdade histórica da Bíblia demonstrada pela Arqueologia" [44] , e que, a respeito dos Filisteus, não deixa. mais uma vez, de afirmar a sua historicidade e a plena *razoabilidade* dos dados bíblicos.

---

[43] BRUG, J.F. - *O.c.* , 189-190; MAZAR, Amihai - *Archaeology of the Land of the Bible* , Nova Iorque, 1990, 317-326.

[44] KELLER, Werner - *Und die Bibel hat doch Recht*, cuja tradução portuguesa é: *A Bíblia tinha razão. Verdade histórica da Bíblia demonstrada pela Arqueologia* , Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s/d.

ASHQELON



Pormenor do Mosaico da "Carta de Madaba"

Quando o livro I de

X

TERIAM OS FILISTEUS INTRODUZIDO EM CANAÃ NOVAS TECNOLOGIAS DO FERRO E DA CONSTRUÇÃO NAVAL ?

I - A tecnologia do FERRO em Canaã.

É corrente afirmar-se que os Filisteus introduziram em Canaã a tecnologia do tratamento do ferro e detiveram, durante anos, o seu monopólio. Só isso explicaria a sua preponderância sobre os hebreus até ao tempo do rei David. Quem o atesta é a Bíblia que, enquanto fonte literária, nos informa: "Ora, em toda a terra de Israel não se encontrava um ferreiro, porque os filisteus se tinham precavido para que os hebreus não fabricassem espadas ou lanças. Por isso, todos os israelitas tinham que acudir aos filisteus para afiar a relha, o enxadão, o machado ou a foice. Quando o fio das relhas, dos enxadões, dos forcados ou das cunhas se embotavam, para os aguçar, tinham de recorrer a eles. E, chegando o dia do combate, não se encontrou nem espada, nem lança nas mãos da gente que acompanhava Saúl e Jónatas. Apenas Saúl e o seu filho Jónatas estavam munidos dessas armas" (I Sam, 13,19-22). Curiosamente, porém, nem uma só vez aparece a palavra "ferro" (בַּרְזֶל). Fala-se, sim, do monopólio da metalurgia e, por essa razão, o ferro pode estar implícito no texto citado; de facto, a palavra ferro não aparece aqui, embora já tenha surgido na notícia do Deuteronómio sobre o "sarcófago de ferro" de Og, rei de Basan, a quando da entrada dos hebreus em Canaã: "Vê-se ainda o seu sarcófago de ferro (עֶרֶשׂ בַּרְזֶל), em Rabat, capital dos Amonitas: tem nove côvados de comprimento e quatro de largura, em côvados usuais" (Dt.3,11). Todavia, pelo contexto, vê-se bem que o texto é tardio e reflecte uma lenda ou saga, que faz Og descendente dos misteriosos refaítas dos tempos antigos.

Quando o livro I de Samuel faz a descrição do armamento de Golias, só o apresenta com uma espada de ferro (חֲנִיתוֹ שֵׁשׁ-מֵאוֹת שְׁקָלִים בַּרְזֶל), mas toda a restante armadura é ainda de bronze: "Trazia na cabeça um capacete de bronze e no corpo uma couraça de escamas, cujo peso era de cinco mil siclos de bronze. Tinha perneiras de bronze e um escudo de bronze defendia seus ombros. O cabo da sua lança era como um cilindro de tear e a sua ponta pesava seiscentos siclos de ferro" (I Sam, 17, 5-7). Apesar do exagero deste peso de 7,200 kg. (o siclo equivalia a 12 gr.), fique-nos a informação de apenas a lança ser de ferro, o que prova que o emprego do ferro ainda não era corrente. Mais tarde, quando Salomão mandou construir o Templo de Jerusalém, só se falará de utensílios de bronze:"... eram de bronze polido. O rei mandou-os fundir na planície do Jordão, numa terra argilosa entre Socot e Sartan. Era tão grande o número destes objectos, que Salomão não calculou o peso do bronze" (I Re. 7,45-46).

O Bronze foi tão importante, que determinou o período histórico, delimitado por arqueólogos e historiadores entre 3200-1200 AC. A grande diferença entre bronze e ferro está na graduatória de fusão destes metais [1] . Enquanto o bronze funde a 1200 ° C, para o ferro o ponto de fusão deve chegar a 1530 ° C. Em Canaã, o uso do bronze prolongou-se pela Idade do Ferro dentro, e quando os israelitas, exploradores de Canaã, voltaram ao acampamento do deserto,

---

[1] BRUG, J.F. - *A Literary and Archaeological Study of The Philistines* ,Oxford, BAR International Series 265, 1985; DOTHAN, T. - *The Philistines and Their Material Culture*, Jerusalém, 1982; MUHLY,James D. - *How Iron Technology Changed the Ancient World and gave the Philistines a Military Edge* , "BAR", VIII, 6, 1982, 40-52; TUBB,Jonathan N. - *The Role of the Sea Peoples in the Bronze Industry of Palestine/ Transjordan in the Late Bronze-Early Iron Age Transition* , CURTIS, John (Ed.) - *Bronze-Working Centres of Western Asia c.1000-539 BC* , Londres/Nova Iorque, Kegan Paul International/British Museum, 1988, 251-270; WALDBAUM, Jane - *From Bronze to Iron* , Gotegurgo, 1978 (que só conheci por referências).

informaram, admirados, que Canaã era um país "onde as pedras são de ferro e de cujas montanhas extrairás o cobre" (Dt.8,9). Passe embora a hipérbole, Canaã nunca foi região rica em metais e, salvas algumas explorações na Transjordânia, sempre os importou.

A indústria do ferro e o trabalho dos ferreiros são descritos na Bíblia. Isaías faz a descrição dum ídolo de ferro: "O ferreiro trabalha-o em brasas, vai-o modelando com o martelo, trabalha-o com mão vigorosa" (Is.44,12). E isto é suficiente para imaginarmos a forja, a bigorna e o martelo como imagens da oficina do ferreiro que o Eclesiástico descreve: "Assim sucede com o ferreiro sentado ao pé da bigorna, atento ao ferro, que vai amoldando; o vapor do fogo cresta as suas carnes e ele resiste ao calor da fornalha. O estrondo do martelo fere-lhe o ouvido com repetidos golpes e os seus olhos estão fixos no modelo da sua obra" (Eclo. 38,28). Devido à dureza do metal, porque não podia ser fundido para esculturas e imagens em molde, o ferro foi aplicado em trabalhos de agricultura e na arte da guerra, dando origem a uma série de utensílios, que chegaram até nós: pontas de arco, enxadas, facas, machados, picaretas, pás, e instrumentos de cavar, mas também e sobretudo espadas, lanças, punhais e atrelados de carros de combate, a ponto de se tornar o principal elemento do armamento e da indústria de guerra (Job 20,24). Como tal, o ferro é símbolo da dureza e da força, razão pela qual o portentoso e mítico animal *Behemot* (=hipopótamo) se reveste duma "estrutura semelhante a pranchas de ferro" (Job 40,13). O profeta Daniel, na parábola dos quatro reis, apresenta-nos o quarto rei vestido de ferro a vencer todos os outros (Dan.2,40). Com razão, pois, o Egipto é classificado como a "fornalha de ferro" de que Javé libertou o Seu povo (כּוּר הַבַּרְזֶל, Dt,4,20, I Re.8, 51; Jer.11,4). Por causa da superioridade militar, que as armas de ferro

davam aos cananeus, é que os hebreus se queixavam a Josué de não poder tomar-lhes as cidades: "A montanha não nos é suficiente; todos os cananeus, que habitam a planície, possuem carros de ferro, tanto os de Bet-San e suas cidades dependentes como os que vivem no vale de Jezrael. Então Josué disse à casa de José, de Efraim e de Manassés:"Tu és um povo numeroso e tua força é muita; não terás só uma parte, antes, terás a montanha, cuja floresta desbravarás, e seus limites pertencer-te-ão. Expulsarás os cananeus, apesar dos seus carros de ferro e da sua força" (Jos,17,16-18). Mais tarde, dir-se-á que Yabin, rei cananeu de Hazor, possuia um exército de 900 carros de ferro (Jz.4,3). É evidente que, por razões cronológicas e metalúrgicas, estes passos da Bíblia estão, em contradição com o do I Sam. 13,19-22, atrás citado, sobre o monopólio do ferro por parte dos filisteus.

Infelizmente, no grande espaço do antigo Canaã, ainda se não encontrou nenhuma fundição de ferro, embora haja quem queira descobrir uma no templo do BT de Yin´am, próximo do lago de Tiberíades [2] ; por sua vez, o desenvolvimento do tratamento tecnológico do ferro carbonizado, esse ainda está por estudar. Aliás, o uso do bronze vai estender-se pela Idade do Ferro dentro, até que o ferro se imponha a partir do séc.X AC, sobretudo em lugares onde há como que uma sobrevivência ou continuidade do trabalho dos metais, que já vinha do BT. Será que tem a ver com esta conclusão a afirmação bíblica referente à abundância de ferro no tempo de David, quando os chefes de famílias e tribos, de forma voluntária, "deram para o serviço do Templo cinco mil talentos de ouro, dez mil dáricos, dez mil talentos de prata, dezoito mil talentos de cobre e cem mil talentos de ferro" (I Crón.29,7) ? Mas,

---

[2] Cfr. a disputa relatada por BRUG, (*O. c.*, nota 508, pg.296) entre LIEBOWITZ ("BASOR", 243, 1981, 79-83) dum lado e ROTHENBERG ("BASOR", 252, 69-72) e MUHLY ("AJA", 85, 261) por outro.

teria sido mesmo assim? Não será isto mais uma idealização? Podem apontar-se como lugares de continuidade do trabalho dos metais as cidades cananeias do norte: Meguido (estrato VII A), Tanak (período I B), Beth-Shean (estrato V I).

Na realidade, a arqueologia, de forma dispersa, já conhece o ferro em épocas bastante anteriores, entre o IV e o II milénios AC, mas em jazidas de hematite e de magnetite, abundantes à superfície da terra, e em forma de meteoro. Os hititas conheceram-no desde a primeira metade do II miénio AC, quando se faz referência ao trono de ferro do rei Annitas (cfr. o paralelo bíblico de Og, rei de Basan, Dt.3,11). Também as cartas de El Amarna citam o ferro entre os dons oferecidos a Amenófis III do Egipto (1417-1379 AC) por Tushratta, rei dos Mitanni [3]; e foi com certo espanto que, no espólio do túmulo de Tutankamon (1361-1352 AC), o afortunado arqueólogo inglês, Howard Carter, descobriu um punhal de ferro. Em Canaã, há achados de objectos de ferro em Tell el-Far`ah S., Beth-Shemesh, Jemmeh, Meguido, Tell Qasile, Hasor, e noutros sítios como Ai (Et-Tell), Guibea, Madaba.

Muhly, da Universidade da Pensilvânia, com seus estudos da tecnologia do ferro, pretende afirmar que foi no mundo egeu e em Chipre que tal tecnologia se desenvolveu pelo método da carbonização e dos óxidos propagando-se a Canaã [4] através de contactos comerciais e pela migração dos "Povos do Mar". Para ele, porém, ao contrário do que afirma Yohanan Aharoni, não há razões arqueológicas para provar a superioridade dos filisteus sobre os hebreus na tecnologia do ferro: "no support for any claim to Philistine superiority in the tecnology of

---

[3] "EA", 22, I, 38; II, I-4, 16; 25, 22, 28.

[4] MUHLY, J.D. - *O. c.*, 47-51; CRUZ FERNÁNDEZ, Maria - *La Edad de los Metales*, "Historia del Arte", 4, Madrid, Historia 16, 1989, 80-84

ironworking" [5] . De facto, do ponto de vista arqueológico e tecnológico, não há dados para tal evidência. De resto, os arqueólogos têm-se preocupado muito mais, quase exclusivamente, com os grandes lugares arqueológicos públicos, administrativos e religiosos, do que com os problemas e dados da vida quotidiana doméstica e banal dos povos antigos.

A tecnologia artesanal do ferro carbonizado estabeleceu-se longa e lentamente pois, uma vez saido da forja, o ferro carbonizado ainda é quebradiço. Foi preciso descobrir que, ao mergulhá-lo na água, ele se torna mais duro e resistente. Ora isto já era conhecido na Grécia em tempo de Homero, conforme relata a Odisseia no episódio do gigante Polifemo: " Do mesmo modo que um machado e uma enxó rechiam alto, quando o bronzista os mete na água fria para lhes dar a têmpera - a força do ferro - assim o olho do Ciclope produzia um forte rechino em volta do pau de oliveira" [6] . Houve, portanto, uma longa caminhada de aprendizagem tecnológica no tratamento do ferro carbonizado, a qual, partindo do Médio Oriente, dos hititas, se estendeu a Chipre, Canaã e Grécia, e só tardiamenre chegou à Europa através dos Balcãs e pelo vale do Danúbio.

Quanto aos achados de instrumentos de ferro carbonizado, parece claro que, na zona filisteia, predominam os de utilidade bélica, armas, enquanto que nas zonas israelíticas se encontram utensílios agrícolas. Assim, em Tell el-Far`ah S., no cemitério 500, o túmulo 542 forneceu alguns objectos de ferro, inclusive um punhal, datados do séc. XII AC por estarem associados a elementos do mundo egeu. O túmulo 562 apresentou uma faca do séc.XI AC, feita de ferro tratado pelo método da

---

[5] IDEM - *Ibidem* , 53.
[6] HOMERO - *Odisseia* , 4ª edição, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1972, 126, Livro IX,

carbonização. A faca de ferro de Tell Qasile está muito corroida e não pôde ser analisada. Uma picareta de ferro encontrada em 1976, em Har Adir, junto de Sasa, na Alta Galileia, embora não ainda tecnologicamente analisada, é do séc.XIII/XII AC. O precioso achado de objectos de ferro de Tell Zeror, perto de Tell Dor, que inclui cinco facas e um punhal, é do séc.XI AC e pode estar relacionado com os "Povos do Mar" (filisteus ou Tjeker).

Da nossa parte, julgamos poder concluir que, ao contrário do que diz a Bíblia e divulgaram Albright e Wright, repetidos por quase toda a gente, do ponto de vista arqueológico e tecnológico, não foram os filisteus a introduzir a metalurgia do ferro em Canaã nem a desenvolver a sua tecnologia. É, sobretudo, no séc. X AC, que se observa a generalização do emprego do ferro carbonizado e não a quando da entrada dos filisteus no séc. XII AC. Citada por Brug, J. Waldbaum fornece-nos a estatística dum total de 290 peças, que, embora discutível, é ilucidativa: 20 do séc. XII AC; 78 do séc. XIAC; 192 do séc. X AC [7] . Não se vê, assim, que relação possa estabelecer Muhly entre a chegada dos "Povos do Mar", pretensamente vindos do Mar Egeu no séc. XII AC, e o desenvolvimento do ferro em Canaã só a partir do séc. X AC [8]. Se não fora o texto do I Sam 13, ninguém diria, arqueologicamente falando, que entre os filisteus ou na zona filisteia havia preponderância de tecnologia do ferro sobre os hebreus ou na zona restante de Canaã. Aliás, as alegadas influências de formas egeias sobre instrumentos da zona filisteia quase só se limitam às espadas, e, de resto, paralelismo formal não significa migração ou origem e proveniência. Veja-se como a armadura e armas de Golias (I Sam.17), apresentadas como afins a

---

[7] BRUG, J.F. - *O. c.*, 167.

[8] MUHLY,J - *O. c.*; Cfr WERTIME, T.; MUHLY, J. (Eds.) - *The Coming of Iron* , Yale, 1980 , que não conseguimos encontrar.

modelos egeus, não encontram paralelo com o armamento dos povos do mar retratado nos relevos de Medinet-Habu.

Tão pouco há que aceitar que o escudo redondo manejado pelos "povos do mar" em Medinet-Habu seja de origem egeia, pois já aparece no BT nos marfins de Meguido e em mãos de gente que não é filisteia. E o mesmo se diga da chamada "espada dos Sherden", descoberta e vendida em Tel Aviv em 1911, que costuma ser aparentada a modelos encontrados na Grécia e Mediterrâneo Oriental mas que bem pode derivar do armamento de Canaã no BT. As espadas dos *Sherden* em Medinet-Habu são híbridas e não podem simplesmente identificar-se com modelos egeus.

Mazar apresentou a machada - enxó de bronze com cabo (*socketed bronze ax-adze*), encontrada no Templo do estrato X de Tell Qasile, como um indesmentível indicador da origem egeia dos filisteus; todavia, bem analisado, o caso não parece tão linear. Na realidade, estamos diante dum exemplar único em sítios filisteus, contudo machadas deste tipo ou machados duplos, embora raros em Canaã (Meguido e Guezer), já aparecem antes de Ramses III e estão representados nos relevos de Seti I (1318-1304 AC). Ora, como uma andorinha não faz a primavera, também se pode dizer que um exemplar único não pode servir de regra geral. Quiçá mesmo se tenha de pôr em causa a origem egeia das machadas deste tipo e dos machados duplos. Neste caso, os paralelos de Chipre poderiam funcionar como uma placa giratória, que tanto nos orienta para o mundo egeu e grego como para a Anatólia.

Poderíamos ainda alargar a nossa análise sobre os artefactos de ferro e armamento, se não tivéramos já a pontilhosa e minuciosa

resenha crítica de Brug [9], que, arqueologicamente, nos parece muito "fria" e pertinente, ao mesmo tempo que, ideologicamente, muito equidistante dos "preconceitos" acalorados, a que a Bíblia sempre arrasta os arqueólogos israelitas.

II - A Construção naval e os Filisteus.

Convém, desde já, afirmar que tudo o que se disser sobre este ponto carece, em absoluto, de evidência arqueológica. Na realidade, tudo parte da migração dos "Povos do Mar" e dos relevos egípcios de Medinet-Habu onde está, de forma pretensamente historicizante, relatada a batalha naval entre egípcios e "Povos do Mar". São, apenas, estes os factores que levam os estudiosos a pôr-se a questão da arte nâutica dos filisteus.

É certo que já no Neolítico o mar, que cobre mais de 70 % da superfície do globo terrestre, não era uma barreira intransponível para o homem. Sobretudo no Mediterrâneo oriental, desde o 3° milenio AC, constata-se uma animada actividade comercial marítima de longo curso, talvez apenas de cabotagem; o mar, porém, já funcionava como via de comunicação para o homem daquele tempo. Centrado nas ilhas Cíclades e nos paises costeiros da Ásia Menor mediterrânica, com navios de remos, velas e quilha, o comércio incentivou um vai-vem de povos que, depois, terão chegado à Península Ibérica e entrado no Atlântico. Era sobretudo a procura de riquezas metalúrgicas a incentivá-los, fazendo dos metais a primeira grande economia de trocas a nível mundial. No séc. XV AC, segundo os historiadores gregos (Heródoto, Tucídedes), o semi-lendário Minos, rei de Creta, teria criado uma verdadeira talassocracia. Em seguida, a cultura micénica teria desenvolvido a arte

---

9 BRUG, J.F. - *O.c.*, 168-172 que nos refere também o dado de Mazar, acima citado.

de navegar para melhor exportar os seus artefactos para as ilhas, Egipto, Canaã e outras regiões da Ásia Menor [10].

Homero apresenta-nos um autêntico "catálogo dos navios" [11], que formavam as frotas comerciais e bélicas das cidades micénicas. Por sua vez, a guerra de Tróia teria provado a utilidade bélica dos navios de longo curso e pesada carga.

Do ponto de vista testemunhal directo ou documental, é na Idade do Bronze que se verifica o uso de navios e sua utilidade comercial e bélica, como se sabe das migrações dos "Povos do Mar", segundo o testemunho dos arquivos do palácio de Pylos, cidade tardo-micénica do Peloponeso, das navegações egípcias para o Líbano em busca da madeira de cedro e dos relevos da "batalha naval" de Medinet-Habu, no Egipto. A queda da civilização micénica, c. 1200 AC, terá possibilitado o desenvolvimento da actividade marítima e da navegação por parte dos fenícios desde o Mediterrâneo oriental [12], pois o mar, se foi um obstáculo, apareceu também como uma "área de transporte", no dizer de Braudel, ao serviço dos povos. De facto, depois do II milénio AC, com as civilizações minóica e micénica, surge um tipo de barco que, com Braudel, poderemos chamar "barco egeu". Ao contrário dos barcos do Eufrates e do Nilo, mesmo os que se aventuravam por cabotagem a ir até Biblos e Ugarit, este barco egeu é um navio ligeiro, dispondo de querena e de quilha, armado de remos e de vela, que permite afrontar as ondas alterosas e mergulhar nas águas profundas. Dele, como

---

10 CULICAN , William - *O Comércio Marítimo nas primeiras comunidades do Levante* , Lisboa, Editorial Verbo, 1966; HOECKMANN, Olaf - *La navigazione nel mondo antico* , Milão, Garzanti Editore, 1988 (Trad. do alemão).

11 HOMERO - *A Ilíade* , 2ª ed., Mem Martins, 1988, 37-45, Cap.II. Falta saber se o relato de Homero não é anacrónico e lendário.

12 BRAUDEL, Fernand - *O Mediterrâneo , O Espaço e a História* , Lisboa Editorial Teorema, 1987, 42; CHIERA, Giovanna - *I Fenici mercanti e avventurieri dell´antichità. Un popolo di navigatori da Orienti a occidente lungo la via del sole* , 2º ed., Roma, New Compton Editori, 1988.

protótipo e modelo, vão derivar os barcos dos povos navegadores (proto-fenícios e proto-gregos), que animarão a vida comercial no Mediterrâneo oriental e, depois, se farão de vela até ao Ocidente. A eles se há-de referir o profeta Ezequiel no oráculo contra Tiro: "Como desapareceste dos mares, tu cidade célebre, tu que eras poderosa sobre o mar, tu e os teus habitantes, eles que espalhavam terror por todo o continente. Agora as ilhas estremecerão no dia da tua ruina, e as ilhas que se encontram no mar serão aterrorizadas com o teu destino" [13]. Em seguida, em tom de lamentação, o profeta bíblico do séc. VI-V AC, prossegue, ele que tanto se admirara com os barcos dos fenícios: "Tiro, tu dizias: ´Eu sou um navio duma beleza perfeita`. O teu domínio está no coração do mar, os teus construtores fizeram de ti uma maravilha de perfeição. Com ciprestes de Senir fizeram as tuas pranchas; para te fazerem um mastro tomaram um cedro do Líbano. Com os carvalhos mais altos de Basan fizeram os teus remos e com marfim incrustado em cedro das ilhas Kitim o teu convés. O linho fino do Egipto com os seus bordados formava as tuas velas para te servir de pavilhão. A púrpura e o escarlate das ilhas de Elicha (Chipre) formaram a tua cobertura. Os habitantes de Sidónia e de Arvad foram os teus remadores. E os sábios de Cemer estavam a bordo com teus pilotos. Os anciãos de Gebal (Biblos) e seus artistas lá estavam para reparar as tuas avarias. Todos os navios do mar e seus marinheiros estavam perto de ti para fazerem comércio contigo". Belíssimo trecho literário que, se prova o conhecimento do escritor, também demonstra o desenvolvimento da arte náutica e nos dá uma ideia global da proveniência dos materiais de construção !

O Mediterrâneo era e é um mar com muitos mares de correntes contrárias, o qual, antes do desenvolvimento técnico da náutica

13 EZEQUIEL, 26, 17-18; 27, 3-9.

moderna, nunca se mostrou muito seguro e fácil para os marinheiros. Por esse motivo, não embarcamos, credulamente, na opinião daqueles que vêem fenícios a navegar por todo o Mediterrâneo, ultrapassando as colunas de Hércules, o actual estreito de Gibraltar, subindo pelo Atlântico, acostando ao que se chamará Portugal e chegando à Grã Bretanha.

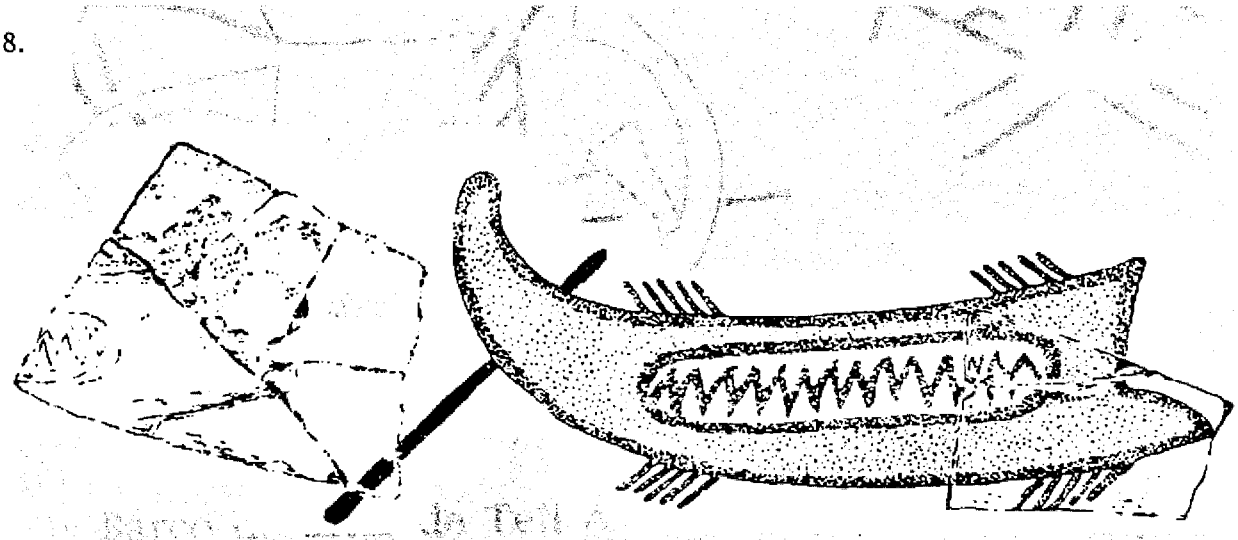
Arqueológicamente, guiando-nos pela cerâmica, não é de crer que os micenos, por sua vez, tenham passado além de Ischia, e são totalmente duvidosos os ecos da sua influência na Bretanha. O estanho, que porventura receberam da Cornualha, podem-no ter adquirido por comerciantes intermediários. De igual modo, não devem ter tido contactos com o sul da Ibéria, onde, com efeito, existiam minas de estanho e de prata mas donde ainda não chegam indícios claros da sua presença [14] . Com certeza, porém, hão-de ser os fenícios os primeiros a lá chegar com intúitos comerciais.

Os perigos do mar Mediterrâneo eram bem conhecidos. Nos começos do séc. VII AC, o escritor Hesíodo, na sua obra "Os trabalhos e os dias", avisava seu irmão Perseu, camponês de profissão e marinheiro ocasional, acautelando-o dos perigos da navegação no Mediterrâneo: "Se o desejo da perigosa navegação se apoderou da tua alma, teme a época em que as Pleíades, fugindo do impetuoso Orião, se mergulham no sombrio oceano; então se desencadeia o sopro de todos os ventos; não exponhas os teus navios á fúria do mar tenebroso" [15]. De facto, só em 1297, em plena Idade Média Europeia, é que os navios de Génova encetaram viagens regulares para Bruges e Mar do Norte [16].

---

[14] TAYLOR, Lord William - *The Mycenaeans* , Revised and enlarged edition, Londres, Thames & Hudson, 1991, 145.
[15] HÉSIODE - *Les travaux et les jours* , Paris, Antiqua, 1928, 43.
[16] BRAUDEL, Fernand - *O. c.*, 44.

Há imagens ou gravuras de barcos desde o III milénio AC no Mediterrâneo [17] . Para o caso, interessam-nos os de Micenas, Chipre, zona de Canaã e Egipto. De tipo micénico, a representação mais antiga é a que se encontra num fragmento de vaso de Iolkos, na Tessália (Grécia), datado do Heládico Médio (séc. XIII AC). O barco apresenta-se com "esporão" em prolongamento da quilha, com remos e leme na popa [18].



Barco micénico de Iolkos, na Grécia.

Por vezes, os autores estranham a existência de remos nos barcos, mas parece mais de estranhar não encontrar remos que encontrá-los.

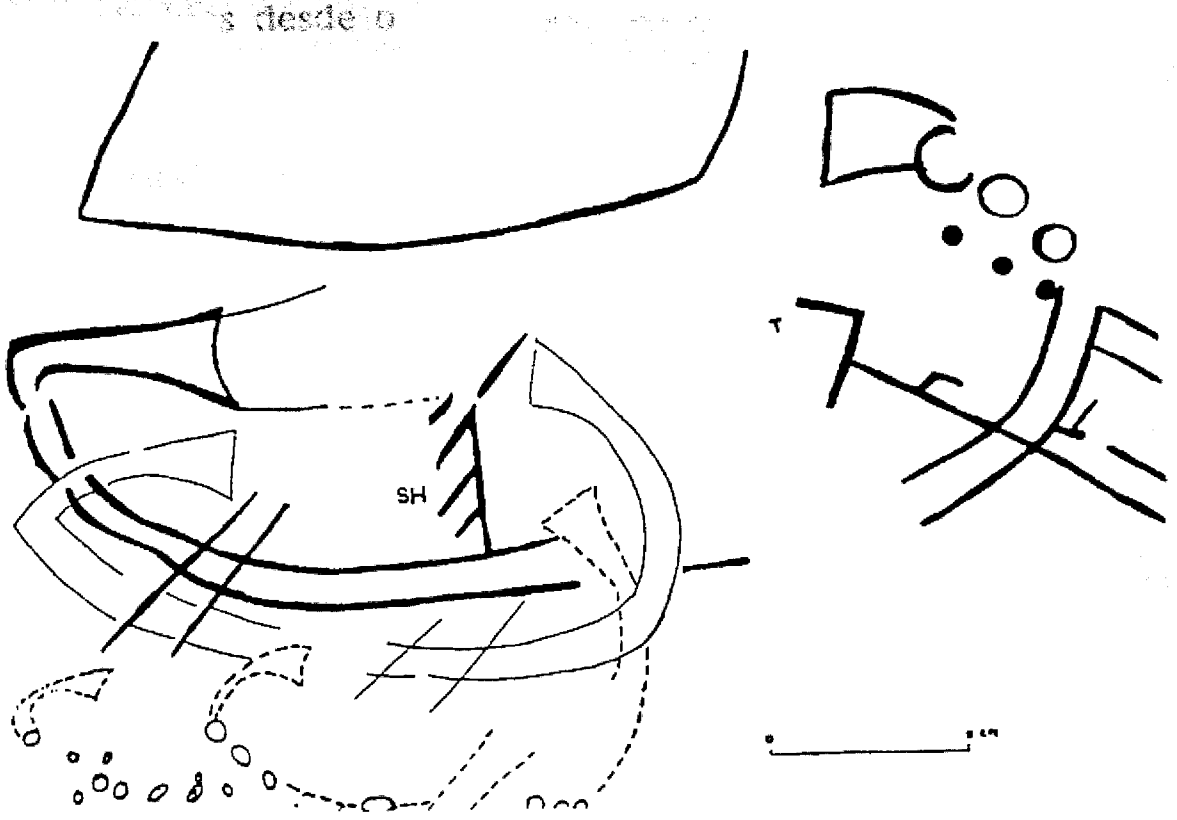
Outro tipo de barco desse tempo é o que foi gravado numa pedra calcária de altar (30 x 24 x 26 cm) encontrada em Tell Akko [19] (Acre).

---

17 Só por via indirecta tivemos conhecimento dos trabalhos de CASSON, Lionel - *Ships and Seamanship in the Ancient World* , Princeton, Princeton University Press, 1971; DE GRAEVE, C. - *The Ships of the Ancient Near East* , Lovaina, Department Orientalstiek, 1981 (Orientalia Lovaniensia Analecta , Nº 7). Sabemos que S. WACHSMANN no seu estudo (*The Ships of the Sea Peoples*, "International Journal of Nautical Archaeology", 10, 1981, 187-220) tentou fazer o inventário da problemática nâutica relacionada com os "Povos do Mar".

18 TAYLOR, Lord William - *O.c.*, 152-154.

19 ARTZY, Michal - *On Boats and Sea Peoples* , "BASOR", 266, 1987, 75-84.



Barco do altar de Tell Akko, Israel (*desenho de Artzy*)

O estudioso Artzy crê tratar-se de obra de povo marítimo, intruso em Canaã. Embora as incisões sejam algo confusas, podem distinguir-se 4 barcos sobrepostos e no barco maior e melhor delineado observa-se a proa bastante acentuada senão mesmo exageradamente recurvada para dentro em forma de leque. Neste aspecto, aproxima-se do barco gravado na parede do Templo I, em Kition (Chipre). Dado que o o barco do altar de Acre está gravado em pedra calcária, que também era usada em Chipre, Artzy, de aproximação em aproximação e de dedução em dedução, com todo o seu comparativismo arqueológico, estabelece relações de origem e proveniência com a zona do Levante. Avança, por isso, com a hipótese do barco ser obra dos Tjeker, que se instalaram em Dor, abaixo de Haifa, segundo o testemunho de Wen-Amon e, mais provavelmente, com os Sherden ou Sardana, "Povos do Mar", que

surgem referidos desde o tempo de Ramses II [20] . Note-se que a preocupação do adorno de proas e popas de barcos é frequente na antiguidade e aparece bem testemunhado já nos barcos, que a rainha-faraó Hatshepsut, da 18ª Dinastia, no séc. XV AC, enviou a Punt (Etiópia) e se pode ver nos barcos, quer egípcios quer dos "Povos do Mar", a quando da "Batalha Naval" de Medinet-Habu (séc.XII AC).

Posto isto, somos obrigados a deter-nos um pouco na análise dos barcos dos "Povos do Mar" reproduzidos no relevo egípcio da célebre "Batalha Naval" do Templo de Medinet-Habu a glorificar a vitória do faraó Ramses III (1198-1166 AC).

Os chamados "Povos do Mar" foram derrotados, mas não aniquilados, como pretendem convencer-nos as inscrições dos relevos egípcios de Medint-Habu, porque, depois, segundo a Bíblia, vamos encontrá-los na costa marítima de Canaã (*PALESTINA*). A guerra dos "Povos do Mar" ou, melhor dito segundo as fontes egípcias, dos "Países do Norte", está descrita em 7 painéis ou cenas do muro nordeste do Templo de Medinet-Habu [21]. Destes, interessam ao nosso intento os que se referem à batalha terrestre, à "batalha naval" e à celebração da vitória com a contagem das mãos e revista dos prisioneiros.

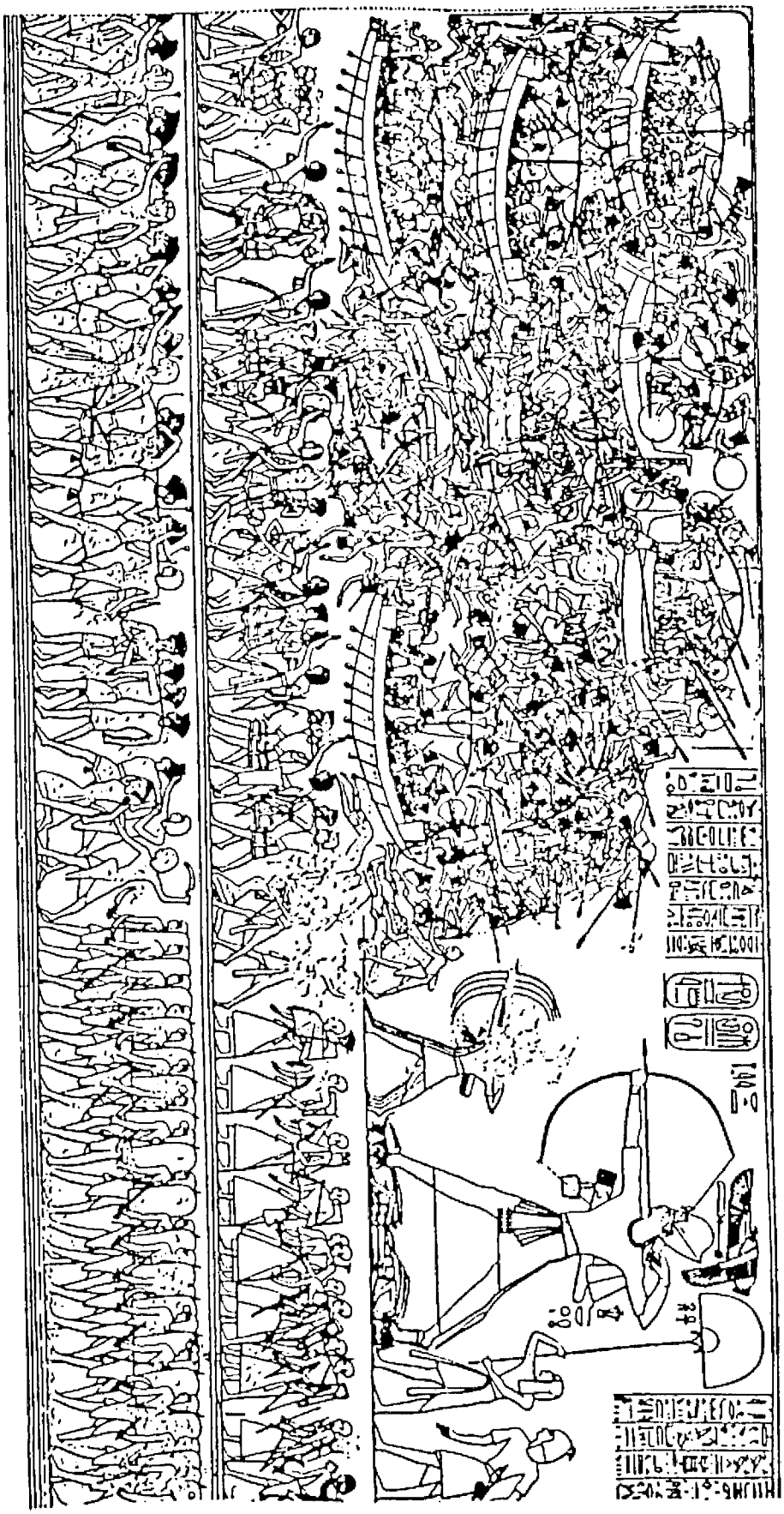
Segundo Nelson [22] , já Wrezinski observava e advertia que os relevos egípcios de guerra, em geral, não pretendem relatar a "história

---

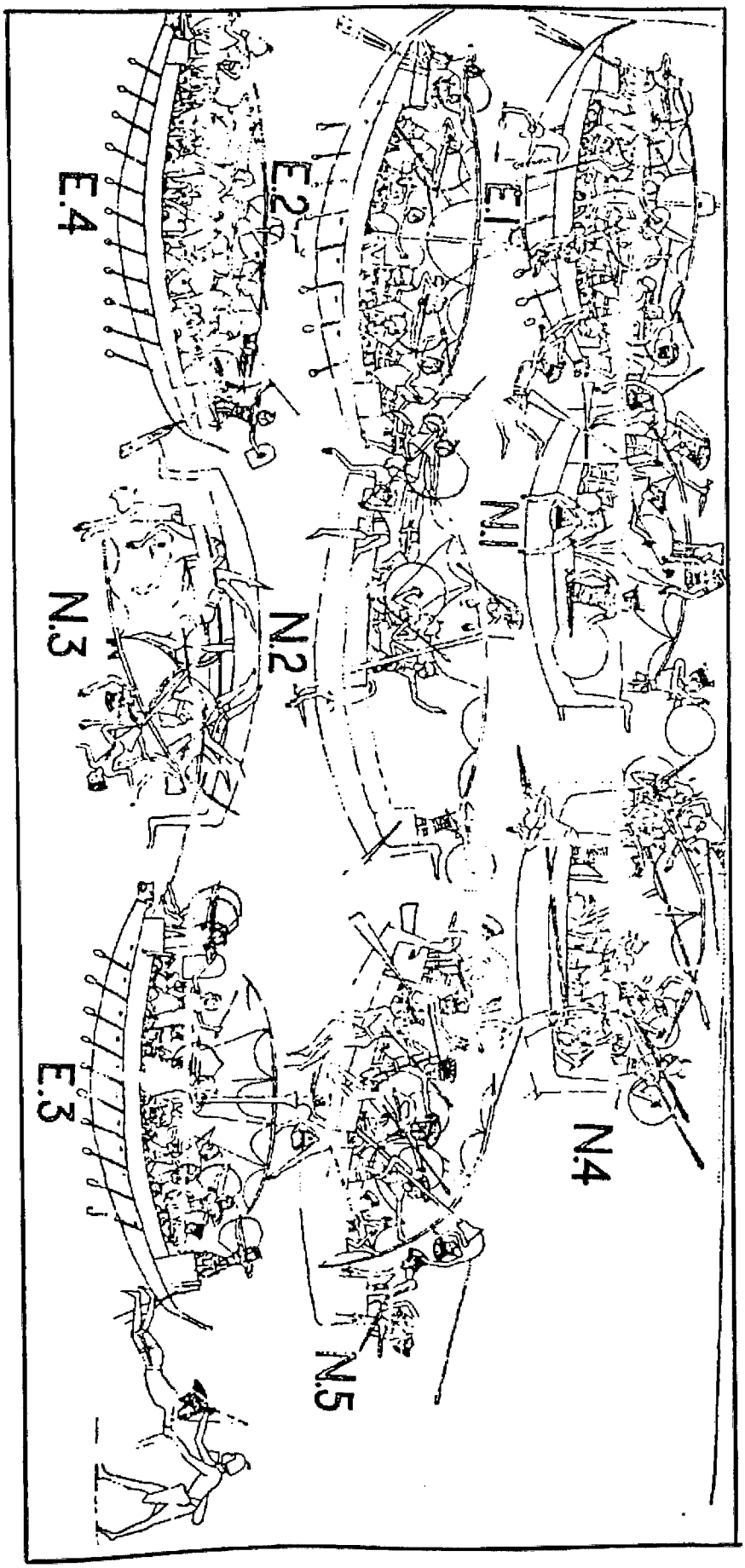
20 Artzy, no artigo acima citado, não esconde a preocupação de harmonizar e relacionar a sua leitura hermenêutica do barco do altar de Tell Akko (não redondo mas tipo galé) com os barcos dos "Povos do Mar" da "Batalha Naval" de Medinet-Habu em tempos de Ramses III. Para isso, apela mesmo para a tradução que Yoiotte fez, em 1949, da "Estela de Tanis", acrescentando à tradução de Petrie, em 1888: "Quant aux Shardanes au coeur rebelle... sur des vaisseaux combattants au milieu de la mer...".

21 "Medinet-Habu", Vol.I: *Earlier Historical Records od Ramses III* , Chicago, Oriental Institute, University of Chicago, 1937, Planches 20-43.

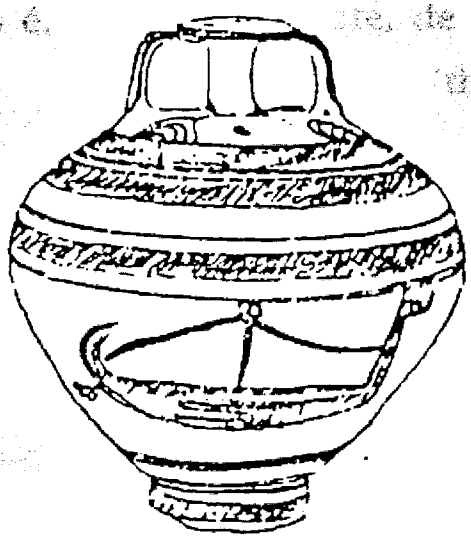
22 NELSON, Harold H. - *The Naval Battle Pictured at Medinet Habu* , "JNES", Vol. II, 1943, 40-56.



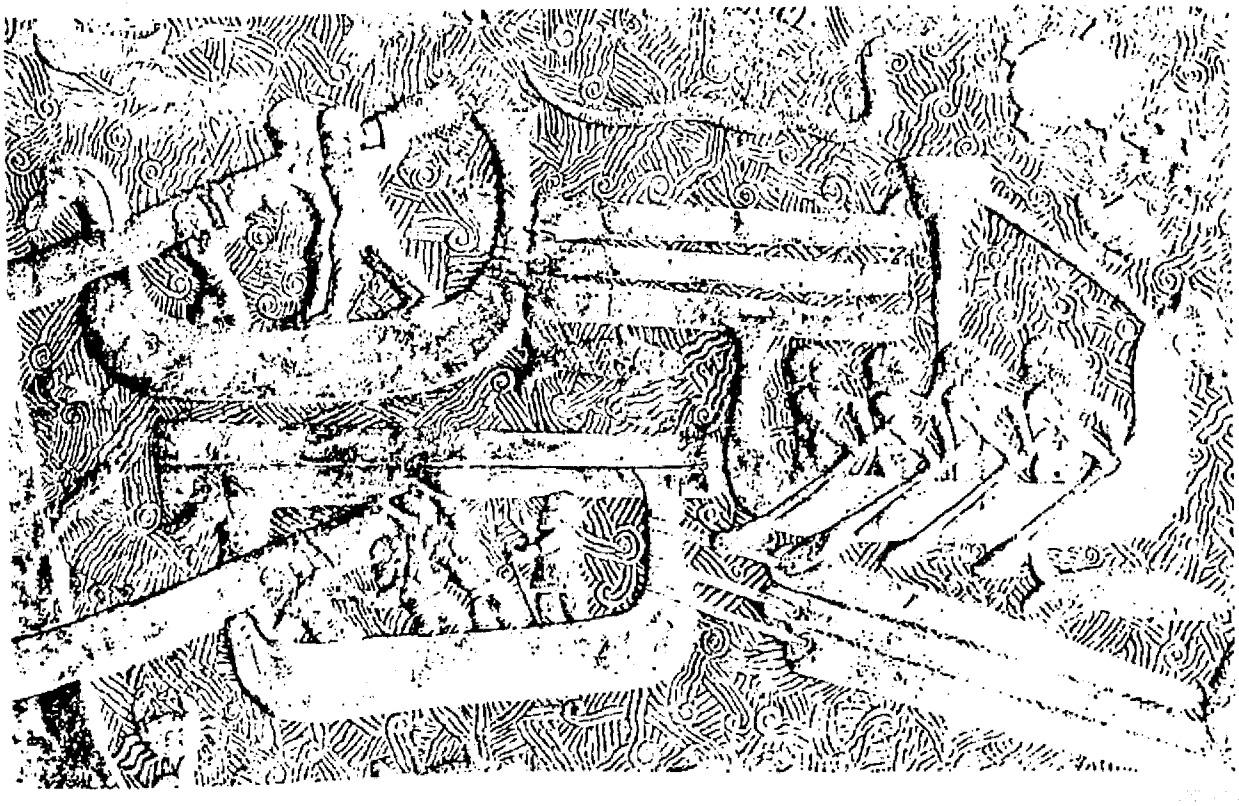
MEDINET-HABU : BATALHA NAVAL



"Batalha Naval" de Medinet-Habu (montagem NELSON)



Vaso de SKYROS (mar Egeu)



Barcos Fenícios, tipo HIPPOS (Palácio de Sargão II, 721-705 AC)

do conflito" mas antes ilustrar, de maneira viva, a narrativa das inscrições, cujo género é, indiscutivelmente, de tom magnificente, laudatório, épico mesmo. E o próprio Nelson diz: "the main purpose of the picture is to catch the eye and appeal to imagination while the text gives no concrete image of the event" [23]. De facto, estamos certos que o artista não faz obra de retratista ou fotógrafo captando a realidade mas tenta incuti-la, emocionalmente, por meio de estereótipos de valor polivalente e em função do seu intento encomiasta.

As fontes egípcias, com as incrições do 5° ano e do 8° ano de Ramses III, fornecem tudo o que podemos saber sobre a guerra com os "Povos do Mar", e já as citámos, parcialmente, ao falar das fontes literárias sobre os Filisteus (*Capítulos VI- VII*), podendo lê-las, por inteiro, no nosso II volume com a "Antologia documental". Parece claro que o gravador (escriba) dos hieroglifos não é o mesmo dos relevos. Com efeito, o artista, que desenhou o relelevo-registo da "Batalha Naval", embora se conforme com o texto hieroglífico e tente mesmo ilustrá-lo, parece ter ele também o seu plano narrativo. Isso transparece das generalizações que apresenta no seu quadro artístico, estabelecendo, simplesmente, uma contraposição entre egípcios e inimigos coligados. Nesse intento, fornece apenas um único tipo de barcos egípcios (E 1, E 2, E 3, E 4), quando o texto literário fala de tres, Para os inimigos "Povos do Mar" aponta um mesmo tipo de barcos e apenas dois tipos de soldados, quando o texto literário fala duma coligação de vários povos: Peleshet, Tjeker, Shekelesh, Denyen, Weshesh. O artista gravador reduziu-os a dois grupos: os de "capacete de cornos" nos barcos N 2 e N 4 (serão apenas os *sherden* ?) e os de

23 NELSON, Harold H. - *O. c.*, 42.

"capacete de penas" nos barcos N1, N3, N 5 (serão tão somente os *filisteus* ?).

Estas generalizações talvez sejam intencionais por parte do artista gravador para melhor realçar a oposição entre egípcios, dum lado, e coligação dos "Povos do Mar", por outro lado. Aliás, vê-se que o artista quis pôr em evidência a confusão e barafunda dos inimigos, quando apanhados no estratagema militar montado pelos egípcios, que se ordenam em linha de combate, bem organizados, sob a chefia altiva e terrificante do faraó. Em todas as cenas de batalhas de Medinet-Habu, como aqui, aparece a figura colossal do faraó dominando o campo de batalha, de pé no seu carro de combate, aprestando o arco e como que fazendo irradiar da sua pessoa uma força divina, irresistível, que protege o seu povo e esmaga os inimigos. De facto, esta apresentação da figura hieratizada e ameaçadora do faraó Ramses III repete-se no relevo da batalha contra os Tehenu da primeira guerra líbia no Ano 5° e na batalha contra os Meshwesh da segunda guerra líbia no Ano 11°. Aqui temos, sem dúvida, um preclaro exemplo de manipulação ideológica da arte, muito ao gosto dos egípcios! Por isso, julgamos ser perfeitamente aceitável e óbvia a opinião de Nelson quando afirma que "the picture has something to add to the text and is in itself a narrative"

24.

---

24 IDEM - *Ibidem* , 48. Tendo procedido à análise estrutural dos textos de. Medinet-Habu sobre os "Povos do Mar", B. Cifola concluiu que eles se inserem no esquema ideológico dos egípcios sobre o "dogma" tradicional da predominância egípcia e do papel cósmico e divino de faraó. Com adaptações, esse esquema-modelo era aplicado segundo a mundividência egípcia criando, assim, um sistema literário e narrativo. Tenha-se presente o texto que está gravado por cima do arco do faraó e que começa à esquerda da porta: "O bom deus, Montu sobre o Egipto, grande em poder como Baal nos paises (estrangeiros), poderoso em força, magnânimo em coração, fortemente armado, terrível no seu poder, um...muro, cobrindo o Egipto de tal modo que quem chega não o vê, o Rei do Alto e Baixo Egipto, o Senhor dos dois Paises, Weswer Maat-Re, o amado de Amon". Cfr. CIFOLA, Barbara - *Ramses III and the Sea Peoples: A Structural Analysis of the Medinet Habu inscription* , "Orientalia", Roma, PIB, 57, 1988, 275-306.

O registo da "Batalha Naval", gravado no muro nordeste do Templo de Medinet-Habu, mede aproximadamente 6 x 12. Tem de comprimento quase o tríplo da altura, podendo, esquematicamente, dividir-se em 4 secções, como vimos no desenho acima, dispostas da esquerda para a direita e de cima para baixo. A secção 1 reproduz a batalha propriamente dita com o afrontamento de 4 barcos egípcios e 5 barcos inimigos; a secção 2 apresenta duas filas de prisioneiros conduzidos para a festa da vitória; a secção 3 mostra o faraó triunfante no seu carro de guerra aprestando o arco; a secção 4 abrange representações das forças do faraó. Tem-se a impressão clara de que o artista, como nota Nelson, introduziu no relevo da "Batalha Naval" uma nota cronológica de medida temporal. De facto, parece que estamos a assistir à progressão dos vários momentos da batalha, desde o seu início até à vitória final dos egípcios. O artista não quis atender a pormenores mas, em termos gerais, pretendeu dar uma visão de conjunto. Ora isto faz a diferença com o grande e mais antigo relevo da batalha de Qadesh sob Ramses II no Ramesseum da margem esquerda de Tebas e, por isso, marece ser aqui assinalado como uma espécie de avanço técnico-artístico dentro da grande arte mural egípcia.

Concentremos, agora, a nossa atenção na secção 1 e examinemos os barcos. Os 4 barcos egípcios podem reconhecer-se pela maneira de vestir dos soldados e seu equipamento. Trata-se de barcos compridos, com vários pares de remos (8, 10, 11), apetrechados de velas içadas e proa decorada com cabeça de leoa de fauces hiantes, a lembrar a deusa leoa Sekhmet. Os 5 barcos dos "Povos do Mar", apanhados como que numa armadilha entre os barcos egípcios, são menos compridos, de fundo chato, como se pode ver pelo barco, que está virado; só têm um par de remos para governação do barco e as velas estão içadas como

nos barcos egípcios; as proas e as popas, essas estão decoradas com cabeças de pássaro (patos). Estes barcos dos "Povos do Mar" têm toda a aparência de menos evoluidos e menos velozes que os dos egípcios, logo de menor técnica naval.

A indestigação de Wachsmann sobre a origem ou proveniência egeia dos barcos dos "Povos do Mar não parece concludente; fornece apenas aproximações genéricas. O paralelo mais aproximado é o da jarra de estribo proveniente de Skyros, nas ilhas Espórades, datada do Heládico Tardio III C. Mas os elementos tirados do relevo da "Batalha Naval" são insuficientes para qualquer determinação da técnica de construção naval e a insistência na característica da popa e proa adornadas em forma de bico de pássaro é essencialmente do domínio ornamental, constituindo uma singularidade ou pormenor estético sem importância decisiva. A ideia de adornar as popas ou proas dos barcos vem de longe. Por sua vez, os barcos dos "Povos do Mar" apresentam uma característica técnica, que não se encontra nos barcos do mar Egeu, nesse período, qual é o par de remos para a governação. Mas a ponta da verga recurvada para baixo, o cesto de vigia e o adorno das rizes, segundo Brug [25], aproximariam os barcos dos "Povos do Mar" da construção naval praticada na zona síria ao tempo do Bronze Tardio e fariam deles um "modelo híbrido", à imagem dos barcos dos fenícios, chamados *hippos* por causa da proa em forma de cavalo.

Concluindo, também nada, no aspecto nâutico, nos obriga, criteriosamente, a estabelecer relações de semelhança e, por consequência, de origem entre os barcos dos "Povos do Mar", representados em Medinet-Habu, e os barcos do mar Egeu, ao tempo. De resto, fica sempre a questão prévia de aceitarmos ou não que os

---

[25] BRUG, J.F - *O. c.*, 175.

relevos de Medinet-Habu reproduzam "ao vivo" e historicamente a realidade; para nós, o artista gravador de Medinet-Habu recorreu a estereótipos e, portanto, a visão histórica retratada nos relevos está fora de questão. Ficamos, assim, sem saber se os "Povos do Mar" deram algum contibuto à arte de marear e de construção naval, por mais que alguns falem do seu "contributo para a civilização" 26, particularmente no domínio do ferro e da construção naval.

26 RABAN, Avner; STIEGLITTZ, Robert R. - *The Sea Peoples and their Contributions to Civilization* , "BAR", XVII, N°6, 1991, 34-42, 91-92.

XI

SERÁ POSSÍVEL FALAR DE RELIGÃO E CULTURA DOS FILISTEUS ?

Neste penúltimo capítulo vamos tentar debruçar-nos sobre aquilo que poderíamos chamar a "alma" do povo filisteu e da civilização material que ele nos legou e, até aqui, estivemos a analisar. Precisamente porque vimos como esta sua "cultura material" é fruste e fagmentária, daí já poderemos deduzir quão dificil e árduo seja penetrar-lhe na alma; se os monumentos-documentos daquela são pobres e inexpressivos, muito mais deficientes são os documentos para descobrir as veras fissuras da sua interioridade.

I - A Religião dos filisteus.

Neste ponto, como nos anteriores, fiéis ao nosso programa metodológico, seguiremos o príncipio da análise dos textos literários, bíblicos ou extra-bíblicos e, em seguida, faremos uma prospecção dos dados arqueológicos.

1º - A Bíblia e a Religião dos Filisteus. Na realidade, a Bíblia diz muito pouco acerca da religião dos filisteus, embora fale de deuses, de templos e até de sacerdotes. Mas, o que diz, a Bíblia di-lo mais na perspectiva posterior dos hebreus, tendo em conta um "statu quo" revelador da acomodação e mestiçagem, que os filisteus sofreram por contacto com os cananeus da região, aquilo que poderíamos chamar a "semitização dos filisteus". Ao tempo da chegada a Canaã, os filisteus eram um grupo de invasores desenraizados, um amálgama sociológico, sem verdadeira identidade cultural nem religiosa nem mesmo estatal, quando muito formando uma confederação ou anfictionia de cinco

cidades - a Pentápole Filisteia -. No fundo, os filisteus ocuparam em Canaã uma nesga de terreno à beira mar, fora do controle dos hebreus, que, entretanto, se tinham praticamente assenhoreado do interior da velha "terra de Canaã".

O sistema religioso, de que a Bíblia nos fornece indícios a respeito dos filisteus, não tem nada de singular nem precisa de ser explicado segundo o modelo do difusionismo cultural. É claro que os hebreus não influenciaram religiosamente sobre os filisteus, nem estes sobre aqueles. É muito discutível que a religião dos filisteus, tal como dela somos informados pela Bíblia, provenha doutros povos do mar Egeu, que é como quem diz, de ambientes religiosos micénicos ou proto-gregos. A análise, que vamos ensaiar, leva-nos a concluir que se trata duma religão sincretista, que integrou os deuses e a mentalidade dos povos semitas autóctones, cananeus ou fenícios. Naqueles tempos, e dentro do Mediterrâneo oriental, tirando os casos singulares do Egipto e de Israel, as religiões eram todas politeistas, como é óbvio, de tipo naturalista, religiões de fecundidade e de fertilidade, mais ou menos urano-ctónicas. Por isso mesmo, os arquétipos religiosos parecem comuns ou afins, e o panteão, à parte os nomes dos deuses ou deusas, era muito semelhante. Não havia uma verdadeira diferenciação de sistemas religiosos para falarmos, com propriedade, de influências ou osmose.

Macalister [1] tentou uma abordagem da religião dos filisteus, que nos parece, metodologicamente, inaceitável. Partindo das informações bíblicas, quis, depois, explicá-las, de modo comparativista, pelos paralelismos dos dados clássicos e da arqueologia posterior,

---

1 MACALISTER, R.A.S. - *The Philistines. Their History and Civilisation* , Londres, British Academy, 1913.

reconstruindo, assim, a hipotética religião inicial dos filisteus. Torna-se evidente como esta tentativa, talvez entusiasmante no tempo do comparativismo exacerbado do começo do nosso século, hoje, ressalta, à partida, deficiente e falaciosa.

O livro bíblico dos Juizes traz esta primeira informação de carácter religioso: "Os filhos de Israel fizeram de novo o mal aos olhos do Senhor, servindo aos Baals e às Astartes, aos deuses da Síria, de Sidon, de Moab, aos deuses dos amonitas e dos filisteus e abandonaram o culto do Senhor" (Jz, 10,6). Imediatamente se vê o carácter tardio e anacrónico desta referência, onde o sincretismo posterior parece claro (Cfr. o oráculo de Jeremias contra os filisteus: "É que surgiu o dia da ruina de todos os filisteus, de arrancar a Tiro e Sidónia os aliados que lhe restam, porque o Senhor vai arruinar os filisteus, restos da ilha de Caftor", Jer. 47,4). Isto leva-nos, em cheio, para a crise da "baalizacção" do culto de Javé, combatida pelos profetas e remediada pelas reformas religiosas dos reis Ezequias no séc. VIII (II Re.18-19; II Crón.31) e de Josias no séc. VII AC (II Re.22-23; II Crón. 34; Jer.2-3).

1.1- Deuses Filisteus . Entre os deuses filisteus, a Bíblia cita os nomes de *Dagon* , *Baal-Zebub* e *Ashtoret* . Detenhamo-nos neles um pouco.

DAGON aparece como deus principal do panteão filisteu, com templos nas cidades de Ashdod, Beth-Shean e Gaza [2].

---

[2] Dele diz S.Jerónimo no comentário ao passo do profeta Isaias 46,1: "Cecidit, sive confractus est Bel, quem Graeci Belum, Latini Saturnum vocant. Cuius tanta fuit apud veteros religio, ut ei non solum humanas hostias captivoum ignobiliumque mortalium, sed et suos liberos immolarent. Nabo autem et ipsum idolum est, quod interpretatur prophetia et divinatio, quam post evangelii veritatem in toto orbe conticuisse significat. Sive, iuxta LXX, Dagon, qui tamen in Hebraico non habetur. Et est idolum Ascalonis, Gazae, et reliquarum urbium Philisthiim", *P. L.*, XXIV, 450; *Corpus Christianorum* , Series Latina, LXXIII A, 515-516.

DAGON é um sema de origem semítica (דָּגוֹן - Dagan) que, como tal, emblemática e etimologicamente, significa "grão". Repare-se no paralelismo latino em que o nome da deusa Ceres, deusa da fertilidade agrícola, passou a dar o designativo comum de "cereal". O nome Dagon poderia ainda explicar-se de forma composta a partir de דָּג (= Dag) + o sufixo pronominal da terceira pessoa masculina com *Nun* (ן) epentético: דָּג+הִי+ן= דָּגוֹן (*o seu peixe*).

O nome era conhecido na Mesopotâmia do III Milénio AC, em caracteres cuneiformes (Da-Gan). Em Canaã aparece antes da chegada dos "Povos do Mar" e surge-nos nas Cartas de El-Amarna [3] , do séc. XIV AC. As recentes descobertas de Ebla, no noroeste da Síria, revelaram, de igual modo, o nome do deus Dagon e até chegam a qualificá-lo de "Dagon de Canaan"; uma porta da cidade era-lhe mesmo dedicada. Como topónimo, indica povoações (*Bt - Dqn = Bet-Dagon*) de Canaã nas listas de Ramses III em Medinet-Habu. E o Antigo Testamento conhece duas povoações com o nome de Beth-Dagon: uma junto a Lakish (Jos.15,41) e outra a nordeste do Carmelo (Jos.19,27). Como teónimo, encontra-se a dar nome a reis de Babilónia, Idin-Dagan e seu filho Ishme-Dagan; enquanto nas cartas de Mari aparece o nome de Ishme-Dagan, filho de Shamshi-Adad. Por sua vez, num selo cilíndrico de Dagan-bilu-usur (cerca de 850 AC) lêm-se referências às cosmogonias de Dagan e Anu [4].

Face a estes dados, somos obrigados a concluir que o nome DAGAN não foi introduzido em Canaã pelos filisteus. Por isso, a opinião que afirma ser tal nome derivado do etrusco TAG=DAG (=*peixe)* deve ser abandonada e nem sequer é de admitir a hipótese, que faz de Dagon um ente meio-peixe meio homem.

---

[3] "EA",317, 2.9.13; 318, 3 (*Dagan-takala*).

[4] MACALISTER, R.A. S. - *O.c.*, 104; HINDSON, Edward E. - *The Philistines and the Old Testament* , 3ª ed., Grand Rapids, Baker Book, 1977, 30-31.

Na verdade, à luz dos achados arqueológicos, sobretudo de Ebla e Ugarit, ficamos a saber que DAGON era o deus principal do panteão cananeu, pai de Baal, deus da fertilidade e do grão. Como tal, teve templos dedicados em Mari e em Ugarit, onde foram descobertas duas estelas votivas com inscrições e dedicatórias em ugarítico, e uma porta da cidade em Ebla. Sem dúvida, portanto, uma divindade agrária e da vegetação, de origem semítica, que, após a instalação em Canaã, na zona costeira sul e mais fértil, os filisteus adoptaram como seu deus. Um elemento, por isso, indicativo dos canais de osmose por que passou a "semitização filisteia" [5]. Por causa disto, com certeza, é que no Israel moderno, junto ao porto marítimo da cidade de Haifa, o monumental silo de cereais tem o emblemático nome de DAGON e dentro dele está instalado o museu do trigo.

BAAL-ZEBUB é o suposto nome do deus filisteu de Eqron, ao tempo da detenção da Arca da Aliança hebraica nessa cidade. Faz-se aí alusão à misteriosa praga de tumores, talvez relacionada com *Baal-Zebub*, "o senhor das moscas". Este nome pejorativo, intencional e escarninho, dado pelos hebreus ao deus filisteu de Eqron (II Re.1,2.3.6.16; cfr. Mt.12,24), talvez fosse originado na abundância de moscas que, como praga, se multiplicavam incómodas naquela zona baixa e pantanosa à beira mar. Originalmente, talvez o nome do deus fosse *Baal-Zebul* ("Senhor- Príncipe"), como era já conhecido em Ugarit ma, como tal, por assonância, prestava-se à tautologia burlresca dos hebreus; de facto, porém, o nome *Baal-Zebub* também não aparece explicitado na história da Arca da Aliança (I Sam. 5,10- 6,.9). Como quer que seja, o nome BAAL é retintamente semítico e emblematizará o grande deus cananeu face a Javé, Senhor de Israel, instigando muitas

[5] *Dagón* "DEB", 321-322. Neste artigo encontra-se bibliografia adequada.

vezes os hebreus à "baalização" adulterante do culto de Javé. Chegar-se-á mesmo ao desplante de, ironicamente, transformar o nome de Ish-Baal (homem do senhor), filho de Saúl (II Sam. 2, 10; 4,1s) em Ish-Boshet (*homem de vergonha*). Na realidade, entre os hebreus, o nome Baal , nos começos da monarquia, era usado, pejorativamente, nos nomes próprios compostos, mudado em Boshet (*vergonha*), como Ishboshet, Mefiboshet, tal era a aversão pelo nome deste deus dum povo inimigo e pagão.

* O achado dum *óstracon* em Tell Qasile coloca-nos a hipótese dum outro deus filisteu. Trata-se dum *óstracon* do séc. VIII AC exposto no Museu Naval de Haifa, decifrado e lido pelo abbé Émile Puech, professor na "École Biblique et Archéologique Française de Jérusalém", com a inscrição: "Ouro de Ofir para Beth-Horon /30 síclos". É possível que o dito *Horon* seja um deus já conhecido dos cananeus, que aparece nos textos de Ugarit e do Egipto durante o Império Novo. Neste caso, a inscrição faria referência ao santuário do deus *Horon* (Beth-Horon), tanto mais que a acumulação de cinzas e ossos no átrio exterior do templo, onde a óstraca foi encontrada, testemunha a prática de banquetes ou sacrifícios rituais [6].

ASHTART (`Ashtoret) é o "estado construido" do nome da única deusa filisteia conhecida; por isso, na forma Ashtarte, anda sempre ligado a pessoa (deus) ou coisa que o determina. Sem dúvida que, do ponto de vista linguístico, tal nome está relacionado com o de Asherah, o qual se encontra no habraico עַשְׁרָה, no arameu *`shrt* , no fenício *`shrt* , e no acádico *atirtu* . Com toda a probabilidade, está ligado com o de ISHTAR, a deusa do amor dos acádicos; mas, só por si, este nome

---

[6] KENYON, Kathleen M. - *The Bible and the recent Archaeology* (Revisão de P. R S. Moorey) , Atlanta, John Knox Press, 1987, 65.

mereceria um estudo. No uso bíblico, esta palavra indica um lugar sagrado, um bosque sagrado de árvores (Dt.16,21; Jz.6,25-30) e, em geral, um lugar do culto a Baal, proibido aos israelitas mas ali infiltrado pela "baalização" do culto de Javé. Este nome é também, muitas vezes, traduzido por "árvore", "bosque" e, assim, não falta quem veja na *Asherah* uma deusa cananeia ou o seu símbolo, a árvore sagrada dos cultos de fertilidade. O nome aparece também no plural עֲשְׁתָּרוֹת, que a *Massora* propõe corrigir em עֶשְׁתֶּרֶת = `Ashtoret (I Sam. 31,10). É certo que os nomes próprios em hebraico não se constroiem com sufixos, mas é de admitir que o uso hebraico tenha reduzido este nome à mera categoria de substantivo comum para designar a deusa "companheira" de Baal, deus semita da fertilidade e da tempestade, e, como tal, muito venerado em Canaã desde o período do Bronze prolongando-se mesmo em Israel no Ferro II. Também é de crer que *Asherah* apontasse para o santuário dum deus, como, inicialmente, o significado do nome quereria indicar. De resto, é como substantivo comum que o hebreu passará a usar o nome *baal* = "senhor", (*Baalô* = meu senhor", *Baalyi* = meu senhor, meu marido). Para o feminino, encontramos ainda, e em paralelismo com Baal, o composto Baalat-Beer (= *senhora, dona do poço* , Jos.19,8) talvez a Baalat de Jos.15,29; I Crón.4,33 e a Bala de Jos.19,3. Lembremos que, em Ugarit, Ashera era a consorte de El, o pai dos deuses, e os habitantes daquela cidade cananeia veneravam tal deusa (Ishtar= Astarte) com o designativo de "*Senhora de Ugarit* "= Baalat Ugarit. Mais tarde, em Israel, aquando da luta do profeta Elias com os sacerdotes de Baal no Monte Carmelo, Astarte emparcereirá com Baal, agora, porém, já como reflexo do panteão fenício (I Re. 18,19). Tenha-se em conta que a rainha Jezabel era fenícia, filha do rei de Sidon, e casando com Acab, rei de Israel (871-852 AC), favoreceu a idolatria por parte do rei e tornou-se

responsável pelo incremento dos cultos fenícios de Baal e Astarte em Israel (I Re., 16,32-33). Este ambiente politeista encontra-se, de certo modo, retratado pelo profeta Amós (Am. 8,14) e no reinado de Joacaz (Cfr, II Re.13,6) ou Jehoahaz, (814-800 AC), filho de Jehu, reis de Israel, que os historiadores dizem quase contemporâneos do tempo que os arqueólogos atribuem à inscrição de Kuntillet `Ajrud (cerca de 800 AC). Neste aspecto, teria sentido a hermenêutica que, com Freedman, fazemos do pequeno texto de Amós: "porque o filho e o pai dormem com a mesma jóvem, profanando o meu santo nome" (וְאִישׁ וְאָבִיו יֵלְכוּ אֶל-הַנַּעֲרָה, Am.2,7). No contexto, os pecados assacados a Israel não são pecados de ordem moral mas social e religiosa. Uma leitura atenta e contextual leva-nos, por isso, a interpretar o texto como referindo-se não a pecado de prostituição sexual e promiscuidade do pai e do filho com a mesma donzela mas sim a pecado idolátrico-cultual, isto é, a actos de culto à mesma deusa Ashera, deusa da fertilidade. O texto não fala de "dormir com" mas de "ir a" (הָלַךְ-אֶל) sugerindo a ideia de movimento para, isto é, de peregrinação ou visita a um santuário. Por sua vez, a frase de Amós "Os que juram pelo pecado da Samaria" (הַנִּשְׁבָּעִים בְּאַשְׁמַת שֹׁמְרוֹן, 8,14), sugere-nos que, aplicando o trocadilho de Baal=Boshet (*vergonha*), poderíamos estar aqui a ler אשמת (*pecado*) por אשרת e, então, deveríamos ler e traduzir: "os que juram pela Asherat da Samaria". Deste modo se compreenderá bem a afirmação de Jeremias (44,15-30) num contexto abertamente cúltico e ritual, referindo-se à "rainha do céu" (Jer.44,17.19.25, cfr. 7,18). Se o rei Joacaz teve a coragem de, publicamente, se ufanar da manutenção do culto da Ashera ("O ídolo de Astarte ficou de pé na Samaria!" II Re.13,6), então comprender-se-á porque é que algum viandante de Israel, salvo e incólume, naquelas paragens inóspitas do deserto do Sinai, pôde deixar o seu agradecimento votivo ao "Javé da Samaria (Baal) e sua Asherah!"

Tudo isto explicaria e consagraria o culto da religião dos fenícios (cananeus), que os filisteus acabaram por adoptar.

Há pouco, surgiu uma complicada questão à volta do significado de *Ashera* e do monoteismo hebraico por causa das inscrições de Kuntillet `Ajrud e Hirbet el-Qom, na zona do Sinai (1975-76). Na inscição paleo-hebraica de K. `Ajrud (Séc.IX-VIII AC) fala-se de "*Yhwh w `shrt*" = Javé e sua asherat. Toda a questão gira à volta do significado de *´asherath* ( *`ashera*) num texto inscrito num fragmento dum "pithos" com desenhos algo ingénuos e complicados e que diz apenas: brkt. ´tkm lyhwh. shmrn. wl`shrth="Eu vos abençoei por Javé da Samaria e sua Asherah".



O desenho e inscrição de Kuntillet `Ajrud

No significado mais comum do hebraico bíblico, a questão resolve-se a contento e sem problemas traduzindo por "Javé e seu santuário". Isto seria mesmo favorecido por uma inscrição fenícia descoberta em Acre em 1980 que fala de *´l ´ashtrt* = "de Ashtart", isto é, "encarregado do santuário".

Em contrapartida, há quem defenda o significado de *´Ashera* como nome próprio, deusa da mitologia cananeia de Ugarit e, nesse caso, aí teríamos um testemunho sobre a *consorte ou compaheira* de Javé. Estaria, portanto, encontrado o ponto de partida da evolução

progressiva do javeismo politeista para o monoteismo hebraico de Javé [7] . Um estudioso da origem das religiões como Kyle McCarter, num convénio de estudiosos do judaismo promovido pelo director da "BAR", não hesitou em admitir tal evolução a propósito das origens da religião israelita [8] , localizando no sul do Sinai, entre os madianitas, as raizes do javeismo (Ex.6; 18). Para ele, o processo da origem e evolução do Javeismo estaria conexo com o processo da auto-identificação étnica dos hebreus em Canaã.

Como se vê, é parco e pouco significativo, segundo a Bíblia, o panteão dos deuses filisteus; aliás, os deuses, aí figurantes, não passam de deuses cananeo-fenícios, mais tarde assimilados por eles.

1.2 - Os Templos Filisteus . Na Bíblia, contam-se os seguintes templos de culto filisteu: ao deus Dagon em Ashdod, Gaza (Jz.16,23) e, possivelmente, em Eqron mas o nome do deus não é explicitado (Jz.5-7). Outro templos não são citados. Heródoto (séc. V AC) refere o templo de Astarte em Ashqelon, que ele identifica como *Ourania Aphrodite* e Diodoro de Sículo ainda cita templos filisteus na época helenística [9] . Logo, a informação é muito deficiente, tanto mais que o I Livro dos Macabeus (10,83-84) também fala do templo de Dagon em Eqron.

---

[7] "DEB", 152; DEVER, W.G. - *`Asherah , Consort of Yahweh ? New Evidence from Kuntillet `Ajrud* , "BASOR", 255, 1984, 21-37; FREEDMAN, David Noel - *Yawheh of Samaria ans his Asherah* ,"BA", 50, 4, 1987, 241-2499; LEMAIRE, Andrè - *Les inscriptions de Khirbet el-Qom et l´Asherah de YHWH* , "RB", 84, 1977, 597-608; MESHEL, Ze´ev - *Did Yahveh have a Consort ? The New Inscriptions from Sinai* ,"BAR", V, N° 2, 1979, 24-34; XEVIT, Z. - *The Khirbet el-Qom Inscription mentioning a Goddess* , "BASOR", 255, 1984, 39-47.

[8] KYLE MCCARTER, P., Jr. - *The Origins of Israelite Religion* , SHANKS, H. e outros - *The Rise of Ancient Israel* , Washington, BAR, 1992, 119-136.

[9] HERÓDOTO - *Los Nueve Libros de la Historia* , I, 105: "... saquearon el templo de Venus Urania. Este templo, según mis noticias, es el más antiguo de cuantos tiene aquella diosa, pues los mismos naturales de Chipre confiesan haber sido hecho a su imitación el que ellos tienen"; DIODORO DE SÍCULO - *Bibliotheca Historica* , 2,4.

Como seriam construidos esses templos é coisa que não prende a atenção dos hagiógrafos, tanto mais que as suas informações são tardias e não parecem reflectir a visualidade dum observador. No templo de Dagon, em Gaza, fala-se de "colunas que sustêm" o edficício e das tres mil pessoas que "contemplavam desde o tecto" mas isso poderá ter pouco a ver com a factualidade do edifício sendo apenas um elemento narrativo (Jz. 16,25-26). Mas este é um ponto em que a arqueologia depois, poderá vir em nosso auxílio.

1.3 - Práticas religiosas . A religião dos filisteus, sendo uma religião de tempos preclássicos e bastante primitivos, era, com certeza, uma religião de tipo mágico através da qual o homem, naturalmente, tentava manipular os próprios deuses. Certamente que os filisteus tinham sacerdotes para o culto dos templos mas eles funcionavam ainda como adivinhos (I Sam.6,2), estimados pelos próprios hebreus (Is.2,6: "*agoureiros dos filisteus* "= עֹנְנִים), seus vizinhos, a ponto do rei Ahaziah (Ocozias) de Israel (852-851 AC), num momento de aflição, ter recorrido ao oráculo do templo de Baal-Zebub em Eqron (II Re.1,2-18).

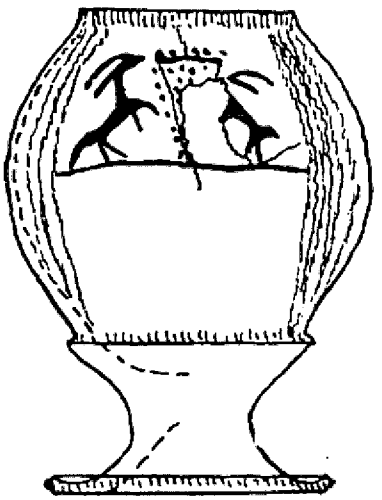
Um dos elementos indicativos duma prática religiosa, supersticiosa e mágica era a crença na protecção das imagens dos deuses, chamados עֲצֵבִים (estatuetas ou ídolos), עוֹק, à maneira de talismã e penhor de vitória, eram levados para a frente das batalhas (I Sam.31,9; II Sam.5,21). Esta crença, comum às religiões; funciona como um dos arquétipos da crença de todos os povos e não precisa de ser explicada de modo difusionista [10]. Tal prática será confirmada no período mais recente dos Macabeus, séc.II AC (II Mac.12,40).

---

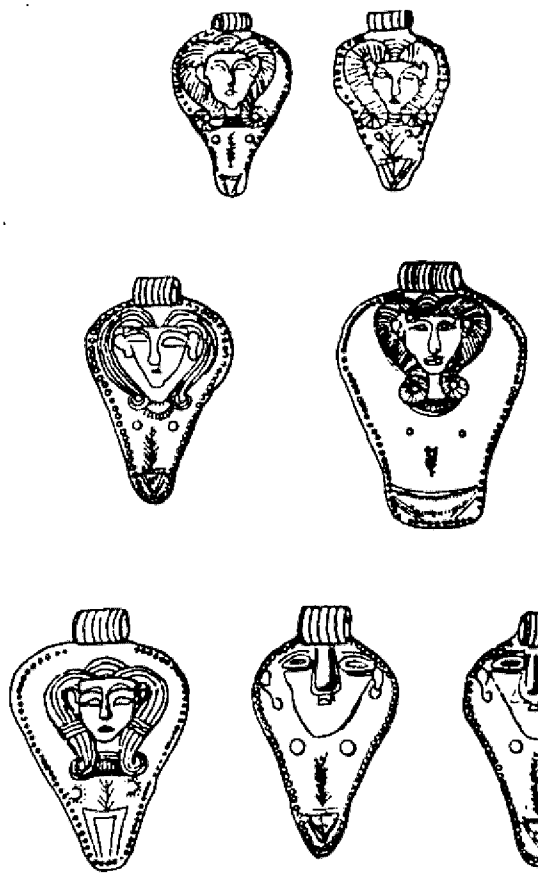
[10] HINDSON, E.F. - *O. c.* , 32-34. O A. vê nesta crença uma indicação da origem egeia dos filisteus. Nós, como argumento "ad hominem", perguntaríamos onde é que os hebreus teriam ido buscar a ideia de levar a Arca da Aliança para a frente de batalha (I Sam. 4-6). Assim Golias e David (I Sam. 17, 43-45).



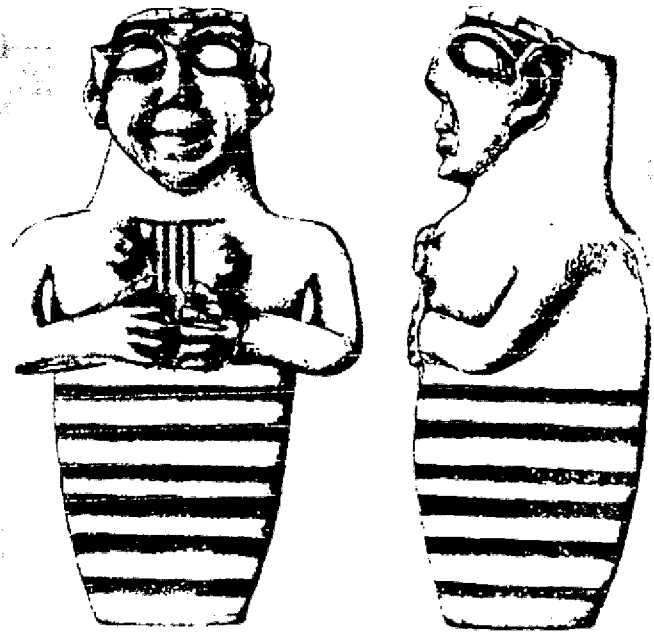
JERUSALÉM - Bilha de Lakish



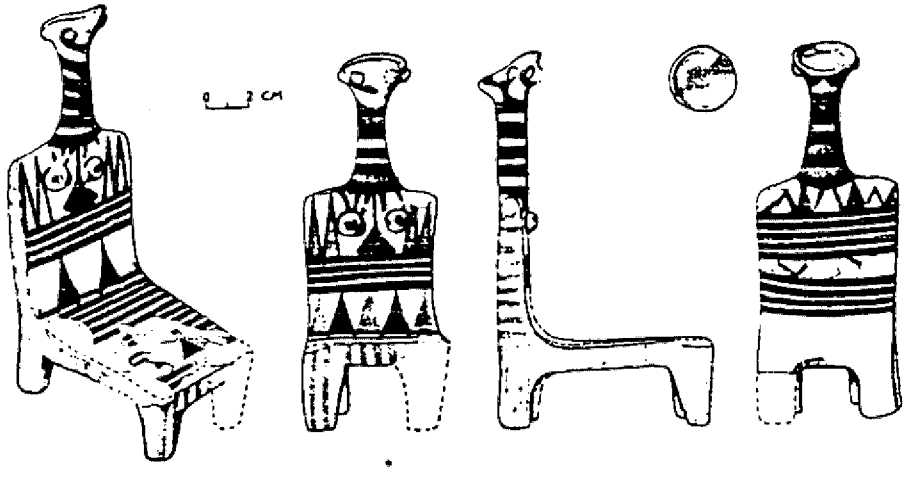
MUSEU DE ISRAEL: Copo de Lakish



PENDENTES com figuinhas de "ASHERA"



TELL QASILE : Vaso em forma de "ASHERA"



ASHDODA em várias perspectivas

Finalmente, a Bíblia, várias vezes, alude ao facto de os filisteus serem incircuncisos (Jz.14,3; 15,18; I Sam.17,26; 18,25), religiosamente impuros, o que poderia denotar a sua raça indo-europeia. Neste aspecto, os relevos de Medinet-Habu mostram os egípcios a cortar-lhes o falo, o que poderia denotar a sua condição de incircuncisos.

2º - A Arqueologia e a Religião dos Filisteus . A Arqueologia tem fornecido documentos-monumentos insuspeitáveis para a reconstrução de civilizações desaparecidas. Talvez não seja exactamente o caso para os filisteus; apesar de tudo, não podemos desprezar o seu contributo, que se traduz na descoberta de imagens de deuses e deusas, figurinhas e amuletos de tipo ritual, de estruturas de templos e no recheio de objectos de culto, principalmente de cerâmica.

2.1 - Imagens de deuses . Dos deuses filisteus, de que fala a Bíblia, não têm aparecido imagens, enquanto que, nos lugares escavados pelos arqueólogos, são muitas as pequenas imagens de deusas ou amuletos de fecundidade. São constantes no período do Bronze e prolongam-se, mesmo em Israel até ao Ferro II, as figurinhas das chamadas "Astarte", deusa-mãe da fertilidade e da fecundidade, em barro ou em bronze, representadas em forma de mulher nua, com as partes sexuais femininas bem relçadas. O culto da *`Ashera* constituiu a base instintiva da religião natural e popular na bacia do Meditterâneo oriental ao longo dos tempos antigos. Existem dados arqueológicos, que permitem afirmar a osmose do culto da divindade feminina de Canaã para o Egipto (deusa *Qudsu= Santa)* e do Egipto para Canaã (*Hathor*) [11] . A Bíblia refere-se-lhe mais de 40 vezes e deixa perceber que o seu culto subsistiu em

[11] HESTRIN, Ruth - *Understanding Asherah.Exploring semitic iconography*, "BAR", XVII, Nº 5, 1991, 50-59. Cfr. a discussão entre Nahman Avigad e Aharon Kempinski acerca da romã com inscrição: *The Pomegranate Scepter Head - From the Tempel of the Lord or from a Temple of Ashera?* "BAR", XVIII, Nº3, 1992, 42-45,

Israel mesmo com o monoteismo javeista, imposto oficialmente. É muito possível e verossímil que o *Sitz-im-Leben* da reforma deuteronomística dos reis Ezequias e Josias, sobretudo deste, se destinasse a eliminar esse culto e a desmantelar os santuários existentes no monte do Templo de Jerusalém: "O rei derrubou os altares construidos pelos reis de Judá no terraço da câmara superior de Acab e os que Manassés erigira nos dois átrios do Templo do Senhor; quebrou-os e lançou as suas cinzas na torrente do Cedron. O rei profanou igualmente os lugares altos situados em frente de Jerusalém, à direita do Monte da Perdição: Salomão, rei de Israel, erguera-os em honra de Astarte, ídolo abominável dos Sidónios, e de Camos, ídolo abominável dos amonitas. Quebrou as estátuas, derrubou os troncos sagrados" (II Re. 23,12-14). A Arqueologia, através das descobertas de Miss Kenyon, no Ofel, revelou o achado de dezenas de figurinhas femininas (deusa-mãe) e zoomórficas do séc.VII AC. São interpretados como elementos do culto da Ashera os desenhos da "bilha de Lakish" (cerca de 1220 AC) descoberta em 1934 e com a inscrição: mtn. shy l(rb)ty ´lt = "Oferta à minha Senhora ´Elat". Note-se que ´Elat é o feminino de ´EL, nome de deus, pouco a pouco suplantado por Baal, e, portanto, uma consorte do deus EL (=Baal). Nos desenhos da bilha observa-se uma árvore entre dois cabritos. Também no "copo de Lakish", do mesmo templo, um triângulo púbico pintado a vermelho com pontos (pêlos) a preto, símbolo do orgão sexual feminino, aparece entre dois cabritos. Outros indícios do culto da Ashera, confirmado pela Bíblia, graças à acção da rainha mãe de Asa (908-867 AC), dos reis Manassés (698-642 AC) e Acab (871-852 AC) (Dt.7,5;12,3; 16,21; Jz. 6,25; I Re. 15,13;16,33; II Re. 21,7; 23,6; II Crón.31,1; Miq.5,14), são os "pendentes de tipo egípcio" (cabeleira de Hathor), descobertos em Ugarit, Minet el-Beida e Tell el-Ajjul no Neguev, com imagem de deusa sobreposta ao triângulo púbico em forma de vaso com árvore, e os

ídolos ou estatuetas femininas de barro sobre pilar (*female pillar figurines*), encontrados em casas privadas de Judá e datadas entre os sécs. VIII-VI AC. O texto bíblico, em luta apologética contra este culto da mulher (fecundidade e fertilidade), confirma-o quer na prática oficial quer no culto privado, embora pretendesse, deliberadamente, silenciá-lo ou ofuscá-lo por obra e graça do zelo da religião Javeista.

Entre todas essas imagens femininas encontradas em Canaã, para o período que poderíamos chamar filisteu, mesmo tendo em conta as estatuetas femininas de Tell Qasile a servir de vaso e a deitar o líquido pelos seios, sobressai, de modo singular, a Ashdoda. Trata-se duma imagem feminina em barro, com o corpo em torso apenas esboçado, pintada com o característico bicromático preto e vermelho, sentada numa cadeira de quatro pernas, como que a servir-lhe de trono, medindo 17 cm. de altura. É datada do séc. XII AC e o nome de *Ashdoda* foi-lhe atribuido pelos arqueólogos por ter sido encontrada no chão duma casa de "habitat" filisteu em Ashdod, estrato XII. Os estudiosos judeus apontaram logo para modelos micénicos (*Aegean Connection*) da Grécia, Rodes e Chipre [12] mas as diferenças são grandes. A *Ashdoda* é tão somente uma cadeira pintada na parte superior com cabeça e seios.

As figurinhas de "mulheres de luto" - *mourning woman* -, encontradas em Aitun (10,8 cm.), Azor, Beth-Shean e Jemmeh, umas são mais abstractas que outras e podem derivar mais de modelos cananeus que micénicos ou egeus, sendo, possívelmente, híbridas.

Canaã foi sempre espaço aberto, corredor de passagem para gentes emigrantes e exércitos de conquista e, por isso, terreno propício

---

[12] DOTHAN, Ttrude; DOTHAN, Moshe - *People of the Sea.The Search for the Philistines* , Nova Iorque, Macmillan Publishing Company, 1992, 153-157.

para osmoses culturais, sobretudo ao nível da religião, como se verifica em tres sítios-chave: Beth-Shean, Beth-Shemesh e Meguido. Aí é fácil encontrar deuses e deusas de Canaã (*Reshep, Astarte*) e do Egipto (*Isis, shawabtis*) associados a objectos de culto, como "*kernoi* ", malgas e vasos de libação. Curiosamente, enquanto Trude Dothan diz que os "*kernoi* " filisteus têm formas micénicas, Furumark fá-los derivar do Oriente 13.

2.2 - Subsistirão restos de Templos filisteus ? - A Bíblia fala, efectivamente, de templos filisteus em Ashdod e Eqron mas deles não se encontraram verdadeiros restos. Em contrapartida, a Arqueologia pretende ter descoberto estruturas de templos filisteus em Tell Qasile e Eqron. Mazar foi o primeiro arqueólogo a editar um estudo completo dos elementos arquitectónicos e cúlticos dos filisteus a partir dos achados de Tell Qasile 14.

221- Os Templos de Tell Qasile . Na área C de Tell Qasile, chamada pelos arqueólogos "zona sagrada", distinguem-se tres templos: O Templo 319 do Estrato X I I, o Templo 200 do Estrato X I e o Templo 131 do Estrato X, bem como o santuário 300. Com Mazar, há quem queira estabelecer semelhanças morfológicas com templos do Médio Oriente mas, pela descrição que vamos fazer e pelo estudo de M. Burdajewicz 15, parece que devemos concluir que os ditos templos não

---

13 DOTHAN, Trude - *The Philistines and their material Culture* , Jerusalém, IES, 1982 , 224; FURUMARK, A. - *The Mycaeneam Pottery: Analysis and Classification* , Estocolmo, 1941, 69-70. BRUG, J.F. - *A Literary and Archaeological Study of the Philistines* , Oxford, BAR International Series 265, 1985, anota o desentendimento dos arqueólogos e também se inclina pela negativa micénica.

14 MAZAR, Amihai - *Excavations on Tell Qasile.. Part One* ,"Qedem", Jerusalém, 12, 1985; IDEM - *Excavations at Tell Qasile. Part Two* , "Qedem", 20, 1985.

15 BURDAJEWICZ, Marius - *A propos des temples Philistins de Qasile* , "RB", 93, 1986, 243-256; IDEM -*The Aegean Sea Peoples and Religious Architecture in the Eastern Mediterranean at Close of the Late Bronze Age,*

seguem a tradição dos templos de Canaã no Bronze Tardio, podendo apresentar paralelos com alguns de Chipre, mas, historicamente, seguindo o evoluir dos recem-chegados a Canaã e sua adaptação às circunstâncias.

* O Templo 319, no Estrato X I I, é o mais antigo e o mais pequeno, datando do séc. XII AC. Caracteriza-se por ser uma pequena estrutura de adobe (6,4 x 6,6 m.) com uma espécie de banco corrido em redor, tendo um atriosito a oriente. No interior, em frente da porta, está uma plataforma sobrelevada na qual, certamente, se colocava a imagem do deus. Fora, no átrio, descobriram-se sinais de cinzas e restos de ossos de animais, o que indiciaria a prática de sacrifícios rituais.

* O Templo 200, no Estrato X I, logo contíguo, mede 5,75 x 8,50 m. e é do séc, XI AC. Tem uma estrutura de tejolo sobre a qual se levantava uma parede em pedra, mais larga, e também com banco em redor. Na parte ocidental, tinha uma pequena câmara, que talvez servisse de tesouro, pois lá foram achados objectos de culto e de oferenda. A porta não abria para nordeste.

* O Templo 131, no Estrato X, datado do séc. X AC, é o maior, uma vez que mede 12,50 x 8,50 m. Foi construido utilizando muros exteriores mais antigos e o nível do chão foi elevado, tendo-se criado uma espécie de pátio de entrada com banco corrido. Na câmara interior sobrelevava-se uma plataforma e, por trás dela, havia uma espécie de câmara do "tesouro". A cobertura da câmara principal era sustentada por duas colunas assentes em base cilíndrica de pedra calcárea. O pátio

---

Oxford, BAR International Series 558, 1990; MILSON, David - *Meggido, Alalakh and Troy: A design analogy between the Bronze Age Temples* , "Palestine Exploration Quartely", N°1, 1989, 64-68.

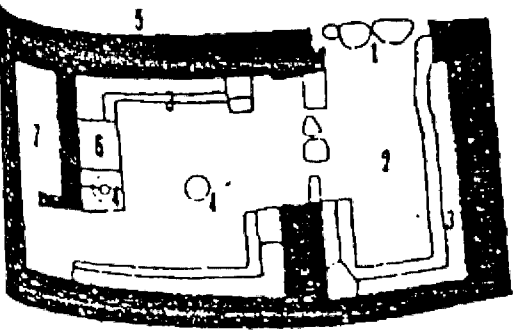
era separado do resto da cidade por muros de pedra e tinha uma altar quadrado para sacrifícios.

* O Santuário 300, estava nas traseiras do Templo 131, a ocidente. Era pequeno, 4,50 x 3,50, passando do Estrato X I para o X, com entrada própria e banco em volta, talvez para culto de divindade secundária.

É curioso constatar como, pertencendo à mesma cultura, estes templos apresentam planos diferentes, construidos como foram num intervalo de 150 anos. Tentando explicar a sua origem, A. Mazar acha que não pertencem à esfera dos templos cananeus, embora reflictam tradições do Bronze Tardio de Canaã (Templos de Lakish e de Tell Mevorakh) e apontou para paralelismos do mundo egeu (Micenas, Phylakopi na ilha de Melos, e Kition em Chipre [16]. É neste campo que o trabalho de Burdajewicz, atrás citado, aparece com observações pertinentes, pormenorizadas e cientificamente mais fundamentadas, depois de passar em resenha alguns significativos exemplares de templos do mundo egeu (Kition, Palaepaphos, Athienou, Enkomi). Quanto aos templos de Tell Qasile, Burdajewicz distingue o templo 319, que é o mais primitivo, mas afasta qualquer semelhança com o templo cananeu da área C de Hasor, onde a característica principal são as estelas, de que, aqui em Tell Qasile, nem sequer há indícios. De resto, logicamente, seria necessário esperar por contactos e tempo para afirmar aproximação a modelos cananeus. E o mesmo se diga para relacionar os templos 200 e 131 aos de Lakish e Tell Mevorakh por causa das *favissae* , isto é, da existência de pocitos (fossas) para queimar ou depositar ofertas e objectos de culto sem interesse.

---

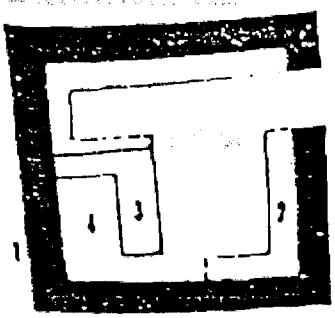
16 MAZAR, Amihai - *Archaeology of the Land of the Bible* , Nova Irorque, Doubleday, 1990, 319-323.



ÁREA SAGRADA DE TELL QASILE

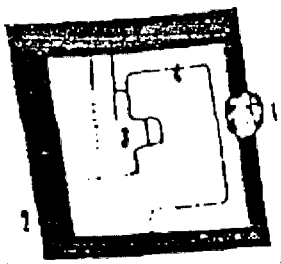
1/ Templo 131, Estrato X, séc. X AC :

1- Entrada
2- Pátio
3- Banco em redor
4- Pilar
5- Estrura mural
6- Plataforma elevada
7- Câmara do Tesouro



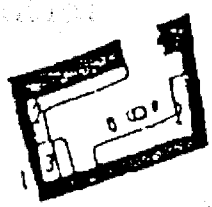
2/ Templo 200, Estrato XI, séc.XI AC:

1- Estrutura mural
2- Muro divisório
3- Banco em redor
4- Câmara do Tesouro



3/ Templo 319, Estrato XII, séc. XII AC:

1- Entrada
2- Estrutura mural
3- Plataforma elevada
4- Banco em redor



4/ Santuário 300, Estrato XI-X, contíguo Templo 131

1- Estrutura mural
2- Banco em redor
3- Plataforma elevada

Sem mais análise de pormenor, creio podermos fiar-nos das cinco conclusões de Burdajewicz: que a zona sagrada deve ser vista como um todo, que se desenvolve do Estrato X I I ao X por um processo autónomo, sem paralelos convincentes em Canaã; que o templo 319 é o mais primitivo, construido de imediato para os recem-chegados; que, mais tarde, poderiam ter retomado características de templos nativos; que o templo 131 do Estrato X talvez assuma tradições da origem dos habitantes e adaptações às condições da nova instalação; que, em definitivo, este templo se aproxima mais da arquitectura dos templos de Chipre que da dos cananeus [17].

2.2.2 - Os templos de Eqron . Baseados nos artigos de S. Gittin e T. Dothan [18] , já nos referimos (*Cap.VIII*) a alguns elementos cultuais. Apresentamos aqui uma breve resenha:

* Santuário junto à acrópole do nordeste, Campo I, Estrato V, datado dos finais do séc. XI AC. É uma estrutura ao ar livre, plano quadrado, comparável aos santuários 319 e 200 de Tell Qasile e com objectos cerâmicos semelhantes.

* Edifício nº 351, Campo IV, Estratos VI A-IV, datado dentre os sécs.XII-X AC. Edifício de carácter público, sobre base de adobe, precedido dum largo átrio, com duas pequenas câmaras ao fundo. Esta parte do edifício, já no Estrato IV C, parece ter servido de lugar de culto; compõe-se das duas pequenas câmaras com entrada pelo lado

---

17 BURDAJEWICZ, Mariusz - *The Aegean Sea Peoples and Religious Architecture in the Eastern Mediterranean at the Close of the Late Bronze Age*, 46-54.

18 GITTIN, Seymour; DOTHAN, Trude - *The Rise and Fall of Ekronof the Philistines*, "BA", 4, 1987, 197-222; IDEM - *Ekron of the Philistines. Part I: W h e r from, Howt theyh settled down and tha placm they worshiped in* , "BAR", XVI, 1, 1990, 26-36.

ocidental. Na câmara do fundo, ao sul, havia um plinto sobrelevado com banco em redor.

* Edifício nº 350, Campo IV, Estrato V, mas contíguo ao anterior, é do séc.XI-X AC. Alicerçado sobre rocha e construido de adobes, consta de tres câmaras a oriente precedidas dum grande átrio com entrada a norte. A câmara do meio, no ângulo direito do fundo, apresenta uma plataforma alta de cerca 90 cm., a lembrar um *Bamah* e com banco supedâneo em redor. No átrio, há uma lareira com sinais de restos queimados de ossos de animais e ainda, para oriente, duas (tres?) bases de pilar. T. Dothan empola o facto de as lareiras serem elementos característicos dos *mégaron* de Chipre e do mundo egeu. Como os objectos de cerâmica ali encontrados são de tipo cipriota (vasos cornudos, garrafas cilíndricas e jarras de "estribo" ou de "cerveja", daí fazer de imediato a aproximação aos edifícios sagrados de Enkomi, em Chipre, e afirmar a sua tradição original e proveniência do mundo egeu.

2.2.3 - O templo de Ashdod . Nesta cidade da Pentápole filisteia foi encontrado um templo do sec. VIII AC, que deve ser o mais tardio da cultura filisteia [19] . Está situado na parte baixa da cidade, junto ao muro, na área D, a zona dos oleiros, e consta de tres câmaras. A mais importante (1010), com a forma esquisita de L, mede 7,40 x 6,50 m; com plataforma sobrelevada a servir de altar, tem banco corrido ao longo da parede e entrada indirecta. A segunda câmara (1003) forma um rectângulo de 6,80 x 3,25 m; a terceira (1002) mede 4,80 x 4,20. Mazar classificou este templo como fazendo parte dos templos de "plano irregular e acesso indirecto", mas por via tipológica, não podemos negar

19 DOTHAN, Moshe; FREEDMANN, D.N. - *Ashdod I: The first Season of Excavations, 1962* , "Atiqot", Jerusalém, 7, 1967, 132-139.

semelhanças com os templos de Tell Qasile [20]. Acentue-se, porém, mais uma vez, que este templo é datado do séc. VIII AC, quando, certamente, os filisteus tinham cortado, há muito, o cordão umbilical com a cultura do mar egeu.

2.2.4 - Os templos de Beth-Shean . Finalmente, umas breves palavras sobre os templos do Norte (14,33 x 8,23 m) e Sul (15,24 x 8 m) de Beth-Shean, no nível V. Os elementos fornecidos pela arqueologia são fragmentários e frustes, arruinados por construções posteriores. Valemo-nos da reconstituição de Rowe [21] que, do ponto de vista arquitectónico, segue o plano mais antigo do templo de Sethi I (1318-1304 AC), nível V I. Do ponto de vista arqueológico, sabe-se que em Beth-Shean esteve estacionada uma guarnição egípcia, e disso há a prova das estelas ali encontradas, mas lá também se achou cerâmica de tipo micénico. Ao fazer a reconstituição dos templos, Rowe deixa o modelo egípcio e leva-nos para a tradição dos templos de Kition em Chipre, que quadra melhor com os novos ocupantes do séc. XI AC, até porque a Bíblia nos fala de filisteus na região. A construção insere-se, por isso, no tipo de edifícios de câmara alongada, com divisão interior em tres naves (*plano basilical),* orientação este-oeste, e entrada pelo lado ocidental. Dado o carácter precário da reconstituição de Rowe, não podemos tomar o caso dos templos de Beth-Shean como sendo verdadeiramente significativo para a arquitectura religiosa dos filisteus, por mais que a Bíblia nos fale dos filisteus na zona de Beth-Shean, em

---

20 MAZAR, A. - *Excavations at Tell Qasile. Part one: The Philistine Sanctuary: Architecture and Cult Objects*, "Qedem", Jerusalém, 12, 1980, 65.
21 ROWE, A. - *The Four Canaanite Temples of Beth-Shan , Vol. II Part I: The Temples and Cult objects* , Filadélfia, 1940, 22-35 ; NEGEV, Avraham (Ed.) - *The Archaeological Encyclopedia of the Holy Land* , 3ª ed., Nova Iorque, Prentice Hall Press, 1990, 59-61.

cujas redondezas venceram o rei Saúl (cerca de 1020-1004 AC) dos hebreus (I Sam, 31,8-13).

Em conclusão, os templos filisteus de Canaã, pelo que vimos, não apresentam grandes peculiaridades quanto à sua arquitectura religiosa. Manterão, de facto, esses templos, atribuidos aos filisteus nos sécs. XII-X AC, relações com os templos do mundo egeu e de Chipre, como querem os arqueólogos israelitas? É que os templos de Tell Qasile e de Eqron, datáveis dos sécs. XII-X AC, não são suficientemente elucidativos [22]. A resposta, por isso, terá de ser complexa e não pode basear-se apenas em semelhanças tipológicas. Na realidade, Mazar insiste nas razões tipológicas (plano, medidas, orientação, acesso) e serve-lhe de critério de evidência sobre a origem dos modelos a ideia do difusionismo cultural, tendo o mundo egeu como ponto de partida. Mas autores tais como Shaefer e Stern consideram aqueles templos quase sub-tipos cananeus (cananeo-egípcios) pertencendo ao legado do Bronze Tardio. Há, pois, que atender a outros elementos encontrados, como a cerâmica, a factores culturais, religiosos, sociais e, sobretudo, à capacidade humana de, em circunstâncias idênticas por razões idênticas, encontrar soluções idênticas. Neste sentido, portanto, não se pode apoditicamente, "sic et simpliciter", afirmar que os templos "filisteus" de Canaã decalquem modelos egeus, por mais que ali encontremos algo de muito parecido.

Conclusão - Vista à luz da Bíblia, a religião dos filisteus aparece-nos totalmente canaanizada através da osmose religiosa ou sincretismo em que eles foram caindo à medida que se semitizavam culturalmente. Os seus deuses são, afinal, deuses cananeus: Dagon, Baal, Astarte. Quanto a ritos e cerimónias, a Bíblia nada acrescenta.

22 BURDAJEWICZ, Mariusz - *O. c.*, 105-111.

Vista à luz da arqueologia, a religião dos filisteus não foi ainda ilustrada por nenhuma imagem dos deuses, que a Bíblia lhes atribui. Em contrapartida, aparecem pequenas imagens, ídolositos de fecundidade e objectos de culto, que não se diferenciam grandemente de outros encontrados em zonas e épocas de cultura cananeia.

Quanto à arquitectura religiosa, também os grandes templos, que a Bíblia refere, não foram ainda encontrados pela arqueologia. Restam, pois, como amostra, apenas os templos de Tell Qasile e Tell Miqne (Eqron), uma vez que, criticamente, temos de afastar os templos de Beth-Shean e Ashdod. Parecendo templos de "plano irregular", os arqueólogos ainda não estão de acordo quanto à sua classificação tipológica. Se Shaeffer e Stern os veem na linha de continuidade em relação aos templos cananeo-egípcios do Bronze Tardio, os arqueólogos israelitas (Mazar, Moshe e Trude Dothan) embandeiram em arco alinhando na afirmação da origem cipriota e egeia desses templos, vendo nisso a confirmação de que os fenícios são povo do Mediterrâneo oriental com seu "Sitz im Leben" no âmbito da cultura micénica.

Quer-nos, portanto, parecer com Burdajewicz que, mesmo neste ponto, continua o "mistério" dos filisteus.

3- Cultura e Escrita dos filisteus.

A cultura, sem entrarmos na distinção académica entre cultura e civilização, é, sobretudo, uma manifestação do espírito artístico-artesanal do "homo sapiens". Com efeito, dentro dos parâmetros duma antropologia cultural cabe tudo aquilo que revela a criatividade e a operacionalidade do espírto humano, tanto as suas realizações meramente funcionais como aquelas que revelam preocupações estéticas ou lúdicas.

Dos filisteus, infelizmente, não conhecemos grandes realizações e o pouco, que, da sua cultura, chegou até nós, é fragmentário e bastante deficiente. A sua apregoada "cultura material" quase não ultrapassa a cerâmica, representada pela chamada "cerâmica filisteia", a qual, quando muito, revelaria já um certo nível de desenvolvimento técnico-artístico. Mas dessa já nos ocupámos.

Considerando outros items, poderemos ainda referir os trabalhos de marfim e os selos.

3.1 - Os trabalhos de marfim apareceram em alguns sítios filisteus de Canaã: Tell Qasile (faca com lâmina de ferro e cabo de marfim); Eqron: *pyxis* ou frasco cósmético de 13 cm, datado do séc. XII, em estilo egeu, segundo os Dothan [22], com tampa de marfim na qual foi gravada uma luta de animais entre um grifo, um leão e dois touros; faca de ferro com cabo de marfim preso por ribetes de bronze; outros pequenos objectos, como brincos de marfim.

A quantidade e qualidade dos objectos de marfim (hipópotamo e elefante) até agora encontrados não são suficientes para afirmar tipologias e proveniências. Sabe-se que o trabalho do marfim era predominante no Egipto e na Ásia Menor (lembremos os marfins de Ugarit no BT) e que, possívelmente, daí passou à Grécia e Micenas. Depois, é provável que tenha havido influência mútua. Em Canaã, no BT, os 380 objectos de marfins de Meguido revelam clara influência de estilo egípcio, como também os de Hasor, Lakish e Tell el-Fara S. [23] . A partir do séc. XII AC, é possível que a influência do mundo egeu fosse mais forte. A Bíblia informa que o rei Salomão, coligado com Hiram, rei

---

22 DOTHAN, Trude; OTHAN, Moshe - *People of the Sea. The Search for the Philistines* , Nova Iorque, Macmillan Publishing Company, 1992, 245.
23 NEGEV, Avraham (Ed.) - *AEHL*, 189-190.

fenício de Tiro, fez vir marfim de Társis e o aplicou no seu trono (I Re. 10,18-22; II Crón. 9,17-21).

EQRON





Caixa cosmética (13 cm. de diâmetro) com gravuras

3.2 - Os Selos . No Médio Oriente, ao lado dos selos-cilindro mesopotâmicos e dos escaravelhos egípcios, impôs-se o uso de "selos" de estampar como garantia pessoal de posse ou autenticidade dum documento. De formas variadas, cilíndricas, ovais, elípticas, quadradas, em barro cozido, ágata, cornalina, lapislazuli ou outra pedra mais ou menos preciosa, os selos são abundantes em todo o Médio Oriente desde tempos muito antigos e encontraram-se muitos em Canaã, sendo adoptados pelos hebreus, fenícios e, com certeza, pelos filisteus. De maneira geral, no anverso trazem gravuras de deuses, animais, peixes, plantas, figuras geométricas e outros elementos simbólicos, tudo enquadrado pelos nomes de faraós, reis, funcionários ou possessores. Os selos hebreus, de pequenas dimensões, são, o mais das vezes, escaravelhóides; trazem desenhos de animais (leão, cavalo, touro, pássaro, serpente), plantas (palmas, papiro, romãs) ou símbolos importados sobretudo do Egipto (lótus, sol alado) e o nome do possessor com o ל de pertença (לשמע = *LShema*) ou outra inscrição; apresentam-se convexos no reverso, ao contrário dos egípcios, que têm a forma dum escaravelho e, por isso, recebem tal nome [24] . A própria Bíblia cita funcionários reais (I Re.18,3; II Re.22,12), a um dos quais é lícito atribuir aquele selo encontrado em Meguido que, por cima e por baixo dum leão, mostra a seguinte inscrição: " De Shema, servo de Jeroboão" (Cfr.II Re.22,12). O selo, por vezes, foi impresso em peças de cerâmica ou na asa duma jarra, como em vários sítios da Judeia, onde se encontra esta inscrição : למלך (= *LaMmélek*) "do rei".

Também os fenícios usaram os selos e deles se conhecem vários exemplares, que chegaram a influenciar a glíptica hebraica. Um caso significativo é a descoberta, perto da Samaria, dum selo do séc. IX AC,

---

[24] IDEM - *Ibidem*,338-340.

em que é visível a influência fenícia. Tem a inscrição em paleo-hebraico "Oniyahw ben Merav" (= "*Oniyahu, filho de Merav* ") encimada pelo desenho dum barco que se assemelha aos barcos fenícios dos relevos assírios, como observa Nahman Avigad [25] . O nome Oniyahw é composto de ONI ("*barco* ") e do afixo teofórico YAHW, significando portanto, "barco de Javé ". A adjunção do desenho do barco talvez queira indicar a pertença a família de marinheiros. Outro exemplo é o do selo da rainha Jezabel, filha de Ethba´al, rei fenício de Sídon, casada com Acab, rei de Israel (874-853 AC). Foi esta rainha que favoreceu o culto de Ba´al (I Re. 17-18), promoveu a baalização do culto de Javé e provocou o afrontamento do profeta Elias com os sacerdotes de Baal no monte Tabor (I Re. 17.19-40). Este selo de Jezabel está gravado à maneira fenícia com elementos decorativos egípcios: o Ankh (vida), o disco alado e uma espécie de falcão enquadrado pelos letras consoantes em paleo-hebraico do nome de Jezabel (יזבל =YZBL).

Últimamente, Garbini chamou a atenção para os possíveis selos filisteus e, com ele e por sua gentileza, na sua casa de Roma, estivemos a analisar o assunto [26]. Enquanto a catalogação de Herr, em 1978, apontava 163 selos hebreus, 110 arameus, 46 amonitas, 20 fenícios, 9 moabitas, 8 edomitas e 7 incertos, os selos filisteus não apareciam. Em 1983, quase a medo, sugeria-se (Sass) que o selo descoberto em Revadim e publicado por Giveon em 1961 fosse de origem filisteia.

---

25 AVIGAD, Nahman - *A Hebrew Seal Depicting a Sailing Ship* , "BASOR", 246, 1982, 59-61.

26 GARBINI, Giovanni - *Philistine Seals* , GERATY, Lawrence T.; Herr, Larry G. (Eds.) - *The Archaeology of Jordan and other studies presented to Siegfried H.Horn* , Berrien Springs, Andrews University Press, 1986, 443-448; AVIGAD, Nahman - *On the identification of Persons Mentioned in Hebrew Epigrafic Sources* , "Eretz Israel", 19, 1987, 235-237 (Hebreu); IDEM - *Hebrew Bullae from the Time of Jeremiah: Remnants of a Burnt Archive*, Jerusalém, Israel Exploration Society, 36, 1986, 28-29; SHILOH, Ygal - *A Group of Hebrew Bullae from the City of David* ", Jerusalém, IES, 36, 1986,33 s; SCHNEIDER, Tsvi - *Six Biblical Signatures. Seals and Seal Impressions of Six Biblical Personags Recovered* , "BAR", XVII, 4, 1991, 26-33.

Também em 1983, a propósito dum encontro em Itália sobre "Hebrew World in the Light of Extra-Biblical Sources" [27], o mesmo Garbini, com os seus estudos de epigrafia semítica, já apontava para 3 selos filisteus. Como a paleografia e a onomástica semítica se revelam ainda incertas, há que atender à iconografia, embora sempre integrada por aquelas, para proceder à classificação dos selos.

Conjugando os selos encontrados em Ashdod, Ashqelon, Tell Jemmeh e Tell Qasile, Garbini elenca um pequeno número de 16 selos homogéneos, sem inscrições em hebraico nem fenício. A tipologia deste corpo esfragístico apresenta temática egípcia, mas sem hieroglifos (cabeça humana com disco solar, *uraeus* na parte superior e flor de lótus na inferior). Embora com temática egípcia, não têm a figura humana e, por isso, não devem ser fenícios; aparentam-se a selos hebreus e amonitas, situando-se na área sul de Canaã mas, pela onomástica conhecida com projecções para Chipre e para a Assíria, não podem ser classificados como tais. É, portanto, lógico que possam ser classificados como filisteus, cuja escrita se desconhece, tanto mais que pertencem à zona sul de Canaã. Deste modo, tendo presente o catálogo de Moscati [28], podemos elencar um embrionário *corpus* de selos filisteus a que correspondem os números 17,18, 20,21 onde o escaravelho alado parece verdadeiramente significativo [29] e que, com os recém descobertos, atinge a soma de 16 espécies. Mas, a estes 16, podemos acrescentar agora um

---

27 "Rivista Biblica", 32, 1984, 1-151.

28 MOSCATI, S. - *L´Epigrafia ebraica antica , 1935-1950* , Roma, Pontificio Istituto Biblico, 1951; Cfr. VATIONI, F. - *I sigilli ebraici* , "Biblica", 50, 1969, 357-388; e ainda do mesmo autor mas que não pudemos observar: *I sigilli ebraici II* , "Augustinum", 11, 1971, 447-454; *Sigilli ebraici III* , "Annali dell´Istituto Orientale di Napoli", 38, 1978, 227-254.

29 DIAS, Geraldo J. A. Coelho - *Filisteus em Canaã, uma cultura desaparecida?* , "III Simpósio Bíblico Español (I Luso-Espanhol)", Valencia - Lisboa, Fundación Bíblica Española/UCP, 1991, 105-116; "Didaskalia", XX, 1990,199-210.

outro, perfazendo 17, de época mais tardia. Trata-se do selo, escaravelhóide, sem desenhos, apenas com a inscrição "L`bd´l´b bn Shb`t `bd Mtt bn Sdq´ ", que se traduz:" *De Àbd´eli´ab filho de Shib`at servo de Mitt (Mintit) filho de Sidqa* " 30. Este selo em ágata, de 2,7 cm, é do séc.VII AC, foi encontrado em Dundrum, Irlanda, para ali levado tardiamente, e está depositado no Museu Britânico de Londres sob a cota WA 48502. Nos seus anais, ao descrever a campanha em Israel, o rei assírio Asarhaddon (680-669 AC) refere-se a Mitinti, rei de Ashqelon, que lhe paga tributo, juntamente com os reis de Ashdod, Eqron, Gaza e de Judá (Manassés), Amon, Edom e Moab. Por sua vez, Senaquerib, no prisma dos seus anais, informa que, em 701 AC, mandou substituir Sidqa, o rebelde rei de Ashqelon. Combinando estes dados, temos, pois, que Mtt (lido *Mitinti*) era o filho do dito Sidqa. Um outro documento assírio, a lista dos tributários de Tiglat-Falasar III, talvez de 729, 31, fala dum outro Mitinti, rei de Asheqelon, e de Acaz, rei de Judá.

Deste modo, com Garbini, podemos admitir que a glíptica ou esfragística filisteia existe desde o séc. X AC, data verossímil do selo de Revadim, influenciada por motivos iconográficos egípcios, menos antropomórfica que a dos fenícios e se prolonga até tarde.



Selo de Jezabel (?)



Cilindro de Ashdod

30 MITCHELL, T.C. - *The Bible in the British Museum. Interpreting the Evidence* , 2ª Ed., Londres, British Museum Publications, 1990, 72.
31 "IJ", Nº 27, pg.66; "ANET", 282, 283, 287, 288, 294.



ASHDOD : Selo filisteu (?)



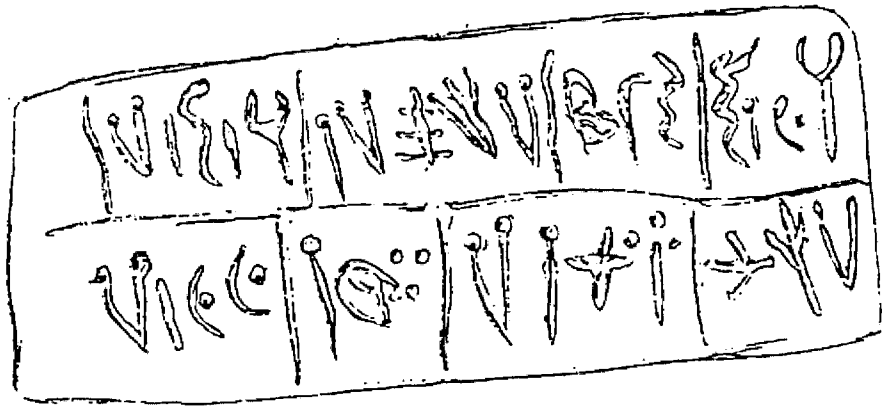
ASHDOD: Selo-cilindro filisteu com inscrição (?)

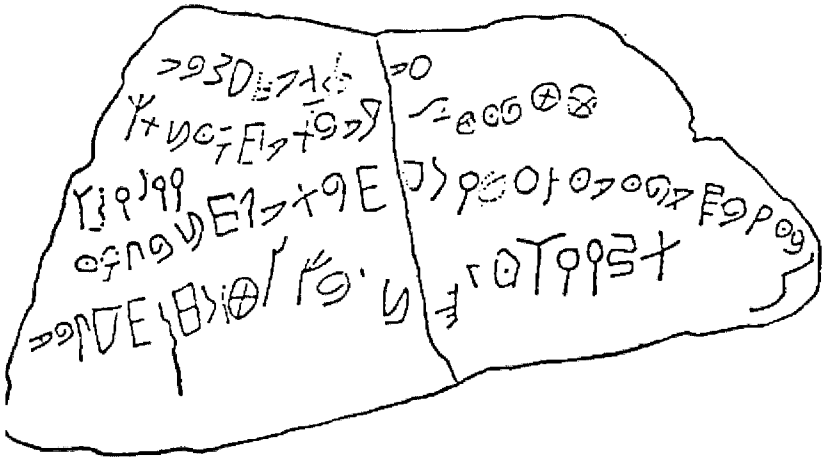


Samaria: Selo israelita de "Oniyahu ben Merav".

Escrito em paleo-hebreu, o nome ONIYAHU é composto de Oniah e do sufixo teofórico YAHU, significando "Barco de Javé". O desenho do barco talvez indique a pertença a família de marinheiros.

Tabuinha de DEIR ALLA





Inscrição de IZBET SARTAH

ALFABETO SEMÍTICO_HEBRAICO

1/ Vocalização fonética.
2/ Escrito Proto-Sináitico, séc. XV AC.
3/ Ponta de arco, séc. XI AC (Fenício).
4/ Sárcófago de Ahiram, de Biblos, séc. X AC (Fenício).
5/ Estela moabita de Mesha, séc. IX AC.
6/ Asa de jarra estampada, séc.VIII AC (Hebreu).
7/ Inscrição dum administrador real, séc. VII AC (Hebreu).
8/ Óstracon de Lakish, séc.VI AC (Hebraico).
9/ Selo de Parshandata, séc.V AC (Aramaico).
10/ Papiro aramaico de Hermópils, Egipto, séc. V AC.
11/ Manuscrito de Qumran, séc. I AC (Hebraico).
12/ Pentateuco Hebraico, séc. IX DC (Quadrado).
13/ Alfabeto Grego.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
ʾ a												A
b												B
g												Γ
d												Δ
h e												E
w												(F)
z												Z
ḥ ē												H
ṭ th												Θ
y i												I
k												K
l												Λ
m												M

ALFABETO SEMÍTICO-HEBRAICO

1/ Vocalização fonética.
2/ Escrito Proto-Sináitico, séc. XV AC.
3/ Ponta de arco, séc. XI AC (Fenício).
4/ Sárcófago de Ahiram, de Biblos, séc. X AC (Fenício).
5/ Estela moabita de Mesha, séc. IX AC.
6/ Asa de jarra estampada, séc.VIII AC (Hebreu).
7/ Inscrição dum administrador real, séc. VII AC (Hebreu).
8/ Óstracon de Lakish, séc.VI AC (Hebraico).
9/ Selo de Parshandata, séc.V AC (Aramaico).
10/ Papiro aramaico de Hermópils, Egipto, séc. V AC.
11/ Manuscrito de Qumran, séc. I AC (Hebraico).
12/ Pentateuco Hebraico, séc. IX DC (Quadrado).
13/ Alfabeto Grego.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
n												N
s x												Ξ
ʿ o												O
p												Π
ṣ												
q												Q
r												P
š ś s												Σ
t												T
u												Y
ph												Φ
kh												X
ps												Ψ
ō												Ω

3.3 - A Escrita dos filisteus ? Tendo em conta que Moshe Dothan classifica de brilhante a civilização filisteia, a investigação da língua e da escrita deixam-nos frustrados; é que a arqueologia, no campo das fontes literárias, tem-se mostrado muito avara. Certo é que a Bíblia faz referência à "lingua de Ashdod" (וּבְנֵיהֶם חֲצִי מְדַבֵּר אַשְׁדּוֹדִית), que poderia ser apenas um dialecto semita, tanto mais que o texto se refere à prática de matrimónios mistos. Todavia, esta informação reporta-se ao período pós-exílico da Bíblia e é, portanto, bastante recente; então o hebraico, língua sagrada do culto, tinha cedido o passo ao arameu como língua corrente (וְהֵינָם מַבִּירִים לְדַבֵּר יְהוּדִית, Neh. 13,24).

Na realidade, os filisteus do séc. XII AC poderiam ter chegado a Canaã ainda como aletrados, analfabetos, e só depois, com a aculturação material, teriam adoptado o alfabeto e a escrita dos cananeus. Poderia, de facto, ter sido assim; mas, nesse caso, esperaríamos o aparecimento de mais documentação. O célebre Calendário de Guezer, séc. X AC, duma cidade praticamente encravada na área clássica dos filisteus, revela uma linguagem semítica, que alguns classificam de paleo-hebreu; contudo, o I Livro dos Reis (I Re. 9,16-17) deixa entender que Guezer foi cidade cananeia até Salomão.

Por sua vez, a "carta de Adon" demonstra o uso do aramaico antigo como língua diplomática, ainda antes do séc. VII AC, e um *óstracon* encontrado na planície costeira da "sic dicta" Filisteia, em Yavneh Yam, emprega uma escrita e linguagem que quase não se diferenciam do aramaico [32] . Também alguns *óstraca* de Ashdod manifestam uma língua de tipo semítico falada na região dos filisteus antes do Exílio (586-538 AC) e que bem poderia ser o aramaico [33]. Resta ainda o enigma de

---

32 A "Carta de Adon", rei de Canaã (Eqron?), dirigida ao faraó do Egipto é do séc. VIII-VII AC , tempo de Senaquerib ou Nabucodonosor. Cfr. PORTEN, B. in "BA", 44-3, 1981, 36-53 e a resposta de KRAHMALKOV, C. in "BA", 44-4, 1981, 197. Sobre a carta-óstracon de Yavneh-Yam, cfr. "ANET", 568.

33 BRUG, J. F. - *O. c.*, 193-200.

algumas inscrições e selos que apresentam uns sinais gráficos ou alfabéticos por esclarecer, muito próximos do alfabeto chipro-minóico, até agora indecifrado também. Vamos, pois, fornecer o elenco dos possíveis documentos literários dos filisteus.

* *Tabuinhas de Deir Alla (Sukkot)* . No vale do Jordão, cerca de 12 Km. a nordeste da confluência do rio Yaboq com o Jordão, foram encontradas na escavação de 1960, pela Universidade de Leyden, sob um nível de "cerâmica filisteia", algumas inscrições aramaicas do séc. VIII-VII AC, a mais famosa das quais é aquela que se refere ao mago Balaão (Núm.22-24). Todavia, as tentativas de tradução não satisfazem, aparecendo tão somente como exercício académico de epigrafistas [34].

* *Inscrição de Izbet Sartah* . É apenas uma pequena inscrição encontrada no fundo dum poço, sem possibilidade de datação pelo método de níveis ou estratos arqueológicos. O sítio de Izbet Sartah, frente a Afek, hoje, é tido como proto-hebreu e, por isso, a ideia de ligar a inscrição aos filisteus está arredada.

* *Selos de Ashdod* . Trata-se de dois selos achados em Ashdod Estrato XII, área H, e um selo-cilindro do Estrato XIII, área H, cujos sinais gráficos parecem similares ao linear chipro-minóico [35]. Por essa razão, logo se apelou para uma origem filisteia; contudo, já aparecem tais sinais em espólios do BT, antes da chegada dos "Povos do Mar".

* *Estela de Balu`ah* . Trata-se duma estela encontrada em Balu`ah, na região de Moab, a sul de Canaã, na qual foram incisos uns traços que se assemelham ao linear chipro-minóico. Note-se que Moab já fica bastante no interior , na parte sul-oriental do Mar Morto, afastado da costa marítima.

---

[34] IDEM - *Ibidem* .
[35] DOTHAN, T. - *The Philistines and their...*, 41-45; Cfr. "BAR",VIII, 4, 1982, 31.

* *Selo de Dundrum* . Já acima citado, conserva-se no Museu Britânico, e deve ser do séc. VIII-VII AC, porque o nome de MTT (*Mitinti*), rei de Ashqelon, aparece como tributário nos anais de Senaquerib e Asarhaddon, reis da Assíria. A escrita é retintamente fenícia, mas estámos já muito afastados da chegada dos "Povos do Mar" a Canaã.

3.4 - *Palavras bíblicas de origem filisteia?* Os linguistas e exegetas têm procurado realçar a origem filisteia de duas palavras com que, no Texto Massorético da Bíblia, se referem realidades do âmbito filisteu : *SEREN* (סֶרֶן // סְרָנִים) e *KOBA`* (כּוֹבַע).

- SEREN é a designação que a Bíblia Hebraica dá aos chefes ou governantes das cidades da Pentápole filisteia e que os LXX traduzem em grego por Σατραπα e a Vulgata por *regulus* (Jos. 13,3). Há quem decomponha a palavra SEREN, fazendo-a derivar do egípcio SAR (=*dono, senhor*) + N, sufixo pronominal da primeira pessoa do plural, traduzindo "Nosso chefe", vendo neste nome uma reminiscência da subordinação original dos filisteus aos egípcios [36]. Mas, o que é certo é que, do ponto de vista línguistico, não há razões para afirmar que tal palavra venha dos lídios da Anatólia ou de Ugarit, onde, se a leitura é correcta, aparece em composição, como YN-SRNM , lido *Yayin Sranyim* , isto é, "vinho dos chefes".

KOBA`, outra palavra que, não sendo hebraica, o TM atribui à linguagem dos filisteus para designar o capacete (I Sam.17,5; Jer.46,4), a peça daarmadura que protege a cabeça.

3.5 - *Nomes próprios filisteus* . Pela Bíblia, conhecemos vários nomes de pessoas filisteias:

---

36 PETRIE, W.F. - *Beth Pelet* , I, 7 , BRUG, J. F. - *O.c.*, 197.

Abimelek = אֲבִימֶלֶךְ (Gen. 20, 26) é nome composto, retintamente semítico, que aparece na Bíblia 67 vezes, com o significado de "Meu Pai é rei" [37].

Ahuzzat = אֲחֻזַּת (Gén. 26,26) nome do familiar de Abimelek, que o acompanha na diligência junto de Isaac. Também este nome, relaconado com Ahaz (Acaz), é semítico, na forma passiva (*possessão*) da raiz אחז = *possuir, tomar posse* .

Akish = אָכִישׁ (I Sam.21,11-16; 27-29) é nome referido 21 vezes, mas cuja etimologia não é certa. Sempre por relação ao mundo egeu, quiseram ligá-lo ao homérico Ankise (=Αγχισης) , pai de Eneias.

Dalila = דְּלִילָה (Jz.16,4-20) aparece 6 vezes sempre referido à filisteia amante de Sansão. Discute-se se o nome é hebraico (דלל= *pobre*) ou não.

Golias = גָּלְיָת (I Sam. 17,4; II Sam.21,19; I Crón.20,5; Eclo.47,4-5; cfr. I Mac. 4,30), citado 7 vezes. Um passo tardio da Bíblia liga-o ao mítico Rapha, epónimo dos *refaim* paralelos aos anaquim (II Sam.21,16-22; I Crón.11,31; 20,4-8; cfr. Gén.15,18-20; Dt.2,21). O nome não parece semítico e, por razões óbvias, há quem o queira associar ao nome lídio `Alyattes, mas sem qualquer fundamento para além da homonímia. Assim, também nós, à boa maneira das etimologias populares, o poderíamos ligar à raiz GLL "girar, rodar", porque dele se diz que tinha uma lança como a roda ou *cilindro* de tear (I Sam.17,7; I Crón.11,23; cfr, I Crón.20,4).

Ittai = אִתַּי (II Sam.15,19-22) citado 7 vezes e tres como natural de Gat, ao lado do benjaminita Ittai, natural de Gabaa (I Crón.11,31). Deste modo, o nome tem forma hebraica e pode ser uma abreviatura de Ittiel = "Deus está comigo", Cfr.*Immanuel* !.

---

37 ODELAIN, O.; SÉGUINEAUX, R. - *Dictionnaire des noms propres de la Bible*, Paris, Eds. du Cerf/Desclée de Brouwer, 1978, 4-5.

Obed-Edom = עֹבֵד-אֱדוֹם aparece 20 vezes e tres como de Gat (II Sam.6,10-12; I Crón.13,13-14;15,25). O nome é.sem dúvida, hebraico e significa "servo de Edom". Porque recebera a Arca da Aliança em sua casa, os hebreus constataram que Obed e sua casa tinham sido abençoados por Javé.

Pikol = פִּיכֹל (Gén.21,22.32;26,26) anda associado a Abimelek, mas para ele não se encontra razão semítica.

Safai = סָפַי/סָף (II Sam.21,18;I Crón.20,4-8) também transliterado *Saph, Sippay*, pretenso descendente dos *refaim* , morto na guerra dos israelitas contra os filisteus. Em dúvida, quiçá possamos conectar este nome com a raiz Suf, donde vem סָף= *limiar.*

Nos ANAIS ASSÍRIOS, entre os sécs. VIII-VII AC, encontramos ainda uma díizia de nomes de reis filisteus, portanto bastante tardios e já semiticamente miscegenados:

+ *Nos Anais de Tglat-Falasar III* , 729 AC (ANET,282;I J, 66).

- Mitinti (MTT), de Ashqelon,

- Hanunu, de Gaza.

+ *Nos Anais de Sargon II*, 720 AC (ANET, 284-287; I J, 68).

- Hanunu, de Gaza.

-Azuri, de Ashdod.

+ *Nos ANAIS de Senaquerib* , 701 AC (ANET,287; I J,75-76).

- Cilbel, de Gaza.

- Mitinti, de Ashdod.

- Padi, de Eqron.

- Rukibtu, de Ashqelon.

- Sharruludan, de Ashqelon.

- Sidqa, de Ashqelon.

+ *Nos anais de Asarhaddon* , 677 AC (ANET, 291; I J, 79).

- Cilbel, de Gaza.

- Ikausu, de Eqron.

- Mitinti, de Ashqelon.

* *Nos Anais de Assurbanípal* , 667 AC (ANET, 294-301; I J, 80).

- Ahimilk, de Ashdod.

- Cilbel, de Gaza.

Quanto aos topónimos da Pentápole filisteia (Ashdod, Ashqelon, Eqron, Gat e Gaza), eles são anteriores à chegada dos "Povos do Mar" e surgem como topónimos cananeus nas fontes egípcias [38]. Como observação última, fica-nos o facto de a Bíblia ignorar o nome da cidade "filisteia" de Tell Qasile, bem perto de Jafa, quase na foz do rio Yarqon e que, modernamente, constitui um dos mais assinaláveis sítios arqueológicos.

CONCLUSÃO - Quanto aos possíveis documentos de escrita filisteia, amalgamando no cadinho da hermenêutica linguística o parcimonioso acervo dessas pepitas pobres e indecifradas, fica-nos a amargura dum trabalho praticamente infrutífero, em que nem sequer uma onça de alfabeto se consegue extrair. A escrita filisteia é ainda uma miragem arqueológica.

Por sua vez, a linguagem, ao nível do testemunho de outros povos, sobretudo da Bíblia hebraica, apresenta uma onomástica mista, com grande predominância semítica. Deste modo, não é possível, a nível literário, falar duma cultura filisteia. Esperemos que o ventre laxo da terra de Canaã nos proporcione, um dia, a descoberta desse mundo ignorado e historicamente sempre enigmático.

---

[38] AHITUV, Shmuel - *Canaanite Toponyms in Ancient Egyptian Documents*, Jerusalém, The Magnes Press, 1984.

CONCLUSÕES

Depois desta viagem, mais ou menos longa, sempre muito complexa, pela História de Canaã e do Médio Oriente, impõe-se, agora, tirar algumas conclusões. Percorrendo capítulo a capítulo as análises do nosso trabalho, podemos, de facto, deduzir algo de científico que, se não prima pela novidade, pelo menos, obrigará, assim o cremos, a uma revisão de opiniões correntes e repetidas no campo da História Preclássica relativamente a Hebreus e Filisteus, os povos que, desde o séc. XII AC, se instalaram em Canaã.

Antes de mais, a afirmação da própria nomenclatura de Canaã. Com efeito, a Bíblia designa por "terra de Canaã" o país onde os hebreus se instalaram, e as fontes egípcias, ao tempo, chamam-lhe P3 Knm, isto é, O Kenaam. Todavia, este conceito ultrapassa o espaço que, em seguida, se chamará Israel e Palestina. É o grande Canaã, que vai da fronteira do Egipto, a sul, até Hamat, a norte, na Síria. O nome de Palestina, com que chegou aos nossos dias, embora antigo e conhecido de Heródoto na forma adjectival, por causa da situação dos Filisteus junto à costa mediterrânica, no sul de Canaã, é, sobretudo, uma imposição dos romanos para "deletio memoriae" de Israel que, entretanto, ganhara foros de predomínio naquela região. Após a rebelião judaica de 135, quando Jerusalém foi rasada ao solo e substituida pela "Aelia Capitolina do imperador Adriano, o país foi então retalhado em tres províncias romanas sob a designação genérica de Palaestina. Canaã, o velho nome original do tempo da "Conquista", desaparecia, assim, sob o efeito daquele que pode ser classificado como o primeiro movimento antissemita da História. PALESTINA (de

FILISTEIA) é um nome que, quando muito, designaria apenas uma pequena parcela de Canaã.

A história da instalação dos hebreus em Canaã, no Livro bíblico de Josué, é vista à luz dum holofote grandioso de fé e de heroismo, como se fora uma conquista de homens conduzidos e protegidos pelo seu Deus. Hoje, à luz da crítica literária e da arqueologia, tal perspectiva deve ser abandonada. A ocupação de Canaã por Israel, referido na célebre estela de Merenptah (11236-1223 AC), parece ter sido lenta, própria dum povo a viver nas bordas do deserto e em vias de sedentarização, que, embora não se confunda, também não pode simplesmente separar-se da história dos Shasu, dos Apiru e de outras tribos nómadas, de que falam as fontes egípcias e, em certa maneira, a própria Bíblia. Neste sentido, a arqueologia moderna tenta estabelecer, ao arrepio da Bíblia, as origens de Israel e a sua cultura material. Os estudiosos das questões bíblicas repartem-se, hoje, por teorias explicativas da presença dos hebreus em Canaã: Conquista (Albright e escola norteamericana); Inflitração lenta e pacífica (Alt, Noth e escola alemã); Revolta social campesina (Mendenhall e Gottwald); Teoria mista ou de "Simbiose" (Volkmar Fritz [1]) . Mas os arqueólogos, entre o Bronze Tardio e o Ferro I procuram sublinhar uma quebra populacional com reflexos na cultura material, o que poderia coincidir com a entrada do povo hebreu. É por isso que Kempinski, na discussão da II Sessão - *Archaeology, History and Bible. The Israelite Settlement in Canaan: A case study* - do "Congresso sobre Arqueologia Bíblica, Jerusalém, 1984 , como princípio motivador mas sem a citar, adopta a teoria mista ou modelo de simbiose, que designa sob o termo de "adaptação" [2] . Registe-se que, já

---

[1] FRITZ, Volkmar - *Conquest or Settlement? The Early Iron Age in Palestine* , "BA", 50, 1987, 84-100. Como história e apreciação geral destas teoria

[2] "BIBLICAL ARCHAEOLOGY TODAY", Jerusalém, Israel Exploration Society, 1985,90.

antes, o termo "simbiose" tinha sido usado por Alt em 1939 a propósito das relações entre hebreus e cananeus [3]. Como se vê, os modelos de emergência de Israel em Canaã são tratados como tipos ideais ou modelos sociológicos à maneira de Max Weber [4] e nem sempre os arqueólogos e historiadores, lidando concretamente com os restos materiais da cultura dos povos ou seus escritos, se conseguem libertar dessas peias ideológicas.

Em fins do séc. XIII ou princípios do séc. XII AC, quase ao mesmo tempo em que os hebreus penetravam em Canaã, detecta-se no Mediterrâneo oriental uma grande movimentação de povos, confirmada pela arqueologia e pelas fontes egípcias. A cultura de Micenas e o império hitita bem como Ugarit entraram em derrocada, o que demonstra uma agitação generalizada, causada, com certeza, por povos irrequietos e agressivos. Os textos do faraó Ramses III (1198-1166 AC) no seu templo funerário de Medinet-Habu são os principais documentos a informar-nos sobre a movimentação dos "Povos do Mar" ou "Povos do Norte", que, vindos por terra e por mar, à sua passagem, foram, sucessivamente, destruindo o império hitita e Canaã até se atreverem a atacar o Egipto. Confederação de povos do Mediterrâneo oriental, entre eles vinham os Filisteus (PRShTW=Peleshet/Pelishtim=Filisteus), que, depois, encontramos, segundo a Bíblia, instalados na zona costeira sul de Canaã. Apesar de a Bíblia os fazer oriundos de Caftor, possivelmente a ilha de Creta, tal determinação não parece verossímil. Como quer que seja, é esse povo que encontramos no sul de Canaã a formar a célebre Pentápole filisteia (Ashdod, Ashqelon, Eqron, Gat e Gaza), que os hebreus nunca conseguiram totalmente subjugar, e em outros sítios, cujo nome original desconhecemos, como Tell Qasile e os

---

3 SICRE, José Luis - *Los origenes de Israel , Cinco repuestas a un enigma histórico* , "Estudios Bíblicos", 46, 1988, 421-456.

4 WEBER, Max - *Economia e Sociedade* , 1922.

Tjeker em Dor. Em relação a esse povo, sempre os hebreus alimentaram um sindroma de ódio, bem expresso naquele arrogante e pretencioso ditirambo do Salmista: עָלַי-פְּלֶשֶׁת אִתְרוֹעָעִי = "Sobre a Filisteia cantarei vitória!" (Sl.60 (59), 10;108 (107),10).

Ultimamente, a arqueologia de Israel tem sido muito animada pelas escavações de Trude Dothan, que, com seu marido Moshe Dothan, se apaixonou pela cultura material dos filisteus e a tenta reconstituir. De facto, para avaliarmos a mais valia civilizacional deste povo, teremos de nos servir da sua "cultura material", com particular relevo para a cerâmica, pois, até agora, não nos chegou qualquer documento escrito e válido da sua cultura literária. É , portanto, uma cultura muda como a própria arqueologia que a pretende descobrir

Os ditos arqueólogos falam com ênfase da "cerâmica filisteia", uma cerâmica típica de Canaã, no séc.XII-XI AC, com pintura bicromática a vermelho e preto sobre fundo natural e com formas decorativas bastante singulares, desde a monocromática Mic. III C:1b. A hermenêutica comparativista dos arqueólogos israelitas leva-os a atribuir esta cerâmica aos filisteus e a caracterizá-la como de origem micénica ou do mundo egeu. Ter-se-ia, assim, encontrado a matriz geradora da sua singularidade, isto é, a origem e proveniência dos filisteus que, segundo a Bíblia, viriam de Caftor=Creta e pertenceriam, portanto ao mundo egeu.

Outros arqueólogos, porém, em estudo mais frio e analítico (BRUG e BURDAJEWICZ), menos reconstrutivo e mais livre das ideias fundamentalistas acerca da Bíblia, preferem concluir que a "cerâmica filisteia" é uma cerâmica mista, de certeza com motivos egeus, particularmente de Chipre, mas mantendo-se na linha evolutiva tradicional da cerâmica cananeia, tal como ela se pode, arqueologicamente, estandardizar desde o calcolítico até ao Ferro II.

Com eles, também nós pensamos que os Filisteus são, sem dúvida, um povo histórico, que se instalou em Canaã por volta do séc. XII AC, e pertencem ao grupo dos chamados "Povos do Mar" ou "Povos do Norte". Todavia, nem à base das fontes egípcias ou bíblicas, nem por meio da arqueologia e seus achados, nos é possível determinar com precisão a sua origem. Para os relevos do templo de Medinet-Habu, é necessário ter em conta o género artístico-literário e convencermo-nos de que aquilo não é reprodução pictórica, realista, dos acontecimentos e seus actantes mas tudo obedece a estereótipos mais ou menos comuns à arte egípcia tradicional. Tal como nos géneros literários, também na arte egípcia a imaginação dos artistas estava ao serviço da ideologia e da propaganda faraónica comandando as obras de arte e a mensagem, que transmitiam.

Como é que os Filisteus (e outros "Povos do Mar" - Tjeker e Shekelesh, segundo Wen-Amon e o *Onomasticon* de Amenemope) se estabeleceram em Canaã é problema, que para sempre nos escapa. Dizer que isso terá resultado dum acordo com Ramses III, pode ser provável mas não parece crível, dado que o mesmo faraó declara tê-los esmagado por completo ou feito prisioneiros, apanhados como pássaros no boiz. Admitindo a hipérbole, própria da proganda faraónica, o mais viável é que, repelidos da foz do Nilo, parte desses povos tenham desembarcado mais acima, no sul de Canaã, onde a presença egípcia estava debilitada e onde, portanto, puderam estabelecer-se sem a resistência dos cananeus, também eles combalidos.

As construções que lhes são atribuidas não são de molde a determinar exemplares marcantes, nem ao nível dos templos nem das casas. A "four-room house" ou "pillared house", como vimos, não pode assumir-se como distintiva dos filisteus, e os templos tão pouco.

A cerâmica então ali usada terá sido por eles aproveitada e, à sua maneira, decorada e pintada. Mas aqui é que reside o principal problema na identificação étnica da "cultura material" dos filisteus. Segundo cálculos quantitativos de BRUG, em Ashdod a estatística revela-nos que a cerâmica filisteia não chega a 30% e em Tell Qasile, do estrato XII ao X, só atinge 24/15% do total da cerâmica, continuando-se, nesses sítios-chave, a tradição cerâmica do Bronze Tardio.

Se, com Bunimovitz [5] , nos fixarmos nas tres principais componentes da "cultura material" dos filisteus - cerâmica, culto e sepulturas - , descobriremos o seu carácter eclético e a impossibilidade de a atribuir a um determinado grupo étnico. Em Ashdod, por exemplo, antes da cerâmica filisteia já aparece cerâmica de tipo micénico. Quererá isso significar que ali estiveram micenos ou proto-filisteus? Não terá sido antes "importada", ao menos os modelos, por comerciantes de Chipre ?

A cerâmica atribuida aos filisteus tem uma conotação mais local ou regional que étnica e nós deveríamos, antes, falar de "Cerâmica da Filisteia" que de "cerâmica filisteia". Qualquer que seja o seu estilo, dentro das categorias de Trude Dothan ("simples//elaborada"), esta cerâmica é eclética, mantem-se quanto à forma muito dentro da tradição do BT, práticamente sem novidade de tipos, e ter-se-á espalhado por difusão comercial ou sistema de trocas, aparecendo, por isso, mesmo em lugares do interior. A presença desta cerâmica não significa, portanto, presença efectiva e étnica de filisteus.

Do culto, à base da informação bíblica, nada se pode deduzir, porque a Bíblia fala da religião dos filisteus como um facto consumado

---

5 BUNIMOVITZ, Shlomo - *Problems in the "ethnic" identification of the philistine material culture*, "Tel Aviv", 17, 1990, 210-222.

de osmose ou sincretismo, sobretudo quanto aos nomes dos deuses cultuados. É a semitização (canaanização) total! As práticas religiosas, essas escapam-nos inteiramente.

A arqueologia, para já e quanto a templos, fornece-nos tão somente os casos de Tell Qasile e de Eqron (Tell Miqne). A estrutura irregular desses templos não se inscreve nem na dos templos cananeus nem na dos do mundo egeu e, por outro lado, não parece revelar, por parte dos filisteus, se a eles pertencem, uma determinada tradição e técnica de construir edifícios de culto. Tão pouco os objectos de culto, mesmo a Asdoda, manifestam algo de singular. O espólio cultual do pequeno santuário de Eqron (Tell Miqne), estrato VI, e do edifício 350 do estrato V, apesar de significativos em termos religiosos (Ashdoda, espádua de vaca, objecto cúltico de rodas, faca com cabo de marfim), não se pode afirmar que sejam reveladores da etnicidade dos seus utentes.

As sepulturas e hábitos sepulcrais (sarcófagos antropóides e grutas cavadas na rocha) podem perfeitamente atribuir-se a usos egípcios e a práticas cananeias, sem que os filisteus tenham algo a ver com o assunto.

Quanto à cultura do ferro e ao progresso na arte náutica, temos ainda muito poucos elementos para podermos declarar que, neste campo, os filisteus estavam mais adiantados que os outros povos e trouxeram verdadeiro progresso técnico.

A escrita e a onomástica, que são apanágio e indício da especificidade e do desenvolvimento cultural dos povos, falham de todo no caso dos filisteus. Os selos são ainda bastante enigmáticos para deles deduzirmos certezas.

Podemos, pois, concluir de forma crítica, que a grandeza da "cultura material" dos filisteus fica muito por perto, muito aquém

daquilo que Trude e Moshe Dothan apregoam [6] . A esse respeito, sob o ponto de vista hermenêutico, estes arqueólogos manifestam-se, embora não directa e intencionalmente, muito dependentes dos paralelismos da Arqueologia e da Bíblia, quase numa dependência fundamentalista da Bíblia, na medida em que as descobertas os levam sempre, por meio do difusionismo cultural, só porque a Bíblia faz vir os filisteus de Caftor=Creta, a ver a civilização filisteia à luz da cultura micénica e do mundo egeu. É dentro desta linha hermenêutica que Trude Dothan analisa os desenhos dos relevos de Medinet-Habu e para eles procura o paralelismo da cultura micénica. Afinal, quer-nos parecer que a cultura dos filisteus, que este casal de arqueólogos israelitas apresenta, é quase uma reconstituição culturalmente ideologizada ou preconcebida. A arqueologia não prova a superioridade cultural dos filisteus sobre os cananeus nem sobre os hebreus. Aliás, isso não é de admirar, uma vez que eles não eram descobridores, aventureiros sim mas predeterminados, à maneira dos navegadores portugueses e espanhóis do período das grandes descobertas do mundo moderno. Acossados por cataclismos naturais, juntamente com outros povos irmanados nas mesmas desgraças, os filisteus, cujo número e organização ignoramos, foram, com toda a probabilidade, um grupo relativamente pouco numeroso, sem homogeneidade nem tipicidade cultural, ainda que com características próprias, como é comum de todo o homem e povo. Daí que, embora dominando os cananeus pela força, sem penetração no interior do país, tenham sido, em dois séculos, absorvidos pela cultura cananeia, chegando à semitização ou canaanização completa no tempo dos fenícios. Talvez nisso resida, afinal, o segredo da sua resistência aos hebreus e a perdurabilidade ou permanência das suas cidades

---

6 DOTHAN, Trude; DOTHAN, Moshe - *People of the Sea. The Search for the Philistines* , Nova Iorque, Macmillan Publishing Company, 1992 é um bom exemplo da sua visão e hermenêutica macrohistoricizante.

autónomas, como se vê ainda na altura das invasões assírias e babilonenses dos sécs. VIII-VI AC.

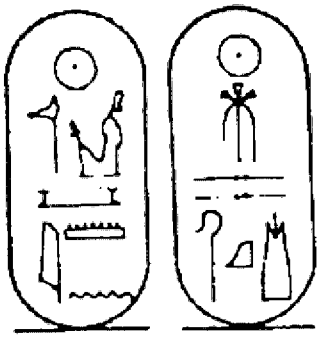
O afrontamento de hebreus e filisteus, relatado nos livros bíblicos dos Juizes, I e II de Samuel, com bases históricas, sem dúvida, insere-se no programa teológico da História Deuteronomística. A Bíblia trata os problemas históricos numa perspectiva de fé, engrandecendo-os, por isso, numa moldura religosa de fidelidade ou infidelidade a Javé, verdadeiro Senhor da História da Salvação. A Arqueologia procura, de modo cientifico e, portanto, meramente racional, encontrar e reconstituir os vestígios materiais dos povos e civilizações. Cada uma conserva a sua especificidade e autonomia. Têm, por consequência, de fazer uma "aprendizagem mútua" [7] para, sem antagonismos nem concordismos, sempre em colaboração e complementaridade, nos ajudarem a reconstituir a história vivencial dum povo que, julgando-se o Povo Eleito de Deus, nem por isso deixava de viver numa terra concreta do Médio Oriente Próximo, rodeado de vizinhos, que o combateram, invadiram e destruiram mas com os quais comungou do mesmo ambiente vital e cultural.

Aqui tratámos, de maneira específdica, a contemporaneidade e vivencialidade de Hebreus e Filisteus na Terra de Canaã. E porque a lembrança dos Peleshet, isto é, dos filisteus persevera, ainda hoje, no nome da população muçulmana, que, desde o século VIII cristão, se instalou naquela zona, eis porque nos pareceu bem dar a este trabalho o subtítulo: Nos pródromos da Questão Palestiniana. Procurámos, assim, realçar a nota de modernidade deste estudo de história

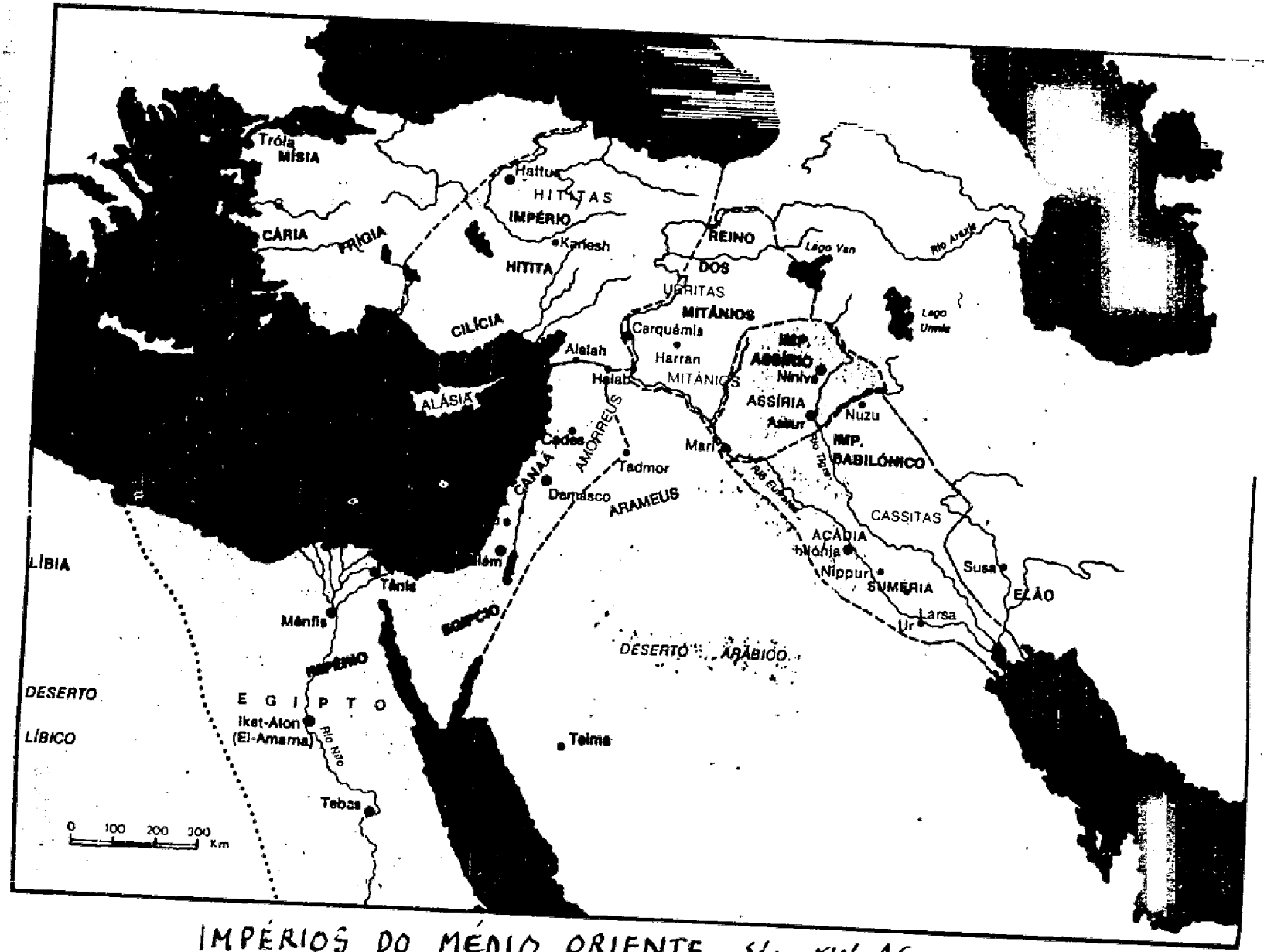
---

7 Usando esta expressão, neste sentido se referiu o papa João Paulo II numa importante mensagem sobre as relações da Ciência e da Religião dirigida ao Director do Observatório do Vaticano , em 1 de Junho de 1988. Cfr. ÁRCHER, Luís - *Ciência e Religião. Uma nova perspectiva* , "Brotéria", Vol. 135, Nº 1, 1992, 34-45.

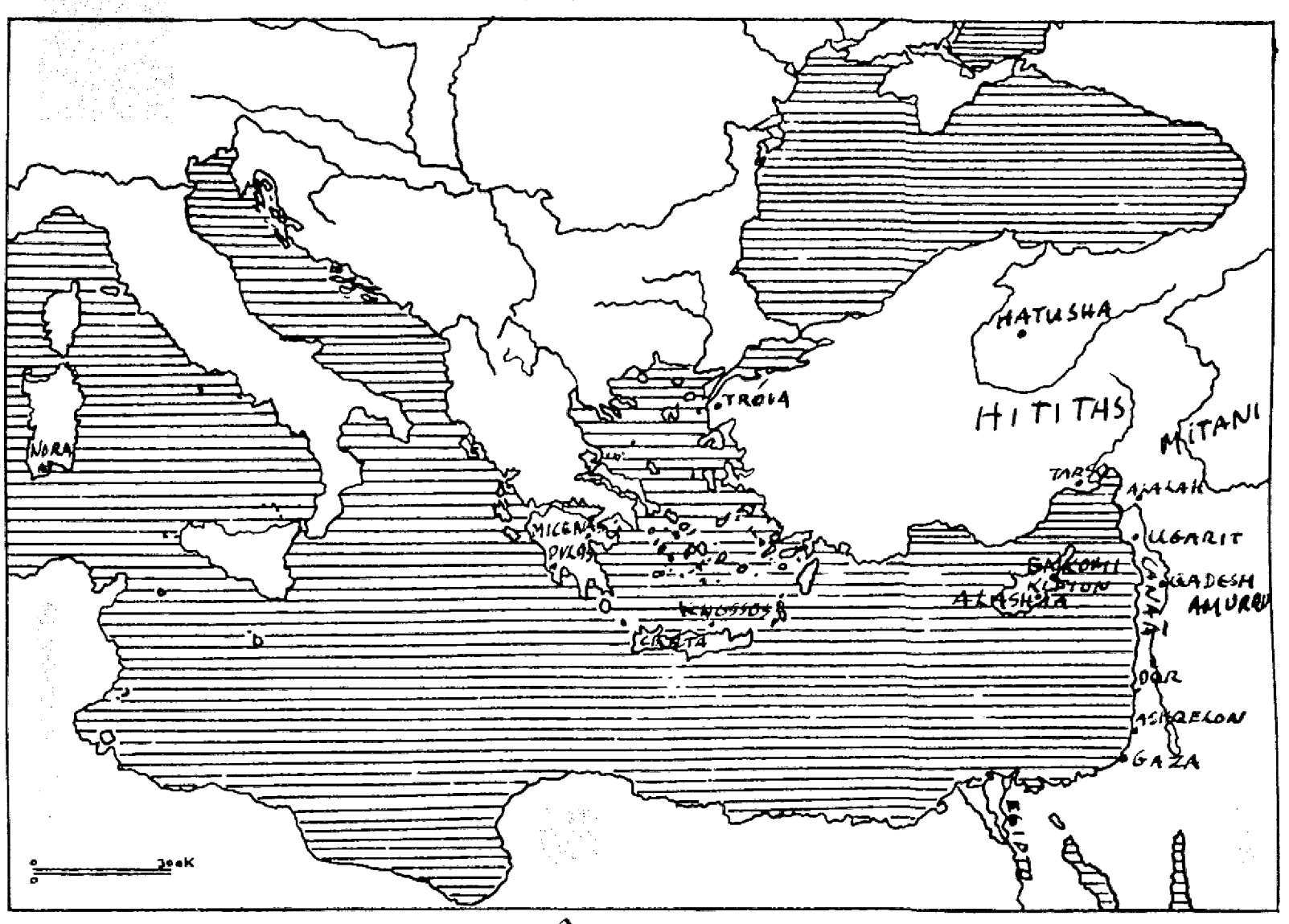
preclássica do séc. XII AC, que nos levou aos primórdios dum sindroma bélico, o qual se prolonga nos nossos dias sob o afrontamento e a luta israélico-palestiniana, e que os políticos contemporâneos tentam, com afã e dificuldade, resolver, porque "ódios velhos não cansam".



Ramsés III

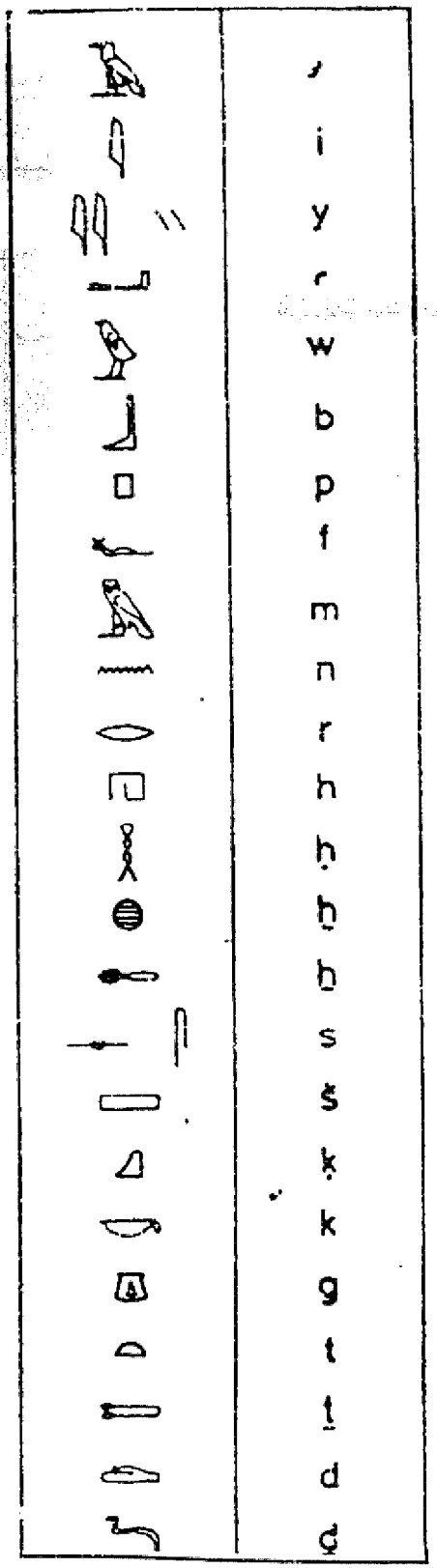


IMPÉRIOS DO MÉDIO ORIENTE, séc. XIV AC.

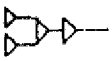


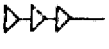
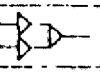
MEDITERRÂNEO ORIENTAL

ALFABETO HIEROGLÍFICO EGÍPCIO



ALFABETO UGARÍTICO

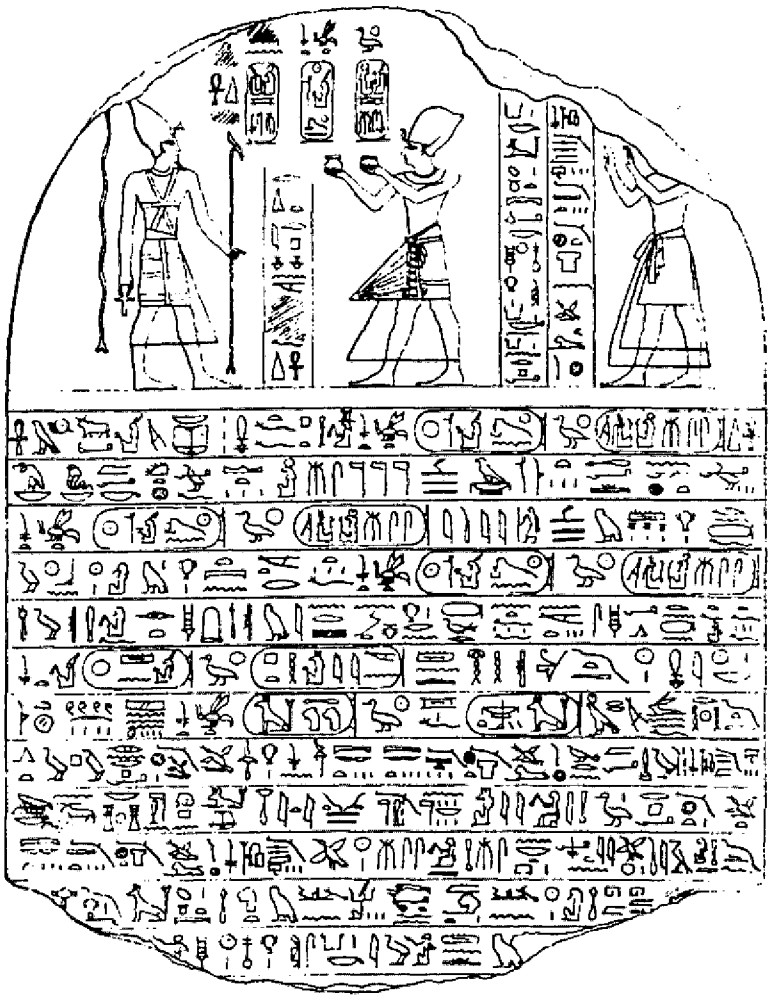
LETRAS	SINAIS	Nº
a		1
b		2
g		3
ḫ		4
d		5
h		6
w		7
z		8
ḥ		9
ṭ		10
y		11
k		12
š, ś		13
l		14
m		15

LETRAS	SINAIS	Nº
ḏ		16
n		17
ẓ		18
s		19
ʿ		20
p		21
ṣ		22
q		23
r		24
ṯ		25
ġ		26
t		27
i		28
u		29
ṯ		30

DESENVOLVIMENTO DO ALFABETO HEBREU

LATIM	GREGO	ARAD VI	ARAD X	GUEZIR	IZBET SARTA	PROTO-SINAI	HEBREU ARAMEU
A	A						א
B	B						ב
G	Γ						ג
D	Δ						ד
E	E						ה
V	Y						ו
Z	Z		(x)				ז
H	H						ח
	θ						ט
I	I						י
K	K						כ
L	Λ						ל
M	M						מ
N	N						נ
	≡						ס
O	O						ע
P	Π						פ
							צ
Q							ק
R	P						ר
S	Σ						ש
T	T						ת

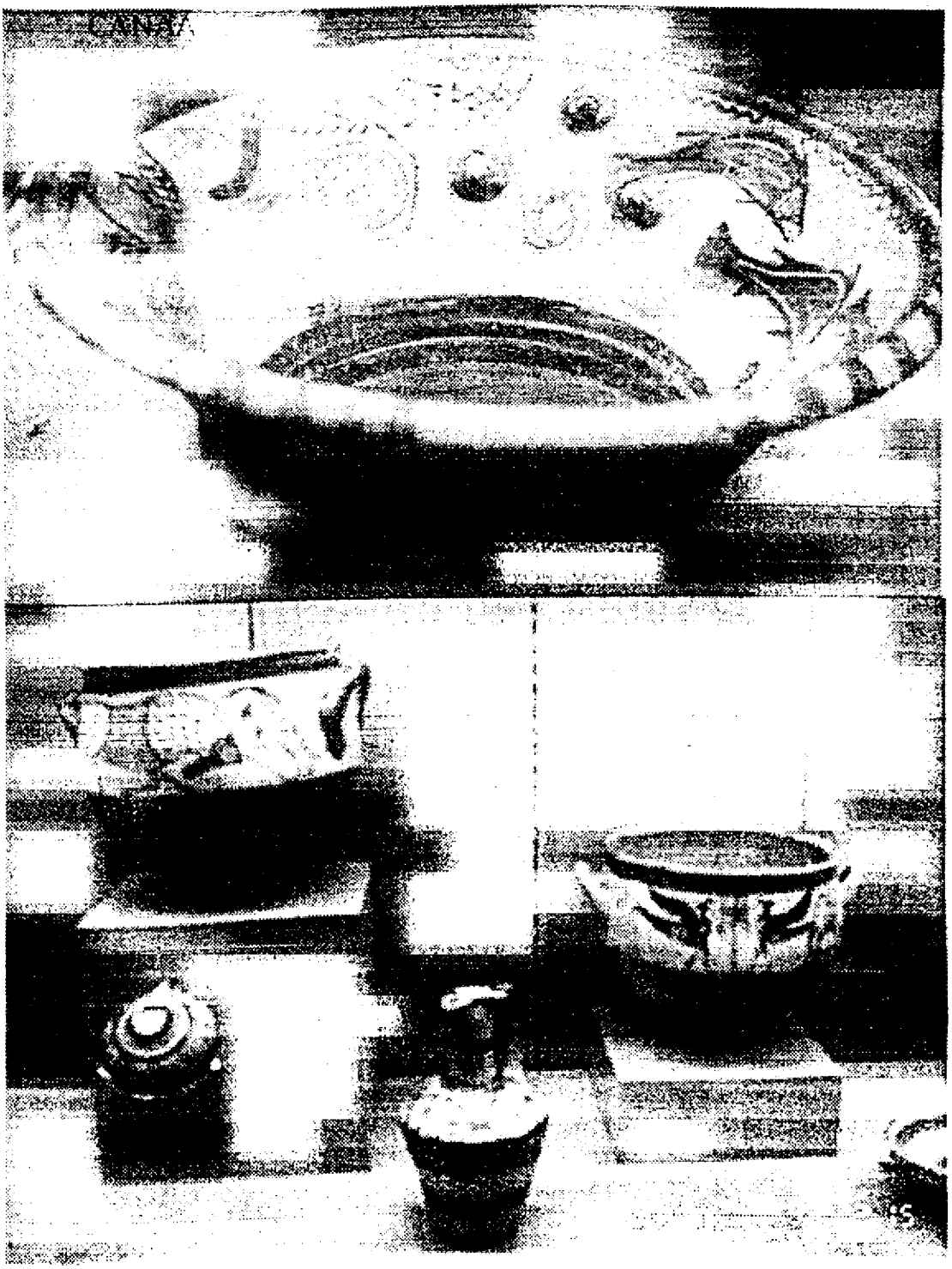
RAMSES II (1304-1237 AC) - ESTELA DOS 400 ANOS



Esta estela (BREASTED, James H. - *Ancient Records of Egypt* , III Vol., 539-548) foi encontrada em Tânis, mas, certamente, levada de Avaris, onde tinha sido erigida por Ramses II a comemorar os 400 anos da introdução do culto de Baal como Seth dos Hiksos. Daí o nome.

Alguns estudiosos, como Baruc Halpern, pensam que a esta estela, removida, possivelmente, em tempos de Salomão, casado com uma filha do faraó do Egipto (I Re.3,1: 9,16) é que se deve atribuir a ideia dos 400 anos que medearam entre José e o faraó que obrigou os hebreus a construir as cidades de Pitom e Ramses ( ). De facto, a presença de monumentos dos Hiksos em Tânis, construida apenas no séc.XI AC, teria levado os hebreus a pensar que ela vinha já do Bronze Médio (1750-1550 AC). Por essa razão é que a fonte J diz que "Hebron fora construida sete anos antes de Tânis, no Egipto" (Núm.13,22) e um Salmo narra a acção salvífica de Javé, que operou "maravilhas nas planícies de Tânis" (Sl.78/79,43).

Sobre isto, cfr.BIETAK, Manfred - *Avaris and Piramesse*, Oxford,Oxford University Press,1981.



LONDRES, Museu Britânico - CERÂMICA MICÉNICA:
1 - Kalymnos (Chipre): Alguidar, c 1200-1100 AC.(Nº C.1016).
2 - Enkomi (Chipre): 2 Crateras, c.1300-1200 AC. (Nº C.416/397).
3 - Enkomi: Jarra, c. 1300-1200 AC. (Nº C.575)



LONDRES, Museu Britânico: Papiro HARRIS,c.1166 AC,com 4,055 m. de comprido e 117 colunas de 12 ou 13 linhas,em caracteres hieráticos.

Ilustração: O faraó Ramses III (1198-1166 AC) apresenta-se ao deus AMON-RE.

KARNAK



ESTÁTUAS DE RAMSES III

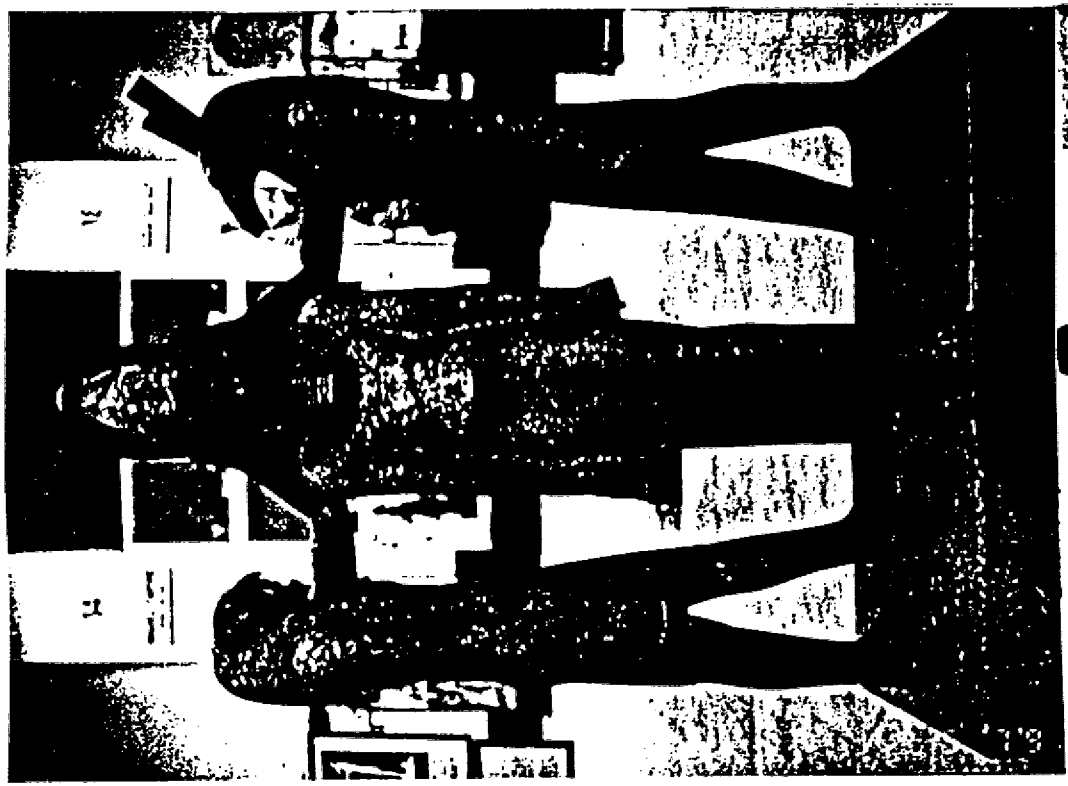
na fachada do pequeno templo deste faraó dentro do perímetro do Grande Templo de AMON,Karnak.

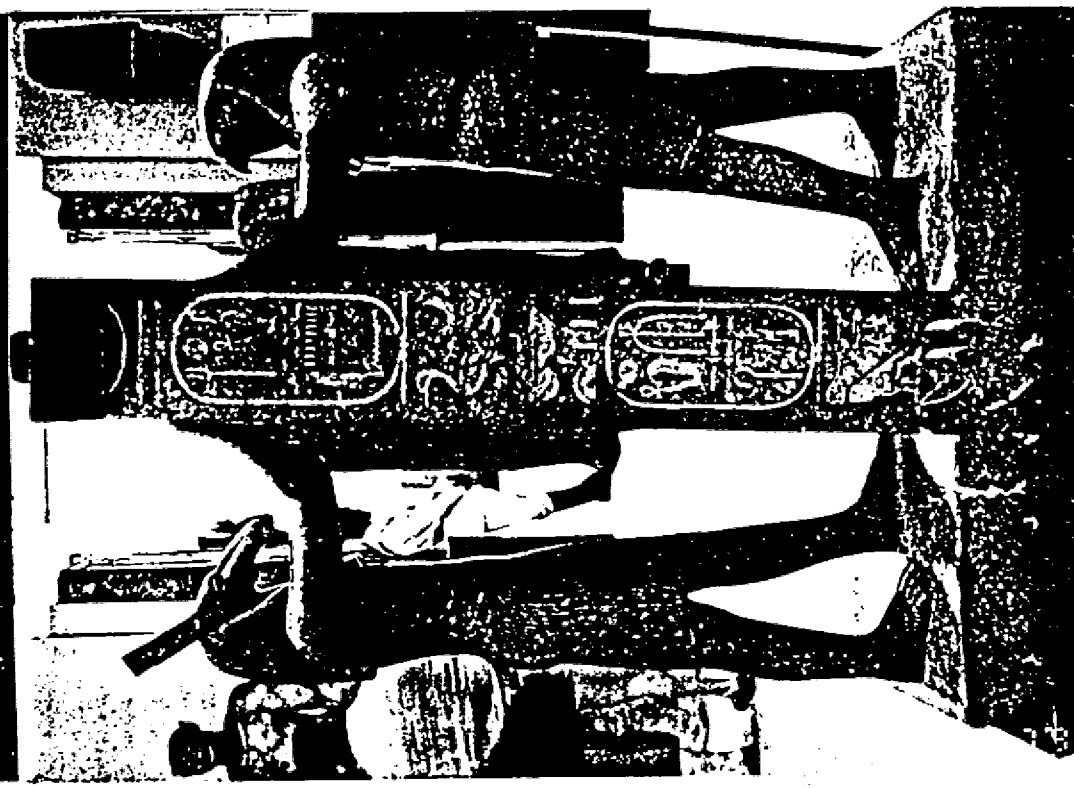
RAMSES III



CAIRO, Museu Egípcio: Estátua de Ramses III, à dieita da entrada da sala 14.

CAIRO, Museu Egípcio,Sala 14: Ramses III amparado pelos deuses AMON e ANÚBIS (Frente e verso)





ÍNDICE DE MAPAS E GRAVURAS

Pp. 45: Mapa - EGIPTO/CANAÃ/RETENU

49: Estátua de IDRIMI, rei de Alalah (Museu Britânico)

67: Mosaico/Carta de Madaba

73: Mapa de CANAÃ

113: Mapa das lutas de Josué no Centro e Sul de Canaã

114: Mapa das lutas de Josué no Norte de Canaã

141: Mapa de CANAÃ ao tempo das lutas de Josué

142: Plano de `Izbet Sartah

143: Jarra de colarinho ("*Collared Rim Jar*")

144: Tipos de Cerâmica segundo os períodos arqueológicos

145: Evolução das Panelas de cerâmica no Ferro I

151: Mapa de CANAÃ/ISRAEL/PALESTINA

154: Mapa dos Sítios do Ferro I

155: Planos de `IZBET SARTAH III e de BERSHEBA VII

156: Plano de casa de `Izbet Sartah (*Four Room House*) e de Shiloh (*Pillared House*)

157: Altar do Monte Ebal

188: Estela de Merenptah ou de ISRAEL

189: Malga de Merenptah (Berlim) e Protocolo de Merenptah

194: Hieróglifo de ISRAEL na estela de Merenptah

197: Reconstituição do muro de "Cour de la Cachette" e relevo de ASHQELON

201: Hieróglifo dos "SAHSU"

211: Shasu aprisionados

216: Planta do Templo de Medinet-Habu

217: Corte longitudinal do Templo de Medinet-Habu

233: Quadro dos "Povos do Mar"

234: I Onda dos "Povos do Mar"

235: II Onda dos "Povos do Mar": Reinado de Ramses III

236: III Onda dos "Povos do Mar": Outras Fontes

272: HÉRCULES das Catacumbas de Via Latina, Roma

272: Sansão entre os Filisteus das Catacumbas de Via Latina

273: Mapa da Geografia das acções de Sansão

292: Chefe Filisteu prisioneiro no Templo de Medinet-Habu

294: Hieróglifo de KEFTIU/Caftor/CRETA

298: Motivos de decoração ornitológica na "cerâmica filisteia"

311: Espécimes de "CERÂMICA FILISTEIA"

312: "Cerâmica Filisteia" de Azor e de Ashdod

313: Mapa de Tel Miqne/EQRON

314: Altar/Edifício Nº 350 de Tel Miqne/Eqron

322: ASHQELON

323: Ashqelon: Touro e pesos de tear

331: DOR - Plano e Porto

333: Mapa dos sítios arqueológicos de sarcófagos antopóides

334: Sarcófago de Beth-Shean e prisioneiros de Medinet-Habu

335: Disco de Phaestos e guerreiro de Enkomi, Chipre

344: ASHQELON na Carta de Madaba

357: Barco micénico de IOLKOS

358: Barco do altar de Tell Akko

360: Medinet-Habu: Relevo da Batalha Naval

361: Esquema nâutico da Batalha Naval

362: Vaso de SKYROS e Barco "Hippos"

376: Inscrição de Kuntillet `Ajrud

379: Bilha de Lakish; Copo de Lakish; Pendentes com "ASHERA"

380: Vaso de Tell Qasile em forma de "Ashera"; ASHDODA

381: Árrea Sagrada de Tell Qasile

394: Vaso cosmético de Eqron

398: Selo de Jezabel(?). Selo-cilindro de Ashdod

399: ASHDOD: Selo filisteu? e Selo cilindro. Selo de ONIYAHU

400: Tabuinha de Deir Alla; Inscrição de `Izbet Sartah

401: Alfabeto semítico-hebraico I

402: Alfabeto semítico-hebraico II

418: Mapa do Mediterrâneo Oriental

419: Mapa dos Impérios do Médio Oriente (Séc. XIV AC)

420: Alfabeto hieroglífico egípcio

421: Alfabeto ugarítico

422: Desenvolvimento do Alfabeto Hebreu

423: Ramses II e a Estela dos 400 anos

424: Cerâmica micénica (Londres - Museu Britânico)

425: Ramses III diante de Amon (Londres - Papiro Harris)

426: Estátuas de Ramses III no seu Templo de Karnak

427: Ramses III (Cairo, Museu Egípcio, Entrada Sala 14)

428: Ramses III amparado por Amon e Anúbis: Frente e verso
(Cairo, Museu Egípcio, Sala 14)

ÍNDICE GERAL

Sumário.....Páginas 1

Apresentação.....2

Abreviaturas e Siglas..... 7

Lista dos Livros Bíblicos..... 11

Bibliografia.....15

TESE: Hebreus e Filisteus na Terra de Canaã..... 42

Capítulo I: Da Terra de Canaã à Palestina..... 43

1º Onomástica de Canaã..... 46

1.1 - Grafia do nome CANAÃ..... 47

1- Fontes de Mari..... 47

2- Fontes acádicas..... 48

3- Fontes de El-Amarna..... 50

4- Textos de Ugarit..... 51

5- Textos egípcios..... 52

6- Bíblia Hebraica..... 53

1.2 - Significado do nome CANAÃ..... 52

1.3 - Hipóteses de significado de CANAÃ..... 53

1- Terrra Baixa..... 53

2- País da púrpura..... 54

3-Comerciante..... 55

4- País do Ocidente..... 57

5- País de Anu..... 58

1.4 - Caleidoscópio onomástico posterior de Canaã..... 59

1.4.1 - Nomes Bíblicos..... 59

1° TERRA..... 59

2° Terra de Canaã..... 60

3° Terra de Peregrinação..... 61

4° Terra de Herança//Posse..... 62

5° Terra dos Hebreus..... 63

6° Terra de ISRAEL..... 63

7° Terra de JUDÁ//JUDÁ/JUDEIA..... 65

8° JUDEIA..... 66

1.4.2- Nomes extra-bíblicos: RETENU/HURU/PALESTINA..... 67

Capítulo II: Geografia da "Terra de Canaã"..... 74

1° O território da "Terra de Canaã"..... 74

2° A realidade física da "Terra de Canaã".//Palestina..... 78

3° A complexidade sócio-cultural de Canaã..... 80

Capítulo III: Problemática bíblica da instalação dos Hebreus em Canaã.....95

1º Perspectivas teológicas da História Deuteronomística.....95

2º Instalação dos Hebreus em Canaã: "Livro de Josué".....101

3º A estratégia da instalação dos Hebreus em Canaã.....121

3.1- A instalação foi uma campanha militar (Conquista)..... 121

3.2- A instalação foi uma operação lenta (Infiltração).....123

Capítulo IV: Os Hebreus em Canaã à luz da Arqueologia.....128

1 - A Arqueologia em Canaã: Quadro cronológico.....129

1.1-Quadrodiacrónico-cultural.....129

2- Campanhas arqueológicas em Canaã//Israel.....132

Capítulo V: A nova cultura material do Ferro I em Canaã (Sécs.XII-XAC).....152

I - Tipificação e caracterizaçãoda cultura material..... 152

1º Aconstrução e a arquitectura..... 153

1.1 - Povoados construidos em forma elíptica.....153

1.2 - Povoados periféricos de casas sobre pilastras..... 160

1.3 -Silos de armazenamento.....162

2º Fortalezas e Fortificações doFerro I..... 163

3ºACerâmica.....164

3.1 - A especificidade da "jarra de rebordo em colarinho para armazenamento" (*Collared Rim Store Jar*).....166

4º Lugares e objectos de culto.....169

II Conclusão.....172

Capítulo VI: Etnogénese de Israel.....174

1- Hermenêutica da tradição bíblica sobre as origens de Israel..175

1.1 - Período Patriarcal.....176

1.1.2 - O grupo dos Filhos de Jacob (*Beney Yakob*).....180

1.1.3 - O grupo dos Fiçlhos de Israel (*Beney Israel*).....180

2 - Israel ao tempo do Êxodo.....181

3 - Poder egípcio em Canaã e Israel segundo as fontes egípcias.....183

4 - A estela de Merenptah e o nome de Israel.....187

Capítulo VII: As invasões dos "Povos do Mar" no Egipto..... 212

1º O designativo de "Povos do Mar"..... 212

2º A documentação sobre os "Povos do Mar"..... 218

2.1 - Textos egípcios.....218

2.2 - Textos hititas.....225

2.3 - Documentos de Ugarit.....226

2.4 - Tabuinhas de Pylos.....229

2.5 - Inscrição de Nora.....230

2.6 - Textos da Bíblia.....231

2.7 - Textos de autores clássicos gregos.....231

3° Hipotética identificação dos "Povos do Mar".....232

3.1-Denyen.....241

3.2-Ekwesh.....242

3.3-Lukka.....243

3.4-Peleshet.....244

3.5-Shekelesh.....244

3.6-Sherden.....245

3.7-Teresh.....247

3.8-Tjeker.....252

3.9-Weshesh.....253

Conclusão.....253

Capítulo VIII: Os Filisteus nos textos literários.....257

1° Os textos dos relevos egípcios.....257

2° A terminologia bíblica.....257

3° Dados bíblicos sobre os fiolisteus.....260

3.1 - O duelo de David e Golias.....287

Capítulo XI: Será possível falar de Religião e Cultura dos filisteus?.....368

1 - A Religião dos filisteus.....368

1º A Bíblia e a Religião dos filisteus.....368

1.1 - Deuses filisteus.....370

1.2 - Os templos filisteus.....377

1.3 - Práticas religiosas dos filisteus.....378

2º A Arqueologia e a Religião dos filisteus.....381

2.1 - Imagens de deuses.....381

2.2 - Subsistirão restos de templos filisteus?.....384

2.2.1 - Os templos de Eqron.....388

2.2.2 - O templo de Ashdod.....389

2.2.3 - Os templos de Beth-Shean.....390

3º Cultura e Escrita dos filisteus.....392

3.1 - Os trabalhos de marfim.....393

3.2 - Osselos.....395

3.3 - A escrita dos filisteus.....403

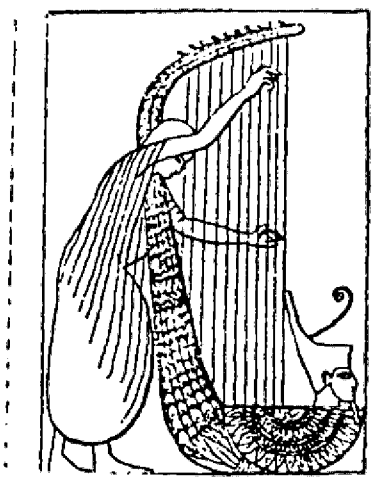
3.4 - Palavras bíblicas de origem filisteia.....405

3.5 - Nomes próprios filisteus.....405

CONCLUSÕES.....409

Índice de Mapas e Gravuras.....429

Índice Geral.....433





FACULDADE DE LETRAS
BIBLIOTECA
PORTO